

A CONCORDÂNCIA PLURAL VARIÁVEL NO SINTAGMA NOMINAL DO PORTUGUÊS  
REESTRUTURADO DA COMUNIDADE DE ALMOXARIFE, SÃO TOMÉ  
(Desenvolvimento das Regras de Concordância Variáveis no Processo de  
Transmissão-Aquisição Geracional)  
Vol. 2

por

**Carlos Filipe Guimarães Figueiredo**

Dissertação de Doutoramento em Linguística

2010



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PORTUGUÊS

**UNIVERSIDADE DE MACAU**

A CONCORDÂNCIA PLURAL VARIÁVEL NO SINTAGMA NOMINAL DO PORTUGUÊS  
REESTRUTURADO DA COMUNIDADE DE ALMOXARIFE, SÃO TOMÉ  
(Desenvolvimento das Regras de Concordância Variáveis no Processo de  
Transmissão-Aquisição Geracional)  
Vol. 2

por

**Carlos Filipe Guimarães Figueiredo**

**Orientador:** Professor Doutor Alan Norman Baxter

Departamento de Português

Dissertação em Linguística para obtenção do grau de Doutor.

2010

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

UNIVERSIDADE DE MACAU

## CAPÍTULO 4

*“Todas as pressões funcional-adaptativas que dão forma à estrutura sincrónica – idealizada – da linguagem são exercidas durante o desempenho efectivo. É onde a linguagem é adquirida e onde a gramática emerge e muda. É onde a forma se ajusta – criativamente e sob a impulsão da construção oportunista momentânea do contexto – a novas funções e sentidos distendidos. É também onde a variação e indeterminação são os ingredientes necessários do mecanismo efectivo que modela e remodela a competência.”*

(In Talmy Givón, *Syntax*, p.6)

### **Análise dos resultados (Variável dependente e variáveis independentes do tipo estrutural)**

Levando em conta as diferentes variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas constituídas no capítulo anterior, bem como as hipóteses levantadas para todas elas, a confirmação ou não-confirmação destas passará, a partir de agora, a ser o foco da nossa atenção. Para tanto, iremos interpretar os resultados que nos foram fornecidos pelo suporte computacional VARBRUL, avaliando quais os grupos de factores e respectivos factores que se revelam significativos para o ponto de inserção da marcação PL no SN do PA e, conseqüentemente, para o desenho da sua CPL-var. A tendência para a incorporação, desenvolvimento e aplicação da CPL-var no SN do PA ao longo do processo de aquisição deste só poderá ser entendida caso se tenham também em consideração, numa perspectiva comparada, os resultados dos estudos apontados no capítulo 1 e levados a cabo anteriormente para análise da CPL-var no SN de variedades africanas e brasileiras de português, por um lado, e, por outro lado, os estudos indicados no capítulo 2 sobre a forma como se processa a aquisição das línguas, sejam eles na perspectiva generativista da intervenção da GU nesta sejam eles psico e/ou sociolinguísticos. Assim, uma correcta análise e interpretação dos dados contribuirá quer para se compreender melhor o comportamento da concordância PL em variedades reestruturadas de português que tenham um CP como substrato quer para se constatar se estas manifestam padrão de variação semelhante ao de variedades reestruturadas de português cujas línguas ancestrais não são CP's. Estes aspectos poderão, por seu lado, ajudar não só a determinar em que tipo de estruturas é que os aprendentes do PtgL2, que tenham línguas crioulas ou do grupo níger-congo atlântico como L1's, revelam tendência para colocar as marcas formais de PL, mas também a clarificar se a CPL-var de ambos os tipos de variedades de português se desenvolveu a partir de mecanismos

sintácticos dos ancestrais substratos africanos (Guy, 1981a:301-302), ou se, pelo contrário, se ficou a dever a processos de crioulização independentes de tais mecanismos, como a deriva românica (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 1993, 2000, 2007a). Paralelamente, será ainda possível observar até que ponto a variação inerente a uma L1 reestruturada e compartilhada por uma determinada comunidade reflecte, ou não, aquisição de acordo com os princípios da GU.

Dado o número de variáveis independentes constituídas e a extensão de resultados fornecidos pela ferramenta VARBRUL, optámos por agrupar as primeiras de acordo com os traços principais que possam compartilhar e observar os seus resultados em capítulos distintos. Assim, no presente capítulo, iremos fazer alusão aos resultados da variável dependente do tipo atomístico constituída e incidir também a nossa atenção sobre as seis variáveis independentes linguísticas do tipo estrutural, apresentando e comentando os resultados dos seguintes grupos de factores: 1 – *Posição do item analisado em relação ao núcleo do sintagma nominal*; 2 – *Ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis*; 3 – *Classe gramatical*; 4 – *Marcas precedentes*; 5 – *Grau de concordância de número no sintagma nominal*; 6 – *Posição do item na cadeia do sintagma nominal (Posição linear)*.

Quanto ao capítulo 5, será reservado à análise dos resultados tanto das restantes variáveis independentes como das variáveis extralinguísticas. Por seu lado, a observação e análise dos resultados das variáveis serão efectuadas respeitando-se a ordem decrescente de importância determinada pela ferramenta VARBRUL (Tabela 14.1). Em ambos os capítulos apresentar-se-ão, igualmente, os passos seguidos no tratamento das variáveis, quando as mesmas necessitarem de procedimentos específicos, nomeadamente para a constituição final dos seus factores e observação das relações estabelecidas com outras variáveis na influência da marcação PL. Por fim, e após comparação dos nossos resultados com os de outros estudos, verificaremos se a variável em análise confirma ou não a hipótese que procurámos testar e se esta se enquadra na teorização linguística já proposta. Para tanto, procuraremos também apresentar explicações que entendemos serem plausíveis e coadunáveis às ocorrências em questão.

## 4.1. Resultados das variáveis constituídas e respectivas análises

### 4.1.1. Variável dependente

No *corpus* que recolhemos, foram coligidas 2340 ocorrências passíveis de marcação PL, com esta revelando-se em 1201 elementos e a inibição afectando 1138 itens:

**Tabela 15.1.** *Variável dependente*: percentuais de marcas PL nos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada</i> : 0,504		
<i>Log-likelihood</i> : -981,009		
<i>Significância</i> : 0,011		
<b>Factores</b>	<b>Nr. de Ocorrências</b>	<b>%</b>
Presença de morfema de plural no item analisado	1.202/2.340	51
Ausência de morfema de plural no item analisado	1.138/2.340	49

A comunidade de Almojarife apresenta um grande equilíbrio entre marcação e não-marcação PL nos itens que compõem o SN, já que a diferença de percentagem entre os elementos flexionados (51%) e não-flexionados em número (49%) é mínima. O valor do *input* (0,504) mostra igualmente pouca discrepância entre a marcação e não-marcação PL.

Efectuámos igualmente uma rodada extra, tipo não-atomístico,<sup>161</sup> com todos os dados codificados para o efeito, apenas para observarmos também a concordância plena entre todos os elementos que compõem o SN. Os resultados revelam que a concordância entre todos os itens do SN cai drasticamente, sendo realizada em apenas 425 dos 1.488 SN's produzidos pela comunidade:

**Tabela 15.2.** Percentuais de SN's plenamente marcados no PA.

<i>Input desta rodada</i> : 0,223		
<i>Log-likelihood</i> : -694,131		
<i>Significância</i> : 0,001		
<b>Factores</b>	<b>Nr. de ocorrências</b>	<b>%</b>
Sintagma nominal plural com concordância plena	425/1.488	29
Sintagma nominal plural sem concordância plena	1.056/1.488	71

Os resultados evidenciam o elevado grau CPL-var no SN do PA, confirmando que a mesma, para além de consistente e sistemática, se demarca do padrão de pluralização do PE. Dos trabalhos sobre CPL-var no SN, cujos resultados comparamos com os nossos, apenas o de P. Andrade (2003:195), sobre a fala de HEL-Ba, apresenta resultados percentuais para os SN's com marcação plena de PL. Nestes, a não-inserção da regra da

concordância é categórica, enquanto no PA, a tendência é apenas para a inibição acentuada, sendo as marcas aplicadas plenamente em cerca de 1/3 dos seus SN's:

**Tabela 15.3.** Percentuais de SN's plenamente marcados: 2 variedades de português.

Factores	PA			HEL-Ba		
	Nr.	%	Input	Nr.	%	Input
Sintagma nominal plural com concordância plena	425/1.488	29	0,281	133/1.434	9	0,6
Sintagma nominal plural sem concordância plena	1.056/1.488	71		1.301/1.434	91	

Ao que os resultados indicam, a fala de HEL-Ba encontrar-se-á em estágio final de mudança (Lucchesi, 2000a; P. Andrade, 2003), tudo apontando para que a CPL-var se venha a constituir como uma das marcas que fará a distinção entre este dialecto e o PE. Quanto ao PA, parece estar ainda em situação de mudança em curso, fruto, talvez, do seu convívio mais prolongado com o PE. Contudo, sobre esta questão nos debruçaremos mais atentamente aquando da análise dos resultados das variáveis independentes extralinguísticas (capítulo 5).

Relativamente aos percentuais de marcação observados numa perspectiva atomística, pode adiantar-se que os nossos dados, à excepção do que sucede relativamente ao dialecto de HEL-Ba, indiciam um estágio menos avançado na inserção da pluralização nos itens flexionáveis em número do SN, quando confrontados com os das outras variedades de português que nos propomos comparar, nas quais a percentagens de marcação são sempre superiores às do PA (Tabela 15.4):

**Tabela 15.4.** Percentuais de marcas PL nos itens do SN: 7 variedades de português.

Factores	PA			MRJ			NURC		
	Nr.	%	Input	Nr.	%	Input	Nr.	%	Input
Itens marcados	1.202/2.340	51	0,505	7.978/11.086	72	-	11.251/13.906	81	-
Itens não marcados	1.138/2.340	49		3.108/11.086	28		2.655/13.906	19	
Factores	HEL-Ba			PT			PMp		
	Nr.	%	Input	Nr.	%	Input	Nr.	%	Input
Itens marcados	1.310/2.893	45	0,44	1.835/3.366	55	-	2.515/2.872	88	-
Itens não marcados	1.583/2.893	55		1.531/3.366	45		357/2.872	12	
Factores	PCV								
	Nr.	%	Input						
Itens marcados	2.359/2.285	82	-						
Itens não marcados	526/2.285	18	-						

Siglas: PA: Português de Almoarifê, São Tomé; MRJ: Município do Rio de Janeiro, Brasil (Scherre, 1988); NURC: Norma urbana culta de Salvador, Brasil (Lopes, 2001); HEL-Ba: dialecto de Helvécia-Bahia, Brasil (P. Andrade, 2003); PT: Português dos tongas, Roça Monte Café, São Tomé (Baxter, 2004); PMp: Português do Maputo, Moçambique (Jon-And, 2008); PCV: Português do Mindelo, Cabo Verde (Jon-And, 2009).

#### 4.1.2. Variáveis independentes do tipo estrutural

Conforme mencionado no ponto 3.8 do presente trabalho, a propósito da quantificação dos dados para selecção das variáveis independentes a observar, a análise dos resultados não poderá deixar de considerar também as variáveis rejeitadas pela ferramenta VARBRUL, já que estas podem conter informação relevante para o estudo do fenómeno da marcação PL no SN do PA. Deste modo, apesar de o grupo de factores *marcação de género* ter sido considerado não relevante pelo suporte computacional,<sup>162</sup> não deixaremos de ter em consideração os valores apresentados (Tabela 12.8), caso necessitemos de fazer uso dos mesmos. Posto tal, passamos não só a descrever os passos dados no tratamento de cada variável independente linguística do tipo estrutural mas também a analisar e comentar os valores resultantes deste. A ordenação deste tipo de

variáveis independentes seguirá o critério hierárquico de selecção estabelecido pelo nosso suporte computacional e apresentado na Tabela 14.1.

#### 4.1.2.1. Variável independente *posição em relação ao núcleo do SN*

A Tabela 16.1 fornece uma ideia acerca do modo como os factores envasados na variável independente *posição do item em relação ao núcleo do SN* dão o seu contributo para a CPL-var de Almojarife:

**Tabela 16.1.** Efeito da *posição em relação ao núcleo do SN* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,523		<i>Log-likelihood:</i> -962,484		<i>Significância:</i> 0,036	
<b>Posição</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
Núcleo	497/1.482	34	63	0,287	
Anterior ao núcleo, não imediatamente	57/87	66	4	0,591	
Imediatamente anterior ao núcleo	631/681	93	29	0,906	
Posterior ao núcleo	17/90	19	4	0,077	
Totais:		1.202/2.340	51	100	-

A posição imediatamente anterior ao núcleo do SN favorece categoricamente a inserção de marcas (pr. 0,906), logo seguida das posições anteriores, mas não imediatas, com um efeito praticamente neutro na pluralização (pr. 0,591). As restantes posições, sejam elas nucleares (pr. 0,287) ou à direita do núcleo (pr. 0,077), desfavorecem a marcação PL, as primeiras de modo acentuado, as segundas de forma bastante categórica. Contudo, esta variável, por si só, não nos fornece um panorama total da forma como alguns elementos se comportam nas diferentes posições, caso do núcleo do SN. Esta visão só será possível de se obter observando a relação que o grupo de factores *posição em relação ao núcleo do SN* estabelece com outras variáveis, como a *posição linear*, a *categoria gramatical* e a *posição na cadeia dos constituintes flexionáveis*. Com estes procedimentos, esperamos conseguir valores que nos permitam avaliar, extensamente, a configuração do SN do PA e, conseqüentemente, quais os pesos que as diferentes categorias gramaticais exercem no desenho da CPL-var, atendendo às diferentes posições que podem ocupar na cadeia sintagmática. Estes aspectos, bem como a análise dos resultados obtidos, encontram-se contemplados quer no ponto seguinte

quer no ponto 4.1.2.6 do presente trabalho, dedicado ao estudo da variável independente *posição linear* e à relação que a mesma estabelece com todos os grupos de factores mencionados.

#### **4.1.2.1.1. Relação entre *classe gramatical* e *posição em relação núcleo do SN***

A Tabela 16.2 apresenta-nos a distribuição dos diferentes itens gramaticais em relação ao núcleo do SN em que estão inseridos, bem como os respectivos pesos na inserção de marcas de número.

Os substantivos e categorias substantivadas não só ocorrem apenas em posição nuclear como apresentam também valores que inibem consideravelmente a marcação, mais os segundos (pr. 0,215) do que os primeiros (pr. 0,306). Este aspecto não surpreende, se considerarmos que, tal como preconizado por Guy (1981a:301-302) para o PB, também o PA apresenta tendência para marcar o PL na primeira oportunidade, devido à influência do sistema de pluralização dos substratos africanos, como se procurará demonstrar. Por conseguinte, a tendência para a marcação em número ocorrerá, por norma, em qualquer dos elementos que anteceda o núcleo do SN, excepto quando acontecer inexistência dos mesmos, isto é, quando o núcleo ocupar o primeiro lugar da cadeia sintagmática. Do mesmo modo, todos os outros itens gramaticais ocorrem em posições não nucleares, sejam elas pré ou pós, com excepção dos artigos e numerais, que apenas se posicionam em lugares antes do núcleo. Paralelamente, o grande número de ocorrências em posições nucleares (1.482 realizações) e anteriores, adjacentes ao núcleo (681 realizações), por oposição a diminutos casos nos factores anterior, não adjacente ao núcleo (87 realizações) e posterior ao núcleo (90 realizações) mostra como os SN's do PA são de estrutura reduzida, compondo-se, maioritariamente, por apenas dois elementos: DET+N.

Os adjectivos do tipo 1 ocorrem, na sua grande maioria, em posição pós-nuclear, onde apresentam um peso inibidor da marcação quase categórico (pr. 0,077). Nas posições pré-nucleares as suas ocorrências são escassas (6 realizações adjacentes ao núcleo e uma ocorrência não adjacente ao núcleo), mas com um percentual categórico de marcação (100%). Quanto ao outro género de adjectivos (adjectivos do tipo 2 e adjectivos no grau

diminutivo), apresentam dezasseis realizações em posições pós-nucleares, equitativamente repartidas entre ambos e sem qualquer marcação PL.

**Tabela 16.2.** Relação entre *classe gramatical e posição em relação ao núcleo do SN*: distribuição das classes gramaticais relativamente ao núcleo do SN.

<i>Input desta rodada: 0,535</i>	<i>Log-likelihood: -950,379</i>			<i>Significância: 0,009</i>		
<b>Classe Gramatical</b>	<b>Núcleo</b>			<b>Anterior, adjacente ao núcleo</b>		
	Nr. total	% PL	Peso relativo	Nr. total	% PL	Peso Relativo
Substantivo	480/1.428	34	0,306	-	-	-
Categoria substantivada	17/54	32	0,215	-	-	-
Adjectivo 1	-	-	-	(6/6)	100	-
Adjectivo 2	-	-	-	-	-	-
Adjectivo diminutivo	-	-	-	-	-	-
Artigo definido	-	-	-	231/250	92	0,720
Artigo indefinido	-	-	-	49/57	86	0,626
Numeral	-	-	-	(3/6)	50	-
Possessivo	-	-	-	28/34	82	0,819
Demonstrativo	-	-	-	171/178	96	0,974
Indefinido	-	-	-	57/59	97	0,953
Quantificador	-	-	-	85/91	93	0,937
<b>Totais:</b>	497/1.482	34	-	630/681	93	-
<b>Classe Gramatical</b>	<b>Anterior, não-adjacente</b>			<b>Posterior ao núcleo</b>		
	Nr. total	% PL	Peso relativo	Nr. total	% PL	Peso relativo
Substantivo	-	-	-	-	-	-
Categoria substantivada	-	-	-	-	-	-
Adjectivo 1	(1/1)	100	-	12/58	21	0,077
Adjectivo 2	-	-	-	(0/8)	0	-
Adjectivo diminutivo	-	-	-	(0/8)	0	-
Artigo definido	29/38	76	0,491	-	-	-
Artigo indefinido	(14/23)	61	-	-	-	-
Numeral	-	-	-	-	-	-
Possessivo	(1/1)	100	-	(2/2)	100	-
Demonstrativo	(2/6)	33	-	(1/2)	50	-
Indefinido	(4/4)	100	-	(1/1)	100	-
Quantificador	(7/14)	50	-	(1/11)	9	-
<b>Totais:</b>	57/87	66	-	17/90	19	-

Os artigos, por seu lado, evidenciam tendência para favorecerem a marcação, na sua clássica posição pré-nuclear. Tal não surpreende se levarmos em linha de conta que os SN's do PA são maioritariamente do tipo DET+N e que o seu sistema de marcação PL faz incidir a marcação nos elementos pré-nucleares, com especial incidência no item imediatamente antes do nome núcleo, mantendo-se inalterados os restantes elementos do SN. Estes aspectos levantam, uma vez mais, não só a possibilidade de este tipo de marcação PL reflectir o sistema de marcação PL das ancestrais línguas do grupo níger-congo atlântico, substratos do PA (cf. Guy, 1981a:301-302), que fazem incidir o papel fulcral PL no classificador nominal, mas também que o desenvolvimento da concordância PL se inicia com a introdução de um PL *singleton* na categoria funcional DET, que serve de âncora para o controlo da pluralização (cf. Baxter, 2009 – Fig. 1). Em sequência destes aspectos, os definidos apresentam um peso favorecedor da inserção de marcas (pr. 0,720) em 250 ocorrências em posição imediatamente anterior ao núcleo do SN, por oposição a 38 realizações em posição não-imediatamente anterior ao núcleo do SN, que exibem efeito neutro na pluralização (pr. 0,491). Quanto aos artigos indefinidos, exibem 57 ocorrências favorecendo ligeiramente a marcação em posição imediatamente anterior ao núcleo do SN (pr. 0,626), contra 23 realizações em posição anterior ao núcleo do SN, não-imediata, e cujo percentual de pluralização se situa na casa dos 63%.

Por seu lado, os numerais registam apenas seis ocorrências na sua clássica posição imediatamente pré-nuclear, que revelam um percentual equilibrado entre marcação e não-marcação (50% de marcação vs. 50% de inibição).

Quanto aos restantes elementos gramaticais, todos eles podendo configurar determinantes, é notória também a sua propensão para serem categoricamente marcados na posição imediatamente anterior ao núcleo do SN, reforçando os pressupostos levantados de este tipo de marcação ancorar no sistema das ancestrais línguas do grupo níger-congo atlântico do PA (cf. Guy, 1981a:301-302). Assim, os possessivos mostram 34 dados imediatamente pré-nucleares, com um considerável peso na inserção de marcas (pr. 0,819), por oposição a apenas 1 ocorrência à esquerda do núcleo, mas não adjacente, e 2 realizações pós-nucleares. Por seu lado, os demonstrativos evidenciam 178 dados em localização imediatamente pré-nuclear, sendo a sua marcação bastante categórica (pr. 0,974). Em posição pré-nuclear, mas não adjacente, o número de realizações cai

drasticamente (apenas seis), acentuando-se ainda mais em localizações pós-nucleares (unicamente duas).

No que concerne aos indefinidos, seguem o mesmo padrão dos possessivos e demonstrativos, apresentando 59 ocorrências categoricamente marcadas na posição imediatamente pré-nuclear (pr. 0,953) e apenas quatro dados em posição pré-nuclear não adjacente. Pós-nuclearmente, o número de realizações é praticamente nulo, já que se regista apenas uma. Por fim, os quantificadores são, entre os quatro últimos itens gramaticais referidos, os que exibem mais realizações nas posições pré-nucleares não adjacentes (14 dados) e pós-nucleares (11 dados). Note-se que o percentual de marcação nestas posições decai bastante nos lugares pós-nucleares (posições pré-nucleares não antecedentes = 50% de marcação; posições pós-nucleares = 9% de marcação). No entanto, qualquer destes valores está bem distante daqueles que são apresentados pelo mesmo item gramatical na posição imediatamente pré-nuclear, onde o elevado número de ocorrências (91) é também acompanhado por um altíssimo favorecimento da marcação (pr. 0,937).

Confirma-se então, em pleno, a hipótese 6, que levantámos para a variável independente *posição do item analisado em relação ao núcleo do SN* (ponto 3.6.5), isto é, que os elementos antepostos ao núcleo do SN, com especial incidência para os itens adjacentes, são mais marcados do que aqueles que lhe são pospostos. De facto, como se verificou, o núcleo do SN é posição exclusiva dos substantivos e categorias substantivadas, onde revelam um peso inibidor da marcação. Por seu lado, os artigos distribuem-se pelas posições pré-nucleares, com ocorrências e peso da pluralização mais acentuados na localização imediatamente pré-nuclear. Quanto aos numerais, situam-se apenas nesta posição, com um peso neutro de pluralização. Por fim, os restantes elementos espalham-se por todas as posições pré e pós-nucleares, mas com muito maior incidência no lugar imediatamente à esquerda do núcleo, onde o seu peso de inserção de marcas PL é igualmente bastante categórico. Estes aspectos vêm ainda tornar feliz o pressuposto avançado por Guy (1981b:179) de que ocorre relação entre posição e categoria gramatical, com influência na marcação PL, já que, em SN's de estrutura reduzida (2 ou 3 elementos), se estabelece um paralelo entre determinantes e primeira posição, substantivos e segunda posição e adjectivos e terceira posição.

Por fim, note-se que o alto índice de favorecimento à marcação evidenciado por possessivos e adjetivos em posição imediatamente pré-nuclear, bem como o desfavorecimento à marcação apresentado pelos segundos no posicionamento pós-nuclear, vêm também contribuir a favor dos pressupostos em MD debatidos no ponto 2.9 (Concordância variável ao nível do SN), que advogam não só existir uma relação de definitude entre estes itens gramaticais e o nome mas também entre o *output* da sintaxe e o *input* da morfologia, com a segunda lendo a primeira. Deste modo, como a concordância PL é funcional, vai ser determinada no PA pelos morfemas do tipo *singleton*, residindo nestes a fonte de variação. De facto, detêm o estatuto de núcleo na posição imediatamente pré-nominal, onde incide a marcação de número, mas assumem a categoria de sintagma na localização pós-nominal, na qual a marcação PL é dispensada, em virtude de se revelar redundante (cf. Kiparsky, 1972:195).

#### **4.1.2.2. Variável independente *ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis***

A Tabela 12.9 evidencia um reduzido número de ocorrências para o factor *quarto ou outro elemento* (apenas dez), sugerindo que se tente a sua amalgamação com o factor *terceiro elemento*, antes de se optar pela sua rejeição. Para tanto, efectuámos rodadas simples (*one-level analysis*)<sup>163</sup> a fim de se verificar se era possível levar a cabo a junção dos dois factores. A rodada com os dois factores não-amalgamados forneceu o *log-likelihood* -1010,063, enquanto a rodada com os mesmos factores, mas amalgamados, apresentou um *log-likelihood* inferior: -1008,439. Feitos os cálculos para o teste de significância do qui-quadrado, a diferença entre os dois *log-likelihoods* facultou os seguintes valores:  $-1010,063 - [-1008,439] = -1010,063 + 1008,439 = -1,624$ . Esquecendo a marcação negativa, multiplica-se este resultado por 2 e obtém-se o valor do qui-quadrado: 3,248. No caso presente, reduzimos dois factores a um único, o que dá 1 grau de liberdade. Tendo em conta que o nível de significância aceite para as análises em questão é de 0,05, a tabela de qui-quadrado mostra um valor de 3,841. Como o qui-quadrado encontrado para o nosso grupo de factores é inferior ao do previsto na tabela, conclui-se que as posições detidas pelos terceiro, quarto ou outro item flexionáveis na cadeia sintagmática não são estatisticamente significativas para a inserção de marcas PL,<sup>164</sup> logo, representam uma distinção linguística que precisa de ser mantida na análise.

Assim sendo, como a distinção original entre os factores *terceiro elemento* e *quarto ou outro elemento* flexionáveis na cadeia sintagmática não era significativa, deve ser abandonada e substituída pela nova combinação de factores. Deste modo, a variável independente *ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis* fica reduzida a apenas três factores, consoante Tabela 17.1, que inclui também os resultados da rodada VARBRUL com a constituição dos novos factores:

**Tabela 17.1.** Efeito da variável independente *ordem na cadeia dos constituintes flexionáveis* na marcação PL dos itens do SN.

<i>Input desta rodada:</i> 0,480		<i>Log-likelihood:</i> -1000,975		<i>Significância:</i> 0,017	
<b>Posição</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
Primeiro elemento	886/1.487	60	64	0,727	
Segundo elemento	285/753	38	32	0,165	
Terceiro ou outro elemento	27/92	29	4	0,081	
Totais:	1.198/2.332	51	100	-	

Como se pode constatar, o primeiro elemento flexionável da cadeia sintagmática é o único que revela tendência para favorecer a marcação (pr. 0,727), independentemente do seu lugar na posição linear do SN. A marcação no segundo elemento flexionável cai depois drasticamente, passando para valores altamente inibidores da mesma (pr. 0,165) e levantando a possibilidade de marcas não levarem a marcas, contrariando o Princípio do Processamento Paralelo advogado por Scherre (1988:208). O valor verdadeiramente comprometedor da pluralização apresentado por estes itens, caso sejam segundo, terceiro ou outro elemento na cadeia dos constituintes flexionáveis do SN, faz também levantar a possibilidade de a concordância variável do PA ancorar em motivações de carácter estrutural, já que a interferência na cadeia de concordância parece não ser provocada por itens não flexionáveis que sejam eventualmente inseridos entre os elementos sujeitos a flexão.

Note-se que o peso do não-favorecimento se torna quase categórico no terceiro ou outro elemento flexionável do SN (pr. 0,081). Como em cadeias sintagmáticas reduzidas este elemento tem forte probabilidade de ocorrer pós-nuclearmente, reforça-se o já verificado anteriormente, isto é, que as posições à direita do núcleo são as que revelam tendência para apresentarem o mais elevado índice de inibição da marcação PL. Este

aspecto poderia argumentar em favor do Princípio do Processamento Paralelo de que zeros levam a zeros (Scherre, 1988:208), visto o segundo item flexionável também apresentar um baixo peso de inserção de marcas. Contudo, também é preciso ter em conta que este mesmo item pode apresentar marcação, caso seja, por exemplo, um possessivo e que, ainda assim, o terceiro elemento flexionável volta a mostrar altos valores de inibição. A discussão em torno desta questão será retomada no ponto 4.1.2.6 do presente trabalho, dedicada à análise do grupo de factores *posição linear*.

Por fim, refira-se que não foram incluídos numerais cardinais com variação de marcação (p.e. *cinco*, *duzentos*) na rodada que determinou os valores da Tabela 17.1, uma vez que os mesmos não são passíveis de flexão em número no português. Estamos, neste caso, perante casos pontuais de gramáticas em competição que não configuram realizações comunitárias. Os referidos numerais representam um total de seis ocorrências, distribuídas da seguinte forma: 3 realizações na primeira posição linear, com inibição indevida; e 3 casos indevidamente marcados, na segunda posição linear.

#### **4.1.2.2.1. Relação entre *ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis e posição linear***

A fim de se tirarem dúvidas acerca da possibilidade de os itens não passíveis de marcação afectarem a cadeia de concordância, quando inseridos entre elementos passíveis de marcação, analisou-se a relação entre as variáveis independentes *ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis e posição linear*. Desta forma se verificará, com mais exactidão, se os itens posteriores apresentam idêntico comportamento de marcação, sejam eles contíguos ou não ao elemento previamente marcado. Os resultados do cruzamento entre as referidas variáveis independentes estão patentes na Tabela 17.2.

O único factor que favorece categoricamente a inserção de marcas PL é o respeitante ao primeiro item flexionável em primeira posição da cadeia sintagmática (pr. 0,883). Se imaginarmos uma cadeia sintagmática sem inserção de elementos não flexionáveis entre os itens passíveis de flexão com, por exemplo, quatro elementos flexionáveis, observaríamos então que o primeiro teria uma elevadíssima probabilidade de ser marcado, decaindo a marcação do elemento flexionável em segunda posição para pesos inibidores (pr. 0,375). A inibição estender-se-ia aos restantes dois elementos flexionáveis, e de modo progressivo (terceiro elemento flexionável na terceira posição

sintagmática = pr. 0,173; quarto elemento flexionável na quarta posição do SN = 79% de probabilidade de não ser marcado). Nesta conformidade, e se atentarmos à diferença de pesos no propiciamento da marcação entre o primeiro e o segundo elemento flexionável da cadeia sintagmática, o que se verifica é que, inquestionavelmente, não se aplica o Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), com marcas conduzindo a mais marcas. Por outro lado, este comportamento dos itens flexionáveis argumenta fortemente em favor do pressuposto de o PB (e, conseqüentemente, o PA) marcar o PL na primeira oportunidade onde se revele fundamental (Kiparsky, 1972:195), por influência do sistema de pluralização dos ancestrais substratos africanos (Guy, 1981a:3001-302), especialmente do grupo níger-congo atlântico (Baxter, 2009:292), acontecendo, depois, o apagamento formal da pluralidade nos outros elementos flexionáveis, em virtude de a mesma se tornar redundante, de acordo com o advogado pelo princípio funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195).

**Tabela 17.2.** Efeito da relação entre *posição linear* e *ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis* na marcação PL dos itens do SN.

<i>Input desta rodada: 0,511</i>		<i>Log-likelihood: -988,408</i>			<i>Significância: 0,037</i>		
<b>Ordem dos constituintes flexionáveis</b>	<b>1ª. posição linear</b>			<b>2ª. posição linear</b>			
	<b>Nr. Total</b>	<b>% PL</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Nr. Total</b>	<b>% PL</b>	<b>Peso Relativo</b>	
Primeiro elemento	676/749	90	0,883	165/612	27	0,214	
Segundo elemento	-	-	-	274/699	39	0,375	
Terceiro ou outro elemento	-	-	-	-	-	-	
<b>Totais:</b>	676/749	90	-	439/1.311	33	-	
<b>Ordem dos constituintes flexionáveis</b>	<b>3ª. posição linear</b>			<b>4ª. ou outra posição linear</b>			
	<b>Nr. Total</b>	<b>% PL</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Nr. Total</b>	<b>% PL</b>	<b>Peso Relativo</b>	
Primeiro elemento	16/51	31	0,237	29/75	39	0,226	
Segundo elemento	10/44	23	0,104	(1/10)	10	-	
Terceiro ou outro elemento	23/73	32	0,173	(4/19)	21	-	
<b>Totais:</b>	49/168	29	-	34/104	33	-	

Relativamente ao facto de o primeiro elemento flexionável poder apresentar inibição na segunda posição linear, quando deveria ser marcado por configurar a primeira oportunidade de se inserir a flexão de número PL, deve ser tido em conta que, por norma, este tipo de construções é introduzido por um numeral, portador de marca

semântica de pluralização, conforme se pode constatar nos exemplos apresentados na Tabela 12.9. Este aspecto levou-nos a fazer um levantamento destas ocorrências e, dos 612 itens que configuram casos de primeiro elemento passível de flexão em segunda posição linear, 609 são antecidos de numeral. Assim sendo, visto a marca semântica de PL estar já patente no elemento que antecede o primeiro item flexionável, não é inserida neste por se revelar redundante. Relembremos apenas que P. Andrade (2003:112) considera o numeral como sendo o item mais influente para a marcação na CPL-var, em virtude de ser um morfema semanticamente transparente, aspecto do qual discordamos parcialmente. A discussão em torno dos marcadores semânticos será abordada com mais pormenor no ponto em que se analisa a influência da variável independente *marcas precedentes* na marcação PL do SN do PA (ponto 4.1.2.4.do presente trabalho).

O mesmo tipo de panorama é aplicável ao primeiro item passível de flexão em terceira, quarta e outras posições, conforme pode ser constatado no número de realizações evidenciadas na Tabela 12.3, referente à variável independente *marcas precedentes*. De facto, com recurso aos exemplos constantes nesta tabela, é possível ver que os SN's mais extensos implicam, quase sempre, a ocorrência de numerais em posições antecedentes às dos itens flexionáveis.

Resta então referir que, relativamente à hipótese 9, levantada para a variável independente *ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis* (ponto 3.6.8), não se confirma o Princípio do Processamento Paralelo de que zeros levam a zeros (Scherre, 1988:208). De facto, a ausência de marcação no elemento posterior ao item não flexionável que é inserido na cadeia sintagmática radica quer em motivações estruturais, isto é, encontrando paralelo, sim, no sistema de pluralização dos substratos africanos (Guy, 1981a:301-302) do grupo níger-congo atlântico (Baxter, 2009:292), que apenas insere a marcação no afixo pré-nominal, quer em motivações semânticas, isto é, no facto de o elemento antecedente ser um numeral, que contém a informação transparente de pluralidade (P. Andrade, 2003:112). Em correlação com estas duas motivações, vai também actuar o princípio funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195), que advoga que a pluralização nos elementos posteriores não é inserida, tal

como acontece nos idiomas do grupo níger-congo atlântico, pelo facto de se revelar redundante.

#### 4.1.2.3. Variável independente *classe gramatical*

A primeira rodada geral do VARBRUL (Tabela 12.5) revelou-nos que alguns factores desta variável independente apresentam ocorrências mínimas (*adjectivo 2, adjectivo grau diminutivo e numeral*) ou nulas (*substantivo grau diminutivo, substantivo grau aumentativo, adjectivo grau aumentativo, relativo e pronome pessoal recto*). Assim sendo, tais factores não foram incluídos na rodada que nos forneceu os pesos exercidos pelas diferentes classes gramaticais na inserção de marcas de número PL nos itens do SN (Tabela 18.1):

**Tabela 18.1.** Efeito da *classe gramatical* na marcação PL dos itens do SN.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504	<i>Log-likelihood:</i> -981,009	<i>Significância:</i> 0,011		
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Substantivo grau normal	480/1.428	34	61	0,326
Categoria substantivada	17/54	32	2	0,228
Adjectivo 1	19/65	29	3	0,136
Artigo definido	260/288	90	12	0,688
Artigo indefinido	63/80	79	4	0,573
Possessivo	31/37	84	2	0,839
Demonstrativo	174/186	94	8	0,952
Indefinido	62/64	97	3	0,957
Quantificador	93/116	80	5	0,792
<b>Totais:</b>	1.199/2.318	52	100	-

O favorecimento da marcação, em maior ou menor escala, ocorre em classes gramaticais que podem desempenhar funções de determinantes, isto é, que podem ocorrer em posição pré-nuclear (indefinidos = pr. 0,957; demonstrativos = pr. 0,952; possessivos = pr. 0,839; quantificadores = pr. 0,792; artigos definidos = pr. 0,688; e artigos indefinidos = pr. 0,573). Ora, como a maioria dos nossos SN's diz respeito a estruturas reduzidas, de apenas dois ou três elementos, confirma-se, à primeira vista, que ocorre uma relação entre 1<sup>a</sup>. posição e determinantes e, conseqüentemente, uma maior

marcação nos elementos gramaticais que se encontram neste lugar. Quanto aos itens que ocupam a posição de núcleo, surgem já como desfavorecedores da marcação PL (substantivos = pr. 0,326; categorias substantivadas = pr. 0,228), desfavorecimento esse que se acentua com os adjectivos, os mais inibidores da inserção de marcas (pr. 0,136) e que se situam, usualmente, em posições pós-nucleares (Tabela 16.2). Deste modo, o que se constata nos nossos dados é que os itens gramaticais apresentam uma escala binária de marcação: elementos que, por norma, ocupam posições pré-nucleares, favorecendo a inserção de marcas; e elementos que se situam nas posições de núcleo ou pós-nucleares, inibindo a pluralização.

Na Tabela 18.2 procedemos à comparação dos padrões de marcação do PA, da NURC (Lopes, 2001:168-169) e do PCV (Jon-And, 2009:4), determinados pela influência dos seus itens gramaticais:

**Tabela 18.2.** *Categoria gramatical*: efeito da *classe gramatical* na marcação PL dos itens do SN.  
– 3 variedades de português –

Categorias gramaticais	PA		NURC		PCV	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Substantivo grau normal	0,326	34	0,34	67	0,45	72
Categoria substantivada	0,228	32	0,26	56	-	-
Adjectivo 1	0,136	29	0,33	74		
Adjectivo 2	(0/8)	0	0,81	97	0,50	76
Adjectivo grau diminutivo	(0/8)	0	-	-	-	-
Artigo definido	0,688	90			0,59	98
Artigo indefinido	0,573	79	0,76	99		
Indefinido	0,957	97	0,60	99	0,48	93
Possessivo	0,839	84	0,74	97	0,60	98
Demonstrativo	0,952	94	(626/626)	100	0,81	99
Quantificador	0,792	80	0,26	71	0,37	84
Numeral	(3/6)	50	0,52	87	-	-
Relativo	-	-	(2/2)	100	-	-
Pronome pessoal, caso recto	-	-	0,80	91	-	-

As três variedades de português apresentam, basicamente, o mesmo padrão de marcação motivado pelos itens gramaticais. Assim, os elementos que podem configurar casos de determinantes favorecem a inserção de marcas, enquanto os restantes casos mostram tendência para inibirem a pluralização. No caso dos numerais, apesar de Lopes (2001) apresentar um valor neutro da marcação (pr. 0,52), os dados de Salvador apenas registam quinze ocorrências. Como as nossas ocorrências também são mínimas, não incluímos estes itens gramaticais na rodada VARBRUL para apurar os pesos relativos. Ainda assim, note-se que o seu percentual de marcação é de 50%, isto é, situado igualmente no patamar da neutralidade.

O único factor que apresenta resultados completamente divergentes é o dos quantificadores, bastante favorecedores da marcação no PA (pr. 0,792) e extremamente inibidores desta na NURC (pr. 0,26) e no PVC (pr. 0,37). Acreditamos que a disparidade de resultados tem a ver, ao que tudo indica, com a forma como os dados foram codificados, já que Lopes (2001) considerou apenas o item gramatical “todo/tudo” neste factor, enquanto Jon-And (2009) constituiu um factor independente para o quantificador “muitos”. No nosso caso, lembre-se que o factor *quantificador* abarca todo o tipo de quantificadores.

O factor referente aos adjectivos apresenta um peso neutro de marcação no PCV (pr. 0,50), certamente devido ao facto de Jon-And ter incluído no mesmo factor os adjectivos dos tipos 1 e 2.

Ao cruzar as variáveis independentes *categoria gramatical* e *posição linear*, P. Andrade (2003:96-97) constatou que o quantificador “todo/tudo” aparece em todas as posições lineares, mas que apenas recebe marcas quando ocorre na 1ª. localização. A forma “tudo”, com o significado de “todo”, ancora nos crioulos, sendo utilizado sem flexão, excepto nas realizações em que ocorre com numerais. Este género de construções encontra paralelo no PA, no qual este quantificador surge flexionado em número (exemplo [253]) e género (exemplo [254]):

[254] PA:  
*põe tomato, essas coesa tuda.* [MINISM3]  
“põe tomate, essas coisas todas.”

A mesma forma é também detectada no dialecto de HEL-Ba, no qual as situações flexionadas são minoritárias e apenas em número, por ocorrerem somente com numerais: “*Em nossos dados, na grande maioria das vezes em que o quantificador é flexionado, a construção é exatamente desse tipo identificado em línguas crioulas, a exemplo de Todos dois bebo; Todos quatro; Todas três. É importante salientar que, mesmo em sintagmas que exigem flexão de gênero, a forma preferencial é “tudo”, como nos exemplos: As ôtra tudo; As coisa tudo; Ôtras moça tudo solteira*” (P. Andrade, 2003:97).

No entanto, os nossos dados registam apenas uma ocorrência com numeral, e mesmo essa não recebe marca de PL (exemplo [255]), pelo que não surpreende o baixo índice de marcação registado por Lopes (2001:169), já que as realizações da NURC não devem divergir nem do PA nem de HEL-Ba nos aspectos mencionados.

[255] PA:  
*às veze parte tudo dez (ovos) [CLOTIM2]*  
“às vezes partem-se todos os dez (ovos)”

O mesmo se poderá dizer em relação à divergência de pesos registada no favorecimento da marcação apresentada pelos indefinidos (PA = pr.0,957; NURC = pr. 0,60), já que também não foram idênticos os critérios de codificação adoptados por nós e por Lopes (2001). De facto, itens como “muito/muitos” foram por nós considerados como quantificadores, em ocorrências como a do exemplo [256], enquanto Lopes (2001:85) optou por tratá-los como indefinidos:

[256] PA:  
*Home matô muitas cobras [CARMOM1]*  
“O homem matou muitas cobras”

Um maior entendimento sobre a influência da variável independente *classe gramatical* na marcação PL do SN só é possível observando a sua relação com outras variáveis, nomeadamente a *posição linear*, a *posição em relação ao núcleo do SN* e a *posição na cadeia dos constituintes flexionáveis*. Como tal, remetemos para o ponto 4.1.2.6. do presente trabalho a observação destes aspectos, uma vez que só então se fará um estudo detalhado sobre o grupo de factores *posição linear* e sua relação com as variáveis independentes mencionadas. Ainda assim, é possível concluir que se

confirmam todos os pressupostos levantados na hipótese 5 (ponto 3.6.4.1), a propósito do comportamento da variável *classe gramatical* na marcação PL do itens do SN: os itens que configuram a categoria de determinantes tendem a receber mais marcas de PL, uma vez que ocorrem, por norma, antes do nome núcleo do SN. Hierarquicamente, propiciam a inserção de marcas de acordo com a seguinte escala decrescente de favorecimento: indefinidos, demonstrativos, possessivos, quantificadores, artigos definidos e artigos indefinidos. Quanto às outras classes gramaticais, inibem a marcação, visto configurarem categorias que ocorrem mais em posição nuclear (classes substantivadas e substantivos) ou pós-nuclear (adjectivos dos tipos 1 e 2). Por conseguinte, também se confirma, uma vez mais, a equivalência na marcação registada a nível dos determinantes e primeira posição, dos substantivos e segunda posição e dos adjectivos e terceira posição (Guy, 1981b:179).

#### **4.1.2.4. Variável independente *marcas precedentes ao item analisado***

A elevada quantidade de factores tem tendência a ferir a ortogonalidade dos grupos de factores, mas o reduzido número de muitas das ocorrências impediu que se procedesse às amalgamações entre determinados factores que, eventualmente, compartilhassem traços (Tabela 12.3). Se pegássemos, por exemplo, no factor Z (SS0\_, 3ª. posição, duas marcas formais precedentes), que regista 26 realizações, e o quiséssemos adicionar a qualquer outro factor com duas ou mais marcas formais precedentes, a fim de se constituir um factor mais robusto e com possibilidades de ser incorporado nas rodadas posteriores, estaríamos impossibilitados de o fazer, porque apenas nos restaria o factor S (SSM\_), com apenas uma ocorrência, para efectuar a amalgamação. Estes aspectos levaram a que se retirasse das rodadas seguintes a quase totalidade de cadeias sintagmáticas constituídas por três ou mais elementos, o que, em parte, se traduz na inviabilização de comparação de alguns resultados com estudos prévios sobre a CPL-var no SN. Por outro lado, tal situação deixa antever bem como o PA, ao dar preferência a SN's de cadeias estruturalmente simples, se encontra num estádio que não se afasta muito do santomense, isto é, do crioulo seu substrato.

Como se pode ver também na Tabela 12.3, o primeiro factor da lista, codificado com uma barra (/), diz respeito aos itens posicionados em primeiro lugar na cadeia

sintagmática, isto é, aos elementos que não possuem qualquer constituinte antecedente. Como o que se pretende observar é a influência que o elemento antecedente exerce na pluralização do constituinte seguinte, não seguimos o critério de Scherre (1988:176), que analisou este factor, e abstivemo-nos de o observar. Aliás, este é o critério adoptado em trabalhos sobre CPL-var no SN posteriores aos de Scherre (p.e. Lopes 2001; P. Andrade, 2003; Baxter, 2004, 2009; Figueiredo, 2008, 2009b; Jon-And, 2008), em virtude de ficar vedada a possibilidade de se analisar a motivação que determina a marcação no item posterior, porque, pura e simplesmente, este não existe.

Assim sendo, apenas puderam ser levados à análise os cinco factores seguintes (Tabela 12.3):

(i) *Cadeias sintagmáticas iniciadas por item com marcação formal de PL:*

- *Factor P*: S\_, respeitante a todos os casos em segunda posição que estejam precedidos por um elemento portador de marca formal de PL (640 ocorrências);

(ii) *Cadeias sintagmáticas iniciadas por item sem marcação formal de PL:*

- *Factor B*: 0\_, referente ao segundo elemento do SN, antecedido de um item em primeira posição não-marcado formalmente (46 ocorrências);

(iii) *Cadeias sintagmáticas iniciadas por item com marcação semântica de PL:*

- *Factor N*: N\_, relativo aos itens em segunda posição na cadeia sintagmática e que possuam, antes de si, um numeral de uma só palavra, não finalizado em -s (412 ocorrências);

- *Factor R*: Ns\_, concernente às ocorrências em segunda posição no SN e que tenham, em posição anterior, um numeral de uma única palavra, terminado em -s (278 ocorrências);

- *Factor #*: NN(N)\_, reflectindo realizações que apresentem antes de si numerais de mais de uma palavra sem -s (49 ocorrências).

Em virtude de ser reduzido o seu número de ocorrências, todos os restantes factores não foram levados às rodadas posteriores. Quanto ao *factor T* (S0\_), apesar de registar 30 ocorrências, favorece plenamente a marcação (100%), pelo que foi também excluído das rodadas seguintes.<sup>165</sup> Algumas questões pertinentes relacionadas com este factor merecerão discussão em devido tempo.

A variável independente *marcas precedentes* irá ser tratada por nós de acordo com a metodologia seguida em outros trabalhos, isto é, de modo analítico (independente), por um lado, e relacionado com outros grupos de factores, por outro lado. Contudo, o segundo método não será objecto de tratamento neste ponto do nosso trabalho, no qual nos limitaremos a analisar a variável de modo analítico. Scherre (1988:183), como se verá, cruzou o grupo de factores *marcas precedentes* com a *posição linear* e a *classe gramatical*, com vista a comprovar a premissa de que as três variáveis devem ser analisadas em conjunto, pois só assim se consegue verificar se as marcas formais ou zeros afectam de modo semelhante todas as classes gramaticais em função da sua posição no SN. Por seu lado, Guy (1981a:178) não vira necessidade de levar a cabo este tipo de cruzamentos, pois entende que *posição linear* e *marcas precedentes* espelham melhores resultados se forem tratadas individualmente. Pelo facto de concordarmos com a metodologia de Guy (1981a), não efectuaremos cruzamentos do tipo daqueles que Scherre (1988) levou a cabo. Nesta conformidade, as *marcas precedentes* apenas serão cruzadas com a variável independente *saliência* fónica (ponto 5.2.3.11 do presente trabalho), no momento em que analisarmos o grupo de factores *contexto fonológico posterior* (capítulo 5), já que iremos sustentar o pressuposto de que certas ocorrências da CPL-var do PA são motivadas não pela relação fonológica do item em análise com o seu elemento seguinte, mas sim pelo peso estrutural do elemento que o antecede.

Depois de termos limpaado a célula referente aos resultados da Tabela 12.3, efectuámos uma primeira rodada VARBRUL, a fim de observarmos os pesos relativos dos factores seleccionados (Tabela 19.1):

**Tabela 19.1.** Efeito das *marcas precedentes* na marcação PL dos itens do SN.

Input desta rodada: 0,504		Log-likelihood: -981,009		Significância: 0,011	
Factores seleccionados	Nr. total	% marcação PL	% no grupo	Peso relativo	
2ª. posição, marca formal na 1ª. posição: S__	222/640	35	45	0,368	
2ª. posição, zero na 1ª. posição: 0__	39/46	85	3	0,855	
2ª. posição, numeral sem -s na 1ª. posição: N__	121/412	29	29	0,607	
2ª. posição, numeral em -s na 1ª. : Ns__	79/278	28	20	0,556	
NN(N)	14/49	29	3	0,616	
<b>Totais:</b>	475/1.424	33	100	-	

A rodada geral que efectuámos exhibe-nos o panorama analítico do modo como os itens em posição antecedente interferem na marcação PL do elemento que lhes é posterior. Através da leitura da Tabela 19.1 é possível verificar que apenas um factor inibe a marcação PL, e de forma categórica: o que representa itens com marca formal de PL em 1ª. posição e se encontram imediatamente antes do elemento analisado (S<sub>-</sub>), isto é, adjacentes a este (pr. 0,368). Por seu lado, o item em segunda posição tem tendência a ser fortemente marcado se for antecedido de um elemento sem marca formal de PL [0<sub>-</sub> = pr. 0,855] ou de um numeral, seja ele numeral de uma só palavra, terminado em *-s*, [Ns<sub>-</sub> = pr. 0,556] seja ele numeral de apenas uma palavra, mas sem inserção de *-s* final [N<sub>-</sub> = 0,607]. Quanto aos numerais de mais de uma palavra sem *-s* final, a tendência é para favorecerem moderadamente a marcação do elemento seguinte [NN(N) = pr. 0,616]. Como se vê, caso se estabeleça um paralelo entre itens com marcação formal de PL e elementos com informação semântica de pluralização, a conclusão será de que os primeiros inibem a marcação, enquanto os segundos a favorecem.

Antes de analisarmos e compararmos os nossos resultados com os de outros trabalhos, convém ainda mencionar que, tal como o referiu Scherre (1988:169), esta variável não tem sido codificada de modo uniforme pelos diferentes pesquisadores, inviabilizando-se, assim, comparações exactas. Nina (1980:72-75), por exemplo, não apresentou números para os pesos relativos, limitando-se apenas a observar os valores percentuais do português da micro-região bragantina. Por seu lado, Braga (1977:30-31), optou pela codificação binária “presença *versus* ausência de marca formal de flexão antes do elemento analisado”, imediatamente ou não. Como tal, os marcadores semânticos (numerais), foram considerados como itens sem marcação formal de PL. A conclusão final da autora é que a ausência de flexão no item anterior favorece ligeiramente a inserção de PL no elemento posterior, e vice-versa. Nas nossas ocorrências, contudo, tanto o favorecimento como a inibição são categóricos.

Posteriormente Scherre (1978:110) codificou dados cruzando parcialmente *marcas precedentes* e *posição linear*, mas agrupou os numerais conjuntamente com os elementos portadores de marcas. A conclusão da autora é que a ausência de flexão na posição 0 (zero) favorece a marcação PL, enquanto a presença de marca formal ou semântica de PL num dos elementos precedentes desfavorece a pluralização. Os nossos

dados, ao tratarem separadamente os itens portadores de marca formal e marca semântica de PL, não confirmam este pressuposto. Por outro lado, as conclusões globais a que Scherre (1978:110) chegou, após observar as misturas de marcas que antecedem o item analisado, são de que as presenças de marcas conduzem a mais marcas, enquanto a sua ausência favorece mais zeros, ou seja, não corrobora o postulado funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195). Ainda com base neste postulado, a autora procuraria provar, depois, não só que “*o condicionamento da variável Marcas precedentes é absolutamente regular*” (Scherre, 1988:175) mas também que “*o Espanhol e o Português têm mais semelhanças do que diferenças*” (Scherre, 1988:171).<sup>166</sup>

Entretanto, Ponte (1979:80), ao debruçar-se sobre o PPA, optou também pela metodologia de Scherre (1978), mas separou os numerais dos elementos precedentes não-flexionáveis. Ainda assim, as suas conclusões são em tudo idênticas às de Scherre (1978), isto é: elemento precedente sem marca formal ou semântica de PL favorece a inserção; item antecedente com marca formal e/ou semântica de PL, inibe-a. Nos nossos dados, os postulados de Scherre (1978, 1988) e Ponte (1978) apenas colhem parcialmente, com a ausência de marcação formal em posição imediatamente anterior (0\_) favorecendo categoricamente a pluralização (pr. 0,855) e a presença daquela (S\_) inibindo-a de forma acentuada (pr. 0,368). Por seu lado, todos os marcadores semânticos em posição imediatamente precedente, incluindo os numerais de várias palavras, mostraram-se favorecedores à inserção da marca PL, não acompanhando o padrão avançado por Scherre (1978, 1988) e Ponte (1979). Aliás, o exemplo apontado por Ponte (1979) e referido por Scherre (1988:171) para confirmar a conclusão de que o item antecedente com marca semântica de PL inibe a marcação (*duas SOBRINHA nossa*), trata-se de um SN de três itens que codificámos como Ns0\_ (item na 3ª. posição, antecedido de numeral terminado em -s na 1ª. posição e ausência de marcação formal PL na 2ª. posição). Se consultarmos a Tabela 12.3, verificamos que este factor registou apenas cinco ocorrências, revelando inibição plena (100%) da pluralização. O mesmo tipo de SN, mas iniciado com numeral sem -s (N0\_), encontra-se também presente no nosso *corpus* com duas realizações, uma com marcação no elemento seguinte e outra com inibição no item posterior. Olhando ainda para outros SN's de três elementos e

iniciados por numeral, apercebemo-nos de que ocorre ainda uma configuração NS\_ (item na 3ª. posição, antecedido de numeral sem *-s* na 1ª. posição e marca formal na 2ª. posição) sem marcação no item seguinte, bem como cinco ocorrências NM\_ (item na 3ª. posição, antecedido de numeral sem *-s* na 1ª. posição e item sem pluralização na 2ª. posição),<sup>167</sup> duas das quais com elemento posterior marcado (40% de marcação). No nosso *corpus*, o reduzido número deste tipo de estruturas configura apenas um total de sete ocorrências e a sua subdivisão apresenta menos de cinco realizações para cada factor. Como tal, não nos parece que seja o tipo de exemplo mais apropriado para sustentar a conclusão avançada por Ponte (1979). Pelo menos, em última instância, conviria apurar quantas ocorrências deste tipo estão representadas nos dados da autora, de forma a constituir-se um factor robusto e que permitisse a elaboração de conclusões sólidas.

Guy (1981a:178), por seu lado, discorda do cruzamento entre *marcas precedentes e posição linear* levado a cabo por Scherre (1978, 1988), entendendo que as duas variáveis são estatisticamente mais sólidas se forem tratadas em separado. Como tal, não aborda a questão entre ausência e presença de marca no elemento precedente, levando Scherre (1988), uma vez mais, a divergir da metodologia adoptada pelo linguista, principalmente porque Guy (1981a:180) considera os numerais como elementos de marca 0 (zero),<sup>168</sup> isto é, da mesma forma que os itens sem marca formal de PL. Por outro lado, Scherre (1988:172-73) chama também a atenção para o facto de Guy (1981a:169-170) ter tratado todas as sequências de quatro elementos da mesma forma, ou seja, independentemente de o elemento anterior ao item analisado possuir, ou não, marca de PL. Estes critérios impediam, então, que se efectuassem análises comparativas com os resultados apresentados por Poplack (1980a), vedando-se a possibilidade de se observar se um item flexionado em número conduz ou não à flexão do seu elemento ulterior.

As codificações de Scherre (1988), seguindo a metodologia de Poplack (1980a) e buscando um padrão regular para as marcas precedentes aproximam-se das nossas em alguns aspectos, permitindo comparações algo precisas no que concerne aos SN's compostos por apenas dois elementos, isto é, aqueles para os quais possuímos os valores dos pesos relativos. Quanto aos demais factores, as nossas divergências assentaram quer na forma de observar os numerais quer no modo de analisar as misturas de marcas. No

caso dos numerais, Scherre (1988:173-174), depois de concluir que não existe um padrão acentuado de variação entre os que terminam em *-s* e os que não finalizam em *-s*, acaba por tratá-los de modo homogêneo. Quanto a nós, decidimo-nos pela heterogeneidade e acabámos por incluí-los em factores distintos, a fim de percebermos quais são os que propiciam mais a marcação. Ainda sobre a questão dos numerais, adiantaremos mais considerações no ponto 4.1.2.4.6 do presente trabalho, uma vez que procuraremos, aí, efectuar observações mais pormenorizadas sobre os mesmos.

Scherre (1988:174-177) observou também o comportamento dos SPREP's dentro de um SN mais alto com marca semântica de PL, uma vez que as análises sobre este tipo de SN's postulam que os mesmos tendem a ser pouco marcados. Para tanto, a autora estabeleceu duas equações que os abarcassem e ajudassem a confirmar que os mesmos apresentam padrões regulares de marcação: (i) SPrep(x)s-, envasando realizações do tipo “*milhões de coisaS*” (SNs+Prep+S = núcleo nominal mais alto com marca formal de PL) ou “*uma série de outraS coisas*” (SN+Prep+S\_ = núcleo nominal com ou sem marca formal de PL, acompanhado de marca no primeiro elemento do SN sob análise); (ii) Sprep0(0)-, incluindo ocorrências como “*uma porção de carroØ*” (SN+Prep = núcleo nominal mais alto sem marca formal de PL) ou “*uma porção de coisaØ interessanteØ*” (SN+Prep+0\_ = núcleo nominal sem marca formal de PL, seguido de ausência de marca no primeiro elemento do SN sob análise). Estes SN's, apesar de não indicarem o PL de forma tão óbvia como os numerais, não deixam também de encerrar uma evidente carga semântica de pluralidade. Assim sendo, o pressuposto do tipo funcionalista (Kiparsky, 1972:195) defende que, pelo facto de implicarem uma duplicidade de concordância PL, estes sintagmas tendem a exhibir inibição no segundo item, evitando-se, desta forma, uma redundância de número. Scherre (1988:208), ao buscar um padrão regular de marcação para os mesmos, discorda e procura demonstrar que os mesmos são configurados segundo o Princípio do Processamento Paralelo. Estes tipos de factores representam, quanto a nós, ocorrências que têm que ser vistas como cadeias compostas por mais de um item gramatical, pelo que a sua observação deverá ser feita sob a perspectiva não-atomística, tal como efectuado por P. Andrade (2003:109). Assim, reservamos para uma oportunidade futura este tipo de análise, ou seja, quando observarmos os nossos dados sintagmaticamente.

A busca de padrões regulares de marcação por parte de Scherre (1988:180) levou-a a constituir também um factor amalgamado para os SN's com mais de dois elementos e que apresentam marcações formais plenas nos itens antecedentes ao elemento observado, representado pela equação SS(S)-. Esta, engloba as ocorrências SS\_ e SSS\_ (um percentual 70% de marcação PL para os dois factores em conjunto) e, a propósito da mesma, cabe-nos referir que o nosso *corpus* não regista qualquer ocorrência com tripla marcação formal antecedente e apresenta apenas vinte e seis realizações com dupla marcação formal antecedente, cujo percentual de pluralização é de 54% (Tabela 12.3). Como referimos no princípio da presente secção, a propósito de uma hipotética amalgamação entre este factor e outros que com ele partilhem características, registámos ainda uma realização do tipo SSM\_ — incluída por Scherre (1988:177) na equação  $y(x)x-$ , de que falaremos já de seguida —, e que não apresenta marcação no quarto elemento da cadeia sintagmática. Como se verifica, os nossos dados, apesar de não registarem, para este tipo de SN's, um mínimo de 30 realizações que permita obter valores para pesos relativos, parecem indicar um equilíbrio entre marcação e não-marcação no elemento analisado. Assim sendo, e ao que tudo indica, não se confirma aqui uma nítida tendência no sentido da inserção de marcas que permita advogar o Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) para justificar tais pluralizações no PA.

Relativamente às misturas de marcas, Scherre (1988) apresentou também duas equações para tentar abarcar os padrões regulares de marcação de todas elas: (i)  $y(x)x-$ , englobando “*todos os casos de presença de pelo menos uma marca formal de plural precedendo o elemento nominal analisado, não mediada por zero em elemento que admite marca*” (Scherre, 1988:178); (ii)  $x(y)0-$ , assimilando realizações em que “*entre a última marca e o elemento analisado, tem de haver necessariamente um zero, mesmo mediado por um numeral ou por um modificador*” (Scherre, 1988:179). Quanto a nós, optámos por agrupar as configurações das marcas precedentes dos nossos dados em três subgrupos distintos (Tabela 12.3), tendo sido seleccionados para cálculos de pesos relativos (Tabela 19.1) apenas os factores que representam SN's de dois itens, com excepção da configuração NN(N)\_, que poderá dizer respeito a sintagmas de dois ou três elementos. Assim, enquanto Scherre (1988) tomou como ponto de referência a marcação

formal ou ausência desta no elemento que antecede o item analisado, nós optámos por considerar a marcação (formal ou semântica) ou ausência registada na primeira realização da cadeia sintagmática. Contudo, voltamos a referir que, ao contrário de Scherre (1988), não iniciámos as nossas observações a partir das amalgamações de factores, que apenas foram efectuadas depois de analisado o efeito das configurações individuais na pluralização do item seguinte. Contudo, a este propósito, importa salientar que Scherre (2001) viria posteriormente a analisar o comportamento individual dos factores, cujos resultados serão apresentados em devido tempo no presente estudo.

Observando agora o critério seguido por Scherre (1988:177-181) para a constituição dos factores amalgamados, convém referir alguns aspectos. Nos casos de mistura de marcas, a autora inclui na amalgamação  $x(y)0-$  (*entre a última marca e o elemento analisado, tem de haver necessariamente um zero, mesmo mediado por um numeral ou por um modificador*), por exemplo, os factores  $N0_$  (ex.: *DOIS RISCO verde*) e  $S0N_$  (ex.: *AS MINHA DUAS filha*) (Scherre, 1988:177). No primeiro caso, se entre a última marca e o elemento analisado (*verde*) tem que existir pelo menos um zero, partimos do princípio que foi tida em conta, como última marca, o numeral “dois”, isto é, uma marca semântica de PL. Contudo, no segundo exemplo, o mesmo numeral (*duas*) já não foi visto como sendo a última marca, tendo tal critério de observação recaído sobre a marca formal de pluralização do artigo definido feminino “a”. Quanto a nós, criou-se aqui um desajustamento entre os factores levados à amalgamação para constituir a equação apresentada por Scherre (1988:179). Outro aspecto importante a ter em conta é o facto de a metodologia em estudos de sociolinguística quantitativa recomendar a eliminação de todas as realizações com menos de cinco ocorrências, não devendo as mesmas ser consideradas para efeitos de amalgamações entre factores. Ora, este princípio foi violado pela autora, que levou à amalgamação dados que configuram realizações diminutas: “*Os casos de dois zeros precedentes foram todos agrupados aos de apenas um zero por serem de menor número de ocorrências. Há, por exemplo, apenas dois casos do tipo S00-*.” (Scherre, 1988:179).

Lopes (2001:204-211), por seu lado, após uma primeira rodada com quinze factores englobados individualmente no grupo de factores marcas precedentes, decidiu também proceder a amalgamações, adoptando o critério de Scherre (1988) e reduzindo a variável

independente *marcas precedentes* a sete factores. Para tanto, a autora deixou de considerar o contraste entre numerais (simples ou de mais de uma palavra) finalizados em *-s* e não finalizados em *-s* e constituiu três factores para os SN's com três ou mais itens: (i) mais de uma marca antecedente (SS\_); (ii) mistura de marcas com marca antecedente (OS\_; SM\_; NS\_; SN\_; SSM\_), configurada pela equação  $y(x)x-$  de Scherre (1988); (iii) mistura de marcas com zero antecedente (S0\_; 0M\_; N0\_; N0M\_), representada pela equação  $x(y)0-$  de Scherre (1988). Na primeira rodada, Lopes (2001:204-205) regista ainda um outro factor (S0M\_) com vinte ocorrências e para o qual não foi adiantada qualquer explicação nem em termos de amalgamação nem em termos de uma possível eliminação das rodadas posteriores. Este factor, segundo a metodologia de Scherre (1988:177), deveria ser levado à amalgamação que configurou o factor mistura de marcas com zero antecedente [ $x(y)0-$ ], mas, simplesmente não foi encaixado por Lopes (2001) em qualquer amalgamação. Por outro lado, conseguimos descortinar também que as amalgamações de Lopes (2001) enfermam do mesmo problema das de Scherre (1988), uma vez que, para estas, foram tidos em conta factores com menos de cinco realizações, como acontece com a configuração N0\_, detentora de apenas uma ocorrência (Lopes, 2001:210-211) e incluída na amalgamação mistura de marcas com zero antecedente. Outro aspecto a ter em consideração no trabalho de Lopes (2001) é o facto de, após apresentação dos resultados para os factores, vistos numa perspectiva individual, não ter sido efectuado o teste do qui-quadrado às amalgamações entre factores, com vista a confirmar a possibilidade de as mesmas poderem ou não ser realizadas. Assim a autora considerou como válidas para observação do efeito das *marcas precedentes* na marcação PL da NURC amalgamações que apenas os testes do qui-quadrado poderiam confirmar serem ou não estatisticamente significativas (cf. Guy & Zilles, 2007:194).

De seguida, e numa primeira etapa do nosso trabalho, iremos comparar os nossos resultados sobre a influência das marcas precedentes na CPL-var com os de Scherre (1988), levando-se em consideração, para os factores individuais, os valores indicados pela autora em outro trabalho (Scherre, 2001). Paralelamente, serão ainda observados quer os resultados obtidos por Lopes (2001:204-205) para os factores prévios às suas amalgamações quer os exibidos por Baxter para o PT e o dialecto de HEL-Ba (Baxter,

2009:281). Na Tabela 19.2, que apresenta estes resultados, achamos pertinente incluir também os valores de Poplack (1980a:63) para o EPR, que, segundo Scherre (1988), apresenta o mesmo padrão de variação do MRJ. Os resultados transcritos referem-se aos factores mais significativos e seus pesos relativos e/ou percentuais de marcação, visto os diferentes trabalhos não revelarem um paralelo homogêneo em termos de constituição de factores para o grupo de factores *marcas precedentes*.

Posteriormente à comparação dos resultados em termos de configurações (factores) individuais, e apesar de termos em conta que os valores exibidos por Scherre (1988) e Lopes (2001) poderão estar cientificamente feridos devido ao critério adoptado para a constituição dos factores amalgamados, efectuaremos igualmente, e conquanto os nossos dados o permitam, amalgamações de factores de acordo com as metodologias levadas a cabo pelos diferentes estudiosos. Poderemos, assim, proceder também a comparações com os números apresentados por Scherre (1988:180), Lopes (2001:211), P. Andrade (2003:99) e Baxter (2009:281). A propósito dos factores constituídos por P. Andrade (2003:99), é importante referir que a autora apenas apresentou números para três factores amalgamados, de acordo com o seguinte critério: (i) presença de marca formal antes do elemento analisado; (ii) presença de marca semântica antes do item analisado; (iii) ausência de marca no elemento anterior. A autora limitou-se a analisar, pois, a marca (formal ou semântica) ou sua ausência no elemento que antecede o item observado, não votando atenção às misturas de marcas que ocorrem na fala de HEL-Ba. Como tal, a observação do padrão individual de factores não-amalgamados foi efectuada por Baxter (2009:281) no mesmo dialecto. Este apresentou também amalgamações para as misturas de marcas em cadeias de três itens do PT, tendo, para o efeito, constituído os seguintes factores: (i) mistura de marcas com marca formal antecedente, item analisado na 3ª. posição; (ii) mistura de marcas com zero antecedente, item analisado na 3ª. posição.

Antes de efectuarmos as comparações, convém também referir que os resultados das amalgamações de Scherre (1988:180) foram, em primeira etapa, unicamente apresentados em termos percentuais, tendo a pesquisadora fornecido apenas números para os pesos relativos de rodadas VARBRUL posteriores, isto é, as respeitantes aos cruzamentos efectuados entre *marcas precedentes*, *posição linear* e *classe gramatical*,

metodologia com a qual Guy (1981a), e nós próprios, discordamos. Por outro lado, a autora apresentou números para dois tipos de informantes: crianças (7 aos 14 anos) e adultos (15 aos 71 anos). Para os nossos resultados, teremos em conta, sobretudo, o público adulto do MRJ, já que o nosso *corpus* não contempla falantes com idade inferior a 21 anos. Ainda assim, lançaremos mão dos resultados apresentados por Scherre (1988:181) para as crianças, quando estabelecermos comparações com os dados da autora, em termos geracionais.

Relativamente à questão das faixas etárias de Lopes (2001:69-71), elas estão distribuídas por informantes que prestaram informações em dois períodos distintos no tempo (década de 70 e década de 90) e se encontram distribuídos por quatro gerações distintas: F.E.I (15 aos 24 anos); F.E.II (25 aos 35 anos); F.E. III (45 aos 55 anos); e F.E.IV (+ 55 anos). A F.E.I contempla apenas informantes da década de 90.

Por seu lado, o público informante que constituiu os *corpora* de HEL-Ba, analisado por P. Andrade (2003:125), o PMp e o PCV, ambos observados por Jon-And (2008:2, 2009:2), encontra-se distribuído por três faixas etárias, absolutamente idênticas às nossas: faixa I (21 a 40 anos); faixa II (41 a 60 anos); faixa III (+60 anos). No entanto, a segunda autora não efectuou a análise da variável independente *marcas precedentes* nos seus trabalhos, embora tivesse constituído este grupo de factores para o estudo do PMp, que foi excluído das observações “*por causa de interferência com outras variáveis*” (Jon-And, 2008:3).

Quanto a Baxter (2009:283), dividiu os informantes de HEL-Ba em quatro faixas etárias distintas, critério que adoptou também para os informantes do PT: faixa 1 (21 a 40 anos); faixa 2 (41 a 60 anos); faixa 3 (61 a 80 anos); faixa 4 (+85 anos).

#### **4.1.2.4.1. *Marcas precedentes*: influência dos factores individuais na marcação PL do elemento analisado**

Na Tabela 19.2 podem ver-se os valores em pesos relativos e percentuais de marcação relativamente ao EPR e às diferentes variedades africanas e brasileiras de português indicadas no ponto anterior:

**Tabela 19.2.** *Marcas precedentes:* contribuição dos factores individuais para a marcação PL do elemento analisado: EPR e 5 variedades de português.

<i>Marcas precedentes</i>												
Item analisado na 2. <sup>a</sup> posição												
Factores	EPR		PA		MRJ		NURC		HEL-Ba		PT	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
S_	0,56	-	0,368	35	0,50	53	0,48	56	0,499	52	0,608	52
0_	0,48	-	0,855	85	(105/105)	100	(34/34)	100	0,825	65	0,825	65
N_	-	-	0,607	29	-	58	0,57	56	-	-	-	-
Ns_	-	-	0,556	28	-	59	0,53	65	-	-	-	-
Item analisado na 3. <sup>a</sup> posição												
	EPR		PA		MRJ		NURC		HEL-Ba		PT	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
SO_	0,32	-	(0/30)	100	0,07	6	0,06	7	-	-	-	-
SM_	-	-	(2/5)	40	-	-	0,64	61	-	-	-	-
SN_	-	-	(7/22)	32	0,52	42	0,53	54	-	-	-	-
SS_	0,60	-	(14/26)	54	0,65	70	0,62	56	-	-	-	-
OS_	-	-	(4/7)	57	0,40	53	0,49	35	-	-	-	-
OO_	0,27	-	(3/3)	100	-	-	-	-	-	-	-	-
NS_	-	-	(0/1)	0	-	-	-	-	-	-	-	-
NsS_	-	-	(0)	-	0,35	39	0,57	56	-	-	-	-
N0_	-	-	(1/2)	50	0,07	6	-	-	-	-	-	-
Ns0_	-	-	(0/5)	0	-	-	(0/1)	0	-	-	-	-
Item analisado na 4. <sup>a</sup> ou outra posição												
	EPR		PA		MRJ		NURC		HEL-Ba		PT	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
SSM_	-	-	(0/1)	0	-	-	0,64	68	-	-	-	-
SOM_	-	-	(1/4)	25	-	-	(2/20)	10	-	-	-	-
NN(N)_	-	-	0,616	29	-	-	0,68	61	-	-	-	-
NNs(N)	-	-	(2/9)	22	-	-	0,65	70	-	-	-	-

**Obs.:** (i) Nas colunas referentes aos pesos relativos, são indicados os totais de ocorrências, caso estas não perfaçam 30 realizações ou prefigurem 0% ou 100% de marcações (*knockouts*);

(ii) Os valores para a configuração 0\_ , N\_ e Ns\_ do MRJ foram colectados em Scherre (1998a:180).

Os factores que abarcam SN's de dois itens (codificados de modo bastante idêntico em todas as variedades de português) denotam algumas discrepâncias a nível de resultados da marcação formal ou ausência da mesma. Com efeito, o factor S\_ (2.<sup>a</sup> posição, marca formal na 1.<sup>a</sup> posição) regista uma acentuada tendência para inibir a

marcação no PA (pr. 0,368), acentuação esta que se dilui em direcção à neutralidade na NURC (pr. 0,48), até se tornar mesmo completamente neutra em HEL-Ba (0,499) e no MRJ (pr. 0,50). Não obstante, no PT, ao contrário do que sucede nas outras variedades de português, o mesmo factor revela moderada marcação PL do item analisado (pr. 0,608). Este aspecto poderia, aparentemente, aproximar os comportamentos do PT e do EPR, vendo-se aqui a confirmação que Scherre (1988:208) buscou, no sentido de ocorrer uma intervenção inquestionável do Princípio do Processamento Paralelo, com marcas a conduzirem a mais marcas. Contudo, Baxter (2009:282) não vê aqui a operação de um fenómeno meramente linguístico, justificando a noção de concordância apresentada pelos falantes do PT com o facto de os substratos deste manterem um contacto constante com sistemas de concordância morfológicamente elaborados da LA, sobretudo em virtude de alguns trabalhos especializados dos tongas lhes concederem um situação privilegiada e que lhes terá facilitado o contacto com falantes do PE.

Por seu lado, o factor 0\_ (2<sup>a</sup> posição, ausência de marcação formal na 1<sup>a</sup> posição) apresenta um favorecimento categórico e equilibrado da marcação PL no PT (pr. 0,825), em HEL-Ba (0,844) e no PA (pr. 0,855), a qual se torna plena (100%) na NURC e no MRJ. As constatações acerca dos dois factores referidos (S\_ e 0\_) levantam, desde já, uma questão que poderá ser pertinente em termos de comparações entre o PA e os outros dialectos, se levarmos em conta que a grande maioria dos SN's do nosso *corpus* são de estrutura reduzida: o PA aparenta ser a variedade que se encontra no estádio mais baixo da aquisição da regra de concordância PL.

Quanto aos marcadores semânticos (numerais), revelam também valores bastante equilibrados nas três variedades de português para as quais possuímos resultados. Assim, os numerais terminados em *-s* mostram um favorecimento da pluralização pouco acima do patamar da neutralidade (NURC = pr. 0,53; PA = pr. 0,556), tendência esta que ganha alguma força com os numerais que não terminam em *-s* (NURC = pr. 0,57; PA = pr. 0,607). Scherre (2001) apresentou percentuais para o MRJ que, ao que tudo indica, acompanham os padrões das outras variedades (N\_ = 58%; Ns\_ = 59%). Assim, no que aos numerais diz respeito, observa-se um paralelo entre estes e os itens portadores ou não de marcação formal, uma vez que os elementos terminados em *-s* têm também tendência para propiciarem menos a pluralização do que aqueles que não finalizam em –

s. Contudo, e tal como o observaram Scherre (2001) e Lopes (2001), as diferenças de valores reveladas quer pelos números percentuais de marcação entre ambos os tipos de marcadores semânticos quer pela sua tradução em pesos relativos são praticamente nulas, o que justificaria a eliminação do contraste entre ambos. Aliás, esta foi a linha seguida por P. Andrade (2003), para HEL-Ba e Baxter para HEL-Ba e PT (2009), mas sobre esta metodologia nos pronunciaremos no ponto seguinte deste trabalho, quando abordarmos a questão dos factores amalgamados.

A tendência para o maior ou menor propiciamento da marcação mencionada no parágrafo anterior revela-se drástica quando passamos a observar os itens que estão sujeitos a marcação formal, a ponto de a marcação ou ausência desta conduzirem a valores inibidores ou favorecedores no item seguinte. Tanto a ausência quase sistemática de marcação no elemento seguinte ao que contenha marcação na 1ª. posição (S\_) como a inserção categórica da pluralização no item posterior ao que não possua marcação na 1ª. posição (0\_) sugerem a actuação da hipótese funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195), que advoga a necessidade de se inserir a marcação quando ela é fundamental para indicar a ideia de pluralidade, podendo ocorrer depois o seu apagamento, em virtude de se tornar redundante. Daí que, apesar de se manifestar em favor do Princípio do Processamento Paralelo, Scherre (1988:230) acabe admitindo em configurações de dois itens, “*os ‘esses’ que conduzem a ‘esses’ são apenas os que têm a informação semântica de pluralidade*”, ou seja, os numerais. Entretanto, importa reter que o padrão de marcação formal do PA é contrário ao do EPR, uma vez que Poplack (1980a), face aos seus achados, avançou que este dialecto tem tendência para agrupar formas semelhantes, mediante processos mentais de associação, confirmando-se que o que subjaz à sua configuração sintagmática é o Princípio do Processamento Paralelo (cf. Scherre, 1988:208), responsável pelo facto de marcas levarem a marcas (S\_ = pr. 0,56) e zeros levarem a zeros (0\_ = pr. 0,48). Este aspecto permite mesmo que, segundo Poplack (1980a:64), no EPR ocorram sintagmas sem qualquer marcação formal, mas com referência PL (p.e.: *la cosa bonita* – “as coisas bonitas”). No entanto, Scherre (2001:98-99) adverte para a possibilidade de este exemplo constituir um caso de representação abstracta de pluralização, isto é, uma realização com carga semântica de pluralidade que é captada pelos falantes a partir do contexto e conduz à não-realização

da marcação formal PL. É o que sucede, por exemplo, com as ocorrências do tipo de “*a coisa agora tá feia*” (“as coisas agora estão feias” = “a situação agora está má”), possível no PB, segundo a autora, e também no PE, acrescentamos nós.<sup>169</sup> Como tal, a não constatação de tripla ausência de marcação formal ØØØ, originada pela configuração 00\_ (item analisado na 3ª. posição, com dupla ausência de marcação formal anterior) e verificada nos dados da NURC e do MRJ, vem provar que a sua existência no EPR não é senão aparente, tal como acontece no português (Scherre, 2001:99). Nos nossos dados, como se pode verificar, a estrutura ØØØ também não ocorre, já que os 3 casos registados de configuração 00\_ apresentam uma taxa plena de inserção PL no terceiro item da cadeia sintagmática. Origina-se assim a estrutura ØØS, que foi mesmo considerada inexistente por Scherre (2001:99), visto a autora apenas ter detectado tripla ausência de marcação em dois tipos de construções: (i) SPrep+0\_ (núcleo nominal mais alto sem marca formal de PL seguido de item sem marcação formal de PL), que contém três ausências formais de marcação, mas encerra informação semântica de PL (p.e. *UM MONTÃO DE NEGO velho*); (ii) estruturas cristalizadas que englobam uma relação de posse inalienável, representando mais do que um elemento (p.e. *vem lavá A MÃO, O PÉ e escová O DENTE*).

Outras das configurações em cadeias de três elementos que poderiam pressupor uma acção do referido Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), com zeros a conduzirem a zeros (S0\_ e SM\_), mereceram também a nossa atenção. A segunda apresenta apenas cinco ocorrências no nosso *corpus*, manifestamente insuficientes para permitirem retirar-se quaisquer ilações com sustento científico. Contudo, os dados da NURC indiciam uma ligeira tendência para favorecer a inserção PL no terceiro elemento (pr. 0,64), o que pode também ser argumentado numa perspectiva funcionalista, caso se ponha a possibilidade de os falantes entenderem que o modificador da segunda posição (M) represente um elemento de categoria Ø, isto é, sem a marcação formal de PL. Quanto à configuração S0\_, apresenta clara tendência para inibir a pluralização no terceiro elemento (PA = 100%; NURC = 0,06; MRJ = 0,07), tornando categórica a realização da configuração SØØ e praticamente inexistente a cadeia sintagmática SØS. Esta, segundo Scherre (1988:187-188), é motivada pela influência do contexto fonológico sobre o -s final não morfémico, não reflectindo, portanto, qualquer efeito

sobre a concordância de número entre os elementos do SN. Este entendimento procura também ir ao encontro da hipótese avançada por Guy (1981a:176) de que a concordância opera copiando a informação PL da esquerda para a direita, através do nóculo do SN. Assim, as poucas realizações do tipo SØS resultarão do facto de as consoantes sonoras favorecerem mais do que as surdas o cancelamento do –s não morfémico do segundo item da cadeia, o mesmo sucedendo em relação às consoantes labiais e velares.

Relativamente à segunda configuração possível (SØØ), Scherre (1988:189-193) elabora análises no sentido de apresentar uma hierarquia de preferência em termos de estruturas sintagmáticas e aponta-a como sendo a segunda mais seleccionada pelos falantes do MRJ (25%). A ocorrência do fenómeno é justificada pela autora com a intervenção do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), sendo corroborada por Lopes (2001:212) neste aspecto. Contudo, não é este o nosso entendimento. De facto, fazendo o mapeamento das 30 ocorrências do nosso *corpus* que representam a configuração SØØ, constata-se que o terceiro item da cadeia sintagmática se encontra em posição pós-nuclear em 28 das realizações, sendo esta ocupada por adjectivos (21 casos) ou pelo quantificador “todo” (7 casos). Mesmo em exemplos apontados por Scherre [“*umas borracha grande*” (Scherre, 1988:177) e “*naqueles negócio todo*” (Scherre, 1988:185)] e Lopes [“*as sacola pronta*” (Lopes, 2001: 204)] para tal configuração, este aspecto se torna evidente. A situação remete-nos então para uma outra questão, também abordada por Scherre (1988:221-223), e que tem a ver com o facto de as classes gramaticais não-nucleares, independentemente da sua categoria, terem mais probabilidades de apresentarem marcação se estiverem antepostas ao núcleo do SN, do que se ocorrerem depois deste. Aliás, ao efectuar os cruzamentos entre *classes gramaticais* e *posição linear*, a autora havia também constatado que, em SN’s de três ou mais elementos, os adjectivos apresentam, na terceira posição, um baixo percentual de marcação (41%) (Scherre, 1988:157), enquanto os quantificadores são categoricamente marcados na primeira posição (100%) e apresentam um índice de marcas de apenas 20% na terceira posição (Scherre, 1988:160-161). Por outro lado, quer o Princípio Funcionalista de se marcar o PL na primeira oportunidade (Kiparsky, 1972:195) quer a conclusão de Guy (1981a:301-302) sobre a tendência do português popular do Brasil indicar o PL conforme os substratos africanos, em que predomina o uso de marcadores

iniciais em forma de prefixo ou clítico, pode aqui encontrar perfeita sustentação e vai ainda justificar as ocorrências SØØ, nas quais o terceiro elemento é representado por um nome, núcleo do SN. Daí que P. Andrade (2003:98-100) se tenha absterido de olhar para a totalidade da configuração das marcas precedentes e tenha centrado a sua atenção unicamente no item que antecede o elemento analisado.

O factor 0S\_ também não permite tirar conclusões nos nossos dados, uma vez que registámos apenas sete ocorrências, com um percentual de marcação de 57%. Lopes (2001:204) apresentou, para a mesma configuração, um valor que, tal como o nosso percentual, tende para a neutralização da marcação (pr. 0,49). Contudo, a linguista apenas possui vinte realizações nos seus dados e, ao considerar o factor para efeitos de cálculo de pesos relativos, não foi ao encontro daquilo que é recomendado pelos estudos em sociolinguística quantitativa, já que estes entendem que trinta é o número mínimo de ocorrências tido como confiável para a determinação do peso que um factor pode ter no grupo de factores em que está inserido (Guy & Zilles, 2007:153). Assim sendo, o único valor que poderemos ter em consideração para a marcação PL determinada pela configuração 0S\_ é a ligeira inibição apresentada para o MRJ (pr. 0,40). Embora se constate um equilíbrio evidente entre marcação e inibição nos três dialectos em questão, a configuração ØSØ parece prevalecer ligeiramente sobre a estrutura ØSS. Dado que estas configurações não deveriam ocorrer, à luz do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), a autora explica-as também em função da influência exercida pelo contexto fonológico seguinte. Como tal, a conclusão final da linguista ancora igualmente no pressuposto de Guy (1981a:169), advogando que a concordância de número entre os elementos do SN se aplica ao seu nóculo *“da esquerda para a direita sem saltar nenhuma palavra, a não ser as que não podem ser marcadas”* (Scherre, 1988:189), devido à força que o contexto fonológico seguinte exerce sobre estas em termos de oposição surdas *versus* sonoras e/ou labiais *versus* velares. Este pressuposto, na opinião da autora, vai ainda justificar o porquê do favorecimento categórico da pluralização do segundo item da cadeia sintagmática, quando a primeira posição apresenta um elemento sem PL formal (0\_), originando a configuração ØS.

Acerca do factor SS(S)\_, que revela propensão para favorecer moderadamente a marcação no terceiro elemento do SN dos dados da NURC (pr. 0,62) do MRJ (pr. 0,65),

criando a cadeia SSS, apenas regista 26 ocorrências no nosso *corpus*, com um percentual de marcação pouco acima do patamar da neutralidade (54%). O facto de a marcação no terceiro elemento se sobrepôr à inibição, levou Scherre (1988:189) a advogar que os falantes revelam preferência pela construção da estrutura SSS, em detrimento da elaboração da configuração SSØ. Mais uma vez, a autora vê aqui a intervenção do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), que leva os falantes a optarem pelas estruturas em que marcas levam a mais marcas, por oposição às configurações que apresentam misturas de marcas, quer quanto à quantidade quer quanto ao tipo. Em adição, a configuração SS(S)\_ será também mais favorecedora da marcação em contexto seguinte do que a estrutura y(x)x- (existência de pelos menos uma marca formal de PL antes do elemento analisado).

O facto de os nossos dados apresentarem um percentual de marcação inferior aos da NURC e do MRJ, roçando a neutralidade, levou-nos a questionar tal comportamento. Como referimos antes, e ao que tudo indica, o PA aparenta situar-se num estágio inferior de aquisição da regra de concordância PL, quando comparado com a NURC e o MRJ. Tal não surpreende, até porque nenhum dos informantes do PA possui mais de oito anos de escolaridade, ao contrário do que acontece nestes dois últimos dialectos. Este aspecto, como é evidente, pode jogar aqui um peso determinante, visto, nas duas variantes do PB, estarmos perante SN's estruturalmente mais desenvolvidos, isto é, produções de falantes que já possuem alguma consciência acerca da aplicação da regra. Como tal, decidimos fazer um levantamento dos vinte e seis dados SS\_ do nosso *corpus*, a fim de confirmarmos o grau de escolaridade dos falantes que os produziram. As nossas suspeitas confirmaram-se, já que a grande maioria deste tipo de SN's foi realizada por informantes com um grau de escolarização médio/alto, conforme estratificação por nós adoptada para a variável independente *escolaridade*.

Na Tabela 19.3 pode ver-se a distribuição das estruturas SS\_ e seu percentual de marcação pelos falantes que as produziram. Assim, os informantes com escolaridade média/alta produziram 22 dos 26 SN's do tipo SS\_, enquanto as restantes 4 realizações se repartem em partes iguais (2+2) pelos informantes de baixa escolaridade ou analfabetos. A conclusão a que se chega é que a esmagadora maioria destes SN's é da responsabilidade de falantes que têm contacto, via ensino, quer com estruturas

sintagmáticas mais elaboradas quer com a regra da pluralização. Assim, estarão em processo mais avançado de aquisição da referida regra, visto terem consciência acerca da mesma. Portanto, não surpreende que o percentual de marcação plena (SSS) por parte dos falantes com média/alta escolarização atinja um número ligeiramente acima do patamar da neutralização (55%). Justificar então esta tendência para a marcação com recurso ao Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) reflecte, quanto a nós, resultados virtuais, se observados em termos de realizações da comunidade. Os próprios resultados de Lopes (2001:213), que apresentam o efeito da marcação *marcas precedentes* nos grupos português popular (POP) e português universitário (UNI), reforçam a nossa perspectiva, visto o primeiro grupo apresentar, para elementos em 3ª. ou outra posição de cadeias com dupla marcação formal nos dois primeiros itens, um percentual de marcação (56%) que se aproxima do exibido pelo PA, enquanto o segundo grupo mostra que os informantes com escolarização superior alcançam percentuais muito próximos da pluralização plena (92%).

**Tabela 19.3.** *Marcas precedentes*: configuração SS\_ (item na terceira posição, duas marcas formais precedentes): informantes e grau de escolarização.

Informantes	Idade	Escolaridade	SS_	%	Total
[CASTEH1]	FE-1 (20-40)	8º. ano	2/5	40	4/9
[ANTOM1]	FE-1 (20-40)	8º. ano	2/4	50	
[OSVALH1]	FE-1 (20-40)	4ª. classe	0/2	0	8/13
[CARMOM1]	FE-1 (20-40)	4ª. classe	3/4	75	
[ABILH2]	FE-2 (41-60)	4ª. classe	5/5	100	
[CLOTIM2]	FE-2 (41-60)	4ª. classe	0/2	0	1/2
[MAURIH2]	FE-2 (41-60)	3ª. classe	1/1	100	
[CELESH3]	FE-3 (+60)	3ª. classe	0/1	0	
[MANEVEM2]	FE-2 (41-60)	(Analfabeta)	0/1	0	1/2
[MANOH3]	FE-3 (+60)	(Analfabeto)	1/1	100	
<b>Totais:</b>			14/26	54	14/26

Quanto aos SN's de três elementos com misturas de marcas que envolvem numerais, todos eles apresentaram menos de trinta realizações no PA. As configurações NS\_, NsS\_, N0\_ e Ns0\_ revelam, assim, um ínfimo número de ocorrências, pelo que não

mereceram atenção da nossa parte. Lopes (2001:205) apenas apresentou resultados para o factor NS\_ (NS+N<sub>s</sub>S\_), não se confirmando que a mistura precedente de marcas semântica e formal favoreça a inserção PL no elemento seguinte (pr. 0,47), de forma a configurar a estrutura SNS, que pudesse ser justificada com recurso ao Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208). Quanto a Scherre (1988), apresentou valores para itens antecidos pelas configurações NS\_ (pr. 0,35) e N0\_ (pr. 0,07), mas as mesmas configuram amalgamações de todos os numerais (terminados ou não em -s, fossem eles simples ou de mais de uma palavra), pelo que não podem ser tidos em linha de conta para efeitos de comparação nem com os nossos dados nem com os de Lopes (2001). Além do mais, a estrutura NS\_ apresenta um total de apenas 18 realizações, pelo que não deveria ter sido incluída na rodada VARBRUL para efeitos de pesos relativos.

Observando também os SN's constituídos por três ou mais elementos que envolvem numerais, Scherre (1988:238) refere que *“há uma preferência nítida pelas sequências n00-”*, pelo que apenas registou seis configurações do tipo NSS, dez do tipo NSØ e uma do tipo NØS. O exemplo apontado por Scherre (1988:238) para este tipo de estruturas (*“dois colega meu”*) vai, curiosamente, ao encontro de todas as ocorrências registadas nos nossos dados (apenas cinco), isto é, envolvendo numerais terminados em -s (N<sub>s</sub>0\_), as quais registam uma inibição total da marcação no terceiro elemento, originando a estrutura SØØ. Apesar de o número de realizações do nosso *corpus* não permitir conclusões sólidas, parece ocorrer uma tendência no sentido de confirmar a estrutura preferencial apontada por Scherre (1988:238). Contudo, remetemos para o ponto 4.1.2.4.6 do presente trabalho a discussão acerca de esta e outras questões envolvendo os numerais, bem como sobre a problemática do favorecimento ou inibição da marcação motivada por estas categorias gramaticais.

Por seu lado, a mistura precedente de marcas formal e semântica (SN\_) exhibe 22 realizações no nosso *corpus*, com um baixo percentual de marcação no terceiro elemento da cadeia sintagmática (32%) a fazer prever que a estrutura SNØ prevalecerá sobre a configuração SNS no PA. O MRJ e a NURC exibem pesos relativos para este tipo de ocorrências, mas tanto o valor do primeiro (pr. 0,52) como o da segunda (pr. 0,53) acabam por se situar no patamar da neutralização. Como tal, não ocorre aqui um favorecimento categórico da marcação, a fornecer evidência clara que, nestes dois

dialectos, a estrutura com mistura de marcas formal e semântica de pluralidade conduz à inserção de marcas no elemento seguinte.

Analisando, por fim, as misturas de marcas em SN's de mais de três itens, é evidente a baixa ocorrência dos mesmos no PA, tendo merecido alguma atenção apenas a configuração NN(N)\_. Em SN's de dois elementos, ficou patente que a ocorrência de um numeral sem *-s* na 1ª. posição favorece moderadamente a inserção PL no elemento da 2ª. posição (pr. 0,607). Este valor é bastante equivalente ao do mesmo tipo de ocorrências com numerais de mais de uma palavra (pr. 0,616), confirmando-se que os informantes de Almojarife tratam numerais simples e numerais de mais de uma palavra de forma idêntica. O mesmo pressuposto é também válido para a NURC, dado que o diferencial de marcação propiciado por numerais sem *-s* de uma (pr. 0,57) ou mais de uma palavra (pr. 0,68) é igualmente pouco significante.

Quanto à estrutura NNs(N)\_, apenas apresenta nove ocorrências no nosso *corpus*, sete das quais favorecendo a marcação. Este favorecimento confirma-se nos dados de Lopes (2001:204) em valores (pr. 0,65) que não distam significativamente dos apresentados pela configuração NN(N)\_, reforçando-se a probabilidade de os falantes de ambos os dialectos tratarem numerais simples e numerais de mais de uma palavra de forma idêntica, tratamento este que elimina também a distinção entre numerais terminados em *-s* e numerais não finalizados em *-s*.

Relativamente à configuração SSM\_, que apenas regista uma ocorrência nos nossos dados, com marcação na quarta posição (SSMS), foi realizada por um informante com escolarização alta ([CARMOM1]). Na NURC, a mesma estrutura mostra-se moderadamente favorável à inserção PL no quarto elemento (pr. 0,65), fazendo prever a tendência de as estruturas do tipo SSMS se sobreporem às do tipo SSM0, em termos de realização. Todavia, a exemplo do que sugerimos para os SN's de configuração SS\_, seria de toda a conveniência verificar se as estruturas de três ou mais elementos com dupla marcação formal nos dois primeiros itens, devido ao seu grau de complexidade, foram ou não produzidas por informantes de escolaridade superior. Confirmar-se-ia, assim, se o fenómeno que subjaz ao favorecimento da marcação é o Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) ou, simplesmente, uma tendência na aquisição da regra da marcação motivada pelo factor social *escolaridade*.

Scherre (1988:174-177), como se viu no ponto anterior, analisou também os SPREP'S. Acerca dos mesmos, a autora entende que apresentam idêntico comportamento ao dos outros itens, podendo ser explicados, tal como os numerais, em termos de a informação semântica dos itens com *-s* conduzirem a mais marcas. Assim, os Sprep(x)s- (pr. 0,69) conduzem a mais marcas do que os Sprep0(0)- (pr. 0,31), que, por seu lado, levam a “*mais marcas do que a existência de um zero num segmento que não tem semântica de pluralidade*” (Scherre, 1988:236). Como referimos já, abstivemo-nos de observar este tipo de configurações, por considerarmos que a sua análise não cai no âmbito do estudo atomístico. Ainda assim, gostaríamos de lembrar que o MRJ regista apenas 19 ocorrências que configuram a estrutura Sprep(x)s- (Scherre, 2001:96), um número manifestamente insuficiente para, em termos de sociolinguística quantitativa, se postular com rigor científico o que quer que seja.

#### **4.1.2.4.2. *Marcas precedentes*: contribuição dos factores amalgamados para a marcação PL do elemento analisado**

As amalgamações de factores efectuadas por Scherre (1988), Lopes (2001) e P. Andrade (2003) foram já amplamente descritas no ponto 4.1.2.4. Observações consideradas pertinentes para as mesmas foram também efectuadas em devido tempo. Não obstante, resta ainda referir que, argumentando quer contra a hipótese funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195) de que a propensão para inserir a marca formal de PL ganha força quando é necessário indicar a ideia de pluralidade (daí a sua alta probabilidade de inserção em 2<sup>a</sup> posição quando ocorre ausência de marcação na 1<sup>a</sup> posição) quer contra o pressuposto de Guy (1981b:179) de que se pode estabelecer um paralelo entre determinantes e primeira posição, substantivos e segunda posição e adjectivos e terceira posição, Scherre (1988:183), após ter efectuado a rodada inicial com as amalgamações dos factores da variável independente *marcas precedentes*, cruzou estas com a *posição linear* e a *classe gramatical*. Com tal metodologia, a autora buscou provar que as ausências sistemáticas de marcas na primeira posição dependem de estruturas que envolvem o uso dos possessivos, já que estes revelam tendência para serem marcados quando se encontram na segunda posição do SN, mesmo que antecidos de itens com marcação formal (Scherre, 1988:163). Este comportamento dos possessivos encontra paralelo, ainda segundo a autora, em outras amalgamações: (i)

SPREP's dentro de um SN mais alto com marca semântica de PL, tipo SPrep(x)s-; (ii) realizações SS(S)\_ , ou seja, construções que incluem a presença de duas ou três marcas formais precedentes; (iii) ocorrências com pelo menos uma marca precedente não mediada por zero, isto é, que configuram a equação  $y(x)x-$ . Se a estes comportamentos aliarmos o facto de que “*a presença de um zero precedente, desde que já se tenha marca no primeiro ou no segundo elemento, provoca quase que categoricamente o aparecimento de um outro zero no segundo segmento*” (Scherre, 1988:182), então será lícito admitir que, segundo a autora, a presença de marcas leve a marcas e que a ausência desta conduza a zeros, isto é, estarmos perante motivações de processamento paralelo (Scherre, 1988:208) do tipo claramente não-funcionalista.

Ao observar a relação entre classes gramaticais e posição, Scherre (1988:154) concluíra que as primeiras apresentam comportamentos distintos em função da sua posição na cadeia sintagmática. Se a esta conclusão adicionarmos os pressupostos de que o tipo de marcas precedentes influencia a presença ou ausência de marcas seguintes e também que a ausência fora do SN ou zero na primeira posição têm efeito regular sobre todas as classes gramaticais, então será igualmente lícito aceitar que o português se assemelha ao espanhol em termos de comportamento, isto é, que nenhuma das duas línguas é regida pela hipótese funcionalista das Condições de Distintividade, nos moldes de Kiparsky (1972:195). Assim, torna-se imperativo que se efectuem amalgamações de acordo com a metodologia de Scherre (1988:177), a fim de podermos comparar o padrão de comportamento resultante da influência das marcas precedentes na marcação PL dos itens do SN no PA com o exibido pelo MRJ. Como Lopes (2001:204-205) optou por idênticas amalgamações para a NURC, as que levaremos a cabo para o PA servirão também para as comparações com a variante de São Salvador.

Em segunda etapa, e a fim de estabelecermos comparações com os resultados de P. Andrade (2003:99) e Baxter (2009:281), procederemos também à constituição de factores amalgamados conforme o critério destes autores.

#### **4.1.2.4.2.1. Factores amalgamados para estudo do efeito das *marcas precedentes* na marcação PL do elemento analisado: análise I**

As amalgamações que efectuaremos de acordo com a metodologia de Scherre (1988:177) e Lopes (2001:204-205) terão como finalidade comparar apenas os

resultados do PA com os exibidos pelas duas autoras para o MRJ e a NURC, já que tais comparações não permitirão objectivar conclusões sólidas, por motivos que já abordámos em devida altura e que se prendem, sobretudo, com o facto de ambas as autoras terem levado às amalgamações factores com menos de cinco ocorrências. Por outro lado, nunca é demais lembrar que, na análise VARBRUL, os pesos das probabilidades devem ser lidos em função dos resultados dos pesos relativos e não das percentagens, já que estas não são indicadores fiáveis para os efeitos exercidos nos grupos de factores. Um exemplo concreto desta constatação pode ser visto, por exemplo, nos valores de Lopes (2001:213) resultantes da influência das *marcas precedentes* na marcação PL dos grupos POP e UNI, em que o factor *mistura de marcas antecedentes* apresenta percentuais de marcação bastante desequilibrados entre si (POP = 43%; UNI = 91%), mas com um peso relativo igual para ambos os grupos, isto é, 0,56.

Outro aspecto a ter igualmente em conta prende-se com o facto de a análise em Sociolinguística Quantitativa apenas admitir como confiável, para a determinação do peso que um factor pode ter no grupo de factores em que está inserido, um mínimo de trinta ocorrências. Apesar de, nesta fase do nosso trabalho, não analisarmos os SPREP's dentro de um SN mais alto com marca semântica de PL, Scherre (1988:180) constituiu-os com vista a provar que os seus padrões são regulares, logo, viabilizam a intervenção do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) na marcação PL do MRJ. Contudo, o factor SPrep(x)s-, por exemplo, possui apenas dezasseis realizações, com um percentual de marcação de 69% (Scherre, 1988:180). Assim sendo, entendemos que se trata de um factor extremamente débil para ser levado à rodada VARBRUL com vista a sustentar a premissa que a autora pretende, já que a sua inclusão na mesma vai enfermar internamente a distribuição de pesos em termos da variável independente *marcas precedentes*.

Assim, e relativamente aos factores amalgamados por Scherre (1988:117) e Lopes (2001:204-205), que ajudam a sustentar a intervenção do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) na marcação PL do MRJ e, conseqüentemente, que este dialecto marca a pluralidade da mesma forma que o espanhol, é importante relembrar que os valores apresentados pelas duas autoras poderão padecer de viciação. De facto,

ambas levaram ocorrências de todo não-confiáveis quer à amalgamação de factores quer às rodadas VARBRUL, ao invés de as retirarem das mesmas.

Passando agora à primeira fase de amalgamação de factores de acordo com a metodologia de Scherre (1988:177) e Lopes (2001:204-205), fundiram-se as configurações abaixo discriminadas e constituíram-se os factores exibidos na Tabela 19.4, que inclui também os resultados da rodada VARBRUL efectuada para apurar o efeito dos mesmos na marcação PL.

- (i) Factor amalgamado *2<sup>a</sup> posição, numeral na 1<sup>a</sup> posição* [N\_]:
  - N\_ (412 ocorrências)
  - Ns\_ (278 ocorrências)
- (ii) Factor amalgamado *mais de uma marca antecedente* [SS(S)\_]:
  - SS\_ (26 ocorrências – retirado das rodadas)
- (iii) Factor amalgamado *mistura de marcas com marca formal ou semântica antecedente* [y(x)x\_]:
  - SM\_ (5 ocorrências)
  - SN\_ (22 ocorrências)
  - OS\_ (7 ocorrências)
  - ON\_ (13 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - NM\_ (5 ocorrências)
- (iv) Factor amalgamado *mistura de marcas com zero antecedente* [x(y)0\_]:
  - S0\_ (30 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - S00\_ (5 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - N0\_ (2 ocorrências)
  - Ns0\_ (5 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
- (v) Factor amalgamado *numeral de mais de uma palavra antecedente* [NN(N)\_]:
  - NN(N)\_ (49 ocorrências)
  - NNs(N)\_ (9 ocorrências)

Partindo do princípio que os informantes não fazem a distinção entre numerais terminados em *-s* e numerais não finalizados em *-s*, optámos por considerar como iguais as configurações N0\_ (1/1) e Ns0\_ (0/5) do factor mistura de marcas com zero

antecedente, que passam a perfazer um total de sete ocorrências. Como tal, foram levadas à amalgamação de factores e, em consequência da distribuição de marcação registada pelo novo factor (1/6), eliminou-se também o *knockout* no sentido do favorecimento da pluralização apresentado pelo factor N0\_, já que a totalidade dos dados passa a exhibir, na 3ª. posição, um dado com marcação PL e seis sem marcação. É ainda de considerar que tal distribuição possibilitou também que a totalidade do factor amalgamado não passasse a exhibir inibição plena, podendo assim ser incorporado à rodada VARBRUL.

**Tabela 19.4.** Efeito das *marcas precedentes* na marcação PL dos itens do SN do PA.  
[Factores amalgamados: Análise I]

Input desta rodada: 0,459		Log-likelihood: -966,434		Significância: 0,025	
Factores	Nr. total	% marcação PL	% no grupo	Peso relativo	
2ª posição, marca formal na 1ª posição: S__	222/640	35	42	0,378	
2ª posição, zero na 1ª posição: 0__	39/46	85	3	0,861	
2ª posição, numeral sem -s na 1ª posição: N__	200/690	29	45	0,628	
Numeral de mais de uma palavra antecedente [NN(N)__]	16/58	27	4	0,619	
Mais de uma marca antecedente [SS(S)__]	(14/26)	54	-	-	
Mistura de marcas com marca antecedente [y(x)x__]	15/52	29	3	0,339	
Mistura de marcas com zero antecedente [x(y)0__]	1/42	2	3	0,055	
<b>Totais:</b>	<b>507/1.540</b>	<b>33</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	

Antes do mais, note-se que, na amalgamação de factores, reduziu-se o número de factores levados à amalgamação de 14 para 7, de modo a tentar formar-se um grupo de factores mais robusto para efeitos de análise. A diferença entre os *log-likelihoods* das Tabelas 19.1 e 19.4 dá-nos uma diferença de  $-14.575$ , que multiplicada por 2 fornece um valor final de  $-29,15$ . Como temos 7 graus de liberdade para uma significância de 0,025 e o valor da tabela do qui-quadrado é 19,023, confirma-se que as amalgamações segundo a metodologia de Scherre (1988:117) e Lopes (2001:204-205) se revela estatisticamente significativa, representando uma distinção linguística que não deve ser mantida para efeitos de análise. Este aspecto é relevante, no sentido de se considerar que

o estudo por nós levado a efeito e representado na Tabela 19.1 se apresenta como mais consistente e apropriado para se observar, no SN do PA, o efeito das *marcas precedentes* na marcação PL do elemento seguinte.

Como se pode confirmar também, a Tabela 19.4 revela que o reduzido número de ocorrências para a configuração SS(S)\_ impediu que constituíssemos este factor. Quanto ao factor mistura de marcas com zero antecedente [x(y)0-], referimos já que apenas foi levado à rodada devido ao facto de termos deixado de fazer a distinção entre numerais terminados em *-s* e numerais não finalizados em *-s* para efeitos de influência na aplicação da marcação. Supostamente, o alto grau de inibição da marcação revelado pelos factores que constituem esta amalgamação (pr. 0,055), constituiria forte âncora para advogar a possibilidade de que zeros levam a zeros. Todavia, as configurações S00\_ e N0\_, devido ao seu exíguo número de realizações, não dão suporte científico para a formulação de qualquer hipótese. Sobre o factor S0\_ já nos pronunciámos em devido tempo, levando em conta o facto de o mesmo abarcar, na sua maioria, realizações com adjectivo ou o quantificador “todo/tudo” em posição pós-nuclear.

Por seu lado, o factor amalgamado dos marcadores semânticos [NN(N)\_] mostra um valor (pr. 0,619) que confirma não só a tendência para estes itens gramaticais favorecerem ligeiramente a pluralização no elemento seguinte mas também o pressuposto de que os informantes do PA tratam numerais simples e numerais de mais de uma palavra de forma idêntica, não aplicando igualmente distinção no tratamento de numerais acabados em *-s* e numerais não finalizados em *-s*.

Na Tabela 19.5, apresentamos, para efeitos de comparação, os resultados da rodada com os factores amalgamados para o PA, o MRJ e a NURC. A influência dos factores marca formal ou zero na primeira posição (configurações S\_ e 0\_) na marcação PL do elemento seguinte foi já sobejamente discutida, aquando da análise dos resultados dos factores vistos numa perspectiva individual (ponto 4.1.2.4.1). Relativamente ao factor amalgamado numeral na 1ª. posição (N\_), a tendência é para confirmar o moderado favorecimento da pluralização, tanto no PA (pr. 0,628) como na NURC (pr. 0,57). Scherre (1988:229) apresenta um valor de marcação que se situa no patamar do favorecimento moderado (pr. 0,63), mas considera, para a 1ª. posição, numerais simples e numerais de mais de uma palavra.

**Tabela 19.5.** *Marcas precedentes*: contribuição dos factores amalgamados para a marcação PL do elemento analisado: 3 variedades de português.

Factores	PA		MRJ		NURC	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
2 <sup>a</sup> posição, marca formal na 1 <sup>a</sup> posição: S_	0,378	35	0,55	55	0,48	70
2 <sup>a</sup> posição, zero na 1 <sup>a</sup> posição: 0__	0,861	85	(105/105)	100	(34/34)	100
2 <sup>a</sup> posição, numeral sem –s na 1 <sup>a</sup> posição: N_	0,628	29			0,57	62
Numeral de mais de uma palavra antecedente [NN(N)_]	0,619	27	0,63	58	0,68	67
Mais de uma marca antecedente [SS(S)_]	(14/12)	54	0,60	70	0,62	72
Mistura de marcas com marca antecedente [y(x)x_]	0,339	29	0,41	54	0,56	59
Mistura de marcas com zero antecedente [x(y)0_]	0,055	2	0,06	6	0,07	8

O factor amalgamado mais de uma marca antecedente [(SS(S)\_)] não foi por nós levado à rodada VARBRUL, devido ao seu reduzido número de ocorrências (apenas 26). O percentual de marcação situa-se no patamar da neutralidade (54%), não acompanhando plenamente a tendência percentual para favorecer a marcação do MRJ (70%; pr. 0,60), mas aproximando-se do percentual da NURC (56%; pr. 0,62). Sobre a necessidade de este factor ser analisado à luz da sua relação com a variável social *escolaridade*, já nos pronunciámos também (ponto 4.1.2.4.1).

Relativamente ao factor *mistura de marcas com marca antecedente* [y(x)x-], os nossos dados (pr. 0, 339) contrariam os da NURC, que apresenta uma tendência favorecedora da pluralização próxima da neutralização (pr. 0,56), mas revelam comportamento semelhante aos do MRJ, a inibirem também a marcação PL (pr. 0,41). Note-se ainda que, nas nossas ocorrências, a tendência para a inibição é em tudo semelhante à das cadeias sintagmáticas de apenas dois itens (S\_ = pr. 0,368), não se registando uma alteração no padrão da pluralização quando ocorre marcação na primeira oportunidade. Ao que tudo indica, o comportamento deste factor amalgamado confirma que, no PA, a actuação da hipótese funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195), observada para as cadeias de dois elementos (DET+N), se estende também às estruturas de mais de dois elementos, inserindo-se a marcação apenas quando ela é fundamental para indicar a ideia de pluralidade, isto é, na primeira oportunidade.

Sobre o factor amalgamado *mistura de marcas com zero antecedente* [x(y)0-], que apresenta inibição categórica em todas as variedades, relembramos, uma vez mais, a necessidade de o mesmo ser observado sob a perspectiva da sua clássica configuração estrutural, envolvendo adjectivos ou o quantificador “todo/tudo” pós-nucleares.

Quanto ao factor amalgamado numeral de mais de uma palavra antecedente [NN(N)\_], adiantámos já algumas observações, nomeadamente em relação ao facto de exhibir tendência para favorecer ligeiramente a inserção PL (pr. 0,619) e indicar não-distinção entre numerais terminados em *-s* e numerais não finalizados em *-s*. Ainda assim, os resultados para o nosso factor amalgamado não vão totalmente ao encontro dos achados na NURC (N\_ = pr.0,57; NN(N)\_ = pr. 0,68), que sugere que “*os numerais favorecem mais a concordância do que marcas antecedentes, e mais ainda quando esses numerais são formados por mais de uma palavra*” (Lopes, 2001:212). De facto, como se pode confirmar, no PA apenas colhe a primeira parte desta premissa, já que os numerais de mais de uma palavra apresentam um peso relativo bastante idêntico ao dos numerais de uma só palavra, mas abaixo destes (N\_ = pr.0,628; NN(N)\_ = pr. 0,619). Scherre (1988:177), por seu lado, tratou numerais de uma ou mais que uma palavra de forma idêntica, considerando-os como numerais (N\_).

#### **4.1.2.4.2.2. Factores amalgamados para estudo do efeito das *marcas precedentes* na marcação PL do elemento analisado: análise II**

P. Andrade (2003:99-100) centrou a sua atenção somente no item precedente, eliminando a problemática imposta pelas configurações das misturas de marcas. A diferença entre as análises da autora e as de Baxter (2009:280-282), no que se refere ao dialecto de HEL-Ba, prende-se com o facto de a primeira não ter feito distinção entre as posições ocupadas pelos elementos analisados e o segundo ter optado por analisar, em separado, os SN’s de dois itens e os SN’s de mais de dois itens, considerando, para estes, a presença ou ausência de marca formal de PL em qualquer dos elementos que os antecedem. Contudo, nenhum dos dois refere se foram levadas às amalgamações configurações com menos de cinco realizações.

Nesta fase das nossas análises, constituímos factores amalgamados de acordo com a metodologia de P. Andrade (2003:99), já descrita no ponto 4.1.2.4, elaborando-se os seguintes factores:

- (i) Factor amalgamado *presença de marca formal antes do elemento analisado*:
- S\_ (640 ocorrências)
  - SS\_ (26 ocorrências)
  - OS\_ (7 ocorrências)
- (ii) Factor amalgamado *presença de marca semântica antes do elemento analisado*:
- N\_ (412 ocorrências)
  - Ns\_ (278 ocorrências)
  - SN\_ (22 ocorrências)
  - ON\_ (13 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - NN(N)\_ (49 ocorrências)
  - NNs(N)\_ (9 ocorrências)
- (iii) Factor amalgamado *ausência de marca no elemento anterior*:
- 0\_ (46 ocorrências)
  - S0\_ (30 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - S00\_ (5 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - SM\_ (5 ocorrências)
  - N0\_ (2 ocorrências)
  - Ns0\_ (5 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - NM\_ (5 ocorrências)

Novamente, voltámos a partir do princípio que os informantes não fazem a distinção entre numerais terminados em *-s* e numerais não finalizados em *-s*. Assim, aplicámos, para os factores N0\_ e Ns0\_, a metodologia de amalgamação da Tabela 19.4.

A Tabela 19.6 apresenta os resultados dos factores amalgamados, segundo metodologia de P. Andrade (2003:99). A amalgamação de factores da variável independente *marcas precedentes* apresenta agora um *log-likelihood* (-986,405) superior ao da Tabela 19.1 (-981,009), isto é, mais alto do que o do grupo de factores observados numa perspectiva individual. Nesta conformidade, a amalgamação da Tabela 19.6 é estatisticamente significativa, representando uma distinção linguística que não deve ser mantida para efeitos de análise. Este aspecto reforça o que temos vindo a referir, isto é, que a análise das *marcas precedentes* feita numa perspectiva ontogénica

permite não só observar melhor como a marcação PL é inserida, caso a caso, no elemento seguinte mas descortinar também quais são os fenómenos que poderão subjazer às inserções da pluralização. Quanto a nós, este aspecto vem também contribuir a favor do pressuposto de Guy (1981a:178), sobre a possibilidade de a variável independente *marcas precedentes* se revelar estatisticamente mais sólida se for tratada à escala individual.

**Tabela 19.6** *Efeito das marcas precedentes* na marcação PL dos itens do SN do PA.  
[Factores amalgamados – Análise II]

<i>Input desta rodada:</i> 0,450	<i>Log-likelihood:</i> -986,405	<i>Significância:</i> 0,025		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Presença de marca formal antes do item analisado	240/673	36	43	0,431
Presença de marca semântica antes do item analisado	223/783	28	51	0,541
Ausência de marca no item anterior	44/98	45	6	0,643
<b>Totais:</b>	<b>506/1.553</b>	<b>33</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Observemos agora os resultados comparativos entre o PA e o dialecto de HEL-Ba (P. Andrade, 2003:99):

**Tabela 19.7.** *Marcas precedentes*: contribuição dos factores amalgamados para a marcação PL do elemento analisado: 2 variedades de português.

<b>Factores</b>	<b>PA</b>		<b>HEL-Ba</b>	
	<b>Pr.</b>	<b>%</b>	<b>Pr.</b>	<b>%</b>
Presença de marca formal antes do item analisado	0,431	36	0,45	8
Presença de marca semântica antes do item analisado	0,541	28	0,59	12
Ausência de marca no item anterior	0,643	45	0,57	15

Procedendo à comparação dos resultados, é possível observar que ambos os dialectos apontam para um padrão de variação bastante idêntico no que concerne à totalidade os factores amalgamados da variável independente *marcas precedentes*. Assim, a presença de marca formal antes do elemento analisado inibe ligeiramente a pluralização nas duas variedades de português em termos bastante aproximados de pesos relativos (PA = pr. 0,431; HEL-Ba = pr. 0,45), verificando-se idêntico padrão de variação quando se analisa também o factor presença de marca semântica antes do item analisado, mas agora com um ligeiro favorecimento da marcação PL em moldes bastante próximos (PA = pr.

0,541; HEL-Ba = pr. 0,59). Relativamente ao factor ausência de marca no elemento anterior, verifica-se que favorece a inserção da pluralização nos dois dialectos, sendo o propiciamento ligeiramente mais acentuado no PA (PA = pr. 0,643; HEL-Ba = pr. 0,57), mas sem comprometer o diferencial geral de pesos registado entre ambos. No cômputo geral, é então possível corroborar P. Andrade (2003:100), que entende que, mais do que uma determinação interna à própria língua, como o defende Scherre (1988), o maior índice de marcas de PL parece estar ligado a factores de ordem social, como por exemplo a *escolaridade*, não se constatando que o Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) detenha influência de monta na CPL-var de ambos os dialectos.

O estudo comparado do modo como o grupo de factores *marcas precedentes* intervém na marcação PL do item posterior de diferentes variedades parcialmente reestruturadas de português permitem considerar a forte probabilidade de o português adquirido em situação de contacto por falantes de um CP manifestar os mesmos padrões de variação do português adquirido numa situação de transmissão linguística irregular na qual a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a). Esta conclusão vem reforçar, igualmente, a probabilidade de, no PA e no PVB, a CPL-var ser fortemente condicionada pela indicação do PL na primeira oportunidade (cf. Kiparsky, 1972:195), por norma o item colocado na posição imediatamente anterior ao núcleo do SN, devido à influência que ancora nas línguas de substrato africano (Guy, 1981a:301-302) do grupo níger-congo atlântico (Baxter, 2009:292). Nestas, como se viu (ponto 1.4.2 do presente trabalho), predomina o uso de classificadores nominais em posição inicial, em forma de prefixo ou clítico. Deste modo, interessa também comparar factores amalgamados não só do PA com os do PT mas também do PA com os de HEL-Ba, seguindo-se a metodologia de Baxter (2009:280-282), a fim de podermos verificar se o padrão de variação entre o PA e HEL-Ba se mantém idêntico, estendendo-se tal similaridade de variação ao padrão do PT. Confirmar-se-á assim, ou não, a predição de que o português adquirido em situações de transmissão linguística irregular manifesta o mesmo padrão de variação havendo, ou não, interferência de um CP no processo de aquisição.

#### 4.1.2.4.2.3. Factores amalgamados para estudo do efeito das *marcas precedentes* na marcação PL do elemento analisado: análise III.

Baxter (2009:280-282) incluiu SN's de dois itens e SN's de mais de dois itens em factores distintos. De acordo com esta metodologia, elaborámos os seguintes factores amalgamados:

- (i) Factor amalgamado *numeral na 1ª. posição, item analisado na segunda posição*:
  - N\_ (412 ocorrências)
  - Ns\_ (278 ocorrências)
  - NN(N)\_ (49 ocorrências)
  - NNs(N)\_ (9 ocorrências)
- (ii) Factor amalgamado *mistura de marcas precedentes com marca formal, item analisado na 3ª. posição*:
  - SS\_ (26 ocorrências)
  - SN\_ (22 ocorrências)
  - SM\_ (5 ocorrências)
- (iii) Factor amalgamado *mistura de marcas precedentes com zero, item analisado na 3ª. posição*:
  - S0\_ (30 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - S00\_ (5 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - 0S\_ (7 ocorrências)
  - 0N\_ (13 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - N0\_ (2 ocorrências)
  - Ns0\_ (5 ocorrências = *knockout* – 100% de ausências de marcação PL)
  - NM\_ (5 ocorrências)

Note-se que, uma vez mais, não fizemos distinção entre numerais terminados em *-s* e numerais não finalizados em *-s*. Nesta perspectiva, os factores N0\_ e Ns0\_ foram tratados como um só, seguindo-se a metodologia utilizada nas amalgamações descritas para as Tabelas 19.4 e 19.6. Os numerais de mais de uma palavra foram também entendidos como numerais de uma só palavra, visto termos concluído que os falantes não fazem distinção entre ambos. Por conseguinte, os primeiros (N0\_) foram encarados

como configurando um todo lexical que, na totalidade dos nossos dados, representam apenas duas realizações (retiradas das nossas rodadas) e não se antepõem imediatamente ao item analisado (Tabela 12.3). Assim sendo, os numerais de mais de uma palavra (NN(N)\_ e NNs(N)\_) foram incluídos no factor amalgamado *numeral na 1ª. posição, item analisado na segunda posição*.

Apresentam-se, na Tabela 19.8, os valores da rodada VARBRUL com os factores amalgamados de acordo com a metodologia de Baxter (2009:280-282):

**Tabela 19.8.** Efeito das *marcas precedentes* na marcação PL dos itens do SN do PA.  
[Factores amalgamados – Análise III]

<i>Input desta rodada:</i> 0,467		<i>Log-likelihood:</i> -972,255		<i>Significância:</i> 0,028	
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
2ª. posição, marca formal na 1ª. posição: S__	222/640	34	41	0,367	
2ª. posição, zero na 1ª. posição: 0__	39/46	85	3	0,854	
2ª. posição, numeral sem -s na 1ª. posição: N__	216/748	29	48	0,622	
3ª. posição, mistura de marcas precedentes com marca formal	23/53	43	4	0,467	
3ª. posição, mistura de marcas precedentes com zero	7/67	10	4	0,190	
<b>Totais:</b>		507/1.554	33	100	-

O *log-likelihood* da Tabela 19.8 (-972,255) é inferior ao da Tabela 10.2 (-981,009), fornecendo uma diferença de -8,754, que, multiplicada por dois, concede um valor de -17,508 para o qui-quadrado. Como o número de factores foi reduzido de 14 para 5, temos 9 graus de liberdade para uma significância de 0,028. A tabela do qui-quadrado exhibe o valor 16,919 para esta situação, confirmando-se que as amalgamações da Tabela 19.9 são estatisticamente significativas. Nesta conformidade, representam uma distinção linguística que não pode ser considerada para efeitos de análise. Reforça-se então, mais uma vez, a vantagem de a análise das *marcas precedentes* ser feita numa perspectiva ontogénica.

A presente amalgamação de factores confirma o padrão de influência na marcação que recai sobre os itens em 2ª. posição do PA. Assim, as rodadas VARBRUL efectuadas apresentam pesos relativos aproximados para os mesmos factores, quer em rodadas com factores individuais quer em análises com factores amalgamados, asseverando que o

item com marca formal na 1ª. posição inibe consideravelmente a pluralização no elemento seguinte (Tabela 19.1 = pr. 0,368; Tabela 19.4 = pr. 0,378; Tabela 19.8 = pr. 0,367), enquanto a presença na mesma posição de um marcador semântico a favorece moderadamente (Tabela 19.1 = pr. 0,607; Tabela 19.4 = pr. 0,628; Tabela 19.8 = pr. 0,622). Por seu lado, a ausência de marcação formal na 1ª. posição conduz a um favorecimento categórico da marcação PL do item em 2ª. posição no SN (Tabela 19.1 = pr. 0,855; Tabela 19.4 = pr. 0,861; Tabela 19.8 = pr. 0,854).

Relativamente aos factores amalgamados, o padrão de marcação sofre alterações consideráveis, principalmente no que concerne ao factor amalgamado com zero antecedente. Observando o factor amalgamado que engloba a mistura de marcas com marca antecedente (se assim se pode dizer), verifica-se que o mesmo se apresenta como inibidor da marcação no PA, indo o grau de inibição desde a ausência categórica de marcação, segundo a metodologia de Scherre (1988:177) e Lopes (2001:205-205) (Tabela 19.4 = pr. 0,339), até à inibição suave, de acordo com a metodologia de P. Andrade (2003:99) (Tabela 19.6 = pr. 0,431) e Baxter (2009:280-282) (Tabela 12.8 = pr. 0,467).

No que concerne à mistura de marcas com zero antecedente, ancora neste factor uma discrepância de resultados que analisaremos em detalhe. As metodologias de Scherre (1988:177), Lopes (2001:204-205) e P. Andrade (2003:99) assemelham-se bastante, já que tiverem em conta a presença de zero antes do item analisado. Contudo, os valores obtidos revelam-se completamente divergentes, já que a amalgamação segundo Scherre (1988:177) e Lopes (2001:204-205) se mostra categoricamente inibidora da pluralização (Tabela 19.4 = pr. 0,055), enquanto a junção de factores de acordo com o entendimento de P. Andrade (2003:99) produz um resultado que aponta para a inserção moderada da marcação PL (Tabela 19.6 = pr. 0,643). Contudo, esta discrepância não surpreende, já que P. Andrade (2003:99), ao incidir a sua atenção unicamente no item que antecede o elemento analisado, acabou por constituir um factor amalgamado em tudo idêntico ao da 2ª. posição, zero na 1ª. posição (0\_), que, aliás, foi incorporado à amalgamação em causa. Este factor, como foi sobejamente observado, é categoricamente propiciador da marcação, acabando os resultados finais das misturas de marcas, também favorecedores, por espelharem, redundantemente, os valores do factor 2ª. posição, zero na 1ª. posição.

Baxter (2009:281), por seu lado, levou em consideração, para as misturas de marcas, a ocorrência em qualquer posição antecedente. Ainda assim, os resultados a que chegou indiciam uma inibição categórica tanto para HEL-Ba (Tabela 19.9 = pr. 0,099) como para o PT (Tabela 19.9 = pr. 0,190).

Na Tabela 19.9 exibem-se os resultados comparativos entre o PA, o dialecto de HEL-Ba e o PT (Baxter, 2009:281). Comparando os dados do PA com os dos outros dois dialectos, note-se que, para a mistura de marcas com marca antecedente, HEL-Ba, à semelhança do PA, apresenta sempre um padrão de inibição, embora menos oscilante [Tabela 19.7, metodologia de P. Andrade (2003:99) = pr. 0,45; Tabela 19.9, metodologia de Baxter (2009:181) = pr. 0,412]. Olhando atentamente para a flutuação apontada para o PA nas três metodologias de amalgamação, constata-se que as que seguiram os pontos de vista de P. Andrade (2003:99) e Baxter (2009:181) apresentam valores aproximados (Tabela 19.6 = pr. 0,432; Tabela 19.8 = pr. 0,467), sendo a discrepância maior decretada pela amalgamação segundo o entendimento de Scherre (1988:177) e Lopes (2001:204-205) (Tabela 19.4 = pr. 0,339).

**Tabela 19.9.** *Marcas precedentes*: contribuição dos factores amalgamados para a marcação PL do elemento analisado: 3 variedades de português.

Factores	PA		HEL-Ba		PT	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
2 <sup>a</sup> posição, marca formal na 1 <sup>a</sup> posição: S__	0,367	41	0,499	8	0,583	48
2 <sup>a</sup> posição, zero na 1 <sup>a</sup> posição: 0__	0,854	3	0,844	56	0,651	36
2 <sup>a</sup> posição, numeral sem -s na 1 <sup>a</sup> posição: N__	0,622	48	0,641	14	0,413	21
3 <sup>a</sup> posição, mistura de marcas precedentes Com marca formal	0,467	4	0,412	12	0,557	52
3 <sup>a</sup> posição, mistura de marcas precedentes com zero	0,190	4	0,099	3	0,190	7

Continuando a analisar o mesmo factor (*mistura de marcas com marca antecedente*), detecta-se também um paralelo de marcação, agora favorecendo muito ligeiramente a marcação PL em pesos idênticos, entre a NURC (Tabela 19.5 = pr. 0,56) e o PT (Tabela 19.9 = pr. 0,557). Este aspecto vem, confirmar, quanto a nós, que a inserção de marcas determinada pelo Princípio do Processamento Paralelo, conforme o advogam Scherre (1988:208) e Lopes (2001:212), não é senão aparente. De facto, não restam dúvidas que

a NURC e o PT estarão num estágio mais avançado de aquisição da regra de concordância PL, quando comparados com HEL-Ba e o PA. Estágio esse que se fica a dever, não a factores linguísticos, mas antes a condicionantes estritamente sociais, como o grau de *escolaridade* (no caso da NURC) ou o prolongado contacto com o PE (na situação do PT).

No que diz respeito ao factor *mistura de marcas com zero antecedente*, nota-se que os resultados de Baxter (2009:181) (HEL-Ba = pr. 0.099; PT = pr. 0,190) se demarcam claramente dos de P. Andrade (2003:99) (Tabela 19.7 = pr. 0,57), revelando-se bastante mais consentâneos com os das outras variedades de português: PA (Tabela 19.8 = pr. 0,190); NURC (Tabela 19.5 = pr. 0,07). A discrepância do resultado de P. Andrade (2003:99) exibida neste factor tem a ver com o facto de a amalgamação levada a cabo por esta não ser mais do que uma redundância do factor *2ª. posição, zero na 1ª. posição (0\_)*, como apontámos já.

As incongruências no que se refere às amalgamações do grupo de factores *marcas precedentes* chegam mesmo a ser surpreendentes, se levarmos em conta também que os vários testes do qui-quadrado por nós efectuados consideram como não estatisticamente significativas as amalgamações segundo a metodologia de P. Andrade (2003:99), logo, uma distinção linguística válida para efeitos de análise. Estes aspectos vêm, quanto a nós, trazer à evidência que as amalgamações de factores não podem ser levadas a cabo de “ânimo leve”, exigindo-se, para a sua constituição, reflexão cuidada e metodologia científica apropriada, sob pena de se obterem resultados que não traduzem a realidade dos factos linguísticos inerentes à comunidade em observação. Assim, e em última análise, reforça-se, indubitavelmente, a nossa perspectiva de a variável independente *marcas precedentes* ser analisada de forma ontogénica (cf. Guy, 1981a:178), sob pena de se elaborarem, para resultados viciados, pressupostos linguísticos falaciosos.

De qualquer forma, e independentemente das incongruências registadas, é nosso entender que os resultados fornecidos para o modo como o grupo de factores *marcas precedentes* intervém na marcação PL do item posterior das diferentes variedades parcialmente reestruturadas de português apontam para um padrão de variação bastante idêntico em todas elas. Nesta conformidade, reforçamos também o nosso entendimento de que o português adquirido em situação de contacto por falantes de um CP manifesta

os mesmos padrões de variação do português adquirido numa situação de transmissão linguística irregular na qual a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a). Pressuposto este que nos leva, de novo, à questão da CPL-var ser fortemente condicionada, nos diferentes dialectos observados, pela indicação do PL na primeira oportunidade (Kiparsky, 1972:195), por influência dos sistemas estruturais africanos (cf. Guy, 1981a:301-302), sobretudo do grupo níger-congo atlântico, e não pelo Processamento Paralelo, como advoga Scherre (1988:208). Assim sendo, estará também descartada a possibilidade de as variedades de português em análise manifestarem o mesmo padrão de variação do EPR, em que marcas levam a marcas e zeros conduzem a zeros.

#### **4.1.2.4.3. Relação entre *marcas precedentes*, *posição linear* e *classe gramatical* na marcação PL dos itens do SN**

Scherre (1988:183) efectuou ainda, como se adiantou já, extensos testes em que cruza *marcas precedentes*, *posição linear* e *classe gramatical*. Com estes, a autora buscou confirmar não só se as marcas formais ou zeros afectam de modo idêntico todas as classes gramaticais em função da sua posição na cadeia sintagmática, inclusive as situações de SPREP'S, mas também se existe realmente um paralelo entre determinantes e primeira posição, substantivos e segunda posição e adjectivos e terceira posição (cf. Guy, 1981b:179).

Ao cruzar apenas *classe gramatical* e *posição linear*, Scherre (1988:156) concluiu que as classes gramaticais apresentam comportamentos distintos em função das diferentes posições que ocupam na cadeia do SN. Os substantivos, por exemplo, são menos marcados na segunda do que na terceira posição, enquanto os adjectivos e o possessivos sofrem marcação inversa, isto é, surgem mais marcados na segunda do que na terceira posição. Por seu lado, o quantificador é pouco marcado em qualquer destas posições. Ao observar, depois, o comportamento das *marcas precedentes*, Scherre (1988:168) referiu mais dois aspectos a ter em conta nos seus dados: (i) o tipo e quantidade de marcas precedentes têm influência directa na presença ou ausência de marcas seguintes; (ii) a ausência de marca precedente (/\_) e a não-marcação na primeira posição (0\_) têm efeito regular e quase categórico sobre qualquer classe gramatical.

Analisando a relação entre os três grupos de factores referidos, Scherre (1988:183) procura respostas não só para o comportamento dos itens morfológicos em função das restantes posições ocupadas na cadeia sintagmática mas também para o das próprias configurações sintagmáticas. Assim, no que concerne às terceiras, quarta e quinta posições, todas as classes gramaticais apresentam, segundo a autora, um comportamento regular em termos de efeito exercido pelas *marcas precedentes*, confirmando-se o Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208). Como tal, e segundo Scherre (1988:190-191), os substantivos demonstram preferência por realizações do tipo SS\_ (duas marcas formais antecedentes) ou yx- (marcação ou não-marcação formal na 1ª. posição e item representado por marcação formal ou semântica na 2ª. posição), enquanto os adjectivos são uniformemente realizados em sequências do género SS\_, yx- e x0- (item antecedente não-adjacente representado por marcação formal ou semântica na 1ª. posição e não-marcação na 2ª. posição). Quanto aos quantificadores e possessivos, mostram apetência por sequências x0- e praticamente não ocorrem em configurações do tipo yx-.

As observações de Scherre (1988:192) dirigem-se depois para o comportamento das classes gramaticais em SN's mais altos, a fim de constatar se as mesmas são afectadas pelas marcas precedentes. Como não analisamos este tipo de configurações, limitamo-nos a referir que, segundo a autora, a configuração SPrepS- (núcleo nominal mais alto com marca formal de PL) favorece mais a marcação no substantivo seguinte do MRJ, enquanto a ocorrência SPrep+S\_ (núcleo nominal mais alto com marca formal de PL seguido e item com marcação formal de PL) propicia a marcação em substantivos e adjectivos. Em oposição, o SPrep0\_ (núcleo nominal mais alto sem marca formal de PL) desfavorece a inserção da pluralização em substantivos, tal como a estrutura SPrep+0\_ (núcleo nominal mais alto sem marca formal de PL seguido de item sem marcação formal de PL) inibe a marcação em adjectivos. Contudo, a configuração SPrep0\_ revelou que, caso a preposição seja seguida de indefinido (segunda posição, portanto), este apresenta uma marcação plena. Perante este facto, Scherre (1988:194) decidiu constatar se as outras classes gramaticais em segunda posição sofrem igual afectação por parte dos diferentes elementos que as precedem, o que acabou por não se confirmar. Assim, caso ocorra marcação na primeira posição, o efeito da mesma sobre o elemento

em segunda posição varia de acordo com a classe gramatical. Por outro lado, a ausência de marcação na primeira posição conduz à inserção de marca no elemento seguinte, independentemente da classe gramatical a que este pertence. Neste aspecto, e como referimos no final do ponto 4.1.2.4.2.3, as variedades de português por nós observadas diferenciam-se do espanhol, já que, neste, a não-marcação na primeira posição leva a zeros tanto no item seguinte como no terceiro elemento da cadeia sintagmática (Poplack, 1980a, 1981), sendo a informação semântica da pluralização, nestes casos, captada em função do contexto.

Por fim, Scherre (1988:197) procurou ainda confirmar qual a influência dos numerais em primeira posição sobre os elementos gramaticais em segundo lugar. Não obstante, como aqueles ocorrem apenas com substantivos ou categorias substantivadas, a análise inviabilizou-se no que concerne às restantes categorias gramaticais. Quando efectuarmos a análise da influência da variável independente *contexto fonológico posterior* (capítulo 5) na marcação do elemento antecedente, iremos abordar a questão da influência dos numerais sobre os substantivos, uma vez que a mesma interessa para questões que motivam tal marcação.

#### **4.1.2.4.4. Análises alternativas considerando *marcas precedentes*, *posição linear* e *classe gramatical***

Scherre (1988:198) levou ainda a cabo mais quatro tipos de análises alternativas, considerando diferentes factores para as variáveis independentes *marcas precedentes*, *posição linear* e *classe gramatical*, a fim de tentar provar que a posição isolada de *marcas precedentes* e *classe gramatical* não dá conta da totalidade dos fenómenos linguísticos que se pretendem estudar. Contudo, é de referir que, devido não só ao facto de discordarmos da metodologia das amalgamações de Scherre (1988:177) e Lopes (2001:204-205), como temos vindo a dar conta, mas também por concordarmos com o pressuposto de Guy (1981a:178) no que concerne ao facto de a variável independente *marcas precedentes* se apresentar mais sólida quando observada ontogenicamente, como confirmámos nos pontos 4.1.2.4.1, 4.1.2.4.2 e 4.1.2.4.3, não vislumbramos vantagem em buscar um paralelo entre os nossos factores e os agora constituídos por Scherre, a fim de se compararem resultados. Aliás, voltamos a referir que, pelo facto de as amalgamações de factores levadas a cabo por Scherre (1988:177) incluírem ocorrências que

configurarão meros idiolectos, poderão apresentar resultados viciados. Como tal, importará então referir apenas os tipos de análises efectuados pela autora e as conclusões que a mesma delas retirou. Em etapas posteriores do nosso trabalho, poderemos lançar mão de algumas destas conclusões, caso elas se revelem pertinentes para sustentarmos pontos de vista das nossas análises.

A fim de efectuar comparações com os resultados apresentados por Guy (1981a:168-180), Scherre (1988:198) levou em conta, para a sua primeira análise, quatro factores para a variável independente *posição linear* e cinco factores para o grupo de factores *marcas precedentes*. Ainda assim, estes factores apresentam ligeiras diferenças, se comparados com os de Guy (1981a:170-177) – que não efectuou cruzamentos com a variável independente *classe gramatical* –, justificadas por Scherre (1988:199) com a necessidade de permitirem também comparações com os dados da sua segunda análise. Nesta, mantiveram-se inalteráveis as variáveis independentes *posição linear* e *classe gramatical*, mas foram incluídos nove factores no grupo de factores *marcas precedentes*, constituídos com base na linha observada por Poplack (1980a), e que torna este grupo uma quase subdivisão da variável *posição linear* (Scherre, 1988:199).

Na primeira análise, os resultados de Scherre (1988:204) e Guy (1981a:179) apresentam-se bastante semelhantes e confirmam números anteriores, com a ausência de marcação formal na primeira posição favorecendo a concordância e a presença de pelo menos uma marca antes do item analisado desfavorecendo-a. Este desfavorecimento acentua-se caso a marca formal não se encontre em posição adjacente. Em adição a estas observações, foi também possível constatar que tanto o numeral como o SPREP, ambos detentores de marcas semânticas de PL, apresentam comportamentos distintos, com o primeiro favorecendo ligeiramente a marcação e o segundo inibindo-a suavemente. Com vista a conseguir uma resposta acerca das motivações que conduzem a tais comportamentos, Scherre (1988:205) levou então a cabo a segunda análise.

Os resultados obtidos não só ajudaram a autora a tentar sustentar os pressupostos do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) como lhe permitiram lançar um olhar sobre estruturas que estariam parcialmente encobertas na primeira análise. Assim, quer os SPREP's que contenham um *-s* (SPreps) quer os que são seguidos de *-s* (SPrep+s) conduzem à inserção de marcas nos elementos analisados (pr. 0,70 e pr. 0,77,

respectivamente), enquanto os SPREP's que contêm um zero (SPrep) ou são seguidos de zero (SPrep+0) favorecem a inibição no item que lhes é posterior (pr. 0,40 e 0%, respectivamente). Este comportamento regular de marcas levarem a marcas e zeros originarem zeros apenas é contrariado pela configuração zero na primeira posição (0\_), que favorece a marcação (100%), tal como havia já sido verificado na primeira análise alternativa.

Com base nas subdivisões efectuadas aos SPREP's, Scherre (1988:207) postula que não é a configuração SPrep que desfavorece a marcação, como até então havia sido aventado por todos os estudos em sociolinguística variacionista, mas sim o SPrep0(0)\_. Como estes incluem a grande maioria de ocorrências (92%), condicionariam a observação do grupo SPrep, em que estariam inseridos conjuntamente com os SPrep(x)s-, que favorecem a inserção PL. Contudo, no que concerne a estes, achamos pertinente voltar a referir que, nos dados de Scherre (1988:205), os mesmos apenas apresentam um total de 16 realizações. Tendo em conta que um valor abaixo das trinta ocorrências deixa de ser confiável para a determinação do peso que um factor pode ter no grupo de factores em que está inserido (Guy & Zilles, 2007:153), e face à impossibilidade de este factor ser amalgamado com outro(s), deveria ter sido excluído das rodadas. Como tal não sucedeu, o peso relativo apresentado por Scherre (1988:205) poderá ser questionado quanto à sua transparências em termos de realização comunitária. Por outro lado, a metodologia seguida pela autora, no que respeita à questão da subdivisão dos SPREP's, acaba por reforçar ainda mais a nossa perspectiva sobre a necessidade de se analisar o grupo de factores *marcas precedentes* à escala ontogénica, a fim de se descortinarem fenómenos que poderão estar a ser encobertos pelas amalgamações. Aliás, Tagliamonte (2006:157) alerta para o encobrimento de generalizações linguísticas válidas originadas pelo fenómeno de “*kitchen sink effect*”, caso, guiado apenas pelo esquisso de que as amalgamações fortalecem mais a variável independente, o pesquisador opte por colocar “tudo” o que partilhe traços ou características no mesmo factor do grupo de factores.<sup>170</sup>

Regressando aos achados de Scherre (1988:2007), os mesmos permitiram que a autora continuasse a buscar explicações que justificassem, em termos do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), as motivações que levam o numeral e o

SPREP a apresentarem comportamentos distintos: a carga semântica anexa ao SPrep(x)s- favorece mais a aplicação da regra do que a dos numerais, porque duas marcas levam a mais marcas. Por seu lado, o numeral na primeira posição, devido à carga semântica de pluralidade que carrega, favorece mais a inserção de PL do que a configuração SPrep(0)\_. Esta, por sua vez, vê o seu peso semântico de pluralidade neutralizado pelo zero formal, registando então valores inibidores. Por fim, o factor x(y)0\_, que não contém intrinsecamente qualquer marca semântica de PL, apresenta um índice superior de inibição, se contrastado com o factor SPrep(0)\_.

Em termos de processamento paralelo (Scherre, 1988:208) foi também avançada a explicação para as divergências exibidas entre as diferentes configurações que encerram marcas formais de PL: mais marcas de uma só natureza [SS(S)\_] levam a mais marcas do que uma só marca [S\_] ou marcas de natureza distinta [y(x)x\_ (pelo menos um s- precedente não mediado por zero) e x(y)0\_ (pelo menos um zero precedente não mediado por s-, com marca na primeira posição)] (Scherre, 1988:208).

Concluídas as análises e observados os seus resultados, Scherre (1988:209) parte para a análise do comportamento da *classe gramatical* face às duas variáveis independentes estudadas. Os resultados evidenciaram probabilidades semelhantes entre as duas análises, mas a autora percebeu que não ocorria uma linha geracional natural, em termos das realizações de crianças e adultos, envolvendo classes gramaticais. Adicionalmente, apesar de verificar que a primeira posição é aquela que mais favorece a regra de concordância, Scherre entende que a variável independente *posição linear* não só não é, isolada, a mais forte das três em discussão como provoca também interferências com outras variáveis, que conduzem a resultados indesejáveis. Como tal, volta a contrariar a suposição de Guy (1981a:179) de que *marcas precedentes* não devem ser cruzadas com *posição linear* e reforça o pressuposto de que todas elas devem ser estudadas em conjunto. Assim, decide transformar os grupos de factores *classe gramatical* e *posição linear* numa só variável independente, que vai observar em paralelo com o grupo de factores *marcas precedentes*. A partir deste momento, Scherre (1988:212) opta também por abandonar a primeira análise alternativa, não só por considerar que esta provoca uma desvinculação entre as variáveis *marcas precedentes* e *posição linear* mas também por entender que a segunda análise é a reveladora de melhores resultados linguísticos.

Ainda assim, e antes de proceder à fusão das duas variáveis, Scherre (1988:214) efectua um cruzamento entre ambas e torna a concluir que não se pode estabelecer identidade ou paralelo entre elas, conforme advogado por Guy (1981a:179). A conclusão da autora tem como sustentação o facto de o comportamento das categorias não-nucleares do SN dever ser observado em função do modo como elas se distribuem em torno do núcleo e não da sua classe gramatical. Este aspecto reforça, uma vez mais, a necessidade de se fundirem classe e posição, o que leva à constituição da variável independente *relação entre os elementos do SN*, observada em sintonia com o grupo de factores *marcas precedentes* da segunda análise (Scherre, 1988:219). Para a criação dos nove factores da nova variável independente, a autora amalgamou os elementos não-nucleares em função da localização pré ou pós-nuclear, por um lado, e considerou os itens nucleares em função da sua posição na cadeia do SN, por outro lado. No entanto, mais uma vez, não foi efectuado o teste do qui-quadrado para se confirmar se as amalgamações são ou não estatisticamente significativas.

Os resultados mostram que os substantivos e categorias substantivadas são sempre menos marcados na segunda posição do SN, enquanto as classes gramaticais não-nucleares, independentemente da sua categoria, têm mais probabilidades de apresentarem marcação se estiverem antepostas ao núcleo do SN, do que se ocorrerem depois deste. Como tal, o SN apresentará uma coesão inquestionável, já que “*os elementos não-nucleares se agrupam em função da sua relação com o núcleo do SN e os núcleos se agrupam em termos da posição que ocupam dentro do SN*” (Scherre, 1988:221). Paralelamente, os únicos itens que admitem elementos entre eles serão os substantivos e os elementos que se lhes pospõem, já que entre as realizações antepostas e os seus núcleos não são admitidos, ou raramente são admitidos, outros intervenientes. Scherre (1988:222-223) justifica este comportamento apelando ao Princípio da Iconicidade ou da Motivação Icónica (Haiman, 1983:782), que defende que, quanto mais coesão existe entre os itens, mais marcas co-ocorrem (os elementos pré-nucleares estabelecem uma relação mais formal com o seu núcleo, daí deterem mais inserções para marcarem a inseparabilidade). Como tal, e correspondendo ao oposto do princípio (quanto menos marcas, menos coesão), os itens pós-nucleares marcam a sua menor coesão sintagmática com o núcleo, admitindo maior inibição formal do número.

Scherre (1988:223) aborda também o comportamento dos pronomes pessoais, explicando a sua forte tendência para favorecerem a marcação em virtude de pertencerem a uma classe com paradigma bem definido. Os nossos dados não revelam ocorrências deste tipo, o que impossibilita quaisquer comparações entre o PA e MRJ, neste aspecto. De acordo com os seus resultados, Scherre (1988:227), postula que não se pode estabelecer um paralelo entre determinantes e primeira posição, substantivos e segunda posição e adjetivos e terceira posição, como fora preconizado por Guy (1981b:179), sem que se percam factos linguísticos importantes.

Na quarta análise, Scherre (1988:227-228) constata ainda mais algumas ocorrências: (i) o possessivo tem mais tendência a aceitar o artigo antes de si quando se encontra em posição pré-nuclear; (ii) o quantificador posposto surge, por vezes, realizado com recurso à forma invariável “tudo”, em substituição de “todos”; (iii) o adjetivo anteposto é, por norma, do tipo “avaliativo”, o que pode fazer pressupor que a sua maior tendência de marcação esteja relacionada com a questão do traço semântico e não da sua distribuição em torno do núcleo;<sup>171</sup> (iv) a presença de SS(S)\_ continua a favorecer mais a aplicação da marcação no elemento seguinte do que as marcas de natureza distinta [configurações y(x)x\_ (pelo menos um s- precedente não mediado por zero) e x(y)0\_ (pelo menos um zero precedente não mediado por s-, com marca na primeira posição)]. Em termos gerais, Scherre (1988: 233-235) conclui que a influência da variável independente *marcas precedentes* não encontra qualquer suporte funcionalista do tipo “kiparskiano”. Como tal, o que acontece é que ocorre um processamento paralelo de marcação, em que “*marcas conduzem a marcas, inclusive quando esta marca é semântica*” (Scherre, 1988:235). Este aspecto leva-nos, assim, à questão dos marcadores semânticos e à confrontação que Scherre estabeleceu entre os numerais e os SPREP’s que encerram em si informação do tipo semântico [SPrep(0)\_ e SPrep0(0)\_], aspectos que abordaremos no ponto 4.1.2.4.6 do nosso trabalho.

Depois de efectuadas as quatro análises alternativas e observados os seus resultados, Scherre (1988:240) conclui que, do ponto de vista estatístico, é de facto a análise que transforma as três variáveis independentes *marcas precedentes*, *posição linear* e *classe gramatical* em apenas duas – *marcas precedentes em função da posição* e *relação entre elementos não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN* – aquela que

se revela mais adequada para o estudo dos fenómenos linguísticos referidos durante as etapas do estudo por si realizadas. Esta análise, ainda segundo a autora, será a que melhor conta dá da descrição de aspectos regulares que envolvem, por exemplo, casos de poucas ocorrências. Aspectos estes que acabam também por trazer à evidência que o português e o espanhol, “*duas línguas que marcam a pluralidade da mesma forma, apresentam mais similaridades do que diferenças, no que diz respeito a um condicionamento forte não funcionalista no sentido de Kiparsky (1972)*” (Scherre, 1988:240-241).

#### **4.1.2.4.5. Faixas etárias e perfil de marcação motivado pelas marcas precedentes**

Ao analisar as probabilidades de concordância originadas pelas distintas classes gramaticais nas diferentes posições da cadeia linear do SN, Scherre (1988:208-210) constatou que, em crianças e adultos, as referidas classes não seguiam uma linha natural em termos de agrupamentos. Impossibilitada de estabelecer agrupamentos gramaticais homogêneos que lhe permitissem observar a influência dos mesmos na marcação PL exibida pelos SN's dos dois grupos etários, a autora optou mesmo por transformar *classe gramatical e posição linear* numa só variável, para a cruzar com as *marcas precedentes*, como referimos no ponto anterior. Esta metodologia vem ao encontro das próprias convicções de Scherre (1988:428), que entende que a simples distribuição etária não é suficiente para indicar estar-se perante uma mudança em curso.

Lopes (2001:210) analisa também o efeito da variável independente *marcas precedentes* na concordância PL da faixa etária mais idosa da NURC (+55 anos), mas comparando o grupo popular com o grupo universitário. Os resultados comprovam que ambos possuem diferentes gramáticas, com o primeiro apresentando um percentual de marcação próximo da neutralidade (58%) e o segundo um percentual roçando a concordância plena (97%). Em termos gerais, Lopes (2001:129-130) detectou também que os falantes menos idosos aplicam mais a regra de concordância e chega a aventar a possibilidade de existir conexão entre inibição e falantes de ancestralidade negra.

P. Andrade (2003:124-125), apenas apresenta valores gerais acerca da realização da concordância em número no SN em função das faixas etárias de HEL-Ba, concluindo

que a regra de concordância se encontra em processo de mudança aquisicional e que os falantes mais velhos são os que menos marcam o PL.

Baxter (2009:283), ao comparar os dados do PT e de HEL-Ba, chegou às mesmas conclusões de P. Andrade (2003:124-125): não só o PT e HEL-Ba estão em processo de mudança aquisicional como também são os falantes mais idosos que menos aplicam a regra de concordância. Porém, Baxter (2009:283) constata que os falantes das faixas etárias intermédias (faixas 2 e 3) constituem duas classes distintas: filhos de casais africanos e filhos de casais mistos (africano+tonga, isto é, nascido na Roça Monte Café). Assim, Baxter (2009:204) procede a uma análise para observar como ambos os grupos aplicam a concordância em número no SN e conclui que a origem dos pais tem influência nesta, uma vez que os filhos de pais africanos inibem a marcação (pr. 0,36) enquanto os filhos dos casais mistos a favorecem (pr. 0,63).

Jon-And (2008:4), tal como P. Andrade (2003:124-125), exhibe unicamente valores totais para a aplicação da regra de concordância. Os resultados indicam que, em Maputo, a idade menor favorece a aplicação da pluralização, muito provavelmente porque o português é, cada vez mais, a língua dominante na vida quotidiana da cidade, especialmente entre as gerações mais jovens. Para o PCV, Jon-And (2009) não observou o efeito do factor *idade* na marcação PL do SN.

Relembramos que o que se pretende observar nesta etapa do nosso trabalho é a influência das *marcas precedentes* na regra de concordância PL, ao longo das gerações. Como tal, os nossos dados apenas poderão ser comparados com os de Scherre (1988) e Lopes (2001), ainda assim parcialmente, dado que foram estas autoras as únicas a apresentar valores para este tipo de estudo, embora de forma distinta da nossa: Scherre (1988:209), para crianças e adultos; Lopes (2001:212-213), para a geração mais idosa das classes popular e universitária.

Exibem-se, na Tabela 19.10, os resultados que permitem aquilatar a forma como as *marcas precedentes* influenciam, geracionalmente, a regra da concordância em número no PA. Como se poderá verificar, optámos por incluir na tabela de resultados todos os factores com pelo menos cinco realizações a nível comunitário, de forma a conceder um panorama geral sobre o desenvolvimento da concordância ao longo das três gerações.

Observando-se a evolução geracional da regra de concordância PL motivada pelas *marcas precedentes*, detecta-se um perfil no PA que permite retirar algumas conclusões pertinentes. Antes de mais, note-se como é constante na comunidade, ao longos das gerações, a tendência para a não realização de SN's que envolvam três ou mais itens, isto é, sintagmas cuja concordância em número pressupõe um grau mais elevado de aquisição da respectiva regra. Relativamente aos SN's de estrutura simplificada (dois itens), a realização com marca formal na 1<sup>a</sup> posição (S\_) espelha uma linha geracional em direcção à aquisição da regra de concordância, com os mais idosos (FE-3) não favorecendo categoricamente a marcação (pr. 0,193), a geração intermédia (FE-2) inibindo-a moderadamente (pr. 0,370) e os mais jovens (FE-1) beneficiando-a mais, mas ainda assim sem conseguirem atingir o patamar da marcação positiva (pr. 0,462). Esta linha natural de aquisição é justificada, quanto a nós, pela entrada em jogo de factores sociais como a *escolaridade* ou a inclusão dos elementos masculinos nos quadros do exército colonial, que proporcionaram aos falantes almozarifanos um contacto mais acentuado com o PE.

No que concerne ainda a este factor, Scherre (1988:180) apresenta, para o MRJ, percentuais que indiciam uma linha oposta à do PA, uma vez que as crianças (41%) aparentam marcar menos o PL do que os adultos (55%). Não obstante, a leitura em termos de percentuais não oferece a mesma fiabilidade do que a dos pesos relativos, quando se pretende observar o comportamento de determinados fenómenos em análises quantitativas. Relativamente aos dados de Lopes (2001:215), constata-se que os falantes mais idosos do grupo popular (pr. 0,44) estarão já num estágio de aquisição da regra de concordância bastante próximo daquele que é exibido pela geração mais jovem do PA (pr. 0,462). Olhando também para os informantes universitários da mesma faixa etária desta variedade brasileira de português, é possível constatar que a variável social *escolaridade* leva a que a regra da concordância se manifeste já, embora de modo bastante ténue (pr. 0,53). Contudo, a generalidade dos dados vêm confirmar, uma vez mais, o que temos vindo a afirmar: o PA estará num estágio mais baixo do que estas duas variedades, no que concerne à aquisição da regra PL.

**Tabela 19.10.** Efeito das marcas precedentes na marcação PL dos itens do SN do PA: *faixas etárias*.

	<i>Input desta rodada: 0,504</i> <i>Log-likelihood: -981,009</i> <i>Significância: 0,011</i>			<i>Input desta rodada: 0,196</i> <i>Log-likelihood: -187,390</i> <i>Significância: 0,034</i>		
	<b>Comunidade</b>			<b>FE-3 (+60 anos)</b>		
<b>Marcas Precedentes</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
2 <sup>a</sup> posição, marca formal na 1 <sup>a</sup> posição: S	222/640	35	0,368	22/130	17	0,193
3 <sup>a</sup> posição, 2 marcas formais precedentes: SS	(14/26)	54	-	(1/2)	50	-
S0	(0/30)	0	-	(0/8)	0	-
S00	(0/5)	0	-	(0/1)	0	-
SM	(2/5)	40	-	-	-	-
SN	(7/22)	32	-	(1/5)	20	-
2 <sup>a</sup> posição, zero na 1 <sup>a</sup> posição: 0	39/46	85	0,855	(1/2)	50	-
0S	(4/7)	57	-	-	-	-
0N	(0/13)	0	-	(0/8)	0	-
2 <sup>a</sup> posição, numeral sem –s na 1 <sup>a</sup> : N	121/412	29	0,607	25/145	17	0,748
2 <sup>a</sup> posição, numeral em –s na 1 <sup>a</sup> : Ns	79/278	28	0,556	12/95	13	0,574
Ns0	(0/5)	0	-	(0/2)	0	-
NM	(2/5)	40	-	(0/2)	0	-
NN(N)	14/49	29	0,616	(0/6)	0	-
NNs(N)	(2/9)	22	-	(0/1)	0	-
	<i>Input desta rodada: 0,371</i> <i>Log-likelihood: -357,976</i> <i>Significância: 0,018</i>			<i>Input desta rodada: 0,738</i> <i>Log-likelihood: -411,403</i> <i>Significância: 0,039</i>		
	<b>FE-2 (41 – 60 Anos)</b>			<b>FE-1 (20 – 40 Anos)</b>		
<b>Marcas Precedentes</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
2 <sup>a</sup> posição, marca formal na 1 <sup>a</sup> posição: S	67/197	34	0,370	133/313	43	0,462
3 <sup>a</sup> posição, 2 marcas formais precedentes: SS	(6/9)	67	-	(7/15)	47	-
S0	(0/15)	0	-	(0/7)	0	-
S00	(0/2)	0	-	(0/2)	0	-
SM	-	-	-	(2/5)	40	-
SN	(3/4)	75	-	(3/13)	23	-
2 <sup>a</sup> posição, zero na 1 <sup>a</sup> posição: 0	29/33	88	0,817	(9/11)	82	-
0S	(1/4)	25	-	(3/3)	100	-
0N	(0/2)	0	-	(0/3)	0	-
2 <sup>a</sup> posição, numeral sem –s na 1 <sup>a</sup> : N	27/139	19	0,533	69/128	54	0,571
2 <sup>a</sup> posição, numeral em –s na 1 <sup>a</sup> : Ns	20/88	23	0,602	47/95	50	0,527
Ns0	(0/1)	0	-	(0/2)	0	-
NM	(1/2)	50	-	(1/1)	100	-
NN(N)	(8/27)	30	-	(6/16)	38	-
NNs(N)	(1/3)	33	-	(1/5)	20	-

Para a configuração *ausência de marca formal na 1<sup>a</sup> posição (0\_)*, possuímos apenas o peso relativo da segunda geração (pr. 0,817), que favorece acentuadamente a marcação, num valor muito próximo daquele que é exibido pela comunidade (pr. 0,855). O percentual de marcação que ocorre na geração mais nova (82%) deixa antever que este será um padrão que não revela flutuações geracionais. Todavia, o baixo número deste tipo de configuração na geração mais idosa (apenas duas ocorrências) faz pressupor uma forte tendência de esta faixa etária marcar funcionalmente o PL logo na primeira oportunidade, a categoria DET, originando, de preferência, a estrutura que apresenta marca formal na 1<sup>a</sup> posição (S\_). O reduzido número de ocorrências da configuração 0\_ é também uma realidade no MRJ e na NURC, variedades em que, como vimos, todas as gerações beneficiam a pluralização. Estes aspectos permitem que se estabeleça um paralelo com os pressupostos avançados por Baxter (2009:293) para o PT e HEL-Ba, advogando-se idêntico perfil de inserção e desenvolvimento de marcas PL entre estes dialectos e o PA (Fig. 1): o desenvolvimento da concordância PL inicia-se com a introdução de um PL *singleton* na categoria funcional DET, que serve de âncora para o controlo da pluralização. Por conseguinte, a concordância inicia-se de modo parcial, sendo atribuída a partir da posição DET, ou seja, a partir do elemento pré-nuclear adjacente. Posteriormente, o PL desenvolve-se, ainda com características de concordância parcial, com recurso a morfemas dissociados, que são atribuídos aos elementos mais próximos do *fulcro*. A sequência de atribuição incide sobre os elementos do SDET, primeiramente, e sobre os itens à direita do núcleo, depois. Todavia, o perfil da âncora pré-nuclear é conservado geracionalmente.

Observando também o padrão de evolução dos numerais simples e de mais de uma palavra, com ou sem *-s* final, constata-se que o mesmo mantém um favorecimento moderado da marcação, constante ao longo das gerações. Contudo, é de ter em conta que o factor numeral sem *-s* na 1<sup>a</sup> posição (N\_) tende a propiciar mais a marcação na faixa etária mais velha de Almojarife (pr. 0,748).

No que ao MRJ diz respeito, os percentuais apontados por Scherre (1988:180) parecem indicar que existe uma menor sensibilidade à marca semântica de PL por parte das crianças (37%), já que os adultos apresentam um maior índice de realizações com concordância (58%). Quanto à NURC (Lopes, 2001:216), a menor sensibilidade ocorre

com mais frequência em relação aos numerais simples (POP 4 = pr. 0,53; UNI 4 = pr. 0,38) do que relativamente aos numerais de mais de uma palavra (POP 4 = pr. 0,90; UNI 4 = 100%). Estes aspectos determinam que se discutam também as questões relacionadas com a marcação motivada pelos numerais, o que efectuaremos já de seguida.

#### **4.1.2.4.6. *Marcas precedentes representadas por marcador semântico***

No que concerne à marcação motivada pelos numerais, as análises por nós efectuadas vão ao encontro das de diversos pesquisadores, que têm revelado que estes itens gramaticais em posição antecedente, sejam eles simples ou formados por mais de uma palavra, tendem a favorecer mais a pluralização do que os itens portadores de marca formal de PL. Contudo, as explicações para esta premissa não têm merecido consenso por parte dos teorizadores, na medida em que apontam para duas hipóteses: a funcionalista das Condições de Distintividade, defendida por Kiparsky (1972:195); e a não-funcionalista, advogada por Guy (1981a:180). Ancorando parcialmente na primeira, Scherre (1988:175) entende que os numerais favorecem mais a marcação, sobretudo nas classes mais escolarizadas do MRJ. Assim, nas faixas analfabetas ou semianalfabetas, a marca semântica de PL, por não ser percebida, leva a que se pluralizem morfemicamente os numerais em determinadas realizações. Nesta conformidade, ocorrências deste tipo só tendem a diminuir à medida que aumenta a escolarização, isto é, a partir do momento em que os falantes vão tomando consciência da pluralização semântica inerente aos numerais. A este propósito, refira-se que detectámos nos nossos dados, precisamente nos falantes de baixa escolarização, resquícios de ocorrências que podem indiciar a não percepção da noção semântica de PL. Assim, no exemplo [239] é possível ver que a falante [DULCEM1], que apenas possui a 3ª. Classe (Tabela 8.1), flexiona indevidamente o numeral cardinal, enquanto a informante analfabeta [MMDEUSM3] (Tabela 8.1), deixa de inserir a marcação no mesmo tipo de categoria gramatical, quando tal é exigida:

[257] PA:  
*começô tustão a subi... duzento, duzento, duzento cin-- cinco stens*  
[MMDEUSM3]

No MRJ, o percentual de marcações condicionado pelo numeral na 1ª. posição parece indicar que existe uma menor sensibilidade à marca semântica de PL por parte das crianças (Scherre, 1988:180). Se considerarmos que estas ainda estão a frequentar a escolaridade e que muitos dos adultos informantes do MRJ já a concluíram, então é lícito depreender que o pressuposto da autora justifica a diferença de percentual de marcação entre estas duas faixas etárias, visto os adultos já terem adquirido a noção de pluralização semântica intrínseca ao numeral. Não obstante, os dados de Lopes (2001:215-216) contrariam a justificação avançada por Scherre (1988:180), já que na faixa etária mais idosa da NURC, são precisamente os informantes do grupo universitário aqueles que marcam menos a pluralização em SN's de dois elementos começados por numeral, inibindo-a mesmo (pr. 0,38), enquanto os falantes do grupo menos escolarizado revelam tendência para inserirem muito ligeiramente a marcação (pr. 0,53). Fazendo-se ainda uma análise interdialectal acerca da influência do numeral sem *-s* em 1ª. posição na marcação PL do elemento seguinte nas duas variedades de português de São Tomé, objecto da nossa análise (PA e PT), detecta-se um fenómeno de certa forma idêntico (Tabela 19.9): na primeira, em estágio menos desenvolvido de aquisição da regra da concordância PL, ocorre um favorecimento da marcação (pr. 0,622); na segunda, que revela um estágio mais avançado da aquisição da regra de concordância PL, acontece o oposto, já que a tendência é para inibir ligeiramente a marcação (pr. 0,413). Paralelamente, uma análise intradialectal do PA sobre o mesmo factor (Tabela 19.10) mostra-nos que, na geração mais idosa, em estágio mais primitivo de aquisição da regra de concordância PL, o propiciamento da marcação (pr. 0,748) é superior ao das gerações menos idosas (FE-2 = 0,533; FE-1 = pr. 0,571), situadas num patamar mais avançado da aquisição da mesma regra. A análise intradialectal do PA poderá mesmo encontrar paralelo no MRJ, se levarmos agora em conta a possibilidade de os informantes adultos deste serem menos escolarizados do que as crianças, já que o analfabetismo decai na proporção directa do índice de frequência escolar, que revela tendência a acentuar-se, por norma, nas gerações mais jovens. Em adição, também não podem ser descartadas outras questões de carácter social que pressionam o falante adulto no sentido de realizar a concordância, como acontece, por exemplo, com o mercado de emprego.

Observando agora a hipótese não-funcionalista advogada por Guy (1981a:180), a mesma aponta para a possibilidade de a influência do numeral na marcação espelhar apenas automonitorização e autocorreção, ou seja, a probabilidade de o informante estar a reproduzir ou adaptar as suas realizações ao discurso padrão do entrevistador. Neste aspecto, o autor não é corroborado por P. Andrade (2003:112), que considera o numeral o item mais influente para a marcação na CPL-var, em virtude de ser um morfema semanticamente transparente, isto é, um morfema de conteúdo, logo mais facilmente apreensível em situações de contacto linguístico. Quanto a nós, o pressuposto desta autora apresenta-se mesmo como contra-funcionalista, não justificando o porquê de a geração mais idosa de Almojarife favorecer consideravelmente a marcação, quando ocorre um numeral na 1ª. posição do SN. De facto, existindo captação semântica do PL inerente ao primeiro item, isto é, marcação deste, o que deveria suceder era uma inibição da marcação no segundo elemento, de forma a evitar a redundância (Kiparsky, 1972:195). Só assim se justificaria também o facto de P. Andrade (2003:112) ancorar as suas conclusões no pressuposto de Guy (1981a:3001-302), que atribui a responsabilidade maior pela CPL-var do dialecto de HEL-Ba ao sistema de marcação de número dos ancestrais substratos africanos deste.

Alguns trabalhos sobre a variável independente *marcas precedentes* concluíram também que um SPREP dentro de um SN mais alto com marca semântica de PL tende a ser pouco marcado. Este tipo de SN's, apesar de não indicar o PL de forma tão óbvia como os numerais, não deixa também de encerrar uma carga semântica de pluralidade evidente. Assim, pelo facto de implicarem uma duplicidade de concordância PL, tenderão a exibir inibição no segundo item, evitando-se, desta forma, uma redundância de número (Kiparsky, 1972:195). Este pressuposto, do tipo claramente funcionalista, não foi por nós testado, devido ao facto de não termos analisado este género de dados, pelos motivos referidos em tempo devido (ponto 4.1.2.4.4. do presente trabalho). Contudo, Scherre (1988:227-228) fê-lo detalhadamente na sua quarta análise alternativa, avançando explicações para os resultados em termos de processamento paralelo (Scherre, 1988:208). Assim, acaba por contrariar, na generalidade, as Condições de Distintividade, preconizadas por Kiparsky (1972:195), isto é, que sendo marcada a primeira posição do SN, o número de marcas seguintes é função da forma de processar a

informação. Assim, segundo Scherre (1988:222-223), o facto de o numeral em 1ª. posição (N\_) favorecer mais a marcação seguinte do que a marcação formal na 1ª. posição (S\_) não é justificado com a probabilidade de este item gramatical ser um morfema semanticamente transparente, mas sim com a possibilidade de as formas gramaticais semelhantes se agruparem, mostrando tendência para ocorrerem juntas (Haiman, 1983:782). E, caso tal não suceda, a restrição poderá ser originada pela articulação mecânica, salvo se houver algum motivo que justifique a mudança (cf. Schiffrin, 1981).<sup>172</sup>

Na mesma análise, Scherre (1988:173) questiona-se igualmente sobre a possibilidade de ocorrer uma diferença no comportamento dos numerais, caso terminem ou não em *-s*, já que os falantes poderão entender que os primeiros possuem marcação formal de PL e, como tal, aplicarem o Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), favorecendo mais a marcação nos itens que lhes são posteriores. As análises por nós efectuadas, tal como as de Scherre (1988:173) e de Lopes (2001:207), debruçando-se sobre os numerais terminados em *-s* e não finalizados em *-s*, ocorrendo na primeira posição dos SN's de dois elementos, comprovaram que a diferença no favorecimento da marcação provocada por ambos não é considerável. Estes resultados fizeram Scherre (1988:236) concluir também que, no que concerne aos itens que carregam informação semântica de pluralidade, o Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) apenas actua sobre aqueles que terminam em *-s*. Por outro lado, a restrição mecânica advogada por Schiffrin (1981) também não sustentará a questão da inserção da pluralização, uma vez que as marcas formais de número em 1ª. posição não conduzem a mais marcas. Assim, segundo Scherre (2001:97), o que acontece é um paralelismo linguístico a nível frásico, evidenciando-se que a variação morfológica e sintáctica é controlada pela tendência de preservação de estruturas paralelas (Labov, 1994:550).

A questão dos numerais terminados ou não em *-s* foi por nós também levada em consideração na perspectiva da análise geracional. Em termos gerais (Tabela 19.10), isto é, reflectindo o seu peso na marcação PL a nível comunitário, a diferença no favorecimento à marcação provocada por ambos não se revela considerável (N\_ = pr. 0,607; Ns\_ = pr. 0,556). Contudo, olhando especificamente para a faixa mais idosa de Almojarife, salta à evidência que a diferença de propiciamento se acentua, já que os

numerais não terminados em *-s* apresentam um peso que favorece consideravelmente a marcação (pr. 0,748), ao passo que o favorecimento provocado pelos numerais terminados em *-s* se situa pouco acima do patamar da neutralização (pr. 0,574). De certa forma, o que aqui se verifica é um padrão que segue as linhas que regem o comportamento dos elementos em 1ª. posição com ou sem *-s*, marca formal de PL, e os leva a favorecerem ou não a marcação de forma homogênea em todas as variedades de português observadas neste estudo.

Se associarmos estas verificações às constatadas quer nas análises interdialectal e intradialectal do PA quer na observação do efeito *escolaridade* levantado por Scherre (1988:180) e contrariado tanto por Lopes (2001:216) como pelos nossos dados (veja-se como a geração mais idosa, logo menos escolarizada, apresenta pesos de favorecimento da marcação superiores aos da geração menos idosa, isto é, mais escolarizada), ganha força a probabilidade de, nas faixas analfabetas ou semianalfabetas, a marca semântica de PL não ser percebida (Scherre, 1988:173), considerando-se ainda que o informante reproduza ou adapte realizações ao discurso padrão do entrevistador (Guy, 1981a:180). Desta forma, o falante, ao não perceber a informação semântica PL presente no primeiro elemento da cadeia sintagmática, vai realizar ocorrências com incidência de marcação no segundo item (pr. 0,748 – Tabela 19.10), tal como o faz quando se regista ausência de marcação formal da pluralização no primeiro elemento do SN. Note-se, a propósito deste factor (0\_), como na FE-3 de Almoxarife quase não se realiza este tipo de ocorrências – apenas duas – (Tabela 19.10), confirmando-se que, em situações de contacto linguístico que envolvem línguas de substrato africano, os falantes adultos revelam tendência para inserirem a marcação na primeira oportunidade (Guy, 1981a:301-302). No caso dos numerais finalizados em *-s* e em primeira posição, é de considerar que os falantes os interpretem como itens que carregam marca formal de PL e não apliquem a pluralização no segundo elemento, por influência do princípio funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195), que advoga que o falante revela tendência para evitar a redundância. Nesta conformidade, não estarão senão a repetir o processo de menos favorecimento à marcação que acontece igualmente quando o item em primeira posição possui marca formal de PL (S\_).

Posteriormente, as gerações mais jovens, devido ao peso de factores extralinguísticos, como a *escolaridade*, o mercado de emprego ou a busca de ascensão social, vão estar mais sujeitas à pressão de cima (superstrato) para baixo, que afecta o PAL1. Desencadeia-se assim a variação em direcção à mudança (Tarallo & Alkmin, 1987), e os falantes, ao contactarem com formas sintagmáticas gramaticalmente mais elaboradas, ampliam as noções sintáctico-semânticas de pluralização, passando a realizar SN's mais extensos e complexos, mas também marcados por incertezas e hesitações na aplicação da regra da concordância. E se é uma realidade que estes falantes exibem alguma expansão da regra de concordância, passando a propiciar mais a marcação em itens na segunda posição quando acontece marcação na primeira ocorrência, também é verdade que a inserção da pluralização não chega nunca ao patamar do favorecimento, quedando-se, em termos comunitários, pela inibição moderada (pr. 0,368). Paralelamente, ao realizar ocorrências com ausência de marcação no primeiro elemento, o falante tem noção de que precisa de aplicar a pluralização, caso ela não seja recuperada pelos elementos contextuais ou pragmáticos, sob pena de se perder a informação de pluralidade. Esta é então inserida no segundo elemento da cadeia sintagmática, em virtude de, na *transmissão irregular*, haver grande probabilidade de se terem perdido, na geração que transmite a L1, os traços não interpretáveis dos elementos funcionais ou não parametrizados que decretariam a marcação no primeiro elemento. Este aspecto foi também constatado por Figueiredo (2009a:50) em análise que abordou a CGEN-var e a CPL-var no SN PL do PA. Buscando verificar quais os constituintes que favorecem (ou não) a aplicação da concordância em Almojarife, o autor deparou-se com achados que contrariam não só o processamento paralelo advogado por Scherre (1988:208) de que a presença de marca no determinante conduz à marcação nos itens posteriores mas sustentam também quer a correlação entre Princípio da Simplicidade e Princípio da Integração (Lucchesi, 2000a) (ponto 1.3.1.1 do presente trabalho) quer o princípio advogado pela FFFH (ponto 2.4.1.1 do presente trabalho), o qual preconiza o apagamento dos traços não interpretáveis dos elementos funcionais ou não parametrizados, adquiridos em fase pós-puberdade (Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashen, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003). Aspecto igualmente relevante na mesma pesquisa foi o facto de o princípio continuísta

defendido pela FTFA (ponto 2.4.1.1 do presente trabalho) não ter sido confirmado, já que alguns itens morfológicos do PA sugerem expansão da regra de concordância, enquanto outros indiciam o oposto. Face a estes aspectos, Figueiredo (2009a:51) concluiu que as gerações mais novas de Almojarife não levam a cabo a expansão da regra de concordância, acabando, isso sim, por confirmar a mudança. No entanto, convém aqui referir que, a análise mais pormenorizada das variáveis sociais levadas a cabo no presente estudo apontam não para uma mudança em curso, mas sim para uma variação estável, como tentaremos sustentar no capítulo 5, em que se analisarão os resultados dos grupos de factores extralinguísticos.

Deste modo, no que respeita aos numerais, ao adquirirem a noção de que eles carregam intrinsecamente a semântica de PL, os falantes passam a inserir menos a marca de número no segundo elemento, num processo normal em que intervêm os aspectos funcionais que determinam que, após marcada a primeira posição do SN, o número de marcas seguintes se torna redundante (Kiparsky, 1972:195). Em certa medida, ocorre aqui um processo na inversa àquele que afecta os elementos que carregam marca formal de PL, mas que é perfeitamente entendível se levarmos em linha de conta que ambos os procedimentos se direccionam no sentido de cristalizar um padrão de concordância, ao que tudo indica, afectado pela interferência das L1's ancestrais. Por conseguinte, estabelece-se um nivelamento entre os dois padrões de marcação (semântico e estrutural) na geração mais jovem, já que esta se revela incapaz de repor os traços não interpretáveis dos elementos funcionais ou não parametrizados perdidos pelas gerações adultas que estabeleceram os primitivos contactos linguísticos.

No fundo, o que aqui se verifica não é senão o espelho do fenómeno também apontado por Lucchesi (2000a) e Figueiredo (2009a) em pesquisas efectuadas sobre a CGEN-var em HEL-Ba e Almojarife, respectivamente, e que levou ambos a concluir que, na aquisição/fixação das regras de concordância de género, também não actua o princípio mental da língua em agrupar formas semelhantes – o processamento paralelo (Scherre, 1988:208) – que conduz a uma economia de marcas levarem a marcas e zeros conduzirem a zeros. Como tal, não será a marca de género ou número no elemento anterior da cadeia linear que conduz a mais marcas posteriores. Assim, no caso do género, conforme ambos os autores constataram, será a marcação mais explícita de

gênero no núcleo que favorece a marcação na cadeia linear. No caso do número, e tendo em conta que a gramática da L1 é o ponto de partida para a ASL (Schwartz & Sprouse, 1996; Sprouse & Vance, 1999; Siegel, 2006; Sprouse, 2006), ocorre pluralização de acordo o sistema das ancestrais L1's africanas (Guy, 1981a:301-302), em que a marcação é inserida em apenas um dos elementos da cadeia sintagmática, de preferência no primeiro (Kiparsky, 1972:195), ou seja, na categoria DET (Baxter, 2009), mantendo-se os outros itens do SN inalterados, visto que a informação de PL se torna redundante, caso seja inserida nestes (Kiparsky, 1972:195; Castro & Ferrari-Neto, 2007:75). Por outro lado, como a ancestral ASL teve como intervenientes os falantes que haviam ultrapassado o período crítico para a aquisição, os traços de PL das categorias funcionais também não são adquiridos (Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashen, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003). Posteriormente, os DLP's deficitários vão originar a instanciação em cadeia dos novos/errados parâmetros, que originam a variação e impossibilitam o reajustamento paramétrico, fazendo com que os mesmos sejam tomados como modelos para uma nova reinstanciação paramétrica na L1 nativizada (Gonçalves, 2004:235). Em consequência de tal, encontram-se satisfeitos os requisitos para se consumir uma variação estável ou a mudança (Schiffirin, 1981), que ancora a marca de PL no primeiro item da cadeia sintagmática e restringe a marcação nos outros elementos desta.

A questão da influência exercida pelos numerais na marcação do elemento seguinte será por nós retomada posteriormente quer no próximo ponto quer quando nos debruçarmos sobre a variável independente *contexto fonológico posterior* (capítulo 5), nomeadamente no que concerne ao cruzamento desta com o grupo de factores *saliência fónica* (ponto 5.2.3.10).

Resta então referir que, relativamente à hipótese 3, levantada para a variável independente *marcas precedentes* (ponto 3.6.2. do presente trabalho), confirma-se que apenas a marca de PL formal inibe a marcação nos itens seguintes, já que os numerais revelam tendência para favorecerem a inserção de marcas, tendência essa que decresce geracionalmente a fim de estabilizar o padrão da regra ao encontro do padrão estrutural de marcação. Nesta conformidade, também salta à evidência que o padrão de marcação não é condicionado pelo Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208).

Paralelamente, é fundamental também referir que a amalgamação de factores praticada por Scherre (1988:177), com vista a buscar uma confirmação para o pressuposto de que marcas levam a marcas e zeros conduzem a zero, não foi sustentada, no nosso trabalho, pela metodologia científica dos testes do qui-quadrado, que acabaram revelando a vantagem de a análise das *marcas precedentes* ser efectuada numa perspectiva ontogénica (cf. Guy, 1981a:178), e não filogénica. Por fim, é ainda fundamental chamar a atenção para o facto de a análise dos resultados da variável *marcas precedentes* ter levantado a hipótese de o português adquirido em situação de contacto por falantes de um CP manifestar os mesmos padrões de variação do português adquirido numa situação de transmissão linguística irregular na qual a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a).

#### **4.1.2.5. Variável independente grau de concordância de número no SN**

A primeira rodada VARBRUL mostrou que, neste grupo de factores, o factor 4 apresenta apenas 28 ocorrências (Tabela 12.10). Face a tal, poderíamos testar a amalgamação dos factores 3 e 4 num único factor e conseguir um grupo de factores que se aproximasse mais do sistema binário, mas optámos por levar à análise as 28 ocorrências do factor *mais de três elementos flexionáveis no SN*, a fim de elaborarmos uma melhor visão sobre as configurações sintagmáticas das diferentes faixas etárias. Embora sendo certo que a aproximação ao sistema binário fortalece as hipóteses linguísticas, não deve ser descartada a possibilidade de este modelo, em determinadas circunstâncias, não encaixar na perfeição nos dados linguísticos que se coligiram. Assim sendo, a Lei da Parcimónia não deve pura e simplesmente fazer valer de modo irracional o seu efeito de “navalha”, sob pena de se inviabilizar a análise de determinadas generalizações preciosas (Guy & Zilles, 2007:153), que acreditamos ocorrerem na constituição dos factores do grupo de factores que aqui se analisa. Portanto, conservaram-se as distinções originais para efeitos de análises VARBRUL, que apresentaram os valores seguintes:

**Tabela 20.1.** Efeito do grau de concordância de número no SN na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504	<i>Log-likelihood:</i> -981,009	<i>Significância:</i> 0,011		
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. de itens</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
SN's com 1 elemento flexionável no SN	204/729	28	31	0,268
SN's com 2 elementos flexionáveis no SN	865/1.352	64	58	0,628
SN's com 3 elementos flexionáveis no SN	125/231	54	10	0,563
SN's com mais de 3 elementos flexionáveis no SN	(8/28)	29	1	0,274
<b>Totais:</b>	<b>1.202/2.340</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

O factor *SN's com um elemento flexionável no SN* apresenta-se como o mais inibidor à inserção de marcas (pr. 0,268), o que não surpreende, se tomarmos em conta que este tipo de configuração reflecte, na sua quase totalidade, SN's em que o primeiro elemento é composto por um numeral não flexionável em número, na primeira posição, e um nome, depois. Como vimos no ponto anterior, o que aqui se espelha é o padrão de comportamento que nivela o sistema de marcação PL no SN do PA, de acordo com as linhas que regem o comportamento dos elementos em 1<sup>a</sup>. posição com ou sem *-s*, marca formal de PL. De facto, à medida que os falantes almoxarifanos vão adquirindo a noção de que o numeral encerra em si a marca semântica de PL, em termos gerais, e de acordo com o princípio funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195), vão também inibindo a marcação no elemento seguinte a esta categoria gramatical. Assim, caso ocorram marcas (semânticas ou estruturais) no primeiro elemento do SN, a tendência será de as não inserir nos elementos posteriores, ao passo que, não estando o primeiro elemento marcado, a tendência será para propiciar a marcação nos itens posteriores (Tabela 19.10). Estes aspectos são confirmados pelos outros factores, já que os *SN's com dois elementos flexionáveis no SN*, configurando na sua grande maioria SN's de estrutura reduzida do tipo DET+N, vão apresentar um incremento na marcação (pr. 0,628), que ocorrerá sistematicamente no primeiro elemento, podendo o segundo item ser também marcado, mas de modo esporádico. Tal foi constatado através do levantamento e observação pormenorizada de todos estes sintagmas, que revelaram as seguintes realizações:

1.  $DET_{[+PL]} N_{[+PL]} = 80$  ocorrências;
2.  $DET_{[+PL]} N_{[-PL]} = 367$  ocorrências;
3.  $DET_{[-PL]} N_{[+PL]} = 28$  ocorrências.

As configurações permitem também vislumbrar como é altamente variável a concordância de número neste tipo de SN's, situando-se o valor da concordância plena bastante abaixo do da concordância parcial.

Quanto ao factor *SN's com três elementos flexionáveis no SN*, por norma configurando a estrutura do tipo DET+N+ADJ, reforça os pressupostos que temos vindo a apresentar e confirma que a distensão e complexificação do SN retrai a inserção de marcas (pr. 0,563), a qual afecta, essencialmente, os itens em posição pós-nuclear. Ainda assim, o padrão geral da marcação continua a manter-se no ponto da neutralidade, comprovando alguma aquisição da regra da concordância PL, certamente por influência de questões do tipo socioeconómico, já que a referida aquisição se dá com mais pendor entre as gerações mais novas da comunidade, portanto também mais escolarizadas. Estes aspectos serão debatidos já de seguida, a propósito dos valores exibidos na Tabela 20.2, que apresenta o total geral dos itens que integram os SN's de um elemento, dois elementos, três elementos e mais de três elementos flexionáveis, tanto para a comunidade como para as diferentes faixas etárias de Almojarife. Porém, note-se ainda como o peso altamente inibidor revelado pelo factor *SN's com mais de três elementos flexionáveis no SN* (pr. 0,274) comprova a dificuldade na aquisição plena da regra da concordância PL, à medida que os SN's passam a requerer mais elementos flexionáveis na sua cadeia.

A variável independente *grau de concordância de número no SN* permite que se observe também o total de SN's que contêm, incorporados em si, um, dois, três ou mais de três itens flexionados. Para tanto, basta que se divida o total de itens de cada factor pelo número de itens que determina o tipo de factor. Exemplificando: como o factor *SN's com dois elementos flexionáveis no SN* regista um total de 1352 itens flexionáveis para a comunidade, se dividirmos este total por dois (o número de itens flexionáveis existentes em cada um deste tipo de SN's) obtemos o resultado final de 676, que representa o número de SN's com dois itens flexionáveis produzidos pelos falantes das

três faixas etárias de Almojarife. Procedendo-se de igual modo para todos os factores, obtém-se o total de SN's registados para cada um deles, não só a nível comunitário mas também no que concerne a cada uma das faixas etárias, isoladamente.

As rodadas gerais para o grupo de factores *idade*, relativas às faixas etárias FE-1 e FE-2, rejeitaram o grupo de factores *grau de concordância de número no SN*, revelando que o mesmo não exerce peso significativo na inserção de marcas PL nestas duas faixas etárias (Tabela 20.2). Quanto à faixa etária mais idosa de Almojarife, esta variável independente apresenta um padrão de marcação em tudo semelhante ao da comunidade. Confirmam-se, então, dois pressupostos: (i) a grande maioria dos SN's produzidos pela FE-3 é de estrutura mínima, composta apenas por um ou dois itens flexionáveis; (ii) o padrão de marcação PL no SN, não sofre, em termos gerais, um desenvolvimento geracional acentuado no sentido da aquisição da regra de concordância PL.

Observando-se pormenorizadamente as produções da FE-3, verifica-se que regista 243 itens flexionáveis em estruturas sintagmáticas que apenas incluem um elemento flexionável, traduzindo-se igualmente em 243 SN's, na sua grande maioria antecidos de numeral. No ponto 4.1.2.4.6 deste trabalho (*marcas precedentes* representadas por marcador semântico) avançou-se a possibilidade de os falantes mais idosos de Almojarife não percepcionarem a marca semântica de PL presente no numeral que antecede o elemento flexionável, o que os leva a realizarem ocorrências com incidência de marcação no segundo item (pr. 0,748 – Tabela 19.10). Contudo, a Tabela 20.2 indicamos que o percentual de marcação neste tipo de SN's é de apenas 14% (34 itens marcados e 209 não marcados), com um peso bastante inibidor de inserção de marcas (pr. 0,220), o que parece contrariar os resultados e conclusões que retirámos aquando da análise das marcas precedentes representadas por marcador semântico. A este propósito, convém então clarificar que o reduzido número de configurações desenhadas pela FE-3 determinou a ocorrência de um grupo de factores ternário para observação do efeito das marcas precedentes na marcação PL (um com marca formal de PL e dois com marca semântica de PL) composto pelos seguintes factores: (i) 2<sup>a</sup>. posição, marca formal na 1<sup>a</sup>. posição (S\_\_); (ii) 2<sup>a</sup>. posição, numeral sem –s na 1<sup>a</sup>. (N\_\_); (iii) 2<sup>a</sup>. posição, numeral em –s na 1<sup>a</sup>. (Ns\_\_). Deste modo, é em relação às outras ocorrências em 2<sup>a</sup>. posição da FE-3, essencialmente a 2<sup>a</sup>. posição com marca formal na 1<sup>a</sup>. posição (S\_\_), que os numerais

vão determinar um peso mais favorecedor da marcação no elemento imediatamente seguinte, apesar de esse percentual de marcação ser relativamente baixo.

Com dois elementos flexionáveis surgem os segundos SN's mais produtivos desta geração, compostos por um total de 278 itens, dos quais 55% receberam marcação de número, com um peso moderadamente favorecedor de inserção de marcas (pr. 0,701). Temos então 139 SN's, na sua maioria reflectindo a estrutura DET+N, confirmando-se que a inserção de marcas no primeiro elemento ocorrerá desde o início da aquisição do PtgL2. A partir daqui, e em consequência do aumento de itens passíveis de flexão a inserir na cadeia sintagmática, detecta-se uma queda na realização de SN's extensos e pluralização dos seus elementos. Assim, a faixa etária mais idosa de Almojarife produziu apenas 42 itens em SN's que incluem três elementos passíveis de flexão. O percentual de inserção de marcas em 14 SN's quedou-se pelos 45%, reduzindo o peso de marcação PL para o plano da neutralidade (pr. 0,530) e comprovando a baixa aquisição da regra de concordância PL. Por fim, registam-se apenas 5 itens flexionáveis, em cadeias sintagmáticas com mais de 3 itens flexionáveis. Neste caso, estamos perante apenas um SN, composto por 5 itens passíveis de flexão, mas com marca de pluralização somente no primeiro item, como pudemos confirmar.

O que se observa nas gerações seguintes, com recurso aos percentuais de marcação, é que o número de pluralizações em SN's com apenas um elemento flexionável se mantém estabilizado, na FE-2, reflectindo o padrão já evidenciado pela FE-3 (22% de itens pluralizados, em 253 SN's). Contudo, a FE-1 leva já a cabo uma expansão da regra de concordância PL para o plano da neutralidade, inserindo marcas em 49% dos elementos dos 233 SN's que a requerem. Para além de equilibrar os totais de itens marcados (115 itens) e não marcados (118 itens), esta geração revela que percepção a marca semântica de PL. Por seu lado, os SN's nos quais estão inseridos dois itens passíveis de marcação PL, e que reflectem, maioritariamente, a estrutura DET+N, acentuam o seu percentual de marcação, com a FE-2 inserindo marcas em 63% dos elementos que compõem os 209 SN's produzidos, enquanto a FE-1 leva a cabo 68% de pluralizações nos itens integrados em 328 SN's. Estes percentuais, apesar de serem superiores aos do factor *SN's com um elemento flexionável no SN*, não podem ser vistos como um indicativo da aquisição da regra de concordância PL, evidenciando apenas que a

inserção da marca de PL ocorrerá no elemento imediatamente pré-nuclear, isto é na categoria DET, reflectindo o sistema de concordância PL dos ancestrais substratos do PA, ou seja, idiomas do grupo níger-congo atlântico (cf. Baxter, 2009:292).

**Tabela 20.2.** Efeito do grau de concordância de número no SN no percentual de marcação PL dos itens do SN: comunidade e faixas etárias.

		<i>Input desta rodada: 0,504 Log-likelihood: -981,009; Significância: 0,011</i>				<i>Input desta rodada: 0,429 Log-likelihood: -192,116 Significância: 0,000</i>			
		<b>Comunidade</b>				<b>FE-3 (+60 anos)</b>			
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. de itens</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. de SN's</b>	<b>Nr. de itens</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. de SN's</b>	
SN's com 1 elemento flexionável no SN	204/729	28	0,268	279	34/243	14	0,220	243	
SN's com 2 elementos flexionáveis no SN	865/1.352	64	0,628	676	152/278	55	0,701	139	
SN's com 3 elementos flexionáveis no SN	125/231	54	0,563	77	19/42	45	0,530	14	
SN's com mais de 3 elementos flexionáveis no SN	(8/28)	29	0,274	6	(1/5)	20	-	1	
<b>Totais:</b>	<b>1.202/2.340</b>	<b>51</b>	<b>-</b>	<b>1.488</b>	<b>206/568</b>	<b>36</b>	<b>-</b>	<b>397</b>	
		<i>Input desta rodada: 0,562 Log-likelihood: -366,835 Significância: 0,002</i>				<i>Input desta rodada: 0,723 Log-likelihood: -458,671 Significância: 0,042</i>			
		<b>FE-2 (41 – 60 anos)</b>				<b>FE-1 ( 20 – 40 anos)</b>			
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. de itens</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. de SN's</b>	<b>Nr. de itens</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. de SN's</b>	
SN's com 1 elemento flexionável no SN	55/253	22	-	253	115/233	49	-	233	
SN's com 2 elementos flexionáveis no SN	264/418	63	-	209	449/656	68	-	328	
SN's com 3 elementos flexionáveis no SN	53/108	49	-	36	53/81	65	-	27	
SN's com mais de 3 elementos flexionáveis no SN	(2/9)	22	-	2	(5/14)	36	-	3	
<b>Totais:</b>	<b>374/788</b>	<b>47</b>	<b>-</b>	<b>500</b>	<b>622/984</b>	<b>63</b>	<b>-</b>	<b>591</b>	

Obs.: FE-2 e FE-1 rejeitadas pela ferramenta VARBRUL.

No que concerne aos SN's com três itens flexionáveis, verifica-se que, na FE-2, foram produzidos 36 SN's que apresentam 49% de itens marcados com PL. O percentual de marcação decai ligeiramente neste factor, daqui se inferindo que a responsabilidade da estagnação na aquisição da regra de concordância será dos elementos pós-nucleares, que marcam presença considerável em SN's de três elementos flexionáveis. Quanto à faixa etária mais nova, produziu 81 itens inseridos em 27 SN's com três elementos passíveis de flexão PL, tendo o percentual de marcação atingido 65%. Este aspecto denota que a aquisição da regra de concordância PL não acontece de forma acentuada entre os elementos da faixa mais nova de Almojarife, que continuam a produzir considerável CPL-var.

Por fim, note-se que a realização de itens inseridos em cadeias sintagmáticas com mais de três elementos flexionáveis é praticamente insignificante. De facto, a FE-2 apenas produziu 2 SN's, para um total de 9 elementos deste tipo. Relativamente a estes SN's, confirmámos que um possui quatro elementos flexionáveis e o outro cinco. Os dois itens com inserção de pluralização apresentados na Tabela 20.2 repartem-se equitativamente por ambos os SN's e correspondem ao primeiro elemento flexionado, evidenciando a tendência funcionalista de não se repetir a marcação, em virtude de ela se revelar redundante (Kiparsky, 1972:195). Relativamente à FE-1, realizou 3 SN's com mais de três itens flexionáveis: um SN com quatro elementos passíveis de flexão, três destes com marcação PL, mas o primeiro apresentando inibição (*tive uma otras minhas preocupações* [CASTEH1]); dois SN's com cinco elementos flexionáveis cada, sendo pluralizado apenas o primeiro elemento em ambas as cadeias sintagmáticas.

Os resultados apresentados pelas diferentes faixas etárias fornecem-nos, então, o desenho da aquisição da marca PL e seu desenvolvimento na comunidade, permitindo concluir que, em relação à hipótese 10 levantada por nós para a variável independente *grau de concordância de número no SN*, a geração mais idosa de Almojarife produz, de facto, SN's maioritariamente simplificados (um ou dois elementos flexionáveis na cadeia sintagmática) e com baixa percentagem de marcação PL. Lembre-se que esta geração teve também contacto com o PtGL2 falado por africanos “contratados”, o qual poderá, de certa forma, ter contribuído para ajudar a estabilizar o actual padrão de marcação do PA. Já a marcação PL em itens passíveis de flexão inseridos em SN's com

apenas um elemento flexionável mantém-se estável na FE-2, mas aumenta na FE-1, denotando que esta já percebe a marca semântica de PL. Por seu lado, a realização de SN's com dois, três ou mais de três itens flexionáveis é exponenciada depois, revelando que as faixas etárias mais novas de Almojarife não só produzem cadeias sintagmáticas de maior complexificação estrutural como também aplicam mais a regra da concordância em número. Confirma-se uma ligeira aquisição geracional desta, com o incremento da percentagem de marcação PL no PA podendo ser atribuída à influência de diversos factores sociolinguísticos e socioeconómicos, que exerceram pressão sobre as gerações mais novas de falantes do PA, sobretudo na segunda metade do século XX, levando a um maior nivelamento linguístico a nível da fala da comunidade. Contudo, é também de ter em consideração que as gerações mais novas de Almojarife continuam a produzir CPL-var no SN, comprovando dois aspectos: (i) a marcação PL no SN continua a seguir o padrão já revelado pelos antecessores dos actuais membros da comunidade, isto é, inserindo marcas PL preferencialmente apenas no primeiro elemento da cadeia sintagmática, com especial incidência no item imediatamente pré-nuclear, ou seja, na categoria DET; (ii) em termos comunitários, a fala de Almojarife fornece evidências para se concluir que, de acordo com hierarquia da “processabilidade” (Plag, 2008a, 2008b), não foram adquiridas plenamente as regras da flexão contextual, instanciadas a partir do nível 4 do desenvolvimento da interlíngua (Tabela 3.1). Desta forma, o PA foi-se estabilizando geracionalmente entre os patamares 3 e 4 do desenvolvimento sintáctico proposto pela referida hierarquia, fase em que se deverá manter em virtude de não se encontrarem reunidas condições socioeconómicas em São Tomé que façam prever um continuado desenvolvimento da aquisição da regra da concordância PL, em direcção ao PE. Estes aspectos serão mais pormenorizadamente debatidos no capítulo 5, quando fizermos a análise dos resultados fornecidos pela ferramenta VARBRUL para as variáveis extralinguísticas.

Em adição, e de um modo geral, os resultados referentes à variável independente *grau de concordância de número no SN* vêm também reforçar o que temos vindo a afirmar ao longo das nossas análises: (i) a nível dos itens que compõem a cadeia dos SN's do PA e contribuem para a sua CPL-var, não se entrevê qualquer intervenção do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) a motivar esta, com marcas conduzindo a

mais marcas e, conseqüentemente, zeros levando a zeros; (ii) constata-se que ocorre tendência para a marcação PL ser inserida na primeira oportunidade, por norma no DET antes do nome núcleo do SN, por influência do padrão de pluralização dos substratos africanos (cf. Guy, 1981a:301-302); (iii) os falantes evitam a marcação redundante, inibindo a redundância da pluralização nos elementos posteriores, de acordo com o advogado pelo princípio funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195); (iv) por influência de variáveis extralinguísticas, ocorre ligeira aquisição geracional das regras de concordância PL, o que leva as faixas etárias mais novas de Almojarife a inserirem mais marcas de PL nos itens do SN. Esta última constatação vem contrariar fortemente o pressuposto de o apagamento da marca formal de PL poder ser justificado em termos de fenómenos inerentes à própria língua portuguesa, como a deriva românica (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 1993, 2000, 2007a), já que esta determina uma eliminação diacrónica do *-s* morfémico PL, ao passo que, o que acontece realmente no PA (e variedades africanas e brasileiras de português) é um fenómeno completamente oposto, ou seja, uma inserção geracional do referido morfema.

#### **4.1.2.6. Variável independente *posição do item na cadeia do SN (Posição linear)***

Conforme se pode verificar na Tabela 12.7, após gerarmos a primeira célula VARBRUL, constatou-se que o factor *quinta ou outra posição na cadeia do SN* apresenta um total de ocorrências que não permite a sua incorporação nos dados a serem analisados (21 realizações). Contudo, como os factores 4 e 5 compartilham traços,<sup>173</sup> optou-se por testar a recodificação do grupo de factores, efectuando a amalgamação dos referidos factores num só (*quarta ou outra posição na cadeia do SN*) e estabelecendo um novo grupo de factores, de acordo com a Tabela 21.1.

Para se confirmar se o novo grupo de factores representa uma distinção linguística que pode ser incorporada à análise, levámos a cabo o teste do qui-quadrado, medindo-se o nível de significância do novo grupo de factores. Efectuou-se então uma rodada simples (*one-level analysis*), a fim de se obter o valor para o novo *log-likelihood*, compará-lo com o da rodada feita com os factores da Tabela 12.7, efectuar os cálculos para achar o qui-quadrado e constatar se os novos factores poderiam ser incorporados à análise.

**Tabela 21.1.** Grupo de factores *posição do item na cadeia do SN* e respectivos factores, para estudo da configuração do SN PL do PA: grupo de factores a testar para incorporação na análise de dados.

<b>Factores a testar</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Nr. de ocorrências</b>	<b>%</b>
1 Primeira posição na cadeia do SN	<b>TRABALHOS</b> privado [CASTEH1]	754	90
2 Segunda posição na cadeia do SN	Umas <b>DORES</b> [DULCEM1]	1.314	34
3 Terceira posição na cadeia do SN	O <sub>s</sub> meus <b>FILHOS</b> [MANOH3]	168	29
4 Quarta ou outra posição na cadeia do SN	sete ou oito <b>MESES</b> [CASTEH1]	34/104	33
<b>Totais:</b>		1.202/2.340	51

Feito o teste do qui-quadrado a partir da diferença registada entre os dois *log-likelihoods* (Tabela 21.2), e tendo em conta o valor fornecido pela tabela de qui-quadrado, concluiu-se que o resultado achado para o novo grupo de factores é bem inferior ao inicial. Como tal, as diferenças entre as posições lineares não são estatisticamente significativas, logo, representam uma distinção linguística que deve ser mantida na análise. Assim sendo, como a distinção inicial não era significativa, foi abandonada e substituída pela nova combinação de factores, ou seja, a que engloba 4 factores (Tabela 21.1).

**Tabela 21.2.** Teste de significância estatística dentro do grupo de factores *posição do item na cadeia do SN*.

<b>Factores a testar [5 Factores]</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% no grupo</b>
Primeira posição na cadeia do SN	678/754	33
Segunda posição na cadeia do SN	441/1.314	56
Terceira posição na cadeia do SN	49/168	7
Quarta posição na cadeia do SN	29/83	3
Quinta ou outra posição na cadeia do SN	5/21	1
<i>Log-likelihood: -936,081</i>	<b>Totais:</b>	1.202/2.340
<b>100</b>		

<b>Factores a testar [4 Factores]</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% no grupo</b>
Primeira posição na cadeia do SN	678/754	32
Segunda posição na cadeia do SN	441/1.314	56
Terceira posição na cadeia do SN	49/168	7
Quarta ou outra posição na cadeia do SN	34/104	5
<i>Log-likelihood: -936,181</i>	<b>Totais:</b>	1.202/2.340
<b>100</b>		

Após constituição definitiva dos factores a incorporar na variável independente *posição linear*, procedeu-se a uma rodada VARBRUL para apuramentos dos pesos dos referidos factores na marcação PL no SN do PA (Tabela 21.3).

Os resultados mostram que o PA não foge à norma dos outros dialectos, já que a 1ª. posição é a única que marca positivamente o PL, e de modo categórico (pr. 0,878). Todas as outras posições apresentam-se como desfavorecedoras da marcação, sendo drástica a redução registada da primeira para a segunda posição. A escala de desfavorecimento acentua-se progressivamente (2ª. posição = pr. 0,312; 3ª. posição = pr. 0,161), mas, ao contrário do que acontece no MRJ e a exemplo do que sucede na NURC, o factor que representa a posição mais distante do SN, isto é, a quarta posição (pr. 0,169), não revela maior inibição dos que os dois que o antecedem, mantendo-se estável em relação à marcação na 3ª. posição. Estes aspectos não surpreendem, se levarmos em consideração que a grande maioria dos SN's produzidos pela comunidade de Almojarife é de estrutura reduzida (DET+N) e que a marcação tende a incidir apenas no elemento pré-nuclear, consoante sistema de pluralização das línguas africanas (cf. Guy, 1981: 301-302) do grupo níger-congo atlântico (Baxter, 2009:292), como temos vindo a salientar, mantendo-se o nome inalterado, em virtude de a marcação neste se revelar redundante (Kiparsky, 1972:195; Castro & Ferrari-Neto, 2007:75).

**Tabela 21.3.** Efeito da *posição linear* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,513	<i>Log-likelihood:</i> -991,577		<i>Significância:</i> 0,038	
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Primeira posição na cadeia do SN	678/754	90	32	0,878
Segunda posição na cadeia do SN	441/1.314	34	56	0,312
Terceira posição na cadeia do SN	49/168	29	7	0,161
Quarta ou outra posição na cadeia do SN	34/104	33	5	0,169
<b>Totais:</b>	<b>1.202/2.340</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Seguidamente, apresentam-se os resultados do PA e da NURC (Lopes, 2001:166), a fim de se estabelecerem comparações entre os padrões de marcação PL determinados pela variável independente *posição linear* nestas duas variedades de português:

**Tabela 21.4.** *Posição linear*: contribuição dos factores individuais para a marcação PL do elemento analisado: 2 variedades de português.

Factores	PA		NURC	
	Pr.	%	Pr.	%
Primeira posição na cadeia do SN	0,878	90	0,84	99
Segunda posição na cadeia do SN	0,312	34	0,23	69
Terceira posição na cadeia do SN	0,161	29	0,25	62
Quarta posição na cadeia do SN	0,169	33	0,23	59
Quinta ou outra posição na cadeia do SN			0,44	75

O padrão de marcação é idêntico nas duas variedades de português, confirmando-se totalmente os achados de outros trabalhos sobre o favorecimento da marcação determinado pela primeira posição da cadeia sintagmática. Mais uma vez, verifica-se também que o português adquirido em situação de contacto por falantes de um CP manifesta os mesmos padrões de variação do português adquirido em situação na qual a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a).

Para continuarmos a perceber como é que os pesos das diferentes posições sintagmáticas actuam na marcação PL, procederemos, no próximo ponto, ao cruzamento entre a variável independente *posição linear* e outros grupos de factores, nomeadamente as variáveis *classe gramatical* e *posição em relação ao núcleo do SN*.

#### 4.1.2.6.1. Relação entre *posição linear* e *classe gramatical* na marcação PL dos itens do SN

O estudo da relação entre as variáveis independentes *posição linear* e *classe gramatical* na marcação PL dos itens do SN foi feito por Scherre (1988:151) e Lopes (2001:170), não só com o intuito de observar quais os itens gramaticais que se situam nas diversas posições sintagmáticas mas também com o propósito de avaliar se se estabelece uma relação directa entre os dois grupos de factores nos moldes defendidos por Guy (1981b:179), isto é, entre determinantes e a primeira posição, nomes e a segunda posição e adjectivos e a terceira posição.

A Tabela 21.5 permite visualizar o total de ocorrências para cada item gramatical nas distintas posições da cadeia sintagmática do PA, bem como a sua influência na marcação PL:

**Tabela 21.5.** Relação entre *posição linear* e *classe gramatical*: distribuição das classes gramaticais pelas diversas posições do SN.

<i>Input desta rodada:</i> 0,552			<i>Log-likelihood:</i> -985,404			<i>Significância:</i> 0,007		
<i>Classe gramatical</i>	1 <sup>a</sup> . posição			2 <sup>a</sup> . posição				
	Nr. total	% PL	Peso relativo	Nr. total	% PL	Peso relativo		
Substantivo	(24/28)	86	-	384/1.199	32	0,311		
Categoria substantivada	(1/1)	100	-	15/49	31	0,218		
Adjectivo 1	(7/7)	100	-	(7/23)	30	-		
Adjectivo 2	-	-	-	-	-	-		
Adjectivo diminutivo	-	-	-	-	-	-		
Artigo definido	250/278	90	0,629	(10/10)	100	-		
Artigo indefinido	63/80	79	0,578	-	-	-		
Numeral	(0/3)	0	-	(3/3)	100	-		
Possessivo	(14/16)	88	-	(14/18)	78	-		
Demonstrativo	170/178	96	0,969	(3/6)	50	-		
Indefinido	59/60	98	0,982	(3/4)	75	-		
Quantificador	90/103	87	0,883	(2/2)	100	-		
<b>Totais:</b>	678/753	90	-	441/1.314	34	-		
<i>Classe gramatical</i>	3 <sup>a</sup> . posição			4 <sup>a</sup> . ou outra posição				
	Nr. total	% PL	Peso relativo	Nr. total	% PL	Peso relativo		
Substantivo	40/114	35	0,263	32/87	37	0,241		
Categoria substantivada	(1/3)	33	-	(0/1)	0	-		
Adjectivo 1	(4/24)	17	-	(1/11)	9	-		
Adjectivo 2	(0/8)	0	-	-	-	-		
Adjectivo diminutivo	(0/4)	0	-	(0/4)	0	-		
Artigo definido	-	-	-	-	-	-		
Artigo indefinido	-	-	-	-	-	-		
Numeral	-	-	-	-	-	-		
Possessivo	(2/2)	100	-	(1/1)	100	-		
Demonstrativo	(1/2)	50	-	-	-	-		
Indefinido	-	-	-	-	-	-		
Quantificador	(1/11)	9	-	-	-	-		
<b>Totais:</b>	49/168	29	-	34/104	33	-		

Os resultados mostram o porquê de Scherre (1988:152) ter discordado de Guy (1981b:179) no que concerne à relação directa estabelecida entre item gramatical e posição linear. De facto, se olharmos para a distribuição dos substantivos e adjetivos, os primeiros, a exemplo do que sucede no MRJ, apresentam percentuais de ocorrências nas terceira (8% do total de ocorrências, correspondendo a 114 realizações) e quarta posições (6%, do total das realizações, respeitantes a 87 casos) da cadeia sintagmática, que não podem ser desconsiderados. No caso específico dos adjetivos, as suas realizações são sempre inferiores às dos substantivos, seja em que posição for. Contudo, esta inferior quantidade de realizações é algo uniforme em todas as posições, com especial incidência entre as segunda (23 ocorrências) e terceira posições (24 realizações), o que não permitirá dizer que estes elementos gramaticais ocorrem preferencialmente na terceira posição.

Scherre (1988:155) chama ainda a atenção para o facto de Guy (1981a:168) apenas ter trabalhado com a variável independente *posição linear* e não ter estudado a influência da classe gramatical no desenho da concordância PL do SN. Como tal, a autora decidiu observar esta influência nos dados dos adultos e crianças, levando a efeito análises quer em SN's de três elementos (supostamente compostos por DET+N+ADJ) quer em SN's de mais de três elementos. Scherre (1988:157) verificou então que os efeitos dos grupos de factores *classe gramatical* e *posição linear* não estabelecem paralelismos, aspecto que também parece ser confirmado nos nossos dados, já que, na terceira posição, por exemplo, não há sequer sintonia aproximada entre o total dos adjetivos (24 ocorrências) e o total de dados gramaticais (168 realizações).

Face a estas constatações, Scherre (1988:156) avançou três suposições, que não se confirmam totalmente nos nossos dados: “1) *determinantes na segunda posição são até mais marcados do que na primeira; 2) os substantivos têm mais chances de serem marcados na terceira posição do que na segunda; 3) os adjetivos, inversamente aos substantivos, se apresentam mais marcados na segunda do que na terceira posição*”. Ora, como se pode verificar, as duas primeiras suposições não encontram eco no PA, já que, nos nossos dados, por norma, os determinantes são mais marcados na primeira posição do que na segunda. Há, de facto, a excepção dos determinantes artigos definidos (90% de marcação na primeira posição, por oposição a 100% de marcação no segundo

lugar), mas, como se pode constatar, o número de realizações na segunda posição, apenas dez, é bastante diminuto para se poder avançar com qualquer conclusão. Quanto ao facto de os substantivos serem mais marcados na terceira posição do que na segunda, é verdade que os percentuais apontam para um ligeiro propiciamento da terceira (35%) sobre a segunda (32%), mas os pesos relativos indicam exactamente o contrário (3<sup>a</sup>. = pr. 0,263; 2<sup>a</sup>. = pr. 0,311). Relativamente aos adjectivos, é realmente um dado adquirido que o seu percentual de marcação é mais elevado na segunda (30%) do que na terceira posição (17%). Contudo, quando se cruzarem as variáveis independentes *posição linear* e *posição relativamente ao núcleo do SN* (ponto 4.1.2.6.2 do presente trabalho), perceber-se-á que intervém aqui a hipótese funcionalista das Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195), já que os adjectivos em segunda posição são pré-nucleares, assumindo a função de núcleo, portanto com maior peso de marcação, enquanto os adjectivos em terceira posição se localizam pós-nuclearmente, detendo a função de sintagma, logo com probabilidade praticamente nula de serem pluralizados (Castro & Costa, 2003:108).

Outro aspecto em que os nossos dados não acompanham as suposições de Scherre (1988:157) tem a ver com o facto de que “*os substantivos são menos marcados do que os adjectivos na segunda posição e mais marcados do que estes na terceira*”. De facto, apenas a segunda parte da premissa é válida para o PA (substantivos = 35% de marcação; adjectivos = 17% de marcação), uma vez que, na segunda posição, os substantivos apresentam um percentual de marcação ligeiramente mais elevado do que os adjectivos (substantivos = 32% de marcas; adjectivos = 30% de marcas).

Debruçando-se seguidamente sobre o facto de qualquer classe gramatical que esteja em primeira posição apresentar propensão para ser mais marcada, Scherre (1988:158) reforça, uma vez mais, que o paralelismo entre *classe* e *posição*, de acordo com o avançado por Guy (1981b:179), não pode ser estabelecido. Efectivamente, a maioria dos casos em primeira localização constitui ocorrências apenas com alguns determinantes, caso dos artigos, demonstrativos e indefinidos. Quanto aos outros determinantes, como o possessivo e o quantificador, podem ocorrer em diferentes lugares do SN, dependendo a sua frequência de marcação das posições em que surgem realizados. Nesta perspectiva não se poderá estabelecer uma relação entre primeira posição e determinantes, sendo

mais correcto que, e de acordo com Scherre (1988:163), se postule apenas que a primeira posição do SN é aquela que é mais marcada, independentemente da classe gramatical. Tal é também confirmado por Lopes (2001:174) e P. Andrade (2003:96-97) para a quase totalidade dos itens gramaticais, exceptuando-se os artigos, cuja frequência de marcação se mantém equilibrada em todas as posições, tanto na NURC (1ª. posição = 99% de marcação; 2ª. posição = 100% de marcação; 3ª. posição = 100% de marcação) como no dialecto de HEL-Ba (1ª. posição = 98% de marcação; 2ª. posição = 100% de marcação). Nos nossos dados, o artigo definido revela tendência semelhante à destas duas variedades (1ª. posição = 90% de marcação; 2ª. posição = 100% de marcação).

Concretamente no que diz respeito ao possessivo, Scherre (1988:161) chama a atenção não só para a sua baixa frequência na terceira posição, tal como acontece nos nossos dados (apenas duas realizações), mas também para a grande percentagem de ocorrências na segunda posição em SN's do tipo [ART ou DEM+POS+N]. Nos dados do MRJ (Scherre, 1988:160), esta frequência de realizações na segunda posição (135/331 dados = 41% do total das ocorrências) é inferior à do possessivo em primeira posição (184/331 dados = 56% do total das ocorrências). No entanto, este aspecto é compreensível, dada a expletividade do definido no PB, isto é, ocorrer frequentemente a sua omissão quando antecede os possessivos que estão em posição pré-nuclear.<sup>174</sup> Porém, no PE, em SN's do género daqueles que são referidos por Scherre (1988:160), a construção sem artigo é agramatical, pelo que a posição do possessivo em cadeias sintagmáticas reduzidas que envolvam o seu uso pré-nuclear é, por norma, a segunda. O maior contacto dos falantes de Almojarife com a estrutura gramatical do PE determina que as construções envolvendo possessivos reflectam, também, respaldo na norma europeia, embora as influências provenientes dos substratos, nomeadamente do santomense, estabeleçam uma correlação de forças com a norma do PE na motivação para a inserção de marcas. Deste modo, são realizadas quer construções do tipo das que se encontram no PB, isto é, sem artigo (exemplo [258]), quer frases com artigo, como acontece no PE (exemplo [259]):

- [258] PA:  
... *depois veio companhá meus pai.* [DULCEM1]  
“... depois veio acompanhar os meus pais”

[259] PA:  
*É os meus pai que me deu essa idea.* [OSVALH1]  
“Foram os meus pais que me deram essa ideia.”

Assim, nota-se que, nos nossos dados, o número de realizações que envolvem o uso do possessivo é bastante equilibrado nas duas localizações referidas (1ª. posição = 16 ocorrências; 2ª. posição = 18 ocorrências), com o percentual de pluralizações da primeira (88%) superando o da segunda (78%), dado ocorrer a tendência para se marcar o número na primeira oportunidade, por influência dos substratos africanos (Guy, 1981a:301-302), como se vem acentuando neste trabalho. No entanto, note-se que Lopes (201:174) estranha o facto de os possessivos serem alvo de tão alto percentual de marcação na segunda posição (95% nos dados da NURC), “*já que essa é uma posição que, como se viu, desfavorece a marca de plural em itens de outra classe*”. Debruçando-se então sobre estes elementos gramaticais, a autora conclui que a concordância é feita, principalmente, quando o possessivo se encontra em posição pré-nuclear. Estudos sobre a CPL-var, à luz dos pressupostos da MD (Castro & Costa, 2003; Costa & Silva, 2006b), atribuem a marcação pré-nominal ao facto de o possessivo ser forte portador de definitude e ter aqui a categoria de elemento nuclear, enquanto na posição pós-nominal detém a categoria de sintagma, portanto, com tendência para não ser marcado (ponto 2.9 do presente trabalho). Seja como for, estas particularidades alertam para a necessidade de se observar a influência da variável independente *posição em relação ao núcleo do SN* sobre a marcação de todos os itens gramaticais. Ainda assim, gostaríamos de chamar também a atenção para o facto de, à excepção dos substantivos e categorias substantivadas (elementos nucleares, portanto), todos os outros elementos gramaticais dos nossos dados em segunda posição, ao contrário do pretendido por Lopes (2001:174), apresentarem elevado percentual de marcação, como se pode verificar na Tabela 21.5. Este aspecto é, aliás, observado também por Scherre (1988:165) nas suas análises: “*o percentual de marcas de todas as outras categorias que não o substantivo, à excepção do quantificador, é bastante elevado, inclusive o dos adjetivos*”. Tal não surpreende, visto a expansão dos SN’s ser levada a cabo pelas gerações mais jovens, consequentemente mais escolarizadas, e que aplicam mais a regra da concordância PL.

Quanto aos quantificadores, os dados de Scherre (1988:160) apresentam um total bastante elevado de realizações na terceira posição (108/248 dados = 43% das

realizações totais), e que não se distancia muito do registado na primeira posição (133/248 dados = 53% das realizações totais). Por outro lado, os referidos itens revelam-se categoricamente marcados na primeira posição (100% de marcas), caindo essa tendência de modo drástico na segunda posição (20% marcas). Scherre (1988:161-162) postula então que o *“comportamento do possessivo e do quantificador na terceira posição assemelha-se mais ao dos adjectivos do que ao dos determinantes. A característica distribucional que têm em comum é exactamente a de estarem na terceira posição ou, em outras palavras, estarem pospostos ao núcleo do SN”*. Lembre-se também que as observações da CPL-var, de acordo com pressupostos da MD (Castro & Costa, 2003; Costa & Silva, 2006b), chamam a atenção para o paralelo estabelecido entre possessivos e adjectivos, no que concerne à correlação entre posição e definitude determinada pelas posições pré e pós-nominais, que constroem as categorias do tipo nuclear ou sintagmático (ponto 2.9 do presente trabalho). P. Andrade (2003:96), por seu lado, confirma que, nos seus dados, metade dos quantificadores se concentra na terceira posição, mas que nenhum deles recebe marcação PL. Os nossos dados, contudo, não confirmam Scherre (1988:161-162) e P. Andrade (2003:96) no que respeita às ocorrências na terceira localização, já que os possessivos, como se viu, se distribuem mais pelas primeira e segunda posições. Quanto aos quantificadores, também não ajudam a corroborar a opinião de ambas, já que registam apenas onze dados (9% das realizações) na terceira posição, embora o seu percentual de marcação seja também baixo (apenas um dado marcado). Assim, no PA a tendência é para estes itens gramaticais serem maioritariamente realizados na primeira posição (103 dados = 89% das realizações), revelando-se o peso da marcação nesta localização bastante categórico (pr. 0,883). Scherre (1988:161) chama ainda a atenção para o facto de os quantificadores ocorrerem esporadicamente na segunda posição, o que se confirma tanto nos nossos dados (apenas duas realizações) como nos de HEL-Ba (uma única ocorrência).

Como se vê, Lopes (2001:171) e P. Andrade (2003:98) corroboram Scherre (1988:152) na generalidade das observações desta, concluindo a primeira que os seus resultados *“derrubam a hipótese”* apontada por Guy (1981b:179), que defende a ocorrência de uma relação directa entre classe e posição. Tal tem a ver com o facto de, na NURC, apesar de os artigos ocorrerem preferencialmente na primeira posição (95%)

e os substantivos com mais incidência na segunda (85%), a maioria dos adjectivos do tipo 1 cair fora da terceira posição (3ª. posição = 41% das realizações). Por outro lado, a quarta posição é também maioritariamente ocupada por substantivos (56,5% dos itens nesse lugar). P. Andrade (2003:98), por seu lado, entende que o efeito virtualmente idêntico entre posição e classe se aplica à primeira posição e os determinantes, mas que os substantivos e adjectivos, apesar de aparecerem preferencialmente nas posições mencionadas por Guy (1981b:179) — segunda e terceira posições, respectivamente —, não apresentam a mesma proporção de marcas evidenciada pelos determinantes na primeira posição. Não obstante, “*a prevalência de marcas nos elementos que ocupam a primeira posição permite-nos corroborar a teoria de Guy sobre a indicação de plural, no português do Brasil, ocorrer na primeira oportunidade*” (P. Andrade, 2003:98), em virtude de o morfema que expressa o número se tratar de um *early system morpheme* (morfema sistémico estrutural), presente nos itens que são adquiridos por transmissão linguística irregular. Já no que diz respeito à concordância, a mesma não acontece porque, segundo P. Andrade (2003:98), a sua concretização se faz com recursos aos morfemas adquiridos mais tardiamente, isto é, os *late system morphemes* (morfemas do nível funcional sistémico) (cf. ponto 2.4.2.3 do presente trabalho).

Relativamente ao PA, o que se pode dizer é que os nossos dados acompanham os da NURC e de HEL-Ba na perspectiva do raciocínio de Lopes (2001:171) e P. Andrade (2003:98). De facto os artigos do nosso *corpus* ocorrem também com mais incidência na 1ª. posição, sejam eles definidos (1ª. posição = 96%; total das outras posições = 4%) ou indefinidos (1ª. posição = 100%), enquanto os substantivos são maioritariamente mais realizados na segunda localização (2ª. posição = 84%; total das outras posições = 16%). Quantos aos adjectivos do tipo 1, registam uma maior ocorrência nas outras posições do que no terceiro lugar (3ª. posição = 37%; total das outras posições = 63%).

Ao analisar os percentuais de marcação dos vários itens gramaticais nas distintas posições, Scherre (1988) e Lopes (2001) procuram rebater o pressuposto avançado por Guy (1981b:179) de que não se pode estabelecer uma relação directa no efeito entre *posição linear* e *classe gramatical*. Contudo, não só os nossos dados apresentam resultados que não vão totalmente ao encontro das suposições avançadas por Scherre (1988) como também cremos que Guy (1981b:179), ao referir-se a esta relação, estará

apenas a chamar a atenção para as posições preferenciais em que os referidos elementos gramaticais ocorrem. E neste aspecto, os resultados da Tabela 21.5 dão-lhe total razão, uma vez que os determinantes registam um total de 715 realizações na primeira posição, contra apenas 43 na segunda, 15 na terceira e uma na quarta ou outra posição. Por seu lado, os substantivos e categorias substantivadas exibem 1248 dados na segunda posição, contra somente 29 na primeira, 117 na terceira e 88 na quarta posição. Quanto aos adjectivos, de facto parece existir um equilíbrio de realizações entre a segunda e a terceira posição. Contudo, se contabilizarmos também os adjectivos do tipo 2 e as flexões em grau, verificamos que o total deste tipo de itens gramaticais é de 36 ocorrências na terceira posição, contra 7 na primeira, 23 na segunda e 11 na quarta ou outra posição. Por outro lado, é preciso não esquecer que a importância na marcação deve ser avaliada não em termos de percentagens, mas em função de pesos relativos. Estes, como se sabe, são estabelecidos entre elementos do mesmo grupo de factores que ocorrem na mesma posição e não avaliando um factor, *per se*, em função das suas ocorrências nas diferentes posições da cadeia sintagmática. Daí que os substantivos, por exemplo, registem um peso relativo mais alto na segunda (pr. 0,311) do que na terceira posição (pr. 0,263), apesar de apresentarem um percentual de marcação mais baixo naquela (32%) do que nesta (35%). Todavia, é um facto que os resultados da Tabela 21.5 pouco poderão adiantar sobre a influência na marcação motivada pela relação entre *posição linear* e *classe gramatical*, se não tivermos em linha de conta o modo como o favorecimento e a inibição actuam no desenho da configuração da CPL-var. Como tal, este entendimento só poderá acontecer caso cruzemos estas duas variáveis independentes, por si só e relacionadas entre si, com o grupo de factores *posição em relação ao núcleo do SN*, já que, ao que tudo indica, parece ser determinante para a marcação o facto de os itens gramaticais ocorrerem em posição pré ou pós-nuclear. Aliás, Scherre (1988:162) refere, igualmente, que a grande diferença entre o possessivo e o quantificador em segunda posição “*se dá em função também da sua relação com o núcleo do SN. Dos 235 casos de possessivo desta posição, 130 são antepostos. Dos sete casos de quantificador desta mesma posição, todos são pospostos*”. Daí que a autora tenha decidido observar também a variável *relação entre os elementos do SN*, de forma a achar uma solução para o controverso postulado de Guy (1981b:179) acerca da

equivalência entre classe gramatical e posição. Deste modo, a observação da forma como a variável independente *posição em relação ao núcleo do SN* se relaciona com os grupos de factores *posição linear* e *classe gramatical* constitui o próximo passo do nosso estudo.

#### **4.1.2.6.2. Relação entre *posição linear* e *posição em relação ao núcleo do SN* na marcação PL dos itens do SN**

Tendo em conta o facto de os itens pré-nucleares favorecerem mais a marcação do que os elementos em posição pós-nuclear, como se viu no ponto 4.1.2.4. do presente trabalho, dedicado à análise dos resultados da variável independente *marcas precedentes*, interessa agora saber não só qual é o peso na marcação PL desempenhado pelos diferentes itens gramaticais nos distintos lugares do SN mas também como se comporta o núcleo nas várias posições, igualmente em termos de pluralização. Para a constituição da variável que cruza os grupos de factores *posição linear* e *posição em relação ao núcleo do SN*, Lopes (2001:172-174) constituiu onze factores, que foram adoptados também por Figueiredo (2008:28-29) nas suas pesquisas iniciais sobre a CPL-var no SN do PA. Contudo, em virtude de os nossos dados apresentarem apenas noventa ocorrências nas diferentes posições pós-nucleares (Tabela 12.6), a distribuição das mesmas pelas diferentes faixas etárias levou a que algumas das realizações tivessem de ser eliminadas por apresentarem menos de trinta dados. Figueiredo (2008:30) procedeu então à amalgamação de todos os factores pós-nucleares num único factor (*itens plurais à direita do núcleo do SN*), tendo o grupo de factores que faz o cruzamento das variáveis independentes em questão ficado reduzido aos sete factores apresentados na Tabela 21.6 e que serão também utilizados por nós para análises mais detalhadas do que as apresentadas no trabalho inicial de Figueiredo (2008) sobre o PA.

**Tabela 21.6.** Efeito da relação entre *posição linear* e *posição em relação ao núcleo do SN* na marcação PL dos itens do SN do PA: total de ocorrências e percentuais de marcação.

<b>Factores</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>
Anterior ao núcleo, não imediatamente	UN <u>S</u> quatro <b>ano</b> [CELESH3]]	57/87	66
Imediatamente anterior ao núcleo	UMAS <b>dores</b> [DULCEM1]	631/681	93
Núcleo na 1ª. posição do SN	‘SOAS <b>morta</b> [DULCEM1]	(25/29)	86
Núcleo na 2ª. posição do SN	umas <b>DORES</b> só [DULCEM1]	399/1.248	32
Núcleo na 3ª. posição do SN	o <u>s</u> meus <b>FILHOS</b> [MANOH3]	41/117	35
Núcleo na 4ª. ou outra posição do SN	sete ou oito <b>MESES</b> [CASTEH1]	32/88	36
Posterior ao núcleo (2ª., 3ª., 4ª. ou outra posição)	HOMENS <b>capazes</b> [CASTEH1] PRÉDIOS <b>bem grandes</b> [ANTOM1]	17/90	19
<b>Totais:</b>		1.202/2.340	51

À excepção do factor *núcleo na 1ª. posição do SN*, com apenas 29 ocorrências, todos os outros factores possuem mais de trinta dados. A fim de podermos observar também o comportamento do factor que tem menos de trinta realizações, decidimos incluí-lo na rodada para obtenção de pesos relativos. A tabela 21.7 apresenta os resultados do efeito da relação entre *posição linear* e *posição em relação ao núcleo do SN* na marcação PL dos itens do SN do PA:

**Tabela 21.7.** Efeito da relação entre *posição linear* e *posição em relação ao núcleo do SN* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada: 0,527</i>		<i>Log-likelihood: -952,926</i>		<i>Significância: 0,028</i>	
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
Anterior ao núcleo, não imediatamente	57/87	66	4	0,565	
Imediatamente anterior ao núcleo	631/681	93	29	0,903	
Núcleo na 1ª. posição do SN	(25/29)	86	1	0,678	
Núcleo na 2ª. posição do SN	399/1.248	32	53	0,300	
Núcleo na 3ª. posição do SN	41/117	35	5	0,210	
Núcleo na 4ª. ou outra posição do SN	32/88	36	4	0,213	
Posterior ao núcleo (2ª., 3ª., 4ª. ou outra posição)	17/90	19	4	0,069	
<b>Totais:</b>		1.202/2.340	51	100	-

Sobre o comportamento dos itens pré e pós-nucleares já nos debruçamos no ponto 4.1.2.6.1 do presente trabalho. Relativamente ao efeito do núcleo do SN na marcação PL do SN do PA, constata-se a sua tendência para favorecer moderadamente a inserção de marcas quando se encontra na primeira posição da cadeia sintagmática (pr. 0,678). Comparando os presentes resultados com os da Tabela 16.2 (relação entre *classe gramatical* e *posição em relação ao núcleo do SN*) e 21.5 (relação entre *posição linear* e *classe gramatical*) é possível confirmar que o peso inibidor revelado pelos substantivos e categorias substantivadas não actua na marcação quando estes itens se encontram na primeira posição sintagmática, reforçando-se o pressuposto funcionalista acerca de a marcação ocorrer preferencialmente na primeira oportunidade (Kiparsky, 1972:195), conforme sistema de pluralização dos ancestrais substratos africanos (Guy, 1981a:301-302). Isto mesmo pode ser confirmado através da inibição apresentada pelo núcleo na segunda posição do SN (pr. 0,300), passando a pluralização a incidir sobre o elemento que o antecede, independentemente da sua classe gramatical (Tabela 16.2). Como se pode ver ainda, a inibição aumenta à medida que o núcleo se distancia da primeira posição, apresentando valores bastante inibidores e que apenas não se distanciam entre si nas terceira e quarta ou outra posição (núcleo na 3ª. posição = pr. 0,210; núcleo na 4ª. ou outra posição = pr. 0,213).

Analisando a CGEN-var do dialecto de HEL-Ba, Lucchesi (2000a:249-250) refere que, em situação de transmissão linguística irregular, os falantes exibem uma variação significativa, condizente com a fase inicial e mais precária da aquisição do PtgL2. Deste modo, a expansão da regra de concordância, levada a cabo pelas gerações afectadas por pressões sociolinguísticas, é norteadas por três princípios gerais: (i) Princípio da Simplicidade; (ii) Princípio da Integração (ambos referenciados no ponto 1.3.1.1 do presente trabalho); (iii) Princípio da Saliência (Naro & Lemle, 1976:240-241; Lemle & Naro, 1977:47), que aponta para a ocorrência de uma maior concordância de género quer para as estruturas de género com marcas mais explicitadas quer para os SN's com núcleo preenchido (por oposição aos núcleos de categoria vazia). Estes aspectos levam a concordância de género a expandir-se a partir do nome núcleo, para se fixar na estrutura do SN, orientando-se para os elementos à esquerda do nome e, marginalmente para os itens à direita deste. Contudo, o que se observa na concordância de número é que os

itens em posição pré-nuclear são os que têm tendência para receberem a marcação mórfica de concordância, com especial incidência para o elemento colocado na posição imediatamente anterior ao núcleo do SN, ou seja, a categoria DET. Esta tendência sugere, por um lado, a hipótese de a inserção da marca de número se iniciar neste elemento gramatical (Longobardi, 1994; Baxter, 2009), sob a influência do sistema de marcação PL das ancestrais línguas do substrato africano (cf. Guy, 1981a:301-302), nas quais predomina o uso de classificadores nominais em forma de prefixo ou clítico, que vão também a motivar a CPL-var de HEL-Ba e do PA. Por outro lado, o facto de os elementos pré-nucleares terem um papel activo na construção estrutural da concordância relega os itens pós-nucleares para funções sintácticas de mera adjunção (Lucchesi, 2000a; Figueiredo, 2009a), não se inserindo marcas de concordância de PL nestes, em virtude de as mesmas se revelarem redundantes (Kiparsky, 1972:195). Numa perspectiva generativista (ponto 2.6.6 do presente trabalho), a não-realização fonética da marca PL licenciada por {s} obedece a uma operação de identificação de conteúdo semântico-funcional (Cerqueira, 1994:125), que garante ao SDET, enquanto projecção máxima de N e SN, a possibilidade de projectar os traços categoriais e flexionais destes dois núcleos alargados, permitindo que os mesmos estabeleçam o pareamento de traços entre si. Por seu lado, a marca PL em DET vai permitir que a mesma não seja visível em N, ou seja, vai tornar possível o licenciamento de {s} nulo neste. Por outro lado, como determinadas línguas não seleccionam traços [-interpretáveis] de género e número (Franceschina, 2002:76), como acontece com os dialectos do grupo níger-congo atlântico, os falantes adultos destes experimentam dificuldades na aquisição dos mesmos traços do português (cf. Franceschina, 2003:104), o que os leva a estabelecerem novos/errados parâmetros (cf. Gonçalves, 2004:235), responsáveis pela reinstanciação paramétrica no PAL1 e consequente aquisição das regras de concordância variáveis de género e de número a nível do SN.

As análises da relação entre *posição linear* e *posição em relação ao núcleo do SN* na marcação PL levadas a cabo para o PT (Baxter, 2004:117) e HEL-Ba (Baxter, 2009:278) revelaram a existência de gramáticas distintas para as diferentes gerações de ambas as comunidades. Nesta conformidade, para se perceber se existe uma regra quantificadora que determine com exactidão o ponto de entrada da marcação de número no PA e qual a

variação que a mesma sofre em situação de transmissão linguística irregular ao longo das gerações, decidimos verificar também o efeito destas duas variáveis independentes na marcação PL das diferentes faixas etárias de Almojarife. A Tabela 21.8 apresenta os resultados obtidos quer para a comunidade quer para as três gerações em estudo.

**Tabela 21.8.** Relação entre *posição linear* e *posição em relação ao núcleo do SN* na marcação PL dos itens do SN do PA: comunidade e faixas etárias.

							<i>Input desta rodada: 0,527</i> <i>Log-likelihood: -952,926</i> <i>Significância: 0,028</i>								<i>Input desta rodada: 0,348</i> <i>Log-likelihood: -148,154</i> <i>Significância: 0,027</i>
							<b>Comunidade</b>			<b>FE-3 (+60 anos)</b>					
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>			
Anterior ao núcleo, não imediatamente	57/87	66	0,565	(11/19)	58	-									
Imediatamente anterior ao núcleo	631/681	93	0,903	(133/140)	95	0,973									
Núcleo na 1ª. posição do SN	(25/29)	86	0,678	-	-	-									
Núcleo na 2ª. posição do SN	399/1.248	32	0,300	57/357	16	0,230									
Núcleo na 3ª. posição do SN	41/117	35	0,210	(3/28)	11	0,078									
Núcleo na 4ª. ou outra posição do SN	32/88	36	0,213	(0/10)	0	-									
Posterior ao núcleo	17/90	19	0,069	(2/16)	13	-									
<b>Totais:</b>							1.202/2.340	51	-	206/570	36	-			
							<i>Input desta rodada: 0,403</i> <i>Log-likelihood: -347,080</i> <i>Significância: 0,005</i>								<i>Input desta rodada: 0,811</i> <i>Log-likelihood: 398,848</i> <i>Significância: 0,030</i>
							<b>FE-2 (41 – 60 anos)</b>			<b>FE-1 (20 – 40 anos)</b>					
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>			
Anterior ao núcleo, não imediatamente	(14/29)	48	0,365	32/39	82	0,685									
Imediatamente anterior ao núcleo	196/231	85	0,856	302/310	97	0,947									
Núcleo na 1ª. posição do SN	(4/5)	80	-	(21/24)	88	-									
Núcleo na 2ª. posição do SN	127/417	31	0,367	215/474	45	0,183									
Núcleo na 3ª. posição do SN	16/35	46	0,260	22/54	41	0,222									
Núcleo na 4ª. ou outra posição do SN	12/40	30	0,208	20/38	53	0,280									
Posterior ao núcleo	(4/29)	14	0,064	11/45	24	0,075									
<b>Totais:</b>							373/786	48	-	623/984	63	-			

Os resultados evidenciam dois aspectos a ter em conta: (i) a existência de gramáticas distintas nas diferentes gerações de Almojarife; (ii) perfis de marcação geracional muito semelhantes entre o PA, o PT e HEL-Ba, como se verá mais detalhadamente. Assim, as distintas gramáticas geracionais poderão ser observadas, por exemplo, pelo comportamento do factor *posição anterior ao núcleo do SN, mas não imediatamente*, que caminha no sentido da aquisição da concordância, pois começa por ser um elemento com escassas ocorrências na FE-3 (apenas 19), para passar, depois, a ser mais usado na faixa etária intermédia, mas com um peso inibidor da marcação (pr. 0,365), e acabar por se fixar, na geração mais nova, como item que favorece moderadamente a marcação (pr. 0,685). Este aspecto, para além de revelar um padrão de desenvolvimento geracional oposto ao da deriva românica, evidencia também a preferência da geração mais idosa do PA pela realização de SN's que envolvem apenas uma posição pré-nuclear, isto é, de estrutura reduzida, um aspecto que encontra paralelo nas outras duas comunidades observadas. Como tal, são escassos os SN's que apresentam três ou mais itens gramaticais, tanto em Almojarife como em Monte Café ou HEL-Ba. Paralelamente, a tendência para fixar a marcação em número na posição imediatamente à esquerda do núcleo do SN é logo estabelecida na faixa etária mais idosa (PA = pr. 0,973; PT = pr. 0,958; HEL-Ba = 0,960), com o núcleo desfavorecendo sempre a inserção de marcas, independentemente da sua localização, mas com maior incidência quando se encontra no terceiro lugar do SN, excepto em HEL-Ba (núcleo na 2<sup>a</sup>. posição: PA = pr. 0,230; PT = 0,260; HEL-Ba = 0,111 / núcleo na 3<sup>a</sup>. posição: PA = pr. 0,078; PT = 0% marcação em 13 ocorrências; HEL-Ba = 0,268). Estes aspectos dão consistência, uma vez mais, ao pressuposto de que é a categoria funcional DET o ponto de inserção da marca de número PL (Longobardi, 1994; Baxter, 2009), sob a forma de morfema *singleton*, nestas três variedades de português. Note-se também a baixíssima marcação PL apresentada pelos itens pós-nucleares neste estrato etário de todas as variedades em análise (PA = 13% de marcação; PT = pr. 0,024; HEL-Ba = 0% de marcação).

O perfil de marcação evidenciado pela FE-3 de Almojarife transita, em grande parte, para a FE-2, sendo acompanhado, na maioria das suas especificidades, pelos contornos sintagmáticos do PT e de HEL-Ba. Assim, no PA e em HEL-Ba, os pontos de entrada da marcação PL continuam a manter-se unicamente no elemento imediatamente pré-nuclear

(PA = pr. 0,856; HEL-Ba = pr. 0,939), mas no PT, o *elemento anterior ao núcleo, mas não imediatamente*, apresenta já um elevado peso de inserção de marcas (imediatamente anterior ao núcleo = pr. 0,913; anterior ao núcleo, mas não imediatamente = pr. 0,884). Em Almojarife e em HEL-Ba, contudo, o factor *anterior ao núcleo, mas não imediatamente* revela-se moderadamente inibidor da pluralização, mais no primeiro dialecto do que no segundo (PA= pr. 0,365; HEL-Ba = pr. 0,421).

Nesta faixa etária, os SN's apresentam já uma estrutura relativamente mais desenvolvida, com os itens pré-nucleares não adjacentes mostrando mais realizações. Por seu lado, o núcleo aumenta também as suas ocorrências em todas as posições da cadeia sintagmática, exibindo, nas variedades africanas, produções na primeira posição do SN, algo que não sucedia nas faixas etárias mais idosas destas línguas. Não obstante, o desfavorecimento do núcleo mantém-se nesta geração, revelando, na quase exclusividade dos dados, um peso cada vez mais acentuado à medida que se afasta da primeira posição, isto é, à medida que a estrutura do SN se distende e se torna mais complexa (1ª. posição: PA = 5 dados com 80% marcação; PT = 6 dados com 100% marcação; HEL-Ba = ausência de realizações / 2ª. posição: PA = pr. 0,367; PT = pr. 0,243; HEL-Ba = pr. 0,179 / 3ª. posição: PA = pr. 0,260; PT = pr. 0,320; HEL-Ba = pr.0,001 / 4ª. posição: PA = pr. 0,208). Quanto aos itens pós-nucleares, confirmam também a tendência para inibirem fortemente a pluralização já verificada na geração anterior (PA = pr. 0,064; PT = pr. 0,084; HEL-Ba = 0% de marcação em 26 dados).

Esta faixa etária, apesar de apresentar estruturas sintagmáticas mais desenvolvidas, começa a evidenciar que a marcação PL revela tendência a fixar-se na primeira posição do SN, como o demonstra o facto de os nomes nesta localização surgirem marcados, o que não acontece quando estão em segundo lugar, visto a inserção de marcas já ter sido levada a cabo no elemento que se encontra imediatamente à sua esquerda. Estes aspectos evidenciam que, quando essa posição não é ocupada por um elemento DET, o SN se torna o alvo de PL, em virtude das suas características lexicais (Baxter, 2009:292). Por seu lado, os itens pré-nucleares adquiridos mais tardiamente, e que ajudam a construir estruturas sintagmáticas mais complexas (anterior ao núcleo, mas não imediatamente), revelam-se mais receptivos à inserção de marcas do que os elementos pós-nucleares. Antevê-se aqui o início da aquisição da regra de concordância, sobretudo por influência

de factores sociais, como a escolarização pública, a migração periódica de homens em busca de trabalho ou sua inserção nos quadros do exército colonial, o melhoramento do sistema rodoviário e de transportes ou o acesso aos meios de comunicação de massa. Deste modo, o PL inicia o seu desenvolvimento com características de concordância parcial, através de morfemas dissociados, que são atribuídos aos elementos mais próximos do *fulcro* inicial. A ordem de atribuição contempla os elementos do SDET, primeiro, e os itens à direita do núcleo, depois. Não obstante, o perfil da âncora pré-nuclear é mantido geracionalmente, denotando que o sistema de marcação adquirido por transmissão irregular se começa a cristalizar (elemento imediatamente pré-nuclear fortemente marcado, núcleo e elemento pós-nuclear altamente desfavorecedores da pluralização), confirmando uma reinstanciação paramétrica no PAL1, com base no *input* marcado pelos novos/errados parâmetros instanciados na L2 (cf. Gonçalves, 2004:235).

Finalmente, a FE-1 estabiliza a variação, na qual é patente a herança da marcação PL adquirida por transmissão linguística irregular. Deste modo, apesar de os SN's se apresentarem ainda ligeiramente mais complexos do que os da geração antecedente (veja-se, por exemplo, como continua a crescer o número de realizações com núcleo em primeira posição), o padrão de marcação mantém-se parcial, uma vez que apenas os elementos pré-nucleares não adjacentes revelam um aumento de concordância, passando a favorecer moderadamente a marcação (pr. 0,685). Este aumento de concordância em direcção ao favorecimento de inserção de marcas ocorre também em HEL-Ba (pr. 0,673), mas mantém-se constante no PT (p. 0,770) que, como vimos, já marca fortemente o número nesta posição na faixa etária intermédia (pr. 0,884). Quanto aos restantes factores, confirmam que o padrão geral da pluralização iniciado na FE-3 não sofre grandes alterações relativamente ao grau de inserção/inibição já revelado pelas gerações antepassadas. Desta forma, a primeira posição continua a revelar-se como favorecedora da marcação, independentemente do item que nela se encontre, mesmo que seja o núcleo do SN (88% de realizações marcadas). Este favorecimento é idêntico no PT (pr. 0,770), mas HEL-Ba revela um estágio mais avançado na aplicação da regra, já que apenas regista uma ocorrência com nome na primeira posição. O favorecimento maior da inserção de marcas continua, contudo, a recair no elemento imediatamente

anterior ao núcleo, que é categoricamente marcado em todas estas variedades de português (PA = pr. 0,947; PT = 0,835; HEL-Ba = pr. 0,919).

Por seu lado, a inibição da marcação também não revela alterações significativas relativamente à realizada nas gerações primordiais, pois continua a actuar categórica e uniformemente quer sobre o núcleo em posições que não a primeira (2<sup>a</sup>. posição: PA = pr. 0,183; PT = pr. 0,243; HEL-Ba = pr.0,153 / 3<sup>a</sup>. posição: PA = pr. 0,222; PT = pr. 0,273; HEL-Ba = pr. 0,174 / 4<sup>a</sup>. posição: PA = pr. 0,280) quer sobre os itens pós-nucleares (PA = pr. 0,075; PT = pr. 0,144; HEL-Ba = 0% de marcação em 23 dados). Desta forma, a CPL-var no SN das três variedades de português aqui observadas acaba, em última instância, por confirmar os princípios advogados pela FFFH, que preconizam a dificuldade na ASL dos traços não interpretáveis de número dos elementos funcionais ou não parametrizados (Franceschina, 2002:76), adquiridos em fase pós-puberdade, e seu conseqüente apagamento geracional, em virtude de ocorrer reinstanciação paramétrica de novos errados/errados parâmetros na L1 nativizada (Gonçalves, 2004:235).

Lopes (2001:187) observou também o efeito da escolaridade no padrão de variação que cruza as variáveis independentes *posição linear* com a *posição em relação ao núcleo do SN*. O perfil em todos os estratos escolares é idêntico entre si e não se afasta daquele que é revelado pela comunidade: (i) itens pré-nucleares favorecendo a pluralização, com destaque para a posição imediatamente anterior ao núcleo do SN; (ii) núcleo favorecendo a marcação ou mostrando-se neutro na primeira posição, mas desfavorecendo-a nas restantes localizações sintagmáticas; (iii) elementos pós-nucleares inibindo categoricamente a inserção de marcas. Se levarmos em linha de conta que o postulado (i) se aplica maioritariamente aos SN's de dois elementos (DET+N), acreditamos que, no PA, o padrão de variação não se afastará deste, até porque, como se viu, existe uma forte aproximação entre os resultados dos estratos etários e da escolaridade nas duas variedades. Assim sendo, abstivemo-nos de observar a relação entres as referidas variáveis linguísticas e a variável social *escolaridade*, uma vez que os valores de tal relação não se afastarão consideravelmente daqueles que estão patentes na Tabela 21.8, com os resultados da FE-3 correspondendo aos das faixas analfabetas e de escolarização baixa, os da FE-2 evidenciando valores respeitantes aos dos falantes de

escolarização média e a FE-1 fornecendo números para os membros da comunidade com escolarização alta.

Porém, importa ainda realçar que os padrões de variação das faixas etárias mais novas das três variedades de português observadas (PA, PT e HEL-Ba) acabam por reflectir também os das próprias comunidades, já que todas elas exibem bastantes semelhanças entre si. Por outro lado, estas semelhanças são ainda extensíveis aos padrões da CPL-var de Salvador (Lopes, 2001:178-180) e do Maputo (Jon-And, 2008:5), tal como se pode verificar na Tabela 21.9.

No caso específico do PVA, não temos conhecimento de trabalhos com recurso a métodos quantitativos. No entanto, Inverno (2005) recolheu um *corpus* na região do Dundo (Província da Lunda Norte), com recurso a entrevistas levadas a cabo a informantes de diferentes escalões etários, sexo e níveis de escolaridade, a fim de proceder a uma observação das ocorrências variáveis no mesmo. No caso concreto dos itens que compõem o SN, Inverno (2005:130) concluiu que o PVA não difere do PE no que concerne quer ao número de elementos quer às suas categorias gramaticais. Porém, no que diz respeito à distribuição destes elementos pela cadeia sintagmática, são evidentes as diferenças, principalmente quando se trata de possessivos e marcação da pessoa. Mas não só, já que as concordâncias de género e o número evidenciam também variações relativamente ao PE (ponto 1.3.1.2 do presente trabalho).

No caso concreto da CPL-var, o fenómeno é generalizado e vai ao encontro de outros registados por Marques (1985 [1983]:219), Gärtner (1989:159) e Vilela (1999:56), que atribuem o fenómeno da ausência de marcação do núcleo do SN ao sistema das línguas bantu, cuja pluralização se faz com recurso a afixos aglutinados pré-nominalmente aos núcleos dos SN's. Porém, Inverno (2005) vai mais longe nas suas observações, detectando também marcações parciais de número em palavras que terminam em *-es* no PE (exemplo [260]). A autora atribui esta variação à conservação do /e/ da sílaba final e sua alternância vocálica em [i], um fenómeno que acontecerá em virtude de as sílabas das línguas bantu serem sempre abertas:

[260] PANG:  
*outro bebé só tem dez mesi* (Inverno, 2005:133)  
“o outro bebé só tem dez meses”

Paralelamente, Inverno (2005:135) avança que as suas observações permitem lançar a hipótese de que a marcação de número é feita nos elementos mais à esquerda do SN, sejam eles núcleos ou itens não nucleares, de acordo com as seguintes possibilidades: “(a) quando o SN é composto por dois elementos, somente o elemento mais à esquerda recebe a marca de número; e (b) quando o SN é composto por três elementos, somente os dois primeiros elementos recebem a marcação de Plural”<sup>175</sup> (Inverno, 2005:135). A autora indica ainda que tanto a categoria gramatical dos elementos como a função sintáctica do próprio SN parecem não condicionar directamente a marcação de número.

As hipóteses avançadas por Inverno (2005) para o PVA, salvaguardada a possibilidade de se ter que observar a questão mencionada em (b) com recurso a métodos quantitativos, encaixam nos achados quer do PA quer ainda do PT, PMp, PCV e PB, como se tem vindo a constatar.

Procedendo agora à análise da Tabela 21.9, comparem-se então os padrões de variação da marcação PL do PA, NURC, HEL-Ba, PT, PMp e PCV. Como se pode constatar em todas estas variedades de português, os elementos pré-nucleares propiciam mais a pluralização, com especial incidência para o item imediatamente à esquerda do núcleo do SN, cuja marcação é sempre categórica. Contudo, veja-se que a inserção de marcas na posição pré-nuclear não adjacente, que ocorre mais tardiamente (*late system morphemes*), revela os diferentes estádios gramaticais dos dialectos em questão. Salvador e HEL-Ba, que cessaram o intenso contacto directo com o PE mais precocemente, apresentam valores próximos do patamar da neutralidade, com a variedade mais culta, isto é, a NURC, mostrando um peso mais favorecedor da inserção de marcas (pr. 0,64) do que a variedade vernácula (pr. 0,479). Por seu lado, o PA e o PCV, apesar de terem passado por um processo de criouliização, mantiveram um contacto mais prolongado com o PE do que as variedades brasileiras, daí o peso da sua marcação se aproximar do de HEL-Ba (PA = pr. 0,565; PCV = pr. 0,44). Já o PT, apreendido mais tardiamente e sem sofrer um processo de criouliização, apresenta o peso mais favorecedor de todas as variedades, a denotar já um elevado índice de aquisição da regra de concordância (pr. 0,795). Quanto ao PMp, exhibe um valor moderadamente inibidor da marcação (pr. 0,38), já que, como Jon-And (2008:2) refere, os seus informantes “têm uma língua bantu como L1 (*xironga ou xixangana*)” e “falam uma

*língua bantu em casa e portugueses numa actividade diária*”. Condição esta que poderá igualmente estar na base da ligeira inibição apresentada pelo PCV, já que os falantes desta variedade têm todos o CCV de São Vicente/Santo Antão como L1 (Jon-And, 2009:2).

**Tabela 21.9.** Relação entre *posição linear* e *posição em relação ao núcleo do SN* na marcação plural dos itens do SN: 6 variedades de português.

Factores	PA		NURC		HEL-Ba		PT		PMp		PCV	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Anterior ao núcleo, não imediatamente	0,565	66	0,64	97	0,479	85	0,795	95	0,38	95	0,44	90
Imediatamente anterior ao núcleo	0,903	93	0,90	99	0,914	98	0,915	95	0,78	98	0,78	97
Núcleo na 1ª. posição do SN	0,678	86	0,54	96	(0/1)	0	0,798	93	48/48	100	51/51	100
Núcleo na 2ª. posição do SN	0,300	32	0,17	66	0,153	9	0,223	32	0,30	78		
Núcleo na 3ª. posição do SN	0,210	35	0,11	62					0,29	81	0,32	71
Núcleo na 4ª. posição do SN			0,16	64	0,397	17	0,267	50				
Núcleo na 5ª. posição do SN	0,213	36	(16/16)	100					0,34	88		
Posterior ao núcleo, 2ª. posição do SN			0,17	80					0,26	76		
Posterior ao núcleo, 3ª. posição do SN			0,10	60	0/90	0	0,112	24	0,17	67	0,18	61
Posterior ao núcleo, 4ª. posição do SN	0,069	19	0,05	52					0,21	75		
Posterior ao núcleo, 5ª. posição do SN			0,07	67								

Ainda a propósito da inibição apresentada por alguns elementos pré-nucleares não adjacentes, Scherre (1988:162) e Lopes (2001:175) chamam a atenção para o facto de os SN's em questão serem semelhantes, uma vez que exibem elementos em segunda

posição sempre marcados, antecedidos por elementos não-marcados na primeira posição. Scherre (1988:163) observou ainda que, nos seus dados, os possessivos preenchem sempre a segunda posição. Este fenómeno levou a autora a estabelecer uma oposição entre elementos não nucleares à esquerda do núcleo, localizados nas primeira e segunda posições. Posteriormente, Lopes (2001:182-183) confirmou que a esmagadora maioria dos seus casos tinha perfil idêntico aos do MRJ e estabeleceu um paralelo com os achados de Lucchesi (2000a) sobre a CGEN-var de HEL-Ba, que advoga uma relação entre a maior proximidade ao núcleo, à esquerda deste, e mais concordância. Por outras palavras, Lopes (2001) considera o aspecto da contiguidade como um factor altamente influente na concordância e que leva os elementos adjacentes ao núcleo a serem bastante marcados. Neste aspecto o nosso entendimento diverge do de Lopes (2001), já que achamos que as motivações que levam o elemento pré-nuclear a ser categoricamente marcado assentam no pressuposto de a CPL-var ser influenciada pelo sistema de marcação em número dos substratos africanos (cf. Guy, 1981a:301-302). Estamos então perante dois pontos distintos de entrada da marcação: um para o género, com o sistema de concordância a irradiar a partir do nome núcleo do SN (Lucchesi, 2000a; Figueiredo, 2009a; Godinho, 2009), e afectando primeiramente os elementos à sua esquerda; e outro para o número, com a marca de PL a ser inserida no elemento imediatamente pré-nuclear (Guy, 1981a; P. Andrade, 2003; Baxter, 2004, 2009; Figueiredo, 2008, 2009a), isto é, na categoria DET (Baxter, 2009:292), deslocando-se depois para os elementos à sua esquerda, embora de forma ténue. Aliás, os dados não marcados do nosso *corpus* não confirmam as constatações de Scherre (1988) e Lopes (2001) quer quanto ao tipo de SN's (segunda posição sempre marcada, antecedida por não-marcação na primeira [0S(0)]), visto registarmos ocorrências não marcadas nas duas primeiras posições e que centram a marcação apenas no terceiro elemento, o núcleo do SN [00(S)] (cf. Tabela 12.3 e exemplos [261], [262] e [263]), quer quanto ao item gramatical em posição pré-nuclear, mais concretamente ao possessivo em segunda localização (exemplos [262] e [263]), que apenas regista quatro realizações no nossos *corpus*. Aliás, Lopes (2001:185) revela que Baxter lhe avançara verbalmente que esta também não era a situação do PT, uma vez que neste dialecto apenas se detectara uma ocorrência com possessivo em segunda posição. Transcrevem-se, seguidamente, alguns SN's compostos por três

elementos gramaticais, o primeiro dos quais sem marcação, e que não configuram as constatações das duas autoras:

[261] PA:  
*pra apreciar um... um outro trabalhos de televisão* [CASTEH1]  
“para apreciar uns... uns outros trabalhos de televisão”

[262] PA:  
*uma empresa tem o seu patrões* [ABILH2]  
“uma empresa tem os seus patrões”

[263] PA:  
*cada uma dessa dependência tem o seu donos* [ABILH2]  
“cada uma dessas dependências tem os seus donos”

Quanto à marcação que incide sobre o núcleo nas diferentes localizações sintagmáticas, a propensão para a primeira posição favorecer a inserção da marca de número em todas as variedades de português é também uma constatação geral. No que respeita às restantes posições nucleares, bem como às localizações pós-nucleares, verifica-se que o sistema de marcação tem respaldo no das gerações antepassadas, inibindo categoricamente a pluralização em todos os dialectos que aqui se observam. Note-se, contudo, o valor da NURC para o factor *núcleo na quinta posição do SN*, com dezasseis realizações a favorecerem plenamente a marcação (100%). Este aspecto mereceu a nossa atenção, por constituir uma excepção relevante no paradigma de marcação da posição nuclear de todas as variedades de português apresentadas. Porém, depois de observarmos o exemplo avançado por Lopes (2001:180) para este factor (“*as mesmas quer dizer assim PESSOAS que são*”), somos obrigados a discordar da codificação adoptada pela autora, já que, em nossa opinião, ocorrerão nesta cadeia discursiva pausas que visam estabelecer um encadeamento de ideias e consequente reformulação do discurso, não se consubstanciando o referido exemplo como um SN uno e indivisível.<sup>176</sup> Assim sendo, o valor apontado para a NURC terá que ser descartado do padrão geral de marcação revelado pelo núcleo do SN nas diferentes posições que ocupa, sugerindo-se que as codificações para esta variedade sejam revistas no que concerne a este factor, a fim de se obterem resultados conclusivos para o mesmo.

Face à evidência da importância desempenhada pela posição imediatamente pré-nuclear na marcação geracional do PL no SN de Almojarife (e também de todas as outras variedades de português), levanta-se uma questão: porque é que tal acontece logo

nas gerações mais antepassadas, mantendo-se o padrão estabilizado até às faixas etárias actuais? No que concerne especificamente ao PT, Baxter (2004:117) avançou três sugestões para justificar a emergência da marcação irregular no PT, e que se ajustam perfeitamente à situação do PA: (i) a evidência de a marca PL ser tão difusa nos DLP's que se pode considerar ter sido adoptada uma solução de não-marcação, evidenciando-se a quantificação apenas na posição imediatamente à esquerda do núcleo (que coincide com a primeira posição no SN de estrutura mínima da primeira geração, isto é, na categoria DET); (ii) os DLP's contendo dados do PtgL2 com evidências desta estrutura irregular provirem de estruturas simplificadas do PtgL1 (DET+N); (iii) os DLP's contendo dados do PtgL2 se revelarem fortemente influenciados por transferências provenientes da L1.

A quase inexistência em São Tomé de informantes tanto do PTL2<sup>177</sup> como do PAL2 impediram a recolha, para o segundo, de dados que permitissem confirmar *in loco* as hipóteses avançadas. A explicação fornecida em (ii) pode ser uma opção que tivesse funcionado como gatilho para impelir a marcação variável, mas, na ilha, o rácio entre europeus e africanos era desproporcionado, com evidente desvantagem numérica para os primeiros. Entrevistados por Baxter (2004:125, nota de fim de texto 38), três portugueses europeus, antigos feitores em roças de São Tomé, garantiram que os europeus, para efeitos de facilidade comunicativa, moldavam o seu discurso ao dos falantes de origem africana, levando a cabo simplificações nas estruturas do PE, traduzidas no uso de algumas formas analíticas (p.e. pronomes sujeito no lugar de pronomes objecto). Não obstante, os entrevistados fizeram questão de salientar que o grosso das divergências emergia no discurso dos africanos, e não dos europeus. Nesta conformidade, e apesar de não se descartar a possibilidade de a variação poder ancorar esporadicamente no PE, parece ser dado adquirido que a responsabilidade maior da sua emergência caberá a outras fontes, isto é, às línguas do substrato. Daí que as estruturas do tipo DET+N apresentem elevado grau de ausência de concordância no PA ou no PT, o que não sucede no dialecto HEL-Ba, que se encontra em situação de mudança no sentido de adquirir as regras padrão, e para o qual as análises, numa perspectiva sintagmática, revelam que as estruturas simplificadas (2 elementos) apresentam tendência para favorecerem a marcação PL (P. Andrade, 2003:142; Tieppo, 2003:6).

O argumento do desenvolvimento apontado em (i), ou seja, aquele que é activado pela não captação da evidência de marca de PL, aparenta ser bastante plausível. Face a estas ocorrências, o falante em situação de ASL constrói SN's de estrutura mínima com um item quantificador na posição à esquerda, ou seja, na primeira oportunidade com que se depara para inserir a marcação (cf. Kiparsky, 1972:195). Não obstante, aspectos relacionados com a demografia ou questões fonológicas, que se abordarão no capítulo 5, sugerem que se considere seriamente a possibilidade de ocorrerem transferências que emanam das L1. As gerações mais idosas de Almojarife são as que evidenciam ter recebido DLP's mais marcados pelo *continuum* da L2 antecessora, não constituindo excepção aos resultados amplamente documentados sobre aquisição de L2's que evidenciam a influência proveniente das L1's, sobretudo nos estádios rudimentares de desenvolvimento da *interlândia*.

Como se tem referido amplamente neste trabalho, Guy (1981a:3001-302) avançou a possibilidade de a CPL-var do PVB, que marca preferencialmente a posição pré-nuclear, ter origem nos escravos falantes de L1's africanas, nas quais os classificadores semânticos, e não os elementos nucleares, detêm as marcas de PL. Esta hipótese parece colher perfeitamente no caso do PA e foi também contemplada como sendo bastante válida nos estudos efectuados por P. Andrade (2003), para HEL-Ba, por Baxter (2004; 2009) para o PT e HEL-Ba, por Figueiredo (2008, 2009a, 2009b, 2010), para o PA, e por Jon-And (2008, 2009), tanto para o PMp como para o PCV. Como se viu no ponto 1.4.1 do presente trabalho, o kimbundu e o umbundu constroem a pluralização recorrendo a classificadores situados em posição pré-nominal e que remetem para classes semânticas, podendo os mesmos carregar ainda funções de carácter deictico. Por outras palavras: a maioria das línguas do grupo níger-congo atlântico é caracterizada por um sistema de concordância em número determinado pelo classificador do nome, que actua como prefixo deste e estende a concordância aos adjectivos, determinantes e mesmo alguns conectores, que mantêm o seu radical inalterado (exemplos [76a]) e [76b]). Deste modo, a indicação de PL no classificador nominativo funciona como a chave mórfica que dá o mote para a pluralização dos classificadores dos outros itens inseridos na cadeia sintagmática.

Face a estes aspectos, é muito natural que os falantes adultos de uma L1 do grupo níger-congo atlântico, como o balanta, o wolof, o kimbundu ou o umbundu, submetidos à ASL, se revelem sensíveis à marca de PL em posição imediatamente pré-nuclear, dando também continuidade, de certa forma, à aplicação do Princípio da Simplicidade, que leva a marcação a incidir inicialmente sobre as estruturas mais simples dos SN's. Como será também improvável que os mesmos falantes percepcionem que a marca de PL actua numa posição distinta nessa mesma L2, isto é, em forma de sufixo. As pesquisas levadas a cabo por Koehn (1994), no âmbito do projecto DUFDE (*Deustsh und Französisch – Doppelter Erstspracherwerb*) sobre aquisição bilingue das línguas alemã e francesa, dão conta que o fenómeno da aquisição de morfologia de género e número no SN sofre um processo de maturação (Borer & Wexler, 1987; Genesee, 1989; Radford, 1990, 1997a, 2000; Vainikka, 1993/1994; Meisel, 1994a, 1997) de acordo com o Modelo de Esquemas (Koehn, 1994:35, ponto 2.6.4.2 do presente trabalho), pelo que não existem apenas relações entre formas básicas e derivadas em termos de regras de afixação, ocorrendo igualmente interligações a nível fonológico e que levam os afixos a não serem armazenados independentemente dos radicais com os quais podem ocorrer. Como o estado FL0 da aquisição é composto apenas por conceitos semânticos, ou seja, caracteriza-se pela ausência sistemática de marcação de género e de número, os falantes em processo de ASL, para além de lidarem inicialmente com as palavras como um todo, reconhecem a estrutura interna das formas morfologicamente complexas por comparação com outras formas, recorrendo a conexões lexicais (cf. Koehn, 1994:41), ou seja, estabelecem ligações morfofonológicas entre a LA e a sua L1 africana, para elaborarem novas formações na interlíngua.

Baxter (2004:118), ao estudar o fenómeno da CPL-var no SN do PT, recorre a exemplos do seu *corpus* para confirmar a possibilidade de certos determinantes poderem ser fonologicamente reinterpretados como classificadores semânticos, como acontece com o artigo definido “o”, cuja realização fonológica é igual à do classificador semântico “u” da classe II do umbundu, referente a pessoas. Este é prefixado nominalmente com os afixos *u-*, no singular, e *a-*, no PL, mantendo-se inalterado o radical do nome: **u**~lume > **a**~lume (homem > homens) (Valente, 1964:68). Evidências do mesmo tipo de fenómeno estão presentes quer nos nossos dados quer em ocorrências

do PANG, em que o artigo definido foi fonologicamente aglutinado ao nome, como se de um marcador semântico se tratasse:

[264] PA:  
*U'omé do... de Benfica* [CASTEH1]  
“O homem do... do Benfica”

Constatações de que os falantes dos dialectos bantu interpretam o substantivo do português como invariável e os elementos não-nucleares do SN como equivalentes dos afixos bantu são-nos fornecidas pelos empréstimos lexicais incorporados nestas línguas. No umbundu, por exemplo, os termos provenientes do português caem dentro da classe dos afixos OMU–, que pluralizam em OMA– (pessoas) e AMU– (coisas): **omu**~kanda > **amu**~kanda (carta > cartas) (Valente, 1964:81). Chatelain (2001), por seu lado, regista, no kimbundu, uma série de vocábulos portugueses aos quais são aglutinados os afixos bantu, que podem não surgir na forma singular da palavra, mas marcam presença constante nas pluralizações para fornecerem a distinção na marcação de número. Listamos, seguidamente, alguns desses termos: **ki**~ngeleji > **i**~ngeleji (inglês > ingleses); pultukeji > **ji**~pultukeji (português > portugueses); mosa > **ji**~mosa (moça > moças); **ku**~mezai > **ji**~mesa (mesa > mesas); **di**~letá > **ma**~letá (leitão > leitões); **di**~kalu > **ma**~kalu (carro > carros).

Mas a aglutinação de afixos do kimbundu não se limita aos termos importados por este dialecto, registando-se também o mesmo tipo de fenómeno no PANG. Um exemplo concreto deste tipo de aglutinação acontece com alguns diminutivos do português, que registam a incorporação do afixo “ka-”, pertencente à classe X do kimbundu e que tem a função de construir os diminutivos neste idioma:

[265] PANG:  
*peixe pequeno come também peixe capiquinito.* (Cardoso, 1980:86)  
“o peixe pequeno come também o peixe pequenito”

Como se viu também no ponto 1.4.1 do presente trabalho, a concordância entre os elementos que constituem o SN é controlada nas línguas do ramo bantu pelo classificador pré-nominal e concordantes aglutinados em posição prefixal nos restantes

itens, daí resultando que o radical das palavras se mantenha inalterado em todos os elementos que compõem a cadeia sintagmática.

O tipo de estrutura frásica que conserva a marca de PL no afixo pré-nominal e concordantes aglutinados em posição prefixal nos restantes itens, mantendo os radicais inalterados, foi transposta para a *interlíngua* dos falantes das L1's bantu em situação de aquisição do PtgL2, determinando, numa fase inicial da aquisição, o uso de construções em que a pluralização era inserida pré-nominalmente no nome, mantendo-se o seu radical inalterado. Quanto aos restante itens do SN, apresentavam também o mesmo tipo de concordante do substantivo, aglutinado em posição prefixal, construindo-se estruturas em tudo idênticas às das línguas bantu. De facto, são comuns, em finais do século XIX, os registos que atestam o emprego generalizado no Brasil, entre os falantes de línguas bantu, do morfema /Zi-/ , como prefixo, quer a nível isolado quer a nível dos itens que constituíam a cadeia frásica. Segundo Ribeiro (1897:271), estes falantes das L1's bantu, ao exprimirem-se em português, repetiam “*por alliteração a particula prefixa inicial em todo o corpo da phrase*”, construindo cadeias frásicas do seguinte tipo:

[266] PTG:  
Z'ere z'mandou z'dizé (Ribeiro, 1897:271)  
“Ele mandou dizer”

A presença deste tipo de prefixo, na sua forma isolada, é ainda uma constante na fala de Almojarife, mesmo no registo das gerações menos idosas:

[267] PA:  
Ah! Z'omé disse ê recebi terra [ABILH2]  
“Ah! Os homens disseram que eu recebi terras”

Observando as ocorrências registadas nos exemplos [264], [266] e [267], parece resultar evidente um claro cruzamento entre funções sintácticas e semânticas desempenhadas pelo artigo definido do português **o** > **os** e o referido marcador semântico (com funções sintácticas de marcação PL) do kimbundu **ji-**, e que se traduz na amalgamação **zi-** e sua posterior realização fonológica em **z'-**. Contudo, Bonvini (2008:50) chama a atenção para se notar que, “*malgrado sua semelhança, o morfema Zi- [~zi] dos “negros do Brasil” não coincide com o classificador ji- ‘plural’ da classe 10 do quimbundo, que era sua função inicial. Em seu emprego recente, esse morfema*

*não é mais uma marca de classe, mas um morfema plurifuncional, suscetível de intervir em diversos níveis de estrutura gramatical de uma maneira generalizada: nomes, sintagmas de determinação, enunciados*". De facto, o pressuposto de Bonvini faz todo o sentido se levarmos em linha de conta que, segundo o princípio do Constrangimento do Núcleo Funcional (*Functional Head Constraint*), a alternância de códigos não pode ser aplicada entre um núcleo funcional, no caso a categoria DET, e o seu complemento (Belazi, Rubin & Toribio, 1994).

Independentemente destes aspectos, dúvidas parecem não subsistir que, relativamente quer ao tipo de estrutura frásica representada no exemplo [265] quer às que revelam ausência de redundância na marcação e que levam à fixação da pluralização unicamente no primeiro elemento pré-nominal (cf. Kiparsky, 1972:195), mantendo-se os radicais de todos os itens gramaticais da cadeia frásica inalterados, a sua realização ficar-se-á a dever à influência das L1's africanas (cf. Guy, 1981a:301-302), sobretudo do grupo níger-congo atlântico (Baxter, 2009:292).

Lopes (2001:183), por seu lado, levanta a hipótese de a concordância nominal de número entre os itens do SN poder ancorar na Teoria dos 4 Morfemas, avançada em trabalhos sobre estruturas mistas de afasias bilingues, aquisição e *code-switching* bilingue, levados a cabo por Myers-Scotton (1997; 2001) e Myers-Scotton & Jake (2000a; 2000b). Estas autoras demonstram que os morfemas de conteúdo (*content morphemes*) de uma língua podem ser encaixados em estruturas morfossintáticas de outro idioma e que, quando esse encaixamento acontece, a estrutura mista que actua como matriz pode também conter morfemas sistémicos do tipo *early*, isto é, morfemas intrínsecos ao significado do morfema de conteúdo encaixado e que são gerados conjuntamente com esse encaixamento. Convém aqui esclarecer que as diferenças do modo como e momento em que os morfemas são adquiridos surgem reflectidas nas realizações das estruturas de superfície (Myers-Scotton, 2001:243). Desta forma o Modelo dos 4 Morfemas contempla morfemas de quatro classes, isto é, morfemas de conteúdo e três tipos de morfemas sistémicos (*early systeme morphemes*, *bridge system morphemes* e *outsider system morphemes*). As diferentes classes de morfemas são activadas em níveis distintos da produção linguística, com os *early system morphemes* actuando a nível do léxico mental (o nível *lema*) como um tipo de satélite dos morfemas

de conteúdo e fornecendo a estes significados específicos, como acontece com a marca de PL –s ou a referência de definitude. Por seu lado, os *late system morphemes* surgem relacionados com os requisitos de carácter estrutural (Myers-Scotton & Jake, 2000a). Desta forma, iniciando-se a produção linguística a um nível pré-linguístico, com a activação de conjuntos de traços semântico-pragmáticos linguisticamente específicos, são primeiramente seleccionados os morfemas lexicais (*content morphemes*). O sentido destes, por seu lado, é complementado pelos morfemas gramaticais (*system morphemes*), responsáveis pela “*definição das estruturas gramaticais superficiais*” (Lopes, 2001:93). Os primeiros morfemas gramaticais a serem activados são os *early system morphemes*, em simultâneo com os morfemas de conteúdo (os lemas), para darem resposta a necessidades funcionais imediatas, ou seja, contemplarem a intenção comunicativa do falante. Assim, no caso concreto da CPL-var dos diferentes dialectos que temos vindo a abordar, a oposição *early system morphemes versus late system morphemes* ganha pertinência em virtude de a mesma, ao que tudo indica, surgir conectada à possibilidade de alguns morfemas de PL serem percebidos de forma mais básica, ou seja, configurarem *early system morphemes*, enquanto outros se opõem a eles em virtude do seu carácter ser meramente estrutural, isto é, consubstanciarem-se como *late system morphemes*. Como tal, estes últimos, por serem tardiamente apreendidos, são alvo de maior variação.

O tipo de transferências detectado por Myers-Scotton (1997; 2001) e Myers-Scotton & Jake (2000a; 2000b) é bastante comum em estádios iniciais de aquisição, tanto de L1’s como de L2’s. Os nossos dados revelam isso mesmo no caso das segundas, já que se detecta uma forte presença do padrão predominante da marcação PL das L1’s africanas nos DLP’s da fala das gerações mais idosas, quer das variedades africanas quer das variedades brasileiras de português. Nesta perspectiva, a “*transferência na aquisição da L2 rudimentar dos adultos compreenderia, em parte, um grau de fabricação de uma estrutura morfosintáctica envolvendo encaixes da L1 e morfemas de conteúdo da L2, especialmente em situação na qual o estágio inicial de aquisição de uma L2 se dá com forte presença da L1*” (Baxter, 2004:119).<sup>178</sup> E nos casos em questão, os falantes das L1’s do grupo níger-congo atlântico, ao lidarem fonologicamente com a estrutura DET+N como um todo fonoprosódico na fase inicial da aquisição da LA (cf.

DeGraff, 1999b:482), não só não percebem a segmentação entre as diferentes sequências morfológicas desta como também não estabelecem a correspondência entre as características formais e as formas morfofonológicas dos itens em questão (cf. Prévost & White, 1999 – MSIH). Desta forma, os classificadores nominais das L1's do grupo níger-congo atlântico poderão ter sido associados aos determinantes do português, concentrando as marcas de PL neste, ou seja no primeiro elemento do SN, mais concretamente no item imediatamente pré-nuclear, em detrimento das demais pluralizações na cadeia sintagmática. Este aspecto revela não apenas que este elemento configura um *early system morpheme* gerado conjuntamente com os morfemas de conteúdo mas igualmente que ele é acompanhado pela não-aquisição de material morfosintático nos outros itens do SN, e que se detecta quer nos CP's quer nas variedades reestruturadas de português.

Dando sequência a este entendimento, a inserção de pluralização na posição imediatamente pré-nuclear da geração mais nova pode então reflectir o intrometimento de morfemas de conteúdo do português na configuração estrutural da L2 rudimentar dos falantes adultos em situação de aquisição do português, especialmente em estruturas nominais que transitaram geracionalmente via DLP's até à FE-1. Tais configurações nominais requeriam marcação PL imediatamente à esquerda, posição em que apareceria o classificador nominal do grupo níger-congo atlântico, tendo pertencido às gerações seguintes a responsabilidade de reforçar este traço, assimilando-o como parte integrante no desenvolvimento da estrutura sintagmática quer do PA quer do PT, quer ainda do dialecto de HEL-Ba, isto é, do PVB. Assim, na gramática dos falantes bilingues do português e de outras variedades de origem africana, a posição adjacente à esquerda do núcleo, isto é, a categoria DET, foi assumida como o ponto da marcação PL *singleton* (Baxter, 2009:292), mesmo em sintagmas de configuração desenvolvida. E no caso da pluralização dos outros elementos que compõem o SN, o que se nota é que a mesma tem apenas a função de orientar gramaticalmente a concordância, sendo esta possível graças à intervenção dos *bridge late system morphemes*. Nesta conformidade, a explicação de Baxter (2004:119) é complementada pela descrição avançada por P. Andrade (2003:79) sobre a forma como se estruturam as línguas crioulas: “o suporte gramatical é tomado das línguas de substrato; os morfemas de conteúdo são predominantemente da língua

*alvo e estes podem sofrer processos de gramaticalização de modo a suprir as necessidades da estrutura abstracta; os early system morphemes do superstrato podem ser absorvidos por essas línguas; e os late system morphemes não passam para as línguas crioulas*". E não sendo todos os morfemas de PL activados ao mesmo nível, a tendência é para o núcleo e elementos pós-nucleares inibirem fortemente a marcação, já que a posterior activação dos *late system morphemes* é dispensada em virtude de estes configurarem unicamente uma "*questão estilística consciente*" (P. Andrade, 2003:79-80). No entanto, note-se que, os *late system morphemes* actuam mais nos itens flexionáveis à esquerda do núcleo do SN e menos nos elementos à direita deste, configurando-se, assim, a aplicação do Princípio da Integração (Lucchesi, 2000a:250).

O debate sobre a intervenção da GU na ASL tem dirigido a sua atenção para a questão de os falantes em processo de aquisição restabelecerem ou não os parâmetros instanciados na aquisição da L1 (ponto 2.4 do presente trabalho). Neste aspecto, as teorias vão desde as mais radicais até às mais moderadas. Assim, enquanto alguns especialistas entendem que a GU não está disponível para actuar na ASL, visto ter desempenhado já o seu papel na aquisição da L1 ou aquisição bilingue (Clahsen & Muysken, 1986; Muysken, 2001), outros defendem uma posição totalmente oposta, assente na FTFA e advogando que a GU actua de forma igual na aquisição da L1 e ASL (Cook, 1994; White, 1989, 2003; Bruhn de Garavito & White, 2002; Montrul, 2004; Cook & Newson, 2007 [1988]). Mais moderados são os defensores de que a GU actua na L2 através da L1 (Schwartz & Sprouse, 1996; Sprouse & Vance, 1999; Siegel, 2006; Sprouse, 2006), mas de forma parcial. Assim, os erros tardios produzidos pelos falantes de L2's revelam fossilizações provenientes da falha no restabelecimento de parâmetros (Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clahsen, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003), visto as categorias funcionais deixarem de estar disponibilizadas depois do período crítico do desenvolvimento. De facto, e ao que tudo indica, a capacidade inata que permite à criança monolingue ou bilingue discriminar os sons do *input* a nível dos padrões trocaicos e jámbicos, filtrando e reconhecendo aqueles que pertencem ao(s) sistema(s) linguístico(s) em processo de aquisição, parece desaparecer em fase pós-adolescência. Exames sintácticos feitos com recurso a orações relativas (sujeito *versus* objecto directo), em crianças que eram surdas e recuperaram a

audição tardiamente, parecem confirmar este aspecto, visto terem revelado que a aquisição tardia da L1 afecta a capacidade fisiológica de fazer uso da variação rítmica, a qual permanece activa apenas até aos seis meses de idade (Kuno, 1974). Assim, a partir desta fase, o falante em processo de aquisição deixa de prestar atenção às subtilezas da língua, perdendo, conseqüentemente, a sensibilidade às alterações dos padrões de som. Deste modo, aprendentes de L2's em idade pós-puberdade, ao entenderem diferentes segmentos fráscicos (p.e. DET+N) como seqüências fonológicas indistintas (cf. DeGraff, 1999b:482), realizam construções cruzando sintaxe da L1 e itens lexicais da L2, isto é, formas morfofonológicas da L2 em especificações de traços da L1. Prévost & White (1999) vão mais longe nas suas apreciações, defendendo que, devido à actuação do fenómeno da MSIH, os aprendentes de uma L2, ainda que continuamente expostos à mesma, não conseguem adquirir as mesmas representações sintácticas dos falantes nativos, isto é, não conseguem alcançar o grau máximo (*ultimate attainment*) do desenvolvimento da interlíngua e que coloca a L2 adquirida no mesmo patamar de aquisição da LA pelos falantes nativos desta. Desta forma, os falantes da L2, ainda que adquiram competência no que concerne às propriedades sintácticas distribucionais dos itens funcionais, poderão não conseguir reproduzi-las sistematicamente, em virtude de não conseguirem fazer corresponder as características formais às formas morfofonológicas, uma vez que não adquirem os traços gramaticais abstractos da L2, que são diferentes dos da L1. E se quiséssemos buscar realizações para apoiar, com exemplos reais, as sustentações da FFFH e MSIH, verificaríamos que os exemplos [264] e [267] assentam aqui perfeitamente.

Para Koehn (1994), o estágio FL0 da aquisição é caracterizado pela ausência de marcação de género e de número,<sup>179</sup> muito embora os conceitos semânticos já estejam presentes no mesmo, isto é, os processos que instanciam o processamento da flexão inerente já estejam disponíveis no estágio inicial do desenvolvimento da interlíngua, permitindo que a marcação do género e número dos nomes se inicie no estágio 2 do desenvolvimento da interlíngua (Plag, 2008a:124 – Tabela 3.1). Porém, as noções gramaticais de número e de género (a flexão funcional) só são desenvolvidas posteriormente, numa fase em que a gramática do falante já está mais amadurecida (cf. Koehn, 1994; Müller, 1994a),<sup>180</sup> levando a que a concordância no interior do SN se

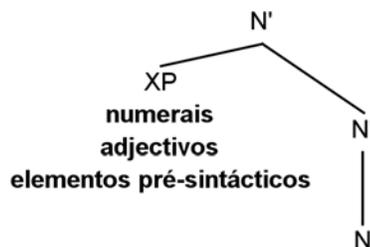
inicie apenas no estágio 3 do desenvolvimento da interlíngua (Pienemann & Johnson, 1987; Plag, 2008a:124 – Tabela 3.1), estágio esse que não é ultrapassado pelos crioulos (nem pelo PA), por razões que se prendem, essencialmente, com aspectos psico e sociolinguísticos (Plag, 2008b). Na óptica minimalista de Chomsky (1996 [1995], 2001a), o género e o número são tidos como traços de categoria  $\emptyset$  (traços de concordância que incluem informação necessária para a interpretação semântica) presentes no núcleo do SN e que estabelecem uma relação com outros traços correspondentes localizados algures na cadeia sintagmática. Em português, como sabemos, o número é indicado normalmente pela terminação /s/, concordando o adjectivo e o determinante com o núcleo do SN. Todavia, como o traço da pluralização não é interpretável (Franceschina, 2002:76), pode sofrer apagamento (Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashes, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003), como de facto acontece no núcleo sintagmático do PtgL2 adquirido por falantes adultos de L1's do grupo níger-congo atlântico, originando então a concordância variável na *interlíngua*, isto é, a falta de correlação de traços correspondentes do SN, como referimos na análise dos valores da Tabela 21.7. Assim sendo, verifica-se que o número pode ser adquirido isoladamente, como acontece no quechua de Cuzco, o que já não pode suceder com a concordância de número.

Tendo confirmado que, nos nossos dados, a esmagadora maioria dos SN's produzidos pela FE-3 é de apenas dois ou três elementos, optámos por observá-los sob a perspectiva generativista que inclui a categoria funcional NUM localizada entre o DET e o SN, aí se situando também os traços de número (Picallo, 1991; Carstens, 1991; Ritter, 1991; Valois, 1991; Bernstein, 1993; Cinque, 1994; Montrul, 2004). Müller (1994a), ao defender que a aquisição do alemão e do francês como L1's em bilingues sofre um processo de maturação, concorda com Koehn (1994) no que concerne ao facto de as gramáticas das crianças não apresentarem marcação de género ou número no estado FL0, sendo estas noções gramaticais disponibilizadas pela GU num estágio posterior de desenvolvimento gramatical. Nesta conformidade, a autora, a exemplo dos que defendem a localização do traço de número na categoria funcional NUM, parte do pressuposto que as gramáticas adultas possuem pelo menos uma projecção funcional

acima do SN, no qual se encontram alojados os traços flexionais dos nominais que não estão disponibilizados na fase FL0 da aquisição.

Debruçando a sua atenção sobre os artigos definidos e indefinidos produzidos pelas referidas crianças bilingues, Müller (1994a) procura delinear como ocorre o processo de integração dos traços flexionais na gramática destas. Como os falantes em início de aquisição não apresentam marcas de género e número, a autora entende que se está perante a evidência de que estes não possuem S<sub>DET</sub>, ou que, em contrapartida, a sua gramática contém uma categoria funcional subespecificada durante algumas etapas do seu funcionamento. Verifica-se então que a hipótese da maturação é levada ao extremo por Müller (1994a), a ponto de o próprio DET estar sujeito a desenvolvimento geracional. E assim sendo, como os traços gramaticais de género e número só são disponibilizados em fase posterior à FL0, os falantes usam o artigo indefinido como numeral, sendo a ausência de DET nas suas estruturas sintagmáticas atribuída à indisponibilidade dos referidos traços. Esta, por sua vez, tem como consequência a não-projecção da categoria funcional.

Face aos seus postulados, Müller (1994a:62) propõe uma representação do SN na fase FL0 da aquisição próxima da gramática-alvo e em que os itens em XP são mutuamente excludentes:



**Fig. 34.** Estrutura do SN na FL0 da aquisição.

Quanto aos “elementos pré-sintácticos”, dizem respeito a propriedades do objecto em referência, e não a propriedades da categoria sintáctica do N, o que origina a falta de concordância. Desta forma, a integração de DET na gramática ocorre posterior e faseadamente, despoletando-se no momento em que os falantes passam a entender a categoria de artigos indefinidos como distinta da dos numerais e evidenciando-se o seu aparecimento não só através do uso gramatical de género e número nos definidos,

indefinidos e possessivos mas também pela distinção de número em nomes e SN's complexos (DET+N+ADJ).<sup>181</sup>

Porém, a perda da capacidade de discriminar determinados sons em fase pós-adolescência leva a que se entendam palavras distintas (DET+N) como sequências fonológicas que constituem um todo indistinto (Koehn, 1994:49; DeGraff, 1999b:482; Faria Freitas & Miguel, 2001:53), ou seja, como uma unidade plurilexemática que, sendo caracterizada pela cristalização estrutural e semântica, é armazenada como um todo na mente dos falantes (Ribeiro, 2009:84). A falta de noção de que o nome já se encontra marcado em número faz reunir as condições para que os falantes em processo de aquisição na idade pós-adolescência transfiram o sistema de marcação da L1 (Andersen, 1983c), feito com recurso a afixos semânticos, visto este tipo de marcação ser inexistente na LA e configurar-se o traço *a*. das Tabelas 5.1 e 6.1 (Plag, 2008b:311). Desta forma, os falantes realizam formas morfofonológicas da L2 em especificações de traços da L1 (DeGraff, 1999b:482), isto é, construções relexificadas que cruzam sintaxe das L1's do grupo níger-congo atlântico e itens lexicais do PtgL2, como as retratadas nos exemplos [264], [265], [266] e [267]. Por outras palavras, os falantes adultos em situação de aquisição do PtgL2 fixam fonologicamente o determinante da LA no nome da *interlíngua*, de acordo com o verificado, por exemplo, no romeno (Fig. 35).

- [268] ROMENO:  
 a. *un lup*  
     *um lobo*  
 b. *lup~ul*  
     *lobo~o* (Brito, 2003b:501)
- [269] ROMENO:  
 a. *un frumuas lup*  
     *um formoso lobo*  
 b. *lup~ul frumuas*  
     *lobo~o formoso* (Brito, 2003b:501)

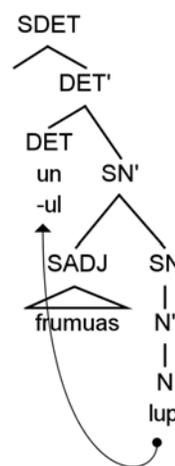


Fig. 35. Romeno: movimento de N e conseqüente fixação de DET (a partir de Brito, 2003b:501).

De facto, neste idioma ocorre contraste entre o uso dos determinantes definidos e dos determinantes indefinidos (exemplos [268a] e [268b]), já que os primeiros evidenciam

que pode ocorrer um movimento do nome para se fixar neles, levando-os a funcionar como seus enclíticos (exemplos [269a] e [269b]) (Brito, 2003b:501). Este movimento (Fig. 35) estabelece, então, semelhanças com o movimento do verbo para a flexão (ponto 2.11.3.3 do presente trabalho).

Para além dos aspectos referidos, os falantes adultos de L1's do grupo níger-congo atlântico em aquisição de PtgL2 levam igualmente a cabo o apagamento dos traços não-interpretáveis do substantivo, de acordo com o preconizado pela FFFH. Como as sequências não-marcadas não implicam o mapeamento directo nem requerem nenhum armazenamento para iniciarem o processamento sintáctico (Pienemann, Biase & Kawaguchi, 2005), não só a categoria DET deixa de ser percebida, e consequentemente de sofrer desenvolvimento maturacional normal, como também a noção gramatical de número, que deveria ocorrer posteriormente, deixa de ser disponibilizada (Koehn, 1994; Müller, 1994a). Assim, e apesar de as motivações psicolinguísticas e sociolinguísticas sofrerem um incremento considerável (a LA é vista como idioma de prestígio e fornece perspectivas de ascensão socioeconómica), o desenvolvimento moderado da transferência (Pienemann *et alii*, 2005a, 2005b; Pienemann & Håkansson, 2007) continua comprometido, pelo que os afixos flexionáveis de valor semântico expresso, ainda que deixem de sobreviver com esta função devido à pressão de cima para baixo (Plag, 2008b), continuam a operar de forma plurifuncional, intervindo de maneira generalizada ao nível das diversas estruturas gramaticais (Ribeiro, 1897:271). Daí resulta que tanto a noção de distinção fonológica entre determinante e nome como o apagamento do morfema de PL do nome não sejam totalmente recuperados para a sintaxe e esta, ao estabelecer as relações de concordância, depois de se juntarem os elementos que compõem a frase, face à amalgamação pré-nuclear do determinante no nome que determina a ocorrência de duas categorias na posição de especificador/núcleo, deixa definitivamente de perceber a concordância por não ser morfologicamente visível, originando-se o licenciamento de {s} nulo e que determina que a variação seja caracterizada pela presença de número apenas no morfema *singleton* do determinante proclítico no nome. Para as estruturas que envolvem o uso de possessivos e adjectivos pré-nucleares, tendentes a receberem a marca de PL, vale o que foi já referido anteriormente a propósito da correlação entre posição e definitude (ponto

2.9 do presente trabalho), de acordo com a estrutura patente na Fig. 26. Assim sendo, adquirem a categorização de núcleo e são marcados com morfema de número, caso estejam antes do nome. Se, pelo contrário, ocorrerem pós-nuclearmente, detêm a categoria de sintagma, sendo a sua inibição originada pela ocorrência do morfema *singleton* que fixa a pluralização unicamente no elemento DET.

No entanto, convém lembrar aqui lembrar que alguns generativistas, defensores da FTFA, entendem que estas estruturas são passíveis de regularização em estádios mais avançados de aquisição da L2 (Franceschina, 2001; Bruhn de Garavito & White, 2002; White *et alii*, 2004). Contudo, é também de considerar que os iniciadores da variedade reestruturada de Almojarife continuavam incapacitados de analisar os artigos definidos (cf. Kihm, 2008:433), já que estes não marcavam presença no santomense e revelavam ausência de *saliência fónica* na língua lexificadora. Estes aspectos, associados à falta de motivação inicial para aprender a LA numa situação de transmissão linguística irregular em que o contexto socioeconómico era extremamente precário e desfavorecedor para os falantes do PtgL2, fez com que as gerações mais novas de Almojarife apenas levassem a cabo uma ligeira expansão da regra de concordância de número nos itens pré-nucleares em posição não imediata, ou seja, nos *late system morphems*, confirmando que o apagamento dos traços não-interpretáveis ocorrido na *interlíngua* que lhes foi irregularmente transmitida como L1 pelos seus antepassados se cristalizara, visto estes terem sido incapazes de restabelecer os parâmetros que lhes disponibilizariam as categorias funcionais, tal como preconizam os defensores da FFFH. Efectivamente, e de acordo com os princípios generativistas, a fossilização resulta do facto de os parâmetros da L1 não se ajustarem a determinados parâmetros da LA (Flynn, 1989:107), que não são irradiados na ASL, instanciando-se uma nova parametrização na L2. Como esta instanciação não é posteriormente alterada, “fossiliza” os novos/errados parâmetros na L1 nativizada (Gonçalves, 2004:235), pelo que a fossilização é uma consequência da dificuldade que os aprendentes mais idosos de Almojarife revelaram na refixação dos parâmetros na L2 (cf. Hale, 1998:33).

Embora as fossilizações possam também configurar meras estabilizações, isto é, serem temporárias (Selinker, 1979; Sims, 1989), a verdade é que a sociohistória que determinou a aquisição e reestruturação do PtgL2 em Almojarife, bem como a sua

consequente nativização, propiciou também a conjugação de factores sociais, psicológicos e interactivos no sentido de impedirem que determinadas formas transferidas (cf. MEP, Selinker & Lakshamanan, 1993) se desfossilizassem (ponto 2.10.1 do presente trabalho), tornando-as permanentes (Hale, 1998:33). Assim, a observação geracional do perfil de marcação PL no SN do PA mostra que, em virtude de as gerações primordiais do PA terem perdido os traços virtuais não especificados das categorias funcionais, as faixas etárias mais novas, sobretudo as menos escolarizadas, não conseguem suplantar as variações fossilizadas que herdaram e apenas se limitam a expandir a concordância referente aos morfemas de carácter estrutural adquiridos mais tardiamente (os elementos pré-nucleares não imediatos), quando começam a elaborar SN's mais complexos, devido à pressão sociolinguística sofrida. E partindo do pressuposto que determinadas características das variedades criouliizantes configuram instanciações inatas de parâmetros por defeito dessas mesmas propriedades (ponto 2.11.3.2 do presente trabalho), a questão da variação no SN tem que ser igualmente entendida como resultante da alta dependência em relação aos traços idiossincráticos das línguas lexificadoras, ou seja, que não há instanciação de parâmetros por defeito neste domínio (Kihm, 2008:434). Refira-se ainda que, em trabalho comparativo sobre a concordância variável do PA e de HEL-Ba, Figueiredo (2009a:50) chegara a idênticas conclusões no que concerne à questão do restabelecimento dos parâmetros para aplicação da regra do género, pelo que se confirma que o que as faixas etárias mais novas de Almojarife conseguem fazer é apenas perpetuar determinadas características da L2 na L1 nativizada, reproduzindo perfis sintagmáticos que configuram criouliização leve e cujas CGEN-var e CPL-var são praticamente idênticas às já previamente desenhadas pelas suas gerações antepassadas.

Ainda assim, e face ao anteriormente exposto, confirma-se o pressuposto que levantámos na hipótese 7, constituída para a variável independente *posição linear*, isto é, que o primeiro lugar da cadeia sintagmática, com especial relevância para a posição imediatamente pré-nuclear, é o que mais favorece a inserção de marcas, revelando-se as outras posições como tendentes a marcar menos a pluralização, em virtude de a informação semântica já ter sido atribuída (Kiparsky, 1972:195) e de as gerações mais novas do PA, sujeitas a DLP's deficitários, não recuperarem os traços virtuais não

especificados das categorias funcionais que não foram detectados pelas gerações mais antigas (cf. Hawkins & Chan, 1997; Prévost & White, 1999). Nesta conformidade, também se descarta completamente a possibilidade de o sistema de inserção de marcas no SN ser guiado pelo Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), isto é, que marcas levam a marcas e zeros conduzem a zeros. Paralelamente, a grande semelhança registada no padrão de variação da marcação dos itens flexionáveis em número do SN de sete variedades de português (PA, MRJ, NURC, HEL-BA, PT, PMp e PCV) vem sustentar fortemente a evidência de que, em situação de transmissão linguística irregular, o português adquirido por falantes de um CP manifesta os mesmos padrões de variação do português adquirido quando a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a).

No presente capítulo analisaram-se os resultados da variável dependente do tipo binário por nós estabelecida e de 6 variáveis independentes do tipo estrutural, sendo estas observadas de acordo com a escala hierárquica decrescente das variáveis independentes consideradas como válidas, pela ferramenta VARBRUL, para estudo da CPL-var no SN do PA: *posição em relação ao núcleo do SN, ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis, classe gramatical, marcas precedentes ao item analisado, grau de concordância de número no SN e posição linear* (cf. Tabela 14.1). Algumas destas variáveis foram cruzadas entre si, bem como com a variável extralinguística *idade*, a fim de se determinar, com mais exactidão, quer o ponto de inserção das marcas de PL no SN do PA quer o desenvolvimento geracional da regra de concordância PL neste. As análises por nós efectuadas confirmaram na totalidade as hipóteses 1, 3, 10 e 7, colocadas no capítulo 3, e parcialmente a hipótese 4, levantada no mesmo capítulo. Estas observações dão suporte aos aspectos que levaram à não confirmação da hipótese 2, isto é, a hipótese que advogava como válido o Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) na inserção ou inibição das marcas de PL no SN do PA. Pelo contrário, a CPL-var registada ao nível do seu SN e de mais quatro variedades africanas de português (PMp, PANG, PT e PCV), bem como de uma variedade brasileira de português (HEL-Ba), todas elas adquiridas por transmissão linguística irregular será, sim, motivada pelo sistema de marcação PL das línguas africanas que subjazem, de forma directa ou ancestral, às mesmas (cf. Guy, 1981a:301-302). Assim, e embora Scherre (1988:208),

para o MRJ, e Lopes (2001:212), para a NURC, advoguem a intervenção do processamento paralelo na questão da inserção/inibição das marcas de PL nestas duas variantes de PB, que terão um perfil idêntico ao do espanhol (Poplack, 1980a), a conclusão das análises que levamos a cabo neste capítulo dificilmente ajudarão a sustentar cientificamente estes pressupostos, até porque, como foi referenciado, alguns dos dados destas autoras terão sido incorrectamente codificados ou indevidamente inseridos em grupos de factores levados às rodadas VARBRUL. Paralelamente, a análise do desenvolvimento geracional da regra de concordância PL no SN do PA contraria o pressuposto de a não-realização da marca formal de PL poder ser justificado com recurso ao fenómeno da deriva românica (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 1993, 2000, 2007a), já que esta determina um apagamento diacrónico do *-s* morfémico PL ao passo que o que sucede no PA é um fenómeno completamente oposto, ou seja, a inserção geracional do referido morfema.

De todas as variedades de português observadas, resultou também evidente que o PA é aquela que se encontra em estágio menos avançado no que concerne à aquisição da regra de concordância PL no SN. Todavia foi confirmado que o padrão de variação neste é idêntico em todas as variedades, independentemente de os seus ancestrais falantes em situação de aquisição do PtgL2 terem tido ou não um CP como língua ancestral. Deste modo, o desenvolvimento da concordância PL inicia-se, em todas elas, com a introdução de um PL *singleton* na categoria funcional DET, que actua como a âncora que irá controlar, depois, a pluralização. Se essa posição não for ocupada por um elemento DET, então será o SN a tornar-se alvo de PL, devido às suas características lexicais. Em virtude de a inserção ocorrer com um morfema do tipo *singleton*, não só ocorre licenciamento de {s} nulo como a concordância se torna também parcial, sendo atribuída a partir da posição DET, isto é, a partir do elemento pré-nuclear adjacente. Assim, o desenvolvimento do PL conserva as características de concordância parcial, através de morfemas dissociados, que não são uniformemente atribuídos aos elementos mais próximos do *fulcro*. A ordem de atribuição, quando ocorre, contempla os elementos do SDET, primeiro, e os itens à direita do núcleo, depois. Não obstante, o perfil da âncora pré-nuclear conserva-se geracionalmente.

No próximo capítulo iremos analisar os resultados quer das variáveis independentes do tipo semântico e fonológico quer das variáveis extralinguísticas do PA.



## CAPÍTULO 5

*“Os outros passam a escrita a limpo. Eu passo a escrita a sujo.  
Como os rios que se lavam em encardidas águas. Os outros  
têm caligrafia, eu tenho sotaque. O sotaque da terra.”*

(O Barbeiro de Vila Longe)

(In, Mia Couto, *O Outro Pé da Sereia*, p. 271)

### **Análise dos resultados**

#### **(Variáveis independentes do tipo semântico e fonológico; variáveis extralinguísticas)**

No presente capítulo iremos observar, analisar e comentar os resultados quer das restantes variáveis linguísticas quer das variáveis extralinguísticas por nós constituídas e discriminadas no capítulo 3. Subdividiremos o capítulo em três partes, cada uma delas dedicada a um grupo distinto de variáveis que compartilhem traços. Deste modo, foram constituídos três agrupamentos de variáveis, de acordo com os seguintes critérios:

- (i) Uma variável independente do tipo semântico:
  - 1 – *Traço semântico do sintagma nominal (Animacidade do nome);*
- (ii) Duas variáveis independentes do tipo fonológico:
  - 1 – *Saliência fónica (subdividida em Processos morfofonológicos de formação de plural e Tonicidade dos itens lexicais singulares);*
  - 2 – *Contexto fonológico posterior;*
- (iii) Quatro variáveis extralinguísticas:
  - 1 – *Escolaridade;*
  - 2 – *Idade;*
  - 3 – *Estadia (Permanência fora da comunidade);*
  - 4 – *Sexo.*

Os resultados serão analisados de acordo com a metodologia aplicada no capítulo anterior e descrita no início deste, respeitando-se, em cada agrupamento, a ordem decrescente de importância das variáveis na marcação PL dos itens do SN do PA determinada pela ferramenta VARBRUL e apresentada na Tabela 14.1.

## 5.1. Variável independente do tipo semântico

### 5.1.1. Variável independente *traço semântico do SN (Animacidade)*

Os resultados da variável independente *traço semântico do SN* estão patentes na Tabela 22.1:

**Tabela 22.1.** Efeito do *traço semântico do SN* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada: 0,504</i>		<i>Log-likelihood :-981,009</i>		<i>Significância: 0,011</i>
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
[+humano]	451/748	60	32	0,562
[-humano] [+animado]	290/79	37	3	0,277
[-animado]	721/1.511	48	65	0,482
<b>Totais:</b>	1.201/2.338	51	100	-

Os dados de Scherre (1988:272) revelaram a tendência de a marcação PL sobre os nomes referentes a pessoas (pr. 0,55) ser superior à dos nomes comuns referentes a coisas (pr. 0,45), um aspecto que a Tabela 22.1 parece confirmar. De facto, no PA ocorre tendência para se marcarem mais os itens de traço [+humano] (pr. 0,562), que se revelam ligeiramente favorecedores à inserção da pluralização, em detrimento dos itens de traço [-humano]. Contudo, entre os elementos de traço [-humano], ambos desfavorecedores da marcação, verifica-se que os itens de traço [-animado] propiciam mais a marcação (pr. 0,482) do que os elementos respeitantes a seres de traço [+animado] (pr. 0,277). Não obstante, este aspecto é entendível, já que os estudos sobre CPL-var têm confirmado a tendência para a inibição incidir fortemente sobre os itens colocados pós-nuclearmente. Ora, esta é a posição em que surgem os adjectivos substantivados do tipo *macho/fêmea* ou *homem/mulher*. Assim sendo, poderá estar encontrada uma das justificações para a utilização destes itens na forma invariável, isto é, sem flexão de número. Portanto, não surpreende que sejam os itens de traço [-humano] [+animado] a revelarem também o peso mais baixo na inserção de marcas, situados num patamar de inibição acentuada. Nesta conformidade, é possível concluir que a inibição não ocorre pelo facto de estes elementos representarem uma certa categoria semântica, mas sim por estarem dependentes de determinadas posições lineares na cadeia sintagmática, a qual vai originar a não inserção de marcas nos

mesmos. Portanto, é possível prever que o desenho da CPL-var do PA será determinado mais por condicionalismos estruturais do que por questões de carácter semântico.

Seguidamente apresentam-se os valores referentes à influência na marcação PL motivada pela categoria semântica, tanto para o PA como para o MRJ (Scherre, 1988:272) e para o PCV (Jon-And, 2009:7):

**Tabela 22.2.** *Traço semântico do SN: contribuição dos factores individuais para a marcação PL do elemento analisado: 3 variedades de português.*

Factores	PA		MRJ		PCV	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
[+humano]	0,562	60	0,55	62	0,60	89
[-humano] [+animado]	0,277	37	0,33	36	(9/11)	82
[-animado]	0,482	48	0,44	52	0,41	77

Como se pode ver, existe uma analogia total entre os resultados do PA, do MRJ e do PCV, apesar de não se possuir o peso relativo do factor [-humano] [+animado] referente à última destas variedades de português. Deste modo, confirma-se um padrão de marcação bastante semelhante no que concerne às motivações da categoria semântica que desenharam a CPL-var dos três dialectos. Assim, nos dados do MRJ e do PCV, os itens com traço [+humano] apresentaram também índices que favorecem levemente a marcação (pr. 0,55; para o primeiro, e 0,60, para o segundo), enquanto os elementos de traço [-humano] da variedade brasileira se quedam pela inibição. Esta, tal como no PA, é bastante suave nos itens de traço [-animado] tanto do MRJ (pr. 0,44) como do PCV (pr. 0,41), mas mais acentuada nos elementos que categorizam o traço [+animado] da variedade carioca (pr. 0,33).

Scherre (1988:272), devido à distinção ocorrida essencialmente entre as categorias de traço [+humano] e [-humano], testou uma rodada em que apenas incluiu estes dois factores, tendo concluído que as diferenças probabilísticas entre ambas as categorias não é muito significativa ([+humano] = pr. 0,55; [-humano] = pr. 0,45). No nosso caso, dado que este grupo de factores foi o penúltimo a ser seleccionado pela ferramenta VARBRUL em termos de significância, e também pelo facto de os nossos valores serem todos idênticos aos do MRJ, abstivemo-nos de fazer um teste semelhante ao da autora,

pois acreditamos que este levaria a conclusões idênticas às avançadas por Scherre (1988:273): a diferença entre ambas as categorias semânticas não é significativa para o desenho da configuração da CPL-var. Deste modo, uma vez mais se reforça o pressuposto de que a CPL-var do PA será essencialmente condicionada por factores estruturais.

Scherre (1988:334) observou ainda a influência na marcação PL provocada pela variável *animacidade* numa perspectiva sintagmática, constatando que, de entre os SN's com núcleo [+humano], 59% apresentam marcação total no sintagma. Por seu lado, nas cadeias sintagmáticas com núcleo [-humano], este valor decai muito ligeiramente, já que apenas 55% dos SN's apresentam marcação PL em todos os elementos flexionáveis. Contudo, como se pode verificar, uma vez mais, a diferença percentual entre ambas as categorias semânticas revela que o seu efeito não é estatisticamente relevante para a CPL-var. Face à semelhança dos resultados atomísticos obtidos entre esta variedade e o dialecto de Almojarife, somos levados a crer que o PA não apresentaria também diferenças em relação ao resultados dos falantes cariocas, caso procedêssemos a uma análise sintagmática para os factores do grupo de factores *traço semântico do SN*.

Relativamente ao pressuposto que avançámos na hipótese 11, constituída no ponto 3.6.10 para a variável independente *traço semântico do SN*, confirma-se que os nomes com traço [+humano] têm tendência a favorecerem a marcação, enquanto os substantivos com traço [-humano] e [-animado] a desfavorecem. Entre os nomes [-humanos], os que contêm traço [-animado] propiciam mais a inserção de marcas do que os que possuem traço [+animado], não por condicionalismos semânticos, mas sim por motivações de carácter estrutural. Por seu lado, o paralelismo de marcação estabelecido entre o PA, o MRJ e o PCV vem reforçar, novamente, a possibilidade de o português adquirido por falantes de um CP manifestar os mesmos padrões de variação do português adquirido quando a língua ancestral de substrato não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a).

Seguidamente, passaremos a analisar os resultados das variáveis independentes do tipo fonológico.

## 5.2. Variáveis independentes do tipo fonológico

### 5.2.1. Variável independente *saliência fónica* (*Processos morfofonológicos de formação de PL*)

A Tabela 12.1 evidencia que, devido a um reduzido número de ocorrências, quatro dos nossos factores tiveram que ser afastados da rodada VARBRUL efectuada para efeitos de captação dos pesos relativos: os *singulares em -l*, com dez ocorrências, sendo três delas portadoras de marca de PL (30%); os *plurais metafónicos*, com 15 ocorrências, dez das quais marcadas com PL (67%); os *singulares em -ão que pluralizam com inserção de -s e alteração silábica em -ões*, com 27 realizações, vinte e uma das quais com marca de PL (78%); e os *singulares em -ão que pluralizam com inserção de -s e alteração silábica em -ães*, que não registam qualquer ocorrência. Desde já fica inviabilizada a possibilidade de confirmarmos se os metafónicos, em virtude de pressuporem dupla distinção fónica e morfológica, estão sujeitos a um maior peso de marcação PL.

Na tabela 23.1 podemos observar os resultados da variável independente *saliência fónica*, após ter ficado reduzida a apenas quatro factores representativos da escala de diferenciação material fónica do PA:

**Tabela 23.1.** Efeito da *saliência fónica* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504		<i>Log-likelihood:</i> -981,009		<i>Significância:</i> 0,011
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Plurais regulares	995/1.973	50	86	0,491
Plurais nasais regulares: -ão/-ãos; -em/-ens; -um/-uns	69/145	48	6	0,369
Singular -r	42/79	53	4	0,463
Singular -s (-z)	61/86	71	4	0,862
<b>Totais:</b>	1.166/2.283	51	100	-

O perfil de marcação PL do PA, motivado pela *saliência fónica*, revela um padrão que não parece ir totalmente ao encontro dos achados de Guy (1981a:181-199), isto é, dos falantes cariocas semi-escolarizados. De facto, os itens apontados pelo autor como inibidores da marcação mostram-se também desfavorecedores da mesma em Almojarife (regulares = pr. 0,491; nasais regulares = pr. 0,369; elementos em *-l* = 30% de marcação

positiva). Contudo, o mesmo não sucede com os casos em *-r*, que favorecem a pluralização nos dados do Rio de Janeiro, mas exibem tendência para inibirem ligeiramente a inserção de marcas no PA (pr. 0,463). Assim, nos nossos dados, a tendência para o favorecimento da marcação, bastante acentuado, diga-se, é um exclusivo dos itens que finalizam em *-s* no singular (pr. 0,862), que apresentam apenas um grau ligeiro de distinção fónica singular/plural. Sobre a motivação que poderá subjazer à tendência para a inserção de marcas nestes elementos nos pronunciaremos em etapa posterior do presente trabalho. Na Tabela 12.1 é possível ainda ver que os plurais metafónicos se apresentam como elementos que poderão possibilitar a inserção de marcas, mas moderadamente (67% de realizações marcadas positivamente), e não de forma acentuada, como referiu Guy (1981a:187).

Face aos nossos resultados, parece ser possível avançar já com duas constatações: (i) no PA, a inibição evidenciada pelos itens em *-r* impossibilita a redução da variável independente *saliência fónica* a uma oposição binária nos moldes de Guy (1981a:166), isto é, consoantes favorecedoras da marcação, por um lado, e vogais inibidoras da pluralização, por outro lado; (ii) não se comprova conclusivamente, tal como avançou Guy (1981a:189), que a *saliência fónica* exerça efeito na marcação, uma vez que o maior grau de concordância não parece incidir sobre os itens cuja *saliência fónica* é mais perceptível na oposição singular/plural. Ainda sobre os itens que finalizam em *-r*, iremos adiantar mais considerando quando testarmos cruzamentos entre as variáveis independentes *saliência fónica* e *tonicidade* (pontos 5.2.2.2 a 5.2.2.7 do nosso trabalho).

Mas, antes de procedermos a comparações e conclusões, atentemos aos valores que nos permitem estabelecer contrastes acerca do modo como a variável independente *saliência fónica* intervém na marcação PL do SN dos diferentes dialectos que temos vindo a analisar. A influência da *saliência fónica* na marcação PL dos elementos do SN do MRJ, segundo Scherre (1988:78), e conforme o demonstram os resultados da tabela 23.2, exhibe o seguinte padrão: mais marcas nos plurais metafónicos e menos marcas nos plurais regulares. Quantos aos restantes factores, apresentam-se colocados nas categorias intermédias. Apesar de não possuímos o peso relativo dos plurais metafónicos, é possível constatar que o seu percentual de marcação (67%) é inferior quer ao dos itens terminados em *-ão* e que pluralizam com inserção de *-s* e alteração silábica (78%)

(Tabela 12.1) quer ao dos elementos em *-s*, cujo PL se faz através da inserção de *-es* ou *-e* (71%) e se apresentam na Tabela 23.1 como aqueles que mais beneficiam a inserção da pluralização (pr. 0,862). Assim sendo, o padrão de marcação motivado pela *saliência fónica* apresentado por Scherre (1988:79) evidencia algumas diferenças relativamente ao padrão do PA, uma vez que, neste, não parecem ser os plurais metafónicos aqueles que mais propiciam a inserção de marcas de PL, como também não são os itens regulares que apresentam o maior peso na inibição, cabendo este, como se viu, aos elementos nasais que pluralizam regularmente (pr. 0,369). Contudo, a autora amalgamou os itens que pluralizam de modo regular conjuntamente com os elementos nasais que também fazem a pluralização de forma regular (Scherre, 1988:75), pelo que acreditamos que, no MRJ, o peso inibidor dos itens nasais tenha contribuído para reforçar, ainda mais, a tendência para a inibição demonstrada pelo factor plurais regulares. Assim, e mesmo que se exceptue o caso dos plurais regulares em *-ão*, bem como as ocorrências em *-l*, cuja tendência para o não-favorecimento da marcação se ficará a dever à incerteza na forma de os pluralizar,<sup>182</sup> constatamos que o Princípio da Saliência Fónica (Naro & Lemle, 1976:240-241; Lemle & Naro, 1977:47) encontra eco débil no PA, com as formas com maior distinção fónica singular/plural a não apresentarem a maior probabilidade de marcação PL, não se confirmando, na totalidade, o observado por Scherre (1988:79) para o MRJ: “*os falantes adultos, com referência a Processos, evidenciam mais marcas de concordância nos itens lexicais que apresentam mais diferença material fónica entre as suas respectivas formas singulares e plurais*”.

Scherre (1988:77) analisou ainda o efeito do número de sílabas na marcação PL, tendo concluído que o mesmo não exerce influência sobre a concordância PL entre os elementos do SN do MRJ, visto os monossílabos, os dissílabos e os itens de mais de duas sílabas apresentarem, todos, valores idênticos e que se situam no patamar da neutralidade da inserção da pluralização. A autora adianta duas explicações para justificar o fenómeno: “1) 90% dos casos de monossílabos ocorrem antepostos ao núcleo, sendo 81% artigos e 09% possessivos, os quais são marcados por esta razão e não por serem monossílabos; 2) os 10% restantes são todos tónicos, e são marcados por causa da Tonicidade e não, também, pelo número de sílabas” (Scherre, 1988:82). Tendo

como bastante consistentes as justificações da linguista, absteremo-nos de analisar este tipo de efeito no presente trabalho.

**Tabela 23.2.** *Saliência fónica*: contribuição dos factores individuais para a marcação plural do elemento analisado: 7 variedades de português.

Factores	Saliência fónica							
	PA		MRJ		NURC		HEL-Ba	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Plurais regulares	0,491	50			0,50	81	0,47	49
Nasais regulares	0,369	48	0,24	76	0,21	49		
Plurais metafónicos	(10/15)	67	0,86	93	0,84	88		
Singular –r	0,463	53	0,48	88	0,58	90	0,66	32
Singular –s (-z)	0,862	71	0,38	83	0,39	75		
Singular –l	(3/10)	30	0,56	86	0,63	88		
Singular –ão/–ões	(21/27)	78	0,42	86	0,54	87	0,52	7

Factores	PT		PMp		PCV	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Plurais regulares			-	-	-	-
Nasais regulares	0,52	51	-	-	-	-
Plurais metafónicos	0,59	59	-	-	-	-
Singular –r	0,46	45	0,33	77	0,36	72
Singular –s (-z)	0,35	25	0,22	64	0,08	24
Singular –l			-	-	-	-
Singular –ão/–ões	0,88	82	-	-	-	-

Contudo, estes aspectos levaram Scherre (1988:82) a excluir das suas rodadas as categorias gramaticais cuja diferenciação material fónica não é considerada relevante para a inserção de marcas PL, visto serem itens que pluralizam de modo regular. Como tal, a linguista passou a incluir nas suas análises apenas os substantivos, adjectivos e categorias substantivadas, elementos nos quais ocorre a maior diferenciação material fónica entre singular e PL. Comparando os resultados de todos os dados com os que incluem apenas estas três categorias gramaticais, (Scherre, 1988:85) constatou que, a segunda análise condizia melhor com “a realidade dos factos, porque a variável

*Processo é a que se aplica especificamente ao fenómeno da concordância*”. Esta conclusão ficou a dever-se ao facto de ocorrer uma inversão na selecção das variáveis independentes, tendo o grupo de factores *saliência fónica* passado a ser seleccionado em segundo lugar entre todas as variáveis, ficando a *tonicidade* relegada para a sexta posição. Deste modo, a autora passou a estudar os efeitos da *saliência fónica* sobre a marcação, considerando apenas as três categorias gramaticais em questão.

A conclusão de que a variável independente *saliência fónica* é aquela que se aplica especificamente ao fenómeno da concordância encontra paralelo nos nossos dados. Não obstante, os nossos resultados revelaram este aspecto desde o início, visto que este grupo de factores foi seleccionado imediatamente como mais importante do que a variável independente *tonicidade*, mesmo com todos os itens gramaticais incluídos. Nesta conformidade, não vemos necessidade de se excluirmos das nossas rodadas VARBRUL os elementos gramaticais que apresentam menos diferenciação material fónica entre singular e PL.

Comparativamente aos resultados de Lopes (2001:137-138), verifica-se a ocorrência de um paralelo de marcação entre a NURC e o PA no que concerne aos itens que pluralizam regularmente, já que ambos se encontram no patamar da neutralização da marcação PL (PA = pr. 0,491; NURC = pr. 0,50). Este paralelo de marcação dos itens regulares estende-se ainda aos que finalizam em *-ão* no singular, já que revelam uma tendência inibidora da marcação em ambos os dialectos, embora esta seja mais acentuada no português de Salvador (PA = pr. 0,369; NURC = pr. 0,21).

Relativamente a outros itens com *saliência fónica* na distinção singular/plural, observa-se que os elementos finalizados em *-r* no singular apresentam tendência para propiciar ligeiramente a inserção de marcas na NURC (pr. 0,58), conquanto no PA a tendência seja para a inibição suave (pr. 0,463). A diferença de comportamento que motiva a variação da marcação PL vai acentuar-se ainda mais com os casos terminados em *-s* no singular, que exibem comportamentos diametralmente opostos nos dois dialectos, ao apresentarem-se quer como os mais inibidores da pluralização na NURC (pr. 0,39) quer como os mais favorecedores da inserção de marcas no PA (pr. 0,862). Lopes (2001:138), a exemplo de Braga & Scherre (1976:474), justifica a inibição com base na interpretação analógica de que o /s/ final pode ser entendido em Salvador como

marca de PL, mas, ao que tudo indica, este é um fenómeno que não ocorre no PA. Contudo, convém aqui referir que a discrepância de marcação entre a NURC e o PA poderá muito bem assentar no facto de Lopes (2001:137), contrariando o sugerido pela metodologia de análise em Sociolinguística Quantitativa, ter codificado e incluído o item “vez/vezes” no factor dos elementos terminados em *-s*, enquanto nós o excluimos das nossas análises. Por fim, resta referir que, mais uma vez, os dados do PA não permitem corroborar, pelo menos nesta fase das nossas análises, o princípio de que os itens mais salientes são os que demonstram o maior grau de concordância, enquanto os itens menos salientes são afectados pela variação.

Nos dados de P. Andrade (2003:103), a categoria de factores que agrupa os itens terminados em consoante (*-l*, *-r* e *-s*), os plurais metafónicos e os elementos terminados em ditongos nasais sem alteração fónica na flexão PL, é aquela que apresenta maior índice de marcação (pr. 0,66), apesar de ocorrer em menor frequência do que a categoria dos plurais regulares, os mais inibidores da inserção PL (0,47). Em plano intermédio encontram-se os elementos constituídos por ditongo nasal com alteração fónica acentuada (*-ão/-ões* e *-ão/-ães*), a exibirem ligeira tendência para a marcação (0,52). Relativamente ao primeiro factor amalgamado, isto é, o que mais beneficia a inserção de marcas, verificamos que nele estão também incluídos os itens que mais marcam o PL no PA (*-s* = pr. 0,862). No que diz respeito ao factor intermédio de HEL-Ba (ditongos nasais com alteração fónica), apenas possuímos percentuais de marcação (78%), pelo que não é possível estabelecer comparações entre os dois dialectos. No entanto, atente-se ao paralelo de inibição determinado pelos itens regulares, bastante próximo nos dois dialectos (PA = pr. 0,491; HEL-Ba = pr. 0,47). Estamos convictos que se efectuássemos uma amalgamação dos nossos factores conforme metodologia adoptada para HEL-Ba, baixáramos não só o peso favorecedor dos itens em *-s* como elevaríamos também o peso do favorecimento dos itens em *-r*, colocando-os a um nível aproximado do valor apresentado por P. Andrade (2003:103). Como tal, entendemos que os padrões de marcação PL do PA e HEL-Ba se assemelham bastante, o que nos permite concordar com a autora quando refere que a *saliência fónica* tem influência na aplicação da regra da marcação PL (P. Andrade: 2003:120).

Os achados de Baxter (2004:109) apontam para o efeito da saliência na marcação PL ser fortemente favorecida pelas distinções morfofonológicas das oposições mais marcadas, pelas combinações de sílabas plurais tónicas e pelas mudanças que produzem alteração no radical da palavra (pr. 0,88). Com afectação mais neutra na marcação surgem os monossílabos (pr. 0,61), as formas metafónicas (pr. 0,59) e as realizações que envolvem uma pluralização tónica, mas sem alteração no radical da palavra (pr. 0,52). Desfavorecendo a marcação surgem quer as palavras sem mudança no radical e com sílaba PL átona (pr. 0,46) quer as palavras com singular em *-s* (pr. 0,35). Contudo, as comparações com o PA teriam que ser observadas aqui sob alguma reserva, visto que os resultados do PT reflectem valores do cruzamento entre as variáveis independentes *saliência fónica* e *tonicidade*, enquanto os dados do PA se referem apenas ao grupo de factores *saliência fónica*. Assim sendo, remetemos as comparações entre Almojarife e Monte Café para o momento em que levarmos a cabo idêntico tratamento de dados (pontos 5.2.2.2 a 5.2.2.7 do presente trabalho).

Igual procedimento será adoptado em relação aos resultados apresentados quer para o PMp (Jon-And, 2008:4) quer para o PCV (Jon-And, 2009:5), já que os mesmos dizem também respeito ao cruzamento entre as mesmas variáveis independentes. No entanto, chamamos aqui a atenção para o facto de os itens que pluralizam com inserção de *-es* final se revelarem altamente inibidores da marcação tanto no PMp (*-s* = pr. 0,22; *-r* = pr. 0,33) como no PCV (*-s* = pr. 0,08; *-r* = pr. 0,36), enquanto no PA apresentam comportamentos distintos, um favorecendo a pluralização e o outro inibindo-a ligeiramente (*-s* = pr. 0,862; *-r* = pr. 0,468). Contudo, é de ter em conta que a autora não optou por uma codificação do nosso tipo, já que considerou como pluralizados os itens com marcação fonológica parcial (mês/mese),<sup>183</sup> demarcando-se também da metodologia de Braga (1977:83, nota 20), que os codificou como elementos sem marcação de número.

Das comparações entre o PA e as diferentes variedades de português aqui abordadas, salta à evidência um padrão absolutamente uniforme dos itens regulares em todos os dialectos, com valores sempre situados no patamar da neutralização da marcação. Por outro lado, é também claro que ocorre uma discrepância quanto à forma de os itens em *-s* marcarem o PL, com os valores do PA favorecedores da marcação encontrando

respaldo nos resultados de Guy (1981a:187) e também de P. Andrade (Andrade, 2003:103), mas demarcando-se completamente dos pesos inibidores apresentados por Scherre (1988:78), Baxter (2004:109) e Jon-And (2008:4, 2009:5). Quanto aos dois outros itens para os quais possuímos pesos relativos, registam-se também algumas flutuações, mas em menor grau do que a apresentada pelos elementos em *-s*. Assim, os itens nasais regulares inibem a marcação no PA, no MRJ e na NURC, mas favorecem-na no PT. Quanto ao itens em *-r*, apresentam-se todos próximos do ponto da neutralidade, umas vezes desfavorecendo ligeiramente a inserção de marcas (PA, MRJ, PT e PMp), outra vezes favorecendo-a suavemente (NURC e HEL-Ba). Contudo, estas ligeiras flutuações poderão estar dependentes, quanto a nós, das diferentes formas de constituir os factores amalgamados nos quais estes elementos foram inseridos.

#### **5.2.1.1. Relação entre *saliência fónica* e *escolaridade* na marcação PL do PA**

Scherre (1988:85) abordou a correlação entre a *saliência fónica* e as características sociais dos falantes do MRJ, referindo que os anos de escolarização actuam a nível do funcionamento sincrónico da gramática, o que faz com que a influência da *saliência fónica* sobre a marcação PL dependa do grau de ensino dos falantes. A motivação que levou a autora a optar por este tipo de análise assentou, essencialmente, no facto de os itens em *-ão*, ao inibirem a pluralização, não obedecerem à regra que determina a hierarquia de marcação dos itens com maior distinção fónica singular/plural. Em termos gerais, as análises de Scherre (1988:86) apresentaram algum distanciamento na forma de marcar o PL em apenas alguns itens, especialmente os elementos finalizados em *-ão* e *-l* produzidos pelos níveis Primário e Ginásial,<sup>184</sup> aspecto que levou a autora a observar também a correlação entre a *tonicidade* e o *grau de escolarização*. Nesta, o distanciamento é menos acentuado, tendo-se notado uma uniformidade na forma de marcar os oxítonos (os que mais beneficiam a marcação) e paroxítonos (os que mais inibem a inserção de marcas), mas alguma irregularidade na forma de pluralizar os proparoxítonos (o nível Primário inibe a marcação, enquanto o Colegial a favorece ligeiramente). A conclusão final de Scherre (1988:90-91) é que “*Processos e Tonicidade influenciam a presença/ausência da concordância nominal embora apresentem algumas diferenças na forma de atuar em função do grau de escolarização dos falantes*”.

Lopes (2001:146) analisou também o mesmo tipo de correlação, mas fê-lo cruzando os grupos de factores *saliência fónica* e *tonicidade*. A conclusão da autora é que, apesar de as probabilidades de marcação não serem muito semelhantes nos três grupos analisados, verifica-se em todos eles a oposição entre mais salientes e mais concordância, *versus* menos salientes e menos concordância. Outro aspecto a ter em conta nos resultados de Lopes (2001:154), é o facto de o aumento da escolarização conter, e por vezes reduzir, a influência da *saliência fónica* na marcação PL.

Baxter (2004) e Jon-And (2008, 2009) não observaram a interacção entre as variáveis independentes *saliência fónica* e *escolaridade* na marcação PL, mas o primeiro analisou o efeito do cruzamento entre *saliência fónica* e *tonicidade* no desenvolvimento geracional do PL no SN dos tongas. Como tal, remetemos as comparações com os números de Baxter (2004:109) para o momento em que procederemos também a idêntico tratamento de dados (ponto 5.2.2.6 do presente trabalho).

Em termos de anos de escolarização, a estratificação dos falantes de Almojarife difere dos grupos de informantes de Scherre (1988) e Lopes (2001), pelo que é difícil estabelecer comparações precisas a nível dos factores que compõem a variável social independente *escolaridade* dos dialectos em questão. Contudo, é possível observar o padrão geral de variação da pluralização, bem como detectar os contrastes de marcação entre falantes com maior ou menor grau de escolarização, seja na perspectiva da intraescolaridade no PA seja na óptica da interescolaridade no PA, MRJ e NURC. Os resultados da correlação entre a *saliência fónica* e o *grau de escolarização* dos falantes do PA, na inserção de marcas de PL, estão patentes na Tabela 23.3:

A exiguidade dos nossos dados não permite obter resultados para a grande maioria dos factores, quando se pretende observar a sua distribuição pelos diferentes níveis de escolarização. Note-se que, para conseguirmos resultados mínimos que permitissem uma observação da relação entre *saliência fónica* e *escolaridade*, tivemos mesmo que lançar mão de dados que registam menos de trinta ocorrências, como aconteceu com o factor *singular –s* da faixa com escolarização média, com apenas 26 ocorrências, e o factor *nasais regulares*, dos falantes com escolarização alta, que regista somente 28 realizações. Só assim conseguimos evitar que estes dois grupos escolares fossem rejeitados pela ferramenta VARBRUL por configurarem *singletons*, isto é, por

apresentarem valores apenas para um factor e ficar inviabilizada a hipótese de uma observação binária dos grupos de factores. Ainda assim, apenas conseguimos escassos valores, e somente para dois grupos (analfabetos e escolarização média), já que os outros dois (escolarização baixa e escolarização alta) foram considerados não significativos para a marcação PL no SN do PA.

**Tabela 23.3.** Relação entre *saliência fónica* e *escolaridade* na marcação PL dos itens do SN do PA.

		<i>Input desta rodada: 0,153</i> <i>Log-likelihood: -169,044</i> <i>Significância: 0,045</i>			<i>Input desta rodada: 0,616</i> <i>Log-likelihood: -296,569</i> <i>Significância: 0,009</i>		
<i>Saliência fónica</i> x <i>Escolaridade</i>	<b>Analfabetos</b>			<b>Escolarização baixa</b>			
	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	
Plurais regulares	152/486	31	0,484	353/589	60	-	
Nasais regulares	3/33	9	0,122	37/60	62	-	
Plurais metafónicos	(4/5)	80	-	(2/3)	67	-	
Singular –r	(3/19)	16	-	(15/26)	58	-	
Singular –s (-z)	20/41	49	0,912	(7/7)	100	-	
Singular –l	-	-	-	(0/2)	0	-	
Singular –ão/–ões	(5/9)	56	-	(5/7)	71	-	
Total	187/593	32	-	419/694	60	-	
		<i>Input desta rodada: 0,464</i> <i>Log-likelihood: -337,006</i> <i>Significância: 0,007</i>			<i>Input desta rodada: 0,617</i> <i>Log-likelihood: -168,068</i> <i>Significância: 0,023</i>		
<i>Saliência fónica</i> x <i>Escolaridade</i>	<b>Escolarização média</b>			<b>Escolarização alta</b>			
	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	
Plurais regulares	298/616	48	0,468	92/282	68	-	
Nasais regulares	(8/24)	33	-	(21/28)	75	-	
Plurais metafónicos	(0/1)	0	-	(4/6)	67	-	
Singular –r	(12/19)	63	-	(12/15)	80	-	
Singular –s (-z)	(22/26)	85	0,954	(12/12)	100	-	
Singular –l	(2/5)	40	-	(1/3)	33	-	
Singular –ão/–ões	(5/5)	100	-	(6/6)	100	-	
Total	347/696	50	-	248/352	71	-	

**Obs.:** Escolarização baixa e escolarização alta rejeitadas pela ferramenta VARBRUL.

Os informantes analfabetos apresentam uma distinção acentuada na forma de marcar o PL entre os itens que finalizam em *-s* no singular, categoricamente favorecedores da marcação (pr. 0,912), e os itens nasais que pluralizam regularmente, os quais inibem acentuadamente a pluralização (pr. 0,122). Em plano intermédio encontram-se os elementos que fazem o PL de modo regular, com uma tendência suavemente inibidora da pluralização (pr. 0,484).

Note-se que o padrão do elemento mais favorecedor da marcação, isto é, dos itens que terminam em *-s* no singular, se mantém constante ao longo de todas as gerações, apresentando uma taxa de marcação plena (100%) nas escolaridades baixa e alta (apesar não atingir trinta ocorrências em qualquer delas) e um peso na escolaridade média (pr. 0,954) que se situa no mesmo patamar do favorecimento categórico exibido pela classe analfabeta. O mesmo factor apresenta-se como inibidor da marcação em todos os níveis de escolaridade do MRJ, embora o grau de inibição varie entre os diferentes estratos.<sup>185</sup> Relativamente aos falantes da NURC, Lopes (2001:153) apresenta valores favorecedores da marcação PL, mas que vão decrescendo do Fundamental até ao Universitário (Fundamental = pr. 0,72; Colegial = pr. 0,63; Universitário = 0,58). Como tal, é possível constatar que, no que respeita à pluralização dos itens em *-s*, o MRJ é o único dialecto a apresentar um padrão inibidor da marcação, sendo o do PA mais categórico ao favorecimento do que o da NURC. Gostaríamos ainda de abrir aqui um parêntesis para chamar a atenção para as análises e observações que efectuaremos a propósito deste fenómeno durante o estudo da variável independente *contexto fonológico posterior* (ponto 5.2.3 do presente trabalho), nomeadamente quando nos debruçarmos sobre questões fonológicas relacionadas com a assimilação regressiva e a haplogia sintáctica, as quais, segundo Braga & Scherre (1976), Braga (1977) e Scherre (1988) estarão na origem da inibição da marcação PL evidenciada pelos itens em *-s*.

O padrão de regularidade na marcação PL pode ser também observado para o factor intermédio nos falantes analfabetos e de escolarização média do PA, ou seja, os itens que pluralizam de forma regular. De facto, o peso ligeiramente inibidor da inserção de marcas evidenciado pelos analfabetos (pr. 0,484) é bastante semelhante ao do evidenciado pelos informantes com escolarização média (pr. 0,468), não chegando a ultrapassar o patamar da neutralização. O mesmo factor exhibe também um padrão

bastante regular no MRJ (pr. 0,24 para todos os níveis de escolaridade), sendo o mais inibidor da marcação neste, e em valores mais acentuados do que os do PA. Contudo, não podemos esquecer que Scherre (1988:75) juntou neste factor os elementos regulares e os itens que finalizam em *-ão* e que pluralizam também de forma regular, o que terá inflacionado o peso de inibição da marcação. Quanto aos valores dos itens regulares oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos da NURC, comentá-los-emos quando os compararmos com os números exibidos pela relação entre as variáveis independentes *tonicidade* e *escolaridade* das nossas ocorrências (ponto 5.2.2.1 do presente trabalho).

Relativamente aos itens nasais regulares, apenas obtivemos valores para o grupo analfabeto, no qual o mesmo se revela como altamente inibidor da marcação (pr. 0,122). Scherre (1988) e Lopes (2001) não apresentam valores para este tipo de factor, já que a primeira os amalgamou com os elementos que pluralizam de modo regular, enquanto a segunda nos traz apenas valores para os itens regulares oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos.

Dada a escassez dos nossos resultados, iremos proceder a mais considerandos quando cruzarmos a variável independente *tonicidade* com o grupo de factores *escolaridade* (ponto 5.2.2.1 do presente estudo), pelo que remetemos para esta fase do trabalho as conclusões acerca da possível influência na presença/ausência da concordância nominal motivada pelo eixo *saliência fónica/tonicidade*.

Ainda assim, e a propósito da hipótese 1, que levantámos para a variável independente *saliência fónica* (ponto 3.6.1.1), é possível adiantar que, embora este grupo de factores revele influência na aplicação da regra de concordância do PA, esta não acompanha totalmente a predição avançada de que os itens que apresentam maior distinção fónica tendem a favorecer a inserção da pluralização. De facto, além de se constatar que os elementos terminados em *-s* no singular favorecem categoricamente a marcação no PA, verificamos também que, entre os itens que pluralizam regularmente, a inibição é mais acentuada nos que apresentam maior distinção fónica, isto é, nas palavras que terminam em *-ão* no singular. O maior propiciamento destes à não-marcação ficará a dever-se às diferentes formas de inserir as marcas de número nos itens em *-ão* (Scherre, 1988:124), que levará os falantes a hesitarem na forma de os pluralizar. As baixas realizações registadas para os elementos metafónicos impedem que

confirmemos se são estes os que favorecem mais a inserção da regra, mas o seu percentual de marcação, situado no patamar neutro, indicia que, no PA, o seu propiciamento à pluralização não alcance a *performance* apresentada pelos itens terminados em *-s* no singular.

### 5.2.2. Variável independente *tonicidade* (*Tonicidade dos itens lexicais singulares*)

Como se constata na Tabela 12.2, o nosso *corpus* possui apenas doze itens proparoxítonos. Pode também verificar-se na Tabela 24.4, na qual se apresentam resultados para o cruzamento entre as variáveis independentes *saliência fónica* e *tonicidade*, que todos estes elementos pluralizam de forma regular. Assim sendo, decidimos manter esta distinção e não amalgamá-los com os itens paroxítonos, que podem pluralizar de modo irregular (p.e. *difícil/difíceis*). Com esta metodologia, anulou-se a possibilidade de se constituir um factor único para ambos os tipos de itens, tendo a insuficiência de realizações proparoxítonas determinado que as mesmas fossem retiradas da rodada VARBRUL para apuramento de pesos relativos dos factores que constituem o grupo de factores *tonicidade*. Os resultados desta rodada podem ser observados na Tabela 24.1:

**Tabela 24.1.** Efeito da *tonicidade* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504		<i>Log-likelihood:</i> -981,009		<i>Significância:</i> 0,011
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Oxítonos e monossílabos tónicos	179/282	64	12	0,730
Monossílabos átonos	283/320	88	14	0,690
Paroxítonos	735/1.726	43	74	0,423
<b>Totais:</b>	<b>1.197/2.328</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

O padrão de marcação do PA é em tudo semelhante aos do MRJ (Scherre, 1988:80) e da NURC (Lopes, 2001:140), mostrando que, em termos de comunidade, os oxítonos e os monossílabos tónicos detêm a primazia na marcação PL em todos estes dialectos, enquanto os paroxítonos e os proparoxítonos se apresentam como os elementos que mais inibem a pluralização (Tabela 24.2). Assim sendo, ganha forte sustentação o pressuposto de que as formas mais salientes favorecem mais a concordância PL do que os itens em que essa percepção não é tão evidente.

**Tabela 24.2.** *Tonicidade*: contribuição dos factores individuais para a marcação PL do elemento analisado: 3 variedades de português.

Factores	Tonicidade					
	PA		MRJ		NURC	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Oxítonos/Monossílabos tónicos	0,730	64	0,66	86	0,72	85
Monossílabos átonos	0,690	88			0,65	99
Paroxítonos	0,423	43	0,39	70	0,37	71
Proparoxítonos	(5/12)	42	0,44	52	0,41	75

Guy (1981a:166) sugeriu o uso de uma escala binária para estudo da influência da *saliência fónica* na marcação, ou seja, palavras terminadas em vogal *versus* palavras terminadas em consoante. Com esta oposição binária, torna-se lógico que a substituição de uma forma por outra se dê a partir daquela que é mais saliente, mas, ao contrário do que o autor defende (Guy, 1981a:298), a redução que configura processos de descrioulização não é motivada unicamente por factores internos à língua, isto é, não se inicia somente pela morfologia, descartando, conseqüentemente, as motivações fonológicas.

P. Andrade (2003:114), no seu estudo não-atomístico do dialecto de HEL-Ba, abordou a concordância PL em função da *saliência fónica* na oposição singular/plural, tendo constituído, para o efeito, um grupo de factores binário com SN's que contêm apenas itens regulares, por um lado, e SN's contendo itens que apresentam diferenciação fónica quando pluralizados, por outro lado. Os resultados mostram que o segundo factor favorece moderadamente a marcação PL (pr. 0,66), enquanto os SN's que apenas possuem itens regulares a inibem muito ligeiramente (pr. 0,46). Deste modo, a autora conclui que os seus informantes adquirem formas da língua a partir de contextos linguísticos mais salientes, mas que há toda uma rede de elementos internos e externos envolvidos nos processos de mudança que determinam não só a aquisição de marcas mas também a perda de antigas características provenientes de processos de transmissão linguística irregular (P. Andrade, 2003:115). Tendo em conta estes aspectos, decidimos observar o modo como as variáveis sociais *escolaridade* e *idade* intervêm, em conjunto com a *tonicidade*, na concordância PL do PA. Para efeitos de comparações com os diferentes dialectos em observação, foi necessário recorrer também a cruzamentos entre

as variáveis independentes *saliência fônica* e *tonicidade*, segundo diferentes metodologias adotadas pelos pesquisadores que estudaram tais variedades de português.

#### **5.2.2.1. Relação entre *tonicidade* e *escolaridade* na marcação PL do PA e do MRJ**

Scherre (1988:89) foi a única a apresentar valores para a tonicidade da sílaba do item lexical singular por escalões escolarizados, uma vez que os resultados de Lopes (2001), Baxter (2004) e Jon-And (2008, 2009) levaram em conta apenas o grupo de factores *saliência*, isto é, o cruzamento entre as variáveis independentes *saliência fônica* e *tonicidade*. Antes de compararmos os nossos números com os do MRJ, observemos, com recurso à Tabela 24.3, os valores relativos à relação entre *tonicidade* e *escolaridade* no PA.

Entre os indivíduos analfabetos, os oxítonos e monossílabos tónicos são aqueles que são primeiramente apreendidos e mostram maior índice de concordância em número (pr. 0,654). Por seu lado, os elementos com menor *tonicidade* surgem menos marcados, com os monossílabos átonos a revelarem-se os mais inibidores da concordância (pr. 0,439), enquanto os paroxítonos, que possuem uma sílaba tónica, ou seja, com *saliência tónica* superior à dos anteriores, inibem um pouco menos a marcação PL (pr. 0,479). Como tal, e ao que tudo indica, as informações que pressupõem maior tonicidade são as que são percebidas primeiramente, reflectindo o PA mais marcas de aprendizagem nos elementos mais salientes e ausência destas nos itens menos salientes.

Não obstante, os informantes com baixa escolarização evidenciam um padrão totalmente distinto, já que, nestes, os monossílabos átonos ganham protagonismo no favorecimento à concordância (pr. 0,841), em valores que ultrapassam mesmo os dos oxítonos e monossílabos tónicos (pr. 0,726). Em sequência de tal, os paroxítonos acabam por cair para a cauda da marcação, mas mantendo a sua característica de elementos inibidores da concordância (pr. 0,361). Neste estrato de ensino, salta à evidência que actua uma gramática distinta, com o padrão da pluralização perdendo uniformidade, já que são os elementos de menor *tonicidade* que passam a deter o maior índice de marcação PL.

**Tabela 24.3.** Relação entre *tonicidade* e *escolaridade* na marcação PL dos itens do SN do PA.

	<i>Input desta rodada:</i> 0,153 <i>Log-likelihood:</i> -169,044 <i>Significância:</i> 0,045			<i>Input desta rodada:</i> 0,616 <i>Log-likelihood:</i> -294,148 <i>Significância:</i> 0,005		
	<b>Analfabeto</b>			<b>Escolaridade baixa</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Oxítonos/Monossílabos tónicos	37/81	46	0,654	49/69	71	0,726
Monossílabos átonos	38/49	78	0,439	126/128	98	0,841
Paroxítonos	112/465	24	0,479	244/493	50	0,361
Proparoxítonos	(0/1)	0	-	(1/5)	20	-
<b>Totais:</b>	<b>187/596</b>	<b>31</b>	<b>-</b>	<b>420/695</b>	<b>60</b>	<b>-</b>
	<i>Input desta rodada:</i> 0,464 <i>Log-likelihood:</i> -337,006 <i>Significância:</i> 0,007			<i>Input desta rodada:</i> 0,587 <i>Log-likelihood:</i> -164,734 <i>Significância:</i> 0,046		
	<b>Escolaridade média</b>			<b>Escolaridade alta</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Oxítonos/Monossílabos tónicos	52/86	61	-	(41/46)	89	0,858
Monossílabos átonos	78/98	80	-	41/45	91	0,201
Paroxítonos	217/511	43	-	162/257	63	0,480
Proparoxítonos	(0/2)	0	-	(4/4)	100	-
<b>Totais:</b>	<b>347/697</b>	<b>50</b>	<b>-</b>	<b>248/352</b>	<b>71</b>	<b>-</b>

Obs.: Escolaridade média rejeitada pela ferramenta VARBRUL.

Quanto ao grupo com escolarização média, as suas realizações não foram consideradas relevantes para a marcação da concordância. Por seu lado, a faixa com escolarização alta revela um padrão de concordância de acordo com o da comunidade, isto é, itens com maior *tonicidade* apresentando também maior índice de concordância PL (oxítonos e monossílabos tónicos = pr. 0,858) e elementos com menos *tonicidade* revelando inibição da concordância, mais os elementos plenamente átonos (monossílabos átonos = pr. 0,201) do que os casos em que ocorre uma sílaba tónica (paroxítonos = pr. 0,480).

Em termos de relação entre *tonicidade* e *escolaridade*, o padrão de marcação do PA diverge bastante do padrão do MRJ (Scherre, 1988:89), no qual o factor dos oxítonos e monossílabos tónicos é sempre os mais marcado e o dos paroxítonos o menos marcado, numa oposição uniforme que se estende ao longo dos diferentes estratos de escolarização. No entanto, Scherre (1988:90) constatou que os proparoxítonos

apresentam alguma diferença de comportamento na marcação, que a autora entende advir do facto de estes elementos serem instáveis na língua portuguesa, havendo mesmo casos de passagem de proparoxítonos a oxítonos, com maior frequência nas classes não escolarizadas. No PA, o comportamento deste tipo de itens não pode ser aquilatado, devido ao seu reduzido número de realizações. No entanto, face ao padrão registado pelos analfabetos e indivíduos de escolarização alta, é possível observar que *saliência fónica* e *tonicidade* parecem ter influência na presença/ausência da marcação PL, apesar de se registarem flutuações acentuadas de alguns itens em função do grau de escolarização dos falantes que os realizam.

Como os níveis de escolarização surgem associados aos diferentes escalões etários do PA (menos escolarizados sinónimo de mais idosos e mais escolarizados igual a menos idosos), decidimos observar também o comportamento das variáveis independentes *saliência fónica* e *tonicidade* em função da idade dos informantes, a fim de tirarmos conclusões mais sólidas sobre a influência destas variáveis na pluralização dos itens do SN da fala de Almojarife. Por outro lado, este tratamento de dados permitirá que se estabeleçam também comparações com o PT, cuja influência da *saliência* foi observada por Baxter (2004:109) numa óptica geracional. Para tanto, teremos que ajustar os nossos factores aos deste autor, procedendo a cruzamentos entre factores dos grupos de factores *saliência fónica* e *tonicidade*. Este tipo de metodologia vai ainda permitir que estabeleçamos comparações não só com os níveis de escolarização do MRJ e da NURC mas também com os resultados do PMp.

#### **5.2.2.2. Efeito da *saliência* (*saliência fónica* x *tonicidade*) na marcação PL do dos itens do SN do PA**

A sobreposição entre as variáveis independentes *saliência fónica* e *tonicidade* é evidente, já que a maioria dos itens regulares e metafónicos são proparoxítonos, enquanto os elementos que terminam em *-l*, *-r*, *-s* e *-ão* são quase todos oxítonos. Deste modo, e embora Guy (1981a:163) considere que o efeito da *tonicidade* seja aparente, especialmente nos itens não regulares, Scherre (1988:91) e Lopes (2001:143) procederam a cruzamentos entre estes dois grupos de factores, por considerarem que esta variável é “*um traço integrante do eixo da saliência fónica, com repercussões importantes sobre o índice de presença de marca formal de plural nos itens analisados*”

(Scherre, 1988:101). Lopes (2001), ao dar seguimento às sugestões de Scherre (1988) no sentido de considerar só uma variável, advinda da junção de *processos* e *tonicidade*, constatou também que apenas há possibilidade de se recorrer à segunda variável como elemento de comparação entre os itens regulares, uma vez que só estes têm palavras com os três tipos de tonicidade. Desta forma, a autora seguiu a metodologia de Scherre (1988), transformando as referidas variáveis numa só, apelidada de *saliência*, e que cruza a *tonicidade* unicamente com os itens que fazem o PL de modo regular. Dado ainda que os outros factores do grupo de factores *saliência fónica* ou não apresentam mais do que uma forma quanto à *tonicidade* ou, se a apresentam, a distinção não é tão forte quanto a dos itens regulares, Lopes (2001) não efectuou cruzamentos para os mesmos e optou por manter as suas distinções iniciais, incluindo as dos itens finalizados em *-l* e dos elementos terminados em *-ão*. Contudo, a autora apenas se limitou a dar seguimento à metodologia avançada por Guy (1981a) e corroborada por Scherre (1988), já que ambos os elementos, apesar de pluralizarem com inserção de *-s* e alterações silábicas na maioria dos casos, revelaram comportamentos distintos na marcação PL das realizações dos falantes cariocas.

Na Tabela 24.4 apresentamos o número de ocorrências e respectivos percentuais de marcação, resultantes do cruzamento que efectuámos entre todos os itens das variáveis independentes *saliência fónica* e *tonicidade*. Os resultados permitem verificar que o PA regista perfil idêntico ao da NURC, já que apenas os itens regulares apresentam distintividade entre os três tipos de tonicidade. Quanto aos metafónicos, registam uma única ocorrência oxítone, por oposição a catorze paroxítonas. Como o total de ocorrências não perfaz 30 realizações, é um factor que não será tido em conta nos cruzamentos que se pretendem efectuar, pelo que se manterá a distintividade inicial. Relativamente aos nasais regulares, possuem três tipos de itens: monossílabos átonos; oxítonos ou monossílabos tónicos; e paroxítonos. Inicialmente, pensámos constituir dois factores distintos para estes elementos: (i) factor englobando os monossílabos átonos e os oxítonos, visto a *saliência* recair sobre a última sílaba em ambos; (ii) factor envasando os paroxítonos, cuja *saliência* incide sobre a penúltima sílaba. Contudo, depois de observarmos melhor os últimos, apercebemo-nos que estamos perante casos típicos de sílabas subtónicas finais, isto é, sílabas finais com acentuação fónica secundária.

**Tabela 24.4.** *Saliência* resultante do cruzamento entre *saliência fónica e tonicidade* (todos os dados) [Grupo de factores constituído consoante metodologia de Lopes (2001:143)].

<b>Factores</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>
Regulares monossilábicos átonos	o/os	249/274	91
Regulares oxítonos ou monossilábicos tónicos	cacau/cacaus; pai/pais	39/61	64
Regulares paroxítonos	onda/ondas	702/1.626	43
Regulares proparoxítonos	médico/médicos	(5/12)	42
Metafónicos oxítonos	avô/avós	(1/1)	100
Metafónicos paroxítonos	jogo/jogos	(9/14)	64
Nasais regulares monossilábicos átonos	um/uns	34/46	74
Nasais regulares oxítonos	irmão/irmãos; atum/atuns	(12/17)	71
Nasais regulares paroxítonos	homem/homens	23/82	28
-ão/-ões (oxítonos)	razão/razões	(21/27)	78
-l (oxítonos)	mundial/mundiais	(3/10)	30
-r (oxítonos)	jogador/jogadores	42/79	53
-s (oxítonos)	mês/meses; rapaz/rapazes	61/86	71
<b>Totais:</b>		1.201/2.335	51

Scherre (1988:90), ao debruçar-se sobre a inconstância da pluralização apresentada pelos itens proparoxítonos, constatou que a maior distância entre a sílaba tónica e a que vai receber a marca de PL não é condição *sine qua non* para conduzir a menos marcação. Nesta conformidade, não se pode ter como adquirido o princípio de que os itens nasais regulares paroxítonos, pelo facto de não terem a sílaba tónica na última posição, terão que ser menos marcados do que aqueles que a possuem no final da palavra. Se levarmos em linha de conta que a última sílaba detém também uma tonicidade secundária nos nasais regulares paroxítonos, é muito natural que os falantes os entendam como portadores de *saliência* final. Logo, não se torna lógico constituir diferentes factores para os nasais regulares oxítonos e paroxítonos, visto ambos serem marcados, em maior ou menor intensidade, com *tonicidade* na sílaba final. Assim sendo, optámos por adoptar na íntegra a metodologia de Lopes (2001:143) com vista não só à elaboração dos factores que passarão a constituir o grupo de factores *saliência* mas também à possibilidade de

levarmos a cabo as análises e comparações que pretendemos. Ainda assim, convém chamar a atenção para o facto de, no factor dos itens nasais regulares, a autora apenas ter incluído os elementos finalizados em *-ão*, tendo os casos em *-em* ou *-um* sido classificados como oxítonos ou paroxítonos.

A Tabela 24.5 exhibe os resultados da *saliência*, após constituição de factores segundo metodologia de Lopes (2001:143):

**Tabela 24.5.** Efeito da *saliência* (*saliência fónica x tonicidade*) na marcação PL dos itens do SN do PA. [Grupo de factores constituído consoante metodologia de Lopes (2001:143)].

<i>Input desta rodada:</i> 0,523	<i>Log-likelihood:</i> -984,967	<i>Significância:</i> 0,029		
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Regulares monossilábicos átonos	249/274	91	12	0,738
Regulares oxítonos ou monossilábicos tónicos	39/61	64	2	0,599
Regulares paroxítonos	702/1.626	43	72	0,415
Regulares proparoxítonos	(5/12)	42	1	-
Nasais regulares	69/145	48	6	0,398
- r	42/79	53	3	0,700
- s	61/86	71	4	0,943
<b>Totais:</b>	<b>1.167/2.283</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Os resultados do cruzamento entre os grupos de factores *saliência fónica* e *tonicidade*, de acordo com a metodologia de Lopes (2001:143), evidencia que os oxítonos finalizados em *-s* são os que continuam a propiciar mais a marcação em número, favorecendo-a categoricamente (pr. 0,943). No plano oposto, inibindo moderadamente a pluralização, situam-se dois factores: os nasais regulares (pr. 0,398) e os paroxítonos que pluralizam também regularmente (pr. 0,415). Em plano intermédio, e favorecendo acentuadamente a marcação, encontram-se monossilábicos átonos (pr. 0,738) e os elementos que terminam em *-r* no singular (pr. 0,700). Por fim, e num patamar de neutralidade, encontramos os oxítonos ou monossilábicos tónicos, com tendência mínima para propiciarem a marcação (pr. 0,599).

Nos nossos dados saltam a evidência dois aspectos: (i) o elevado peso que os elementos em *-s* detêm na inserção de marcas, a denotar que o fenómeno da analogia

(Braga & Scherre, 1976:474) não é acolhido no PA; (ii) o também elevado índice de marcação dos monossílabos átonos, comprovando-se que os proclíticos dos substantivos têm tendência a serem interpretados como sílabas iniciais destes, perdendo-se a sua noção de definitude. O fenómeno da pluralização dos itens em *-s* é abordado mais detalhadamente nos pontos que observam a influência na marcação PL motivada pelas variáveis independentes *contexto fonológico posterior* (ponto 5.2.3 do presente trabalho) e *marcas precedentes* (ponto 4.1.2.4 do presente trabalho), uma vez que estes elementos são, na maioria, antecidos por numerais. Quanto à questão da pluralização dos monossílabos átonos, não concordamos com Lopes (2001:141), quando a mesma afirma que este fenómeno revela também perda da informação de PL. Em nossa opinião, ocorre apenas não-realização a nível da estrutura mórfica na marcação do substantivo núcleo do SN, reflectindo, tão-só, o licenciamento fonético de {s} nulo, e não no plano semântico, no qual a mesma permanece activa. De facto, o elevado peso da marcação constatado nos monossílabos átonos, isto é, nos itens proclíticos dos substantivos, é tão somente o reflexo do fenómeno apontado por Guy (1981a:301-302) para o PBV, cuja CPL-var, a exemplo do que sucede com o PA, é fortemente condicionada pelo item colocado na posição imediatamente anterior ao núcleo do SN. O fenómeno, como temos vindo a mencionar, encontra respaldo no sistema de pluralização das línguas do grupo níger-congo atlântico, nas quais predomina o uso de marcadores iniciais, em forma de prefixo ou clítico. Assim, e apesar de não possuímos os pesos relativos para a totalidade dos itens que apresentam elevada distinção fónica na oposição singular/plural, é possível observar que o sistema de marcação PL do PA assenta fortemente na motivação estrutural, que compete, neste aspecto, com motivações do âmbito da *saliência fónica*, sobrepondo-se mesmo à grande maioria destas.

### **5.2.2.3. Efeito da *saliência* (*saliência fónica x tonicidade*) na marcação PL do PA e da NURC**

A Tabela 24.6 permite comparar os resultados do efeito da *saliência* na marcação PL dos itens do SN do PA com os do MRJ (Scherre, 1988:139) da NURC (Lopes, 2001:144-145):

**Tabela 24.6.** *Saliência (saliência fónica x tonicidade)*: contribuição dos factores individuais para a marcação PL no elemento analisado: 3 variedades de português.

Factores	<i>Saliência (saliência fónica x tonicidade)</i>					
	PA		MRJ		NURC	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Regulares monossilábicos átonos	0,738	91			0,65	99
Regulares oxítonos ou monossilábicos tónicos	0,599	64	0,38	72	0,72	92
Nasais regulares	0,398	48			0,40	49
Regulares paroxítonos	0,415	43	0,17	50	0,37	71
Regulares proparoxítonos	(5/12)	42	0,21	52	0,41	75
Metafónicos	(10/15)	67	0,80	93	0,78	88
–ão/–ões	(21/27)	78	0,59	86	0,71	87
–l	(3/10)	30	0,69	86	0,80	88
–r	0,700	53	0,65	88	0,78	90
–s	0,943	71	0,56	83	0,63	76

Pode dizer-se, de um modo geral, que os sistemas de marcação PL do PA, do MRJ e da NURC, motivados pela *saliência*, evidenciam paralelismo quanto aos itens que beneficiam ou inibem a pluralização, apenas se denotando ligeira dissemelhança nos pesos apresentados. Salvaguardando a diferença exibida pela amalgamação efectuada por Scherre (1988:91), é possível constatar que, em ambos os dialectos, o favorecimento da marcação é determinado, em maior ou menor escala, pelos seguintes factores: monossílabos átonos, oxítonos regulares ou monossílabos tónicos e itens finalizados no singular em *–r* ou *–s*. Opostamente, inibindo a marcação, surgem dois factores: regulares paroxítonos e nasais regulares.

Relativamente aos elementos para os quais não possuímos pesos relativos, é possível observar que os percentuais da marcação do PA deixam antever também um paralelismo entre estas três variedades de português. Assim, os itens que apresentam percentuais de marcação positivos no PA (metafónicos = 67%; *–ão/–ões* = 78%), também inserem positivamente as marcas no MRJ (metafónicos = pr. 0,80; *–ão/–ões* = pr. 0,59) e na NURC (metafónicos = pr. 0,78; *–ão/–ões* = pr. 0,71), enquanto os proparoxítonos, que evidenciam percentual negativo em Almojarife (42%), demonstram ser também inibidores no Rio de Janeiro (pr. 0,21) e em Salvador (pr. 0,41). A única diferença de

monta é evidenciada pelos elementos que finalizam em *-l* no singular, com percentual de marcação negativo no PA (30%) e peso positivo no MRJ (pr. 0,69) e na NURC (pr. 0,80). Já nos pronunciámos sobre as diferentes formas de se pluralizarem os itens finalizados em *-l*, caso sejam oxítonos ou paroxítonos, e o modo como tal poderá levar os falantes a hesitarem na forma de inserirem a marcação de número (nota de fim de texto 182). Assim, é provável que tanto a norma urbana carioca como a norma culta de Salvador, por se encontrarem em estádios mais avançado de aquisição da noção da regra de concordância do que o PA, evidenciem uma maior tendência para a inserção de marcas neste factor.

Se exceptuarmos o caso dos monossílabos átonos, cujo elevado índice de marcação reflecte o respaldo da fala almoxarifana nas línguas do substrato, não deixa de ser evidente que o maior peso de marcação incide sobre os factores relativos a maiores graus de saliência, embora com ligeiras diferenças nos resultados apresentados pelas variedades de Almojarife e Salvador. Analisando a influência da variável independente *saliência* na marcação PL dos grupos popular e universitário, Lopes (2001:146) concluiu que, no primeiro grupo, parece ocorrer uma oposição mais nítida entre os elementos mais e menos salientes, a apontar para uma história de aquisição mais radical de dados menos precisos, insuficientes e variáveis, por transmissão geracional. Como tal, a variação ocorrerá, neste grupo, em maior escala nas formas menos salientes, por oposição à maior incidência de concordância nos elementos em que a oposição singular/plural é mais perceptível.

A fim de confirmar melhor os aspectos relacionados com a relação entre *saliência* e concordância, Lopes (2001:148) procedeu também a comparações entre os grupos popular e universitário da faixa mais idosa de Salvador. Os resultados evidenciaram a existência de gramáticas diferentes nos dois conjuntos de falantes, com a *saliência* proporcionada pela *tonicidade* dos itens a não interferir na concordância do estrato universitário. Este aspecto evidencia que a análise de regras variáveis deverá também ter em conta a relação entre a competência gramatical e a natureza das comunidades discursivas (Bayley, 1994:167), já que estas podem apresentar diferentes frequências de *performance*. Contudo, diferentes efeitos dos factores denunciam a existência de gramáticas distintas e, nesta conformidade, o falante detentor de uma gramática distinta

já não pertence à comunidade discursiva em questão. Assim sendo, diferentes variações motivadas pela mesma variável, no caso a *saliência*, apontarão para situações distintas de transmissão linguística em que os grupos se encontram envolvidos, daí resultando que estes se mostrem mais/menos sensíveis à referida variável.

Tendo em conta que o factor *escolaridade* poderia justificar a diferença de concordância entre grupos, Lopes (2001:152), a exemplo do já efectuado por Scherre (1988:96) para os grupos Primário, Ginásial e Colegial, estudou e comparou o efeito da *saliência* em falantes detentores dos níveis Fundamental, Colegial e Universitário. As nossas comparações com estes níveis escolares terão de ser apenas parciais, visto não possuímos qualquer informante do nível Universitário. Contudo, as mesmas permitirão complementar os resultados das análises já colhidos nas Tabelas 23.3 (relação entre *saliência fónica* e *escolaridade*) e 24.3 (relação entre *tonicidade* e *escolaridade*) e concluir com mais precisão acerca da possibilidade de os informantes do PA possuírem diferentes concordâncias motivadas pela mesma variável: a *saliência fónica*.

#### **5.2.2.4. Relação entre *saliência* (*saliência fónica* x *tonicidade*) e *escolaridade*: PA e NURC**

Na Tabela 24.7 exibimos os resultados do cruzamento entre as variáveis independentes *saliência* e *escolaridade*, tendo em conta a metodologia de constituição de factores adoptada por Lopes (2001:143). Como se vê, apenas se possuem valores em todas as faixas escolares para os monossílabos átonos e paroxítonos regulares, o que não nos permite comparar os nossos resultados como os do MRJ, visto estes factores terem sido amalgamados num único. No estrato analfabeto, outros dois factores evidenciam resultados, mais concretamente, os nasais regulares e os elementos que finalizam em *-s* no singular. Estes últimos apresentam elevados valores de favorecimento à pluralização em todos os escalões de escolarização, apesar de só possuímos o peso da faixa analfabeta (pr. 0,954). Contudo, o alto percentual de marcação nos outros estratos mantém-se constante, fazendo prever que a *escolaridade* não exerce influência na *saliência* destes elementos, uma vez que surgem já bastante marcados desde as gerações antepassadas (escolarização baixa = 100%; escolarização média = 85%; escolarização alta = 100%).

**Tabela 24.7.** Relação entre *saliência* e *escolaridade* na marcação PL dos itens do SN do PA.  
[Grupo de factores constituído consoante metodologia de Lopes (2001:143)]

	<i>Input desta rodada: 0,156</i> <i>Log-likelihood: -166,863</i> <i>Significância: 0,037</i>			<i>Input desta rodada: 0,609</i> <i>Log-likelihood: -295,586</i> <i>Significância: 0,008</i>		
	<b>Analfabetos</b>			<b>Escolaridade baixa</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Regulares monossilábicos átonos	36/40	90	0,517	105/106	99	0,948
Regulares oxítonos ou monossilábicos tónicos	(9/11)	82	-	(15/19)	80	-
Regulares paroxítonos	107/434	25	0,465	232/459	51	0,335
Regulares proparoxítonos	(0/1)	0	-	(1/5)	20	-
Nasais regulares	3/33	9	0,120	37/60	62	0,530
Metafónicos	(4/5)	80	-	(2/3)	68	-
- ão/- ões	(5/9)	56	-	(5/7)	71	-
- l	-	-	-	(0/2)	0	-
- r	(3/19)	16	-	(15/26)	58	-
- s	20/41	49	0,954	(7/7)	100	-
<b>Totais:</b>	<b>187/593</b>	<b>32</b>	<b>-</b>	<b>419/694</b>	<b>60</b>	<b>-</b>
	<i>Input desta rodada: 0,465</i> <i>Log-likelihood: -350,116</i> <i>Significância: 0,010</i>			<i>Input desta rodada: 0,577</i> <i>Log-likelihood: -165,979</i> <i>Significância: 0,015</i>		
	<b>Escolaridade média</b>			<b>Escolaridade alta</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Regulares monossilábicos átonos	71/89	80	0,806	37/39	95	0,041
Regulares oxítonos ou monossilábicos tónicos	(11/27)	41	-	(4/4)	100	-
Regulares paroxítonos	216/498	43	0,437	147/235	63	0,628
Regulares proparoxítonos	(0/2)	0	-	(4/4)	100	-
Nasais regulares	(8/24)	33	-	(21/28)	75	-
Metafónicos	(0/1)	0	-	(4/6)	67	-
- ão/- ões	(5/5)	100	-	(6/6)	100	-
- l	(2/5)	40	-	(1/3)	33	-
- r	(12/19)	63	-	(12/15)	80	-
- s	(22/26)	85	-	(12/12)	100	-
<b>Totais:</b>	<b>347/696</b>	<b>50</b>	<b>-</b>	<b>248/352</b>	<b>71</b>	<b>-</b>

As questões apontadas confirmam que o fenómeno da analogia fenómeno da analogia (Braga & Scherre, 1976:474) não actua sobre os falantes de Almojarife, encontrando-se

a matéria em torno deste fenómeno discutida tanto no estudo das variáveis independentes *contexto fonológico posterior* (ponto 5.2.3 do presente estudo) e *marcas precedentes* (ponto 4.1.2.4 do presente trabalho) como na análise que adiante se fará, quando levarmos a cabo a comparação entre os resultados do PA e do PT.

Quanto aos itens nasais regulares, fornecem também valores para a faixa com escolarização baixa. Assim, estes elementos, que se apresentam nas camadas analfabetas como aqueles que mais inibem a pluralização (pr. 0,120), passam a beneficiar ligeiramente a marcação PL na produção dos indivíduos com escolarização baixa (pr. 0,530), fazendo pressupor que ganham consciência acerca do modo de pluralizar os itens em *-ão*, o que ajudará a subir o peso da concordância dos mesmos.

Relativamente aos paroxítonos regulares, constata-se que os mesmos mantêm um padrão regular ao longo das faixas analfabeta e menos escolarizadas, inibindo ligeiramente a marcação (analfabetos = pr. 0,465; escolarização baixa = pr. 0,335; escolarização média = pr. 0,437), mas que esse padrão se altera no estrato com maior escolarização, que passa a inserir mais as marcas de PL (pr. 0,628). Esta alteração do padrão faz pressupor, tal como acontece na NURC, a existência de uma gramática distinta entre os indivíduos portadores de mais elevado grau de escolarização e os de menor índice de escolaridade, aspecto que se confirma quando olhamos para o peso da marcação dos monossílabos átonos. Efectivamente, estes começam por apresentar um peso neutro no favorecimento da marcação PL em falantes analfabetos (pr. 0,517), mas que sobe drasticamente quando os indivíduos iniciam a sua escolarização (escolaridade baixa = pr. 0,948; escolaridade média = pr. 0,806). Este aspecto é bem elucidativo de como o grau de *saliência fónica* na distinção singular/plural não detém a primazia na influência da pluralização do PA, uma vez que, como referimos antes, os falantes deste ancoram o seu sistema de marcação PL no dos substratos do grupo níger-congo atlântico, que concede ao item colocado na posição imediatamente anterior ao núcleo do SN a primazia na inserção de marcas. Nesta conformidade, o elevado índice de marcação PL revelado por estes elementos não será tão virtual, como o defendem Scherre (1988:113) e Lopes (2001:142). Contudo, o alto grau de escolarização coloca os falantes do PA em contacto com um sistema de concordância mais elaborado, pelo que estendem a concordância aos outros elementos do SN. Deste modo, o protagonismo da

marcação transita dos monossílabos átonos para os elementos que anteriormente se apresentavam como inibidores desta, isto é, os paroxítonos regulares (pr. 0,628), fazendo decair o peso positivo apresentado pelos monossílabos átonos para valores bastante baixos (pr. 0,041), não tanto porque estes elementos inibam a marcação, mas sim pelo facto de passarem a ter outros itens a competirem consigo na inserção de marcas dentro do mesmo grupo de factores. Ainda assim, esta questão vem confirmar na íntegra o pressuposto avançado por Lopes (2001:154) de que, apesar de existir o efeito da saliência na concordância do grupo mais escolarizado, “*a escolarização consegue conter e reduzir a influência dessa variável no fenómeno estudado*”

Para perceber como o fenómeno da *saliência* estabelece paralelos entre o PA e outras variedades de português, procederemos a comparações, em etapas distintas, com os resultados de Baxter (2004:108), para o PT, e Jon-And (2008:4, 2009:5), para o PMp e PCV.

#### **5.2.2.5. Efeito da *saliência* (*saliência fónica x tonicidade*) na marcação PL do PA e do PT**

Para estudo do efeito da *saliência* (*saliência fónica x tonicidade*) na marcação PL do PT, Baxter (2004:108) optou por uma metodologia distinta da dos outros estudos, tendo em linha de conta, para a constituição dos seus factores, não uma leitura apenas sobre a *tonicidade* dos itens singulares mas também o resultado final da pluralização, isto é, se os plurais são tónicos ou átonos. Assim, se atentarmos, por exemplo, ao factor *plural tónico sem mudança no radical* (Tabela 24.8), apercebemo-nos que a forma singular dos itens englobados no mesmo possui, em todos, a tonicidade na última sílaba (p.e. cacau; irmão; atum). Contudo, se observarmos o factor *plural átono sem mudança no radical*, constatamos que o mesmo engloba itens que no singular poderão terminar tanto em sílabas tónicas (p.e. jogador) como em sílabas átonas (p.e. casaa; jovem; médico), apesar de os plurais de todos eles configurarem apenas sílabas finais átonas. Para tanto, Baxter (2004:109) constituiu 6 factores na totalidade: (i) quatro factores que consideram não só a presença ou ausência de sílaba tónica no PL mas também se esta é ou não acompanhada por mudança no radical do item; (ii) um factor para os monossílabos átonos; (iii) e um factor para os plurais cujos singulares terminam em *-s*. A Tabela 24.8 apresenta os resultados que obtivemos para factores elaborados de acordo com a

metodologia de Baxter (2004:109) e que levou em linha de conta quer o grau de distância fonética entre singular e PL quer a tonicidade das formas plurais:

**Tabela 24.8.** *Saliência* resultante do cruzamento entre *saliência fónica* e *tonicidade* (todos os dados). [Grupo de factores constituído consoante metodologia de Baxter (2004:109)]

<b>Factores</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>
Plural tónico com mudança no radical			
1. singular – l	casal/casais	24/37	65
2. – ão/– ões	razão/razões		
Plural tónico sem mudança no radical			
1. oxítonos	cacau/cacaus	51/78	65
2. nasais regulares oxítonos	irmão/irmãos; atum/atuns		
Monossilábicos átonos	o/os	283/320	88
Metafónicos	jogo/jogos	(10/15)	67
Plural átono sem mudança no radical			
1. paroxítonos	casa/casas	772/1.799	43
2. nasais regulares paroxítonos	jovem/jovens		
3. singular – r	jogador/jogadores		
4. proparoxítonos	médico/médicos		
Singular – s (– z)	mês/meses; rapaz/rapazes	61/86	71
<b>Totais:</b>		<b>1.201/2.335</b>	<b>51</b>

Os itens metafónicos registam apenas quinze ocorrências, pelo que não foram incluídos na rodada que visa fornecer os pesos relativos dos factores envasados na variável independente *saliência* (Tabela 24.9).

**Tabela 24.9.** Efeito da *saliência* (*saliência fónica* x *tonicidade*) na marcação PL dos itens do SN do PA. [Grupo de factores constituído consoante metodologia de Baxter (2004:109)].

<i>Input desta rodada: 0,502</i>	<i>Log-likelihood: -988,170</i>		<i>Significância: 0,010</i>	
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Plural tónico com mudança no radical	24/37	65	2	0,871
Plural tónico sem mudança no radical	51/78	65	3	0,620
Monossilábicos átonos	283/320	88	14	0,613
Plural átono sem mudança no radical	772/1.799	43	78	0,431
Singular – s (– z)	61/86	71	3	0,945
<b>Totais:</b>	<b>1.191/2.320</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Os resultados do grupo de factores constituído de acordo com a metodologia de Baxter (2004:109) apresentam diferenças notáveis em relação aos do grupo de factores elaborado de acordo com a proposta de Lopes (2001:143). De facto, se excluirmos os itens finalizados em *-s* no singular, que continuam a deter o maior peso na marcação PL (pr. 0,945), constata-se agora que os plurais tónicos propiciam mais a pluralização (plurais tónicos com mudança no radical = pr. 0,871; plurais tónicos sem mudança no radical = pr. 0,620) do que os plurais átonos (monossílabos átonos = pr. 0,613; plurais átonos sem mudança no radical = pr. 0,431). Deste modo, os monossílabos átonos deixam de ser o segundo factor mais propiciador da marcação, para cederem o seu lugar aos plurais tónicos, com ou sem mudança no radical do item. Por conseguinte, constata-se que a tonicidade exerce uma maior influência na inserção de marcas nos factores constituídos para estudo do PT, sendo esta mais acentuada quando ocorre, em simultâneo, uma mudança no radical da palavra.

Seguidamente apresentam-se, na Tabela 24.10, os resultados comparados entre o PA e o PT (Baxter, 2004:109):

**Tabela 24.10.** *Saliência (saliência fónica x tonicidade)*: contribuição dos factores individuais para a marcação PL do elemento analisado [2 variedades de português].

Factores	<i>Saliência (saliência fónica x tonicidade)</i>			
	PA		PT	
	Pr.	%	Pr.	%
Plural tónico com mudança no radical	0,871	65	0,88	82
Plural tónico sem mudança no radical	0,620	65	0,52	51
Monossilábicos átonos	0,613	88	0,61	96
Metafónicos	(10/15)	67	0,59	59
Plural átono sem mudança no radical	0,431	43	0,46	45
Singular <i>-s</i> ( <i>-z</i> )	0,945	71	0,35	25

Se exceptuarmos o caso dos itens finalizados em *-s* no singular, simultaneamente os mais favorecedores da marcação no PA (pr. 0,945) e os mais inibidores da mesma no PT (pr. 0,35), todos os outros factores apresentam um paralelismo de marcação, não só na questão do favorecimento ou inibição mas também em termos de valores de pesos relativos. Assim, é notória a semelhança para os itens plurais com terminação tónica, em ambos os dialectos, propiciarem mais a marcação do que os elementos plurais com

sílaba átona no final. O propiciamento da marcação é também mais evidente nas duas variedades quando a pluralização envolve mudança no radical da palavra.

Face à oposição registada entre itens mais e menos salientes em alguns estratos escolarizados, e que aponta para uma história de aquisição mais radical de dados menos precisos, insuficientes e variáveis, por transmissão geracional, Lopes (2001:148) comparou dados dos falantes populares e universitários da geração mais idosa de Salvador. Na mesma linha de pensamento, Baxter (2004:109) decidiu analisar a influência da saliência na marcação PL de todas as gerações de Monte Café, tendo observado que a faixa mais idosa apresenta um padrão de variação distinto do das faixas menos idosas, em virtude de a primeira ter recebido um *input* mais acentuado de DLP's da L2 transmitida por falantes adultos das L1 africanas.

#### **5.2.2.6. Relação entre *saliência* (*saliência fónica* x *tonicidade*) e *idade* na marcação PL dos itens do SN do PA e do PT**

As análises efectuadas para apurar o modo como a saliência actua na marcação produzida pelas diferentes classes escolarizadas mostram que, no PA, existe também um padrão distinto de marcação entre falantes mais escolarizados e menos escolarizados ou analfabetos. Ora, estando os diversos níveis de escolarização conotados, por norma, às diferentes faixas etárias, optámos por analisar o comportamento geracional da *saliência* na marcação PL do PA. Deste modo, seguimos a metodologia de Baxter (2004:109) para a constituição dos factores, já que a mesma permite uma comparação mais precisa com os resultados obtidos para os tongas.

Na tabela 24.11 os valores para a comunidade e diferentes escalões etários de Almojarife. Como se tem visto, os itens que finalizam em *-s* no singular revelam tendência para serem os que mais beneficiam a marcação PL no PA. A fim de confirmarmos esta tendência, optámos por levar à análise VARBRUL as realizações registadas por este factor nas FE-1 e FE-3, ainda que as mesmas não perfaçam um total de trinta ocorrências. Os resultados confirmam, uma vez mais, a forte influência destes itens na inserção de marcas, mantendo-se esta constante ao longo das gerações (FE-3 = pr. 0,978; FE-2 = 0,907; FE-1 = 0,982). Este padrão de propiciamento fora já evidenciado por Braga (1977), para os falantes do triângulo mineiro, Ponte (1979), para

a comunidade de Porto Alegre e Guy (1981a), para os informantes semianalfabetos cariocas, mas não encontra paralelo no PT (Baxter, 2004:109), no qual surge sempre como elemento bastante inibidor da marcação PL (faixa etária idosa = pr.0,26; faixa etária intermédia = pr. 0,35; faixa etária jovem = pr. 0,28). Baxter (2004:112), na linha de Scherre (1988:244), justifica a inibição em termos aquisicionais sob as perspectivas da analogia e da haplologia sintáctica. A este propósito, gostaríamos de acrescentar que a questão em torno da marcação dos itens em *-s* no singular mereceu análises exaustivas por parte de Scherre (1988:115), tendo a mesma chegado a testar a influência na marcação registada pelos elementos que apresentam ausência de concordância (p.e. *mês/mês*), concordância não padrão (p.e. *mês/mese*) e concordância padrão (*mês/meses*). A autora conjecturou ainda em torno não só da falta de ligação entre a inserção do *-s* final e a fronteira de morfema mas também de certas particularidades da formação do PL destes itens, algumas delas de ocorrência rara no português e, diremos mesmo, nulas nos nossos dados. Após as suas reflexões, a autora concluiu que se estará perante a actuação da *saliência fónica* (Naro & Lemle, 1976:240-241; Lemle & Naro, 1977:47), a qual relega os elementos terminados em *-s* para a base da hierarquia da inserção de marcas, em virtude de “*estarem envolvidos num processo haplológico que consiste em eliminar sílabas ou palavras iguais ou parecidas... e por apresentarem comportamento bastante especial*” (Scherre, 1988:120) que os leva a não admitirem pluralização em determinadas situações (p.e. *cós, giz*). Contudo, nunca em nenhuma fase das suas análises a autora aventou a possibilidade de a presença/não-presença de marcas poder ancorar em interferências da responsabilidade dos substratos. Quanto ao elevado peso da marcação exibido pelos falantes do PA, podemos referir que qualquer dos fenómenos apontados por Baxter (2004:112) não é acolhido por estes, estando a discussão em volta da haplologia também debatida nas análises que efectuámos no presente trabalho sobre as variáveis independentes *contexto fonológico posterior* (ponto 5.2.3) e *marcas precedentes* (ponto 4.1.2.4).

Por seu lado, os monossílabos átonos surgem como o factor que mais inibe a marcação na faixa etária mais velha (pr. 0,236) do PA, registando esta, tal como acontece no PT, a tendência para a omissão dos definidos (exemplo [206]). Em adição, outro aspecto que concorrerá para a inibição provocada pelos monossílabos átonos na

FE-3 terá a ver com o facto de quer determinados idiomas do grupo níger-congo atlântico quer o santomense possuírem poucos monossilabos e, funcionalmente, os que não são aglutinados aos substantivos representarem preposições ou advérbios.

**Tabela 24.11.** Relação entre *saliência* e *idade* na marcação PL dos itens do SN do PA.  
[Grupo de factores constituído consoante metodologia de Baxter (2004:109)].

	<i>Input desta rodada: 0,502</i> <i>Log-likelihood: -988,170</i> <i>Significância: 0,010</i>			<i>Input desta rodada: 0,609</i> <i>Log-likelihood: -295,586</i> <i>Significância: 0,008</i>		
	<b>Comunidade</b>			<b>FE-3 (+60 anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Plural tónico com mudança no radical	24/37	65	0,871	(10/16)	63	-
Plural tónico sem mudança no radical	51/78	65	0,620	(9/13)	69	-
Monossilábicos átonos	283/320	88	0,613	68/78	87	0,236
Metafónicos	(10/15)	67	-	-	-	-
Plural átono sem mudança no radical	772/1.799	43	0,431	104/433	24	0,494
Singular – s (– z)	61/86	71	0,945	15/27	56	0,978
<b>Totais:</b>	<b>1.201/2.335</b>	<b>51</b>	<b>-</b>	<b>206/567</b>	<b>36</b>	<b>-</b>

	<i>Input desta rodada: 0,375</i> <i>Log-likelihood: -359,215</i> <i>Significância: 0,009</i>			<i>Input desta rodada: 0,779</i> <i>Log-likelihood: -412,838</i> <i>Significância: 0,004</i>		
	<b>FE-2 (41 – 60 anos)</b>			<b>FE-1 (20 – 40 anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Plural tónico com mudança no radical	(5/9)	56	-	(9/12)	75	-
Plural tónico sem mudança no radical	16/35	46	0,522	26/30	87	0,802
Monossilábicos átonos	77/100	77	0,609	138/142	97	0,418
Metafónicos	(4/6)	67	-	(6/9)	67	-
Plural átono sem mudança no radical	252/605	42	0,452	416/761	55	0,463
Singular – s (– z)	19/30	63	0,907	27/29	93	0,982
<b>Totais:</b>	<b>373/785</b>	<b>48</b>	<b>-</b>	<b>622/983</b>	<b>63</b>	<b>-</b>

Nas gerações seguintes, os monossilabos átonos revelam alguma flutuação, passando a favorecer ligeiramente a marcação na FE-2 (pr. 0,609), para voltarem, depois, a inibi-la, mas mais suavemente do que na geração longeva (pr. 0,418). O aumento do contacto com o sistema mais elaborado de concordância do PE transmitirá à geração intermédia uma maior noção do uso dos determinantes, bem como do seu sistema de pluralização. Posteriormente, com o distender da regra de concordância aos restantes elementos do

SN, a noção de marcação da pluralização poderá oscilar entre os vários itens que compõem a cadeia sintagmática, prevalecendo o princípio de que a mesma se torna redundante caso seja aplicada em mais do que um elemento (Kiparsky, 1972:195).

Refira-se que, nos tongas (Baxter, 2004:109), o padrão revelado pelos monossílabos átonos em direcção à aquisição da regra de concordância é mais consistente, começando por se mostrar ligeiramente desfavorecedor à inserção do PL (faixa etária idosa = pr. 0,44), para passar depois a favorecedor da mesma nas gerações seguintes (faixa etária intermédia = pr. 0,82; faixa etária jovem = pr. 0,79).

No nossos dados, apenas mais um factor concedeu valores para a FE-3: os plurais átonos sem mudança no radical, que exercem um efeito neutro na marcação PL (pr. 0,494). Este efeito mantém-se consistente ao longo de todas as gerações, mas sem atingir valores que favoreçam a inserção de marcas (FE-2 = pr. 0,452; FE-1 = 0,463). Neste factor estão incluídos os paroxítonos, que constituem a maioria das ocorrências da língua portuguesa e representam, neste grupo, 77% do total das realizações. Note-se também que esta classe de palavras não só prefigura os graus de saliência singular/plural menos distintos do português como vai também ao encontro do grosso das ocorrências de determinadas línguas do grupo níger-congo atlântico, sobretudo do ramo bantu, e do santomense, isto é, de paroxítonas que não possuem marca de PL, visto esta incidir sobre os marcadores semânticos que as antecedem ou ser meramente referencial. Assim, não surpreende que a pluralização de idênticos tipos de ocorrências surja comprometida na *interlíngua* que emerge em situação de contacto por parte de falantes de L1's do grupo níger-congo atlântico ou santomense L1.

Note-se ainda que a maior parte dos informantes desta geração é analfabeta ou semianalfabeta e que não revela tendência a produzir palavras esdrúxulas (apenas 1 ocorrência não marcada, cf. Tabela 24.7) nem a pluralizar os oxítonos em *-r*, incluídos neste factor em virtude de apresentarem PL átono (três elementos marcados em dezanove ocorrências, cf. Tabela 24.7). Aliás, esta faixa etária chega mesmo a tratar estes itens da mesma forma que os terminados em vogal (cf. exemplo [270]), mostrando que, por vezes, não faz a distinção entre o som [r] (inexistente nos substratos do grupo níger-congo atlântico do santomense e sujeito a fenómeno de lambdacismo neste, cf.

exemplo [210]) e os elementos vocálicos em final de proposição, que, ocupam sempre a última posição das palavras nos primeiros:

[270] PA:  
*compra duas vadô, são três conto e tal* [MANOH3]  
“compra dois voadores, são três contos e tal”

Assim, será só nas FE-2 e FE-1, em virtude de estas sofrerem maior pressão social de cima para baixo, que os falantes passam a realizar mais proparoxítonos – sempre em reduzido número – e a aplicar a marcação nos elementos finalizados em *-r* no singular.

O factor *plural átono sem mudança no radical* apresenta no PT (Baxter, 2004:109) um comportamento bastante idêntico ao do PA, com valores ligeiramente abaixo do patamar da neutralidade, isto é, sem nunca atingirem um grau de favorecimento da marcação em qualquer das gerações (faixa etária idosa = pr.0,40; faixa etária intermédia = pr. 0,39; faixa etária jovem = pr. 0,46).

No que concerne aos plurais metafónicos, dado o seu número reduzido de ocorrências, não nos é permitido tirar conclusões sustentáveis. No PT (Baxter, 2009:109), a quantidade de realizações também é mínima ao longo das gerações, mas o seu total perfaz vinte e nove ocorrências para a comunidade. O resultado final aponta para um ligeiro favorecimento da marcação PL (pr. 0,59), a que não será alheio o facto de apresentarem um grau acentuado de saliência na realização da pluralização. No PA, o percentual da comunidade aponta também para a possibilidade de um moderado propiciamento à inserção de marcas (67%).

O último factor a ser analisado diz respeito aos plurais tónicos. Os que implicam mudança no radical da palavra apenas apresentam valores para a comunidade, na qual o resultado final denuncia um favorecimento acentuado da pluralização (pr. 0,871). Este valor é bastante semelhante ao do PT (pr. 0,88), que apresenta ainda resultados para as duas faixas etárias mais recentes, sempre categoricamente favorecedores da inserção de marcas e a determinarem um padrão que se mantém geracionalmente constante (faixa etária intermédia = pr. 0,93; faixa etária jovem = pr. 0,84).

Quanto aos plurais tónicos sem mudança no radical da palavra, são estes os elementos que apresentarem o valor que mais propicia a marcação na faixa etária mais idosa de Monte Café (pr. 0,93). Em Almoxarife, contudo, o mesmo factor detém apenas treze

realizações na FE-3, pelo que possuímos somente valores percentuais de marcação (70%), mas que sugerem que este tipo elementos são marcados desde as gerações mais longevas. Lembremos aqui, uma vez mais, que o maior acervo vocabular dos substratos do santomense é constituído por palavras graves, pelo que vocábulos oxítonos do português serão imediatamente percebidos pelos falantes em situação de contacto devido à sua “estranha” tonicidade. Deste modo, numa perspectiva aquisicional, faz todo o sentido que esta saliência marque presença evidente nos DLP’s da L2 dos falantes adultos, através quer dos plurais tónicos sem mudança no radical da palavra quer dos singulares terminados em *-s*. Aliás, face à ausência de pesos para os factores dos plurais tónicos na FE-3, o protagonismo da inserção de marcas é assumido, neste estrato etário, pelos itens terminados em *-s* no singular (pr.0,978).

Relativamente ao padrão geracional dos plurais tónicos sem mudança no radical, veja-se que o mesmo revela uma tendência para aquisição progressiva da marcação PL (FE-2 = pr. 0,522; FE-1 = pr. 0,802). No PT, a transição geracional é feita com perda de marcação (faixa etária intermédia = pr. 0,57; faixa etária jovem = pr. 0,45), justificada com o incremento do favorecimento da pluralização que implica mudança no radical da palavra (Baxter, 2004:112).

Antes de nos pronunciarmos sobre o panorama geral do efeito da saliência na marcação PL, torna-se pertinente tecer alguns considerandos em torno da questão que se prende com a relação estabelecida entre pesos relativos e percentuais de marcação, sobretudo na FE-3. Como se pode constatar, os valores apresentados pelos factores monossilábicos átonos e itens em *-s* no singular permitem verificar as seguintes correlações: maior percentagem de marcação igual a menor peso relativo e menor percentagem de marcação sinónimo de maior peso relativo. Tendo também em atenção os resultados patentes nas Tabelas 24.5 e 24.11, verifica-se que esta particularidade acontece porque, como temos vindo a referir, a maioria dos monossílabos átonos serem artigos em primeira posição sintagmática (relembre-se que os SN’s produzidos pela faixa etária mais idosa são de estrutura bastante simplificada), na qual são marcados numa frequência que varia dos 87%, na geração mais velha, até aos 97%, no estrato etário mais jovem. Assim, é em relação aos outros itens que ocorrem em primeira posição que os monossílabos átonos vão apresentar um peso relativo ligeiramente

desfavorável. Contrariamente, os singulares em *-s* configuram elementos nucleares na quase totalidade das realizações, que apenas muito esporadicamente ocorrem na primeira posição da cadeia sintagmática. Assim sendo, em relação aos outros elementos nucleares que ocorrem também em posição não-inicial do SN, a percentagem de elementos finalizados em *-s* acaba por deter um peso verdadeiramente categórico na marcação PL.

Mesmo não possuindo alguns valores para determinados factores, é possível concluir que o efeito da *saliência* na marcação PL do PA, ao longo do seu percurso geracional, ancora nos achados dos estudos de aquisição, que têm defendido que o desenvolvimento da morfologia flexional tem o seu início nas oposições salientes (Bayley, 1994:167). Deste modo, e conforme nos revelam os valores gerais da comunidade, as oposições mais salientes são adquiridas precocemente, sendo a marcação favorecida pelas distinções morfofonológicas plural/singular mais acentuadas, como acontece com os oxítonos terminados em *-s* no singular (pr. 0,945), os plurais tónicos com mudança no radical (pr. 0,871) e os plurais tónicos sem mudança no radical (pr. 0,620).

Contrariamente, a aquisição do PL das formas menos salientes ocorre em período mais tardio, como nos revelam os valores dos monossílabos átonos, que devem o seu moderado favorecimento da pluralização (pr. 0,613) à aquisição do artigo nas FE-2 e F-1, e dos plurais átonos sem mudança no radical (pr. 0,431), que, geracionalmente, nunca atingem números que apontem para um favorecimento da inserção de marcas de PL.

#### **5.2.2.7. Efeito da *saliência* (*saliência fónica x tonicidade*) na marcação PL dos itens do SN: 3 variedades de português**

Os factores constituídos por Jon-And (2008:4, 2009:5), tanto para o PMp como para o PCV, são idênticos aos de Baxter (2004:109), embora a primeira tenha atribuído outras designações a alguns deles. De facto, a única alteração aqui registada prende-se como o factor denominado pelo segundo autor como PL átono sem mudança no radical, que inclui quer os paroxítonos e proparoxítonos regulares quer os itens finalizados em *-r* no singular. Jon-And (2008:4, 2009:5) optou por constituir dois factores para estes elementos: um incluindo as palavras graves e esdrúxulas regulares; outro destinado aos elementos finalizados em *-r* no singular, visto serem oxítonos.

Os totais de ocorrências e respectivos percentuais de marcação para cada um dos factores, segundo a metodologia de Jon-And (2008:4, 2009:5), podem ser observados na Tabela 24.12:

**Tabela 24.12.** *Saliência* resultante do cruzamento entre *saliência fónica* e *tonicidade* (todos os dados). [Grupo de factores constituído consoante metodologia de Jon-And (2008:4, 2009:5)]

<b>Factores</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>
Oxítonos ou monossilábicos tónicos regulares	cacau/cacaus; irmão/irmãos; pai/pais	51/78	65
Oxítonos ou monossilábicos tónicos irregulares	razão/razões; mundial/mundiais	24/37	65
Paroxítonos/proparoxítonos regulares	onda/ondas; médico/médicos	730/1.720	42
Paroxítonos irregulares	fácil/fáceis; jogo/jogos	(10/15)	67
Monossilabos átonos	o/os	283//320	88
– r oxítonos	jogador/jogadores	42/79	53
– s oxítonos	mês/meses; rapaz/rapazes	61/86	71
<b>Totais:</b>		<b>1.201/2.335</b>	<b>51</b>

Os paroxítonos irregulares resumem-se aos plurais metafónicos, visto não possuímos itens terminados em *-l* no singular que registem este tipo de *saliência fónica*. Assim, uma vez mais tivemos que retirar estas ocorrências da rodada seguinte. Os pesos relativos referentes aos factores incluídos na variável independente *saliência*, segundo metodologia de Jon-And (2008:4, 2009:5), encontram-se disponíveis na Tabela 24.13:

**Tabela 24.13.** *Efeito da saliência (saliência fónica x tonicidade)* na marcação PL dos itens do SN do PA. [Grupo de factores constituído consoante metodologia de Jon-And (2008:4, 2009:5)].

<i>Input desta rodada: 0,507</i>	<i>Log-likelihood: -980,222</i>		<i>Significância: 0,011</i>	
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Oxítonos ou monossilábicos tónicos regulares	51/78	65	3	0,613
Oxítonos ou monossilábicos tónicos irregulares	24/37	65	2	0,877
Paroxítonos/proparoxítonos regulares	730/1.720	42	74	0,417
Monossilabos átonos	283//320	88	14	0,615
– r oxítonos	42/79	53	3	0,712
– s oxítonos	61/86	71	4	0,946
<b>Totais:</b>	<b>1.167/2.283</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Devido à semelhança dos factores constituídos por Baxter (2004:109) e Jon-And (2008:4, 2009:5), os valores da Tabela 24.13 são em tudo idênticos aos da Tabela 24.9, como se compreende. Contudo, é possível observar que os itens finalizados em *-r* no singular se apresentam, em termos comunitários, como moderadamente favorecedores da inserção de marcas de número (pr. 0,712). Avançámos a possibilidade de estes itens serem tratados da mesma forma que os terminados em vogal na geração mais idosa (exemplo [270]), concluindo-se que, por vezes, os falantes deste escalão etário não fazem a distinção entre o som *-r* e as vogais em final de palavra. Os resultados do PA vêm agora mostrar que, de facto, nas FE-2 e FE-1, em virtude maior pressão social sofrida de cima para baixo, se passa a aplicar mais a pluralização nestes elementos. Deste modo, confirma-se, uma vez mais, a influência da saliência na marcação, já que os itens paroxítonos e proparoxítonos regulares nunca chegam a atingir o patamar do favorecimento à inserção de marcas, enquanto os elementos em *-r*, por serem oxítonos, isto é, serem mais percebidos pelos falantes, acabam por se projectar para valores que beneficiam a pluralização. Contudo, interessa aqui fazer uma ressalva relativamente ao PMp (Jon-And, 2008:4) e ao PCV (Jon-And, 2009:5), nos quais o comportamento dos mesmos elementos evidencia um desenvolvimento geracional distinto, já que apresenta valores moderadamente inibidores da marcação em termos comunitários (PMp = pr. 0,33; PCV = 0,36). Nesta conformidade, pressupõe-se que o tratamento análogo dado à vogal final e ao item /r/ se cristaliza desde as gerações antepassadas e se mantém constante ao longo do tempo em Maputo e Cabo Verde.

Na Tabela 24.14 apresentamos os valores para as quatro variedades africanas de português que temos vindo a tratar, a fim de mais facilmente se estabelecerem comparações entre os diferentes padrões de marcação determinados pela variável *saliência*. Constata-se que ocorre uma grande semelhança entre os padrões de marcação determinados pela variável *saliência* do PT, do PMp e do PCV, quer no que concerne aos factores que beneficiam a marcação PL quer no que diz respeito aos factores inibidores da mesma. Relativamente ao PA, o padrão é também extensível a este para a maioria dos factores. Contudo os falantes de Almoxarife mostram-se mais sensíveis a captarem a saliência na totalidade dos oxítonos, o que não acontece com o PT e o PMp, no que respeita aos elementos que pluralizam com a inserção de *-es* final, isto é, os itens

cujos singulares apresentam *-r* ou *-s* no seu final. Ainda assim, é possível constatar tudo o que foi referido aquando da comparação que estabelecemos entre o PA e o PT (ponto 5.2.2.5): (i) as oposições mais salientes são adquiridas primeiro e as formas menos salientes em tempo mais tardio; (ii) a marcação PL é guiada pelas distinções morfofonológicas plural/singular mais acentuadas.

**Tabela 24.14.** *Saliência (saliência fónica x tonicidade):* contribuição dos factores individuais para a marcação PL do elemento analisado [4 variedades de português].

Factores	PA		PT		PMp		PCV	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Oxítonos ou monossilábicos tónicos irregulares	0,877	65	0,88	82	0,82	97	0,45	65
Oxítonos ou monossilábicos tónicos regulares	0,613	65	0,52	51	0,52	92	0,56	92
Monossílabos átonos	0,615	88	0,61	96	0,78	99	0,69	97
Paroxítonos irregulares	(10/15)	67	0,59	59	(5/5)	100	-	-
Paroxítonos/proparoxítonos regulares	0,417	42			0,35	82	0,46	79
Singular em <i>-r</i>	0,712	53	0,46	45	0,33	77	0,36	72
Singular em <i>-s</i>	0,946	71	0,35	25	0,22	64	0,08	24

Acerca da hipótese 2, que levantámos para a variável independente *tonicidade*, é possível confirmar que, tal como havíamos predito, em termos de comunidade, os falantes de Almocharife inserem a marcação PL preferencialmente nos oxítonos e nos monossílabos de uso tónico. A hierarquia da inserção da pluralização nos itens que menos beneficiam a marcação não seguiu, contudo, a linha que propuséramos, já que os monossílabos átonos propiciam mais a inserção de marcas do que os paroxítonos. Para os proparoxítonos não foi possível obter a confirmação do peso exercido na pluralização, devido ao seu exíguo número de realizações. Ainda assim, é possível observar que o seu percentual de marcação (42%) se situa ao mesmo nível dos paroxítonos (43% – Tabela 24.1).

O estudo da relação entre *tonicidade* e grau de escolarização dos falantes veio confirmar que, no PA, as formas que apresentam maior diferenciação material fónica na oposição singular/plural, por serem mais salientes, favorecem mais a concordância PL do que os itens em que essa percepção não é tão óbvia. Logo, e ao que tudo indica, os

informantes de Almojarife adquirem as formas da língua a partir de contextos linguísticos mais salientes.

A observação do comportamento da *saliência* (*saliência fónica x tonicidade*) na inserção de marcas revelou que os monossílabos átonos, ao contrário do que se pressupunha, apresentam elevado índice de marcação em termos comunitários. A causa, quanto a nós, tem respaldo no sistema de marcação PL dos ancestrais substratos do grupo níger-congo atlântico, e que leva os proclíticos dos substantivos a serem interpretados como sílabas iniciais destes e a carregarem a marca de número PL, perdendo-se assim a sua noção de definitude. Nesta conformidade, reforça-se o pressuposto de que o sistema de marcação PL do PA assenta fortemente na motivação estrutural, que se sobrepõe às do tipo fónico ou semântico.

A análise da influência da *saliência* na marcação PL do itens do SN do PA levantou ainda mais duas questões: (i) o elevado índice de inserção de marcas nos itens finalizados em *-s* no singular não faz pressupor a intervenção do fenómeno da haplologia sintáctica na fala de Almojarife, tendo o mesmo sido apontado por Scherre (1988:244) como uma das causas principais da inibição da pluralização nos referidos elementos; (ii) o peso da marcação nos itens finalizados em *-r* no singular faz pressupor que os informantes mais idosos do PA os tratam da mesma forma que os terminados em vogal. A causa terá a ver não só com o facto de o som [r] não existir em determinadas línguas do grupo níger-congo atlântico mas também com a relação estabelecida com as palavras destes idiomas, que terminam sempre em elemento vocálico.

Gostaríamos ainda de referir que, tal como mencionou Scherre (1988:141), esta é uma variável polémica e que continuam a permanecer “*em aberto o número de subcategorias e a ‘sistematicidade’ da influência de algumas delas*”. Nesta conformidade, gostaríamos ainda de ter analisado a influência da *saliência* subtónica na marcação PL, pelos menos para confirmar não só se esta tem alguma palavra a dizer na organização hierárquica das categorias intermédias, cujos valores desenham padrões inconstantes de factor para factor, mas também para confirmar melhor até que ponto a concordância entre os elementos do SN do PA se encontra em processo de mudança linguística. Na falta de oportunidade de levar a cabo tais estudos no presente trabalho, propomo-nos efectua-los em pesquisas futuras sobre o PA ou outras variedades de português.

### 5.2.3. Variável independente *contexto fonológico posterior*

A fim de podermos observar o modo como a variável independente *contexto fonológico posterior* actua na configuração da CPL-var do SN do PA, começámos por efectuar uma rodada geral em que incluimos todos os factores da Tabela 12.4, à excepção dos que apresentavam ocorrências reduzidas (*factor X* = 4 realizações, *factor R* = 17 realizações; *factor Z* = 8 realizações; *factor G* = 16 realizações). Os resultados finais tinham como finalidade fazer actuar a Lei da Parcimónia, reduzindo a extensão do grupo de factores e tornando-o mais robusto à análise. Como se verifica, todos estes factores dizem respeito a consoantes, pelo que voltaremos a lançar mão de alguns deles quando necessitarmos de amalgamar factores. A este propósito, lembre-se que os factores com menos de cinco ocorrências não são de todo confiáveis, pelo que o *factor X* será o único que nunca fará parte das amalgamações que efectuaremos.

Os resultados da primeira rodada VARBRUL podem ser confirmados na Tabela 25.1:

**Tabela 25.1.** Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada: 0,504</i>		<i>Log-likelihood: -981,009</i>		<i>Significância: 0,011</i>	
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
Pausa final	134/294	46	13	0,656	
Pausa interna	106/349	30	15	0,533	
Vogais	234/409	57	18	0,492	
P	121/197	61	9	0,476	
K	216/312	69	14	0,569	
B	29/34	85	1	0,562	
D	79/186	42	8	0,374	
F	34/48	71	2	0,552	
T	51/101	51	4	0,386	
J	15/35	42	2	0,444	
L	19/38	50	2	0,279	
M	51/86	59	4	0,450	
N	23/66	35	3	0,380	
S	46/102	45	4	0,334	
V	14/35	40	1	0,486	
<b>Totais:</b>	<b>1.172/2.295</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	

Partindo do princípio que os factores referentes às pausas interna e final (cf. metodologia de Lopes, 2001:227) e às vogais estão impossibilitados de sofrerem qualquer tipo de amalgamação, para as efectuarmos, teremos que dirigir a nossa atenção para o comportamento das consoantes, seguindo a metodologia dos trabalhos científicos anteriormente levados a cabo para estudo da influência da variável independente *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN. Assim, à medida que necessitarmos de fazer amalgamações entre factores respeitantes a consoantes, apontaremos os trabalhos nos quais nos basearemos. Como se pode constatar também na Tabela 25.1, os próprios pesos relativos referentes aos factores que dizem respeito a algumas consoantes apresentam valores bastante aproximados, o que, desde logo, aconselha que se teste a amalgamação de factores.

Mas antes de nos debruçarmos sobre as consoantes, convém referir que, acerca das pausas, Cedergren (1973:43) entende que elas não exercem qualquer influência na marcação PL. Por seu lado, Poplack (1980a:61; 1981:61) defende que a inserção é desfavorecida pela pausa e favorecida pela ocorrência de consoante e vogal. Quanto a Guy (1981a:27-28), considera que o efeito da pausa é arbitrário e imprevisível, mas que, no caso do PB, favorece a inserção, por oposição à consoante e à vogal. Aliás, esta preconização vai ao encontro não só daquilo que foi defendido por Braga (1977:40), que havia já apresentado resultados condizentes não só com os de Guy (1981a) no que concerne à inserção mas também com os de Scherre (1988:249), que defende um favorecimento ligeiro das pausas na marcação PL.

Nos nossos dados, como se pode ver, as pausas parecem influenciar a marcação PL do SN, confirmando aquilo que havia sido sugerido por Guy (1981a:27-28) para o PB e Scherre (1988:249) para o MRJ. Assim sendo, os princípios teorizados por Cedergren (1973) e Poplack (1980a, 1981) não encontram eco no PA. De facto, ao que tudo indica, a pausa final é o elemento que mais favorece a marcação nos nossos dados (pr. 0656), estabelecendo-se, neste aspecto, um paralelo de marcação entre o PA, a NURC e o PT. Por seu lado, a pausa interna, de acordo com os nossos resultados, revela paralelos com o PB, o MRJ, a NURC e o PT, já que mostra um valor mais neutro, mas com ligeira tendência para favorecer a inserção PL (pr. 0,533).

Como se referiu no ponto 3.6.3, no qual descrevemos os critérios que subjazeram à constituição dos factores para a variável independente *contexto fonológico posterior*, desde os estudos de Braga (1977:31) que vem sendo demonstrado que as vogais em *contexto fonológico seguinte* têm tendência para inibir a marcação. Guy (1981a:166), Scherre (1988:248) e Baxter (2004:114) chegariam a idênticas conclusões, mas Lopes (2001:226) apresentaria resultados ligeiramente distintos, uma vez que, nos seus achados, este factor se mostrou neutro para o favorecimento da pluralização, sustentando, de certa forma, os resultados de Poplack (1980a:61). No nosso caso, os valores aproximam-se bastante dos que foram apresentados por Baxter (2004:114), uma vez que, tanto no PA (pr. 0,492) como no PT (pr. 0,48), as vogais surgem como itens ligeiramente inibidores da marcação, mas a roçarem o patamar da neutralização.

No que concerne às consoantes, apenas três surgem nos nossos dados a favorecerem levemente a marcação: a oclusiva oral dorso-palatal [k] (pr. 0,569), a oclusiva oral bilabial [b] (pr. 0,562) e a constrictiva fricativa lábio-dental [f] (pr. 0,552). Como se vê, estamos perante dois pares distintos de consoantes não só quanto ao modo de articulação (oclusivas orais *versus* constrictivas fricativas) mas também quanto aos pontos onde são articulados (labiais *versus* palatais). Contudo, identificam-se todas umas com as outras no que respeita ao traço de classe principal não-soante. Por outro lado, não parece confirmar-se o pressuposto de Braga (1977:71-72) de que as palatais desfavorecem a marcação, já que os nossos resultados apresentam a dorso-palatal [k] como favorecendo a mesma. Relembre-se que Scherre (1988:255), por sua vez, apesar de reconhecer que as consoantes surdas favorecem um pouco mais a marcação do que as sonoras, considerou débil a influência do ponto de articulação, da sonoridade e da caixa de ressonância na inserção da marca PL. Os resultados de Lopes (2001:228-229) e Baxter (2004:114) confirmariam igual padrão na NURC e no PT e, ao que tudo indica, poderão ser corroborados também na nossa pesquisa. Efectivamente, se exceptuarmos o comportamento da líquida lateral ápico-alveolar [l], bastante inibidora da marcação (pr. 0,279), as restantes consoantes apresentam valores moderadamente inibidores ou que se aproximam da neutralidade, sejam elas surdas ou sonoras. Ainda assim, duas das consoantes do nosso *corpus* que favorecem ligeiramente a inserção de marca PL são

surdas: a oclusiva oral dorso-palatal [k] (pr. 0,569) e a constrictiva fricativa lábio-dental [f] (pr. 0,552).

### **5.2.3.1. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN, englobando consoantes segundo os traços de fonte**

Os resultados apresentados na Tabela 25.1 tinham como finalidade ajudarem-nos a definir parâmetros acerca da compartilha de traços das consoantes, com vista a amalgamá-las em factores mais robustos. Face à diversidade e incongruência dos resultados obtidos, optámos por ter em linha de conta os traços distintivos compartilhados pelas três consoantes que marcam positivamente a pluralização e agrupar todas segundo os mesmos.<sup>186</sup> Contudo, numa primeira etapa, seguindo a linha metodológica de outras pesquisas anteriores, decidimos observar igualmente o comportamento sincrónico e diacrónico das consoantes dos nossos dados segundo os seus traços de fonte, a fim de termos uma panorama que não só nos permita comparações mais precisas com trabalhos anteriores sobre CPL-var no SN mas também nos faculte uma visão do desenvolvimento geracional desta. Nesta conformidade, para o grupo de factores que inclui os traços de fonte das consoantes, distribuímo-las por dois factores, isto é, surdas ([p], [t], [k], [f], e [s]) e sonoras ([b], [d], [g], [m], [n], [v], [z], [ʒ], [R] e [l]). O traço que as divide em estridentes ou não-estridentes não foi por nós levado em linha de conta, uma vez que não é uniforme nas três consoantes que tomámos como ponto de referência. As rodadas que forneceram valores para o grupo de factores que englobam factores de acordo com os traços de fonte das consoantes apresentaram os resultados constantes na Tabela 25.2.

Braga (1977:31) e Guy (1981a:166) consideram que a consoante e a vogal desfavorecem a marcação. O segundo, contudo, indica que, no que se refere às consoantes, o traço surdo tem tendência a marcar positivamente o PL, enquanto o traço sonoro o inibe. Scherre (1988:254) confirmaria estes achados e Baxter (2004:115) apontaria a neutralidade das surdas, embora com valores ligeiramente positivos no que concerne à marcação, por oposição à ténue inibição provocada por vogais e consoantes sonoras. Lopes (2001:228), por seu lado, seria a única a analisar dados em que as vogais mostram ligeira tendência para favorecerem a marcação (pr. 0,54), opondo-se à

moderada inibição das consoantes (pr. 0,48). Ainda assim, ambos os elementos possuem valores que nos permitem observar a neutralidade da sua influência na concordância PL.

Baxter (2004:111), por seu lado, defende que grande parte das inibições fonológicas à marcação PL que ocorre na geração mais idosa do PT pode ser explicada em termos de tendências aquisicionais ou influências na transferência do PtgL2 dos africanos adultos, que providenciaram os DLP's aos falantes desta faixa etária. Geracionalmente, porém, não pudemos confirmar este pressuposto, visto não termos obtido resultados para a faixa etária mais idosa, já que a ferramenta VARBRUL considerou o *contexto fonológico seguinte* irrelevante para a marcação PL na mesma.

**Tabela 25.2.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo os traços de fonte), na marcação PL dos itens do SN.

	<i>Input desta rodada:</i> 0,468 <i>Log-likelihood:</i> -961,643 <i>Significância:</i> 0,019			<i>Input desta rodada:</i> 0,202 <i>Log-likelihood:</i> -182,718 <i>Significância:</i> 0,047		
	<b>Comunidade</b>			<b>FE-3 (+60 anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	134/294	46	0,672	17/61	28	-
Pausa interna	106/349	31	0,537	19/114	17	-
Vogais	234/409	57	0,490	52/85	61	-
Consoantes surdas	468/760	62	0,478	74/172	43	-
Consoantes sonoras	258/521	50	0,415	45/136	33	-
	<i>Input desta rodada:</i> 0,351 <i>Log-likelihood:</i> -354,271 <i>Significância:</i> 0,008			<i>Input desta rodada:</i> 0,704 <i>Log-likelihood:</i> -412,044 <i>Significância:</i> 0,001		
	<b>FE-2 (41 – 60 Anos)</b>			<b>FE-1 (20 – 40 Anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	49/112	44	0,698	68/121	56	0,557
Pausa interna	40/123	33	0,546	47/112	42	0,481
Vogais	59/120	49	0,520	123/204	60	0,430
Consoantes surdas	161/275	59	0,440	233/313	74	0,579
Consoantes sonoras	64/154	42	0,404	149/231	65	0,433

**Obs.:** FE-3 (+60 anos) rejeitada pela ferramenta VARBRUL.

Contudo, as FE's-2 (41-60 anos) e FE's-1 (20-40 anos) do PA e do PT exibem valores bastante díspares. Assim, a FE-2 apresenta um paralelo com a regra geral de marcação PL não só com comunidade em si mas também com idêntica faixa etária do

PT. De facto, estabelece-se uma hierarquia similar de marcação em todas estas variáveis, a qual reflecte, segundo Baxter (2004:111), dois aspectos a ter em conta: (i) nivelamento morfológico dos DLP's da L2 dos adultos que funcionaram como *input* para a actual geração; (ii) L1 actual revelando uma tipologia fonotáctica traduzida em sílabas marcadamente abertas, a qual impõe, simultaneamente, restrições às sequências consonantais. Face a estas condições, o ponto de entrada mais forte para a marcação PL acaba por cair em itens na posição final da cadeia sintagmática, isto é, antecedendo a pausa final (comunidade PA = pr. 0,672; FE-2 PA = 0,698; FE-2 PT = pr. 0,64) e a pausa interna (comunidade PA = pr. 0,537; FE-2 PA = 0,546; FE-2 PT = pr. 0,53).

Como terceiro elemento mais propiciador da marcação em número surgem as vogais (comunidade PA = pr. 0,490; FE-2 PA = 0,520; FE-2 PT = pr. 0,50), com valores muito próximos da neutralidade, sejam eles ligeiramente propiciadores ou inibidores da inserção PL. Por fim, surgem as consoantes, com as sonoras a desfavorecerem mais a marcação (comunidade PA = pr. 0,415; FE-2 PA = 0,404; FE-2 PT = pr. 0,39) do que as surdas (comunidade PA = pr. 0,478; FE-2 PA = 0,440; FE-2 PT = pr. 0,49). O decréscimo no propiciamento à marcação apresentado pelas vogais fica a dever-se, no caso do PA, à FE-1, já que este item passa de terceiro elemento mais favorável à marcação para elemento mais inibidor da mesma (pr. 0,430). Como tal, o valor estabiliza-se na comunidade perto do ponto da neutralidade, mas com tendência a inibir suavemente a inserção de marca PL. Refira-se que, relativamente à tendência crescente para a inibição apresentada pelas vogais, o PA acaba por se assemelhar ao MRJ, cujo público infantil (a geração menos idosa) propicia menos o PL (pr. 0,39) do que o público adulto (pr. 0,48), quando o *contexto fonológico seguinte* é representado por um item vocálico (Scherre, 1988:248).

Continuando a observar o padrão de comportamento da geração mais jovem do PA, no que diz respeito à marcação PL no SN, vê-se que as consoantes surdas passam a factor mais favorecedor desta (pr. 0,579), relegando a pausa final para a segunda posição no que concerne ao favorecimento (pr. 0,557), logo seguida da pausa interna, que apresenta agora um peso a tender para a ligeira inibição (pr. 0,481). Por fim, com um valor bastante próximo da inibição daquele que é apresentado pelas vogais, surgem as consoantes sonoras (pr. 0,433), embora propiciando um pouco mais a marcação. Nos

dados de Baxter (2004:114), estes dois elementos também se apresentam como os mais inibidores na geração mais jovem (pr. vogais 0,46; pr. consoantes sonoras 0,21). O autor entende que a explicação para o facto poderá assentar na fonotáctica do umbundu, o substrato do PT (Baxter, 2004:113). De facto, como neste idioma não há sequências consonantais, estas são substituídas por obstruções pré-nasalizadas à passagem do ar no tracto bucal. Aliando este aspecto à ausência do som [z] no mesmo dialecto, os falantes adultos de umbundu poderão experienciar dificuldades na inserção do /s/ antes de uma vogal ou consoante sonora no momento da aquisição do PtgL2, acabando este aspecto por se traduzir numa restrição à fixação da sequência PL+CONSOANTE SONORA ou VOGAL. A este propósito, gostaríamos de chamar a atenção para alguns paralelos entre os aspectos referidos por Baxter (2004:113) e a estrutura do santomense (o substrato do PA): (i) tendência para a estrutura dissilábica padrão CVCV, isto é, ausência de encontros consonantais; (ii) não distinção singular/plural para a maioria dos substantivos e seus qualificadores, ou seja, pluralização sem recurso ao /s/ final, sendo a mesma efectuada com utilização de estratégias lógico-semânticas (reduplicação ou semântica do determinante pós-nominal) ou inserção pré-nuclear do item *inen*, que funciona como marcador PL para nomes de traço [+humano], expressando um significado definido que diz respeito a um grupo não-individualizado familiar ao ouvinte e ao falante (ponto 1.3.2.2.1 do presente trabalho).

Abordando agora o padrão da comunidade de Almojarife, constata-se que apenas as pausas favorecem a marcação, com a pausa final a exhibir uma tendência moderada para ajudar à inserção de flexão de número no SN (pr. 0,672) e a pausa interna a apresentar um valor quase neutro (pr. 0,537). Ao constituirmos os factores de acordo com os traços de fonte [+vozeado] e [-vozeado], ficámos a perceber que as consoantes sonoras se apresentam como o item que mais inibe a marcação (pr. 0,415), logo seguidas das consoantes surdas (pr. 0,478). Assim sendo, a ligeira tendência revelada pelas consoantes [k], [b] e [f] para favorecerem a marcação foi diluída pela força inibidora das outras consoantes surdas ou sonoras, levando mesmo a que, tanto vozeadas (pr. 0,478) como não-vozeadas (0,415) inibam ligeiramente a inserção PL no SN, em tendência que se superioriza à das vogais, uma vez que estas se apresentam a roçar a neutralidade (pr. 0,490). Assim sendo, o PA estabelece paralelos com o PB e o PMn no que concerne ao

facto de vogais e consoantes desfavorecerem a marcação PL. Também possui similaridades com estes, com o MRJ e com o PT em virtude de o traço surdo das consoantes propiciar mais a marcação do que o traço sonoro. Aliás, este último dialecto (Baxter, 2004:114) apresenta um comportamento muitíssimo similar ao do PA, no que diz respeito ao peso exercido na marcação tanto por vogais (PA = pr. 0,490; PT = pr. 0,48) como por consoantes sonoras (PA = pr. 0,415; PT = pr. 0,40). Contudo, como se disse já, as consoantes surdas do PA não atingem o limiar na marcação positiva (pr. 0,478), como acontece na NURC e no dialecto dos tongas (pr. 0,53 para ambas as variedades).

Mas, de tudo o que se referiu, o que se torna evidente é que, à excepção do peso relativo da pausa final (pr. 0,672), todos os outros valores se mostram muito próximos do ponto de neutralização. Como tal, confirma-se na íntegra o postulado de Scherre (1988:255) de a sonoridade exercer fraca influência na marcação PL.

#### **5.2.3.2. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN, englobando as consoantes num único factor**

Nos dados de Scherre (1988:248) as vogais e consoantes possuem pesos equilibrados e a roçarem a neutralidade (pr. vogais 0,48; pr. consoantes 0,43). Contudo, no estudo de Lopes (2001:228) as vogais alcançam valores tenuemente favorecedores da inserção PL (pr. 0,53), por oposição à tendência ligeiramente inibidora revelada pelas consoantes (pr. 0,48). Contudo, esta diferença não é significativa, pelo que se pode dizer que a NURC, tal como o MRJ, apresenta pesos equilibrados e próximos do patamar da neutralidade para vogais e consoantes. Assim sendo, interessa também observar como se comporta o PA neste aspecto, pelo que, a exemplo da metodologia levada a cabo nos trabalhos das duas autoras, e a fim de percebermos o padrão geral das consoantes face ao das vogais, decidimos amalgamar o factores consoantes surdas e consoantes sonoras num único factor e comparar os valores deste com os dos elementos vocálicos. Os resultados obtidos podem ser observados na Tabela 25.3:

**Tabela 25.3.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes num único factor), na marcação PL dos itens do SN.

	<i>Input desta rodada:</i> 0,468 <i>Log-likelihood:</i> -962,812 <i>Significância:</i> 0,017			<i>Input desta rodada:</i> 0,202 <i>Log-likelihood:</i> -182,718 <i>Significância:</i> 0,047		
	Comunidade			FE-3 (+60 anos)		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	134/294	46	0,674	17/61	28	-
Pausa interna	106/349	31	0,539	19/114	17	-
Vogais	234/409	57	0,492	52/85	61	-
Consoantes	726/1.281	57	0,451	119/308	39	-

	<i>Input desta rodada:</i> 0,3541 <i>Log-likelihood:</i> -355,301 <i>Significância:</i> 0,007			<i>Input desta rodada:</i> 0,698 <i>Log-likelihood:</i> -412,257 <i>Significância:</i> 0,049		
	FE-2 (41 – 60 Anos)			FE-1 (20 – 40 Anos)		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	49/112	44	0,695	68/121	56	0,558
Pausa interna	40/123	33	0,547	47/112	42	0,488
Vogais	59/120	49	0,519	123/204	60	0,428
Consoantes	225/429	52	0,428	382/544	70	0,517

**Obs.:** FE-3 (+60 anos) rejeitada pela ferramenta VARBRUL.

De um modo geral, as consoantes (pr. 0,451) continuam a propiciar menos a marcação do que as vogais (pr. 0,492) na comunidade, apesar de ambos os factores se revelarem quase neutros, mas com incipiente tendência para a inibição. No entanto, “*diversos trabalhos sobre o cancelamento do –s morféxico, e até do não morféxico, têm mostrado que a diferença probabilística entre o efeito da consoante e o da vogal seguintes não é muito forte e, às vezes, inexistente*” (Scherre, 1988:242). Por conseguinte, pode dizer-se que o padrão do PA, no que concerne ao comportamento de vogais e consoantes em *contexto fonológico seguinte*, revela as mesmas tendências dos dados estudados por Cedergen (1973:43), Poplack (1981a:61, 1981:376), Braga & Scherre (1976:476), Braga (1977:31), Guy (1981a:166), Scherre (1988:248), Lopes (2001:226) e Baxter (2004:114) na marcação PL dos itens do SN.

Contudo, os itens vocálicos dos nossos dados continuam a marcar mais o PL do que os consonantais, pelo que, neste aspecto o PA apresenta o mesmo tipo de comportamento do EPR (Poplack, 1980a), do PB (Guy, 1981a), do MRJ (Scherre, 1988)

e da NURC (Lopes, 2001). Ainda assim, os nossos resultados mostram que as vogais não chegam a atingir o patamar positivo de favorecimento à marcação observado no EPR e na NURC (pr. 0,53), quedando-se pela inibição ténue (0,492), tal como acontece no PB e no MRJ (pr. 0,48). Aliás, para o EPR, Poplack (1980a) apresentou também valores favorecedores da marcação para as consoantes, o que não acontece em qualquer destas variedades de português.

Geracionalmente, os valores respeitantes à pausa final, pausa interna e vogais são muito semelhantes aos exibidos na Tabela 25.3, como se compreenderá. Dado que não se obtiveram valores para a FE-3, considerada irrelevante para a marcação, apenas nos podemos concentrar nos valores fornecidos pela duas faixas etárias mais jovens de Almoxarife. Observando ambas, é possível constatar que o padrão entre elas é totalmente oposto, uma vez que o único factor a exhibir alguma constância é o da pausa final, que marca diacronicamente de forma positiva a inserção da pluralidade (FE-2 = pr. 0,695; FE-1 = pr. 0,558). Quanto aos outros factores, invertem completamente a tendência revelada inicialmente na FE-2. Assim, os factores que começam por favorecer a marcação nesta faixa etária (pausa interna = pr. 0,547; vogais = pr. 0,519) passam depois a inibidores na faixa etária seguinte (pausa interna = pr. 0,488; vogais = pr. 0,428). Inversamente, o item que desfavorece a inserção PL na FE-2 (consoantes = pr. 0,428) torna-se elemento favorecedor da mesma na FE-1 (consoantes = pr. 0,517).

Quando comparados com os dados do MRJ (Scherre, 1988:248), as nossas ocorrências revelam alguma aproximação aos mesmos apenas no que concerne ao comportamento diacrónico das vogais, que desfavorece a inserção PL (pr. adultos 0,48; pr. crianças 0,39). Quanto aos outros factores, ou se mantêm estáveis ou apresentam uma tendência inversa à do PA. Assim, no MRJ, as consoantes (pr. adultos 0,43; pr. crianças 0,43) e a pausa interna (pr. adultos 0,56; pr. crianças 0,56) conservam a tendência geracional anterior, mas a pausa interna aumenta o seu peso favorecedor da inserção PL (pr. adultos 0,53; pr. crianças 0,62), o que não acontece no PA.

Nesta rodada, a nossa atenção incidiu essencialmente sobre as consoantes, tendo-se procedido à amalgamação dos factores consoantes surdas e consoantes sonoras num único factor, o das consoantes. Como se constata, apesar de a geração menos idosa mostrar que estas têm influência ligeiramente positiva na marcação PL do item

anterior (pr. 0,517), tal marcação não é suficientemente forte para projectar as consoantes para o patamar do favorecimento à marcação na comunidade (pr. 0,450). Assim sendo, as consoantes mantêm a tendência ligeira para inibir a marcação já revelada na FE-2 (pr. 0,428), confirmando-se como o factor que menos favorece a inserção PL na comunidade. Neste aspecto, convém ainda apontar a proximidade de valores revelada entre o PA (pr. 0,451), o MRJ (pr. 0,43) e a NURC (pr. 0,48), todos desfavorecendo ligeiramente a marcação PL.

Ainda relativamente aos nossos números, foi possível verificar, com o teste do qui-quadrado, que os valores gerais dos *log-likelihoods* registados para a comunidade nas Tabelas 25.2 e 25.3, apesar de serem inferiores ao do *log-likelihood* da Tabela 25.1, não permitem a incorporação dos grupos de factores com 5 ou 4 factores à análise geral, já que os novos grupos de factores se revelaram estatisticamente significativos. Deste modo, a variável independente *saliência fónica* que incorpora os factores da Tabela 25.1 deve ser mantida para efeito do cálculo dos pesos que actuam na marcação PL dos itens do SN.

### **5.2.3.3. Efeito do contexto fonológico posterior na marcação plural dos itens do SN, englobando as pausas num único factor**

Em Scherre (1988:248) é possível constatar também que os valores das pausas interna e final são bastante aproximados (pr. pausa interna 0,56; pr. pausa final 0,53), o que a levou a amalgamá-las num único factor. Os nossos resultados desaconselham esta metodologia, mas, ainda assim, e a exemplo do efectuado por Lopes (2001:227/228), optámos por testar as consequências de idêntica amalgamação, reduzindo o grupo de factores *contexto fonológico posterior* a apenas três factores (Tabela 25.4).

Se nos dados de Lopes (2001:228) a amalgamação dos factores pausas num único desfez a diferença entre os factores iniciais, tornando o *factor pausas* neutro (pr. 0,53) e nivelado com o das vogais (pr. 0,54), o mesmo não sucedeu nas nossas ocorrências, as quais confirmam que, na comunidade de Almocharife, o *factor pausas* se revela como o único que tem algum peso para a inserção PL no SN do PA (pr. 0,605). Quanto às vogais e consoantes, apresentam valores idênticos e próximos da neutralização (pr. 0,491 e pr. 0,450, respectivamente), mostrando que estes itens pouco interferem na pluralização, apesar de as vogais inibirem menos a marcação do que as consoantes. Neste aspecto, a

configuração da marcação do PA assemelha-se mais à do MRJ do que à da NURC (vogais = pr. 0,54; consoantes = pr. 0,48), uma vez que, nos dados de Scherre (1988:249) e Guy (1981a:166), as vogais apresentam um peso neutro (pr. 0,50 para ambos os casos) e as consoantes revelam um resultado a inibir muito pouco a inserção PL (pr. 0,44 e pr. 0,46, respectivamente). Já no que concerne à pausa, esta favorece levemente a marcação (pr. 0,56 e pr. 0,55, respectivamente). Contudo, um aspecto é de ter em conta, quando se olham para os resultados em termos de pausa interna e pausa final: nos dados de Scherre (1988:248), a segunda (pr. 0,53) tem uma influência ligeiramente inferior à primeira (pr. 0,56) na marcação PL, enquanto nas ocorrências do PA (pausa interna = 0,539; pausa final = 0,674), da NURC (pausa interna = 0,52; pausa final = 0,63) e do PT (pausa interna = 0,54; pausa final = 0,58) sucede o inverso.

**Tabela 25.4.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando pausas num único factor), na marcação PL dos itens do SN.

	<i>Input desta rodada: 0,466</i> <i>Log-likelihood: -966,857</i> <i>Significância: 0,012</i>			<i>Input desta rodada: 0,200</i> <i>Log-likelihood: -187,756</i> <i>Significância: 0,005</i>		
	<b>COMUNIDADE</b>			<b>FE-3 (+60 anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausas	240/643	37	0,605	36/175	21	-
Vogais	234/409	57	0,491	52/85	61	-
Consoantes	726/1.281	57	0,450	119/308	39	-
	<i>Input desta rodada: 0,354</i> <i>Log-likelihood: -357,155</i> <i>Significância: 0,007</i>			<i>Input desta rodada: 0,684</i> <i>Log-likelihood: -412,153</i> <i>Significância: 0,040</i>		
	<b>FE-2 (41 – 60 Anos)</b>			<b>FE-1 (20 – 40 Anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausas	89/235	38	0,621	115/233	49	0,527
Vogais	59/120	49	0,516	123/204	60	0,430
Consoantes	225/429	52	0,428	382/544	70	0,515

**Obs.:** FE-3 (+60 anos) rejeitada pela ferramenta VARBRUL.

Relembre-se que Cedergren (1973:43) entendeu que as pausas não exercem qualquer influência na marcação PL. Poplack (1981a:61), por seu lado, apresentou um padrão totalmente diferente no que concerne à influência da pausa na marcação PL do EPR, já que a mesma a condiciona notoriamente (pr. 0,37). Em oposição a esta, são as vogais

que vão favorecer ligeiramente a inserção PL (pr. 0,60), enquanto as consoantes se quedam pela quase neutralidade da marcação (pr. 0,53). No que concerne às pausas, as nossas realizações não acompanham os resultados de nenhum destes trabalhos.

Geracionalmente, não obtivemos valores para o peso das pausas na marcação PL da FE-3. Nos nossos dados, há uma tendência para as pausas favorecerem mais a marcação na FE-2 (pr. 0,621) do que na FE-1 (pr. 0,527), estabilizando no patamar do favorecimento moderado, em termos de comunidade (pr. 0,605). Este aspecto revela um percurso inverso ao do MRJ (Scherre, 1988:249), cuja tendência é para um aumento do favorecimento à marcação (adultos = pr. 0,57; crianças = pr. 0,62).

Quanto a uma possível amalgamação de factores de acordo com a Tabela 25.4, ela também está fora de hipótese, uma vez que o cálculo do qui-quadrado com recurso aos valores dos *log-likelihoods* para a comunidade (Tabelas 25.1 e 25.4) permitiu constatar que o grupo de factores amalgamado se revela estatisticamente significativo, pelo que não deve ser considerado para efeitos de análise.

#### **5.2.3.4. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN, englobando consoantes segundo os traços de classe principal**

As tabelas 25.2, 25.3 e 25.4 não só evidenciaram que a diferença probabilística entre os efeitos da consoante e da vogal em contexto posterior não é relevante para a inserção da marca PL mas revelaram também que o peso de ambos os itens para essa mesma inserção é quase neutro. Assim sendo, Scherre (1988:254) optou por observar o comportamento das consoantes em contexto seguinte em termos de traços distintivos, a fim de tentar perceber o tipo de influência que estes têm na inserção do *-s* morfémico PL. Refira-se, a este propósito, que outros autores, nomeadamente Braga (1977:40) e Guy (1981a:166) haviam já procedido a análises detalhadas do mesmo tipo.

Dando seguimento a este tipo de metodologia, decidimos constituir um grupo de factores que reunisse as consoantes de acordo com os traços de classe principal soante e não-soante, visto o segundo ser compartilhado por todas as consoantes que favorecem positivamente a marcação PL nos SN's dos nossos dados (Tabela 25.1). O traço soante caracteriza os sons que não registam uma obstrução significativa à passagem do fluxo de ar, mas implicam uma vibração espontânea das cordas vocais. Assim sendo, os sons estão sujeitos a um vozeamento que pode ser mais pronunciado [+sonoro] ou mais

inibido [-sonoro]. Contudo, estes traços distintivos não devem ser confundidos como os analisados anteriormente (ponto 5.3.2.1 do presente trabalho), isto é, [+vozeado] e [-vozeado], uma vez que estes se referem à zona onde os sons são produzidos, apesar de implicarem também vibração das cordas vocais.

Como consoantes soantes temos então a líquida lateral [l], a líquida vibrante [R] e as nasais [m] e [n]. Como não-soantes surgem-nos quer as oclusivas orais [p], [b], [t], [d], [k] e [g] quer as constrictivas fricativas [f], [v], [s], [z] e [ʒ].

O grupo de factores que inclui as consoantes de acordo com os seus traços de classe principal forneceu os resultados da Tabela 25.5:

**Tabela 25.5.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo os traços de classe principal), na marcação PL dos itens do SN.

	<i>Input desta rodada: 0,469</i> <i>Log-likelihood: -962,314</i> <i>Significância: 0,019</i>			<i>Input desta rodada: 0,202</i> <i>Log-likelihood: -182,718</i> <i>Significância: 0,047</i>		
	Comunidade			FE-3 (+60 anos)		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	134/294	46	0,674	17/61	28	-
Pausa interna	106/349	31	0,539	19/114	17	-
Vogais	234/409	57	0,491	52/85	61	-
Consoantes soantes	106/206	51	0,415	17/48	35	-
Consoantes não-soantes	620/1.075	58	0,468	102/258	40	-
	<i>Input desta rodada: 0,353</i> <i>Log-likelihood: -355,140</i> <i>Significância: 0,007</i>			<i>Input desta rodada: 0,701</i> <i>Log-likelihood: -413,112</i> <i>Significância: 0,003</i>		
	FE-2 (41 – 60 Anos)			FE-1 (20 – 40 Anos)		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	49/112	44	0,696	68/121	56	0,562
Pausa interna	40/123	33	0,547	47/112	42	0,486
Vogais	59/120	49	0,519	123/204	60	0,432
Consoantes soantes	31/68	46	0,469	58/90	64	0,385
Consoantes não-soantes	195/360	54	0,420	323/457	70	0,541

**Obs.:** FE-3 (+60 anos) rejeitada pela ferramenta VARBRUL.

Os valores da Tabela 25.5 pouco diferem dos da tabela 25.2, tornando evidente que o traço de sonoridade, comum aos traços de cavidade e traços de classe principal,

condiciona o comportamento das consoantes em ambos os grupos de factores, aproximando-as em termos de influência na marcação PL da comunidade. Assim sendo, as consoantes soantes (traço distintivo [+sonoro]) revelam tendência a inibirem mais a marcação (pr. 0,415), tal como sucede com as consoantes sonoras (traço distintivo [+vozeado][+sonoro]), cujo pr. é 0,415. Por seu lado, as consoantes não-soantes (traço distintivo [-sonoro]) propiciam um pouco mais a marcação PL (pr. 0,468), acontecendo o mesmo com as consoantes surdas (traço distintivo [-vozeado][-sonoro]), que apresentam o pr. de 0,478. Contudo, como se pode ver, todos estes números continuam muito próximos do valor da neutralidade em termos de influência na marcação PL.

Os restantes factores deste grupo continuam a desenhar o padrão já antes verificado: a pausa final é o elemento que mais favorece a marcação (pr. 0,674), logo seguida da pausa interna (pr. 0,539), cujo peso de marcação, apesar de positivo, já rasa a neutralidade em termos de influência na inserção de marcas PL. Por fim, as vogais situam-se no patamar da inibição, mas em valor insignificante e igualmente bastante próximo do ponto neutro (pr. 0,491).

Observando agora os valores das faixas etárias de Almojarife, pelos valores percentuais confirma-se também que os traços de classe principal das consoantes não exercem peso na marcação PL do SN, tendo a faixa etária FE-3 sido rejeitada pela ferramenta VARBRUL. Na geração intermédia (41-60 anos), é possível verificar que apenas as consoantes inibem a inserção da pluralidade, com as soantes a propiciarem-na um pouco mais (pr. 0,469) do que as não-soantes (pr. 0,420). Por seu lado, a pausa final apresenta o valor mais favorecedor da marcação (pr. 0,696), seguida da pausa interna (pr. 0,547) e das vogais (0,519), estando estas muito próximas do ponto da neutralidade. Por seu lado, a geração mais jovem leva a cabo uma inversão na forma de marcar a pluralidade, fazendo baixar a influência da pausa final (pr. 0,562) e projectando as consoantes não-soantes para o segundo lugar na hierarquia do favorecimento à marcação (pr. 0,541). Em consequência de tal, a pausa interna e as vogais pendem para valores inibidores da marcação (pausa interna = pr. 0,486; vogais = pr. 0,432), acompanhando as consoantes soantes neste aspecto, que se apresentam como os elementos que menos favorecem a inserção PL (pr. 0,385).

A variável independente *contexto fonológico posterior*, englobando consoantes segundo os traços de classe principal, não foi analisada em trabalhos precedentes, pelo que não é possível estabelecer comparações com os mesmos neste aspecto.

Atentando ainda ao valor do *log-likelihood* para a comunidade (Tabela 25.5), após efectuado o teste do qui-quadrado, verifica-se também que o grupo de factores *contexto fonológico posterior* englobando as consoantes segundo os traços de classe principal não pode ser incorporado à análise para obtenção de resultados gerais, já que a amalgamação em questão se revela estatisticamente significativa.

### **5.2.3.5. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação plural dos itens do SN, englobando consoantes segundo os traços coronal e não-coronal**

Seguidamente, observámos também o comportamento das consoantes segundo os traços de cavidade, uma vez que três das que tomámos como azimutes orientativos para a constituição dos novos factores, isto é, as consoantes [k], [f] e [b], compartilham o traço não-coronal. Portanto, são produzidas sem elevação da língua acima da posição neutra e na direcção dos dentes incisivos superiores, à região alveolar ou ao palato duro. Por outro lado, se atentarmos a alguns dos nossos resultados, torna-se visível que existe uma evidente proximidade de pesos relativos de acordo com os pontos de articulação quer das coronais quer das não-coronais:

(i) coronais:

(a) ápico-dentais: [d] = pr. 0,380; [n] = pr. 0,373; [t] = pr. 0,327;

(b) ápico-alveolares: [s] = pr. 0,326; [l] = pr. 0,294;

(ii) não-coronais:

(c) bilabiais: [m] = pr. 0,422; [p] = pr. 0,414; [b] = pr. 0,411;

(d) lábio-dentais: [f] = pr. 0,555; [v] = pr. 0,472.

Assim sendo, para esta rodada constituíram-se dois grupos de factores que englobam as consoantes, ou seja, o factor das coronais, incluindo os seus pontos de articulação (ápico-dentais [t], [d] e [n]; ápico-alveolares [s], [z] e [l]; e ápico-palatal [ʃ]), e o factor das não-coronais, abarcando igualmente os seus pontos de articulação (bilabiais [p], [b] e [m]; lábio-dentais [f] e [v]; dorso-velares [k] e [g]; e dorso-uvular [R]). O que se

espera obter com esta rodada é a confirmação de que as não-coronais são mais favoráveis à inserção do PL do que as coronais, visto que as três consoantes que favorecem positivamente a marcação ([k], [b] e [f] – cf. Tabela 25.1) compartilham o segundo traço distintivo.

O grupo de factores formado com as consoantes de acordo com os seus traços de cavidade permitiu obter os resultados que se transcrevem na Tabela 25.6, e que confirmam o que se esperava na comunidade: as consoantes não-coronais (pr. 0,522) propiciam mais a marcação PL no SN do PA do que as coronais, ultrapassando o peso das vogais (pr. 0,489) e atingindo mesmo um valor positivo bastante próximo do da pausa interna (pr. 0,533). Este grupo de factores apresenta já alguma distintividade, uma vez que a pausa final continua a exercer boa influência na marcação (pr. 0,670), enquanto as consoantes coronais caem para valores consideravelmente inibidores da inserção PL (0,364). Assim sendo, ao que tudo indica, parecem asilar nos traços distintivos de cavidade as causas para a inserção da marca PL no SN do PA, quando se analisa esta em termos de *contexto fonológico seguinte*, e não nos traços de fonte nem nos traços de classe principal. Por outras palavras, a marcação PL no SN poderá ser condicionada pelo modo, zonas e pontos de articulação das consoantes em *contexto fonológico posterior*, parecendo, assim, não se confirmar, no PA, o postulado de Scherre (1988:255) de que os pontos de articulação das consoantes em *contexto fonológico posterior* exercem pouca influência na inserção da pluralidade. Deste modo, importa agora confirmar, ou não, esta premissa.

Contudo, antes de se observar a forma como o modo, as zonas e os pontos de articulação das consoantes em *contexto fonológico posterior* actuam sobre a marcação PL, convém também perceber como os traços de cavidade se comportam geracionalmente. Olhando para o padrão da comunidade, é possível constatar a sua semelhança com o da FE-2. De facto, ambos os padrões apresentam a pausa interna como o elemento mais favorecedor da inserção PL (comunidade = pr. 0,670; FE-2 = pr. 0,698), logo seguida da pausa interna (comunidade = pr. 0,533; FE-2 = pr. 0,545). Também o factor menos favorecedor da marcação, isto é, as consoantes coronais, é comum a ambas (comunidade = pr. 0,364; FE-2 = pr. 0,324). Quanto ao não-paralelismo, é exibido pelas vogais (comunidade = pr. 0,489; FE-2 = pr. 0,516) e consoantes não-coronais (comunidade = pr. 0,522; FE-2 = pr. 0,509), com as primeiras passando de elementos inibidores

a favorecedores da marcação e as segundas a manterem-se no patamar do favorecimento, mas perdendo alguma força.

**Tabela 25.6.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo os traços coronal e não-coronal), na marcação PL dos itens do SN.

	<i>Input desta rodada: 0,470</i> <i>Log-likelihood: -955,557</i> <i>Significância: 0,013</i>			<i>Input desta rodada: 0,169</i> <i>Log-likelihood: -145,642</i> <i>Significância: 0,004</i>		
	<b>Comunidade</b>			<b>FE-3 (+60 anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	134/294	46	0,670	17/61	28	-
Pausa interna	106/349	31	0,533	19/114	17	-
Vogais	234/409	57	0,489	52/85	61	-
Consoantes não-coronais	484/742	65	0,522	82/166	49	-
Consoantes coronais	242/539	46	0,364	36/129	28	-

	<i>Input desta rodada: 0,362</i> <i>Log-likelihood: -349,688</i> <i>Significância: 0,007</i>			<i>Input desta rodada: 0,702</i> <i>Log-likelihood: 409,879</i> <i>Significância: 0,004</i>		
	<b>FE-2 (41 – 60 Anos)</b>			<b>FE-1 (20 – 40 Anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	49/112	44	0,698	68/121	56	0,551
Pausa interna	40/123	33	0,545	47/112	42	0,477
Vogais	59/120	49	0,516	123/204	60	0,425
Consoantes não-coronais	155/252	62	0,509	247/324	76	0,600
Consoantes coronais	72/182	40	0,324	134/228	58	0,410

**Obs.:** FE-3 (+60 anos) rejeitada pela ferramenta VARBRUL.

O factor das não-coronais, pelo facto de incluir no seu seio as consoantes [k], [b] e [f], apresenta um valor favorecedor da marcação superior ao das vogais e consoantes coronais, que a inibem. Como na geração FE-2 o peso das não-coronais é inferior ao das vogais, a responsabilidade da variação cabe à FE-1, que projecta estas para o topo do favorecimento à marcação (pr. 0,600), deixando para a pausa final um lugar secundário na pluralização (pr. 0,551). Assim, se na FE-2 surgem 4 factores a favorecerem a marcação e apenas um a desfavorecê-la, na faixa etária mais jovem já é possível constatar a existência de apenas três factores inibindo a inserção PL, de acordo com a seguinte ordem decrescente de propiciamento: pausa interna (pr. 0,477), vogais (pr. 0,425) e consoantes coronais (pr. 0,410).

### **5.2.3.6. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN, englobando consoantes segundo o modo de articulação: 6 factores**

Face aos achados de que a marcação PL poderá ser condicionada pelo modo, zonas e pontos de articulação das consoantes em *contexto fonológico posterior*, passamos então a analisar a influência que o primeiro poderá ter na inserção da pluralidade. Desta feita, constituímos três grupos de factores no que concerne às consoantes: o factor das obstruintes oclusivas [p], [b], [t], [d], [k], [g], [m] e [n]; o factor das obstruintes constrictivas [f], [v], [s], [z] e [ʒ]; e o factor das soantes líquidas [l] e [R]. A rodada com estas variáveis independentes concedeu os resultados que transcrevemos na Tabela 25.7, os quais evidenciam que na comunidade de Almocharife, se exceptuarmos a tendência para favorecer a marcação revelada pela pausa final (pr. 0,674), os restantes pesos relativos apresentam pouca diferença probabilística entre si, já que todos eles se aproximam do ponto neutro da inserção de marcas de PL. Assim sendo, apenas a pausa interna apresenta um valor favorecedor da marcação, embora tenuemente (pr. 0,539). Vogais e consoantes descem já para o degrau da inibição, com as primeiras (pr. 0,491) propiciando mais a marcação do que as segundas. As consoantes, por seu lado, ajudam mais à inserção PL quando a obstrução à passagem do ar através da cavidade bucal é também maior. Assim sendo, quando ocorre um fechamento total da boca para interromper momentaneamente a passagem do ar, isto é, quando se produzem as obstruintes oclusivas em *contexto fonológico posterior*, o propiciamento à marcação PL, apesar de ligeiramente inibidor (pr. 0,457), não deixa de ser superior ao das consoantes produzidas apenas com compressão da corrente de ar no tracto bucal, ou seja, ao das obstruintes constrictivas (pr. 0,436). Por outro lado, quando a corrente de ar na região da boca não é interceptada nem comprimida, produzindo-se consoantes soantes líquidas, a tendência é para aumentar a inibição, mas sem cair ainda em valores comprometedores (pr. 0,403).

Geracionalmente, o peso do modo de articulação das consoantes em *contexto fonológico seguinte* não se mostrou preponderante para a inserção da pluralização no item antecedente. Como tal, as faixas etárias mais idosa e mais nova foram rejeitadas pela ferramenta VARBRUL, apenas nos restando os valores da FE-2 para serem comparados com os da comunidade. O aspecto mais saliente centra-se nas vogais, que

perdem a sua ligeira tendência de favorecerem a marcação na FE-2 (pr. 0,507), para se tornarem levemente inibidoras da inserção PL na comunidade (pr. 0,491). Quanto aos restantes valores, a hierarquia do favorecimento mantém-se: (i) pausa final: FE-2 = pr. 0,703; comunidade = pr. 0,674; (ii) pausa interna: FE-2 = pr. 0,551; comunidade = pr. 0,539. Por outro lado, ocorre uma insignificante inversão hierárquica nos valores da inibição: (i) obstruintes constritivas: FE-2 = pr. 0,427; comunidade = 0,436; (ii) obstruintes oclusivas: FE-2 = pr. 0,421; comunidade = 0,457). As soantes líquidas apresentam um reduzido número de ocorrências na FE-2, inviabilizando comparações com o valor da comunidade.

**Tabela 25.7.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo o modo de articulação), na marcação PL dos itens do SN: 6 factores.

Factores	Comunidade			FE-3 (+60 anos)		
	Nr. total	%	Peso relativo	Nr. total	%	Peso relativo
	Pausa final	134/294	46	0,674	17/61	28
Pausa interna	106/349	31	0,539	19/114	17	-
Vogais	234/409	57	0,491	52/85	61	-
Obstruintes oclusivas	576/996	58	0,457	97/242	40	-
Obstruintes constritivas	118/231	51	0,436	20/56	36	-
Soantes líquidas	32/54	59	0,403	(2/7)	29	-

Factores	FE-2 (41 – 60 Anos)			FE-1 (20 – 40 Anos)		
	Nr. total	%	Peso relativo	Nr. total	%	Peso relativo
	Pausa final	49/112	44	0,703	68/121	56
Pausa interna	40/123	33	0,551	47/112	42	-
Vogais	59/120	49	0,507	123/204	60	-
Obstruintes oclusivas	181/326	56	0,421	298/428	69	-
Obstruintes constritivas	31/78	40	0,427	67/97	69	-
Soantes líquidas	(14/25)	56	-	(16/22)	73	-

Obs.: FE-1 (20-40 anos) e FE-3 (+60 anos) rejeitadas pela ferramenta VARBRUL.

### **5.2.3.7. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN, englobando consoantes segundo o modo de *articulação*: 7 factores**

Observando os pesos da comunidade apresentados na Tabela 25.7, se compararmos o efeito das vogais com o das consoantes soantes líquidas na marcação PL, o comportamento das últimas não deixa de constituir, de certa forma, um paradoxo. De facto, do ponto de vista acústico, estas consoantes têm a particularidade de se aproximarem dos sons vocálicos, de tal modo que, em certas línguas, se tornam o centro de sílaba. Assim sendo, a tendência de marcação deveria ser de aproximação à das vogais e não de afastamento em relação às mesmas. Face a este comportamento, partimos para a análise da influência que as subcategorias das consoantes, em termos de modo de articulação, poderão ter sobre a inserção ou inibição das marcas de PL no SN do PA. Para tanto, foram constituídos os seguintes factores: (i) factor das obstruintes oclusivas orais [p], [b], [t], [d], [k] e [g]; (ii) factor das obstruintes oclusivas nasais [m] e [n]; (iii) factor das constrictivas fricativas [f], [v], [s], [z] e [ʒ]; (iv) factor da líquida lateral [l]; (v) e factor da líquida vibrante [R]. Como este último factor apenas regista 17 ocorrências (Tabela 12.4), foi por nós retirado das rodadas, cujos resultados podem ser lidos na Tabela 25.8. Para as rodadas que visaram obter valores por estrato etário, foram também retirados os itens com menos de 30 realizações.

Basicamente, os resultados desta rodada permitem perceber que, na comunidade de Almorixe, é a líquida lateral [l] a condicionar fortemente a marcação PL (0,292), apesar de não podermos observar o comportamento geracional da mesma em termos de pesos relativos, devido ao reduzido número de realizações nas diferentes faixas etárias. Por outro lado, apesar de também não possuímos valores para a líquida vibrante [R], é possível inferir que será esta a diluir a inibição da marcação, como o comprova o peso relativo fornecido pelo factor em que se amalgamaram estas duas vogais (soantes líquidas = pr. 0,403 – Tabela 25.7). Pormenores sobre a influência destas duas consoantes na marcação PL do SN do PA serão observados no ponto 5.2.3.9 do presente trabalho.

Quanto à pausa final, continua a revelar-se como o elemento que mais favorece a marcação (pr. 0,676) e, próximas do patamar da neutralidade, estão a pausa interna (pr. 0,542), as vogais (pr. 0,492) e todas as outras consoantes, com as oclusivas orais a

propiciarem um pouco mais a marcação (pr. 0467) e as oclusivas nasais a favorecerem menos esta (pr. 0407). Entre ambas, situam-se as constritivas fricativas (pr. 0,437), de certa forma contrariando a tendência apontada anteriormente, uma vez que as nasais são caracterizadas por uma interrupção total e momentânea da corrente respiratória, obrigando o som a ressoar na cavidade nasal, enquanto as constritivas apenas comprimem a passagem de ar.

**Tabela 25.8.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo o modo de articulação), na marcação PL dos itens do SN: 7 factores.

Factores	<i>Input desta rodada: 0,470</i> <i>Log-likelihood: -962,283</i> <i>Significância: 0,019</i>			<i>Input desta rodada: 0,204</i> <i>Log-likelihood: -185,006</i> <i>Significância: 0,007</i>		
	Comunidade			FE-3 (+60 anos)		
	Nr. Total	%	Peso Relativo	Nr. Total	%	Peso Relativo
Pausa final	134/294	46	0,676	17/61	28	-
Pausa interna	106/349	31	0,542	19/114	17	-
Vogais	234/409	57	0,492	52/85	61	-
Obstruintes oclusivas orais	502/844	59	0,467	82/204	40	-
Obstruintes oclusivas nasais	74/152	47	0,407	15/41	37	-
Obstruintes constritivas fricativas	118/231	51	0,437	20/56	36	-
Soante líquida lateral	19/38	50	0,292	(0/5)	0	-

Factores	<i>Input desta rodada: 0,355</i> <i>Log-likelihood: -354,549</i> <i>Significância: 0,007</i>			<i>Input desta rodada: 0,680</i> <i>Log-likelihood: -405,747</i> <i>Significância: 0,044</i>		
	FE-2 (41 – 60 Anos)			FE-1 (20 – 40 Anos)		
	Nr. Total	%	Peso Relativo	Nr. Total	%	Peso Relativo
Pausa final	49/112	44	0,704	68/121	56	0,573
Pausa interna	40/123	33	0,552	47/112	42	0,494
Vogais	59/120	49	0,507	123/204	60	0,440
Obstruintes oclusivas orais	164/281	58	0,416	257/359	71	0,554
Obstruintes oclusivas nasais	17/43	40	0,451	42/68	62	0,317
Obstruintes constritivas fricativas	31/78	40	0,427	67/97	69	0,478
Soante líquida lateral	(8/17)	47	-	(11/16)	69	-

Obs.: FE-3 (+60 anos) rejeitada pela ferramenta VARBRUL.

A propósito das nasais, refira-se ainda que Braga (1977:40) estudou também a sua influência na marcação PL, apresentando um peso relativo (pr. 0,41) para o PMn que se aproxima bastante daquele que é revelado pelo PA. Scherre (1988:254) observou também a dicotomia orais/nasais, apresentando um valor ligeiramente favorecedor da marcação para as primeiras (pr. 0,54) e, para as segundas, uma tendência suavemente inibidora (pr. 0,46). A autora justifica esta inibição referindo que a mesma se fica a dever à “*incidência bastante perceptível da aspiração e queda do –s diante da nasal bilabial principalmente*” (Scherre, 1988:255). Sobre as bilabiais nos pronunciaremos mais adiante. Contudo, comparando os valores apresentados por Braga (1977) e Scherre (1988) com os nossos, no que concerne ao modo de articulação das consoantes em *contexto fonológico posterior*, é lícito concordar com a segunda, quando esta afirma que a caixa de ressonância exerce fraca influência na inserção PL (Scherre, 1988:255).

Geracionalmente, as subcategorias das consoantes, em termos de modo de articulação, não se revelam importantes para a marcação PL na FE-3. Não obstante, já foi possível obter valores para a faixa etária mais jovem, que se analisarão posteriormente.

No que concerne à FE-2, o padrão hierárquico dos três elementos mais propiciadores da marcação é idêntico ao da comunidade, embora o peso das vogais seja ainda levemente favorecedor da marcação nesta faixa etária: (i) pausa final: FE-2 = pr. 0,704; comunidade = pr. 0,676; (ii). pausa interna: FE-2 = pr. 0,552; comunidade = pr. 0,542; (iii) vogais: FE-2 = pr. 0,507; comunidade = pr. 0,492. Relativamente às consoantes obstruintes, ligeiramente inibidoras da marcação em ambos os factores, apresentam alguma flutuação entre oclusivas orais e oclusivas nasais. As oclusivas orais, o terceiro factor mais propiciador da inserção PL entre as consoantes na FE-2 (pr. 0,416), ganham peso e passam a consoantes mais propiciadoras da pluralização na comunidade (pr. 0,467). Paralelamente, as nasais perdem importância, passando de obstruintes mais propiciadoras da marcação na FE-2 (pr. 0,451) para obstruintes menos propiciadoras da inserção PL na comunidade (pr. 0,407). As constritivas fricativas, por seu lado, revelam-se estáveis, surgindo sempre como as segundas obstruintes a propiciarem mais a marcação, seja na FE-2 (pr. 0,427) seja na comunidade (pr. 0,437). Note-se ainda que a líquida lateral [l], devido à dispersão das suas ocorrências pelas três faixas etárias, não

apresenta realizações que deixem aferir o seu comportamento ao longo das diferentes gerações, como referimos no início da análise dos valores da Tabela 25.8.

Na FE-1, apenas dois factores se mostram favoráveis à marcação PL: a pausa final (pr. 0,573) e as consoantes oclusivas orais (pr. 0,554), que se tornam o segundo elemento mais favorecedor da inserção e levam a que, na comunidade (pr. 0,467), o seu propiciamento seja superior ao da FE-2 (pr. 0,416). Nos dados de Scherre (1988:254), esta tendência é muito menos pronunciada, uma vez que os adultos já marcam suavemente a pluralização, com as orais em *contexto fonológico seguinte* (pr. 0,54), pouco se acentuando nesta geração e também na das crianças (pr. 0,57). A pausa interna, por seu lado, apesar de revelar nos nossos dados uma ligeira queda no favorecimento, que começa por se apresentar na FE-2 (pr. 0,552), mantém-se a roçar a neutralidade na FE-1 (pr. 0,494), impedindo, assim, que o seu valor caia no patamar do desfavorecimento na comunidade (pr. 0,542). Simultaneamente, o resvalar acentuado das vogais de valores ligeiramente favorecedores na FE-2 (pr. 0,507) para resultados algo desfavorecedores na FE-1 (pr. 0,440), vai fazer com que este factor se torne um pouco inibidor da marcação na comunidade (pr. 0,492). Note-se também que o desfavorecimento apresentado pelas nasais na geração mais jovem (FE-2 = pr. 0,451; FE-1 = pr. 0,317) acaba por colocar estas consoantes num degrau a revelar inibição na inserção de marcas PL no SN do PA (pr. 0,407). Neste aspecto, a tendência para acentuar o não-favorecimento da marcação PL é quase imperceptível nos dados de Scherre (1988:254), já que os adultos e crianças revelam uma ligeira inibição, que se aproxima em termos de pesos relativos (adultos = pr. 0,46; crianças = pr. 0,43). Uma última palavra para as constrictivas fricativas, sem dúvida o item que menos flutuação apresenta diacronicamente (FE-2 = pr. 0,427; FE-1 = pr. 0,478), já que o mesmo mantém uma posição constante de desfavorecimento ligeiro à marcação PL ao longo das gerações, acabando este por se reflectir em termos de comunidade (pr. 0,437).

Os *log-likelihoods* achados para a comunidade e que constam nas Tabelas 25.6, 25.7 e 25.8, após efectuados os cálculos do qui-quadrado, mostram que os factores constantes nas referidas tabelas são estatisticamente significativos. Como tal, não podem ser incorporados no suporte computacional para obtenção de valores gerais, mantendo-se como válido, para este efeito, o grupo de factores apresentado na Tabela 25.1.

### **5.2.3.8. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN, englobando consoantes segundo as zonas de articulação**

Braga (1977:71-72), Guy (1981a:166) e Scherre (1988:254) levaram também a cabo análises detalhadas em termos de traços seguintes no que concerne à zona e ponto de articulação das consoantes, e que interessam também para o nosso estudo. A fim de continuarmos a perceber como se processa a influência da consoante seguinte na marcação PL e compararmos os nossos achados com os resultados das análises destes três autores, constituímos um grupo de factores com cinco factores para as consoantes, de acordo com as suas zonas de articulação: (i) factor das labiais [p], [b] e [m]; (ii) factor das dentais [t], [d], [f], [v] e [n]; (iii) factor das alveolares [s], [z] e [l]; (iv) factor das palatais [k], [g] e [ʃ]; (v) e factor da uvular [R]. Como o último grupo de factores (a uvular [R]) apenas regista 17 ocorrências, foi retirado da próxima rodada. Os resultados podem ser observados na Tabela 25.9, mostrando que todas as faixas etárias passaram a ser consideradas relevantes pela ferramenta VARBRUL. Deste modo, reforça-se a possibilidade de ancorarem nos traços distintivos de cavidade, mais propriamente nas zonas e pontos de articulação, as causas para a inserção da marca PL no item que antecede as consoantes.

Relativamente à pausa final, verifica-se que é o elemento em contexto seguinte que mais favorece a marcação PL nas duas gerações mais idosas (FE-3 = pr. 0,709; FE-2 = pr. 0,707), apenas perdendo alguma preponderância na faixa etária mais nova (FE-1 = pr. 0,553), na qual ocupa o segundo lugar na hierarquia dos elementos que favorecem positivamente a inserção de número. Ainda assim, este aspecto não impede que a pausa final se revele como o factor que mais marca a pluralidade na comunidade de Almojarife (pr. 0,675). Contudo, as pausas deixam de ser agora os dois únicos elementos a inserirem positivamente a marca de número, uma vez que o factor consoantes palatais vai aumentando, diacronicamente, a sua influência sobre a marcação PL, passando de item ligeiramente inibidor na FE-3 (pr. 0,464) a elemento neutro, mas com alicive para a marcação, na FE-2 (pr. 0,501), até se tornar aquele que mais favorece a inserção da pluralização na geração mais nova (FE-1 = pr. 0,702). Em resultado de tal, o factor das consoantes palatais surge na comunidade como o segundo elemento que mais favorece a marcação PL (pr. 0,560), logo depois da pausa final (pr. 0,707).

**Tabela 25.9.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo as zonas de articulação), na marcação PL dos itens do SN.

	<i>Input desta rodada: 0,471</i> <i>Log-likelihood: -956,627</i> <i>Significância: 0,009</i>			<i>Input desta rodada: 0,204</i> <i>Log-likelihood: -176,733</i> <i>Significância: 0,007</i>		
	<b>Comunidade</b>			<b>FE-3 (+60 anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	134/294	46	0,675	17/61	28	0,709
Pausa interna	106/349	31	0,539	19/114	17	0,449
Vogais	234/409	57	0,490	52/85	61	0,668
Labiais	201/317	63	0,454	35/70	50	0,556
Dentais	201/436	46	0,401	38/119	32	0,439
Alveolares	73/148	49	0,327	6/29	21	0,099
Palatais	238/364	65	0,560	38/89	43	0,464
	<i>Input desta rodada: 0,354</i> <i>Log-likelihood: -352,334</i> <i>Significância: 0,018</i>			<i>Input desta rodada: 0,681</i> <i>Log-likelihood: -397,087</i> <i>Significância: 0,048</i>		
	<b>FE-2 (41 – 60 Anos)</b>			<b>FE-1 (20 – 40 Anos)</b>		
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	49/112	44	0,707	68/121	56	0,553
Pausa interna	40/123	33	0,556	47/112	42	0,477
Vogais	59/120	49	0,510	123/204	60	0,428
Labiais	66/111	59	0,430	100/136	74	0,542
Dentais	65/138	47	0,408	98/179	54	0,336
Alveolares	21/56	38	0,290	46/63	73	0,529
Palatais	68/114	60	0,501	132/161	82	0,702

Os nossos dados mostram ainda que o desenvolvimento geracional da influência da pausa interna na marcação PL é bastante irregular. Assim, este elemento começa por inibir ligeiramente a pluralização na FE-3 (pr. 0,449), para a favorecer depois (FE-2 = pr. 0,556). Não obstante, a FE-1 vem mostrar uma regularização do item para a tendência inibidora (pr. 0,477), embora sem cair nos níveis da geração mais idosa. Em consequência de tal, a pausa interna acaba por se estabilizar como item suavemente favorecedor da marcação PL na comunidade (pr. 0,539). Comportamento identicamente irregular é revelado pelas consoantes labiais, mas na inversa. De facto, este factor inicia-se na FE-3 como levemente favorecedor da marcação PL (pr. 0,556), passando a

desfavorecedor na geração seguinte (FE-2 = pr. 0,430). Seguidamente, a FE-1 recupera a sua tendência para o suave favorecimento da marcação PL (pr. 0,542), traduzindo-se o resultado final, em termos de comunidade, numa ligeira inibição à inserção de PL (pr. 0,454).

Acompanhando a inibição das labiais na comunidade, temos ainda quer as vogais quer as restantes consoantes, isto é, as dentais e as alveolares. As dentais revelam-se inibidoras da marcação, acentuando-se esta geracionalmente. Como tal, apresentam-se já a marcar negativamente a inserção PL desde a geração mais idosa (FE-3 = pr. 0,439), numa tendência que se acentua nas duas faixas etárias seguintes (FE-2 = pr. 0,408; FE-1 = pr. 0,336). O resultado final, em termos de comunidade, só se poderia traduzir, pois, em desfavorecimento da pluralização (pr. 0,401). Por seu lado, as alveolares apresentam um comportamento oposto, isto é, tendente a tornar-se cada vez mais propiciador da marcação. Como se pode observar, este factor é fortemente inibidor da pluralização na FE-3 (pr. 0,099), mas essa inibição perde preponderância na FE-2 (pr. 0,290), desaparecendo mesmo na FE-1, que apresenta valores a favorecerem ligeiramente a marcação PL (pr. 0,529). Contudo, a tendência para os falantes mais jovens da comunidade marcarem a pluralidade, quando ocorre uma alveolar em *contexto fonológico seguinte*, é diluída pelas outras faixas etárias que compõem a comunidade, traduzindo-se o resultado final numa inibição considerável da pluralização (pr. 0,327), sobretudo provocada, ao que tudo indica, pela consoante líquida [l] (pr. 0,292 – Tabela 25.8).

Por fim, falta fazer alusão à conduta das vogais. Como se pode confirmar, a sua tendência é para acentuar, diacronicamente, a inibição à pluralização. De facto, este factor revela-se algo favorecedor da marcação na geração mais idosa (FE-3 = pr. 0,668), mas o favorecimento decai na FE-2 para valores já próximos da neutralidade (pr. 0,510), consumando-se a tendência para o desfavorecimento à inserção PL na FE-1 (pr. 0,428). Assim sendo, as vogais em *contexto fonológico seguinte* passam a inibir ligeiramente a pluralização em termos de comunidade (pr. 0,490), mas em valores muito próximos do patamar da neutralidade.

Quando comparados com os resultados de Braga (1977:71-72), os nossos números revelam algum paralelo com o PMn, no que às consoantes dentais diz respeito (pr. PA =

0,401; pr. PMn = 0,42), mas que vai sumindo quando se olha para os valores das labiais, mais propiciadoras da marcação nos nossos dados (pr. PA = 0,454; pr. PMn = 0,36). Por fim, o paralelo referido desaparece mesmo, face à discrepância constatada nas palatais, que favorecem levemente a marcação nas nossas ocorrências (pr. 0,560), mas condicionam fortemente esta no PMn (pr. 0,11). A própria autora adiantaria uma explicação para o não-favorecimento da concordância sintagmática PL originada pelas palatais nos seus dados: a semelhança destas com os segmentos que marcam o PL conduzem a processos de assimilação regressiva, isto é, à modificação de sons por influência dos sons vizinhos posteriores que com eles passam a partilhar traços articulatorios (as palatais em contexto seguinte). Contudo, convém aqui referir um aspecto pertinente, a merecer alguma reflexão: os contextos fonéticos (i.e. as palavras concretas onde ocorrem as mudanças fonéticas) mais propícios à assimilação são os nasais, os anteriores e os intervocálicos. Assim sendo, importaria apurar se eram exactamente estes o tipo de elementos que antecediam as palatais do *corpus* do PMn.

Guy (1981a:166) e Scherre (1988:254) apenas analisaram a influência das zonas e pontos de articulação das consoantes em itens que formam o PL de forma regular. Como tal, remetemos as nossas comparações com os resultados destas variáveis para a análise das Tabelas 25.17 e 25.18.

#### **5.2.3.9. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL dos itens do SN, englobando consoantes segundo os pontos de articulação**

A última etapa das análises sobre a influência das consoantes em *contexto fonológico seguinte* na marcação PL no SN do PA passou pela observação do comportamento das mesmas, segundo os seus pontos de articulação (cf. Tabela 25.10). Assim, depois de efectuada esta rodada pôde entender-se em pormenor como actuam na marcação PL os subfactores que estão inseridos nos factores consonantais da Tabela 25.9. A constituição do grupo de factores *contexto fonológico posterior* segundo os pontos de articulação consonantais permitiu elaborar os seguintes factores para as consoantes: factor das ápico-dentais [t], [d] e [n]; factor da ápico-alveolares [s], [z] e [l]; factor da ápico-palatal [ʃ]; factor das bilabiais [p], [b] e [m]; factor das lábio-dentais [f] e [v]; e factor das dorso-velares (ou dorso-palatais) [k] e [g]. O factor da dorso-uvular [R] não foi incluído nesta rodada, visto possuir apenas 17 realizações. Igual procedimento foi adoptado em

relação à ápico-palatal [j], detentora de apenas 4 ocorrências no nosso *corpus*. Para as rodadas que visaram estabelecer os valores por estrato etário, foram também retirados os itens com menos de 30 realizações.

Se nos abstrairmos dos pesos apresentados pela pausa final, pausa interna e vogais, que continuam a manter, diacronicamente, valores idênticos aos registados anteriormente (comparem-se as tabelas 25.9 e 25.10), e nos concentrarmos nos números apresentados pelos factores das consoantes, é possível aquilatar que, na comunidade de Almozarife, a maior responsabilidade pelo valor minimamente favorecedor da marcação registado pelas palatais (Tabela 25.9 = pr. 0,560) cabe às dorso-velares [k] e [g] (pr. 0,576), especialmente à primeira (Tabela 20.1), e a menor responsabilidade à ápico-palatal [ʃ] (pr. 0,444). O ligeiro favorecimento à marcação levado a cabo pelas primeiras na comunidade fica a dever-se, como se pode confirmar, à tendência diacrónica em aumentar o peso de favorecimento à inserção da pluralização. Assim as dorso-velares surgem como factor inibidor da marcação na FE-3 (pr. 0,437), mas essa inibição vai-se diluindo com o tempo, passando pelo degrau da neutralidade na geração intermédia (FE-2 = pr. 0,501) e quedando-se no patamar do favorecimento evidente na geração mais nova (FE-1 = pr. 0,723). Dado que a região palatal favorece a inserção PL, a ligeira inibição registada pela ápico-palatal [ʃ] fica, então, a dever-se ao ponto apical, que, como se pode verificar, vai condicionar bastante a marcação PL, conforme o demonstram as ápico-dentais (pr. 0,369) e as ápico-alveolares (pr. 0,329). A dispersão de realizações pelas faixas etárias não nos permite estabelecer uma radiografia geracional para a ápico-palatal [ʃ], mas, no que concerne às ápico-dentais, é possível observar que as mesmas se apresentam sempre como elementos que inibem a marcação PL, e numa escala de desfavorecimento cada vez mais acentuado (FE-3 = pr. 0,437; FE-2 = pr. 0,351; FE-1 = pr. 0,342). Já as ápico-alveolares revelam um tendência inversa, uma vez que iniciam o seu percurso como itens bastante desfavorecedores da marcação (FE-3 = pr. 0,103), desfavorecimento este que se vai diluindo (FE-2 = pr. 0,293), até se tornar ligeiramente favorecedor da inserção PL na geração menos idosa (FE-1 = pr. 0,528). Contudo, esta ligeira tendência para o favorecimento não é suficiente para contrariar a tendência registada das gerações mais idosas, pelo que, em termos de comunidade, o peso acaba por resultar em desfavorecimento considerável da inserção PL (pr. 0,329).

O facto de o ponto apical se apresentar como inibidor da inserção PL ajuda a perceber, agora, o porquê dos condicionamentos à marcação levados a cabo quer pela consoante /s/, o segundo elemento mais inibidor (Tabela 25.1 = pr. 0,334), quer pela consoante /l/, o item que menos propicia a marcação (Tabela 25.1 = pr. 0,279), apesar de este último se aproximar das vogais em termos de modo de articulação. Braga (1977:72) explicou o condicionamento produzido pela consoante /s/ em termos de assimilação regressiva, aspecto que discutiremos adiante, mais propriamente aquando da análise dos resultados da Tabela 25.11.

Quanto às ápico-dentais apresentam-se ligeiramente menos inibidoras do que as ápico-alveolares porque a zona dental surge como favorecedora à inserção PL, como se pode notar pelo peso das lábio-dentais (pr. 0,534), o segundo factor mais propiciador da pluralização no item antecedente. Não obstante, não é possível estudar a evolução das lábio-dentais, uma vez que estas consoantes apenas apresentam valores para a FE-1, por sinal a registarem um peso moderadamente inibidor da inserção PL (pr. 0,384). Ainda assim, o peso apresentado pela comunidade ajuda a perceber o motivo pelo qual a consoante lábio-dental /f/ se assume como o terceiro elemento consonantal que mais ajuda à pluralização (Tabela 25.1 = pr. 0,562). Paralelamente, pode ainda constatar-se que o peso das lábio-dentais nos ajudam a inferir, igualmente, que os pontos labiais propiciam mais a marcação do que os apicais, contribuindo para que a bilabial /b/ apresente um valor ligeiramente favorecedor da marcação PL (Tabela 25.1 = pr. 0,562). Convém referir, apesar de tudo, que as bilabiais exibem uma conduta geracional um tanto difusa, já que emergem como elementos em *contexto fonológico seguinte* levemente favorecedores da inserção PL (FE-3 = pr. 0,553), para passarem depois a itens desfavorecedores desta (FE-2 = pr. 0,436). Todavia, na geração mais jovem retomam a sua posição de factor que ajuda à inserção da pluralidade (FE-1 = pr. 0,558), fazendo, então, com que o valor da comunidade se aproxime do ponto da neutralidade, ainda que ligeiramente inibidor (pr. 0,455).

**Tabela 25.10.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo os pontos de articulação), na marcação PL dos itens do SN.

<i>Input desta rodada: 0,472</i>				<i>Input desta rodada: 0,186</i>		
<i>Log-likelihood: -954,225</i>				<i>Log-likelihood: -177,148</i>		
<i>Significância: 0,009</i>				<i>Significância: 0,044</i>		
<b>Comunidade</b>			<b>FE-3 (+60 anos)</b>			
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr./ total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	134/294	46	0,674	17/61	28	0,698
Pausa interna	106/349	31	0,538	19/114	17	0,468
Vogais	234/409	57	0,489	52/85	61	0,658
Consoantes ápico-dentais	153/353	43	0,369	27/96	28	0,437
Consoantes ápico-alveolares	73/148	49	0,329	6/29	21	0,103
Ápico-palatais	16/38	42	0,461	(3/9)	33	-
Consoantes bilabiais	201/317	63	0,455	35/70	50	0,553
Consoantes lábio-dentais	48/83	58	0,534	(11/22)	50	-
Consoantes dorso-velares	222/326	68	0,576	35/76	46	0,437
<i>Input desta rodada: 0,355</i>				<i>Input desta rodada: 0,724</i>		
<i>Log-likelihood: -351,261</i>				<i>Log-likelihood: -403,496</i>		
<i>Significância: 0,012</i>				<i>Significância: 0,032</i>		
<b>FE-2 (41 – 60 Anos)</b>			<b>FE-1 (20 – 40 Anos)</b>			
<b>Factores</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Pausa final	49/112	44	0,705	68/121	56	0,541
Pausa interna	40/123	33	0,556	47/112	42	0,463
Vogais	59/120	49	0,524	123/204	60	0,417
Consoantes ápico-dentais	48/111	43	0,351	78/146	53	0,342
Consoantes ápico-alveolares	21/56	38	0,293	46/63	73	0,528
Ápico-palatais	(2/13)	15	-	(11/16)	69	-
Consoantes bilabiais	66/111	59	0,436	100/135	74	0,558
Consoantes lábio-dentais	(16/27)	59	-	21/34	62	0,384
Consoantes dorso-velares	67/110	61	0,501	120/140	86	0,723

Após o estudo das Tabelas 25.9 e 25.10, percebeu-se exactamente quais são as zonas de articulação que mais propiciam a marcação, como se verificou também que os valores presentes na primeira destas tabelas estarão condicionados pela correlação de pesos entre zona e pontos de articulação. Assim sendo, e em termos de resultado final, poderemos estabelecer a seguinte ordem hierárquica decrescente de favorecimento à marcação PL,

em termos de *contexto fonológico seguinte*, no que às consoantes diz respeito: (i) palatais, com especial acento para as velares e declive para as apicais; (ii) labiais; (iii) dentais, com acento para as lábio-dentais e declive para as ápico-dentais; (iv) alveolares. Ainda no que concerne às velares, também Braga (1977:72) as indicou como sendo as mais favorecedoras da marcação nas realizações do PMn (pr. 0,65). Contudo, uma incongruência fica por esclarecer nos dados da autora: estando o ponto de articulação velar inserido na zona de articulação palatal, como podem as velares surgir como os elementos que mais favorecem a marcação, por oposição às palatais, os elementos que ela indicou como sendo os mais condicionadores da inserção PL?

Refira-se, por fim, que os grupos de factores das Tabelas 25.9 e 25.10 também apresentam *log-likelihoods* para a comunidade que não permitem que as referidas amalgamações sejam levadas à análise geral, visto que as mesmas se revelam estatisticamente significativas. Como tal, é o grupo de factores constituído inicialmente (Tabela 25.1) que deve ser incorporado no suporte computacional para efeitos de observação do peso que a variável independente *contexto fonológico seguinte* exerce na marcação PL dos itens do SN do PA.

#### **5.2.3.10. Efeito do *contexto fonológico posterior* na marcação PL da *saliência fónica***

Scherre (1988:252) entendeu que seria pertinente observar o efeito do *contexto fonológico seguinte* em nomes morfologicamente distintos, uma vez que os regulares fazem o PL com inserção do *-s* morfémico, ao passo que os irregulares o constroem com acréscimo de *-es* no final. Os resultados da autora apontaram para a possibilidade de as consoantes em *contexto fonológico seguinte* favorecerem a inserção PL nos itens terminados em *-s* (pr. 0,74) e *-r* (pr. 0,69). Contrariamente, as vogais desfavorecem bastante a marcação (pr. *-s* = 0,26; pr. *-r* = 0,30). A fim de compararmos este tipo de comportamento entre o MRJ e o PA, efectuámos diversos cruzamentos, levando em consideração as variáveis independentes *contexto fonológico posterior* e *saliência fónica*.

### 5.2.3.10.1. Efeito do *contexto fonológico posterior* na *saliência fónica*, englobando consoantes segundo os traços de fonte, para a marcação PL dos itens do SN

Para os cruzamentos entre os grupos de factores *contexto fonológico posterior* e *saliência fónica*, começámos por constituir um factor para as consoantes terminadas em *-s* e outro para as que finalizam em *-r*. Porém, todas as rodadas que realizámos revelaram exiguidade de ocorrências quer para um quer para o outro factor, inviabilizando, no nosso trabalho, a possibilidade de se comparar, com outros dialectos, o perfil da marcação PL nos itens terminados em *-s* ou *-r* no singular. Face a este panorama, e dado que ambos os itens formam o PL com inserção de *-es* final, decidimos amalgamá-los em um único factor, tendo então sido possível obter resultados para alguns factores dos grupos de factores constituídos para efeitos de cruzamentos em que intervém a variável *itens singulares em -r e -s*. Refira-se ainda que, em virtude da dispersão de dados pelas diferentes faixas etárias tornar também inviável a análise para a grande maioria dos factores, apenas se efectuaram rodadas gerais, a fim de se obterem resultados mais sólidos para efeitos de leitura.

**Tabela 25.11.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo os traços de fonte), na marcação PL da *saliência fónica*.

<i>Input desta rodada:</i> 0,459		<i>Log-likelihood:</i> -991,159			<i>Significância:</i> 0,006		
<i>Contexto fonológico posterior</i>		PL's regulares			PL's nasais (regulares)		
X		Nr. total	%	Peso relativo	Nr. total	%	Peso relativo
<i>Saliência fónica</i>							
	Pausa final	98/240	41	0,629	(2/7)	29	-
	Pausa interna	75/286	26	0,468	(5/20)	25	-
	Vogais	191/399	56	0,459	(9/20)	45	-
	Consoantes surdas	412/657	63	0,449	32/52	62	0,592
	Consoantes sonoras	219/438	50	0,392	19/45	42	0,415
<i>Contexto fonológico posterior</i>		Singulares <i>-r e -s</i>					
X		Nr. total	%	Peso relativo			
<i>Saliência fónica</i>							
	Pausa final	27/35	77	0,958			
	Pausa interna	(18/27)	67	-			
	Vogais	24/36	67	0,888			
	Consoantes surdas	17/35	49	0,827			
	Consoantes sonoras	18/33	55	0,832			

A rodada em que cruzámos os grupos de factores *saliência fónica* e *contexto fonológico posterior*, levando em conta as consoantes segundo os seus traços de fonte, mostra que, no caso dos plurais regulares, a pausa final mantém a sua homogeneidade na inserção da pluralização, favorecendo-a moderadamente (0,629). Contudo, a pausa interna, embora se situe como o segundo elemento que mais propicia a marcação, perde alguma força e desce para o patamar da ligeira inibição, apesar de os seus valores se revelarem praticamente neutros (pr. 0,468). Abaixo da pausa interna, mas ainda no patamar da neutralidade, surgem as vogais (pr. 0,459) e consoantes surdas (pr. 0, 449). Quanto às consoantes sonoras, têm já algum peso na inibição PL dos itens regulares (pr. 0,392). Ainda no que diz respeito aos itens regulares, os valores do MRJ (Scherre, 1988:249) apresentam-se neutros quer para os elementos consonantais (pr. 0,44) quer para os vocálicos (pr. 0,50). Relativamente à pausa, o valor registado revela que a mesma ajuda a inserir tenuemente a pluralização (pr. 0,56).

Lopes (2001:231-232), por seu lado, apresentou resultados um pouco distintos dos nossos para os itens regulares. De facto, nos nossos dados apenas um factor ajuda a marcar positivamente o PL (a pausa final), mas, nas ocorrências de Salvador, somente um item marca negativamente a pluralização: a consoante sonora (pr. 0,44). Como tal, na NURC, todos os outros factores apresentam pesos positivos para a inserção do PL, de acordo com a seguinte escala hierárquica de favorecimento: pausa final = pr. 0,60; consoante surda = pr. 0,53; vogal = pr. 0,52; e pausa interna = pr. 0,50. Como se pode ver, a panorâmica geral dos itens regulares da NURC apresenta valores mais próximos do ponto da neutralização do que os do PA, cujos factores exibem pesos mais distintivos entre favorecimento e inibição à inserção do PL.

Voltando aos nossos dados, mais concretamente aos plurais nasais regulares, vemos que estes mostraram apenas resultados para as consoantes, uma vez que os outros factores apresentam realizações reduzidas. Assim, é apenas possível confirmar que os elementos consonantais surdos favorecem ligeiramente a marcação PL (pr. 0,592), enquanto os sonoros a desfavorecem exiguamente (pr. 0,415).

Relativamente aos itens terminados em *-s*, o MRJ (Scherre, 1988:253) exhibe valores que confirmam que o *contexto fonológico seguinte* tem tendência a propiciar mais a marcação quando é consonantal (pr. 0,58), do que quando é vocálico (pr. 0,14). Nos

elementos que finalizam em *-r*, dá-se o oposto, uma vez que são as vogais a propiciarem mais a inserção PL (pr. 0,42) do que as consoantes (pr. 0,36), se bem que ambas se situem no degrau do não favorecimento. Por seu lado, a pausa é o elemento que favorece mais acentuadamente a marcação (pr. terminados em *-s* = 0,81; pr. terminados em *-r* = 0,71).

Lopes (2001:231-232), por sua vez, apenas nos traz resultados para os elementos terminados em *-s*. Nestes, as consoantes apresentam uma alternância de hierarquia no propiciamento da inserção PL, quando comparadas com as dos itens regulares. De facto, agora são as surdas que emergem como elementos que mais desfavorecem a marcação (pr. 0,44), enquanto as sonoras se situam no ponto da neutralidade absoluta (pr. 0,50). Como segundo elemento que menos favorece a inserção PL aparecem as vogais (pr. 0,46), ao contrário das pausas, as quais ajudam a inserir a pluralização (pausa final = pr. 0,80; pausa interna = pr. 0,58).

Convém também referir que Lopes (2001:232-240) efectuou o estudo do modo como o *contexto fonológico seguinte* actua na pluralização do elemento anterior registado nas realizações produzidas por quatro grupos de falantes distintos, reunidos segundo duas categorias: informantes que utilizam o português popular *versus* informantes que usam o português universitário; e informantes com sobrenome religioso *versus* informantes sem sobrenome religioso. Como os informantes que produziram o nosso *corpus* não se enquadram nestas categorias, pelo menos no que respeita às três últimas, não nos é possível exibir resultados que possibilitem comparações com as mesmas.

A exiguidade dos nossos dados não permitiu que se estabelecesse a oposição entre itens singulares terminados em *-s* e itens singulares terminados em *-r*. Ainda assim, é possível constatar que a amalgamação dos dois factores evidencia que estes elementos propiciam fortemente a marcação, a qual é sempre bastante acentuada. A pausa final apresenta valores praticamente absolutos de marcação (pr. 0,958), logo seguida das vogais (pr. 0,888). As consoantes surdas e sonoras apresentam resultados de favorecimento bastante nivelados, pelo que a diferença entre ambas não deve ser considerada significativa (pr. consoantes surdas = 0,827; pr. consoantes sonoras = 0,832). O reduzido número de ocorrências em que intervém a pausa interna, apenas 27,

não permitiu que incorporássemos estes dados à análise. Contudo, é possível adiantar, para estes, um percentual de marcação positiva, situado nos 67%.

Nos nossos dados, uma evidência é inquestionável: o *contexto fonológico posterior*, segundo os traços de fonte, propicia muito mais a marcação PL nos itens cujos singulares terminam em *-s* e *-r*, do que nos regulares. O facto de não acontecer a busca do padrão silábico CV é explicado por Scherre (1988:251-252) e confirmado por Lopes (2001:239) em termos de haplologia sintáctica, isto é, eliminação de segmentos idênticos ou iguais dentro da palavra ou em fronteira de palavras, traduzida em inibição produzida pelas vogais e tendência para a marcação levada a cabo pelas consoantes. O fenómeno acontece especialmente em realizações em que intervêm nomes do tipo *mês/meses*, em que a inserção da marca PL em itens aos quais se segue uma vogal iria provocar uma ocorrência de duas sílabas contíguas muito semelhantes (Scherre, 1988:244). Lopes (2001:231), que detectou iguais ocorrências nos seus dados, refere-se ao fenómeno ilustrando-o com o exemplo “*Umas vezes ele vem*”, em que a repetição do som /ze/ provoca a ocorrência *vezezele*. Assim sendo, e com vista a evitar a reduplicação de sons, os falantes deixam de efectuar a concordância, como acontece em “*Algumas vez ele vem*”. Nos nossos dados, as ocorrências com os substantivos iguais ao de Lopes não foram consideradas, visto entendermos que estes configuram itens lexicalizados, isto é, elementos cuja estrutura PL não é gerada por qualquer dos processos sintácticos que originam os plurais comuns da língua portuguesa (ponto 3.1.4 do presente trabalho, dedicado à caracterização dos nossos dados). Contudo, o nome apontado por Scherre (*mês/meses*) é frequentemente utilizado pelos informantes do PA, que levam também a cabo a não concordância ou apenas a concordância parcial, supostamente com o fim de evitar repetições fonológicas do tipo das que foram apontadas para o MRJ (exemplos [271] e [272]):

[271] PA:  
*três MESE ESSA porta tá fechado* [MANEVEM2]

[272] PA:  
*ficô aqui em casa nove MESE E tal, moreu.* [MMDEUSM3]

Contudo, se observarmos outros exemplos com o mesmo nome, constata-se que ocorrem também inibições da marcação PL, mas que não são determinadas por *contexto fonológico posterior* vocálico:

[273] PA:  
*três MESE SÓ, já dá milho.* [OSVALH1]

[274] PA:  
*mais de quato... cinco MES SEM com... sem tocá* [LUISH2]

Nestes exemplos, temos ocorrência consonantal seguinte a operar “metaplasmente” na terminação PL do elemento antecedente. Por outro lado, é preciso não esquecer que a haplologia actua ao nível de sílabas da mesma estrutura e contíguas, em que a menos saliente é suprimida. Portanto, estaremos aqui em presença das assimilações regressivas preconizadas por Braga (1977:72) e originadas pela presença de dois fonemas ápicos e contíguos, que compartilham traços de semelhança: o [s] áptico-alveolar em contexto seguinte e o [j] áptico-palatal, que marca o PL no item anterior.

Contudo, idêntico tipo de metaplasmos vai actuar sobre os mesmos itens, quando o *contexto fonológico posterior* é distinto dos anteriormente apontados. Os exemplos que listamos seguidamente apresentam algumas dessas ocorrências:

[275] PA:  
*fiquei cerca de quatro MESE DOENTE.* [ZECAH1]

[276] PA:  
*quatro MÊS VAI picá dedo, tem paludismo* [LUISH2]

[277] PA:  
*Creche rápido, só três MESE.* [CLOTIM2]

[278] PA:  
*Ficou seis MÊS.* [FRANCM2]

O metaplasmo que ocorre na realização do exemplo [275] é idêntico ao do exemplo [273], embora as consoantes em *contexto fonológico seguinte* sejam distintas, inviabilizando-se assim a possibilidade de uma assimilação no exemplo [275]. Por seu lado, a queda da pluralização que acontece no exemplo [276] é estruturalmente semelhante à do exemplo [274], apesar de os contextos consonantais posteriores serem

desiguais. Mais uma vez, o fenómeno verificado no exemplo [276], não pode ser explicitado em termos de assimilação. Aliás, análogos metaplasmos voltam a ser detectados nos exemplos [277] e [278], mas agora com contextos fonológicos posteriores traduzidos por pausa final. Como tal, uma vez mais, nem a assimilação postulada por Braga (1977:72) nem a haplologia apontada por Scherre (1988:251-252) e Lopes (2001:239) se coadunam às justificações que pretendam explicar os metaplasmos dos dois últimos exemplos.

Por outro lado, os tipos de metaplasmos a que nos vimos referindo ocorrem também com os itens singulares em *-r*, e que se pluralizam de modo semelhante aos singulares terminados em *-s*, isto é, com a inserção final de *-es*.

- [279] PA:  
*tem quatro MULHER EM numa casa* [ANTOM1]
- [280] PA:  
*Dois filho MULHER QU'Ê tem.* [FRANCM2]
- [281] PA:  
*é por isso as MULHER FICA tando dá assi muita coesa* [CELESH3]
- [282] PA:  
*nós stamos três MULHE, um rapaz, um home* [MMDEUSM3]
- [283] PA:  
*É! Um homé, dois MULHER.* [FRANCM2]

Como se pode observar, o exemplo [279] fornece-nos uma ocorrência com inibição total de pluralização antes de um contexto vocálico, mas que não pode ser explicada em termos de haplologia sintáctica, visto não se estar em presença de reduplicação de sons. Como também não podem ser justificados em termos de assimilação regressiva os metaplasmos que acontecem antes dos diferentes contextos fonológicos consonantais apresentados nos exemplos [280] e [281]. Aspectos estes que acabam reforçados pelos contextos seguintes de pausas representados em [282] e [283], para os quais não se encontra qualquer explicação na perspectiva quer da assimilação regressiva quer da haplologia sintáctica. Contudo, dos resultados exibidos na Tabela 25.11 e dos vários exemplos apresentados retiramos duas conclusões:

- (i) Os itens singulares terminados em *-s* e *-r* tendem fortemente a ser marcados, qualquer que seja a ocorrência *fonológica posterior*;
- (ii) Os vários metaplasmos em questão têm um padrão definido e semelhante, apesar de os *contextos fonológicos posteriores* que, supostamente, os motivaram serem bastante heterogêneos.

Resta então uma pergunta: se os itens referidos tendem fortemente a ser pluralizados, o que motiva realmente os escassos metaplasmos que se traduzem em marcação parcial ou inibição total da marcação?

Estudando a influência da *saliência fônica* na inserção da marca PL no SN do português da área urbana do Rio de Janeiro, Braga & Scherre (1976:465-477) estabeleceram uma escala de diferenciação material fônica em cinco níveis, que viria a ser ampliada por Guy (1981a:181-199) para sete níveis. A constituição de tais escalas foi justificada com o facto de a concordância de número entre os elementos do SN ser condicionada pelo grau de *saliência fônica* que ocorre na oposição singular/plural. Assim, duas dessas escalas incluíam, precisamente, os itens singulares terminados em *-s* e em *-r*, que fazem o PL com inserção final de *-es*. A conclusão do primeiro estudo foi que as formas salientes favorecem mais as marcas de PL do que as formas menos salientes. Os baixos valores probabilísticos de inserção PL nos itens terminados em *-s* foram justificados, no estudo das autoras, com o facto de estes itens apresentarem, no final, uma consoante semelhante à do PL. Contudo, outros trabalhos posteriores, como sucedeu com o de Ponte (1979), que estudou dados de falantes semi-analfabetos de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, não apresentaram idênticos resultados. De facto, Ponte (1979:164-166) concluiu que o factor que menos favorecia a marcação PL era o dos nomes regulares, aspecto que viria a ser corroborado por Guy (1981a:189). Este último viria ainda a indicar que os nomes terminados em *-s* e *-r* favoreciam a presença de PL (pr. 0,64). Scherre (1988:252) voltaria a referir que os itens em *-s* desfavorecem a presença PL (pr. 0,13) no MRJ, apresentando, por outro lado, valores favorecedores à inserção para os nomes em *-r* (pr. 0,70). Contudo, os nossos resultados praticamente confirmam os pressupostos de Ponte (1979) e Guy (1981a), já que os itens em *-s* favorecem acentuadamente a marcação (pr. 0,862), enquanto os elementos em *-r* (pr.

0,463) apresentam um peso de inserção de marcas praticamente igual ao dos itens regulares (pr. 0,491), com os valores de ambos situando-se próximos do patamar da neutralização PL (Tabela 23.1). Paralelamente, se compararmos os elementos em *-s* e *-r* entre si, constatamos que os primeiros são os que mais propiciam a marcação PL, contrariando a tendência observada no MRJ.

Convém ainda referir que, tal como referimos a propósito do estudo da variável independente *saliência fónica* (ponto 5.2.1 do presente trabalho), Naro & Lemle (1976:240-241) e Lemle & Naro (1977:47) haviam apresentado o Princípio da Saliência para justificar que as formas mais salientes, logo mais perceptíveis, detêm maior probabilidade de serem marcadas do que as formas menos salientes. Assim sendo, não surpreende que, nos nossos dados, os itens em *-s* e *-r* apresentem maior peso na inserção PL do que os itens regulares. Contudo, interessa aqui perceber porque é que, em algumas das realizações que envolvem o uso destes itens, vai ocorrer a inibição da pluralização, se bem que de forma escassa. E neste aspecto, tanto as Condições de Distintividade (Kiparsky, 1972:195), em termos de hipótese funcionalista, como o pressuposto de Guy (1981a:3001-302) de que a causa para a ocorrência da CPL-var no PB deverá ancorar nos substratos africanos, podem ajudar a trazer alguma luz à interrogação que subsiste. Assim, e nesta perspectiva, ter-se-á em conta quer o facto de a informação semanticamente relevante ter tendência para ser retida na estrutura de superfície (Kiparsky, 1972:195) quer a possibilidade de a marcação PL ocorrer na primeira oportunidade, por norma antes do nome núcleo do SN, evitando-se depois a sua repetição, por se tornar redundante.

As constatações avançadas por Braga (1977), Scherre (1988) e Lopes (2001) apontam todas para a influência de fenómenos do tipo superstratal no PB, ainda que Scherre (1988:257) admita que, no caso de a variação de número de marcas formais de PL no SN do MRJ “*estiver refletindo um processo de mudança linguística, certamente não será um tipo de mudança preconizada pelos neogramáticos, a qual se supõe altamente regular e não condicionada por fatores outros que não os fonéticos*”. Contudo, as explicações das autoras para justificarem a inibição das marcas de PL em termos de *contexto fonológico posterior* revelaram-se bastante incongruentes, motivando a nossa reflexão acerca das mesmas. No ponto 1.1 aludimos à evidência das influências

fonológicas dos substratos na L2, pelo que interessa verificar, então, até que ponto ocorrem interferências específicas do sistema fonológico dos substratos directos e ancestrais do PA neste, a ponto de afectarem os morfemas em final de palavra e, conseqüentemente, o seu sistema de marcação PL.

Ferraz (1979), para o santomense, Mingas (2000), para o PLd, Figueiredo (2003) e Inverno (2005), para o PVA, Gonçalves (1997) para o PMp e Azevedo (2003) para o PM, elencam uma série de interferências fonológicas em que ocorrem, na L2, transferências ou substituições de fonemas da LA por outros das L1's. No caso específico do santomense, Ferraz (1979:21-24) chama a atenção não só para o facto de o seu sistema consonantal ser marcadamente diferente do português mas também para a realidade de diversas ocorrências da fonologia do primeiro serem mais o espelho de realizações encontradas nos substratos africanos do que no PE. As consoantes líquidas vibrantes, por exemplo, não existem no santomense, estando sujeitas a fenómenos de síncope (exemplo [284]) e apócope (exemplo [285]), ou, em alternativa à sua troca pela líquida lateral /l/, isto é, ao lambdacismo (exemplo [286]).

[284]	FORRO: [dlete ] ↓ Ø	PTG: [dθRθter]	>	derreter	(Ferraz, 1979:22)
-------	------------------------------	-------------------	---	----------	-------------------

[285]	FORRO: [vεdε] ↓ Ø	PTG: [vθrdadθ]	>	verdade	(Ferraz, 1979:22)
-------	----------------------------	-------------------	---	---------	-------------------

[286]	FORRO: [fa <u>l</u> uza]	PTG: [fθRuʒē]	>	ferrugem	(Ferraz, 1979:23)
-------	-----------------------------	------------------	---	----------	-------------------

Estamos, evidentemente, perante o reflexo de ocorrências que acontecem na generalidade das línguas africanas atlântico-ocidentais, também desprovidas de vibrantes. Bentley (1967 [1887]), em trabalho levado a cabo em finais do séc. XIX, listou alguns empréstimos portugueses incorporados pelo kishikongo, no qual o fenómeno do lambdacismo é também evidente:

[287] KISHIKONGO:     PTG:  
           [kalutuzo]     [kɔrtuʃu] > cartucho (Bentley, 1967 [1887]:524)

Outros fenómenos do santomense que podem ainda ser plenamente ligados a realizações dos dialectos benue-congo e bantu (Ferraz, 1979:22) são:

- (i) a tendência dos falantes para, antes de [i] e [ə], palatalizarem as apicais [t], [d], [s] e [z] em [k], [g], [ʃ] e [ʒ];
- (ii) a propensão para os mesmos falantes despalatalizarem os fonemas palatais [k], [g], [ʃ] e [ʒ], quando estes ocorrem antes das outras vogais.

Ferraz (1979:54) refere ainda a semelhança destas duas últimas constatações com realizações discursivas encontradas no Brasil, mormente com as africadas que ocorrem na região nordestina. Perante os exemplos apontados pelo autor,<sup>187</sup> é difícil não encarar a possibilidade de estarmos aqui perante fenómenos que ancorarão nos substratos africanos, sendo o santomense, simultaneamente, testemunha viva e elo na transmissão linguística de fenómenos que iniciaram o seu trajecto em África, já em séculos vetustos, para aportarem em Terra de Santa Cruz.

A propósito destas ocorrências, é importante também registar que Ferraz (1979:24) aponta incorporações mais recentes que não revelam adaptação aos padrões fonológicos do santomense, constituindo excepções às regras do lambdacismo (exemplo [288]), palatalização (exemplo [289]) e despalatalização (exemplo [290]). Este aspecto vem provar que as gerações mais novas, à medida que se tornam bilingues, vão também incorporando alguns sons e regras da LA (Thomason & Kaufman, 1988:73-74), seja em virtude de pressões socioeconómicas seja pelo facto de o português se posicionar como L1 em ambiente de família:

[288]	FORRO: [ĩp <u>ɔ</u> rtãti]	PTG: [ĩpurtãtə]	>	importante (Ferraz, 1979:24)
[289]	FORRO: [di <u>ʃ</u> tinu]	PTG: [dɔʃtinu]	>	destino (Ferraz, 1979:24)
[290]	FORRO: [ãtigam <u>ʃ</u> te]	PTG: [ãtigamêtə]	>	antigamente (Ferraz, 1979:24)

Apesar de tudo, tais exceções não encobrem, de forma alguma, a realidade de determinadas ocorrências fonológicas representarem herança das realizações que acontecem nas L1's, nada tendo a ver com fenómenos registados na LA. Refira-se ainda que, no PA, são igualmente bastante comuns os fenómenos de lambdacismo, sobretudo nas gerações mais idosas (exemplos [211] e [291]), configurando-se aqui casos de fossilização temporária (ponto 2.10.4.1 do presente trabalho):

[291] *Ê nō vō **lepará** mais não* [MINISM3]  
 “Eu não vou reparar mais, não”

Outro dos fenómenos característicos do santomense que assenta nos substratos, mais propriamente nos idiomas do grupo níger-congo atlântico, como o kwa, é o da harmonização vocálica em duas sílabas consecutivas,<sup>188</sup> observado por Ferraz (1979:46) sob dois prismas: o fonémico e o morfofonémico. Segundo o autor, imensos exemplos do forro evidenciam que esta realização não só harmoniza as vogais átonas de acordo com o núcleo da sílaba tónica do português mas detém também preferência sobre os outros processos de assimilação em que há não-realização de fonemas, a ponto de, morfofoneticamente, acontecerem casos de inserção vocálica, como a epêntese (exemplo [292]) ou a paragoge (exemplo [293]), para proporcionar a ocorrência da harmonização:

[292]	FORRO:	PTG:			
	[kele]	[kɾer]	>	crer	(Ferraz, 1979:45)
	⊕				

[293]	FORRO:	PTG:			
	[liʔi]	[nari]	>	nariz	(Ferraz, 1979:45)
	⊕				

Dado que os falantes em ASL não recorrem à simplificação de formas, aplicam estratégias que visam retomar a estrutura da L1 (Tarone, 1978, 1995), recorrendo a epênteses ou paragoges para desmontarem encontros consonantais, um fenómeno que, ao que tudo indica, será regido por princípios universais no sentido de aplicar a estrutura silábica CV (Tarone, 1978:328). Desta forma, o recurso à harmonização vocálica possuirá também primazia sobre os fenómenos de síncope, como a haplologia, em que ocorre a queda, isto é, a não-realização da primeira de duas sílabas seguidas iniciadas por um mesmo fonema consonantal. E mais curiosamente: das três vogais portuguesas,

/a/, /e/ e /u/, aquela que mais frequentemente surge afectada pelo fenómeno da harmonização é precisamente a segunda, isto é, a vogal /e/, apontada nos exemplos de Scherre (1988:244) e Lopes (2001:231) para justificarem a haplologia. Como se pode ver ainda, o fenómeno de harmonização, enquanto inabilidade dos falantes em ASL para pronunciarem correctamente os sons da LA (Ellis & Beaton, 1995:164), conduziu a uma fossilização fonológica (Tarone, 1978, 1995; Levelt, 1989) que se mantém em diacronia e activa no PA (exemplos [294] e [295]), em virtude de os parâmetros desactivados das matrizes fonéticas não terem sido reactivados posteriormente (cf. Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashen, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003):

[294] PA:  
*dois **senhoro** e uma responsável de Centro.* [CLOTIM2]  
“dois senhores e uma responsável do Centro”.

[295] *vá pa mar pegá **vadoro*** [MANOH3]  
“vai para o mar pegar (apanhar) voadores”

Olhando para o exemplo “vezezele”, apontado por Lopes (2001:231) para justificar a haplologia, se o transportássemos para o santomense, enquanto substrato do PA, veríamos que estariam reunidas todas as condições para se proceder à harmonização vocálica do /e/ pertencente à sílaba que antecede a sílaba tónica, e nunca à síncope da sílaba na qual o mesmo está inserido. Mas a verdade é que os nossos dados revelam que, por vezes, há queda de fonemas nos casos apresentados. Continua por esclarecer, então, o que motiva tais fenómenos de supressão.

Configurando a epêntese uma estratégia para ajudar os falantes em ASL a pronunciarem os sons difíceis (Tarone, 1978, 1995), resulta num fenómeno comum na aquisição fonológica das L2's. Assim, a inserção epentética faz com que o fenómeno se configure como potenciador da fossilização fonológica (Tarone, 1978, 1995). Mas, a nível morfofonémico, as epênteses ou paragoges têm ainda outra finalidade: possibilitar a construção da estrutura silábica padrão da L1 (Tarone, 1978:328), ou seja, a estrutura dissilábica CVCV, no caso do santomense. Como se verifica, este tipo de estrutura silábica representa uma simplificação em comparação com as do português, embora reflecta igualmente traços da estrutura deste. Não obstante, é também óbvio, segundo

Ferraz (1979:26), o espelho, no santomense, de estruturas silábicas de determinadas línguas do grupo níger-congo atlântico, como o kwa ou o binji. Cole (1955:229) referiu-se à estrutura dissilábica CVCV das línguas bantu, apontando-a como sendo a que opera na grande maioria do radical das palavras. Deste modo, as estruturas silábicas mais complexas que se encontram no santomense têm como origem, normalmente, o português. Ainda assim, é comum encontrarem-se no santomense palavras que, em português, possuem mais de duas sílabas, mas que foram reduzidas à estrutura dissilábica CVCV, no seu processo de incorporação:

[296] FORRO:                   PTG:  
       [buya]                   [ẽbruɫar]       >       embrulhar (Ferraz, 1979:36)

[297] FORRO:                   PTG:  
       [pɔsõ]                   [puvwasãw] >       povoação Ferraz, 1979:25)

A este propósito, lembremos que Tarone (1978, 1995), ao abordar a estrutura silábica de determinadas línguas, considerou também a hipótese de o fenómeno da fossilização fonológica assentar, muitas vezes, na transferência da estrutura silábica da L1, já que o aprendiz da L2, guiado pela formação psicológica de hábito, revela tendência para adaptar a estrutura silábica da LA à da L1. A fossilização diacrónica deste fenómeno será mesmo uma realidade, já que detectámos a sua ocorrência no PA (exemplos [270] e [298]), a fim de se obter a estrutura dissilábica, sobretudo entre os falantes mais idosos da comunidade. Por outro lado, o fenómeno marca também presença em variedades rurais do Brasil (p.e. *árvore* > *arve*) (Scherre, 1988:90) tendo a autora procurado justificá-lo em termos de instabilidade revelada pelos proparoxítonos. No entanto, o que se verifica é que estes itens incorporados do português foram regularizados por aprendentes africanos do PtgL2 segundo a estrutura dissilábica das línguas do substrato níger-congo atlântico, tendo a sua forma reduzida transitado, posteriormente, para as variedades reestruturadas de português:

[298] PA:  
       *A crima nõ stá judar arve* [ABILH2]  
       “o clima não está a ajudar as árvores”

O exemplo [270] mostra que a tendência para a fossilização se acentua quando se conjugam uma série de factores internos e externos, tornando o fenómeno, por vezes,

irreversível: (i) síncope do [r], enquanto som inexistente nas línguas africanas atlântico-ocidentais e consequente inabilidade psicológica de produzir uma nova fonologia (Tarone, 1978, 1995; Ellis & Beaton, 1995), que leva à interferência do sistema fonológico da L1 na L2; (ii) apócope do *-s* final, marca de PL, por transferência do sistema de pluralização das ancestrais L1's africanas (Guy, 1981a:301-302), que apenas marcam o número no classificador pré-nominal, permanecendo os radicais das palavras inalterados; (iii) estratégia fonética para articulação de encontros fonológicos mais complexos, guiada pela tendência/preferência universal pela sílaba estruturada na forma CV (Tarone, 1972:328); iv) e transferência da estrutura dissilábica padrão da L1, tendo em conta que a L2 é construída a partir do sistema da L1 previamente adquirida (Schwartz & Sprouse, 1996; Sprouse & Vance, 1999; Siegel, 2006; Sprouse, 2006). Por fim, a fossilização mantém-se em diacronia, em virtude de ocorrer transmissão linguística irregular e não se terem refixado, na L2, os parâmetros desactivados das matrizes fonéticas (Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashen, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003) nem se terem erradicado determinados parâmetros presentes nas ancestrais L1's e no PtgL1 adquirido defectivamente (Hale, 1988:32; Gonçalves, 2004:235).

Em alguns dos exemplos apresentados em que acontece o apagamento parcial da forma *-es* PL, ou seja, os números [271], [272], [273], [275] e [282], verifica-se que ocorre a construção silábica ao encontro da estrutura dissilábica padrão CVCV não só do santomense mas também das línguas binji e kwa. Assim, poderá residir aqui uma das explicações para o fenómeno que apaga apenas o /s/ final, principalmente em realizações em que o *contexto fonológico seguinte* é representado por uma pausa, seja ela interna seja final. Porém, continuámos sem uma resposta acerca das motivações que levam aos outros metaplasmos, fazendo com que os monossílabos do tipo de “mês” e os dissílabos de estrutura silábica CVCVC, do tipo de “mulher”, permaneçam inalterados.

Em resumo: para se perceber quais os contextos fonológicos seguintes que motivariam os apagamentos parciais ou totais do *-es* final em itens singulares terminados em *-s* e *-r*, verificámos que quer a haplogia sintáctica, postulada por Scherre (1988:244) e corroborada por Lopes (2001:239) ou Baxter (2004:112), quer a assimilação regressiva, advogada por Braga (1977:72) e secundada por Scherre

(1988:255) ou Baxter (2004:112), não concedem resposta plenamente justificativa para as síncopes em questão. Face ao facto de tais itens enquadrarem realizações cuja *saliência fónica* é bastante acentuada, logo com tendência a serem mais marcadas, tentámos buscar nos substratos as motivações que subjazem às inibições em questão, uma vez que têm sido comprovadas as suas interferências fonémicas e morfofonémicas em L2's que emergem do contacto entre línguas tipologicamente distintas, mesmo em palavras incorporadas da LA. O fenómeno do lambdacismo e a estrutura dissilábica padrão CVCV do santomense e línguas de substrato africanas forneceram-nos uma possibilidade de resposta para se justificarem algumas das ocorrências analisadas, principalmente quando acontecem marcações parciais que originam itens do tipo de “mese”. Contudo, como prevalece o impasse sobre o que poderá estar a motivar os restantes casos de inibição, decidimos dirigir a nossa atenção para outras possibilidades, isto é, outras variáveis que poderão estar a correlacionar forças com os fenómenos analisados, gerando as síncopes apontadas. Como tal, abstraímos-nos do *contexto fonológico seguinte* e passámos a observar as marcas que precedem os itens afectados pelo fenómeno do apagamento PL, total ou parcial, a fim de verificarmos a possibilidade de a motivação para a inibição PL ancorar nestas. Em mente, mantivemos também a Condição de Distintividade advogada por Kiparsky (1972:195), que defende que a informação semanticamente relevante tem tendência a ser retida na estrutura de superfície. Estes e outros aspectos serão discutidos em etapa posterior do nosso trabalho, mais propriamente no ponto 5.2.3.11, que observará a influência das *marcas precedentes* na marcação PL dos itens terminados em *-s* e *-r* no singular.

#### **5.2.3.10.2. Efeito do *contexto fonológico posterior* na *saliência fónica*, englobando consoantes segundo os traços de classe principal, para a marcação PL dos itens do SN**

Continuando a análise das questões relacionadas com o grupo de factores *contexto fonológico posterior*, efectuámos mais rodadas VARBRUL, a fim de se poder observar os possíveis efeitos desta variável independente na marcação PL dos itens morfológicamente distintos. O peso que os traços de classe principal das consoantes exercem sobre os elementos que pluralizam regularmente ou com inserção de *-es* final constitui, assim, o passo seguinte do nosso estudo. Para obtenção dos resultados das

rodadas que visaram obter os valores por estrato etário, foram retirados os itens com menos de 30 realizações. Os resultados destas rodadas VARBRUL podem ser vistos na Tabela 25.12.

**Tabela 25.12.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo os traços de classe principal), na marcação PL da *saliência fónica*.

<i>Input desta rodada:</i> 0,454		<i>Log-likelihood:</i> -994,532			<i>Significância:</i> 0,006		
<i>Contexto fonológico posterior</i>		PL's regulares			PL's nasais (regulares)		
X		Nr. total	%	Peso relativo	Nr. total	%	Peso relativo
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		98/240	41	0,632	(2/7)	29	-
Pausa interna		75/286	26	0,492	(5/20)	25	-
Vogais		191/399	56	0,471	(9/20)	45	-
Consoantes soantes		93/178	52	0,400	(5/11)	46	-
Consoantes não-soantes		538/917	59	0,432	46/86	54	0,527

<i>Contexto fonológico posterior</i>		Singulares <i>-r e -s</i>		
X		Nr. total	%	Peso relativo
<i>Saliência fónica</i>				
Pausa final		27/35	77	0,958
Pausa interna		(18/27)	68	-
Vogais		24/36	67	0,888
Consoantes soantes		(8/16)	50	-
Consoantes não-soantes		27/52	52	0,837

Os itens regulares continuam a ter na pausa final o seu mais forte factor de favorecimento à inserção de PL (pr. 0,632). Por seu lado, todos os outros factores apresentam tendências inibidoras, apesar de roçarem o plano da neutralidade. Ao analisar-se a dicotomia itens com inserção final de PL *-s versus* itens com inserção final de PL *-es*, dois aspectos são de reter em linha de conta: (i) a hierarquia do favorecimento e/ou inibição de marca PL não se altera; (ii) a pausa interna, apesar de ser o segundo elemento mais propiciador da inserção PL, deixa de possuir um peso favorecedor, para se tornar mais neutra e apresentar um valor que inibe muito ligeiramente a marcação PL (pr. 0,492). Como tal, todos os outros factores são também inibidores da marcação, embora em valores próximos da neutralidade. As vogais (pr. 0,471) continuam a propiciar mais a marcação do que as consoantes e, entre estas, as soantes apresentam-se como as que mais inibem a marcação (pr. 0,400). Por seu lado, as

consoantes não-soantes são o segundo elemento mais inibidor da pluralização nos itens regulares (pr. 0,432).

À primeira vista, poderia pressupor-se que a consoante /r/, por ser uma soante, favorece mais a inibição PL do que o /s/, uma consoante não-soante. Todavia, verificámos já que uma outra soante, o /l/, é a que mais inibe a inserção de número. Assim sendo, o valor do factor consoantes soantes pode estar a ser condicionado pelas realizações dos itens que terminam nesta consoante. Infelizmente, não detemos também um número de ocorrências consistente de consoantes soantes em *contexto fonológico seguinte* para verificar como as mesmas actuam na inserção do PL *-es*. Não obstante, é possível constatar que, também nos itens singulares terminados em *-s* e *-r*, continuam a ser as consoantes que menos propiciam a marcação PL, neste caso as não-soantes (pr. 0,837). Seguidamente, o factor que mais favorece a inserção da pluralização é o das vogais (pr. 0,888), antecedendo o peso da pausa final, que se mostra como o elemento que mais categoricamente favorece à inserção (pr. 0,958). Por seu lado, a pausa interna não apresentou realizações que nos permitissem observar a sua hierarquia no que respeita ao proporcionamento da marcação PL. Pode observar-se, isso sim, que os contextos fonológicos posteriores continuam a aparentar um forte favorecimento da inserção PL em itens terminados em *-s* e *-r* no singular.

Relativamente aos itens que admitem a pluralização nasal regular, apenas se obtiveram resultados para as consoantes não-soantes. Estas actuam de modo praticamente neutro sobre a marcação PL, mas favorecendo ligeiramente a inserção da marca (pr. 0,527).

#### **5.2.3.10.3. Efeito do *contexto fonológico posterior na saliência fónica, englobando consoantes segundo os traços coronal e não-coronal, para a marcação PL dos itens do SN***

A observação do peso dos traços de cavidade das consoantes na pluralização dos itens regulares ou terminados em *-s* e *-r* foi seguidamente analisada por nós, conforme Tabela 25.13. Para obtenção dos resultados desta tabela foram retirados os itens que perfazem menos de 30 ocorrências.

A análise contrastiva entre itens que constroem o PL de modo regular e aqueles que o fazem com inserção de *-es* em final de palavra forneceu-nos valores que revelam uma

ligeira alteração, em termos de hierarquia dos factores que favorecem a pluralização. Assim, enquanto a pausa final (elemento mais favorecedor da marcação = pr. 0,630), as vogais (segundo elemento menos favorecedor da inserção PL = pr. 0,464) e as consoantes coronais (elemento que menos favorece a marcação = pr. 0,329) mantêm os seus lugares hierárquicos no que concerne ao propiciamento da marcação, ocorre uma alternância de posições entre a pausa interna e as consoantes não-coronais. Estas mantêm praticamente o valor ligeiramente favorável à pluralização já anteriormente verificado (rodada geral pr. 0,522 – Tabela 25.6; rodada contrastiva pr. 0,509 – Tabela 25.13), mas a pausa interna vê decrescer o peso propiciador da marcação (pr. 0,533 – Tabela 25.6) que a colocava no segundo lugar do favorecimento à inserção PL, transitando agora para um patamar ligeiramente inibidor e situado no terceiro posto na hierarquia da inserção PL (pr. 0,469 – Tabela 25.13).

**Tabela 25.13.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo os traços coronal e não-coronal), na marcação PL da *saliência fónica*.

<i>Input desta rodada:</i> 0,458		<i>Log-likelihood:</i> -982,980			<i>Significância:</i> 0,004		
<i>Contexto fonológico posterior</i>		PL's regulares			PL's nasais (regulares)		
X		Nr. total	%	Peso relativo	Nr. total	%	Peso relativo
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		98/240	41	0,630	(2/7)	29	-
Pausa interna		75/286	26	0,469	(5/20)	25	-
Vogais		191/399	56	0,464	(9/20)	45	-
Consoantes não-coronais		438/655	67	0,509	26/44	59	0,564
Consoantes coronais		193/440	44	0,329	25/53	47	0,455
<i>Contexto fonológico posterior</i>		Singulares <i>-r</i> e <i>-s</i>					
X		Nr. total	%	Peso relativo			
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		27/35	77	0,957			
Pausa interna		(18/27)	67	-			
Vogais		24/36	67	0,886			
Consoantes não-coronais		(14/27)	52	-			
Consoantes coronais		21/41	51	0,818			

Relativamente aos singulares terminados em *-s* e *-r*, continua a verificar-se que todos os factores são bastante favoráveis à inserção de pluralização. A pausa final conserva a sua liderança, traduzida num favorecimento categórico da marcação (pr. 0,957), logo

seguida das vogais (pr. 0,886) e das consoantes coronais (pr. 0,818). A pausa interna e as consoantes não-coronais registam ocorrências que não permitem fornecer resultados em termos de pesos (27 realizações), mas o valor percentual de marcação é superior para a primeira (18 itens marcados = 67%) e inferior para as segundas (14 itens marcados = 52%).

Os itens nasais regulares apenas forneceram resultados para as consoantes. Apesar de tudo, a tendência para estas propiciarem a marcação segue o padrão dos plurais regulares, com as consoantes não-coronais a favorecerem muito ligeiramente a inserção do PL (pr. 0,564) e as coronais a inibirem-na suavemente (pr. 0,455).

#### **5.2.3.10.4. Efeito do *contexto fonológico posterior na saliência fónica, englobando consoantes segundo o modo de articulação, para a marcação PL dos itens do SN: 6 factores***

A forma como o modo de articulação das consoantes influencia a marcação PL nos itens regulares e singulares acabados em *-s* e *-r* concedeu o mote para o próximo passo das nossas constatações. Uma primeira rodada VARBRUL foi efectuada, agrupando as consoantes em três factores, de acordo com a Tabela 25.14. Nesta rodada não foram processados os itens que perfazem menos de 30 realizações.

Os resultados mantiveram a hierarquia de propiciamento à marcação PL verificada na rodada geral (Tabela 25.7). Contudo, a pausa final revela-se agora como o único factor que favorece a marcação (pr. 0,634), acabando os restantes factores por inibi-la. Como tal, a pausa interna deixa de propiciar positivamente a marcação (pr. 0,539 – Tabela 25.7) para a desfavorecer, embora de modo quase neutro (pr. 0,474). O terceiro elemento mais propiciador da marcação continua a ser o factor das vogais (pr. 0,465), sobrepondo-se a todo o tipo de consoantes, segundo o seu modo de articulação. Entre estas confirma-se o seguinte paralelo: quanto mais forte é a obstrução à passagem da corrente de ar na cavidade bucal, menor é a inibição verificada. Assim, o peso consonantal de não favorecimento à pluralização começa por ser menor com as obstruintes oclusivas (pr. 0,440), para aumentar com as obstruintes constrictivas (pr. 0,403) e tornar-se já consideravelmente acentuado com as soantes líquidas (pr. 0,368).

**Tabela 25.14.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo o modo de articulação), na marcação PL da *saliência fónica*: 6 factores.

<i>Input desta rodada:</i> 0,454		<i>Log-likelihood:</i> -996,453			<i>Significância:</i> 0,006		
<i>Contexto fonológico posterior</i>		<b>PL's regulares</b>			<b>PL's nasais (regulares)</b>		
<b>X</b>		<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		98/240	41	0,634	(2/7)	29	-
Pausa interna		75/286	26	0,474	(5/20)	25	-
Vogais		191/339	56	0,465	(9/20)	45	-
Obstruintes oclusivas		506/859	59	0,440	39/72	54	0,526
Obstruintes constrictivas		96/190	51	0,403	(10/20)	50	-
Soantes líquidas		29/46	63	0,368	(2/5)	40	-

<i>Contexto fonológico posterior</i>		<b>Singulares –r e –s</b>		
<b>X</b>		<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<i>Saliência fónica</i>				
Pausa final		27/35	77	0,956
Pausa interna		(18/27)	40	-
Vogais		24/36	67	0,886
Obstruintes oclusivas		24/47	51	0,797
Obstruintes constrictivas		(10/18)	56	-
Soantes líquidas		(1/3)	33	-

O peso da inibição consonantal parece diminuir à medida que a *saliência fónica* se acentua. Assim, as obstruintes oclusivas tornam-se já um factor que favorece ligeiramente a inserção PL em itens nasais regulares (pr. 0,526), favorecimento esse que se acentua bastante nos elementos terminados no singular em *–s* e *–r* (pr. 0,797). Apesar de tudo, este aspecto não pode ser totalmente verificado, já que não se obtiveram valores para as restantes consoantes, quer sejam dos primeiros itens quer sejam dos segundos. Ainda relativamente aos elementos terminados no singular *–s* e *–r*, é possível apenas confirmar que todos os factores que concederam valores para a análise continuam a favorecer fortemente a inserção PL, com a pausa final, uma vez mais, a liderar tal favorecimento (pr. 0,956), logo secundada pelas vogais (0,886). Para a pausa interna também não se obtiveram resultados, visto possuímos apenas 27 realizações.

#### **6.2.3.10.5. Efeito do *contexto fonológico posterior* na *saliência fónica*, englobando consoantes segundo o modo de articulação, para a marcação PL dos itens do SN: 7 factores**

Após análise sobre a maneira como o modo de articulação das consoantes actua, de modo geral, na marcação PL dos itens regulares e singulares acabados em *-s* e *-r*, passámos a observar, de forma mais minuciosa, como esta se processa. Assim, constituíram-se quatro factores de acordo com as subcategorias consonantais e procedeu-se a mais uma rodada VARBRUL, cujos resultados se encontram expressos na Tabela 25.15. De acordo com a metodologia que temos vindo a aplicar, mais uma vez não foram processados os elementos que perfazem menos de 30 ocorrências.

Relativamente aos itens que pluralizam de modo regular, continua a verificar-se que a pausa interna se assume como o único elemento favorecedor da marcação PL (pr. 0,634). Em termos de propiciamento da marcação, mas já no patamar da ligeira inibição, seguem-se-lhe a pausa interna (pr. 0,474) e vogais (pr. 0,467), ambas com pesos superiores aos de todas as consoantes. Entre estas, mais uma vez se confirma que a obstrução da passagem do ar no tracto bucal é um elemento que leva a propiciar mais a marcação. Desta forma, oclusivas orais (pr. 0,447) e oclusivas nasais (pr. 0,416) vão apresentar um valor de inibição inferior ao das constrictivas fricativas (pr. 0,405). Lembre-se que a rodada geral, com 7 factores segundo o modo de articulação das consoantes (Tabela 25.8), nos havia fornecido valores que contrariavam ligeiramente esta tendência (oclusivas nasais = pr. 0,407; constrictivas fricativas = pr. 0,437). Agora, o padrão é novamente repostado para os itens cujos plurais são regulares, pelo que não residirá nestes a motivação que levou a tal flutuação. Infelizmente, como veremos já de seguida, não obtivemos valores para confirmar se esta se fica a dever aos elementos que pluralizam com a inserção final de *-es* ou aos itens nasais que formam o PL com acréscimo de *-s* final. Resta, apenas referir que, ainda no concernente aos itens de pluralização regular, se confirma que o elemento mais condicionador da inserção PL é, uma vez mais, a líquida lateral [l] (pr. 0,276).

Em termos de itens que pluralizam com inserção de *-es* final, mais uma vez parece confirmar-se que, qualquer que seja o seu *contexto fonológico posterior*, a tendência é para serem bastante marcados. Assim, a pausa final favorece de novo, e categoricamente, a inserção PL (0,956), sendo secundada pelas vogais (pr. 0,887) e pelas

consoantes oclusivas orais (0,801). Para as restantes consoantes e pausa interna não se obtiveram resultados, devido ao seu reduzido número de realizações.

**Tabela 25.15.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo o modo de articulação), na marcação PL da *saliência fónica*: 7 factores.

<i>Input desta rodada</i> : 0,451		<i>Log-likelihood</i> : -996,725			<i>Significância</i> : 0,006		
<i>Contexto fonológico posterior</i>		PL's regulares			PL's nasais (regulares)		
X		Nr. total	%	Peso relativo	Nr. total	%	Peso relativo
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		98/240	41	0,634	(2/7)	29	-
Pausa interna		75/286	26	0,474	(5/20)	25	-
Vogais		191/339	56	0,467	(9/20)	45	-
Obstruintes oclusivas orais		442/727	61	0,447	36/66	55	0,558
Obstruintes oclusivas nasais		64/132	49	0,416	(3/6)	50	-
Obstruintes constritivas fricativas		96/190	51	0,405	(10/20)	50	-
Soante líquida lateral		18/32	56	0,276	(0/3)	0	-
<i>Contexto fonológico posterior</i>		Singulares <i>-r e -s</i>					
X		Nr. total	%	Peso relativo			
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		27/35	77	0,956			
Pausa interna		(18/27)	67	-			
Vogais		24/36	67	0,887			
Obstruintes oclusivas orais		17/34	50	0,801			
Obstruintes oclusivas nasais		(7/13)	54	-			
Obstruintes constritivas fricativas		(10/18)	56	-			
Soante líquida lateral		(1/3)	33	-			

Os itens nasais que pluralizam de modo regular apenas apresentaram valores para as oclusivas orais, sendo os mesmos levemente favorecedores da marcação (pr. 0,558). Uma vez mais, este aspecto levanta a possibilidade de haver tendência para se marcar mais a pluralização em itens de maior *saliência fónica*.

**5.2.3.10.6. Efeito do *contexto fonológico posterior* na *saliência fónica*, englobando consoantes segundo as zonas de articulação, para a marcação PL dos itens do SN**

A pormenorização das nossas análises levou-nos a observar, seguidamente, o modo como as zonas de articulação podem influenciar a marcação PL em itens morfológicamente distintos. A Tabela 25.16 fornece-nos uma visão dos factores constituídos, bem como a leitura dos resultados desta rodada VARBRUL, na qual não foram processados os itens com menos de 30 realizações:

**Tabela 25.16.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo as zonas de articulação), na marcação PL da *saliência fónica*.

<i>Input desta rodada: 0,445</i>		<i>Log-likelihood: -989,959</i>			<i>Significância: 0,006</i>		
<i>Contexto fonológico posterior</i>		<b>PL's regulares</b>			<b>PL's nasais (regulares)</b>		
<b>X</b>		<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		98/240	41	0,640	(2/7)	29	-
Pausa interna		75/286	26	0,480	(5/20)	25	-
Vogais		191/339	56	0,472	(9/20)	45	-
Labiais		183/283	65	0,438	(6/12)	50	-
Dentais		163/358	46	0,384	23/46	50	0,524
Alveolares		62/123	50	0,287	(5/13)	39	-
Palatais		212/317	70	0,569	(15/24)	63	-
<i>Contexto fonológico posterior</i>		<b>Singulares -r e -s</b>					
<b>X</b>		<b>Nr. total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>			
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		27/35	77	0,957			
Pausa interna		(18/27)	67	-			
Vogais		24/36	67	0,886			
Labiais		(10/14)	71	-			
Dentais		(12/28)	43	-			
Alveolares		(5/10)	50	-			
Palatais		(8/16)	50	-			

Os valores obtidos mostram-nos que o padrão geral observado na Tabela 25.9 se repete com os itens de pluralização regular. Assim, apenas dois factores favorecem positivamente a marcação PL: a pausa final (pr. 0,640) e as consoantes palatais (0,569).

Ainda assim, e apesar de manter a sua posição hierárquica, isto é, surgir como o terceiro elemento mais propiciador da pluralização, a pausa interna deixa de favorecer esta de maneira positiva (pr. 0,539 – Tabela 25.9) e cai para valores ligeiramente inibidores (pr. 0,480). Quanto às vogais, apresentam resultados mais propiciadores à marcação do que todas as restantes consoantes (pr. 0,472). Estas, por sua vez, mantêm a escala hierárquica de inibição já verificada anteriormente, que se traduz, em termos crescentes, na seguinte ordem: consoantes labiais, levemente inibidoras (pr. 0,438); consoantes dentais, moderadamente inibidoras (pr. 0,384); e consoantes alveolares, acentuadamente inibidoras (pr. 0,287).

Guy (1981a:166) e Scherre (1988:254) também analisaram a influência das zonas de articulação das consoantes em *contexto fonológico seguinte* na marcação PL dos itens regulares. Para tanto, os autores constituíram um único factor para as dentais e alveolares. Nenhum deles forneceu valores para as palatais, tendo a segunda decidido não as analisar, devido ao fenómeno da neutralização que ocorre no português (Câmara Jr., 1975:83-84). Por conseguinte, não nos é possível estabelecer comparações com estas consoantes. Já o mesmo não acontece em relação às labiais, que nos dados dos autores apresentam um ligeira tendência para inibirem a marcação (Guy, 1981a = pr. 0,49; Scherre, 1988 = pr. 0,44), tal como acontece nas realizações do nosso *corpus* (pr. 0,438). Relativamente às dentais e alveolares, a tendência dos resultados de Guy (1981a) e Scherre (1988) é para a quase neutralização da marcação PL (0,48 e pr. 0,49, respectivamente), enquanto nas nossas ocorrências, quer umas quer outras, apresentam propensão para a inibição da pluralização (dentais = pr. 0,384; alveolares = pr. 0,287).

Infelizmente não se obtiveram quaisquer resultados para observar como é que as zonas de articulação das consoantes agem sobre os itens terminados em *-s* e *-r*, já que as realizações do PA se dispersaram bastante entre as diferentes zonas. Assim, apenas se conseguiram resultados para a pausa final (pr. 0,957) e vogais (pr. 0,886), com ambos os factores a favorecerem fortemente a marcação PL, uma vez mais.

Idêntico problema se pôs para os itens nasais que realizam plurais de modo regular, uma vez que se obtiveram valores unicamente para as consoantes dentais (pr. 0,524). Estas, ao contrário dos itens regulares, favorecem ligeiramente a marcação PL, apesar de se situarem no nível da neutralidade.

### 5.2.3.10.7. Efeito do *contexto fonológico posterior* na *saliência fónica*, englobando consoantes segundo os pontos de articulação, para a marcação PL dos itens do SN

O passo final das nossas análises teve como objectivo constatar a forma como os pontos de articulação interagem com itens morfológicamente distintos, no que diz respeito à influência da marcação PL destes, seguindo o mesmo critério de constituição de factores estabelecido no ponto 5.2.3.9. A Tabela 25.17 dá-nos um retrato quer dos factores constituídos quer dos valores obtidos com o tratamento dos dados.

**Tabela 25.17.** Efeito do *contexto fonológico posterior* (englobando consoantes segundo os pontos de articulação), na marcação plural da *saliência fónica*.

<i>Input desta rodada:</i> 0,444		<i>Log-likelihood:</i> -986,563			<i>Significância:</i> 0,008		
<i>Contexto fonológico posterior</i>		PL's Regulares			PL's Nasais (Regulares)		
X		Nr. total	%	Peso relativo	Nr. total	%	Peso relativo
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		98/240	41	0,638	(2/7)	29	-
Pausa interna		75/286	26	0,479	(5/20)	25	-
Vogais		191/339	56	0,472	(9/20)	64	-
Consoantes ápico-dentais		121/288	42	0,345	19/38	50	0,519
Consoantes ápico-alveolares		62/123	50	0,289	(5/13)	39	-
Ápico-palatais		10/29	35	0,435	(1/2)	50	-
Consoantes bilabiais		183/283	65	0,439	(6/12)	50	-
Consoantes lábio-dentais		42/70	60	0,538	(4/8)	50	-
Consoantes dorso-velares		202/288	70	0,589	(14/22)	64	-
<i>Contexto fonológico posterior</i>		Singulares –r e –s					
X		Nr. total	%	Peso relativo			
<i>Saliência fónica</i>							
Pausa final		27/35	77	0,957			
Pausa interna		(18/27)	67	-			
Vogais		24/36	67	0,884			
Consoantes ápico-dentais		(11/24)	46	-			
Consoantes ápico-alveolares		(5/10)	50	-			
Ápico-palatais		(5/7)	71	-			
Consoantes bilabiais		(10/14)	71	-			
Consoantes lábio-dentais		(1/4)	25	-			
Consoantes dorso-velares		(3/9)	33	-			

Para efeitos de obtenção de resultados que permitam comparações com os da Tabela 25.10, optámos por incluir nos plurais regulares o factor das áptico-palatais, ainda que estas registem apenas 29 realizações. Na tabela anterior é possível verificar que três factores favorecem a marcação PL dos itens regulares, de acordo com a seguinte ordem decrescente de influência: pausa final (pr. 0,638), consoantes dorso-velares (pr. 0,589) e consoantes lábio-dentais (0,538). Note-se que a pausa interna, que surgia como o terceiro elemento que mais favorecia a inserção nos dados gerais (pr. 0,538 – Tabela 25.10), desce agora para o patamar da ligeira inibição (pr. 0,479). Exceptuando as consoantes já mencionadas, todas as outras apresentam valores inibidores da marcação mais fortes do que as vogais, as quais exibem um peso moderadamente desfavorável à pluralização (pr. 0,472). Os pressupostos que avançámos acerca do modo como os pontos de articulação poderão influenciar a marcação PL (ponto 5.2.3.9) encontram aqui eco, já que apicais, uma vez mais, se assumem como os elementos mais inibidores da inserção (pr. ápico-dentais = 0,345; pr. ápico-alveolares = 0,289). Note-se que, de novo, o peso inibidor das apicais é atenuado pela zona palatal, levando a que as áptico-palatais (pr. 0,435) e as bilabiais (pr. 0,439) apresentem um teor de inibição muito aproximado, caminhando para o ponto da neutralidade.

Guy (1981a:166) e Scherre (1988:254) analisaram também o comportamento das velares em itens regulares, concluindo que as mesmas apresentam, tal como no PA (pr. 0,589), tendência para favorecerem a marcação em valores que se aproximam bastante dos obtidos por nós (pr. 0,54 e pr. 0,56, respectivamente).

Os resultados apresentados tanto para os itens nasais que formam o PL de forma regular como para os elementos que o produzem com inserção de *-es* final revelaram-se pouco esclarecedores, dada a escassez de ocorrências. Assim, para os primeiros apenas se obteve o peso relativo das consoantes ápico-dentais, que deixa de ser acentuadamente inibidor para passar a ligeiramente favorecedor da marcação PL (pr. 0,519). Este aspecto vem realçar, de novo, a tendência para os falantes marcarem os itens de maior *saliência fónica*, o que se confirma com os elementos que realizam a pluralização com inserção de *-es* final. Ainda assim, para estes somente se apuraram resultados relativamente à pausa final (pr. 0,957) e vogais (pr. 0,884), ambas favorecendo fortemente a marcação PL.

Das várias rodadas que efectuámos para perceber como o *contexto fonológico seguinte* pode influenciar a marcação PL em itens morfológicamente distintos, alguns aspectos se tornaram evidentes, se bem que não tivéssemos obtido dados para todos os factores envasados quer nos itens nasais que pluralizam regularmente quer nos elementos que constituem o PL com inserção de *-es* final. De qualquer forma, é possível inferir que a marcação se acentua nos itens de *saliência fónica* mais perceptível, tornando-se altamente elevada quando os elementos finalizam no singular em *-s* ou *-r*, independentemente do tipo de *contexto fonológico posterior*. Se este se traduzir em vogal, o peso de marcação é bastante significativo para os elementos que pluralizam com inserção de *-es* final, variando entre 0,884 e 0,888 (cf. Tabelas 25.12 a 25.17). Quanto a nós, estes valores reforçam a possibilidade de as motivações que conduzem aos apagamentos parciais ou totais do *-es* final em itens singulares terminados em *-s* e *-r* não ancorarem no *contexto fonológico seguinte* traduzido por vogal. Como tal, os pesos significativos de marcação retiram também força ao pressuposto de tais sínopes assentarem no fenómeno da haplogogia sintáctica postulada por Scherre (1988:251-252).

Analisando agora o comportamento das consoantes em *contexto fonológico seguinte* no que respeita ao favorecimento ou não da marcação PL, e face ao pressuposto da possível assimilação regressiva defendida por Braga (1977:72), é possível verificar que os valores obtidos nas referidas tabelas, quando viáveis, apontam também para um favorecimento significativo, embora inferior ao das vogais. Incidindo a nossa atenção nas realizações que possam conduzir à assimilação, constata-se que o /s/ em final de palavra apenas se pode realizar como coronal não-soante, seja ele o segmento [s] (fricativa, alveolar, surda), o segmento [ʃ] (fricativa, palatal, surda), o segmento [z] (fricativa, alveolar, sonora), ou o segmento [ʒ] (fricativa, palatal, sonora). Se bem que para os modos, zonas e pontos de articulação não se tenham obtido valores relativamente a este tipo de consoantes, é possível verificar que as coronais em contexto posterior favorecem acentuadamente a marcação PL nos itens antecedentes terminados em *-s* ou *-r* (pr. 0,818 – Tabela 25.13), como também o favorecem categoricamente as consoantes não-soantes (pr. 0,837 – Tabela 25.12). Relativamente aos traços de fonte (Tabela 25.11), quer as surdas (pr. 0,827) quer as sonoras (pr. 0,832) surgem também como elementos bastante favorecedores da inserção PL nos elementos que pluralizam com

acrescento de *-es* no seu final. Desta forma, parece reforçada a nossa intuição de que também não estaremos perante casos de assimilação quando acontecem as síncopes totais ou parciais que afectam a terminação PL *-es* dos itens singulares em *-s* e *-r*.

Com a análise dos resultados das variáveis independentes do tipo fonológico procurámos entender pormenorizadamente as motivações que poderão levar à inibição PL registada por itens terminados em *-s* e *-r* no singular, tendo essa procura incidido sobre as ligações que os mesmos estabelecem com o *contexto fonológico seguinte*. Como se verificou também, este, por si só, não concede resposta satisfatória para a totalidade dos apagamentos detectados. Assim sendo, optámos por confirmar se tais motivações terão a ver com outros factores, que não os observados. Nesta conformidade, dirigimos a nossa atenção para a variável independente *marcas precedentes*, encarando como princípio orientativo a possibilidade de tais inibições reflectirem apenas a funcionalidade da língua apontada por Kiparsky (1972:195), pressupondo-se que o falante retém unicamente a informação relevante, descartando aquilo que é dispensável. Portanto, o que poderá estar a acontecer é, tão-somente, o fenómeno que ancora nos substratos africanos de se marcar o PL na primeira oportunidade (cf. Guy, 1981a:131-132), ocorrendo depois o apagamento formal da pluralidade nos elementos seguintes, em virtude de esta se tornar redundante (Kiparsky, 1972:195; Castro & Ferrari-Neto, 2007:75).

#### **5.2.3.11. Efeito das *marcas precedentes* na *saliência fónica***

A presente rodada não surge englobada no ponto 5.2.1, no qual se analisa o efeito da variável *saliência fónica* na marcação PL dos itens do SN do PA, visto, naquela etapa do nosso trabalho, a mesma não encadear de modo lógico nas considerações que temos vindo a tecer acerca das motivações que poderão subjazer à inibição PL revelada pelos itens terminados em *-s* e *-r* no singular. A este propósito, relembremos que Poplack (1980a:62-67), ao debruçar-se sobre o EPR, observou os resultados da relação entre *posição linear* e *posição dos marcadores plurais precedentes*, concluindo que uma correcta análise da CPL-var do referido dialecto teria que ter também em conta estudos que relacionassem a segunda variável independente (*marcas precedentes*) com outros grupos de factores, como o *contexto fonológico seguinte* ou a *saliência fónica*. Nesta

conformidade, e dado que o que queremos observar é precisamente a relação de influência na marcação estabelecida entre os itens que pluralizam em *-es* e o seu contexto antecedente, optámos por proceder ao cruzamento entre as variáveis independentes *saliência fónica* e *marcas precedentes*. Os resultados deste cruzamento estão patentes na Tabela 25.18:

**Tabela 25.18.** Efeito das *marcas precedentes* na marcação PL da *saliência fónica*.

<i>Input desta rodada:</i> 0,494		<i>Log-likelihood:</i> -993,213			<i>Significância:</i> 0,014		
<i>Marcas precedentes</i> X		PL's regulares			PL's nasais (regulares)		
<i>Saliência fónica</i>		Nr. total	%	Peso relativo	Nr. total	%	Peso relativo
2 <sup>a</sup> . posição, marca formal na 1 <sup>a</sup> . posição: S__		154/492	31	0,332	15/57	27	0,250
2 <sup>a</sup> . posição, zero na 1 <sup>a</sup> . posição: 0__		33/39	85	0,835	-	-	-
2 <sup>a</sup> . posição, numeral sem <i>-s</i> na 1 <sup>a</sup> : N__		84/362	23	0,529	(2/5)	40	-
2 <sup>a</sup> . posição, numeral em <i>-s</i> na 1 <sup>a</sup> : Ns__		41/202	20	0,491	(6/20)	30	-
NN(N)		14/47	30	0,604	(0/1)	0	-
<i>Marcas precedentes</i> X		Singulares <i>-r e -s</i>					
<i>Saliência fónica</i>		Nr. total	%	Peso relativo			
2 <sup>a</sup> . posição, marca formal na 1 <sup>a</sup> . posição: S__		37/70	53	0,619			
2 <sup>a</sup> . posição, zero na 1 <sup>a</sup> . posição: 0__		(2/2)	100	-			
2 <sup>a</sup> . posição, numeral sem <i>-s</i> na 1 <sup>a</sup> : N__		28/37	76	0,963			
2 <sup>a</sup> . posição, numeral em <i>-s</i> na 1 <sup>a</sup> : Ns__		30/47	64	0,947			
NN(N)		(0/1)	0	-			

Os resultados da tabela anterior indicam uma realidade inquestionável nos nossos dados, para a qual já havíamos chamado a atenção: no cômputo geral, os itens que apresentam alguma distintividade na forma de construir o PL, isto é, os que terminam em *-s* e *-r* no singular e pluralizam com a inserção de *-es* no seu final, apresentam uma taxa de marcação consideravelmente superior à dos itens regulares. Note-se que, nestes últimos, o único factor que favorece categoricamente a marcação PL (pr. 0,835) é o da configuração 0\_ (item analisado na 2<sup>a</sup>. posição, ausência de marcação formal na 1<sup>a</sup>. posição), que, como sabemos, tem tendência em favorecer a inserção da pluralização. A justificação para tal comportamento foi avançada em termos de funcionalidade da língua (Kiparsky, 1972:195). Os outros factores dos elementos regulares seguem também a

linha padrão detectada na comunidade: (i) ausência de distinção não só entre numerais terminados em *-s* e não finalizados em *-s* mas também entre numerais de uma palavra e numerais de mais de uma palavra, com todos eles apresentando valores próximos do patamar da neutralização, mas com ligeiro aclave para favorecerem a marcação; (ii) tendência para a estrutura S\_ (item analisado na 2ª. posição, presença de marcação formal na 1ª. posição) inibir a marcação (pr. 0,332), também explicada nos moldes funcionalistas de Kiparsky (1972:195) e respaldo nas línguas ancestrais africanas (Guy, 1981a:301-302).

Por seu lado, os itens nasais regulares apresentam valores apenas para o factor item analisado na 2ª. posição, presença de marcação formal na 1ª. posição (S\_), a exhibir, tal como nos elementos regulares, uma tendência acentuada para inibir a marcação (pr. 0,250). A fraca tendência para favorecer a pluralização revelada por estes elementos dever-se-á ao facto de os falantes terem dúvidas quanto às diferentes maneiras de pluralizar as palavras em *-ã*o, hesitando na selecção da forma a aplicar (Scherre, 1988:124).

Quanto aos itens que fazem o PL com inserção de *-es*, continuam a revelar que os falantes não fazem a distinção entre os diferentes tipos de numerais, que nesta variável favorecem categoricamente a marcação PL (N\_ = pr. 0,963; Ns\_ = pr. 0,947). Por sua vez, a estrutura item analisado na 2ª. posição, presença de marcação formal na 1ª. posição (S\_) revela também tendência para ajudar a inserir a pluralização, embora mais moderadamente (pr. 0,619). Esta tendência, que contraria o rumo apresentado pela mesma configuração em outras ocorrências (a predilecção pela inibição) e, aliada ao facto de os numerais dispararem em termos de favorecimento para patamares muito próximos da marcação plena, parece encontrar explicação na Condição de Distintividade (Kiparsky, 1972:195), já que os falantes do PA, ao que tudo indica, captam e retêm na superfície as formas de pluralização mais salientes. Por outro lado, o acentuado pendor para a marcação PL exibido pelos itens em *-s* e *-r* faz também prever que serão escassas as situações em que ocorre a inibição dos mesmos. Este aspecto, só por si, poderá também debilitar pressupostos avançados na tentativa de explicar as inibições em causa, se sobre as mesmas não for lançado um olhar à lupa. Isto mesmo não o terão feito Braga (1977), Scherre (1988) e Lopes (2001), visto terem tentado generalizar, com recurso a

explicações de cariz meramente fonológico, uma manifestação que não só se nos afigura minoritária como também motivada por fenómenos de índole variada. E quando se trata de efectuar análises em sociolinguística variacionista, aconselha a prudência que se desconfie, logo à partida, das realizações minoritárias. Nesta perspectiva, não poderá também ser descartada a possibilidade de algumas das ocorrências marcadas pela inibição reflectirem apenas variações diastráticas de uma determinada camada etária ou escolar, ou não passem mesmo de uma mera variação idiolectal. E, se num universo de escassas ocorrências houver um único falante, ou restrito grupo de falantes, que reincida em determinado tipo de realização, os resultados finais poderão reflectir uma panorâmica virtual em termos de variação quantitativa, caso sejam acolhidos como representativos da comunidade.

Face ao exposto, decidimos analisar pormenorizadamente os itens em *-s* e *-r* que apresentam inibição da inserção PL, a fim de se procurar escortinar as motivações que levam a esta. O nosso *corpus* possui um total de 167 realizações de itens terminados em *-s* (87 ocorrências, 26 não-marcadas) e *-r* (80 ocorrências, 37 não-marcadas). Temos então um total de 63 ocorrências sem marca de PL, para um universo de 2.340 realizações, o que representa escassos 1,5% do nosso *corpus*. A tabela 25.19 apresenta uma visão geral do modo como estes itens estão distribuídos pelo nossos *corpus*. A este propósito, refira-se que, apesar de termos considerado os itens com marcação parcial de PL como elementos marcados na nossa codificação, para uma melhor análise da distribuição que agora pretendemos observar, optámos por apresentá-los geracionalmente de acordo com os três tipos de realização fonológica produzidos pelos nossos informantes: (i) inibição total da marcação PL (p.e. *quatro MÊS vai picá dedo, tem paludismo* [LUISH2]); (ii) realização parcial da marcação PL (p.e. *fiquei cerca de quatro MESE doente* [ZECAH1]); (iii) e realização da marcação PL (p.e. *durante três MESES já tem milho* [ANTOM1]). Como se pode ver na mesma tabela, devido ao baixo número de realizações totais, limitar-nos-emos a apresentar quer a quantidade de ocorrências quer os percentuais que tanto as faixas etárias como a comunidade levaram a cabo para cada tipo de marcação.

**Tabela 25.19.** Itens com singular em *-s* e *-r* (Marcação fonológico-geracional).

Idade	Tipo de realização					
	Marcação PL		Marcação parcial PL		Ausência marcação PL	
	Nr. total	%	Nr. total	%	Nr. total	%
FE-3 (+60 Anos)	6/46	13	15/46	33	25/46	54
FE-2 (41 – 60 Anos)	17/64	26	17/64	27	30/64	47
FE-1 (20 – 40 Anos)	44/57	77	6/57	11	7/57	12
Comunidade (Total)	67/167	40	38/167	23	62/167	37

Abstraindo agora das marcações de PL, que interessam menos para o fenómeno que pretendemos observar, centremos a nossa atenção nas realizações que apresentam apócope da forma do PL *-es*, ou simplesmente do *-s* final. No que diz respeito à marcação parcial de PL (apócope do *-s* final), verifica-se que, à faixa etária mais idosa, cabe a produção de 15 ocorrências (39% das realizações comunitárias), em números praticamente idênticos aos da FE-2, com 17 ocorrências (45% das realizações da comunidade). Quanto à geração mais jovem de Almojarife, é responsável por apenas 6 marcações parciais de PL (16% das realizações da comunidade). À primeira vista, o equilíbrio de ocorrências entre as duas gerações mais idosas pode indiciar a emersão do fenómeno na faixa etária mais idosa, que se mantém constante na geração seguinte. Por fim, com a aquisição das regras de concordância em período mais tardio, a geração mais jovem regulariza o padrão da comunidade, acentuando o índice de marcação, que passa a aproximar-se mais do padrão da LA em termos de favorecimento da pluralização.

Contudo, uma observação pormenorizada das ocorrências vai mostrar que esta dedução é falaciosa. Atentando aos falantes que produziram a concordância parcial na FE-3, apercebemo-nos que, do total de 15 realizações registadas, 14 são da responsabilidade da informante [MMDEUSM3]. Confirmaram-se então as nossas suspeitas sobre a viciação que dados minoritários podem encerrar, caso sejam encarados como representativos de determinado fenómeno. Estamos aqui face a um aspecto da problemática da implementação (*actuation problem*) (Labov, 1972a, 1982; Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]), acerca das potenciais causas que determinam o fenómeno da mudança linguística, porque, de facto, o que ocorre na FE-3 é uma mera variação idiolectal, que acaba inflacionando, de modo virtual, os percentuais totais de marcação parcial desta geração, em primeira instância, e de todas as ocorrências da

comunidade, em etapa segunda. Ainda a ter em conta nos dados de marcação parcial da FE-3 é o facto de apenas um deles poder configurar um caso de haplogia sintáctica (*ficô aqui em casa nove MESE E tal, moreu [MMDEUSM3]*), se observado na perspectiva do grupo de factores *contexto fonológico posterior*. Por outro lado, não se detectou qualquer realização que pudesse perspectivar a possibilidade de uma assimilação regressiva. Com efeito, as restantes ocorrências possuem os seguintes contextos fonológicos posteriores: 6 casos de pausa final; 6 de pausa interna; e 2 com a consoante [p]. Em adição, se olharmos para o item que antecede as marcações parciais de PL, salta à evidência um aspecto que deverá ser levado em consideração, já que todas elas prefiguram a configuração N\_ (item analisado na 2<sup>a</sup>. posição, numeral na 1<sup>a</sup>. posição).

Olhando agora para a marcação parcial da FE-1, verificamos que apenas 6 ocorrências (16% do total da comunidade) foram levadas a cabo por este estrato etário. Mais uma vez, apenas uma das realizações poderá configurar um caso de haplogia sintáctica (*cerca de duas ou três VEZE ESSA outra minha também tinha problema [OSVALH1]*). As restantes ocorrências são todas de contexto consonantal posterior, mas nenhuma representa qualquer situação que possa determinar a ocorrência de assimilação regressiva. Dando atenção às *marcas antecedentes*, mais uma vez se regista uma ocorrência maioritária da configuração N\_ (item analisado na 2<sup>a</sup>. posição, numeral na 1<sup>a</sup>. posição), com 5 casos, sendo do tipo S\_ (item analisado na 2<sup>a</sup>. posição, marca formal na 1<sup>a</sup>. posição), a realização que resta. O baixíssimo número de marcações parciais registado nesta faixa etária não permite conclusões sólidas, ainda que três delas (50%) sejam da responsabilidade do informante [OSVALH1]. Como tal, parece evidente que os falantes da geração menos idosa de Almojarife tendem para outro tipo de realização: a que implica marcação PL do item analisado, como se pode confirmar na Tabela anterior (44 casos, em 57 possíveis = 77%).

No que concerne à FE-2, a mesma é responsável por 17 realizações parciais da pluralização dos itens em *-s* e *-r* (45% do total da comunidade), dissimiladas pelos seis informantes deste estrato geracional. Como tal, será esta faixa etária a mais representativa, diremos mesmo, a única que espelha o fenómeno numa perspectiva comunitária. Como tal, e em termos de comunidade, a pluralização parcial dos itens em

–s e –r acaba por se configurar como um fenómeno marcadamente diastrático e idiolectal, não reflectindo propriamente uma variação em termos comunitários. Logo, no PA este tipo de variação não pode ser considerado em termos de haplologia sintáctica (cf. Scherre, 1988:251-252) nem de assimilação regressiva (cf. Braga, 1977:72) para efeitos da generalização de pressupostos que poderão motivar a queda do –s final, ainda que se registem alguns casos minoritários de metaplasmos que possam ser atribuídos a estes fenómenos. De facto, das 17 realizações parciais de pluralização na FE-2, apenas duas poderiam configurar haplologia sintáctica (p.e. *quatro MESE ANTÃO eu fui* [ABILH2]) e outras duas assimilações regressivas (p.e. *um ano e três MESE SEÔR já tem dinheiro* [MAURIH2]). As restantes ocorrências de *contexto fonológico posterior* estão distribuídas da seguinte forma: 5 casos de pausa final, 1 de pausa interna, 5 de consoantes diversas, que não conduzem à assimilação, e 2 de vogais, que não possibilitam a haplologia sintáctica. Quanto às marcas antecedentes, temos, mais uma vez, uma situação maioritária de 13 casos configurando a estrutura N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição) e 4 situações representando a forma S\_ (item analisado na 2ª. posição, marcação formal na 1ª. posição). Finalmente, cabe ainda referir que, em nossa opinião, a ocorrência de marcação parcial se ficará a dever, nesta faixa etária, a fenómenos socioeconómicos que possibilitam um contacto mais estreito com o sistema de regras de concordância do PE (escolaridade, migração para os centros urbanos, etc.). Este contacto poderá, então, conduzir a um período de variação marcado por incertezas e hesitações na forma de realizar a marcação PL, que apenas estabiliza em fase posterior, isto é, na FE-1.

Relativamente aos contextos fonológicos posteriores que ocorrem conjuntamente com a marcação parcial PL dos itens anteriores em –s e –r de todas as faixas etárias, nota-se que são bastante heterogéneos, não permitindo uma conclusão sólida sobre o peso da sua interferência na marcação fonológica parcial do elemento anterior. Ainda assim, não é de descartar totalmente a possibilidade de, em situações pontuais, condicionarem tal marcação. Contudo, se olharmos agora para as marcas que precedem o item parcialmente pluralizado, nota-se, pelo contrário, uma grande homogeneidade das mesmas, com apenas duas configurações possíveis: N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição, com 33 ocorrências) e S\_ (item analisado na 2ª. posição,

marcação formal na 1ª. posição, com 5 realizações). Assim, é possível que sejam as *marcas precedentes* a constituir-se como a motivação maior que leva à marcação parcial PL dos itens em *-s* e *-r*, e não o oposto, isto é, os contextos fonológicos posteriores. De facto, estes poderão não reflectir a realidade das ocorrências em termos comunitários, visto estarem a ser condicionados pelas variações meramente diastráticas ou idiolectais de algumas faixas etárias. Por seu lado, a homogeneidade do comportamento das *marcas precedentes* permite, essa sim, explicações sólidas e que vão ao encontro de outras já avançadas no presente trabalho. Nos casos em que a marca formal de PL precedente S\_ (item analisado na 2ª. posição, marcação formal na 1ª. posição) conduz à queda do *-s* final no elemento seguinte, se bem que a explicação possa ser discutida em termos funcionais da língua, isto é, de os informantes do PA mostrarem tendência para marcar o PL na primeira oportunidade e evitarem a informação redundante subsequente (Kiparsky, 1972:195), a metodologia em Sociolinguística quantitativa propõe que não se considerem ocorrências diminutas para análise de aspectos variacionistas. Como tal, resta-nos a estrutura N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição), a única que parece operar realmente de modo sistemático na queda do *-s* do item subsequente.

Como foi observado aquando da análise da influência na marcação motivada pelas *marcas precedentes* representadas por um marcador semântico (ponto 4.1.2.4.6 do presente trabalho), concluímos que, ao que tudo indica, as gerações mais idosas não percebem a marca semântica de PL (Guy, 1981a:180; Scherre, 1988), levando a que marquem o segundo elemento da cadeia sintagmática, quando se confrontam com a estrutura N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição). O reduzido número de marcações fonológicas totais (6 casos) ou parciais (1 caso, se excluirmos as realizações da informante [MMDEUSM3]), detectado nos itens em *-s* e *-r* na FE-3, não permite conclusões sólidas. Contudo, é facto adquirido que, no mesmo estrato geracional, a inibição total parece ser condicionada tanto pelo item com marcação formal na primeira posição (13 casos), que conduz o falante no sentido de, funcionalmente, evitar a redundância PL (Kiparsky, 1972:195), como pelo numeral em 1ª. posição (12 casos), cuja noção semântica de pluralização começa a ser percebida por alguns dos informantes, caso dos mais escolarizados como [CELESH3], responsável por mais de 1/3 das inibições registadas. Em sequência de tal, as situações de ausência

de marcação (total ou parcial) ganham peso, sobrepondo-se à das marcações, uma vez que os falantes passam a evitar a redundância da pluralização (Kiparsky, 1972:195).

Quanto à informante detentora da forma idiolectal que inflaciona os valores de marcação parcial na FE-3 ([MMDEUSM3]), é de notar que se trata de uma falante analfabeta (Tabela 8.1), mas também a única que se ausentou da comunidade, tendo permanecido em Angola por prolongados períodos de tempo, onde terá contactado assiduamente com falantes do PtgL2 influenciado por estruturas das línguas bantu.

Debruçando-nos agora sobre a ausência de marcação PL dos itens em *-s* e *-r*, detecta-se a ocorrência de 62 realizações na comunidade. Destas, 25 couberam à FE-3 (40% do total da comunidade), 30 são pertença da FE-2 (49% do total da comunidade) e apenas 7 são da responsabilidade da FE-1 (11% do total da comunidade). Um olhar geral sobre a panorâmica das marcas que antecedem o item com inibição total da pluralização em todas as faixas etárias, vai revelar, uma vez mais, o predomínio absoluto das configurações S\_ (item analisado na 2ª. posição, marca formal na 1ª. posição) e N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição). Por outro lado, observando-se os itens do *contexto fonológico posterior* ao elemento que não apresenta marcação PL, detecta-se, novamente, que estes são caracterizados por um extenso leque de realizações distintas, com maior incidência em consoantes, mas que muito raramente poderão originar situações de assimilação regressiva.

No que diz respeito à FE-1, o padrão é em tudo semelhante ao da marcação fonológica parcial, quer no que concerne ao predomínio da marca antecedente N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição), com 7 ocorrências (contra 3 da estrutura S\_, item analisado na 2ª. posição, marca formal na 1ª. posição), quer no que respeita ao número total de realizações, bastante exíguo em termos de comunidade. Como tal, abstivemo-nos de analisar este escalão etário em pormenor, devido à baixa solidez que revela para se retirarem conclusões pertinentes em termos de comunidade. Ainda assim, deverá ser levado em conta que esta geração é responsável por 66% dos casos de marcação PL da comunidade (23 casos de estrutura S\_, item analisado na 2ª. posição, marca formal na 1ª. posição, e 21 situações de configuração N\_, item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição), justificando-se os baixos percentuais de não-marcação e marcação parcial do PL com a expansão das noções sintáctico-semânticas de

pluralização dos falantes deste escalão etário. Em adição, gostaríamos igualmente de chamar a atenção para o facto de os contextos fonológicos posteriores ao item com ausência de marcação de PL não configurarem qualquer caso de haplologia sintáctica e, de três casos de consoante, apenas um poder possibilitar a realização de assimilação regressiva (*menos dois PAR SAPATO* [ZECAH1]). Aliás, nesta faixa etária são mesmo detectados casos que poderiam conduzir a situações de metaplasmos, como a haplologia sintáctica, mas que não revelam quedas de segmentos fonológicos (p.e. *nem coesas de dois MESES EU já tive tudo* [CASTEH1]). Este aspecto poderá então fazer prever que a tendência para não eliminar segmentos, detectada em substratos do grupo níger-congo atlântico e no santomense, continua ainda a operar nos falantes do PA. Para finalizar a questão concernente às realizações de *contextos fonológicos posteriores*, registaram-se também as seguintes ocorrências: 2 casos de vogal (que não favorecem a concretização de haplologia sintáctica), 1 de pausa final e 1 de pausa interna.

Acerca da geração mais idosa (FE-3), as realizações com inibição de marcação PL apresentam-se agora em números já aceitáveis para uma análise em termos de Sociolinguística quantitativa, estando distribuídos pelos diferentes falantes da faixa etária, embora em ocorrências desequilibradas. Assim, cabe a cinco dos seis entrevistados a responsabilidade das realizações registadas, reflectindo estas, mais uma vez, a influência homogénea das duas estruturas de marcas antecedentes já apontadas para a inibição da marcação PL: 13 ocorrências com a configuração S\_ (item analisado na 2ª. posição, marca formal na 1ª. posição) e 12 com a forma N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição). Quanto à possibilidade de a ausência de marcação ser determinada pelos *contextos fonológicos posteriores*, constata-se, novamente, que estes se revelam bastante heterogéneos, não possibilitando que se lhes atribua um sólido paradigma motivador da inibição da pluralização: 7 casos de pausa interna, 5 de vogais (com três podendo originar situações de haplologia sintáctica, p.e. *havia uns TRABALHADOR TAVA ubabudo aqui* [CELESH3]), 3 de consoantes (com um podendo reflectir uma assimilação regressiva: *compra duas VADÔ SÃO três conto e tal* [MANOH3]) e 1 de pausa final.

Apesar de as formas mais salientes revelarem uma maior tendência para ajudarem à inserção das marcas de PL, este aspecto não se confirma na FE-3, certamente por se

encontrar em fase primitiva de aquisição das noções sintáctico-semânticas da pluralização. Este aspecto reflecte-se na hesitação em realizar a pluralização de itens irregulares, como bem o demonstra o reduzido número de marcações: apenas 6 casos, distribuídos por dois informantes.

Quanto à FE-2, apresenta igualmente um considerável número de inibições da marcação PL, partilhado por cinco dos seus informantes. Observando-se o comportamento das *marcas precedentes* ao item que apresenta inibição da marcação PL, constata-se, de novo, a prevalência das estruturas já anteriormente mencionadas: 17 casos de configuração S\_ (item analisado na 2ª. posição, marca formal na 1ª. posição) e 12 ocorrências com a estrutura N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição). Nesta faixa etária regista-se ainda outra estrutura, mas englobando também um numeral na primeira posição: N0\_ (item analisada na 3ª. posição, antecedido de numeral na 1ª. posição e ausência de marcação na 2ª. posição). Relativamente às ocorrências em *contexto fonológico posterior*, deparámo-nos novamente com um extenso e variado número de possibilidades, tendo sido listadas as seguintes realizações: 15 casos de consoante (apenas 1 podendo configurar uma situação de assimilação regressiva: *mais de quato... cinco MÊS SEM... com... sem tocá* [LUISH2]), 7 de vogais (nenhum possibilitando a concretização de haplogogia sintáctica), 6 de pausa final e 2 de pausa interna.

Lançando novamente mão da análise efectuada sobre a influência na marcação motivada pelas *marcas precedentes* representadas por um marcador semântico (ponto 4.1.2.4.6 do nosso trabalho), verificou-se que as gerações mais velhas não percebem a marca semântica de PL, acontecendo esta percepção em fase mais tardia, sobretudo via escolaridade (cf. Scherre, 1988:175). Como tal, o índice de marcação nos elementos posteriores aos itens com semântica de pluralização decai na FE-2 (apenas 5 casos marcados, contra 12 não marcados), reforçando a consistência da não-marcação que visa evitar a redundância da pluralização (Kiparsky, 1972:195; Castro & Ferrari-Neto, 2007:75), também presente nas estruturas com marca formal na 1ª. posição (S\_). Este aspecto é, pois, revelador de que o falante, com a aquisição das noções sintáctico-semânticas de pluralização, começa a evitar a redundância da marcação PL (Kiparsky, 1972:195; Castro & Ferrari-Neto, 2007:75), originando um padrão que corresponde ao

nivelamento entre os padrões de inibição motivados por elemento com marca semântica de pluralização e elemento com marca formal de PL, com o primeiro acentuando a inibição da marcação para ir ao encontro da constância do segundo e passar a estabelecer-se num patamar próximo do ocupado por este. Posteriormente, a FE-1 estabiliza o padrão, que se mostra, em termos gerais, favorável à inserção do PL, visto conjugar três aspectos: (i) o propiciamento da marcação PL que emerge na FE-3, em estruturas que envolvem a marca antecedente realizada por marcador semântico, que nunca chega a atingir o patamar da inibição, apesar de os falantes ganharem a noção da pluralização semântica e passarem a evitar mais a redundância da marcação; (ii) a aquisição da regra da concordância, que leva a subir ligeiramente a tendência para se marcarem, redundantemente, os elementos posteriores ao item com marca formal de PL; (iii) a aquisição da noção de como realizar correctamente o PL dos itens que apresentam distintividade fonológica mais acentuada.

A análise geral do modo como a variável independente *contexto fonológico posterior* influencia a marcação PL do item que a antecede indicou-nos que a predição levantada na hipótese 4 (ponto 3.6.3) apenas se confirma parcialmente. De facto, a pausa final é o elemento que mais favorece a inserção de marcas, aspecto que apenas não seria corroborado aquando da observação da influência na marcação PL exercida pelas zonas e pontos de articulação das consoantes pela FE-1. A pausa interna, por seu lado, apresenta-se como o segundo elemento que mais favorece a inserção PL, apesar de exibir quer um valor próximo da neutralidade quer algumas oscilações geracionais. Ainda em termos da predição avançada, as vogais não evidenciam um favorecimento à marcação diferenciado das consoantes, já que ambas se situam no patamar da inibição ligeira. Quanto à influência das consoantes na marcação PL, confirma-se a predição avançada na hipótese 4, já que a inserção de marcas será mais facilitada pelas surdas do que pelas sonoras. Ainda assim, a diferença probabilística entre vogais e consoantes, no que concerne ao efeito para a inserção da pluralização no item antecedente, não é relevante. Paralelamente, as nossas análises permitiram constatar que a não-obstrução à passagem de ar pelo tracto bucal favorece a inibição, o que nos permitiu estabelecer a seguinte escala hierárquica das consoantes no favorecimento à marcação, de acordo com as suas zonas e pontos de articulação: (i) palatais, com especial aclave para as velares e

declive para as apicais; (ii) labiais; (iii) dentais, com afixação para as lábio-dentais e declive para as ápico-dentais; (iv) alveolares. Por seu lado, a observação do comportamento das ocorrências em que intervêm os itens singulares que finalizam em *-s* e *-r* e pluralizam com a inserção de *-es* final revelou que, em alguns estudos anteriores, possivelmente se terão generalizado pressupostos com base em ocorrências minoritárias para justificar as inibições motivadas pelos mesmos, assentando tais pressupostos em fenómenos como a haploglia sintáctica (Scherre, 1988:244) ou a assimilação regressiva (Braga, 1977:72). Como tal, a motivação maior para a marcação/inibição PL dos itens do SN não é de carácter foneticofonológico, resultando essencialmente de aspectos estruturais conotados às marcas precedentes ao item analisado. Note-se que a fraca influência das variáveis do tipo fonológico na marcação PL foi também detectada por Jon-And (2008:7, 2009:7) nos estudos sobre o PMp e o PCV, nos quais a motivação maior para a inserção de marcas assenta, igualmente, nas variáveis do tipo estrutural (pontos 1.3.1.3 e 1.3.2.1 do presente trabalho). Portanto, a questão da fraca influência fonológica na marcação, um fenómeno também identificado na aquisição do PtgL1 (Faria, Freitas & Miguel, 2001:53), vem argumentar contra a possibilidade de as alterações nos padrões de concordância assentarem em processos de alteração fónica, históricos e internos ao próprio PE, como a deriva românica, que consubstancia a perda das consoantes finais *-s* e *-m* (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 2000). Em contrapartida, a mesma influência fonológica na marcação argúi a favor da hipótese da influência das línguas de substrato, levantada por Guy (1981a:3001-302), e que sugere que a variação na concordância PL ancora em um ou mais substratos.

Após termos analisado os resultados das variáveis independentes do tipo fonológico, passaremos a observar a influência das variáveis extralinguísticas na marcação PL do SN da fala de Almojarife.

### **5.3. Variáveis extralinguísticas**

À excepção dos trabalhos de Figueiredo (2008, 2009a, 2009b), não temos conhecimento de terem sido efectuados quaisquer outros estudos linguísticos sobre a fala da comunidade de Almojarife, nem que existam descrições de estágios passados deste dialecto. Nesta conformidade a observação da evolução diacrónica do mesmo terá que

ser coerente e consistentemente inferida a partir dos dados sincrónicos que constituem o nosso *corpus*, por forma a definirmos, a partir dos resultados exibidos pelas nossas variáveis, qual será o estágio actual da sua variação.

O estudo da influência das variáveis extralinguísticas na configuração da CPL-var do SN do PA irá ser levado a cabo com base em duas perspectivas: (i) analisando o efeito que cada uma das variáveis exerce, isoladamente, sobre a concordância de número; (ii) buscando inferir, sustentadamente, o modo como as diferentes evidências empíricas concedidas pelas distintas variáveis sociais se articulam entre si.

Seguidamente, passamos a descrever as etapas do tratamento dado às variáveis independentes extralinguísticas, a que se seguirá a análise dos respectivos resultados. Todas as variáveis foram consideradas relevantes para o estudo da CPL-var do SN do PA e serão analisadas de acordo com a ordem hierárquica de importância estabelecida pelo suporte VARBRUL, patente na Tabela 14.1.

### **5.3.1. Variável independente *escolaridade***

A variável independente *escolaridade* tem de ser observada em função de condicionalismos específicos que afectaram o sistema de ensino de São Tomé, em geral, e a comunidade de Almocharife, em particular. De acordo com os dados apresentados na Tabela 8.1, a classe mais idosa revela elevado nível de analfabetismo, com apenas dois informantes tendo frequentado o ensino primário – um do sexo masculino (3ª. classe) e outro do sexo feminino (1ª. classe) –, mas sem o concluir. Esta é a geração que, à época em que teria idade para frequentar a escolaridade primária, foi proscrita pelo Estado Novo, sentindo os efeitos das medidas exploratórias e discriminatórias impostas pelo *Acto Colonial* (ponto 1.3.2.3 do presente trabalho), as quais reduziram também a relativa autonomia de que dispunham as administrações dos territórios colonizados. Atirada para a condição de indigência e isolamento, esta geração poucas possibilidades teve para aceder ao ensino formal da LA, ou seja, do PE.

Posteriormente, com o desenvolvimentos das estruturas socioeconómicas da colónia, e esbatidas que estavam também determinadas tensões entre nativos e autoridades administrativas, massificaram-se os programas de alfabetização e o acesso ao ensino tornou-se mais acessível para os nativos. Motivada também pelo prestígio da LA, a faixa etária intermédia dos nossos informantes revela um grau de escolaridade mais elevado,

com o índice de analfabetismo a cair ligeiramente (apenas 3 informantes não frequentaram a escola) e alguns a concluírem já o ensino primário. Contudo, é de ter em conta que os informantes do sexo masculino detêm, em ambas as faixas etárias referidas, um índice de escolarização superior ao das mulheres (Tabela 8.1).

Quanto à geração mais nova de Almojarife, é toda ela escolarizada. Contudo, os níveis de escolarização variam do baixo ao alto. Neste aspecto, poderia causar perplexidade o facto de os informantes mais idosos desta faixa etária serem os mais escolarizados. Contudo, se atendermos às realidades sociais colonial e pós-colonial, constata-se que estes se enquadram exactamente na percentagem dos naturais que frequentavam o *Liceu e Escola Técnica* no período imediatamente anterior à independência, conforme nos dão conta os relatórios do exército português à época (ponto 1.3.2.3 do nosso trabalho). Por outro lado, os falantes menos idosos deste estrato etário possuem um grau de escolarização inferior (ensino primário), confirmando a desarticulação que afectou as estruturas de ensino após a retirada definitiva dos portugueses. Estamos em crer que, se este aspecto tem influência directa na aquisição da regra de concordância por parte dos indivíduos desta faixa etária, não menos o terá também o facto de o padrão de registo (o português de São Tomé) do novo corpo docente, constituído por professores nativos que substituíram os do quadro colonial, se aproximar mais do dos seus próprios alunos. De facto, se tivermos em conta que a existência de uma prática padronizada transmitida pelo ensino é reconhecida pelos falantes de uma determinada língua, conclui-se também que a ausência de *feedback* negativo relativamente à variação produzida pelos alunos (Vigil & Oller, 1976:287; Corder, 1981b:72), contribui com transferência por treinamento (*transfer of training*) (Higgs & Clifford, 1982:62; Sims, 1989:66) para a interiorização e estabilização/fossilização das formas não-padronizadas (Gaies, 1977, 1979; Ellis, 1985; Valette, 1991).<sup>189</sup>

Por outro lado, os aspectos apontados levam ainda a dar atenção ao pressuposto observado por Lucchesi (2000a:293) de que a variável *escolaridade* não pode ser observada à margem de variáveis sociais como a *idade* ou o *sexo*, nas quais se encontra intrinsecamente embrionada. Portanto, ao constituirmos o grupo de factores *escolaridade*, optámos, inicialmente, por envasar quatro factores no mesmo grupo de

factores, de acordo com o representado na Tabela 12.15. Contudo, após uma observação atenta das características sociais de cada informante, apercebemo-nos que um deles, [MINISM3], possui um baixo grau de escolarização (frequência da 1ª. classe), bastante próximo do analfabetismo, portanto. Como se viu também no ponto 2.3.11, estatisticamente dever-se-á ter em conta a possibilidade de os informantes possuírem idiolectos marcados, o que leva a pequenas flutuações nos dados, que acabam por se desviar da tendência generalizada do grupo. Como os desvios só podem ser reduzidos ou anulados pela junção, no mesmo factor, de vários indivíduos que compartilhem características linguísticas ou sociais, optámos também por testar a inclusão da informante de baixa escolarização no factor dos analfabetos, efectuando o teste do qui-quadrado a este novo factor. Comparando-se os resultados de ambos os grupos de factores, seria então possível verificar em qual deles se deveria incluir a informante, de forma a incorporar o factor seleccionado na análise.

Da inclusão da informante [MINISM3] no grupo dos analfabetos resultou o grupo de factores descrito na Tabela 26.1:

**Tabela 26.1.** Grupo de factores *escolaridade* e respectivos factores, para estudo da configuração do SN PL do PA: grupo de factores para teste de factores a incorporar na análise de dados.

<b>Factores</b>	<b>Exemplo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>%</b>
Analfabetos/semianalfabetos (1ª. Classe)	tem DOIS <b>GÉMIA</b> de três ano [LUISH2]	232/672	35
Escolarização média (3ª. e 4ª. classes)	pissoa mandô AS <b>MOBÍLIA</b> [OSVALH1]	722/1.316	55
Escolarização alta (Frequência do ensino pós-primário)	faço <b>TRABALHOS PRIVADO</b> [CASTEH1]	248/352	70
<b>Totais:</b>		1.202/2.340	51

Efectuámos então as rodadas simples (*one-level analysis*) para cada um dos grupos de factores, que forneceu os seguintes *log-likelihoods*: Tabela 12.15 = -912,246; Tabela 26.1 = -918,096. Comparando ambos os valores, verifica-se que o resultado referente à rodada efectuada com o grupo de quatro factores se revelou inferior ao da rodada efectuada com o grupo de três factores. Como tal, está inviabilizada a possibilidade de se efectuarem os cálculos para achar o qui-quadrado, uma vez que o grupo amalgamado

possui significância estatística, não devendo ser incorporada à análise. Para efeitos de análises posteriores, preservou-se, então, o grupo de factores inicial (Tabela 12.15).

Após efectuada a rodada em que se inseriu, no suporte computacional, a variável social *escolaridade* composta pelos factores iniciais, obtiveram-se os resultados indicados na Tabela 26.2. Lembremos que, de entre as variáveis sociais, a variável *escolaridade* foi indicada pela ferramenta VARBRUL como sendo aquela que mais influência tem no desenho da CPL-var do SN do PA (Tabela 14.1), confirmando que o número de anos de estudo constitui um dos factores que mais influência tem na aquisição da regra de concordância redundante. Contudo, os resultados mostram que são os informantes com frequência do ensino primário os que mais realizam a concordância PL (pr. 0,690), sobrepondo-se mesmo aos falantes com frequência do ensino pós-primário (pr. 0,663). Por seu lado, os analfabetos surgem como aqueles que mais inibem a concordância, e de um modo bastante significativo (pr. 0,296). Como se vê também, é a partir do momento em que os falantes passam a frequentar o ensino que se dá a maior expansão da aplicação da regra, já que o ápice desta acontece na transição do estado de analfabetismo para o de escolarizado. Este aspecto, por si só, vem confirmar, mais uma vez, como é forte a influência da variável *escolaridade* no sentido de os falantes começarem a direccionar o seu padrão linguístico com vista à aplicação da concordância.

**Tabela 26.2.** Efeito da *escolaridade* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504		<i>Log-likelihood:</i> -981,009		<i>Significância:</i> 0,011	
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
Analfabetos	187/593	32	25	0,296	
Escolarização baixa (Frequência do ensino primário)	180/338	53	15	0,690	
Escolarização média (Ensino primário concluído)	433/862	50	37	0,401	
Escolarização alta (Frequência do ensino pós-primário)	402/540	74	23	0,663	
<b>Totais:</b>	<b>1.202/2.333</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	

A ausência de uma linha curvilínea ou de uma inclinação progressiva na aquisição da regra da concordância de número vem levantar a possibilidade de o PA não estar em

estádio de mudança em progresso, situação que se procurará confirmar com a observação das outras variáveis sociais. Comparando ainda os segundo e terceiro grupos, isto é, os falantes com frequência do ensino primário (pr. 0,690) e informantes que o concluíram (pr. 0,401), verifica-se que ocorre uma convivência de forças contrárias, ou seja, de aquisição e posterior perda da marcação PL. Os dados revelam a mistura de influências em direcções distintas, característica do quadro de sociedades cuja sociohistória é marcada por períodos de apogeu e declínio, como sucedeu, pelo menos por duas vezes, em São Tomé: ascensão e queda dos engenhos do açúcar e ascensão e queda das roças do cacau e café. Deste modo, os factores que constituem a variável *escolaridade* não podem ser linearmente entendidos como escolaridade baixa igual a gerações mais idosas e escolaridade alta sinónimo de faixa etária mais nova. De facto, basta atentar ao período que se sucedeu à independência de São Tomé, com a consequente desarticulação do seu sistema de ensino, para perceber que muitos dos jovens de Almojarife, enquanto membros de uma comunidade rural que foi votada ao abandono e isolamento durante esta fase da vida do país, estarão incorporados nos factores dois e três, devido à impossibilidade de prosseguirem os seus estudos, (cf. Tabela 8.1). Paralelamente, os elementos da comunidade que tiveram oportunidade de levar a cabo estudos pós-primários, apesar de estarem enquadrados na faixa etária mais nova do nosso estudo, constituem a classe mais idosa deste factor, e que teve a oportunidade de beneficiar das condições de escolaridade fornecidas pela administração colonial nos anos imediatamente anteriores à independência do país. Por outro lado, se levarmos em linha de conta que o ensino possível em São Tomé, após a independência, se terá demarcado mais do padrão do ministrado anteriormente (o PE), sendo assegurado por docentes que apresentam um registo linguístico bastante próximo do dos aprendentes, compreende-se melhor o porquê da flutuação registada na aquisição da regra, com os falantes do antigo sistema de ensino a revelarem maiores índices na aplicação da regra da pluralização do que os informantes que concluíram o ensino primário durante o sistema de ensino pós-independência. Ainda a este propósito, relembremos aqui que, quanto menos escolarizada for uma comunidade, menos resistente se mostram os seus falantes à aceitação da variação, já que lhes falta o vector que mais apego revela em relação às formas padronizadas.

Paralelamente, os jovens falantes que constituem os factores três e quatro, com a partida dos colonos e a extinção da administração portuguesa, deixaram de estar sujeitos à pressão de cima para baixo que fora experimentada pelos adultos que compõem o factor dois. Estes últimos, como se sabe, são os representantes de um grupo que lutava pela melhoria das condições de vida, migrando para os centros urbanos, onde as oportunidades para servir na administração pública, e até no exército, eram mais facilmente concedidas àqueles que dominavam razoavelmente a língua portuguesa. Como tal, estes falantes tiveram uma história de aprendizagem do português através de DLP's mais próximos do PE, bastante diferente da dos elementos que permaneciam na comunidade.

Comparando os valores do PA com os de outras três variedades de português, verificamos que o primeiro apresenta um quadro bastante distinto, com as segundas denotando um estágio de mudança em curso no sentido da aquisição da regra de concordância, enquanto em São Tomé estará a acontecer um estágio de variação estável, que pode levar à de retracção da regra da pluralização.

**Tabela 26.3.** *Escolaridade*: contribuição dos factores individuais para a marcação PL do elemento analisado [4 variedades de português].

Factores	Escolaridade							
	PA		MRJ		NURC		PCV	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Analfabetos	0,296	32	-	-	-	-		
Escolarização baixa	0,690	53					0,36	69
Escolarização média	0,401	50	0,32	62	0,18	64	0,39	78
Escolarização média-alta	0,663	74	0,53	72			0,59	87
Escolarização alta	-	-	0,65	82	0,45	82	-	-
Ensino superior	-	-	-	-	0,83	96	-	-

Scherre (1988:444) aplicou três factores à variável social *escolaridade*: 1 a 4 anos de ensino (Primário), 5 a 8 anos de ensino (Ginasial) e 9 a 11 anos de ensino (Colegial). Para além desta distribuição, a autora analisou estes grupos em função do seu estrato social, metodologia que vai ao encontro da que fora aplicada por Naro & Lemle (1976) no estudo para o estabelecimento de uma hipótese geral sobre a mudança sintáctica

operada no PB. Nas nossas observações, tal metodologia não foi usada, uma vez que os informantes do PA configuram um único tipo de factor social: o de ambiente humilde.

Ao estabelecer a correlação entre *escolaridade* e ambiente social, Scherre (1988:448) indica-nos que no grupo de ambiente humilde e concordância baixa, a linha é bastante inclinada, com ápice de formas não-padrão no segmento mais jovem. Quanto ao grupo de ambiente não-humilde e concordância alta, apresenta uma linha curvilínea, com as faixas etárias mais nova e mais idosa produzindo formas não-padrão bastante idênticas e a faixa etária intermédia apresentando o ápice das formas de prestígio. Assim sendo, o primeiro grupo denuncia uma mudança linguística na direcção de um sistema sem marcas de concordância, enquanto o segundo evidencia que a variação se vai estabilizando, à medida que os falantes vão também aumentando a sua idade. Paralelamente, os falantes de ambiente humilde e concordância alta, que a autora classifica como possíveis “descriolizados” (Scherre, 1988:456), revelam também que ocorre uma proporção directa entre aumento de concordância e incremento da escolarização, já que os seus índices de captação da regra são determinados pela influência elitizante da escola e não pelo avançar da idade. Por outro lado, os falantes de ambiente não-humilde e concordância baixa são influenciados tanto pela escolarização como pela idade, o que os leva a apresentarem, geracionalmente, um padrão de perda.

Através dos resultados do MRJ, é possível perceber como é complexo o jogo entre variáveis sociais, confirmando-se que estas não podem ser observadas de forma compartimentada, conforme entendimento de Chambers & Trudgill (1980:97-98), a propósito da variável social *sexo*. De facto, se olharmos para os valores do MRJ (Tabela 26.3), verificamos que o incremento do uso da regra de concordância se dá na transição do Primário para o Ginásial, visto situar-se aí o ápice da inovação. Por outro lado, seríamos também levados a concluir que o processo de mudança se encontra ainda em curso, já que os alunos do nível Colegial continuam a apresentar uma tendência para aquisição da regra de concordância PL. Contudo, com recurso à observação da relação que a variável *condição social* estabelece com as variáveis *escolaridade* e *idade*, foi possível a Scherre (1988:454) concluir que o MRJ exhibe dois tipos de padrão: um apontando para uma tendência natural de mudança linguística, nos moldes preconizados

por Naro & Lemle (1976); outro exibindo uma variação sociolinguística estável, de acordo com o defendido por Guy (1981a, 1986).

Os resultados de Lopes (2001:107), por seu lado, apontam para uma relação directa e proporcional entre o aumento de tempo de exposição à pressão escolar e a maior probabilidade de ocorrer concordância no SN. Note-se que o ápice da inovação se situa na transição do Colegial para o Universitário, conotado à norma culta, a qual, por sua vez, se aproxima bastante da do PE em termos de concordância. Este aspecto vem ainda complementar os resultados de Scherre (1988:454), que apontavam para o facto de os elementos integrados no factor *escolaridade alta* (Ginasial) se encontrarem ainda em estágio de mudança em progresso.

P. Andrade (2003:126-129) não apresenta valores para a variável *escolaridade*, tendo observado esta de uma forma intrínseca com a variável *idade*, isto é, estabelecendo uma relação entre esta variável e a sociohistória da comunidade de HEL-BA. Baxter (2004, 2009) também não observou o efeito que esta variável social exerce na concordância PL do PT, ao passo que Jon-And (2009:4) o fez apenas relativamente ao PCV.<sup>190</sup> Neste, a inibição da marcação mantém-se estável até aos 4 anos de escolarização, isto é, desde a fase de analfabetismo até ao final do período primário. Posteriormente, os falantes detentores de escolarização média-alta passam a beneficiar a marcação PL, ocorrendo o ápice da inovação na fase de transição do ensino primário para o ensino liceal. A linha de ascensão no sentido de aquisição da regra faz também pressupor que, em Cabo Verde, esta se encontra em estágio de mudança em progresso.

No caso concreto do PA, as nossas observações apontam para a confirmação do pressuposto que levantámos para a hipótese 15, constituída para a variável *escolaridade* (ponto 3.6.14). Assim, a atenção dos falantes para com os mecanismos de concordância aumenta com o incremento da frequência escolar. Após ingressarem na escola, os falantes de Almoxarife começam a flexionar mais os itens pluralizáveis do SN. Contudo, com a frequência do ensino, os membros da comunidade passam também a produzir SN's de estrutura mais complexa, o que se traduz na hesitação da aplicação da concordância numa etapa inicial da segunda fase de escolarização. Numa terceira fase, em que se poderiam consolidar as regras de concordância das estruturas sintagmáticas mais extensas e complexas, ocorreu uma desarticulação do sistema socioeconómico do

país, que impediu que a regra de concordância se continuasse a desenvolver. Este processo de desaceleração e posterior estabilização da variação no SN encerra todas as características que fazem ainda pressupor a possibilidade de vir a ocorrer fossilização (Long, 2003:490). De facto, alguns estudos sobre ASL defendem que a principal causa de fossilização de formas incorrectas na interlíngua tem a ver com a falta de instrução formal na LA e, conseqüentemente, de *feedback* negativo sobre a variação produzida (Vigil & Oller, 1976:287; Corder, 1981b:72). Assim sendo, Valette (1991:329) entende que a aquisição por mero contacto leva o aprendente a fabricar uma interlíngua ou línguas idiossincráticas com regras que diferem das do padrão da LA. Segundo o autor, os “falantes de rua” de uma L2 apresentam mais formas fossilizadas do que “os aprendentes de sala-de-aulas”, uma vez que contactam mais facilmente com padrões lexicais e sintácticos que são inapropriados na LA. Assim, a fossilização é agravada pelo facto de os “falantes de rua” não serem corrigidos nem se autocorrigirem. Embora Ellis (1988:307) entenda que uma das características do ensino é evitar a fossilização, quer Higgs & Clifford (1982:62) quer Sims (1989:66) compartilham o entendimento de Valette (1991:329), afirmando que, por vezes, a própria escola se encontra impossibilitada de desfossilizar ocorrências de determinados aprendentes, uma vez que a aprendizagem formal da L2 compete com a “aprendizagem de rua”, sendo esta mais intensa e inibindo o normal progresso da primeira. Por outro lado, apesar de o ambiente em sala-de-aulas se propiciar à correcção (ou desfossilização) de determinadas estruturas, Richards (1971:216) e Stentson (1974:183) referem a possibilidade de um ensino ministrado por um instrutor com um padrão de proficiência também variável contribuir para a fossilização de determinadas formas. Ora, este é exactamente o caso de São Tomé, desde que os colonos portugueses se retiraram em definitivo da ilha.

Apesar de tudo, afirmar que a aprendizagem da L2 em ambiente informal motiva mais a fossilização do que aquela que acontece em situação formal, ou vice-versa, é, no mínimo, deter uma visão superficial acerca deste fenómeno. Em ambos os tipos de aquisição devem ser consideradas não só as situações particulares em que a aprendizagem se dá mas também as participações dos intervenientes envolvidos nesta. Estes aspectos conduzem, por exemplo, a questões como a monotorização. Ellis (1985:85) salientou que a linguagem a que os docentes recorrem no processo de

interacção com os alunos em ASL é tratada como um registo nas suas especificidades. O facto de determinados professores utilizarem modelos interaccionais que se afastam das formas coloquiais ou a ajustes discursivos, sejam eles excessivamente padronizados sejam eles simplificados, leva os alunos a interiorizarem (e mesmo fossilizarem) registos que se distanciam das formas usuais da LA (Gaies, 1977, 1979; Ellis, 1985).

A este propósito, Krashen & Terrell (1983) e Krashen (1985) advogam que dois sistemas de conhecimento distintos concorrem para o maior ou menor grau de desempenho na L2: o sistema de aquisição e o sistema de aprendizagem. O primeiro consiste de um conhecimento subconsciente da gramática da L2, assemelhando-se àquele que os falantes detêm em relação à L1. Quanto ao sistema de aprendizagem, detêm importância inferior e resulta da instrução formal, implicando o conhecimento consciente das regras. Seliger (1988:39), por seu lado, defende que o falante só tem acesso à gramática aprendida caso respeite três condições: i) tenha tempo para reflectir sobre a regra da gramática que armazenou; ii) durante a comunicação, concentre a sua atenção no conteúdo da mensagem e na forma a aplicar; iii) conheça a regra em uso. Este último pressuposto não se vem verificando em São Tomé, pelas razões que já apontámos e se prendem com o registo produzido pelos actuais docentes, falantes do português santomense. Portanto, quando o aprendente memoriza determinada produção linguística ou realiza uma produção que requeira atenção consciente para a sua execução, está a accionar o monitor, ou seja, a parte do sistema interno responsável pela realização do processo linguístico consciente. Para determinados autores, que concordam com os postulados de Krashen & Terrell (1983) e Krashen (1985), o grau de utilização do monitor varia em função de diversos aspectos, como a idade, as características do aprendente e a quantidade e qualidade do *input* (Dulay, Burt & Krashen, 1982). Ainda assim, alguns autores demarcam-se das teorias de Krashen & Terrell (1983) e Krashen (1985), alegando que os autores não estabelecem uma distinção exacta entre os domínios da aquisição e aprendizagem, pelo que é impossível determinar, empiricamente, qual delas está a actuar em determinado momento da aquisição (McLaughlin, 1989). Por outro lado, também não pode deixar de ser considerado que a estabilização é permeável e reversível, podendo ser corrigida (Long, 2003:490). Nesta conformidade, a concordância variável registada no PA pode também

caminhar no sentido da aquisição da regra, caso o panorama do ensino de São Tomé se altere no futuro, isto é, sejam incluídos docentes falantes do PE no quadro de professores do país.

### 5.3.2. Variável independente *idade*

Como se pode constatar na Tabela 27.1, a FE-3 é aquela que produz menos realizações para análise do desenho da CPL-var no SN do PA. Depois, o número de ocorrências vai aumentando gradualmente, confirmando que as novas gerações incrementam também a aquisição de estruturas da LA, a ponto de a FE-1 produzir quase o dobro de realizações relativamente à FE-3. O maior número de ocorrências não significará necessariamente a produção de mais SN's, já que estes valores apenas podem ser constatados com recurso à análise não-atomística. Contudo, ao contrário do que sucede na FE-3, as FE-1 e FE-2 deixam antever a produção de SN's de estruturas cada vez mais complexas, envolvendo mais do que dois ou três itens, e que, atomisticamente, englobam mais elementos passíveis de serem analisados.

A variável independente *idade* não necessitou de qualquer tratamento adicional, uma vez que os factores inicialmente constituídos (Tabela 12.13) se apresentam todos como relevantes para a marcação PL dos itens do SN. Depois de levados à análise VARBRUL, os dados do grupo de factores *idade* apresentaram os seguintes valores:

**Tabela 27.1.** Efeito da variável *idade* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504		<i>Log-likelihood:</i> -981,009		<i>Significância:</i> 0,011	
<b>Escalão etário</b>	<b>Nr. Total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
FE-1 (de 20 a 40 anos)	623/984	63	42	0,658	
FE-2 (de 41 a 60 anos)	373/786	34	34	0,404	
FE-3 (+60 anos)	206/570	24	24	0,357	
<b>Totais:</b>	1.202/2.340	51	100	-	

A diferença de pesos relativos entre as três gerações revela que é a FE-1 aquela que mais aplica a regra da concordância (pr. 0,658), sendo mesmo a única que apresenta um valor moderadamente favorecedor do uso da pluralização. Note-se ainda como esta faixa etária se distancia das outras duas em termos de favorecimento à marcação, revelando as FE-2 (pr. 0,404) e FE -3 (pr. 0,357) uma maior semelhança em termos de padrão

linguístico, com tendência para inibir a pluralização. Pelos valores exibidos é também possível inferir que, com o aumento do grau de escolarização, os falantes mais novos de Almojarife vão adquirindo formas novas e configurando uma variação livre, até atingirem nova sistematização, agora de modo mais próximo da gramática do PE. Este aspecto indicia também a existência de gramáticas distintas nas diferentes faixas etárias da comunidade, com os valores de marcação a revelarem uma tendência progressiva no sentido de as novas gerações incorporarem mais a regra da concordância PL. Este aspecto pode ser confirmado através dos valores dos SN's plenamente marcados, por escalão etário:

**Tabela 27.2.** SN's plenamente marcados no PA: valores por *idade*.

<i>Input desta rodada:</i> 0,223		<i>Log-likelihood:</i> -694.131		<i>Significância:</i> 0.001	
<b>Escalão etário</b>	<b>Nr. Total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
FE-1 (de 20 a 40 anos)	247/588	42	40	0,606	
FE-2 (de 41 a 60 anos)	118/497	24	34	0,529	
FE-3 (+60 anos)	60/404	15	26	0,411	
<b>Totais:</b>	<b>425/1.488</b>	<b>29</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	

Em Almojarife, o peso da marcação plena para a FE-3 situa-se em valores levemente inibidores (pr. 0,411), mas o percentual da mesma revela que os membros mais idosos da comunidade raramente realizam a concordância entre todos os elementos do SN, já que apenas 15% dos SN's produzidos por esta faixa etária se apresentam completamente marcados. Como esta faixa etária realiza, essencialmente, SN's de estrutura reduzida (DET+N ou numeral+N), levanta-se, de imediato, a questão de a marcação ser inserida em apenas um dos elementos do SN, um fenómeno que Guy (1981a:301-302) advoga ter respaldo no sistema de marcação PL das línguas dos ancestrais substratos africanos.

Seguidamente, a geração intermédia demonstra que possui uma maior consciência acerca da regra da concordância, que se situa já em plano neutro, mas a propiciar de forma leve a marcação plena (pr. 0,529). Esta faixa etária passou a beneficiar de um maior contacto com o PE, muito por força da frequência escolar de nível médio, como se viu no ponto 5.3.1. Com o grau de escolarização a aumentar na geração mais jovem, esta passa já a apresentar um valor a beneficiar moderadamente a concordância plena (pr. 0,606). O facto de ser a FE-1 a realizar mais a regra de concordância PL faz pressupor

que, à partida, o PA se encontra ainda em processo de mudança em curso. Com efeito, se espelharmos no passado os valores apresentados para as diferentes faixas etárias, apercebemo-nos que o maior incremento em direcção à aquisição da regra de concordância de número terá ocorrido no período de tempo que separa a FE-2 da FE-1. Seguindo o raciocínio lógico de que o padrão de comportamento linguístico se fixa até à adolescência, então os falantes com 20 anos tê-lo-ão cristalizado até cinco anos antes da recolha do *corpus*, isto é, até 1993. Deste modo, como a FE-1 engloba os informantes com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos, é lícito concluir que a variação da concordância PL teve o seu maior incremento no último terço do século XX, mais propriamente entre a fase de transição da década de 60 para década de 70 e a passagem dos anos 80 para os anos 90. Como vimos, os relatórios periódicos dos efectivos militares de São Tomé permitem-nos confirmar que o período que marca o início da maior aplicação da regra de concordância de número do PA condiz, exactamente, com aquele em as autoridades coloniais faziam referência à boa cobertura do ensino, com consequente elevação do nível da educação da população até patamares considerados excelentes e que fizeram com que praticamente toda ela falasse o português (ponto 1.3.2.3 do presente trabalho).

Paralelamente, os mesmos relatórios, ao apresentarem os dados do recenseamento da população, permitem não só constatar que é igualmente nesta fase que se dá o aumento do movimento migratório das zonas rurais para a capital do arquipélago mas também que os elementos que integram esses fluxos são, na sua grande maioria, do sexo masculino. O caso específico de Santana, capital do Distrito de Cantagalo, no qual se insere Almojarife, é paradigmático desta situação. Os jovens rapazes da região, em número bastante mais elevado do que as raparigas, enfrentavam então dois cenários: por um lado a falta de oferta de trabalho, já que não mostravam predisposição para aceitar as duras condições de trabalho impostas nas roças a troco de míseros salários; por outro lado, a dificuldade em constituir família, dado o reduzido leque de elementos femininos livres para o efeito. A busca de melhores oportunidades no meio urbano afigura-se então como a única alternativa possível para se alcançarem índices mínimos de sobrevivência, no que terão sido acompanhados por chefes de família mais idosos, isto é, indivíduos da FE-2, que tentam também obter um maior desafogo para sustentar os elementos dos seus

agregados. As mulheres, por seu lado, ficam para trás, entregues às lides caseiras, prestando apoio aos filhos e lavrando pequenas parcelas de terra para colherem o parco sustento diário de que necessitam.

A grande maioria dos migrantes do sexo masculino vai trabalhar para a construção civil, como bem o demonstra o ritmo de crescimento de todo o tipo de construções na capital a que aludem os relatórios do exército colonial, mas os mais jovens espreitam também a oportunidade de servir neste, evidenciando a *“manifestação de um desejo tradicional do nativo de São Tomé, e sobretudo porque vêm na Tropa o único processo de angariarem meios de subsistência dignos...”* (CTI de São Tomé, 1968a:1). Os migrantes que vão encontrando trabalho na cidade acabam por entrar em contacto com a variante mais padronizada do português, situação que se aplica igualmente aos mancebos que são incorporados no exército, o qual *“tem continuado a subsidiar os estudos dos militares no Curso Nocturno do Liceu, dentro das suas possibilidades monetárias.”* (CTI de São Tomé, 1973:4). Como tal, estamos em crer que, a exemplo do que sucedeu em HEL-Ba, a aceitação do padrão mais normatizado por parte dos deslocados terá sucedido de forma livre, já que ocorreu também uma *“visão positiva acerca dos benefícios trazidos com o progresso, a melhoria nas condições de transporte, no atendimento médico e a possibilidade de integração cultural proporcionada pelos meios de comunicação de massa. Os mais jovens são os mais atingidos por esse sentimento, buscando de uma maneira mais ativa a sua integração no novo modus vivendi”*(Lucchesi, 2000a:286). Isto mesmo nos confirmam também os relatórios da CTI, quando especificam que as relações entre população e autoridades eram bastante sociáveis, muito por força das acções de captação da simpatia da população, levada a cabo por actividades do exército, entre as quais se destacavam as emissões radiofónicas para o efeito.

Servidos também por uma boa rede rodoviária e de transportes, os migrantes deslocam-se regularmente a Almojarife, a fim de reverem os familiares e trazer-lhes o provento angariado. Ocorre então a típica situação de que a variação, enquanto processo de *interlíngua*, se dá primeiramente a nível individual, ocorrendo, posteriormente, a formação do dialecto, que acontece ao nível da fala da comunidade e ao nível do indivíduo (Plag, 2008a:115). De facto, os elementos da comunidade, encarando o padrão

linguístico dos migrantes como sinónimo de progresso, ascensão social e bem-estar, recebem-no de forma cordial. Como consequência, o próprio santomense passa a ser estigmatizado, sendo substituído pelo PtgL1 adquirido defectivamente. Assim, e uma vez mais a exemplo do que sucedeu com HEL-Ba, a variação detectada na camada mais idosa da FE-1 acaba por reflectir um movimento em direcção ao padrão do PE, tanto do ponto de vista social como a nível da consciência de alguns falantes. Desta maneira, a mudança teve também como elementos motivadores a pressão linguística que a comunidade sofreu quer de cima para baixo quer de fora para dentro.

Contudo, a expansão da regra de concordância viria a ser precocemente cerceada, já que, com a independência do país, o sistema socioeconómico deste se desarticulou, atingindo, inevitavelmente, todo o tipo de infra-estruturas erigido anteriormente pelo governo colonial. Os jovens aprendentes, que adquiriram o PtgL1 defectivamente, viram dificultadas as condições de acesso ao ensino, que é também ministrado por docentes falantes de um padrão mais próximo do seu (o português da São Tomé) e, com tal, não estão reunidas condições para continuar a levar a cabo a expansão da regra de concordância. Simultaneamente, a deterioração da rede rodoviária e de transportes aumentou o isolamento das comunidades rurais e disso se ressentiu Almozarife, com as crianças a não poderem atingir o nível de *escolaridade* das gerações anteriores e a verem dificultado, cada vez mais, o contacto com formas cujo padrão se encontra mais próximo do PE. Como tal, acreditamos que não estará em curso um processo de mudança linguística na comunidade, encontrando-se esta, pelo contrário, num estágio de variação estável, já que não vemos serem criadas condições para, num futuro próximo, se alterar radicalmente o actual estado em que se encontra a estrutura socioeconómica do país. Lembremos ainda, a propósito da variação estável, que esta surge intimamente ligada à relação directamente proporcional entre escolarização e uso de formas de prestígio (Labov, 1972a, 1981; Guy, 1981a, 1986), estando a expansão das regras de concordância do PA condicionada quer pelas condições em que se encontra o actual sistema de ensino de São Tomé quer pelo estado de isolamento a que a comunidade de Almozarife se encontra votada. A análise das variáveis sociais *estadia* e *idade* virão dar mais força ao pressuposto aqui defendido, como se verá.

Comparando agora os nossos resultados com os de Scherre (1988:454), Lopes (2001:113), P. Andrade (2003:125), Jon-And (2008:4) e Baxter (2009:283), constata-se que apenas os dois últimos optaram por distribuir os seus informantes por faixas etárias idênticas às nossas. Observando os estratos etários constituídos por Scherre (1988), verifica-se que variam ligeiramente dos nossos. Ainda assim, é possível observar que o MRJ, ao contrário do PA, apresenta um padrão bastante curvilíneo, mas com a geração mais jovem a aplicar menos a concordância do que as gerações intermédias. Deste modo, a variável social *idade* constituiu um dos suportes que levou a autora a concordar parcialmente com Guy (1981a, 1986), quando este postulou que o PB se encontra em estágio de variação estável.

**Tabela 27.3.** *Idade*: contribuição dos factores individuais para a marcação PL do elemento analisado [6 variedades de português].

Faixas etárias	Idade							
	PA		MRJ		NURC		HEL-Ba (P. Andrade, 2003)	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
7 aos 14 anos	-	-	Pr.	%	-	-	-	-
15 aos 25 anos	-	-	0,45	-	0,49	75	-	-
20/25 aos 35/40	0,658	63	0,51	-	0,44	81	0,66	47
40/45 aos 55/60	0,404	34	0,56	-	0,46	80	0,46	47
+60 anos	0,357	24	0,48	-	0,61	85	0,37	42
+ 80/85 anos	-	-	-	-	-	-	-	-

Faixas etárias	HEL-Ba (Baxter, 2009)		PT		PMp	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
	7 aos 14 anos	Pr.	%	Pr.	%	Pr.
15 aos 25 anos	-	-	-	-	-	-
20/25 aos 35/40	-	-	-	-	-	-
40/45 aos 55/60	0,638	49	0,792	76	0,63	93
+60 anos	0,483	45	0,425	47	0,55	90
+ 80/85 anos	0,393	40	0,112	26	0,29	78

Por seu lado, os dados da NURC revelam flutuação na realização da concordância PL, que se assemelha à que detectámos na variável *escolaridade* do PA (Tabela 26.2).

Em Salvador, é a faixa etária mais idosa a única que favorece a concordância, acontecendo, depois, a ausência de uma sequência curvilínea ou de uma inclinação progressiva. Estes fenómenos revelam que não está a ocorrer um crescimento da aplicação da regra de concordância, pelo que também não se pode postular uma tendência de mudança na aplicação da concordância de número para a NURC. De facto, os resultados desta apontam para um estágio de variação estável, a exemplo do postulado por Guy (1981a, 1986) e Scherre (1988) para o MRJ.

Observando os resultados da variável social *idade* em função da variável *escolaridade*, Lopes (2001:115) conclui pela existência de histórias sociais distintas que incidiram sobre os diferentes grupos etários e que conduziram a uma situação de gramáticas em competição: (i) o grupo mais velho, detentor de escolaridade superior, a realizar quase sempre a concordância; (ii) o grupo com escolaridade mais baixa, com uma gramática que realiza bastante menos a concordância; (iii) o grupo das pessoas que detêm as duas gramáticas, e que realizam a concordância de forma intermediária, isto é, posicionando-se entre os dois extremos.

Seguidamente, Lopes (2001:119-120) compara dados sincrónicos da NURC recolhidos em duas épocas distintas: década de 70 e fala actual. Os resultados revelam a manutenção do mesmo índice de realização da concordância no grupo mais idoso (década de 70 = 0,67; fala actual = pr. 0,68), mas o grupo universitário apresenta uma perda nítida na aplicação da regra, descendo para valores que chegam a ser suavemente inibidores (década de 70 = 0,55; fala actual = pr. 0,47). Ainda assim, a autora mostra-se cuidadosa na sua conclusão, chamando a atenção para o facto de não estar a acontecer uma mudança, mas apenas uma variação etária ou geracional.

Os dados de HEL-Ba, analisados por P. Andrade (2003:125) e Baxter (2009:283) revelam que a fala da comunidade se encontra “*em processo de mudança em curso no sentido de adoptar por completo a concordância*” (P. Andrade, 2003:126), já que a frequência das formas inovadoras da fala é evidenciada pela faixa etária mais nova. A idêntica conclusão chegaria ainda Baxter (2009:283) para o PT. Estes pressupostos seriam confirmados por ambos os autores, que levaram em conta a relação estabelecida entre a variável *idade*, a sociohistória das duas comunidades e os fenómenos gramaticais evidenciados por elas. Note-se ainda que os padrões diacrónicos de marcação PL das

duas comunidades se assemelham não só entre si mas também ao do PA, evidenciando uma distribuição que se inclina em direcção à aquisição da regra. Contudo, as actuais realidades socioeconómicas do Brasil e de São Tomé são bem distintas, com o primeiro país conhecendo uma grande pujança económica que se reflecte, evidentemente, na melhoria das suas infra-estruturas, rodoviárias, comunicativas e de ensino. Contrariamente, São Tomé mergulhou num grave recessão socioeconómica depois de 1975, que desarticulou as estruturas de suporte de desenvolvimento do país. Nesta conformidade, enquanto no Brasil estão reunidas as condições para que os falantes de HEL-Ba continuem a expandir a regra da concordância de número, em Almojarife a situação é de estagnação, e mesmo algum retrocesso, como nos deixou antever a variável *escolaridade* e se confirmará com os dados dos restantes grupos de factores sociais, isto é, a *estadia* e o *sexo*. Ainda assim, é preciso ter também em conta que os falantes do PA e do PT apresentam sociohistórias distintas, já que os segundos viveram sempre uma situação de maior isolamento em relação aos primeiros, como se pode inferir da descrição apresentada sobre tongas e forros em relatórios da CTI: “*Torna-se interessante frisar que, enquanto o forro abandonou por completo o trabalho da roça, os descendentes dos tongas se mantiveram mais ou menos ligados à propriedade onde os seus avós serviram.*” (CTI, 1973:6).

Observando também a variável social *parentesco* para o PT, Baxter (2009:283-284) conclui que a faixa etária com mais de sessenta anos e parte da faixa com idades compreendidas entre os 41 e 60 anos são falantes nascidos de casais africanos ou casais mistos (africano + tonga). Como durante o “*seu processo de aquisição de L1, essas pessoas teriam acesso a um forte componente de português L2 falado por africanos, um português aprendido em situação de contacto, além do modelo de língua africana, neste caso o umbundo*” (Baxter, 2009:283), acabam por revelar um registo linguístico no qual a variação é mais acentuada. Por outro lado, os falantes com pais nascidos na roça Monte Café favorecem mais a concordância PL (pr. 0,63) do que os informantes cujos pais nasceram em África (pr. 0,36) (Baxter, 2009:284), confirmando-se que a presença africana exerce influência na não-marcação PL, efeito esse que o autor atribui ao PtgL2 influenciado por estruturas bantu.

Por seu lado, os mais jovens levam a cabo uma maior concordância PL no seus registos em virtude de diversos factores socioeconómicos ocorridos durante a segunda metade do século XX, e que contribuíram para um nivelamento linguístico entre o PT e o PA. De facto, a ligeira liberalização do sistema administrativo das roças permitiu que os serviçais e seus descendentes passassem a ter mais liberdade de movimento, com os segundos a poderem frequentar a escola. Como tal, as características linguísticas das gerações antepassadas foram desaparecendo do registo dos mais novos, que se aproximou mais do padrão do PE, em virtude das influências externas à comunidade. Posteriormente, com a desarticulação que afectou o sistema socioeconómico de São Tomé após a sua independência, as estruturas das roças entraram em total degradação e o seu sistema produtivo extinguiu-se. Os mais velhos ainda permanecem ligados à vida rural, dedicando-se a agricultura de subsistência, mas os mais novos migraram para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida, passando a contactar com a variedade do português santomense, cujo sistema de concordância PL é mais próximo do PE. Nesta conformidade, enquanto o PA se encontra em estágio de variação estável, os jovens tongas, que só tardiamente abandonaram o sistema de semi-isolamento das roças, acabam por encontrar ainda uma margem de progressão na realização da concordância de número em direcção ao padrão de outra variedade de português presente na ilha, o português de São Tomé.

A linha inclinada do padrão diacrónico do PMp, com a faixa etária mais jovem a ser a única que favorece a concordância PL, ainda que moderadamente, revela que este dialecto se encontra em estágio de mudança em curso. Jon-And (2008:4) entende que o favorecimento à aplicação da regra de concordância por parte dos menos idosos tem a ver com o facto de o português dominar, cada vez mais, as situações de contacto quotidianas no Maputo, principalmente entre as gerações mais jovens. Relativamente ao PCV, Jon-And (2009) não analisou a marcação PL realizada pelas diferentes faixas etárias. No entanto, a autora constituiu a variável extralinguística *idade de início de aquisição de português (onset age)*, composta por três factores (Jon-And, 2009:4): (i) aquisição aos 0 anos; (ii) aquisição entre os 6 e 7 anos; (iii) aquisição entre os 10 e 14 anos. O estudo permite perceber que o factor (ii) constitui a idade ideal para aquisição da L2, já que beneficia a inserção de marcas (pr. 0,56), não sendo alheio a este

favorecimento o facto de, nesta fase, se iniciar a escolarização. Em plano ligeiramente inferior (pr. 0,43), surge o factor 0 anos, comprovando a facilidade da ASL na idade crítica da aquisição, mas que regista variação que se pode fixar, caso não receba *input* correctivo. Por fim, o factor início de aquisição de português entre os 10 e os 14 anos confirma que, muito dificilmente o aprendente suplanta os erros de concordância (pr. 0,35), dada a incapacidade de aquisição dos traços virtuais não especificados das categorias funcionais (Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashes, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003), visto estas deixarem de estar disponibilizadas depois do período crítico do desenvolvimento.

Relativamente à premissa que levantámos para a hipótese 13, constituída para a variável extralinguística idade (ponto 3.6.12), confirma-se que as diferentes gerações detêm gramáticas distintas, já que as gerações mais novas aplicam mais a regra de concordância. No caso específico do PA, e por condicionalismos conotados à desestruturação do sistema socioeconómico do país que ocorreu no período pós-independência, poder-se-á estar agora a assistir a uma situação de variação estável, com tendência para manter o actual padrão de CPL-var no SN.

### **5.3.3. Variável independente *estadia* (*Permanência fora da comunidade*)**

Como se pode verificar na Tabela 8.1, dos dezoito informantes de Almojarife, apenas cinco estiveram ausentes da comunidade por períodos superiores a seis meses. Este número salvaguarda a questão da “representatividade”, mas reflecte-se na quantidade de ocorrências submetidas a análise em cada um dos grupos (Tabela 12.14), com os informantes que se ausentaram a produzirem menos de metade de ocorrências (719 itens) do que o grupo de informantes cujas ausências foram nulas ou inferiores a seis meses (1.621 itens).

Tal como aconteceu para a variável independente *idade*, também a variável social *estadia* não necessitou de qualquer tratamento extra para os seus dados, até por que se trata de um grupo de factores binário. Na Tabela 28.1 é possível observar o peso que as produções dos dois grupos têm na configuração da CPL-var do SN do PA:

**Tabela 28.1.** Efeito da *estadia* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504	<i>Log-likelihood:</i> -981,009	<i>Significância:</i> 0,011		
<b>Factores seleccionados</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Sim	358/719	50	31	0,620
Não	844/1621	52	69	0,446
<b>Totais:</b>	<b>1.202/2.340</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

No ponto 5.3.2, dedicado ao estudo da variável social *idade*, abordámos já as consequências para o padrão de concordância do PA advindas dos movimentos migratórios dos membros da comunidade, principalmente por parte dos informantes do sexo masculino. Deste modo, as variações na fala a nível comunitário terão mais a ver com situações de migração do que com ausências para fora do país, já que as últimas não implicaram um contacto directo com falantes do PE (Tabela 8.1). Ainda assim, os informantes de Almojarife que passaram períodos prolongados fora da comunidade tendem a favorecer moderadamente a concordância PL (pr. 0,620), enquanto os que não registaram ausências significativas evidenciam tendência para inibir a pluralização, mas em valores que se aproximam do patamar da neutralização (pr. 0,466). Note-se que, ao contrário de HEL-Ba, cujo efeito da concordância parece ser mais significativo entre os jovens, no PA essa incidência cairá sobre os informantes mais idosos, especialmente da FE-2 (41-60 anos). No contexto específico das comunidades rurais de São Tomé, tal não surpreende, por três razões óbvias: (i) a faixa etária mais idosa (FE-3, informantes com mais de 60 anos) viveu um período conturbado da vida da colónia, marcado por medidas segregativas e discriminatórias do Estado Novo, como o *Acto Colonial*, e que a empurraram para uma situação de precariedade, indigência e afastamento linguístico relativamente ao PE; (ii) por seu lado, a geração entre os 20 e os 40 anos (FE-1) foi vítima do desmembramento do sistema socioeconómico da ilha, que ocorreu após a independência desta e lançou as comunidades rurais para o isolamento e maior empobrecimento, em virtude da desarticulação de todo o tipo de infra-estruturas erigidas pela administração colonial; (iii) não detectámos no nosso *corpus* informantes desta faixa etária que se tenham ausentado para São Tomé durante o período em que ocorreu o fluxo de migração para a capital e que tenham, posteriormente, regressado para a comunidade com a finalidade de voltar a fixar residência nesta. Ainda assim, em termos

gerais, a ligeira tendência para favorecer a concordância evidenciada pelos elementos que passaram mais tempo fora da comunidade pouco ou nada contribuiu para aproximar o padrão de concordância PL do PA daquele que se regista no PE.

Resta referir que os estudos sobre as outras variedades de português não apresentaram valores para a variável *estadia*. P. Andrade (2003:123) refere que a mesma não foi seleccionada pelo programa VARBRUL na abordagem atomística, mas mesmo assim, e a exemplo dos outros estudiosos do fenómeno da CPL-var no SN, observa o modo como o grupo de factores *estadia* estabelece relações intrínsecas com a variável *idade*, para o desenho da concordância dentro do SN.

No que concerne à hipótese 14, constituída para a variável *estadia*, confirma-se que o factor ausência não contribuiu para a realização de padrões de concordância PL mais próximos dos do PE.

#### 5.3.4. Variável independente *sexo*

A exemplo do que sucedeu com as duas variáveis anteriores, também os dados da variável *sexo* não necessitaram de mais nenhum tratamento adicional, visto ser um grupo de factores binário. Na Tabela 29.1 é possível verificar qual o peso exercido por ambos os sexos na CPL-var do SN do PA:

**Tabela 29.1.** Efeito da variável social *sexo* na marcação PL dos itens do SN do PA.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504		<i>Log-likelihood:</i> -981,009		<i>Significância:</i> 0,011
<b>Sexo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>
Masculino	709/1.323	54	56	0,550
Feminino	493/1.017	49	44	0,436
<b>Totais:</b>	<b>1.202/2.340</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Como referimos no ponto 5.3.1, a discussão em torno da variável social *sexo* não tem sido consensual, já que o pressuposto de Chambers & Trudgill (1980:97-98), que atribuiu às mulheres a responsabilidade pelas mudanças em direcção ao padrão da LA, não é corroborado por outros estudiosos (Scherre, 1988:491; Lucchesi, 2000a:289; P. Andrade, 2003:129). No que diz respeito aos valores de Almojarife, são os homens que usam a forma mais próxima do padrão europeu (pr. 0,550), cabendo às mulheres o maior índice de variação (0,436). Este padrão de favorecimento estabelece semelhanças com o

de HEL-Ba e o do PT (Tabela 29.4), sendo rurais todas estas comunidades. Por outro lado, não deixa de ser curioso que as comunidades estudadas por Labov (1978), Chambers & Trudgill (1980), Scherre (1988) e Lopes (2001), nas quais as mulheres lideram o favorecimento da marcação, são todas do tipo urbano. Note-se ainda que os números apontados por Lucchesi (2000a:289), para a CGEN-var da comunidade de HEL-Ba, mostram que são também os homens os responsáveis pela produção das formas com maior índice de concordância (homens = pr. 0,55; mulheres = pr. 0,45).

Observando as marcações percentuais por sexo nas diferentes faixas etárias, a Tabela 29.2 apresenta-nos os resultados respeitantes ao estrato sexo que faz parte de cada um dos escalões etários:

**Tabela 29.2.** Marcação PL dos itens do SN do PA: valores por *idade e sexo*.

<i>Input desta rodada:</i> 0,504		<i>Log-likelihood:</i> -981,009	<i>Significância:</i> 0,011	
<b>Faixa etária</b>	<b>Sexo</b>	<b>Nr. total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>
FE-1 (20 – 40 Anos)	M	289/499	58	51
	F	334/485	69	49
FE-2 (41 – 60 Anos)	M	281/485	58	62
	F	92/301	31	38
FE-3 (+60 Anos)	M	139/339	41	59
	F	67/231	29	41
<b>Totais:</b>		1.202/2.340	51	100

Os homens lideram a tendência para inserir a pluralização nas duas faixas etárias mais idosas (FE-3: H = 41%, M = 29%; FE-2: H = 58%, M = 31%), mas depois acontece uma inversão no padrão da marcação por sexo no escalão mais jovem, no qual os membros do sexo feminino passam a aplicar mais a marcação do que os do sexo masculino (FE-1: H = 58%, M = 69%). Note-se ainda que, na FE-3, ambos os sexos marcam negativamente a pluralização, mas que na FE-2 os homens passam a revelar uma tendência para beneficiar a marcação, enquanto as mulheres, apesar de apresentarem uma maior aquisição da regra, ainda a inibem. Por fim, na FE-1, ambos os sexos passam a marcar positivamente a pluralização, sendo as mulheres quem mais propicia esta.

Quanto ao total de SN's com marcação plena produzidos pela comunidade de Almojarife, encontra-se repartido por ambos os sexos de acordo com a tabela seguinte 29.3:

**Tabela 29.3.** SN's plenamente marcados no PA: valores por *sexo*.

<i>Input desta rodada:</i> 0,223		<i>Log-likelihood:</i> -694.131		<i>Significância:</i> 0.001	
<b>Sexo</b>	<b>Nr. Total</b>	<b>% marcação PL</b>	<b>% no grupo</b>	<b>Peso relativo</b>	
Masculino	250/819	30	55	-	
Feminino	175/669	26	45	-	
<b>Totais:</b>	<b>425/1.488</b>	<b>29</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	

**Obs.:** Variável rejeitada pela ferramenta VARBRUL na rodada extra realizada (rodada geral do tipo não-atômico).

Os homens revelam maior tendência para aplicar a regra de concordância plena do que as mulheres, uma vez que produziram 819 SN's, com um percentual total de marcação de 30% (250 SN's plenamente marcados). O maior intercâmbio dos homens com o mundo exterior, preconizado através dos fluxos de migração para os centros urbanos, a integração de mancebos nas forças do exército ou o maior índice de escolarização dos elementos deste sexo são, por si só, condicionantes suficientes para entendermos o porquê de ser do sexo masculino a responsabilidade maior na aplicação da regra de concordância PL, já que cabe a este estrato o contacto mais próximo com as formas normatizadas. Por seu lado, as mulheres, mais fixadas à comunidade, foram responsáveis pela produção de 669 SN's, os quais apresentam um percentual de marcação que se queda pelos 26% (175 SN's com marcação em todos os itens da cadeia sintagmática, quando ela é exigida). Contudo, note-se que a pequena diferença nas frequências e percentagens de marcação PL podem indiciar estar a ocorrer uma tendência para a hegemonia dos padrões de comportamento destes dois segmentos sociais, daí a variável não ter sido considerada relevante pela ferramenta VARBRUL. Embora alguns autores entendam o fenómeno como indiciador de a comunidade se encontrar em estágio final de mudança linguística (cf. Baxter, Lucchesi & Guimarães, 1997:46), a verdade é que, no caso de Almojarife, tal sinal terá que ser entendido com alguma reserva. De facto, o actual panorama social de Almojarife, face ao desarticular das estruturas socioeconómicas do país após a sua independência, mostra-nos que os habitantes de São Tomé tiveram que recorrer a alternativas de sobrevivência, devido à

falta de oferta de emprego generalizado. Neste contexto, os elementos da comunidade de Almojarife passaram a dedicar-se a actividades novas, com os homens tirando partido da benesse píscea oferecida pela baía onde se encontram radicados e as mulheres ajudando-os no escoamento do produto capturado:

DOC: *Mas vai sempre a cidade?*

INF: *Ê vô sim, ê vô sempre sim.*

DOC: *Vai ao mercado?*

INF: *Ê vô pa mercado sim.*

DOC: *É que aqui tem uma tradição que quando o marido é pescador a mulher que vende peixe.*

INF: *Sim as veze ê vô vendê sim, as veze quando el trás peixe, ê vô ven... Quando el traz ê vô vendê, quando tem muito ê levo. [CLOTIM2]*

Deste modo, a actividade piscatória deixou de ser um exclusivo dos angolares, como as mulheres de Almojarife deixaram também de se dedicar unicamente à lavoura de pequenas parcelas de terra, actividade que as fixava na comunidade e as levava a conservarem características linguísticas mais primitivas determinadas pela transmissão linguística irregular. Assiste-se então ao inverter da situação que outrora levava os homens a protagonizarem o contacto com o mundo exterior, já que agora permanecem na comunidade após regressarem da faina do mar, repousando e preparando os aprestos marítimos para nova saída. Quanto às mulheres, deslocam-se para fora da comunidade para venderem o pescado, animais de criação e excedentes colhidos nas lavras e hortas, contactando com registos linguísticos que poderão, porventura, estar mais próximos do padrão do PE. Razão pela qual, na fase actual da vida da comunidade, se registará uma hegemonia nos padrões linguísticos de ambos os sexos, não a prefigurar um estágio de mudança consumada, mas uma aproximação ao registo masculino, que se encontrará em estágio de variação estável. Contudo, estes aspectos só poderão ser devidamente confirmados com a recolha e análise de dados linguísticos produzidos pelas actuais gerações mais novas de Almojarife, já que *“muitas mudanças discutidas sob este rótulo não estão provavelmente em progresso, mas em variação que pode permanecer estável durante séculos”* (Labov, 1981:177).<sup>191</sup> Este raciocínio é complementado por outros autores, quando procuram estabelecer uma hipótese geral sobre a mudança sintáctica, admitindo-se que qualquer nova estrutura *“pode ser parcialmente bloqueada por um certo período de tempo. É somente a longo prazo, não no seu início ou progresso, que*

*mudança lingüística produz resultados relativamente ‘naturais’ e uniformes”* (Naro, 1981:97).

Para podermos comparar o actual estágio de variação lingüística do PA com o de outras variedades de português, atente-se aos resultados apresentados na Tabela 29.4:

**Tabela 29.4.** Variável social *sexo*: contribuição dos factores individuais para a marcação plural do elemento analisado [5 variedades de português].

Sexo	Variável social <i>sexo</i>									
	PA		MRJ		NURC		HEL-Ba		PT	
	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%	Pr.	%
Masculino	0,550	54	0,41	65	0,47	80	0,57	46	0,573	53
Feminino	0,436	49	0,59	77	0,53	82	0,43	44	0,401	58

O padrão da CPL-var do SN do PA apresenta similaridades com o de outras comunidades rurais, casos de HEL-Ba (P. Andrade, 2003:129) e do PT (Baxter, 2009:285), confirmando os seus valores o pressuposto que levantámos para a variável social *sexo* (hipótese 12). De facto, em todas estas são os homens que revelam um uso maior da regra de concordância em número, enquanto as mulheres apresentam um maior índice de variação. Estes valores encontram ainda paralelo naqueles que foram apresentados por Lucchesi (Lucchesi 2000a:289) para a CGEN-var de HEL-Ba. Contrariamente, nos dialectos urbanos do MRJ (Scherre, 1988:491) e de Salvador (Lopes, 2001:109), são as mulheres a liderar o uso das formas mais próximas do português padrão, cabendo aos homens apresentar o maior índice de variação. Estes aspectos fazem pressupor que os padrões de comportamento lingüístico em direcção à realização da regra de concordância do português são orientados por diferentes agentes, quando se trata de dialectos do tipo rural ou urbano. Para termos mais confirmações sobre este pressuposto, gostaríamos de possuir dados acerca do PMp, uma variedade urbana de português africano. Contudo, a variável social *sexo* não foi considerada significativa pelo programa VARBRUL nos estudos de Jon-And (2008), pelo que não podemos estabelecer comparações entre este dialecto e os constantes na Tabela 29.4.

No presente capítulo analisaram-se os resultados de uma variável do tipo semântico, três variáveis do tipo fonológico e quatro variáveis extralingüísticas. A variável do tipo semântico confirmou a hipótese levantada para a mesma. Por seu lado, as hipóteses constituídas para as variáveis fonológicas foram todas confirmadas apenas parcialmente.

Ainda assim, foi possível constatar que fenómenos como a assimilação regressiva (Braga, 1977:72) ou a haplologia sintáctica (Scherre, 1988:251-252) não evidenciam consistência para justificar a inibição da pluralização em termos de *contexto fonológico posterior*, sendo esta mais do tipo estrutural e condicionada pelas marcas precedentes. Este aspecto não só abona em favor da hipótese da CPL-var no SN ser influenciado pelo sistema de pluralização das ancestrais línguas africanas (cf. Guy, 1981a: 301-302) como retira também força à possibilidade de tal fenómeno ser motivado por derivas históricas e internas à própria língua (cf. Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 1993, 2000, 2007a). Por fim, os resultados das variáveis sociais confirmam todas as hipóteses levantadas e revelam que a fala de Almojarife se encontra em situação de variação estável, com tendência para manter o actual padrão de CPL-var no SN.

Seguidamente, apresentamos as conclusões finais do presente estudo.



## CONCLUSÕES FINAIS

*“O desafio é interpretar a língua-E em relação à língua-I dos seus falantes.”*

(In Susan Pintzuck, George Soulas & Anthony Warner, *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*, p. 63).

Durante o desenrolar do presente trabalho procurámos determinar o quadro da CPL-var na estrutura do SN do PtgL1 adquirido por falantes bilingues, que têm um CP (o santomense) como outra L1. Paralelamente, procurou-se perceber como ocorre a aquisição massiva do PtgL2 por falantes monolingues de L1's africanas do grupo níger-congo atlântico, que têm o PE como LA. O objectivo global é perceber as tendências do processo de aquisição em contextos de transmissão linguística irregular, quer de L2's por falantes monolingues quer de L1's por falantes bilingues. Recorrendo à comparação com os perfis de variação registados no SN de diversas variedades africanas e brasileiras de português, procurámos confirmar também se o português adquirido em situação de contacto por falantes de um CP manifesta padrões de variação semelhantes aos do português resultante de uma situação de transmissão linguística irregular na qual a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a). Observados estes aspectos, seria possível concluir se as variedades parcialmente reestruturadas em situação de contacto terão sido desenvolvidas por influência de uma língua crioula (ou por línguas crioulas), ancorando a CPL-var do SN em mecanismos sintácticos dos substratos (Guy, 1981a:3001-302), ou, em contrapartida, se ficaram a dever a processos internos à própria língua portuguesa, independentes de tal influência, como a deriva românica (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 1993, 2000, 2007a).

Para levarmos a cabo estas observações, foram analisados dados produzidos por 18 informantes bilingues em santomense e português, pertencentes à comunidade crioula de Almojarife, São Tomé. Os informantes foram equitativamente repartidos por três faixas etárias, de ambos os sexos. A nossa análise partiu do pressuposto que a variação observável na fala almoxarifana é condicionada por factores linguísticos e extralinguísticos e que, para além disso, reflecte características tipológicas, actuais e ancestrais, da L1 dos aprendentes, bem como a existência de características universais, independentes da L1 e da LA, que actuam sobre a estrutura da L2 e conseqüente L1 nativizada. O estudo apoiou-se no modelo variacionista laboviano (Bayley 1994; Bayley & Preston, 1996; Labov 1972a, 1982) e recorreu, essencialmente, ao pacote estatístico

GOLDVARB X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), a versão recente do programa VARBRUL (Pintzuk, 1988), com apoio de outras versões do programa, como o GOLDVARB 2001 (Robinson, Lawrence & Tagliamonte, 2001) ou o TSORT, do pacote VARBRUL-2. Para tanto, construímos um modelo teórico seguindo a proposta dos estudos de Guy (1981a), Scherre (1988), Lopes (2001), P. Andrade (2003), Baxter (2004, 2009), Godinho (2005) e Jon-And (2008, 2009). O recurso aos pacotes e programas referidos permitiu não só que quantificássemos os dados mas estimássemos também o peso probabilístico das variáveis linguísticas e sociais na aplicação das regras de concordância de plural no SN do PA. Por seu lado, a metodologia facultou-nos a possibilidade de se observar o modo como os mecanismos morfossintáticos da concordância de número se vão incorporando, geracionalmente, no sistema linguístico dos falantes de Almojarife. Assim sendo, perspectivou-se que a aquisição dos mecanismos morfossintáticos da concordância de PL estivesse relacionada com onze variáveis linguísticas e quatro variáveis sociais (Tabela 10.1).

A análise das variáveis tidas como relevantes na aplicação da concordância de PL nos elementos do SN assentou não só nos estudos que permitiram elaborar o modelo teórico mas também em diversos trabalhos psicolinguísticos e generativistas sobre aquisição de L1 e L2 em contextos monolíngue e/ou bilingue, fossilizações e aquisição dos traços de número nos elementos do SN do PE e de variedades africanas e brasileiras de português. De entre os estudos que serviram de suporte para as referidas análise e interpretação dos resultados poder-se-ão apontar, entre outros, os de White (1989, 2003), Cerqueira (1993, 1994), Hawkins (1993, 1998, 2001), Bruhn de Garavito (1994, 2003, 2005), Koehn (1994), Meisel (1994a), Müller (1994a), Hawkins & Chan (1997), Bruhn de Garavito & White (2002), Franceschina (2002, 2003, 2005), Costa & Santos (2004 [2003]), Montrul (2004, 2006, 2008), White *et alii* (2004), Côrrea & Augusto (2005), Godinho (2005), Bruhn de Garavito & Atoche (2006), Castro & Pratas (2006), Costa & Silva (2006b), Castro (2007), Castro & Ferrari-Neto (2007) e Silva (2010), trabalhos esses que poderão ter em conta quer os princípios preconizados na Gramática Generativa (Chomsky & Lasnik, 1999 [1993], Chomsky, 1996 [1995]; Radford, 1997; Carnie, 2007 [2002]), quer modelos psicolinguísticos como o dos Quatro Morfemas (Myers-Scotton & Jake, 2000a, 2000b; Myers-Scotton, 2002) quer os pressupostos da MD (Halle & Marantz, 1993;

Noyer, 2006). Para além destes estudos, não deixámos também de considerar aspectos que se relacionam com a mudança evolucionista da língua (Givón, 1998; Croft, 2000; Mufwene, 2001; Clements, 2009) ou a incrementação dos processamentos linguísticos em interlínguas (Pienemann, 1988, 2005b). A observação dos resultados demonstrou que nem todas as variáveis constituídas exercem influência sobre a concordância. Com efeito, a variável independente *marcação de género* não se apresenta como elemento preponderante para a inibição ou favorecimento da inserção de marcas de PL, em virtude de, em algumas situações, ocorrer não-realização do mecanismo morfossintáctico de função meramente gramatical para indicar o género no PA, que passa a ser do tipo referencial. Por seu lado, a variável *ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis em número* exerce um efeito oposto ao que prevíamos de início. Paralelamente, foi ainda possível constatar que, das variáveis linguísticas, o peso mais determinante na configuração da CPL-var no SN do PA cabe às variáveis do tipo estrutural. Em relação ao efeito da variável semântica *animacidade*, embora não seja de desconsiderar o seu peso na marcação PL de SN's com numerais, tem menos relevância do que as anteriores. Quanto às variáveis do tipo fonológico, exceptuando a variável independente *saliência fónica*, o seu efeito é nitidamente neutro para o desenho da CPL-var no SN. Portanto, a consistência de pressupostos que pretendem atribuir a responsabilidade da CPL-var no SN a fenómenos internos à própria língua portuguesa, como a assimilação regressiva (Braga, 1977), a haplologia sintáctica (Scherre, 1978, 1988) ou a própria deriva românica (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 1993, 2000, 2007a), é, desde logo, questionada pela escala hierárquica de favorecimento à inserção de marcas PL dos nossos achados.

Das hipóteses estipuladas para as variáveis linguísticas, confirmam-se totalmente as seguintes:

**Hipótese 5** – *Classe gramatical*: os itens que configuram a categoria de determinantes tendem a receber mais marcas de PL, uma vez que ocorrem, por norma, antes do nome núcleo do SN. As outras classes gramaticais inibem a marcação, visto configurarem categorias que ocorrem mais em posição nuclear (classes substantivadas e substantivos) ou pós-nuclear (adjectivos dos tipos 1 e 2).

**Hipótese 6** – *Posição do item analisado em relação ao núcleo do SN*: os elementos antepostos ao núcleo do SN, com especial incidência para os itens adjacentes, são mais marcados do que aqueles que lhe são pospostos.

**Hipótese 7** – *Posição do item na cadeia do SN*: o primeiro lugar da cadeia sintagmática, com especial relevância para a posição imediatamente pré-nuclear, é o que mais favorece a inserção de marcas. As outras posições tendem a marcar menos a pluralização, em virtude de a informação de número PL já ter sido atribuída (Kiparsky, 1972:195).

**Hipótese 10** – *Grau de concordância de número no SN*: a grande maioria dos SN's produzidos pela faixa etária mais idosa de Almojarife é de estrutura mínima (um ou dois itens flexionáveis) e baixo grau de complexificação estrutural. Quanto às faixas etárias mais novas da comunidade, não só produzem cadeias sintagmáticas mais extensas e de maior complexificação estrutural como também aplicam mais a regra da concordância em número.

**Hipótese 11** – *Traço semântico do SN*: os nomes com traço [+humano] têm tendência a favorecerem a marcação, enquanto os substantivos com traço [-humano] e [-animado] a desfavorecem. Entre os nomes [-humanos], os que contêm traço [-animado] propiciam mais a inserção de marcas do que os que possuem traço [+animado].

Confirmaram-se parcialmente as seguintes hipóteses:

**Hipótese 1** – *Saliência fônica (Processos de formação de plural)*: os itens que apresentam maior distinção fônica não tendem, necessariamente, a favorecer mais a inserção da pluralização, já que, entre os elementos que pluralizam regularmente, a inibição é mais acentuada nos que apresentam maior distinção fônica, isto é, nas palavras que terminam em *-ão* no singular. Por seu lado, os elementos terminados em *-s* no singular favorecerem categoricamente a marcação no PA.

**Hipótese 2** – *Tonicidade*: a inserção da marcação PL incide preferencialmente sobre os oxítonos e os monossílabos de uso tônico. Contudo, a hierarquia da inserção da

pluralização nos itens que menos beneficiam a marcação não seguiu a linha inicialmente prevista, já que os monossílabos átonos propiciam mais a inserção de marcas do que os paroxítonos. Para os proparoxítonos não foi possível obter a confirmação do peso exercido na pluralização, devido ao seu exíguo número de realizações nos nossos dados.

**Hipótese 3** – *Marcas precedentes*: apenas se confirma que a marca de PL formal em quantificadores e determinantes inibe a marcação nos itens seguintes, já que os numerais revelam tendência para favorecerem a inserção de marcas. Esta tendência decresce geracionalmente, a fim de estabilizar o padrão da regra ao encontro do padrão estrutural de marcação.

**Hipótese 4** – *Contexto fonológico posterior*: a pausa final é o elemento que mais favorece a inserção de marcas, aspecto que apenas não foi corroborado aquando da observação da influência na marcação PL exercida pelas zonas e pontos de articulação das consoantes pela FE-1. A pausa interna, por seu lado, apresenta-se como o segundo elemento que mais favorece a inserção PL, apesar de exibir quer um valor próximo da neutralidade quer algumas oscilações geracionais. Ainda em termos da predição avançada, confirma-se a influência das consoantes na marcação PL, sendo a inserção de marcas mais facilitada pelas surdas do que pelas sonoras. Por seu lado, a não obstrução à passagem de ar pelo tracto bucal favorece a inibição, o que nos permitiu estabelecer a seguinte escala hierárquica das consoantes no favorecimento à marcação, de acordo com as suas zonas e pontos de articulação: (i) palatais, com especial aclave para as velares e declive para as apicais; (ii) labiais; (iii) dentais, com aclave para as lábio-dentais e declive para as ápico-dentais; (iv) alveolares. Relativamente às vogais, não evidenciam um favorecimento à marcação mais acentuado do que a totalidade das consoantes, contrariando o que havíamos predito inicialmente.

Não se confirmou a seguinte hipótese:

**Hipótese 9** – *Ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis em número*: não se detecta a intervenção do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), com zeros levando a zeros no SN do PA, já que a ausência de marcação no elemento

posterior ao item não flexionável que é inserido na cadeia sintagmática radica quer em motivações estruturais quer em motivações semânticas. Estas, por seu lado, determinam que a pluralização nos elementos posteriores, por questões funcionalistas, não venha a ser inserida, em virtude de se revelar redundante (Kiparsky, 1972:195).

No que diz respeito às variáveis sociais, confirmaram-se totalmente as hipóteses levantadas:

**Hipótese 12** – *Sexo*: por condicionantes sociolinguísticas, os homens usam mais a regra de concordância em número, enquanto as mulheres apresentam um maior índice de variação. Contudo, o nível de propiciamento da pluralização no SN tem vindo a nivelar-se entre ambos.

**Hipótese 13** – *Idade*: as diferentes gerações de Almojarife detêm gramáticas distintas, com as gerações mais novas a aplicarem mais a regra de concordância PL do que as gerações mais idosas.

**Hipótese 14** – *Estadia*: os membros da comunidade que se ausentaram desta durante prolongados períodos de tempo não contribuíram para que o padrão de concordância PL do PA se aproximasse mais do padrão do PE.

**Hipótese 15** – *Escolaridade*: a atenção dos falantes para com os mecanismos de concordância aumenta com o incremento da frequência escolar, levando-os a flexionar mais os itens pluralizáveis e a produzir SN's de estrutura mais complexa.

No que concerne às variáveis do tipo estrutural, para percebermos o modo como os elementos da cadeia sintagmática se comportam nas diferentes posições desta, observámos os efeitos exercidos na marcação PL pelos grupo de factores *posição em relação ao núcleo do SN, posição linear, posição na cadeia dos constituintes flexionáveis e categoria gramatical*, quer de forma individual quer estabelecendo cruzamentos diversos entre eles. No geral, constatámos a sua forte influência na configuração da CPL-var no SN do PA, com as posições anteriores ao núcleo do SN tendendo a ser as mais marcadas, sobretudo a posição adjacente a este. A mais alta

inibição da marcação, por seu lado, afecta categoricamente os elementos pospostos ao núcleo.

Os cruzamentos entre variáveis permitiram também confirmar que os substantivos e categorias substantivadas revelam um peso inibidor da marcação em posição nuclear. Contudo, esta inibição perde força quando o núcleo ocupa o primeiro lugar da cadeia sintagmática, já que passa a favorecer moderadamente a inserção de marcas por questões funcionalistas, que levam a pluralização a ser inserida na primeira oportunidade (Kiparsky, 1972:195). Relativamente aos artigos, distribuem-se pelas suas clássicas posições pré-nucleares, com ocorrências e peso da pluralização mais acentuados na localização imediatamente antes do núcleo. Quanto aos numerais, situam-se apenas nas posições pré-nucleares, com um peso neutro na pluralização, mas com os numerais que terminam em *-s* a propiciarem menos a pluralização do que aqueles que não finalizam em *-s*. Desta forma, estabelece-se um paralelo entre estes elementos e os itens portadores ou não de marcação formal de PL, uma vez que a análise do grupo de factores *marcas precedentes* permitiu observar que o factor S\_ (2<sup>a</sup> posição, marca formal na 1<sup>a</sup> posição) regista uma acentuada tendência para inibir a pluralização nos itens seguintes, enquanto o factor 0\_ (2<sup>a</sup> posição, ausência de marcação formal na 1<sup>a</sup> posição) conduz a um favorecimento categórico da marcação PL nos elementos que se seguem. Estes aspectos contrariam a hipótese do Princípio do Processamento Paralelo, confirmando que este não tem intervenção na marcação PL dos elementos do SN do PA, conforme preconizado por Scherre (1988:208) para a fala do MRJ. Observando a questão da marcação determinada pelos numerais nas diferentes faixas etárias, foi possível constatar que, inicialmente, os falantes almorixanos não percebem que estes itens carregam intrinsecamente a noção semântica de PL. Contudo, as faixas etárias mais novas de Almorixe, e conseqüentemente mais escolarizadas, adquirem essa noção e estabelecem um nivelamento entre os dois padrões de marcação, semântico e estrutural: (i) se ocorrem marcas semânticas ou estruturais de PL no primeiro elemento do SN, a tendência será de não inseri-las nos elementos posteriores (ii) se tais marcas não ocorrerem, a tendência será para propiciar a marcação nos itens posteriores. Ainda assim, importa referir que as diferenças de valores reveladas quer pelos pesos relativos quer pelos percentuais de marcação entre ambos os tipos de numerais são praticamente

nulas, validando também a eliminação do contraste entre ambos. Por outro lado, foi também possível constatar que os informantes de Almojarife tratam de forma idêntica os numerais simples e numerais de mais de uma palavra.

No que diz respeito aos restantes elementos gramaticais, espalham-se por todas as posições pré e pós-nucleares, mas com muito maior incidência no lugar imediatamente à esquerda do núcleo, onde o seu peso de inserção de marcas PL é bastante categórico. De entre estes, os possessivos e adjectivos em posição imediatamente pré-nuclear evidenciam alto índice de favorecimento à marcação, apresentando os segundos um desfavorecimento quando em posição pós-nuclear, onde ocorrem maioritariamente. Estes aspectos confirmam os pressupostos da MD que advogam existir uma relação não só de definitude entre ambos os itens gramaticais e o nome mas também entre o *output* da sintaxe e o *input* da morfologia, com a segunda lendo a primeira. Como tal, a concordância PL é funcional e determinada no PA por morfemas do tipo *singleton*, responsáveis pela variação, em virtude de deterem o estatuto de núcleo na posição imediatamente pré-nominal, onde incide a marcação de número, e assumirem a categoria de sintagma na localização pós-nominal, na qual a marcação PL é dispensada por questões funcionalistas, que visam evitar a redundância (Kiparsky, 1972:195). Este aspecto foi especificamente confirmado no cruzamento entre as variáveis *ordem do item na cadeia dos constituintes flexionáveis* e *posição linear*, que permitiu concluir, também, que o Princípio do Processamento Paralelo, com zeros levando a zeros e marcas conduzindo a marcas (Scherre, 1988:208), não tem intervenção na marcação PL do SN do PA, já que a ausência de pluralização no elemento posterior ao item não flexionável que é inserido na cadeia sintagmática é, essencialmente, motivada por razões semântico-estruturais. Hierarquicamente, os determinantes pré-nucleares propiciam a inserção de marcas de acordo com a seguinte escala decrescente de favorecimento: indefinidos, demonstrativos, possessivos, quantificadores, artigos definidos e artigos indefinidos.

Relativamente à variável *marcas precedentes*, abstivemo-nos de a observar efectuando cruzamentos com as outras variáveis do tipo estrutural, visto entendermos que ela espelha melhores resultados se for tratada individualmente (cf. Guy, 1981a:178). Este aspecto seria confirmado ao efectuarmos amalgamações de factores para constituir

grupos de factores de acordo com os elaborados por outros autores (Scherre, 1988; Lopes, 2001; P. Andrade, 2003; Baxter, 2004, 2009) e observarmos o peso dos mesmos na inserção de marcas PL. De facto, a metodologia das amalgamações e cruzamento dos seus grupos de factores com outras variáveis independentes do tipo estrutural não permitem, quanto a nós, que se observem, com exactidão, questões inerentes à problemática da implementação (*actuation problem*) (Labov, 1972a, 1982; Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]), isto é, se determine o peso que certos factores detêm na pluralização dos elementos do SN, já que esses factores poderão estar a reflectir meras realizações idiolectais, que acabam viciando resultados que se pretendem comunitários. Relativamente ao estudo comparado do modo como o grupo de factores *marcas precedentes* intervém na marcação PL do item posterior de diferentes variedades parcialmente reestruturadas de português, o mesmo permitiu verificar não só que o PA é a variedade que se encontra no estádio mais baixo da aquisição da regra de concordância PL mas também que o português adquirido em situação de contacto por falantes de um CP manifesta os mesmos padrões de variação do português adquirido numa situação de transmissão linguística irregular na qual a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a). Esta conclusão, por sua vez, reforça a probabilidade de, em todas as variedades africanas e brasileiras de português observadas, a CPL-var ser fortemente condicionada pela indicação do PL na primeira oportunidade (cf. Kiparsky, 1972:195), por norma o item colocado na posição imediatamente anterior ao núcleo do SN, devido a influências que ancoram nas línguas do substrato africano (cf. Guy, 1981a:301-302), ancestrais ou directas. Descarta-se assim, uma vez mais, a probabilidade de a CPL-var ser motivada por questões determinadas pelo Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208), com zeros originando zeros e marcas levando a marcas.

No que concerne à variável *posição linear*, o seu cruzamento com a variável social *idade* foi determinante para se observar não só a forma como são inseridas as marcas de PL mas também compreender como se desenvolve, geracionalmente, a regra de concordância no SN. Confirmou-se o que já se observara acerca de a marcação PL ser do tipo funcional e determinada, no PA, por morfemas do tipo *singleton*. Deste modo, a pluralização é atribuída de modo parcial, desde o início da aquisição do PtgL2, ao elemento pré-nuclear adjacente, ou seja, à posição DET (Longobardi, 1994; Baxter,

2009), mesmo em sintagmas de configuração mais desenvolvida. A partir desta localização, o PL desenvolve-se, ainda com características de concordância parcial, através de morfemas dissociados, que são atribuídos aos elementos mais próximos do *fulcro*. A ordem de atribuição contempla os elementos do SDET, primeiro, e os itens à direita do núcleo, depois (cf. Fig. 1). Não obstante, o perfil da âncora imediatamente pré-nuclear é mantido geracionalmente. Estes aspectos foram determinados pelo facto de a ancestral ASL ter tido, como intervenientes, falantes de L1's africanas do grupo níger-congo atlântico que haviam já ultrapassado o período crítico para a aquisição, não podendo, por tal, adquirir os traços de PL das categorias funcionais (cf. Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashen, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003). Estes falantes foram responsáveis, depois, pela transmissão de DLP's deficitários que determinaram uma instanciação em cadeia de novos/errados parâmetros, os quais, por sua vez, impossibilitaram um reajustamento paramétrico, já que os novos/errados parâmetros foram tomados como modelos para uma nova reinstanciação paramétrica na L1 nativizada (cf. Gonçalves, 2004:235). Perdido os traços virtuais não especificados das categorias funcionais, as faixas etárias mais novas de Almojarife, sobretudo as menos escolarizadas, não conseguem suplantar a variação fixada, limitando-se a aplicar a pluralização redundante de modo esporádico, e apenas nos elementos pré-nucleares não imediatos, quando começam a elaborar SN's mais complexos. Ainda assim, vislumbra-se uma ligeira aquisição da regra de concordância, sobretudo por parte dos elementos mais escolarizados da comunidade, um aspecto que contraria o pressuposto de o apagamento da marca formal de PL poder ser justificado em termos de deriva românica (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 1993, 2000, 2007a), já que esta determina a eliminação diacrónica do *-s* morfémico PL, ao passo que, o que sucede no PA é um situação diametralmente oposta, verificando-se a aquisição/inserção geracional do referido morfema.

Levando em conta a problemática da transição (*transition problem*) (Labov, 1972a, 1982; Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]), a fala de Almojarife fornece evidências para se concluir que, em termos comunitários, e de acordo com hierarquia da “processabilidade” (Plag, 2008a, 2008b), não foram adquiridas plenamente as regras da flexão contextual, instanciadas a partir do nível 4 do desenvolvimento da interlíngua

(Tabela 3.1). Como tal, a variação no PA encontrar-se-á entre os patamares 3 e 4 do desenvolvimento sintáctico proposto pela referida hierarquia, fase em que se deverá manter estabilizada, porque não se encontram reunidas condições socioeconómicas em São Tomé que façam prever um continuado desenvolvimento da aquisição da regra da concordância PL, que a leve a aproximar-se mais do padrão do PE.

As constatações fornecidas pelas variáveis do género estrutural acerca das motivações para a inserção de marcas PL no SN do PA, seu ponto inicial de aplicação e posterior desenvolvimento geracional da regra de concordância PL, foram fortalecidas e complementadas com a observação do comportamento das variáveis do tipo fonológico. De entre estas, apenas a variável *saliência fónica* apresenta algum peso na inserção da pluralização nos itens do SN, embora o Princípio da Saliência Fónica (Naro & Lemle, 1976:240-241; Lemle & Naro, 1977:47) não pareça reflectir-se no PA, já que o maior grau de concordância não incide sobre os itens que implicam uma saliência fónica mais perceptível na oposição singular/plural. Efectivamente, a tendência para o favorecimento da marcação é bastante acentuada apenas nos itens que finalizam em *-s* no singular, cujo PL se faz através da inserção de *-es*, ou seja, em elementos que evidenciam um grau ligeiro de distinção fónica singular/plural. Por outro lado, a inibição também se verifica mais nos elementos finalizados em *-ão* do que nos itens regulares, isto é, nos que apresentam maior distinção fónica singular/plural, talvez por apresentarem diferentes formas de pluralização (*-ão* > *-ãos*, *-ão* > *-ões*, *-ão* > *-ães*), o que leva os falantes a hesitarem na selecção daquela que será mais apropriada (Scherre, 1988:124). Lembremos aqui que Faria, Freitas & Miguel (2001:53) apontam também a irrelevância da saliência fónica na inserção de fricativas morfológicas em coda de sílaba, que determinam a realização da pluralização na fase precoce de aquisição do PEL1. Tal resulta da incapacidade de as crianças isolarem e interpretarem separadamente os morfemas a nível das palavras, um fenómeno apontado também na aquisição bilingue (Koehn, 1994:49) e ASL (DeGraff, 1999b:482) e que, ao que tudo indica, ocorre no PA.

Comparando os dados do PA com os de outras variedades africanas e brasileiras de português, verifica-se que o padrão de marcação do primeiro apresenta ligeiras diferenças relativamente ao de algumas das segundas, ficando tal a dever-se ao modo como alguns dos factores foram amalgamados por outros autores, o que originou

factores distintos dos constituídos por nós. Contudo, o factor *itens que finalizam em –s no singular* evidencia um comportamento diametralmente oposto ao das outras variedades, uma vez que inibe a marcação PL nestas. A inibição tem sido justificada com base na analogia que o /s/ final estabelece com o morfema –s, marca de PL, originando o fenómeno da assimilação regressiva (Braga, 1977:72).

O facto de ocorrer distanciamento na forma de marcar o PL em alguns itens produzidos por diferentes falantes de Almojarife, levou-nos a observar a relação estabelecida entre a variável linguística *saliência fónica* e a variável social *escolaridade*. Confirmou-se que quer o padrão de favorecimento da marcação (itens que terminam em –s no singular) quer o padrão de inibição (itens regulares) se mantêm constantes em todos os níveis de escolaridade, ou seja, em todas as gerações.

A variável *tonicidade* mostrou que os oxítonos e os monossílabos tónicos detêm a primazia na marcação PL, enquanto os paroxítonos, os proparoxítonos e os monossílabos átonos a inibem. Neste aspecto, o padrão de marcação do PA é idêntico ao de outras variedades de português, mantendo-se praticamente constante em todos os níveis de escolarização e faixas etárias. Esta particularidade evidencia que os falantes almojarifanos não possuem diferentes concordâncias motivadas pela mesma variável fonológica, o que seria confirmado posteriormente, com recurso ao cruzamento entre as variáveis *saliência* (amalgamação entre factores das variáveis linguísticas *saliência fónica* e *tonicidade*) e *escolaridade*. A constituição deste grupo de factores permitiu verificar também que a escala de favorecimento à marcação é liderada pelos oxítonos finalizados em –s no singular, seguindo-se os monossílabos átonos, os itens terminados em –r no singular e os oxítonos ou monossílabos tónicos. Como itens inibidores da marcação, aparecem os paroxítonos regulares e os nasais regulares. A confirmação do peso exercido pelos elementos terminados em –s no singular na inserção de marcas PL denota, uma vez mais, que o fenómeno da assimilação regressiva (Braga, 1977:72) não é acolhido no PA. Quanto ao elevado índice de marcação dos monossílabos átonos, deixa perceber que, na aquisição do PtgL2, os proclíticos dos substantivos terão sido interpretados como sílabas iniciais destes, ocorrendo não-aquisição quer da sua noção de definitude quer da informação PL do tipo sintáctico, tal como acontece nos CP's atlânticos e seus substratos do grupo níger-congo atlântico. Por seu lado, o perfil de

marcação PL no PA, motivado tanto pela *tonicidade* como pelo eixo *saliência*, é bastante semelhante aos de outras variedades africanas e brasileiras de português, confirmando, de novo, que o português adquirido em situação de contacto por falantes de um CP manifesta os mesmos padrões de variação do português adquirido numa situação de transmissão linguística irregular na qual a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a). Paralelamente, verifica-se que o efeito da *saliência* na marcação PL do PA, ao longo do seu percurso geracional, ancora nos achados dos estudos de aquisição que defendem que o desenvolvimento da morfologia flexional se inicia nas oposições salientes (Bayley, 1994:167). Portanto, as oposições mais salientes são adquiridas precocemente, sendo a marcação favorecida pelas distinções morfofonológicas plural/singular mais acentuadas, como acontece com os oxítonos terminados em *-s* no singular, os plurais tónicos com mudança no radical e os plurais tónicos sem mudança no radical. Paralelamente, a geração mais idosa de Almojarife revela tendência a não pluralizar os elementos terminados em *-r* no singular, em virtude de não fazerem a distinção entre elementos vocálicos em final de palavra e o som [r], inexistente em línguas do grupo níger-congo atlântico, e sujeito a fenómeno de lambdacismo no santomense. Desta forma, a aquisição do PL das formas menos salientes e dos elementos terminados em *-r* no singular ocorre em período mais tardio, como nos revelam os valores dos elementos terminados em *-r* no singular e dos monossílabos átonos, que devem o favorecimento da pluralização à aquisição do artigo nas FE-2 e FE-1, e dos plurais átonos sem mudança no radical, que, geracionalmente, nunca atingem números que apontem para um favorecimento à inserção de marcas de PL.

A variável *contexto fonológico posterior*, apesar da sua fraca influência na marcação PL, permitiu não só complementar conclusões acerca do modo com as variáveis do tipo fonológico intervêm nesta mas também confirmar que o fenómeno da haplologia sintáctica (Scherre, 1988:244) não intervêm na inibição do PL no SN do PA. Os falantes deste tendem a propiciar mais a pluralização quando o *contexto fonológico seguinte* é um item vocálico do que quando é configurado por um elemento consonantal, embora ambos revelem pesos inibidores para a inserção de marcas PL. Ainda assim, verifica-se que as realizações da comunidade de Almojarife tendem para a busca do padrão silábico

universal CV. Observando o comportamento dos traços de fonte e de classe principal das consoantes, verificou-se também que o vozeamento e a sonoridade pouca peso exercem na pluralização, apesar de as consoantes não-soantes [-sonoras] e as surdas [-vozeadas][-sonoras] evidenciarem tendência para propiciarem mais a marcação do que as consoantes soantes [+sonoras] e sonoras ou vozeadas [+vozeadas][+sonoras]. Quanto às pausas, são o factor que mais beneficia a pluralização, com os valores da pausa final sobrepondo-se aos da pausa interna.

Analisando a influência das zonas, pontos e modo de articulação das consoantes na marcação PL, constatou-se que os itens não-coronais favorecem ligeiramente a marcação, enquanto os elementos coronais a inibem. Por outro lado, verificou-se também que quanto maior é a obstrução à passagem do ar no tracto bucal, mais acentuado é o propiciamento à inserção PL, o que permitiu confirmar a escala hierárquica de favorecimento à marcação evidenciado pelas consoantes: (i) palatais, com especial aclave para as velares e declive para as apicais; (ii) labiais; (iii) dentais, com aclave para as lábio-dentais e declive para as ápico-dentais; (iv) alveolares. Como as vogais são acusticamente realizadas sem intervenção do ponto apical, vão favorecer a inserção de marcas, apesar de serem produzidas sem obstrução à passagem de ar pelo tracto bucal. Quanto a intervenção da caixa de ressonância, é débil no processo de pluralização, tal como havia sido notado por Scherre (1988:255) para a fala carioca.

O cruzamento entre as variáveis *contexto fonológico posterior* e *saliência fónica* confirmou que as formas mais salientes, logo mais perceptíveis, detêm maior probabilidade de serem marcadas do que as formas menos salientes. Assim, o *contexto fonológico seguinte* tem tendência a propiciar menos a inserção PL em itens regulares, aumentando esse propiciamento quando se trata de realizações nasais regulares ou elementos terminados em *-s* e *-r*, com estes últimos evidenciando marcação categórica do PL, independentemente do tipo de realização fonológica posterior. Este aspecto confirmou, em definitivo, que os fenómenos da assimilação regressiva e da haplogia sintáctica não exercem peso na inibição da pluralização, conforme defendido por Braga (1977:72) e Scherre (1988:244), suspeitando-se que estes pressupostos tenham sido generalizados com base em ocorrências heterogéneas e mínimas. Assim, o apagamento da pluralização resultará da correlação entre os fenómenos de lambdacismo e de síncope

em busca da estrutura dissilábica CVCV do santomense e seus substratos africanos, por um lado, e do padrão das marcas precedentes, que configuram ocorrências consistentes e homogêneas, representadas pelas estruturas S\_ (item analisado na 2ª. posição, marca formal na 1ª. posição) e N\_ (item analisado na 2ª. posição, numeral na 1ª. posição). Desta forma, os falantes não inserem marcas no contexto fonológico posterior porque a marca de pluralização já foi semântica ou estruturalmente inserida no item anterior, realizando-se o padrão habitual de marcação PL no PA, ou seja, com inserção de marcas na primeira oportunidade, por norma no elemento pré-nuclear. A não-marcação nos outros elementos do SN acontece por questões funcionalistas (Kiparsky, 1972:195), evitando-se a redundância e estabelecendo-se o mesmo tipo de marcação estrutural verificado nos CP's e seus substratos africanos.

Conclui-se, então, que a motivação maior para a marcação/inibição PL dos itens do SN não é de carácter fonológico, resultando, essencialmente, de aspectos estruturais. Deste modo, a questão da fraca influência fonológica na marcação retira força aos pressupostos de as alterações nos padrões de concordância assentarem em processos de alteração fónica, históricos e internos ao próprio PE, como a deriva românica (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 2000), arguindo, em contrapartida, a favor da hipótese de influências das línguas africanas, levantada por Guy (1981a:3001-302), e que sugere que a variação ancora em um ou mais substratos.

Relativamente à variável *animacidade*, a única do tipo semântico por nós constituída, constatou-se a sua fraca influência na inserção de marcas de PL. No PA, ocorre tendência para se pluralizarem mais os itens de traço [+humano] do que os itens de traço [-humano]. Todavia, o facto de os adjectivos substantivados que eliminam o mecanismo morfossintáctico de função meramente gramatical para indicar o género, que passa a ser do tipo referencial, ocorrerem em posição pós-nuclear, leva a que os itens de traço [+animado] propiciem menos a marcação PL do que os elementos de traço [-animado]. Portanto, este tipo de inibição, que contribui para aplicação da CPL-var no SN do PA, é determinado mais por condicionalismos estruturais conotados à posição relativamente ao núcleo do SN do que por questões de carácter semântico. Por outro lado, o sistema de marcação PL estabelecido por esta variável para o PA apresenta um paralelismo evidente com outras variedades de português. Este aspecto vem também argumentar a

favor da hipótese de o português adquirido por falantes de um CP manifestar os mesmos padrões de variação do português adquirido quando a língua ancestral de substrato não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a).

Após análise de todas as variáveis linguísticas, constatou-se que os falantes em ASL, ao lidarem fonologicamente com a estrutura DET+N como um todo fonoprosódico na fase inicial da aquisição (DeGraff, 1999b:482), não só não percebem a segmentação entre as diferentes sequências morfológicas desta como também não estabelecem a correspondência entre as características formais e as formas morfofonológicas dos itens em questão (cf. Prévost & White, 1999 – MSIH). Desta forma, quer os classificadores nominais das L1's do grupo níger-congo atlântico quer o marcador temático *inen* do santomense poderão ter sido associados aos determinantes do português, concentrando-se as marcas de PL nestes, ou seja no primeiro elemento do SN, mais concretamente no item imediatamente pré-nuclear, em detrimento das demais pluralizações na cadeia sintagmática. Este aspecto revela não apenas que este elemento configura um *early system morpheme* gerado conjuntamente com os morfemas de conteúdo mas igualmente que ele é acompanhado por não-aquisição de material morfossintáctico nos outros itens do SN, e que se detecta quer nos CP's quer nas variedades reestruturadas de português. Como o estado FL0 da aquisição é composto apenas por conceitos semânticos, ou seja, caracteriza-se pela ausência sistemática de marcação de género e de número, os falantes em processo de aquisição do PtgL2, para além de lidarem inicialmente com as palavras como um todo, reconhecem a estrutura interna das formas morfológicamente complexas por comparação com outras formas, recorrendo a conexões lexicais (Koehn, 1994:35), ou seja, estabelecem ligações morfofonológicas entre a LA (o PE) e a sua L1, para elaborarem novas formações na interlíngua. Dando sequência a este entendimento, a inserção de pluralização na posição imediatamente pré-nuclear das gerações almorávida mais novas pode reflectir, então, o intrometimento de morfemas de conteúdo do português na configuração estrutural da L2 rudimentar dos falantes adultos em situação de aquisição do português, especialmente em estruturas nominais que transitaram geracionalmente via DLP's até à FE-1. Tais configurações nominais requeriam marcação PL imediatamente à esquerda, posição em que apareceria quer o classificador nominal de línguas do grupo níger-congo atlântico quer o marcador

temático *inen* do santomense, tendo pertencido às gerações seguintes a responsabilidade de reforçar este traço, assimilando-o como parte integrante no desenvolvimento da estrutura sintagmática quer do PA quer de outras variedades africanas e brasileiras de português. Assim, na gramática dos falantes do PtgL2 e dos falantes bilingues do PtgL1 influenciado por estruturas dos CP's atlânticos ou e de línguas africanas atlântico-ocidentais, a posição adjacente à esquerda do núcleo, isto é, a categoria DET, foi assumida como o ponto da marcação PL *singleton* (cf. Baxter, 2009:292). E no caso da pluralização dos outros elementos que compõem o SN, o que se nota é que a mesma tem apenas a função de orientar gramaticalmente a concordância, sendo esta possível com recurso aos *bridge late system morphemes*. Nesta conformidade, o suporte gramatical é tomado das línguas de substrato, enquanto os morfemas de conteúdo são, predominantemente, adquiridos do PE, sofrendo processos de gramaticalização, de modo a suprirem as necessidades da estrutura abstracta (P. Andrade, 2003:79). Por seu lado, os *early system morphemes* do superstrato foram absorvidos por essas línguas, enquanto os *late system morphemes* não transitaram para as línguas crioulas. O facto de os elementos pré-nucleares terem um papel activo na construção mental e estrutural da concordância relega os itens pós-nucleares para funções sintácticas de mera adjunção (Lucchesi, 2000a; Figueiredo, 2009a), ocorrendo a tendência para o núcleo e elementos pós-nucleares inibirem fortemente a marcação (Kiparsky, 1972:195; Castro & Ferrarinetto, 2007:75), já que a posterior activação dos *late system morphemes* é dispensada por questões funcionais, em virtude de a pluralização se revelar redundante. Na perspectiva da aquisição, a não-realização fonética da marca PL licenciada por {s} obedece a uma operação de identificação de conteúdo semântico-funcional (Cerqueira, 1994:125), que garante ao SDET, enquanto projecção máxima de N e SN, a possibilidade de projectar os traços categoriais e flexionais destes dois núcleos alargados, permitindo que os mesmos estabeleçam o pareamento de traços entre si. Por seu lado, a marca PL em DET vai permitir que a mesma não seja visível em N, ou seja, vai tornar possível o licenciamento de {s} nulo neste (Godinho, 2005:161). Paralelamente, como determinadas línguas não seleccionam traços [-interpretáveis] de género e número (Franceschina, 2002:76), como acontece em dialectos do grupo níger-congo atlântico e CP's atlânticos, os falantes adultos destes experimentam dificuldades na aquisição dos mesmos traços do português,

o que os leva a estabelecerem novos/errados parâmetros (Gonçalves, 2004:235), responsáveis pela produção da CPL-var a nível do SN no PtgL2 e no PtgL1 nativizado.

As questões referidas anteriormente permitem constatar que a posição pré-adjacente ao núcleo do SN e o princípio da redundância da pluralização actuam no processo de ASL, mas em momentos de distintos. Por outro lado, constata-se também que a L1 tem papel preponderante na inibição de marcas formais de PL. Face a estes aspectos, confirmaram-se os seguintes pressupostos: (i) existe relação entre posição e categoria gramatical, com influência na marcação PL, já que, em SN's de estrutura reduzida (2 ou 3 elementos), se estabelece um paralelo entre determinantes e primeira posição, substantivos e segunda posição e adjetivos e terceira posição (Guy, 1981b:179); (ii) não se detecta a intervenção do Princípio do Processamento Paralelo (Scherre, 1988:208) na inserção da pluralização no SN do PA, com marcas conduzindo a marcas e zeros levando a zeros; (iii) não se vislumbra a intervenção significativa de fenómenos fonológicos, como a assimilação regressiva (Braga, 1977:72), a haplologia sintáctica (Scherre, 1988:244) ou a deriva românica (Naro, 1981; Scherre, 1988; Naro & Scherre, 2000), no desenho da CPL-var do PA, sendo a motivação desta determinada, essencialmente, por questões de carácter estrutural; (iv) dificuldades de percepção do tipo fonológico na fase inicial da aquisição (cf. Faria Freitas & Miguel, 2001), visando a construção mental de concordância temática, levaram a que a categoria DET do português fosse interpretada como um afixo semântico apenso ao início do nome (Baxter, 2004:120), e não como categoria funcional que determina a construção a nível sintáctico; (v) tendo como premissa que a gramática da L1 é o ponto de partida para a ASL (Schwartz & Sprouse, 1996; Sprouse & Vance, 1999; Siegel, 2006; Sprouse, 2006), os falantes dos dialectos do grupo níger-congo atlântico, substratos do santomense, e dos CP's atlânticos, não seleccionam os traços [-interpretáveis] de número, inexistentes nas suas línguas, e experimentam dificuldades na aquisição dos mesmos traços do português, estabelecendo novos/errados parâmetros (cf. Gonçalves, 2004:235); (vi) no PA vai ocorrer marcação PL de acordo o sistema das línguas africanas (cf. Guy, 1981a:301-302), mais concretamente do grupo níger-congo atlântico (Baxter, 2009:292), nas quais a pluralização é controlada por um classificador imediatamente pré-nominal que estabelece paralelismos estruturais com a categoria DET das variedades africanas e

brasileiras de português reestruturado por transmissão linguística irregular; (vii) o sistema de marcação PL no SN do PA faz incidir o papel fulcral PL, principalmente, no elemento pré-nominal, com o desenvolvimento da concordância PL iniciando-se a partir da introdução pós-sintáctica de um PL *singleton*, visível no núcleo funcional DET, através de um sufixo que serve de âncora para o controlo da pluralização (cf. Baxter, 2009:292-293 – Fig. 1), mantendo-se os restantes elementos do SN inalterados, visto a informação de PL se tornar redundante, caso seja inserida nestes (Kiparsky, 1972:195; Castro & Ferrari-Neto, 2007:75); (viii) se não existir elemento visível em DET, o sufixo é atribuído ao núcleo complemento N; (ix) sendo a categoria DET a posição relevante para a interpretação da referência PL (cf. Costa & Silva, 2006b; Castro & Ferrari-Neto, 2007), a expressão de número é feita apenas neste elemento, com a identificação dessa informação envolvendo o processamento da concordância no SDET; (x) como a FL0 de bilingues apenas envolve o módulo pragmático da linguagem, não detendo o módulo do conhecimento gramático (Meisel, 1994a:92), não ocorre desenvolvimento normal deste (aquisição das categorias funcionais – Hipótese da Diferenciação da Linguagem), visto não haver reajustamento paramétrico (cf. Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashen, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003), já que os novos/errados parâmetros foram tomados, em cadeia, como modelos para uma nova reinstanciação paramétrica na L1 nativizada (Gonçalves, 2004:235); (xi); o PL desenvolve-se com características de concordância parcial, através de morfemas dissociados, que são atribuídos aos elementos mais próximos do *fulcro*, contemplando os itens do SDET, primeiro, e os constituintes à direita do núcleo, posteriormente, mas mantendo, geracionalmente, o perfil da âncora na posição pré-adjacente ao núcleo do SN; (xii) o português adquirido em situação de contacto por falantes de um CP manifesta os mesmos padrões de variação do português adquirido numa situação de transmissão linguística irregular na qual a língua ancestral não é um CP (Figueiredo, 2008; 2009a); (xiii) de entre as variedades africanas e brasileiras de português analisadas, o PA é a que se encontra no estágio mais baixo da aquisição da regra de concordância PL, situando-se o seu grau de variação entre os patamares 3 e 4 do desenvolvimento sintáctico proposto pela hierarquia da “processabilidade” (Plag, 2008a,

2008b), já que não foram adquiridas, plenamente, as regras da flexão contextual, instanciadas a partir do nível 4 do desenvolvimento da interlíngua.

Quanto às quatro variáveis extralinguísticas constituídas, todas exercem influência sobre a aplicação da regra PL, com especial destaque para o grupo de factores *escolaridade* (Tabela 14.1). Os resultados gerais revelam-se consistentes com o quadro de variação apresentado pelos falantes de Almojarife, reflectindo, sincronicamente, aquele que terá sido o desenvolvimento diacrónico da regra de concordância de número da gramática da comunidade. Ao ser seleccionada pela ferramenta VARBRUL como a que mais peso exerce na configuração da CPL-var do SN do PA, a variável *escolaridade* confirmou que os anos de estudo têm influência na aquisição da regra de PL. Não obstante, os condicionalismos específicos que, nos períodos colonial e pós-colonial, afectaram o sistema educativo de São Tomé, em geral, e da comunidade de Almojarife, em particular, foram incontornáveis para determinar o modo como esta variável actua sobre a pluralização no SN. De facto, após a retirada definitiva dos colonos portugueses, as estruturas de ensino desarticularam-se e o corpo docente contratado, composto por nativos, terá contribuído também para estabilizar a CPL-var, visto deter um padrão de registo mais próximo do dos seus próprio alunos do que do padrão normativo do PE. Desta forma, o desenvolvimento da regra de concordância PL regista uma flutuação, evidenciada pela ausência de uma linha curvilínea ou de inclinação progressiva, a denotar que o PA não se encontra em estágio de mudança em curso, mas sim em situação de variação estável. Este aspecto determinou, então, que observássemos a variável *escolaridade* em articulação com as outras variáveis extralinguísticas.

O pressuposto de que os falantes com mais alto grau de escolaridade prestam mais atenção ao mecanismo da concordância comprovou-se no nosso estudo, já que são eles quem elabora SN's mais complexos e com maior grau de concordância entre os elementos destes. De facto, é a partir do momento em que os falantes começam a frequentar o ensino que se dá a maior expansão da aplicação da regra de concordância, uma vez que o ápice desta acontece na transição do estado de analfabetismo para o de escolarizado. Deste modo, mais do que uma determinação interna à própria língua, o maior índice de aplicação de marcas de PL aparece também conotado a factores de ordem social, como a *escolaridade*. Contudo, a desarticulação do sistema

socioeconómico e educativo do país retraiu a aquisição do desenvolvimento da regra de concordância PL, pelo que a aplicação da pluralização pelos falantes escolarizados de Almojarife continua a manifestar variação. A esta, não será também alheio o facto de ter ocorrido apagamento dos traços não-interpretáveis na *interlíngua* transmitida irregularmente como L1, o que impede o restabelecimento dos parâmetros que disponibilizariam as categorias funcionais (Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clasher, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003) e provoca a instanciação de uma nova/errada parametrização (Gonçalves, 2004:235). Esta, por seu lado, é responsável pela fossilização suave (cf. Long, 2003:490) que determina que o perfil de concordância PL continue a ancorar a marcação no elemento em posição pré-adjacente ao núcleo do SN. Este tipo de fossilização, por sua vez, pode tornar-se permanente, caso os falantes não recebam *input* correctivo, isto é, não se alterem as condições do actual panorama de ensino em São Tomé.

Com recurso à variável *idade* foi possível verificar não só a existência de gramáticas distintas nas diferentes faixas etárias da comunidade mas também que a distribuição da regra de concordância PL pelas três faixas etárias de Almojarife apresenta um *continuum* que faz pressupor, à primeira vista, que o PA se encontra em estágio de mudança em curso, visto ser a faixa etária mais nova aquela que produz mais realizações a favorecerem moderadamente a concordância PL no SN. Contudo, situando-se o ápice da aquisição desta na transição da FE-2 para a FE-1, constatou-se que o mesmo condiz não só com o período em que ocorreu maior migração do meio rural para o ambiente urbano, levada essencialmente a cabo por indivíduos do sexo masculino, mas também com a fase em que as estruturas socioeconómicas da administração colonial, nomeadamente do ensino, estavam no seu apogeu. Como tal, existem dois tipos de falantes na FE-1: os mais velhos, que experienciaram um contacto mais directo com o PE, quando este fazia sentir de forma marcada o seu padrão; e os mais novos, afectados pela desarticulação das antigas estruturas socioeconómicas coloniais, nomeadamente do seu sistema de ensino e viário, o que impediu que eles pudessem dar continuidade à expansão da regra de concordância PL. Efectivamente, com a comunidade a ser jogada para um isolamento cada vez mais acentuado, os falantes mais jovens da FE-1 não podem aceder ao mesmo nível de ensino dos seus antecessores e, quando frequentam a

escola, contactam com docentes falantes do português santomense, isto é, que apresentam um padrão linguístico próximo do seu. Assim sendo, a variação estabilizou, levando o PA a conservar muitas das suas características mais criouliizantes.

Acerca da variável *estadia*, é possível concluir que a influência desta no favorecimento da marcação PL terá mais a ver com situações de migração, sobretudo levadas a cabo pela faixa etária intermédia de Almojarife, do que com ausências para fora do país, já que as últimas não implicaram um contacto directo com falantes do PE. Desta forma, o factor *ausência da comunidade* não contribuiu para que os falantes almojarifanos passassem a produzir padrões de concordância PL mais próximos dos do PE.

No que concerne à variável *sexo*, permitiu verificar que os homens lideram a inserção de marcas nas duas faixas etárias mais idosas de Almojarife, acontecendo uma inversão no padrão de propiciamento de marcas PL na geração mais nova, com as mulheres sendo responsáveis pela mesma. O comportamento da variável *sexo* é explicado em função de fenómenos sociolinguísticos diversos, tendo os homens, inicialmente, mantido um contacto mais directo com o exterior da comunidade, situação que se inverteu recentemente, dada a nova realidade socioeconómica de São Tomé. Sem postularmos pressupostos, por necessitarem de consistência científica que não foi possível observar neste trabalho, não deixa de ser curioso que, a comparação com o comportamento da variável *sexo* de outras variedades africanas e brasileiras de português nos tenha evidenciado a particularidade de, nas comunidades rurais, os homens revelarem um uso maior da regra de concordância em número, enquanto as mulheres apresentam um maior índice de variação. Em sentido contrário, nas comunidades urbanas, são as mulheres a liderar o uso das formas mais próximas do português padrão, cabendo aos homens apresentar o maior grau de variação.

A L1, da mesma forma que outras línguas que um indivíduo fala, influencia o novo sistema linguístico em aquisição, especialmente nas fases iniciais desta. Ao analisarmos a CPL-var no SN do PA, procurámos, no plano linguístico, observar a relação estabelecida entre factores derivados da estrutura da gramática, a fim de verificarmos duas características fundamentais da interlíngua: (i) até que ponto ela emerge como um reflexo imediato da estrutura da gramática da L1; (ii) até que aspecto ela reflecte

aproximação ao sistema da LA. Vistas estas questões, poderíamos passar a identificar os factores condicionadores, derivados da estrutura das gramáticas presentes na mente dos aprendentes do PA, buscando um entendimento acerca dos processos cognitivos e sociolinguísticos subjacentes à aquisição do PtgL2, por parte de falantes de uma L1 africana atlântico-ocidental ou de um CP atlântico, e do PtgL1 adquirido de modo defectivo, por parte de falantes de um CP atlântico. Em última instância, e comparando o perfil de marcação PL no SN do PA com o de outras variedades africanas e brasileiras de português, seria possível determinar se o português adquirido por falantes de um CP manifesta os mesmos padrões de variação do português adquirido por falantes de uma língua que não é um CP. Analisados e entendidos estes fenómenos, estariam detectadas as orientações para perceber as motivações que originam a CPL-var no SN do PA, encontrando-se, conseqüentemente, a resposta para determinar qual (ou quais) das quatro questões levantadas na discussão em torno destas motivações (cf. introdução do presente trabalho) justifica, adequadamente, a origem do fenómeno da CPL-var no SN do PB popular.

Das constatações gerais, foi possível vislumbrar que os almosarifanos apenas aplicam a pluralização em 51% dos itens analisados, enquanto a concordância plena de PL ocorre somente em 29% dos SN's que a requerem. Estes aspectos revelam que não há tendência para a fixação da regra de concordância PL no PA, encontrando-se esta língua em estágio de variação estável. A intervenção da posição pré-nuclear adjacente na fixação da pluralização e concentração da concordância espelha o papel fulcral do PL no classificador nominal na tipologia níger-congo e, portanto do substrato africano do crioulo santomense, por um lado, bem como o papel fulcral do PL no marcador temático *inen* dos nomes de traço [+humano] do santomense, por outro lado. Neste estudo, ao defendermos o acesso parcial à GU (Hawkins, 1993, 1998, 2001; Yip, Rutherford & Clashen, 1995; Hawkins & Chan, 1997; Franceschina, 2002, 2003), entendemos que os princípios invariáveis se mantêm acessíveis na ASL, mas também que os parâmetros não podem ser restabelecidos, visto as categorias funcionais deixarem de estar disponibilizadas depois do período crítico do desenvolvimento, ou seja, que o aprendente da L2 só tem acesso às categorias funcionais da sua L1. Deste modo, os traços de número são mais dificilmente adquiridos na ASL se não estiverem presentes no

conjunto de traços funcionais das L1's. Como o traço de número é seleccionado opcionalmente pelas línguas, em virtude de ser do tipo [-interpretável], os falantes nativos de línguas africanas atlântico-ocidentais ou CP's atlânticos, que não têm concordância sintáctica em número, quando aprendem o português, encontram obstáculos na aquisição do referido traço, visto o mesmo constituir um parâmetro deste idioma. Com base nestes pressupostos, é lícito inferir que a variação na concordância de número registada nas produções dos falantes almoxarifanos está relacionada com o facto de o traço de número não estar instanciado nem no santomense nem nos substratos deste. Como o perfil de marcação PL no SN do PA é idêntico ao das variedades africanas e brasileiras de português que tomámos para observações numa perspectiva comparada, conclui-se que o português adquirido por falantes de um CP manifesta os mesmos padrões de variação do português adquirido por falantes de uma língua que não é um CP, mas que teve no bojo da sua formação uma envolvência de transmissão linguística irregular em que intervieram línguas do substrato africano do grupo níger-congo atlântico. Desta forma, confirma-se também o pressuposto de Guy (1981a:301-302) acerca da influência das línguas africanas na CPL-var do SN de variedades brasileiras de português emergentes em situação de transmissão linguística irregular, em que ocorreu forte *input* de dados de estruturas crioulas influenciadas por estruturas africanas no processo de aquisição e reestruturação da L1 (Baxter & Lucchesi, 1997). Nesta conformidade, a explicação para a formação das línguas reestruturadas, para além de levar em conta as questões relacionadas com o tipo de aquisição e o desenvolvimento da L2 e L1 até ao estágio final de ILn ou língua-I, não pode também descartar a matriz sociolinguístico-histórica em que a aquisição se dá (Holm, 1998; 2004), assimilando as perspectivas da transmissão linguística irregular, com influências das L1's ancestrais (Winford, 2003a) e das línguas pidgin ou línguas crioulas.

A interpretação do conjunto dos resultados obtidos a partir da análise das variáveis que constituímos para este estudo dá-nos uma ideia bastante clara do quadro da variação observado no SN do PA, excluindo a análise de cada variável como um parâmetro independente. Contudo, sentimos que a análise aprofundada desta variedade de português continua ainda por ser feita, a fim de a mesma poder continuar a dar o seu contributo não só para o estudo das línguas em contacto, em geral, mas também para

ajudar a identificar melhor os problemas subjacentes à aquisição das diferentes categorias linguísticas, em particular. Assim, num futuro próximo, e com recurso aos dados de que dispomos, pretendemos completar as observações acerca da CPL-var no SN do PA, efectuando a observação desta numa perspectiva sintagmática. Paralelamente, e na perspectiva da sociolinguística variacionista, efectuaremos também estudos sobre a aquisição e desenvolvimento da concordância de género e de estruturas predicativas. Por outro lado, observações sobre o padrão dos nomes nus, das construções que envolvem pronomes pessoais e suas funções sintácticas ou das estruturas com orações relativas, não poderão também ser desconsideradas, sob pena de deixarmos de contribuir com achados significativos para os estudos da aquisição da L2 e L1, e consequente desenvolvimento das suas estruturas linguísticas. Para se confirmar se o PA se encontra ainda em estágio de variação estável ou não, será necessário proceder à recolha, num futuro próximo, de mais dados sincrónicos, especialmente nas faixas etárias das crianças e jovens adolescentes.

Por fim gostaríamos de referir que o presente estudo, apesar de não ter tido como objectivo assuntos de natureza pedagógica, contribuiu também para que, enquanto docentes de PtgLE, passássemos a entender melhor as dificuldades dos nossos aprendentes na aquisição e uso do português e reforçássemos a convicção de que é absolutamente essencial identificar os problemas subjacentes à aquisição das diferentes categorias linguísticas de uma língua tipologicamente distinta da L1, a fim de se providenciar *input* apropriado aos aprendentes do PtgLE. O estudo realizado despertou-nos ainda mais o interesse pela problemática subjacente à ASL e, em particular, pela aquisição da morfossintaxe do PtgLE. Durante o tempo em que se desenvolveu o presente estudo, tivemos o privilégio de ensinar português a falantes nativos do chinês, sendo-nos dado a perceber que esta língua partilha algumas características com as línguas do ramo bantu. Nesta perspectiva, impõe-se também a recolha de dados de português a falantes nativos deste ramo, que permitirão estabelecer estudos comparados com o PtgL2 de falantes chineses, a fim de se observar se o padrão de aquisição e desenvolvimento das categorias linguísticas estabelece analogias entre ambos. Por outro lado, a análise comparativa da mesma recolha com os dados que se observaram neste trabalho permitirá encaixar mais um elo na cadeia da transmissão linguística que, em

séculos passados, se terá iniciado em terras africanas, para aportar, depois, no Brasil. Este aspecto, poderá confirmar, em definitivo, o pressuposto acerca da influência das línguas do substrato africano na CPL-var do SN de variedades brasileiras de português (Guy, 1981a:301-302), emergentes em situação de transmissão linguística irregular em que ocorreu forte *input* de dados de PtgL2 influenciado por estruturas de línguas africanas (Baxter & Lucchesi, 1997) do grupo níger-congo atlântico (Baxter, 2009:292) no processo de aquisição e reestruturação da L1.

<sup>161</sup> Embora não se tivesse analisado o fenómeno da CPL-var no SN do PA numa perspectiva sintagmática, achou-se importante obter dados sobre a concordância plena entre todos os elementos do SN, já que, observando esta em concomitância com as análises que iremos levar a cabo, poder-se-á tirar conclusões mais exactas acerca da possibilidade de a marcação PL ocorrer maioritariamente na primeira oportunidade, com maior incidência sobre o elemento em posição imediatamente anterior ao núcleo sintagmático. A confirmar-se este pressuposto, ganha forte sustentação a possibilidade de o sistema de pluralização no SN do PA ocorrer conforme o sistema de pluralização dos seus ancestrais substratos bantu (Guy, 1981a:301-302), deixando, por tal, de serem inseridas marcas nos restantes itens da cadeia sintagmática, em virtude de a mesma se revelar redundante (cf. Kiparsky, 1972; Castro & Ferrari-Neto, 2007:75).

<sup>162</sup> Na perspectiva da aquisição, sendo ambos os traços de género e número processados no âmbito do SDET, o facto de os aprendizes em ASL não interpretarem o traço de género implica que a categoria intermédia SNUM não foi totalmente adquirida. À partida, este aspecto iria também comprometer a interpretação do traço de número, determinando CPL-var. Contudo, como se referiu no ponto 1.4.2, para as diversas classes de nomes das línguas bantu, representadas por afixos que fazem a diferenciação entre singular e PL, as distinções sexuais não se revelam importantes (Welmers, 1973:159), um aspecto que transitou para os CP's e variedades africanas e brasileiras de português. Desta forma, a marcação de género pode restringir-se aos elementos nucleares, sendo o valor referencial do sexo fornecido com nomes adjectivados que acompanham o nome. A eliminação do mecanismo morfossintáctico de função meramente gramatical para a indicação do género, e consequente não utilização de elementos morfémicos do tipo sufixal para marcar este, vai determinar que a interpretação do traço de número não seja comprometida pela aquisição do género referencial, tornando o peso da variável *marcação de género* irrelevante no condicionamento à inserção das marcas de PL.

<sup>163</sup> Neste tipo de tratamento dos dados, faz-se apenas uma rodada dos mesmos, incluindo todos os factores. A rodada produz células que permitem observar as combinações de factores e grupos de factores, detectando-se, assim, as situações em que há anomalias nos dados. Outro dos usos deste tipo de rodada é aquele a que recorremos no caso em questão, isto é, comparar a frequência das variáveis dependentes, de forma a analisar-se o efeito das combinações em termos de peso de factores. Refira-se que a outra opção oferecida pelo VARBRUL concerne à rodada designada por *step up/step down*, que se distingue da opção *one-level* em virtude de testar a significância para cada grupo de factores. Para informações detalhadas sobre o processamento *one-level*, consulte-se Poplack & Tagliamonte (1998).

<sup>164</sup> O resultado de estatisticamente “não significativo” quer dizer que “*as diferenças eliminadas com a amalgamação não eram significativas e que, de fato, devem ser jogadas fora, eliminadas*” (Guy & Zilles, 2007:194), optando-se, então, pelo factor amalgamado.

<sup>165</sup> Relembremos que, quando um factor com trinta ou mais ocorrências regista uma frequência de 100%, o seu valor se sobrepõe ao efeito de qualquer outro contexto presente. Na terminologia de análise da ferramenta VARBRUL, este factor representa um *knockout* verdadeiro, que reflecte uma mudança consumada (pr. 1). Como tal, a metodologia aconselha que tais factores não sejam incluídos na análise variacionista, dado que os seus pesos não precisam de ser calculados. Ainda assim, “*devem ser relatados, e o seu papel em processos de mudança, especialização de significado ou de função merece ser discutido*” (Guy & Zilles, 2007:158).

<sup>166</sup> A própria autora admite, contudo, não ter observado adequadamente a “*diferença sistemática encontrada entre o efeito da presença ou ausência de marcas antes do terceiro, quarto ou quinto elementos, em SNs com marcas no seu primeiro ou segundo elemento*” (Scherre, 1988:170), pelo que se tornaria imperioso estudar esta variável “*em termos de oposições gerais e oposições mais específicas.*” (Scherre, 1978:91). Quanto às conclusões globais para estas ocorrências, são explicadas de acordo com o fenómeno da redundância. Ainda assim, Scherre (1988:170) admite que não conseguiu um princípio geral que desse plena conta do de todo o fenómeno da CPL-var.

<sup>167</sup> Como se pode confirmar pelo exemplo da Tabela 12.3 (“*noventa tal contos*” [ZECAH1]), as realizações que configuram a codificação NM\_ (item na 3ª. posição, antecedido de numeral sem –s na 1ª. posição e elemento sem pluralização na 2ª. posição) possuem, todas elas, a ocorrência “tal” em posição pré-nuclear. Como se sabe, o indefinido “tal” pode ocorrer em posição adnominal com função de determinante. Caso traduza intensidade ou grau elevado, quando combinado com substantivos abstractos ou massivos, apresenta valor adjectival e pode ser flexionado em número (p.e.: “*Nunca conheci ninguém com tais qualidades*”). O mesmo acontece quando “tal” indica intensidade, quantidade ou número superior, em correlação com uma frase consecutiva principiada pela conjunção “que” (p.e.: “*Fizeram tais exigências, que foi impossível aceitá-las*”). No entanto, os casos em que codificamos “tal” como item gramatical não flexionável em número reportam-se a ocorrências em combinação com numerais cardinais, indicando aproximação numérica (Casteleiro, 2001, vol. G-Z:3502). De facto, realizações do tipo “\**Tenho vinte e tais anos*” são agramaticais no português. Refira-se ainda que, relativamente à configuração do tipo NsM\_ (item em 3ª. posição, antecedido de numeral finalizado em –s na 1ª. posição e elemento sem pluralização na 2ª. posição), o nosso corpus não regista qualquer realização.

<sup>168</sup> Guy (1981a:180), ao contrário de P. Andrade (2003:112), não concorda com a hipótese funcionalista kiparskiana de que a informação semântica de pluralização encerrada pelos numerais tem tendência a ser retida na estrutura de superfície. Assim, Guy (1981a:180) aponta para a possibilidade de a influência destes elementos gramaticais na marcação reflectir automonitorização e autocorreção, ou seja, a probabilidade de o informante estar a adaptar as suas realizações ao discurso padrão do entrevistador.

<sup>169</sup> Ainda a propósito deste tipo de pluralizações, remetemos outras constatações para os capítulos 1 (ponto 1.2.2.1) e 2 (ponto 2.6.1) do presente trabalho, nos quais são tratadas questões da concordância PL dentro do SN do PCV e do PE, respectivamente.

<sup>170</sup> “*If you throw everything into one factor group, it can be termed the ‘kitchen sink effect’. While such a model might fit the data better, it will not tell you as much if it misses linguistically valid generalizations elsewhere.*” (Tagliamonte, 2006:157).

<sup>171</sup> Scherre (1988:228) não procedeu à codificação e análises do adjectivo em termos de subclasses semânticas, em virtude de ter detectado que, em termos percentuais, o adjectivo do tipo ‘avaliativo’ “*apresenta o mesmo grau de concordância de que os demais adjectivos pospostos*”.

<sup>172</sup> No artigo de Schiffrin (1981) é apresentado um estudo sobre o modo como o pretérito perfeito e o presente histórico servem para referir eventos passados no texto narrativo. Para tanto, a autora efectua uma análise quantitativa de setenta e três excertos de narrações orais, observando os seguintes aspectos: (i) constrangimentos que actuam ao nível do presente histórico e do pretérito perfeito; (ii) funções do presente histórico na narração; (iii) razões que determinam a significância do presente histórico. Independentemente de ter constatado que o presente histórico é usado para incrementar o impacto dramático da narração ou apresentar acontecimentos que o narrador considera mais relevantes, a autora mostra também que a narração é delimitada pelo discurso, no qual as variações formais e funcionais da gramática são observadas e controladas de forma sistemática. Deste modo, a organização da narrativa delimita as fronteiras dentro das quais o presente histórico ocorre, enquanto os vários constrangimentos estruturais e funcionais restringem (ou favorecem) a permuta entre os dois tempos verbais.

<sup>173</sup> Os exemplos apresentados na Tabela 12.7 para os factores 4 e 5 revelam amiúde, por exemplo, a ocorrência de itens antecedentes que possuem marca semântica de PL.

<sup>174</sup> No PB, o artigo definido “*é, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:*

Meu livro ou o meu livro.

*OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato:*

*Bonita casa era a minha. Fazer das suas.*

*Mas sem artigo dizemos várias expressões, como de meu, de seu natural, linguagem com que traduzimos “os bens próprios de alguém” – a primeira – e “qualidades naturais” – a última:*

*Nunca tive de meu, outro bem maior.*

*‘Bernardes era como estas formosas de seu natural que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem’ [AC].*

*Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de alguns:*

*Os Lusíadas têm suas dificuldades de interpretação.*

*Finalmente, na expressão de ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:*

*Às oito toma seu café.” (Bechara, 1999 [1928]:157).*

<sup>175</sup> Tradução nossa.

<sup>176</sup> Scherre (1988:257-265) levou a cabo a observação da influência da função sintáctica sobre o número de marcas plurais no SN, em virtude de ter detectado um tipo especial de SN que, nos seus dados, se apresenta consistentemente menos marcado do que os outros: o SN que funciona como resumo de ideias anteriores (SN resumitivo ou fático), e que se pode apresentar como uma unidade parentética (p.e. *Passavam filmes sobre a vida de Jesus Cristo. Esses negócio assim!*). Para tanto, criou uma variável independente denominada *Função Sintáctica do SN*, com o objectivo de analisar o comportamento dos diferentes tipos de SN’s e confirmar se as funções sintácticas tradicionais exercem influência sobre o número de marcas formais de PL no SN. Um dos factores dessa variável inclui as estruturas sintagmáticas que a linguista classificou de *SN’s de Função Abortada*, isto é, as situações em que ocorrem interrupções no discurso, não sendo possível a identificação precisa da sua função sintáctica. Ora, este é precisamente o caso do exemplo avançado por Lopes (2001:180), em que a parte da realização que antecede a interrupção do discurso pode ser vista como uma estrutura sintagmática de função sintáctica abortada, composta por determinante e categoria substantivada (ex. *as mesmas... quer dizer... assim... PESSOAS que são*). Refira-se apenas que as conclusões de Scherre (1988:265) evidenciaram que as funções sintácticas tradicionais não exibem oposição evidente entre si e

---

que quer os SN's de funções consideradas essenciais e integrantes quer os de funções acessórias apresentaram índices de concordância bastante semelhantes. Não obstante, os SN's resumitivos inibem a marcação, enquanto os outros a favorecem. A autora acredita que o desfavorecimento dos primeiros se fica a dever à sua carga funcional e, pelo facto de ocorrerem normalmente à direita da oração, perdem a possibilidade de se apresentarem como ponto de referência do discurso.

<sup>177</sup> Ainda no âmbito do projecto “*Semi-creolization: testing the hypothesis against data from Portuguese-derived languages of São Tomé (Africa)*”, Alan N. Baxter recolheu dados de alguns falantes do PTL2, que ainda não foram trabalhados até à data presente.

<sup>178</sup> Tradução nossa.

<sup>179</sup> Segundo Stenzel (1994), também não ocorre marcação de caso na fase FL0 de aquisição bilingue das línguas alemã e francesa como L1's.

<sup>180</sup> Para Koehn (1994), as duas fases do processo de amadurecimento da aquisição das línguas das crianças bilingues ocorrem de acordo com as seguintes etapas: (i) ausência sistemática de género e número, até aos 2;4 anos; (ii) noções gramaticais de género e número, entre os 2;5 e os 5;0 anos. Müller (1994a), como referimos (ponto 2.6.4.2), pormenoriza que a noção gramatical de género acontece aos 2;0 anos, enquanto a de número se dá aos 2;4 anos).

<sup>181</sup> Os estudos de Meisel (1994a) sobre o modo como se processa a aquisição de finitude, concordância e tempo na gramática da fase FL0, e que o levaram a concluir que esta não possui categorias funcionais, fizeram também com que o autor postulasse que a categoria central a ser apreendida é o VERBO. Deste modo, as realizações frásicas circunscrevem-se ao SV nesta fase, uma vez que a ordenação entre os elementos que aparecem neste ainda não é dependente da forma morfológica nem é regulada por princípios gramaticais. Como tal, a sequência dos itens frásicos deriva da relação entre tema e rema, não obstante Meisel (1994a) admitir que se observam já padrões específicos para cada uma das línguas, alemão e francês, explicadas pela influência e frequência do *input* a que o falante está sujeito.

<sup>182</sup> O motivo que leva estes itens a não beneficiarem a marcação prende-se com o facto de revelarem alguma incerteza quanto ao modo de formarem o PL, conforme salientou Scherre (1988:124), ao referir-se às diferentes maneiras de se pluralizarem os elementos com singular em *-ão* (p.e. *ancião* > *anciãos/anciões/anciães*). A este propósito, note-se também que as duas formas de se pluralizarem os itens finalizados em *-il*, caso sejam oxítonos ou paroxítonos (p.e. *funil* > *funis*; *fácil* > *fáceis*), poderão levar os falantes a hesitarem na forma de inserir a marcação de número, um pouco à semelhança daquilo que sucede com os elementos em *-ão*.

<sup>183</sup> Informação prestada verbalmente por Anna Jon-And ao autor da presente pesquisa em Colónia, Alemanha, durante a realização do *Joint Summer Meeting of the Society of Pidgin and Creole Linguistics (SPCL) and the Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE)*, Universidade de Colónia, Alemanha, 11-15 de Agosto.

<sup>184</sup> Para o MRJ, a equipa do Projecto Censo estabeleceu três categorias de escolarização: antigo Ensino Primário (informantes com um a quatro anos de escolarização), antigo Ensino Ginásial (informantes com cinco a nove anos de escolarização) e antigo Ensino Colegial (informantes com nove a onze anos de escolarização). Quanto à NURC, os informantes foram escolarmente estratificados de acordo com as duas fases da recolha de dados: (i) década de 70, com informantes unicamente de Escolaridade Superior; (ii) década de 90, com informantes de Escolaridade Fundamental (um a cinco anos de escolarização), Escolaridade Média (2º. grau completo, isto é, 11 anos de escolarização) e Escolaridade Superior.

<sup>185</sup> Pesos relativos apresentados no MRJ para os diferentes grupos: Primário = pr. 0,48; Ginásial = pr. 0,27; Colegial = pr. 0,37 (Scherre, 1988:86).

<sup>186</sup> A consoante áptico-palatal surda [ʃ] não foi incluída nas amalgamações, visto ocorrer em apenas quatro dados.

<sup>187</sup> Para constatação dos exemplos a que nos referimos, veja-se Ferraz (1979:55).

<sup>188</sup> Para uma observação detalhada de exemplos de harmonização vocálica nos substratos africanos do santomense, consulte-se Ferraz (1979:49-51).

<sup>189</sup> “*Considera-se a ausência ou deficiência da monitoração da instituição escolar como o principal responsável pela variação da concordância*” (Lopes, 2001:106).

<sup>190</sup> Factores constituídos por Jon-And (2009:4) para o grupo de factores *escolaridade*: a) zero anos de escolaridade; b) 3-4 anos de escolaridade; c) 5-7 anos de escolaridade.

---

<sup>191</sup> Tradução nossa.

## Referências bibliográficas

### I. Bibliografia consultada e citada:

- Abney, Steve, 1987. *The english noun phrase in its sentential aspect*. Cambridge, MA: The MIT Press. Dissertação de doutoramento.
- Adams, Marianne Patalino. 1987. *Old french, null subjects, and verb second phenomena*. Oakland, CA: University of California. Dissertação de doutoramento.
- Adamson, H. Douglas. 1988. *Variation theory and second language acquisition*. Washington, DC: Georgetown University Press.
- Adamson, H. Douglas & Ceil Kovak. 1981. Variation theory and second language acquisition: an analysis of Schumman's data. In David Sankoff & Henrietta Cedergren (orgs.), *Variation omnibus*, 285-292. Edmonton: Linguistic Research Inc.
- Adendorff, Rajend. 2002. *Fanakalo - a pidgin in South Africa*. Language in South Africa. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Adjemian, Christian. 1976. On the nature of interlanguage systems. *Language Learning*, 26(2). 297-320.
- Agheyisi, Rebecca Nogieru. 1986. *An edo-english dictionary*. Benin City: Ethiope Publishing Corporation.
- Alexandre, Nélia & Tjerk Hagemeyer. 2007. Bare-nouns and the nominal domain in Saotome. In Marlyse Baptista & Jacqueline Guéron (eds.), *Noun phrases in creole languages: a multi-faceted approach*, 37-59. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Almada, Maria Dulce de Oliveira. 1961. *Cabo Verde: contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Amaral, Amadeu. 1920. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro.
- Andersen, Roger W. 1980. Creolization as the acquisition of a second language as a first language. In Albert Valdman & Arnold Highfield (eds.), *Theoretical orientations in creole studies*, 273-295. San Diego: Academic Press.
- 1983a. *Pidginization and creolization as language acquisition*. Rowley, MA: Newbury House.
- 1983c. Transfer to somewhere. In Susan M. Gass & Larry Selinker (eds.), *Language transfer in language learning*, 177-201. Rowley, MA: Newbury House.
- Anderson, Stephen.R. 1982. Where's morphology? *Linguistic Inquiry* 13. 571-612.
- Andrade, António. 1999. Demonstrativos e [ana]fóricos em latim. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 1. 155-171
- Andrade, Leila Minatti. 2003. *Rupturas e contínuos da concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. Santa Catarina: Universidade do Sul de Santa Catarina. Dissertação de mestrado.
- Andrade, Patrícia Ribeiro de. 2003. *Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil – variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro*. Salvador: Universidade Federal da Bahia – Instituto de Letras. Dissertação de mestrado.
- Aronof, Mark. 1976. *Word-formation in generative grammar*. Linguistic Inquiry Monograph 1 Cambridge, MA: The MIT Press.
- Asher, Ronald E. (ed.). 1994. *The encyclopedia of language and linguistics*, vol. 1. Oxford/New York/Seoul/Tokyo: Pergamon Press.

- Azevedo, Páscoa F. Maria P. 2003. Interferência das línguas maternas de Moçambique no português. In Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ed.). *1.ªs jornadas de língua e cultura portuguesa (18/19 de Junho de 2002)*, 91-102. Lisboa: Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Bagno, Marcos. 2001. Mudança lingüística: um fenômeno onde toda prescrição é inútil. *Letras – Revista do Instituto de Letras (PUC Campinas)*, vol. 20 (1/2). 44-60.  
 –2002 (coord.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Ed. Loyola.
- Baia, Maria de Fátima de Almeida. 2008. Estudo experimental sobre o formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro [em linha]. In *Estudos Lingüísticos*, 37 (2). 27-36. [Consult. 04 Abr. 2010]. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_03.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_03.pdf).
- Baker, Mark C. 1985. The mirror principle and morphosyntactic explanation. *Linguistic Inquiry*, 16. 373-415.  
 –1988. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago, IL: University of Chicago Press.  
 –2001. *The atoms of language: the mind's hidden rules of grammar*. New York, NY: Basic Books.  
 –2002. Building and merging, not checking: the nonexistence of (Aux)-SVO languages. *Linguistic Inquiry*, 33. 321-328.
- Baker, Philip. 1982. On the origins of the first mauritians and of the creole languages of their descendants: a refutation of Chaudenson's 'Bourbonnais' theory. In Philip Baker & Chris Corne (eds.), *Isle de France creole: affinities and origins*, 131-259. Ann Arbor: Karoma.  
 –1994. Creativity in creole genesis. In Dany Adone & Ingo Plag (eds.) *Creolization and language change*, 65-84. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Bakker, Peter. 2003. Pidgin inflectional morphology and its implication for creole morphology. In Geert Booji & Jaap van Marle (eds.), *Yearbook of morphology 2002*, 3-33. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Baldinger, Kurt. 1972 [1958]. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos.
- Baptista, Marlyse. 2002. *The syntax of cape Verdean creole: the Sotavento varieties*. Linguistik Aktuell/Linguistics Today, vol. 54. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.  
 –2003. Inflectional plural marking in pidgins and creoles: a comparative study. In Ingo Plag (ed.), *Phonology and morphology of creole languages*, 315-332. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.  
 –2007. On the syntax and semantics of DP in cape verdean creole. In Marlyse Baptista & Jacqueline Guéron (eds.), *Noun phrases in creole languages: a multi-faceted approach*, 61-105. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Baptista, Marlyse, Heliana Mello & Miki Suzuki. 2007. Kabuverdianu, or cape verdean, and kriyol, or Guinea-Bissau (creole portuguese). In John Holm & Peter L. Patrick (eds.), *Comparative creole syntax: parallel outlines of 18 creole grammars*, 53-82. Westminster Creolistic Series 7. Plymouth, UK: Battlebridge Publications.
- Bardovi-Harlig, Kathleen. 2000. *Tense and aspect in second language acquisition: form, meaning and use*. Oxford: Blackwell.

- Barreña, Andoni. 1997. Desarrollo diferenciado de sistemas gramaticales en un niño vasco-español bilingüe. In Ana Teresa Pérez-Leroux & William R. Glass (eds.), *Contemporary perspectives on the acquisition of spanish*, 55-74. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Barreto, Manuel Saraiva. 1977. Aspectos da lusofonia em Moçambique: para uma lusofonia moçambicana. Algumas questões linguísticas e didáticas. In *Actas do primeiro encontro nacional para a investigação e ensino do português – 1976*, 529-548. Águeda: Grafilarte.
- Bates, Elizabeth *et alii*. 1982. Functional constraints on sentence processing: a crosslinguistic study. *Cognition*, 11. 245-299.
- Bates, Elizabeth & Judith C. Goodman. 1999. On the emergence of grammar from the lexicon. In Brian MacWhinney (ed.), *The emergence of language*, 29-79. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Battistella, Edwyn L. 1996. *The logic of markedness*. Oxford: Oxford University Press.
- Baxter, Alan Norman. 1988. *A grammar of kristang (Malaca creole portuguese)*. Pacific Linguistics, série B, 95. Camberra: Pacific Linguistics.
- 1992. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a criouliização prévia: um exemplo do Estado da Bahia. In Ernesto d’Andrade & Alain Kihm, *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*, 72-90. Lisboa: Colibri.
- 1997. Creole-like features in the verb system of an afro-brazilian variety of portuguese. In Arthur K. Spears & Donald Winford (orgs.), *Pidgins and creoles: structure and status*, 265-288. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 1998. O português vernáculo do Brasil: morfossintaxe. In Matthias Perl & Armin Schwegler (eds.), *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*, 97-134. Frankfurt am Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana.
- 2002. Semicreolization? – The restructured portuguese of the tongas of São Tomé – a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics*, 1. 7-39.
- 2003. *A reestruturação do português numa situação de contacto africana*. III Congresso da ABRALIN – Associação Brasileira de Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 13-15 de Março.
- 2004. The development of variable NP plural agreement in a restructured african variety of portuguese. In Geneviève Escure & Armin Schwegler (eds.), *Creoles, contact, and language change: linguistic and social implications*, vol. 27, 97-126. Amsterdam: John Benjamins.
- 2009. A concordância de número. In Dante Lucchesi, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*, 269-293. Salvador: EDUFBA.
- Baxter, Alan Norman & Dante Lucchesi. 1997. A relevância dos processo de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19. 65-84.
- 1998. Un paso más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afro-brasileiro de Helvecia (Bahia). In Klaus Zimmerman. (ed.), *Actas del congreso internacional sobre lenguas criollas de base española y portuguesa*, 119-141. Berlin: Instituto Ibero-Americano.

- Baxter, Alan Norman, Dante Lucchesi & Maximiliano Guimarães. 1997. Gender agreement as a “decreolizing” feature of afro-brazilian dialect of Helvecia. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 12(1).1-57.
- Baxter, Alan Norman & Norma da Silva Lopes. 2004b. *Variação no uso de artigos: uma comparação*. Estudos sobre a variação no português brasileiro, XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos, GELNE, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- 2009. O artigo definido. In Dante Lucchesi, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*, 319-329. Salvador: EDUFBA.
- Bayley, Robert. 1994. Interlanguage variation and the quantitative paradigm: past tense marking in chinese-english. In Elaine E. Tarone, Susan M. Gass & Andrew D. Cohen (eds.), *Research methodology in second-language acquisition*, 157-181. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- 1996. Competing constraints on variation in the speech of adult chinese learners of english», in Robert Bayley & Dennis R. Preston (eds.), *Second language acquisition and linguistic variation*, 97-120. Amsterdam: John Benjamins.
- Bayley, Robert & Dennis R. Preston (eds.). 1996. *Second language acquisition and linguistic variation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Bean, Martha & Constance Gergen. 1990. Individual variation in fossilized interlanguage performance. In Hartmut Burmeister & Patricia L. Rounds (eds.), *Variation in second language acquisition. Proceedings of the Tenth Second Language Research Forum*, vol. 1, 205-219. Eugene, OR: Department of Linguistics, University of Oregon.
- Beard, Robert. 1995. *Lexeme-morpheme base morphology*. Albany, N.Y.: State University of New York Press.
- Bechara, Evanildo. 1999 [1928]. *Moderna gramática portuguesa*, 37<sup>a</sup> ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Ed. Lucerna.
- Beebe, Leslie M. 1980. Sociolinguistic variation and style shifting in second language acquisition. *Language Learning*, 2. 433-448.
- 1988 (ed.). *Issues in second language acquisition: multiple perspectives*. New York, NY: Newbury House.
- Beck, Maria-Luise. 1998. L2 acquisition and obligatory head movement: english-speaking learners of german and the local impairment hypothesis. *Studies in Second Language Acquisition*, 20. 311-348.
- Béjar, Susana. 2003 *Phy-syntax. A theory of agreement*. Toronto: University of Toronto. Dissertação de doutoramento.
- Belazi, Heidi M., Edward J. Rubin & Almeida Jacqueline Toribio. 1994. Code switching and x-bar theory: the functional head constraint. *Linguistic Inquiry*, 25(2). 221–237.
- Belleti, Adriana. 1990. *Generalized verb movement*. Torino: Rosenberg & Sellier.
- Bender, Gerald. 1980. *Angola sob domínio português: mito e realidade*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Bentivoglio, Paola A. 1987. A variação nos estudos sintáticos. In *Estudos linguísticos XIV. Anais e Seminários do GEL*, 2-29. Campinas.
- Bentley, William Holman. -1967 [1887]. *Dictionary and grammar of the kongo language as spoken at San Salvador: the ancient capital of the old Kongo Empire, West Africa/compiled and prepared for the Baptist Mission on the Kongo River, West Africa, by the Rev. W. Holman Bentley*. London: Baptist Missionary Society and Trübner.

- Berg, Thomas & Ulrich Schade. 1992. The role of inhibition in a spreading-activation model of language production. *Journal of Psycholinguistic Research*, 21. 405-462.
- Berlinck, Rosane de Andrade. 1989. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In Fernando Tarallo (org.), *Fotografias sociolinguísticas*, 95-112. Campinas: Pontes.
- Bernstein, Judy B. 1993. *Topics in the syntax of nominal structure across romance*. New York, NY: City University. Dissertação de doutoramento.
- Bhattacharjya, Dwijen. 2007. Nagamese (restructured assamese). In John Holm & Peter L. Patrick (eds.), *Comparative creole syntax: parallel outlines of 18 creole grammars*, 237-254. Westminster Creolistic Series 7. Plymouth, UK: Battlebridge Publications.
- Biase, Bruno di & Satomi Kawaguchi. 2002. Exploring the typological plausibility of processability theory: language development in italian second language and japanese second language. *Second Language Research*, 18. 274-302.
- Biberauer, Theresa & Ian Roberts. 2005. Changing EPP-parameters in the history of english: accounting for variation and change. *English Language and Linguistics*, 9(1). 1-42.
- Biberauer, Theresa & Marc Richards. 2006. True optionality: when the grammar doesn't mind. In Cedric Boeckx (ed.), *Minimalist theorizing*, 35-67. Amsterdam: John Benjamins.
- Bickerton, Derek. 1975. *Dynamics of a creole system*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 1981. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma.
  - 1983. Creole languages. *Scientific American*, 249(8). 116–122
  - 1984a. The language bioprogram hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences*, 7. 173-222.
  - 1988. Creole languages and the bioprogram. In Frederick J. Newmeyer (ed.), *Linguistics: the Cambridge survey, vol. 2 – Linguistic theory: extensions and implications*, 267-284. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
  - 1999. How to acquire language without positive evidence: what acquisitionists can learn from creoles. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 49-75. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Bloomfield, Leonard. 1933. *Language*. New York, NY: Holt.
- Bobaljik, Jonathan David. 1995. *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. Cambridge, MA: MIT Press. Distributed by MITWPL. Dissertação de doutoramento.
- Bonvini, Emílio. 2008. Línguas africanas e português falado no Brasil. In Fiorin, José Luiz & Margarida Petter (orgs.). *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*, 15-73. São Paulo: Ed. Contexto.
- Booji, Geert. 1994. Against split morphology. In Geert Booji & Jaap van Marle (eds.), *Yearbook of morphology 1993*, 27-50. Dordrecht: Kluwer.
- 1995. Inherent vs. contextual inflection and the split morphology hypothesis. In Geert Booji & Jaap van Marle (eds.), *Yearbook of morphology 1994*, 1-16. Dordrecht: Kluwer.
- Borer, Hagit. 1984. *Parametric syntax*. Dordrecht: Foris.
- Borer, Hagit & Kenneth N. Wexler. 1987. The maturation of syntax. In Thomas Roeper & Edwin Williams (eds.), *Parameter setting*, 123-172. Dordrecht: Reidel.

- Bortoni-Ricardo, Stella Maris. 1994. Variação lingüística e actividades de letramento em sala de aula. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12. 82-94.
- Braga, Maria Luíza. 1977. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação de mestrado.
- 1984. Tópico e ordem vocabular. *Boletim da ABRALIN*, 6. 174-188.
- 2003. Variáveis discursivas sob a perspectiva da teoria da variação. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luíza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 101-116. São Paulo: Contexto.
- Braga, Maria Luíza & Maria Marta Pereira Scherre. 1976. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. *Anais do 1º Encontro Nacional de Linguística*. 463-474. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica.
- Branco, Maria Inês Castelo. 1984. *Pequeno curso de língua portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brásio, António. 1952/1953/1954. *Monumenta missionaria africana – África Ocidental*, vols. 1, 2, 3 e 4. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- Bresnan, Joan. 1982. *The mental representation of grammatical relations*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Brito, Ana Maria Barros. 1996. A ordem de palavras no sintagma nominal em português numa perspectiva de sintaxe comparada – um caso particular: os Ns deverbais eventivos. In Inês Duarte & Isabel Leiria (orgs.), *Actas do Congresso Internacional do Português*, vol. 1, 81-106. Lisboa: Ed. Cilibiri.
- 2003a. Categorias sintáticas. In Maria Helena Mira Mateus *et alii*, *Gramática da língua portuguesa*, 7ª ed., cap. 11, 323-432. Lisboa: Caminho – Coleção Universitária/Série Linguística.
- 2003b. Os possessivos em português numa perspectiva de sintaxe comparada [em linha]. *Revista da Faculdade de Letras “LÍNGUAS E LITERATURAS”*, II. 495-522. [Consult. 13 Nov. 2008]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7875/2/3979.pdf>.
- Brown, H. Douglas 1980. *Principles of languages learning and teaching*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall.
- 1994. *Teaching by principles*. New Jersey, NJ: Prentice Hall.
- Bruhn de Garavito, Joyce. 1994. *Acquisition of the spanish plural: what is taught and what must be aquired*. The fourteenth Cincinnati conference on romance languages and linguistics. Cincinnati, Ohio.
- 2003. The (dis)association between morphology and syntax: the case of L2 spanish. In Silvina Montrul & Francisco Ordóñez (eds.), *Theoretical linguistics and language development in hispanic languages*, 398-417. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- 2005. *Acquisition of the spanish plural by french L1 speakers: the role of transfer* [em linha]. [Consult. 15 Nov. 2008]. Disponível em: [www.transatlantic.uwo.ca/general/intranet/pdf](http://www.transatlantic.uwo.ca/general/intranet/pdf).
- Bruhn de Garavito, Joyce & Cristina Atoche. 2006. Variability in contact spanish: implications for second language acquisition. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 87-111. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Bruhn de Garavito, Joyce & Lydia White. 2002. The L2 acquisition of spanish DPs. The status of grammatical features. In Ana Teresa Pérez-Leroux & Juana M. Licerias, (eds.), *The acquisition of spanish morphology: the L1/L2 connection*, 153-176. Dordrecht: Kluwer.
- Brustad, Kristen E. 2000. *The syntax of spoken arabic: a comprehensive study of Moroccan, Egyptian, Syrian and Kuwaiti dialects*. Washington, DC: Georgetown University Press.
- Bruyn, Adrienne. 2002. The structure of the Surinamese creoles. In Eithne B. Carlin & Jacques Arends (eds.), *Atlas of the languages of the Suriname*. Leiden: KITVL Press 2000.
- Burzio, Luigi. 1986. *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel.
- Cabral, Lisender Augusto Vicente. 2005a. *Complementos verbais preposicionados do português de Angola*, vol.1. Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.  
 — 2005b. *Complementos verbais preposicionados do português de Angola - Corpus*, vol.2. Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- Cain, Jacquelin, Márcia Weber-Olsen & Rosslyn Smith. 1987. Acquisition strategies in a first and second danguage: are they the same? *Journal of Child Language*, 14. 333-352.
- Callou, Dinah Maria Isensee. 1998. Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfossintáticas. In Sybille Große & Klaus Zimmermann (eds.), *"Substandard" e mudança no português do Brasil*, 255-272. Frankfurt am Main: TFM.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 1975. *Estrutura da língua portuguesa*, 5ª. ed.. Petrópolis: Vozes.
- Campos, Maria Henriqueta Costa & Maria Francisca Xavier. 1991. *Sintaxe e semântica do português*. Lisboa: Unv. Aberta.
- Campos, Hector. 1997. On subject extraction and the antiagreement effect in romance. *Linguistic Inquiry*, 28. 92-119.
- Cardoso, Ana Josefa Gomes. 2005. *O papel da língua materna na aquisição de uma segunda língua: o caso da língua caboverdiana (breve abordagem gramatical)* [em linha]. Lisboa: Centro de Estudos Multiculturais. Pós-Graduação em Português Língua Não-Materna. [Consult. 12 Dez. 2008]. Disponível em: [http://www.multiculturas.com/textos/lingua\\_caboverdiana\\_Ana-Josefa.pdf](http://www.multiculturas.com/textos/lingua_caboverdiana_Ana-Josefa.pdf).
- Cardoso, Boaventura. 1980. *O fogo da fala – Exercícios de estilo*. Lisboa: Ed. 70.
- Cardoso, Eduardo Augusto. 1989. *O crioulo da Ilha de S. Nicolau, de Cabo Verde*. Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Portugal); Instituto Cabo-Verdiano do Livro (Cabo Verde). Lisboa: INCM.
- Carnie, Andrew. 2007[2002]. *Syntax. A generative introduction*, 2<sup>nd</sup> ed. Oxford/Malden, MA.: Blackwell.
- Carreira, António. 1979. Portuguese research on the slave trade. In UNESCO (ed.), *The african slave trade from the fifteenth to the nineteenth century. Reports and papers of the meeting of experts organized by UNESCO at Port-on-Prince, Haiti, 1978*, 251-264.
- Carstens, Vicky. 1991. *The morphology and syntax of determiner phrases in kiswahili*. Los Angeles, CA: University of California. Dissertação de doutoramento.  
 —2000. Concord in minimalist theory. *Linguistic Inquiry*, 31(2). 319-355.

- Carvalho, Hebe Macedo de. 1997a. *Concordância nominal: uma análise variacionista*. João Pessoa: UFPB. Dissertação de mestrado.
- Carvalho, Maria José Albarra. 1991. *Aspectos sintático-semânticos dos verbos locativos no português oral do Maputo*. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Casteleiro, João Malaca. 1981. *Sintaxe transformacional do adjetivo – regência das construções completivas*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica.
- 2001 (coord.). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da academia das ciências de Lisboa*, vols. A-F e G-Z. Academia das Ciências de Lisboa & Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Ed. Verbo.
- Castilho, Ataliba Teixeira de. 1997a. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19. 25-64.
- Castro, Ana. 2004. O paralelismo entre o DP e a frase e o estatuto dos adjetivos. In *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 101-112 [em linha]. Lisboa: APL. [Consult. 07 Fev. 2010]. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/actas-19-encontro-apl-2003.pdf>.
- 2007 O processamento da concordância de número interna ao DP por crianças de 2 anos falantes de português europeu. In Maria Lobo & Maria Antónia Coutinho (eds.), *XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística; textos seleccionados*, 211-221. Lisboa: Ed. Colibri.
- Castro, Ana & Fernanda Pratas. 2006. Capeverdean DP-internal number agreement: additional arguments for a distributed morphology approach. In João Costa & Maria Cristina Figueiredo Silva (eds.), *Studies on agreement*, 11-24. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Castro, Ana & João Costa. 2003. Weak forms as X<sup>0</sup>: prenominal possessives and preverbal adverbs in portuguese. In Ana Teresa Pérez-Leroux & Yves Roberge (eds.), *Romance linguistics: theory and acquisition*, 95-110. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Castro, Ana & José Ferrari-Neto. 2007. Um estudo contrastivo do PE e do PB com relação à identificação de informação de número no DP. *Letras de Hoje*, 42(1). 65-76.
- Cedergren, Henrietta J. 1973. *The interplay of social and linguistic factors in Panamá*. Cornell University. Dissertação de doutoramento.
- Cedergren, Henrietta J. & David Sankoff. 1974. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, 50. 333-355.
- Cerqueira, Vicente Cruz. 1993. *Primeiro o demonstrativo; depois o artigo: considerações sobre aquisição de categorias funcionais*. Campinas: Unicamp/São Paulo.
- 1994. Que faz uma criança com a marca plural? Um estudo da aquisição da concordância em português. In Mora, Jacyra & Vera Rolemberg (orgs.), *Actas do Primeiro Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística*, 119-126. UFBA. Salvador: ABRALIN – FINEP – UFBA.
- Chambers, J. K. 2002 [1995]. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance (language in society)*, 2<sup>a</sup>. ed. Oxford/Cambridge, MA: Wiley-Blackwell.
- Chambers, J. K. & Peter Trudgill. 1980. *Dialectology*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.

- Chambers, J. K., Peter Trudgill & Natalie Schilling-Estes (eds.). 2003 [2002]. *The handbook of language variation and change*. Oxford/Cambridge, MA: Blackwell.
- Chatelain, Heli. 2001. *Folk-tales of Angola: fifty tales, with ki-mbundu text literal english translation*. Honolulu, Hawaii: University Press of the Pacific.
- Chierchia, Gennaro. 1998. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, 6. 339-405.
- Chomsky, Noam. 1957. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton.
- 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1972. *Language and mind*. New York, NY: Harcourt Brace Jovanovich.
- 1981a. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- 1981b. Principles and parameters in syntactic theory. In Norbert Hornstein & David Lightfoot (eds.), *Explanation in linguistics*, 32-75. London: Longman Group.
- 1981c. Markedness and core grammar. In Adriana Belletti, Luciana Brandi & Luigi Rizzi (eds.), *Theory of markedness in generative grammar: proceedings of the 1979 GLOW Conference*, 123-146. Pisa: Scuola Normale Superiore di Pisa.
- 1986a. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York, NY: Praeger.
- 1986b. *Barriers*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1993. A minimalist program for linguistic theory. In Kenneth Hale & Samuel Jay Keyser (eds.), *The view from building*, 20. 1-52. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1996 [1995]. *The minimalist program*, 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1998. Minimalist inquiries: the framework. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 15. Republicado em 2000, in Roger Martin, David Michaels, & Juan Uriagereka (eds.), *Step by step: essays in syntax in honor of Howard Lasnik*, 89-155. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1999a. *O programa minimalista*. Tradução portuguesa, apresentação e notas de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Ed. Caminho.
- 2001a. Beyond explanatory adequacy. *Occasional Papers in Linguistics*, 20. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 2001b. Derivation by fase. In Michael Kenstowicz (ed.), *Ken Hale: A life in linguistics* [Current studies in linguistics, 36], 1-52. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chomsky, Noam & Howard Lasnik. 1999 [1993]. The theory of principles and parameters. In Joachim Jacobs *et alii* (orgs.), *Syntax: international handbook of contemporary research*, 51-95. Berlin: De Gruyter.
- Cinque, Guglielmo. 1994. On the evidence of partial N-movement in the romance DP. In Guglielmo Cinque *et alii* (eds.), *Paths towards Universal Grammar. Studies in Honor of Richard S. Kayne*, 85-110. Washington, DC: Georgetown University Press.
- Clahsen, Harald & Pieter Muysken. 1986. The availability of universal grammar to adult and child learners: a study of the acquisition of german word order. *Second Language Research*, 2(2). 93–119.
- Clements, Joseph Clancy. 2009. *The linguistic legacy of spanish and portuguese: colonial expansion and language change*. New York, NY: Cambridge University Press.
- Clermont, Jean & Henrietta J. Cedergren. 1979. Les R de ma mère sont perdus dans l’air. In Pierrette Thibault (ed.), *Le français parlé: études sociolinguistiques*, 13-28. Edmonton: Linguistic Research.
- Clyne, Michael G. 1980. Triggering and language processing. *Canadian Journal of Psychology*, 34. 400-406.

- Coelho, Francisco Adolpho. 1880/1881. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2. 129-196.
- 1882. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 3. 451-478.
- 1886. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 6. 705-755.
- Cole, Desmond T. 1955. *An introduction to tswana grammar*. Cape Town: Longmans, Green.
- Cook, Vivian James. 1993. *Linguistic and second language acquisition*. New York, NY: Palgrave.
- 1994. The metaphor of access to universal grammar in L2 learning. In Nick C. Ellis (ed.), *Implicit and explicit learning of language*, 477-502. London: Academic Press.
- 1996. *Second language learning and language teaching*. London: Hodder Education.
- Cook, Vivian James & Mark Newson. 2007 [1988]. *Chomsky's universal grammar: an introduction*, 3rd ed. rev. Oxford: Blackwell Publishing.
- Corder, Stephen Pit. 1967. The significance of learners' errors. *International Review of Applied Linguistics*, 5(4). 161-170.
- 1971. Idiosyncratic dialects and error analysis. *IRAL*, 9 (2). 147-160.
- 1973. *Introducing applied linguistics*. Harmondsworth/Baltimore: Penguin Education.
- 1974. Error analysis. In J. P. B. Allen & Stephen Pit Corder (eds.), *Techniques in applied linguistics (the Edinburgh course in applied linguistics)*, vol. 3. 122-154. London: Oxford University Press.
- 1981b. *Error analysis and interlanguage*. London: Oxford University Press.
- Cornips, Leonie & Aafke Hulk. 2006. External and internal factors in bilingual and bidialectal language development: grammatical gender of the dutch definite determiner. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 355–377. Amsterdam: John Benjamins.
- Corrêa, Letícia Maria Sicuro. 2001. Uma hipótese para a identificação do género gramatical com particular referência para o português. *Letras de Hoje*, 125. 289-296.
- Corrêa, Letícia Maria Sicuro, Maria Cristina Lobo Name & José Ferrari-Neto. 2004. O processamento de informação de interface na aquisição de gênero e de número. *Letras de Hoje*, 39(3). 123-137.
- Corrêa, Letícia Maria Sicuro, Marina Augusto & José Ferrari-Neto. 2005. *The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of brazilian portuguese*. 30th Boston University Conference on Language Development. Boston University, EUA, 04-06 de Novembro.
- Correia, Susana. 2005. A aquisição da rima em português europeu: ditongos e consoantes em final de sílaba [em linha]. In Inês Duarte & Isabel Leiria (orgs.), *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 483-493. Lisboa: Colibri/APL. [Consult. 04 Abr. 2010]. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/actas-20-encontro-apl-2004.pdf>.
- Costa, Ana Luísa & João Costa. 2001. *O que é um advérbio?* Lisboa: Edições Colibri & Associação de Professores de Português.
- Costa, João. 1996. Adverb positioning and V movement in english: some new evidence. *Studia Linguistica*, 50. 22-34.

- Costa, João & Ana Lúcia Santos. 2004 [2003]. *A falar como os bebés. O desenvolvimento linguístico das crianças*, 2ª. ed. Lisboa: Ed. Caminho.
- Costa, João & Maria Cristina Figueiredo Silva. 2006a. Introduction. In João Costa & Maria Cristina Figueiredo Silva (eds.), *Studies on agreement*, 1-9. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2006b. Nominal and verbal agreement in portuguese: an argument for distributed morphology. In João Costa & Maria Cristina Figueiredo Silva (eds.), *Studies on agreement*, 25-46. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Couto, Mia. 2006. *O outro pé da sereia*. Lisboa: Ed. Caminho.
- Crisma, Paola. 1997. *L'articolo nella prosainglese antica e la teoria degli articoli nulli*. Padua: University of Padua. Dissertação de doutoramento.
- Croft, William. 2000. *Explaining language change: an evolutionary approach*. Harlow, Essex: Longman Group.
- Crowley, Terry. 2008. Pidgin and creole morphology. In Silvia Kouwenberg & John Victor Singler (eds.), *The handbook of pidgin and creoles studies*, 74-97. Oxford: Wiley-Blackwell.
- CTI de São Tomé. 1968a. *Relatórios periódicos de acção psicossocial. Relatório periódico de acção psicossocial N.º. 1/68, Jan. 1968*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/208/01/07, doc. 3, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- 1968b. *Relatórios periódicos de acção psicossocial. Relatório periódico de acção psicossocial N.º. 2/68, Abr. 1968*. Caixa n.º. 1, proc. AHM/DIV/208/01/07, doc. 3A, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- 1970. *Relatórios periódicos de acção psicossocial. Relatório periódico de acção psicológica N.º. 03/70, 03 Out. 1970*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/208/01/07, doc. 4C, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- 1973. *Relatórios periódicos de acção psicossocial. Relatório periódico de acção psicológica N.º. 01/73, 31 Mar. 1973*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/208/01/07, doc. 7A, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- Cunha, Celso & Lindley Cintra. 1997 [1984]. *Nova gramática do português contemporâneo*, 13ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa.
- DeCamp, David. 1971. The study of pidgin and creole languages. In Dell Hymes (ed.), *Pidginization and creolization of languages*, 13-43. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- DeGraff, Michel. 1997. Verb syntax in creolization (and beyond). In Liliane M. V. Haegeman, *The new comparative syntax*, 64-94. London: Longman Group.
- 1999a. Creolization, language change and language acquisition: a prolegomenon. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*. 1-46. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1999b. Creolization, language change and language acquisition: an epilogue. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 473-543. Cambridge, MA: The MIT Press.

- 2001a. Morphology in creole genesis: linguistics and ideology. In Michael J. Kenstowicz (ed.), *Ken Hale: a life in a language*, 53-121. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Delgado-Martins, Maria Raquel. 1996. Relação fonética/fonologia: a propósito do sistema vocálico do português. In Inês Duarte & Isabel Leiria (orgs.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. 1, 311-325 Lisboa: Ed. Colibri/Associação Portuguesa de Linguística.
- DeWaele, Jean-Marc & Daniel Véronique. 2001. Gender assignment and gender agreement in advanced french interlanguage: a cross-sectional study. *Bilingualism: Language and Cognition*, 4. 275-97.
- Dickerson, Lonna J. 1974. *Internal and external patterning of phonological variability in the speech of japanese learners of english: towards a theory of second language acquisition*. Urbana-Champaign: University of Illinois. Dissertação de doutoramento.
- 1975. The learner's interlanguage as a system of variable rules. *TESOL Quarterly*, 9. 401-407.
- Dickerson, Wayne B. 1976. The psycholinguistic unity of language learning and language change. *Language Learning*, 26. 215-231.
- Duarte, Inês & Fátima Oliveira. 2003. Referência nominal. In Maria Helena Mira Mateus *et alii*, *Gramática da língua portuguesa*, 7ª ed., cap. 8, 205-242. Lisboa: Caminho – Coleção Universitária/Série Linguística.
- Duarte, Maria Eugênia L. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, 107-128. Campinas: Editora da Unicamp.
- 1999. A sociolinguística paramétrica: perspectivas. In Dermeval da Hora & Elizabeth Christiano (orgs.), *Estudos linguísticos: realidade brasileira*, 107-114. João Pessoa: Idéia.
- Dufour, Robert & Judith F. Kroll. 1995. Matching words to concepts in two languages: a test of the concept mediation model of bilingual representation. *Memory and Cognition*, 23(2). 116-180.
- Dulay, Heidi, Marina Burt & Stephen Krashen. 1982. *Language two*. New York, NY: Oxford University Press.
- Elia, Sílvio. 1979. *A unidade linguística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Ellis, Rod. 1985. *Understanding second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- 1988. Are classroom and naturalistic acquisition the same? *Studies in Second Language Acquisition*, 11. 305-328.
- 1994. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Ellis, Nick C. & Alan Beaton. 1995. Psycholinguistic determinants of foreign language vocabulary learning. In Birgit Harley (ed.), *Lexical issues in language learning*, 107-165. The Best of Language Learning Series. Amsterdam: JohnBenjamins [Michigan: Ann Arbor].
- Ellis, Nick C. & Richard Schmidt. 1997. Morphology and longer distance dependencies: laboratory research illuminating the A in SLA. *Studies in Second Language Acquisition*, 19. 145-171.
- Embick, David. 1997. *Voice and interface of syntax*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania. Dissertação de doutoramento.

- 2000. Features, syntax, and categories in the latin perfect. *Linguistic Inquiry*, 31(2). 185-230.
- Embick, David & Rolf Noyer. 2001. Movement operations after syntax. *Linguistic Inquiry*, 32 (4). 555-595.
- Emmerich, Charlotte. 1984. *A língua de contato no Alto Xingu – origem, forma e função*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de doutoramento.
- Enç, Muvet. 1991. The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, 22. 1-25.
- Esquadrão de Polícia Militar N°. 2222. 1962. *História da Unidade – Companhia de Polícia Militar N°. 2222. Comando Territorial Independente de São Tomé e Príncipe. Relatório do Esquadrão de Polícia Militar N°. 2222, Jun. 1962*. Caixa n°. 1, proc. PT AHM/DIV/208/01/16, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- Faria, Isabel Hub, Maria João Freitas & M Miguel. 1998. Functional categories in early acquisition of european portuguese. In Antonella Sorace, Caroline Heycock & Richard Shillcock (orgs.), *Proceedings of the Gala 97. Conference on Language Acquisition, Edinburgh, April 4-6*, 115-120. Edinburgh: University of Edinburgh.
- 2001. Interaction between prosody and morphosyntax: plurals with codas in the acquisition of european portuguese. In Barbara Höehle & Jürgen Weißenborn (eds.), *Approaches to bootstrapping: phonological, lexical, syntatic and neurophysiological aspects of early language acquisition*, 45-57. Amsterdam: John Benjamins.
- Ferguson, Charles A. 1971. Absence of copola and the notion of simplicity: a study of normal speech, baby talk, foreigner talk, and pidgins. In Dell Hymes (ed.), *Pidginization and creolization of languages*, 141-150. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Fernandes, Marisa. 1996. *Concordância nominal na Região Sul*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de mestrado.
- Fernandes-Boëchat, Márcia. 1989. *Utilization of the natural learning sequence within communicative syllabus implementation*. Newcastle: University of Newcastle. Dissertação de doutoramento.
- Fernandéz-Garcia, Marisol. 1999. Patterns in gender agreement in the speech of second language learners. In Javier Gutiérrez-Rexach & Fernando Martínez-Gil (eds.), *Advances in hispanic linguistics: papers from the 2<sup>nd</sup> Hispanic Linguistics Symposium*, 3-15. Sommerville, MA: Cascaduilla Press.
- Ferrari-Neto, José. 2003. *Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro*. Rio de Janeiro: Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro – Departamento de Letras. Dissertação de mestrado.
- Ferrari-Neto, José, Letícia Maria Sicuro Corrêa & Marina R. A. Augusto. 2005. O processamento da informação de interface na aquisição do sistema de número gramatical no DP em português brasileiro. In Lúcia Maria Pinheiro Lobato et alii (orgs.), *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 1075-1082. Associação Brasileira de Lingüística: Universidade de Brasília [Consult. 31 Jan. 2010]. Disponível em:  
<http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.pdf>.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1975. The origin and development of four creoles in the Gulf of Guinea. Reimpressão do *African Studies Quarterly Journal*. Witwatersrand University Press, Johannesburg. Pietermaritzburg, Natal: The Natal Witness (Pty).

- 1979. *The creole of São Tomé*. Reimpressão do *African Studies*, 37 (1/2). Witwatersrand University Press, Johannesburg. Pietermaritzburg, Natal: The Natal Witness (Pty).
- Ferronha, António Luís Alves. 1989. O comércio português de escravos nos séculos XV e XVI. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – povoamento e colonização do Reino de Portugal; início dos descobrimentos marítimos portugueses; o avanço no Atlântico*, vol. 1, 315-324. Lisboa: Publ. Alfa.
- Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2003. O português em Angola (algumas ocorrências em contexto literário). In Departamento de Língua e Cultura Portuguesa - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ed.), *1ª.s jornadas de língua e cultura portuguesa (18/19 de Junho de 2002)*, 113-128. Lisboa: Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- 2008. A concordância variável no sintagma nominal plural do português reestruturado de Almojarife (São Tomé). *Papia – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 18. 23-43.
- 2009a. A configuração do SN do português reestruturado da comunidade de Almojarife – São Tomé [em linha]. *RCBLPE – Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, 1(1). 28-55. [Consult. 10 Jun. 2009]. Disponível em: <http://rcblpe.sftw.umac.mo/doc/A%20Configura%C3%A7ao%20do%20SN%20Plural%20do%20Portugu%C3%AAs%20Reestruturado%20da%20Comunidade%20de%20Almojarife%20-20Sao%20Tom%C3%A9.pdf>.
- 2009b. *Concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado de Almojarife: motivações morfofonológicas*. Joint Summer Meeting of the Society of Pidgin and Creole Linguistics (SPCL) and the Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Universidade de Colónia, Alemanha, 11-15 de Agosto.
- 2010. *Paralelismos morfossintáticos em variedades bantu, crioulos atlânticos de base portuguesa e variedades africanas e brasileiras de português: transferência ou trajecto universal de aquisição?* 10ème Colloque International de l'Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Llacan, Campus CNRS de Villejuif, Paris, France, 01-03 de Julho.
- Firmino, Gregório. 1995. *Revisiting the 'language question' in post-colonial Africa: the case of portuguese and indigenous languages in Mozambique*. Ann Arbor: UMI Company.
- Flynn, Suzanne. 1989. The role of the head-initial/head-final parameter in the acquisition of english relative clauses by adult spanish and japanese speakers. In Susan M. Gass & Jacquelyn Schachter (eds.), *Linguistic perspectives on second language acquisition*, 89-108. Cambridge Applied Linguistic Series. New York, NY: Cambridge University Press.
- Franseschina, Florencia. 2002. Case and  $\Phi$ -feature agreement in advanced L2 spanish grammars. *EUROSLA Yearbook*, 2. 71-86. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- 2005. *Fossilized second language grammars – the acquisition of grammatical gender*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

- Freitas, Maria João & Matilde Miguel. 1998. Prosodic and syntactic interaction: the acquisition of NP functional projections in european portuguese. In Tina Cambier-Langeveld, Anikó Lipták & Michael Redford (eds.), *Proceedings of ConSOLE6*, 27-44. Leiden: SOLE.
- Fromkin, Victoria & Robert Rodman. 1993 [1974]. *Introdução à linguagem*. Coimbra: Liv. Almedina.
- Gaies, Stephen J. 1977. The nature of linguistic input in formal language learning: linguistic and communicative strategies in ESL teachers' classroom language. In H. Douglas Brown, Carlos Yorio, & Ruth Crymes (eds.), *On TESOL '77 - Teaching and learning english as a second language: trends in research and practice*, 204-212. Washington: TESOL.
- 1979. Linguistic input in first and second language learning.. In Fred R. Eckman & Ashley J. Hastings (eds.), *Studies in First and Second Language Acquisition*. Rowley, MA: Newbury House.
- Galves, Charlotte Marie Chambelland. 1993. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In Mary Kato & Ian Roberts (orgs.), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*, 387-403. Campinas: Editora de Campinas.
- Gann, Lewis H. & Peter Duignan, 1981. Introduction. In Lewis H. Gann & Peter Duignan (eds.), *Colonialism in Africa 1870-1960*, 1-26. London: CUP.
- Gärtner, Eberhard. 1989. Remarques sur la syntaxe du portugais en Angola e au Mozambique. In Jean-Michel Massa & Matthias Perl (eds.), *La langue portugaise en Afrique*, 29-54. Rennes: Université de Haute Bretagne.
- 2003. *Particularidades morfo-sintáticas do português não-padrão do Brasil, de Angola e de Moçambique*. Comunicação apresentada no âmbito do mestrado em Linguística Geral da FLUC. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Gass, Susan. M. 1988. Second language acquisition and linguistic theory: the role of language transfer. In Suzanne Flynn & Wayne O'Neil (eds.). *Linguistic theory in second language acquisition*, 384-403. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Gass, Susan M. & Larry Selinker. 2001. *Second language acquisition: an introductory course*. Mahwah, NJ: Lawrence Earlbaum Associates, Publishers.
- Genesee, Fred. 1989. Early bilingual development: one language or two? *Journal of Child Language*, 16. 161-179.
- Gilbert, Glenn G. 1983. Transfer in second language acquisition. In Roger W. Andersen (org.), *Pidginization and creolization as language acquisition*, 207-213. Rowley, MA: Newbury House.
- Givón, Talmy. 1979. *On understanding grammar*. New York, NY: Academic Press.
- 1984. Universals of discourse structure and second language acquisition. In William E. Rutherford (ed.), *Language universals and second language acquisition*, 109-136. Amsterdam: John Benjamins.
- 1998. The functional approach to grammar. In Michael Tomasello (ed.), *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*, 41-66. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- 2001. *Syntax*. Amsterdam: John Benjamins.
- Godinho, Ana Paula Batista Marques Cleto de Oliveira. 2005. *A aquisição da concordância de plural no sintagma nominal por aprendentes chineses de português língua estrangeira*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Dissertação de doutoramento.

- 2008. *A variação da concordância de número e gênero no sintagma nominal na interlíngua de indivíduos adultos chineses aprendentes de português língua não materna*. Encontro sobre Português como Língua Não Materna – APL (Associação Portuguesa de Linguística). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal, 11-12 de Abril.
- 2009. *Second language acquisition of portuguese noun phrase agreement by adult cantonese native speakers*. University of Macau Linguistics Seminar. University of Macau, Faculty of Social Sciences and Humanities, Department of Portuguese, Macau, 16 de Dezembro.
- Goldberg, Adele E. 1995. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- 1999. The emergence of the semantics of argument structure constructions. In Brian MacWhinney (ed.), *The emergence of language*, 197-212.. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Gonçalves, Perpétua. 1997. Tipologia de “erros” do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In Christopher Stroud & Perpétua Gonçalves (orgs.), *Panorama do português oral de Maputo. Volume II: a construção de um banco de “erros”*, 35-67. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.
- 2000. A gênese de línguas formadas em contextos multilingues: uma abordagem paramétrica. In Ernesto d’ Andrade, Maria Antónia Coelho da Mota & Dulce Pereira (orgs.), *Crioulos de base portuguesa (Actas do workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa. FLUL, 29 e 30 de Abril de 1999)*, 247-257. Braga: Associação Portuguesa de Linguística.
- 2004. Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: arguments from the genesis of mozambican african languages. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 19(2). 225-259.
- Gonçalves, Perpétua *et alii*. 1998. Estruturas gramaticais do português: problemas e exercícios. In Perpétua Gonçalves & Christopher Stroud (orgs.), *Panorama do português oral de Maputo –Volume III: estruturas gramaticais do português – problemas e aplicações. Cadernos de pesquisa No. 27 – Moçambique*, 36-159. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.
- Gonçalves, Perpétua & Christopher Stroud (orgs.). 1998. *Panorama do português oral de Maputo –Volume III: estruturas gramaticais do português – problemas e aplicações. Cadernos de pesquisa N°. 27 – Moçambique*, 36-159. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.
- Good, Jeff. 2003. Morphosyntactic tone raising in saramacan: the reanalysis of substrate phonology as a tonal morphology. In Ingo Plag (ed.), *Phonology and morphology of creole languages*, 105-134. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Grainger, Jonathan & Cecile Beauvillain. 1988. Associative priming in bilinguals: some limits of interlingual facilitation effects. *Canadian Journal of Psychology*, 42. 56-60.
- Green, David W. 1986. Control, activation and resource: a framework and a model for the control of speech in bilinguals. *Brain and Language*, 27. 210-223.
- Gregg, Kevin R. 1990. The variable competence model of second language acquisition, and why it isn’t. *Applied Linguistics*, 11(4). 364-383.
- Grimshaw, Jane Barbara. 2005 [1991]. *Words and structure*. Stanford: CSLI Publications.

- Grosjean, François. 1982. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- 1985. The bilingual as a competent but specific speaker-hearer. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 6. 467-477.
- Gryner, Helena. 1990. *A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de doutoramento.
- Güldemann, Tom & Tjerk Hagemeijer. 2006. Negation in the Gulf of Guinea creoles: typological and historical perspectives. *Congresso Anual da ACBPPE – Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*. Universidade de Coimbra, Portugal, 28-30 de Junho.
- Guy, Gregory Riordan. 1981a. *Linguistic variation in brazilian portuguese*. University of Pennsylvania. Dissertação de doutoramento.
- 1981b. Parallel variability in american dialects of spanish and portuguese. In David Sankoff & Henrietta Cedergren (orgs.), *Variation omnibus*, 85-95. Edmonton: Linguistic Research Inc.
- 1986. *Saliency and the direction of syntactic change*. University of Sydney, Cornell University. mimeo.
- 1988. Advanced Varbrul analysis. In Kathleen Ferrara *et alii* (eds), *Linguistic change and contact*, 124-136. Austin, Texas: Dept. of Linguistics, University of Texas in Austin.
- 1989. On the nature and origins of popular brazilian portuguese. *Estudios sobre Español de America y Linguística Afroamericana*, 83. 227-245. Bogotá: Instituto Caro Y Cuervo.
- 2005. A questão da criouliização no português do Brasil. In Ana Maria Stahl Zilles (org.), *Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul*, 15-62. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Guy, Gregory Riordan & Ana Zilles. 2007. *Sociolingüística quantitativa – instrumental de análise*. Parábola Editorial: São Paulo, SP.
- Hagège, Claude. 1996. *L'enfant aux deux langues*. Paris: Ed. Odile Jacob.
- Hagemeijer, Tjerk. 1999. As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné. *Revista Camões*, 6. 74-88.
- 2000. Verbos e gramaticalização em são-tomense. In Ernesto d' Andrade, Maria Antónia Coelho da Mota & Dulce Pereira (orgs.), *Crioulos de base portuguesa (Actas do workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa. FLUL, 29 e 30 de Abril de 1999)*, 111-126. Braga: Associação Portuguesa de Linguística.
- 2007. *Clause structure in santome*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Dissertação de doutoramento.
- 2009. As língua de São Tomé e Príncipe [em linha]. *RCBLPE – Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, 1(1). 2-27. [Consult. 10 Fev. 2010]. Disponível em:  
<http://rcblpe.sftw.umac.mo/doc/As%20L%C3%ADnguas%20de%20S.%20Tom%C3%A9%20e%20Pr%C3%ADncipe.pdf>.
- Haiman, John. 1983. Icon and economic motivation. *Language*, 59. 781-819.
- Håkansson, Gisela, Manfred Pienemann & Susan Sayehli. 2002. Transfer and tipological proximity in the context of L2 processing. *Second Language Research*, 18(3). 250-273.

- Hale, Kenneth. 1988. Linguistic theory: generative grammar. In Suzanne Flynn & Wayne O'Neil (eds.), *Linguistic theory in second language acquisition*, 26-33. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Halle, Morris. 2000. Distributed morphology: impoverishment and fission. In Jacqueline Lecarme, Jean Lowenstamm & Ur Shlonsky (eds.), *Research in afroasiatic grammar: papers from the Third Conference on Afroasiatic Languages (Sophia Antipolis, 1996)*, 125-151. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Halle, Morris & Alec Marantz. 1993. Distributed morphology and the pieces of inflection. In Kenneth Hale & Samuel Jay Keyser (eds.), *The view from building, 20*, 111-176. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Hamers, Josiane F. & Michel H. A. Blanc. 2000 [1989]. *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Han, ZhaoHong. 1998. *Fossilization. An investigation into advanced L2 learning of a typologically distant language*. Birbeck College, University of London. Dissertação de doutoramento.
- Hancock, Ian F. 1969. The Malaca creoles and their language. *Afrasian*, 3. 38-45.
- Harris, James W. 1982. Nonconcatenative morphology and spanish plurals. *Journal of Linguistics Research*, 1(1). 15-31.
- Hawkins, Roger. 1993. The selective availability of Universal Grammar in second language acquisition: a specifier-head/head-complement developmental asymmetry. *Transactions of the Philological Society*, 91. 215-245.
- 1998. *The inaccessibility of formal features of functional categories in second language acquisition*. Pacific Second Language Research Forum (PacSlrf), Tóquio.
- 2001. *Second language syntax: a generative introduction*. Oxford: Blackwell.
- Hawkins, Roger & Cecilia Yuet-hung Chan. 1997. The partial availability of universal grammar in second language acquisition: the failed functional features hypothesis. *Second Language Research*, 13(3). 187-226.
- Henriques, Isabel Castro. 1989. O ciclo do açúcar em São Tomé nos séculos XV e XVI. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – povoamento e colonização do Reino de Portugal; início dos descobrimentos marítimos portugueses; o avanço no Atlântico*, vol. 1, 264-280. Lisboa: Publ. Alfa.
- Higgs, Theodore V. & Ray Clifford. 1982. The push toward communication. In Theodore V. Higgs (ed.), *Curriculum, competence, and the foreign language teacher*, 57-79. ACTFL Foreign Language Education Series. Lincolnwood, IL: National Textbook.
- Höhle, Barbara. *et alii*. 2002. The origins of syntactic categorization for lexical elements: the role of determiners. In João Costa & Maria João Freitas (eds.), *Proceedings of the GALA 2001 Conference on Language Acquisition*, 106-111. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- Holm, John. 1987. Creole influence on popular brazilian portuguese. In Glenn G. Gilbert (ed.), *Pidgin and creole language: essays in memory of John E. Reinecke*, 406-429. Honolulu: University of Hawaii Press.
- 1988/1989. *Pidgins and creoles*, vols. I & II. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 1992. Popular brazilian portuguese: a semi-creole. In Ernesto d'Andrade & Alain Kihm (orgs.), *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Ed. Colibri.

- 1998. *The study of semi-creoles in the 21<sup>st</sup> century*. Symposium on Pidgin and Creole Linguistics in the 21<sup>st</sup> Century: Essays at Mullenium's End. Society for Pidgin and Creole Linguistics, New York, January.
- Hopper, Paul J. 1987. Emergent grammar. In *Papers of the 13<sup>th</sup> Annual Meeting, Berkley Linguistic Society*, 139-157. Berkley: Berkley Linguistic Society.
- 1988. Emergent grammar and a priori grammar postulate. In Deborah Tannen (ed.), *Linguistics in context*, 117-134. Norwood, NJ: Ablex.
- 1998. Emergent grammar. In Michael Tomasello (ed.), *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*, 155-175. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Hopper, Paul J. & Elizabeth Traugott. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Hornstein, Norbert & David Lightfoot (eds.). 1981. *Explanation in linguistics: the logical problem of language acquisition*. London: Longman Group.
- Horvarth, Barbara. M. 1985. *Variation in Australian English: the sociolects of Sydney*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Houaiss, Antônio. 1985. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade.
- Huang, Chen-The James. 1982. Move WH in a language without WH movement. *Linguistic Review*, 1. 41-80.
- Hudson, Joyce. 1983. *Grammatical and semantic aspects of Fitzroy Valley kriol*. SIL/AAB: Darwin.
- Hyams, Nina. 1987. The theory of parameters and syntactic development. In Thomas Roeper & Edwin Williams (eds.), *Parameter setting*, 1-22. Dordrecht: Reidel.
- Hyltenstam, Kenneth & Niclas Abrahamsson. 2003. Maturational constraints in SLA. In Catherine J. Doughty & Michael H. Long (eds.), *The handbook of second language acquisition*, 539-588. Oxford: Blackwell.
- Hymes, Dell. 1971a (org.). *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Ingram, David. 1989. *First language acquisition*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Instituto Nacional de Estatística de Moçambique. 2010. *Estatísticas de Moçambique: línguas* [em linha]. [Consult. 03 Fev. 2010]. Disponível em: [http://www.ine.gov.mz/censos\\_dir/recenseamento\\_geral/estudos\\_analise/lingua](http://www.ine.gov.mz/censos_dir/recenseamento_geral/estudos_analise/lingua).
- Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe. 2003a. *RGPH 2001: estado e estrutura da população de São Tomé e Príncipe* [em linha]. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe [Consult. 10 Fev. 2010]. Disponível em: [http://www.ine.st/files\\_pdf/Estrut\\_pop.pdf](http://www.ine.st/files_pdf/Estrut_pop.pdf).
- 2003b. *RGPH 2001: população de crianças e adolescentes em São Tomé e Príncipe* [em linha]. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe [Consult. 18 Fev. 2010]. Disponível em: [http://www.ine.st/files\\_pdf/CriancasAdol.pdf](http://www.ine.st/files_pdf/CriancasAdol.pdf).
- 2003/2005. *III recenseamento geral da população e da habitação de 2001*. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe.

- Inverno, Liliana Cristina Coragem. 2004. Português vernáculo do Brasil e português vernáculo de Angola: reestruturação parcial vs. mudança linguística. In Mauro Fernández, Manuel Fernández-Ferreiro & Nancy Vázquez Veiga (eds.), *Los criollos de base ibérica: ACBLPE*, 201-213. Frankfurt-am-Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana.
- 2005. *Angola's transition to vernacular portuguese*. Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras. Dissertação de mestrado.
- 2008. *The noun phrase in angolan vernacular portuguese: evidence from substrate influence*. Congresso Anual da ACBPLE – Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Universidade de Lisboa, Portugal, 03-05 de Julho.
- 2009. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal [em linha]. *Angola do Outro Lado do Tempo...* [Consult. 02 Maio 2009]. Disponível em:  
<http://tudosobreangola.blogspot.com/2009/04/transicao-de-angola-para-o-portugues.html>.
- Jacobson, Roman. 1963 [1959]. *Essais de linguistique générale – les fondations du langage*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- 1966 [1932]. Zur struktur des russischen verbums [On the structure of russian verbs]. In Eric P. Hamp Martin Joos, Fred W. Householder & Robert Austerlitz (eds.), *Readings in linguistics II*, 22-30. Chicago. IL: University of Chicago Press.
- Jaeggli, Osvaldo. 1984. Subject extraction and the null subject parameter. *NELS*, 14. 132-153.
- Jaeggli, Osvaldo & Kenneth J. Safir (eds.). 1989. *The null subject parameter (studies in natural language and linguistic theory)*. Dordrecht/Boston: Kluwer Academic Publishers.
- Jake, Janice L. & Carol Myers-Scotton. 1998. *How to build a creole: splitting and recombining lexical structure*. Annual Meeting of the Society for Pidgin/Creole Linguistics, New York City, 9<sup>th</sup>-10<sup>th</sup> January.
- James, Winford. 2003. The role of tone and rhythm structure in the organization of grammatical morphemes in tobagonian. In Ingo Plag (ed.), *Phonology and morphology of creole languages*, 165-192. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Jin, Young-Sun & I. Fischler. 1990. Effects of concreteness on cross-language priming of lexical decision. *Perceptual & Motor Skills*, 70. 1139-1154.
- Johnson, Daniel Ezra. s.d. *RBRUL home page* [em linha]. [Consult. 18 Maio 2008]. Disponível em:  
[http://www.ling.upenn.edu/~johnson4/Rbrul\\_manual.html](http://www.ling.upenn.edu/~johnson4/Rbrul_manual.html).
- Jon-And, Anna. 2008. *Concordância de número no sintagma nominal do português de Moçambique num contexto comparativo*. Congresso Anual da ACBPLE – Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Universidade de Lisboa, Portugal, 03-05 de Julho.
- 2009. *Concordância de número no sintagma nominal do português L2 falado em Cabo Verde*. Joint Summer Meeting of the Society of Pidgin and Creole Linguistics (SPCL) and the Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Universidade de Colónia, Alemanha, 11-15 de Agosto.

- Joshi, Aravind K. 1985. How much context-sensitivity is necessary for assigning structural descriptions: tree adjoining grammars. In David R. Dowty, Lauri Karttunen & Arnold M. Zwicky (eds.), *Natural language parsing: theoretical, computational, and psychological perspectives*, 206-250. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Katamba, Francis. 1993. *Morphology*. New York, NY: St. Martin's Press.
- Kato, Mary Aizawa (org.). 1995. Sintaxe e aquisição na teoria de Princípios e Parâmetros. *Letras de Hoje*, 30(4).57-73.
- 1999. Os frutos de um projecto herético: parâmetros na variação intralingüística. In Dermeval da Hora & Elizabeth Christiano (orgs.), *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*, 95-196. João Pessoa: Idéia.
- Kato, Mary Aizawa & Fernando Tarallo. 1989. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra-lingüística. *Predição*, 6. 1-41.
- 1996. *Gramática do português falado: convergências*, vol. V. Campinas: Unicamp/São Paulo.
- Kawaguchi, Satomi. 2005. Argument structure and syntactic development in Japanese as a second language. In Manfred Pienemann (ed.), *Cross-linguistic aspects of processability theory*, 253-298. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Kayne, Richard S. 1989. Facets of past participle agreement in Romance. In Paola Benincà (ed.), *Dialectal variation and the theory of grammar*, 85-103. Dordrecht: Foris.
- 2000. *Parameters and universals*. Oxford: Oxford University Press.
- Kegl, Judy, Ann Senghas & Marie Coppola. 1999. Creation through contact: sign language emergence and sign language change in Nicaragua. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 179-237. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Kemp, William. 1979. L'histoire récente de ce que, qu'est-ce que et qu'osque à Montréal. In Pierrette Thibault (ed.), *Le français parlé: études sociolinguistiques*, 53-74. Edmonton: Linguistic Research.
- 1981. Major sociolinguistic patterns in Montréal French. In David Sankoff & Henrietta Cedergren (org.), *Variation omnibus*, 3-16. Edmonton: Linguistic Research Inc.
- Kihm, Alain. 1980. *Aspects d'une syntaxe historique: études sur le créole portugais de Guiné-Bissau*. Paris: Univ. de Paris (III). Dissertação do 3º Ciclo.
- 1994. *Kriyol syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam: John Benjamins.
- 2003. Inflectional categories in creole languages. In Ingo Plag (ed.), *Phonology and morphology of creole languages*, 333-363. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- 2008. Creoles, markedness, and default settings: an appraisal. In Silvia Kouwenberg & John Victor Singler (eds.), *The handbook of pidgin and creoles studies*, 411-439. Oxford: Wiley-Blackwell.
- 2010. *The fall and rise of inflectional morphology in Portuguese-related pidgin-creoles: a paradigm function morphology approach*. 10ème Colloque International de l' Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLe). Llacan, Campus CNRS de Villejuif, Paris, France. 1-3 de Julho.
- Kiparsky, Paul. 1972. Explanation in phonology. In Stanley Peters (ed.), *Goals of linguistic theory*, 189-225. New Jersey, NJ: Prentice Hall.

- Klein, Thomas B. 2006a. Creole phonology typology: phoneme inventory size, vowel quality distinctions and stop consonant series. In Parth Bath & Ingo Plag (eds.), *The structure of creole words: segmental, syllabic and morphological aspects*, 3-21. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- 2006b. Diversity and complexity in the typology of syllables in creole languages [em linha]. *Thomas B. Klein's Research Page*. [Consult. 27 Dez. 2009]. Disponível em: <http://personal.georgiasouthern.edu/~tklein/research.html>.
- Klein, Wolfgang & Clive Perdue. 1992. *Utterance structure: developing grammars again*. Amsterdam: John Benjamins.
- 1997. The basic variety (or: couldn't natural languages be much simpler?). *Second Language Research*, 30(4). 301-347.
- Klein-Andreu, Flora. 1983. Grammar in style: spanish adjective placement. In Flora Klein-Andreu (org.), *Discourse perspectives on syntax*, 143-179. New York, NY: Academic Press.
- Kleinman, Howard. 1978. The strategy of avoidance in adult second language acquisition. In William C. Ritchie (ed.), *Second language acquisition research: issues and implications*, 157-174. New York, NY: Academic Press.
- Koehn, Caroline. 1994. The acquisition of gender and number morphology within NP. In Jürgen M. Meisel (ed.), *Bilingual first language acquisition: french and german grammatical development*, 29-51. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Kolb, Bryan & Ian Q. Whishaw. 2003. *Fundamentals of human neuropsychology*. New York, NY: Worth Publishers.
- Köppe, Regina. 1994a. The DUFDE project. In Jürgen M. Meisel (ed.), *Bilingual first language acquisition: french and german grammatical development*, 15-28. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- 1994b. NP-movement and subject raising. In Jürgen M. Meisel (ed.), *Bilingual first language acquisition: french and german grammatical development*, 209-234. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Kouwenberg, Silvia. 1992. From OV to VO. Linguistic negotiation in the development of berbice dutch creole. *Lingua*, 88. 263-299.
- 1994. *A grammar of berbice dutch creole*. Berlin/New York, NY: De Gruyter.
- Kouwenberg, Silvia & Peter Patrick (eds.). 2003. Reconsidering the role of second language acquisition in pidginization and creolization. Special issue of *Studies in Second Language Acquisition*, 25(2), 175-306.
- Krashen, Stephen. D. 1982. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon.
- 1985. *The input hypothesis: issues and implications*. New York, NY: Longman Group.
- 1988. *Second language acquisition and second language learning*. UK: Prentice Hall International.
- Krashen, Stephen. D. & Tracy Terrell, 1983. *The natural approach: language acquisition in the classroom*. London: Prentice Hall Europe.
- Kroch, Anthony. 1989a. Function and grammar in the history of english: periphrastic *do*. In Ralph W. Fasold & Deborah Schiffrin (eds.), *Language change and variation (Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science, series IV: current issues in linguistic theory)*, 133-172. Amsterdam: John Benjamins.

- 1989b. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language, Variation and Change*, 3. 199-244.
- 2001. Syntactic change. In Mark Baltin & Chris Collins (eds.), *The handbook of contemporary syntactic theory*, 699-729. Oxford/Malden, MA: Blackwell.
- 2004. *If at first you don't succeed: imperfect language learning and its implications for language change*. 2004 UNC-Chapel Hill Spring Linguistics Colloquium. University of North Carolina at Chapel Hill, Chapel Hill, NC, March 27<sup>th</sup>.
- Kroch, Anthony & Anne Taylor. 1997. Verb movement in old and middle english: dialect variation and language contact. In Ans van Kemenade & Nigel Vincent (eds.), *Parameters of morphosyntactic change*, 298-325. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Kroll, Judith F. & Alexandra Scholl. 1992. Lexical and conceptual memory in fluent and nonfluent bilinguals. In Richard Jackson Harris (ed.), *Cognitive processing in bilinguals*, 191-204. North-Holland: Elsevier Science Publishers.
- Kuno, Susumu. 1974. The position of relative clauses and conjunctions. *Linguistic Inquiry*, 5. 117-136.
- Laberge, Suzanne. 1977. *Étude de la variation des pronoms définis et indéfinis dans le français parlé à Montréal*. Université de Montréal. Dissertação de Doutorado.
- Labov, William. 1966. *The social stratification of english in New York City*. Washington DC: Center for Applied Linguistics.
- 1969. Contraction, deletion and inherent variability of the english copula. *Language*, 45. 715-762.
- 1972a. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- 1972b. *Language in the inner city. Studies in the black english vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- 1974. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In Fonseca, Maria Stella V. & Moema F. Neves (orgs.), *Sociolingüística*, 49-85. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca.
- 1978. *Sociolinguistic patterns*. Oxford: Blackwell.
- 1981. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In David Sankoff & Henrietta Cedergren (org.), *Variation omnibus*, 177-199. Edmonton: Linguistic Research Inc.
- 1982. Building on empirical foundations. In Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.), *Perspectives on historical linguistics*, 17-92. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 1983. *Modelos sociolingüísticos*. Trad. José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra.
- 1994. *Principles of linguistic change. Volume 1: internal factors*. Oxford: Blackwell.
- Ladgeway, Adam. 2000. *A comparative syntax of the dialects of Southern Italy: a minimalist approach*. Oxford: Blackwell.
- Lado, Robert. 1957. *Linguistics across cultures: applied linguistics for language teachers*. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press.
- Laman, Karl Edvard. 1936. *Dictionnaire kikongo-français avec une étude phonétique décrivant les dialectes les plus importants de la langue dite kikongo*. Brussels.
- Langacker, Ronald. 1987. *Foundations of cognitive grammar I*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Larsen-Freeman, Diane & Michael Long. 1991. *An introduction to second language acquisition research*. London: Longman.

- Lavandera, Beatriz R. 1984. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette.
- Lefebvre, Claire. 1981. Variation in plural marking: the case of cuzco quecua. In David Sankoff & Henrietta Cedergren (eds.), *Variation omnibus*, 125-133. Edmonton: Linguistic Research Inc.
- 1986. Relexification in creole genesis revisited: the case of haitian creole. In Pieter Muysken & Norval Smith (eds.), *Substrata versus universals in creole genesis*, 15(1), 231-258. Amsterdam: John Benjamins.
- 1998. *Creole genesis and the acquisition of grammar: the case of haitian creole*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 2003. The emergence of productive morphology in creole languages: the case of Haitian creole. In Ingo Plag (ed.), *Phonology and morphology of creole languages*, 35-80. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Lefebvre, Claire & Anne-Marie Brousseau. 2002. A grammar of fongbe. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Lefebvre, Claire, Lydia White & Christine Jourdan (eds). 2006a. *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2006b. Introduction. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 1-14. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Leiria, Isabel. 1996. Aquisição de uma língua não materna. Um exemplo: o aspecto verbal. In Isabel Hub Faria *et alii* (coords.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, 71-84. Lisboa: Ed. Caminho.
- Lemle, Miriam & Anthony Julius Naro. 1977. *Competências básicas do português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras*. Rio de Janeiro: Fundação MOBREAL e Fundação Ford.
- Lenneberg, Eric. 1967. *Biological foundations of language*. New York, NY: Wiley.
- Leung, Yan-kit Ingrid. 2003. Failed Features versus Full Transfer/Full Access in the acquisition of a third language: evidence from tense and agreement. In Juana M. Liceras *et alii* (eds.), *Proceedings of the 6<sup>th</sup> generative approaches to second language acquisition conference (GASLA 2002)*, 199-207. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Levelt, Willem J. M. 1989. *Speaking: from intention to articulation*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Liceras, Juana M., Lourdes Díaz & Caroline Mongeon. 2000. N-drop and determiners in native and non-native spanish: more on the role of morphology in the acquisition of syntactic knowledge [em linha]. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, 3. 34-62. [Consult. 19 Mar. 2010]. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/circulo/no3/liceras.pdf>.
- Lightbown, Patsy M. & Nina Spada. 2010 [2006]. *How languages are learned*. 3<sup>rd</sup> ed. Oxford: Oxford University Press.
- Lightfoot, David. 1979. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 1991a. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1999a. Creoles and cues. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 431-452. Cambridge, MA: The MIT Press.

- 1999b. *The development of a language: acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell.
- Lima, Carlos Henrique da Rocha. 2002 [1957]. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 42ª ed.. Rio de Janeiro: José Olympio Ed.
- Lléo, Conxita 1997. Filler syllables, proto-articles and early prosodic constraints in Spanish and German. *Language Acquisition: knowledge, representations and processing*. Proceedings of GALA'97.
- 1998. Proto-articles in the acquisition of Spanish: interface between phonology and syntax. In Ray Fabri, Albert Ortman & Teresa Parodi (eds.), *Models of inflexion*, 175-195. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- 2001. The interface of phonology and syntax: the emergence of the article in the early acquisition of Spanish and German. In Jürgen Weissenborn & Barbara Höhle (eds.), *Approaches to bootstrapping. Phonological, lexical, and neurophysiological aspects of early language acquisition*, viii. 23-44. Amsterdam: John Benjamins.
- Long, Michael H. 2003. Stabilization and fossilization in interlanguage development. In Catherine J. Doughty & Michael H. Long (eds.), *The handbook of second language acquisition*, 487-536. Oxford: Blackwell.
- Longobardi, Giuseppe. 1994. Reference and proper names. *Inquiry*, 25(4). 609–665.
- Lopes, Norma da Silva. 2001. *Tópicos de concordância*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Dissertação de doutoramento.
- López Meirama, Belén. 1997. *La posición del sujeto en la cláusula monoactancial en español*. *Lalia, Series Maior*, 7. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- López-Ornat, Susana 1997. What lies between a pre-grammatical and a grammatical representation? Evidence on nominal and verbal form-function mapping in Spanish from 1;7 to 2;1. In Ana Teresa Pérez-Leroux & William R. Glass (eds.), *Contemporary perspectives on the acquisition of Spanish*, 3-20. Somerville MA: Cascadilla Press.
- Lorenzino, Gerardo. 1998. *The Angolar Creole Portuguese of São Tomé: its grammar and sociolinguistic history*. New York, NY: The City University of New York. Dissertação de doutoramento.
- Lucchesi, Dante. s.d. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil [em linha]. In *Projecto vertentes do português rural do Estado da Bahia*. [Consult. 31 Maio 2009]. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/asduasvertentes.htm>.
- 1993. The article systems of Cape-Verde and São Tomé creole Portuguese: general principles and specific factors. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 8(1). 81-108.
- 1994. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. *RILP – Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12. 17-28.
- 1996. Variação, mudança e norma: a questão brasileira. In Suzana Alice Marcelino Cardoso. (org.), *Diversidade lingüística e ensino*, 69-80. Salvador: EDUFBA.
- 1998a. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências actuais de mudança nas normas culta e popular. In Sybille Große, & Klaus Zimmermann (eds.), *“Substandard” e mudança no português do Brasil*, 73-100. Frankfurt am main: TFM.

- 1999. A variação na concordância de gênero em dialectos despidginizantes e descrioulizantes do português do Brasil. In Klaus Zimmermann (ed.), *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, 477-502. Frankfurt-am-Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana.
  - 2000a. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. Dissertação de doutoramento.
  - 2001. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 17(1). 97-130.
  - 2003. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In Cláudia Roncarati & Jussara Abraçado (orgs.). *Português brasileiro: contacto lingüístico, heterogeneidade e história*, 272-284. Rio de Janeiro: 7Letras.
  - 2004a. Contacto entre línguas e variação paramétrica: o sujeito nulo no português afro-brasileiro. *Lingua(gem)*, 2(1). 63-92.
  - 2004b. *Sistema, mudança e linguagem*. São Paulo: Parábola.
  - 2007. Alterações no quadro dos pronomes pessoais e na aplicação da regra de concordância verbal nas normas culta e popular como evidência da polarização sociolinguística do Brasil e da relevância histórica do contato entre línguas. *Dialnet*, 19. 52-87.
  - 2008a. Aspectos gramaticais do português brasileiro afectados pelo contacto entre línguas: uma visão de conjunto. In Cláudia Roncarati & Jussara Abraçado (orgs.), *Português brasileiro II: contacto lingüístico, heterogeneidade e história*, 366-390. Niterói: Ed. UFF.
  - 2009a. História do contacto entre línguas no Brasil. In Dante Lucchesi, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*, 41-73. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante & Alan Norman Baxter. 2006. Processos de crioulização na história sociolinguística do Brasil. In Suzana Alice Marcelino Cardoso, Jacyra Andrade Mota & Rosa Virgínia Mattos e Silva (orgs.), *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*, 1ª. ed., vol. 1, 163-218. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia.
- 2009. A transmissão lingüística irregular. In Dante Lucchesi, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*, 101-124. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante & Alzira Macedo. 1997. A variação na concordância de gênero no português de contacto do Alto Xingu. *Papia – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 9. 20-36.
- Lucchesi, Dante & Ilza Ribeiro. 2009. Teorias da estrutura e da mudança lingüísticas e o contacto entre línguas. In Dante Lucchesi, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*, 125-153. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante & Silvana Araújo. 2010. A teoria da variação lingüística [em linha]. In *Vertentes do português popular do Estado da Bahia*. [Consult. 20 Out. 2010]. Disponível em:  
<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>.

- Luís, Ana R. 2008. Tense marking and inflectional morphology in indo-portuguese creoles. In Susanne Michaelis (ed.), *Roots of creole structures: weighting the contribution of substrates and superstrates*, 83-121. Creole Language Library. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Lumsden, John. S. 1987. *Syntactic features: parametric variation in the history of english*. MIT. Cambridge, MA: MIT Press. Distributed by MITWPL. Dissertação de doutoramento.
- Magalhães, Telma Moreira Vianna. 2004. Valorando traços de concordância dentro do DP. *D.E.L.T.A.*, vol. 20(1). 149-170.
- Maling, Joan M. 1976. Notes on quantifier-postposing. *Linguistic inquiry*, 7. 708-718.
- Mansouri, Fethi. 2005. Agreement morphology in arabic as a second language: typological features and their processing implications. In Manfred Pienemann (ed.), *Cross-linguistic aspects of processability theory*, 117-153. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Marques, Irene Maria Guerra. 1985 [1983]. Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. In Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ed.), *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, 205-224. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Marrero, Victoria & Carmen Aguirre, 2003. Plural acquisition and development in spanish. In Silvina Montrul & Francisco Ordóñez (eds.), *Linguistic theory and language development in hispanic languages: papers from the 5th Hispanic Linguistics Symposium and the 4th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese*, 275-296. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Marroquim, Mário. 1945 [1934]. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nacional.
- Martinet, André. 1955. *Économie des changements phonétiques*. Berna: Francke.
- Martins, Custódio Cavaco. 2007. *A aquisição das noções de tempo e aspecto para aprendentes chineses de português como língua estrangeira*. Macau: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Macau. Dissertação de doutoramento.
- Mateus, Dalila Cabrita. 1999. *A luta pela independência: a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- Mateus, Maria Helena Mira & Esperança Cardeira. 2007. *Norma e variação*. Coleção “O Essencial sobre Língua Portuguesa”. Lisboa: Caminho.
- Mateus, Maria Helena Mira & Alina Villalva. 2006. *O essencial sobre língua portuguesa. Linguística*. Coleção “O Essencial sobre Língua Portuguesa”. Lisboa: Caminho.
- Mather, Patrick-André. 2006. Second language acquisition and creolization – same (i-) processes, different (e-) results. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 21(2), IV. 231-274.
- May, Robert. 1985. *Logical form: its structure and derivation*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- McClelland, James L. & David E. Rumelhardt. 1981. An interactive-activation model of context effects in letter perception, Part 1: an account of basic findings. *Psychological Review*, 88. 375-405.

- McCowen, Lisa Griebeling & Scott M. Alvord. 2006. Mi mamá es bonito: acquisition of spanish gender by native english speakers [em linha]. In Carol A. Klee & Timothy L. Face (eds.), *Selected proceedings of the 7th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese as First and Second Languages*, 161-169. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. [Consult. 19 Mar. 2010]. Disponível em: <http://www.lingref.com/cpp/casp/7/paper1283.pdf>.
- McLaughlin, Barry. 1987. *Theories of second language learning*. London: Edward Arnold.
- 1989. Babes and bathwaters: how to teach vocabulary [em linha]. *Working Papers of the Bilingual Research Group*. Santa Cruz: University of California. [Consult. 29 Nov. 2009]. Disponível em: <http://people.ucsc.edu/~mclaugh/pelagius.html>.
- 1990. “Conscious” vs. “unconscious” learning. *TESOL Quarterly*, 24, 617-634.
- McLaughlin, Barry & Roberto Heredia. 1996. Information approaches to research on second language acquisition and use. In Tej K. Bathia & William C. Ritchie (eds.), *Handbook of second language acquisition*, 213-228. London: Academic Press.
- Meillet, Paul Antoine. 1906. L'état actuel des études de linguistique générale. (Leitura à Introdução do Curso de Gramática Comparativa no “Collège de France”). [Reimpresso in Meillet, Antoine. 1958. *Linguistique historique et linguistique générale*, vol. I, 1-18. Paris: Honoré Champion].
- Meisel, Jürgen M. 1994a. Getting FAT: finiteness, agreement and tense in early grammars. In Jürgen M. Meisel (ed.), *Bilingual first language acquisition: french and german grammatical development*, 89-129. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- 1994b (ed.). *Bilingual first language acquisition: french and german grammatical development*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- 1997. The acquisition of the syntax of negation in french and german: contrasting first and second language development. *Second Language Research*, 13. 227-263.
- Mello, Heliana Ribeiro de. 1997. *The genesis and development of brazilian vernacular portuguese*. Ann Arbor: U.M.I.
- Melzian, Hans Joachim. 1937. *A concise dictionary of the bini language of southern Nigeria*. London: Kegan Paul, Trench Trubner & Co.
- Mendes, Beatriz Correia. 1985. *Contributo para o estudo da língua portuguesa em Angola*. Centro de Linguística da Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa.
- Mendonça, Renato de. 1936. *O português do Brasil: origens – evolução – tendências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, S.A.
- Milroy, Lesley & Pieter Muysken. 1995. Introduction: code-switching and bilingualism research. In Lesley Milroy & Pieter Muysken (eds.), *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*, 1-14. New York, NY: Cambridge University Press.
- Mingas, Amélia A. 2000. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo de Letras Ed.
- Mollica, Maria Cecília. 1977. *Estuda da cópia nas construções relativas em português*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação de mestrado.
- 1984. Alguns fatores da pausa entre verbo e sujeito. *Boletim da ABRALIN*, 6. 141-158.

- 2003a. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 9-14. São Paulo: Contexto.
- 2003b. Relevância das variáveis não linguísticas. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 26-31. São Paulo: Contexto.
- Monteiro, Clóvis do Rego. 1933. *A linguagem dos cantadores. Segundo textos coligidos e publicados por Leonardo Mota*. Rio de Janeiro. Dissertação apresentada, em concurso, à Congregação do Colégio Pedro II.
- Montrul, Silvina A. 2004. *The acquisition of spanish: morphosyntactic development in monolingual and bilingual L1 acquisition and adult L2 acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- 2006. Incomplete acquisition in bilingualism as an instance of language change. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 379-400. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2008. *Incomplete acquisition in bilingualism – re-examining the age factor*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Morais, Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres. 1993. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, 263-306. Campinas: Editora da Unicamp.
- Moreno, Albertina & António Tuzine. 1998. Distribuição social de variáveis linguísticas no português oral de maputo. In Christopher Stroud & Perpétua Gonçalves (orgs.), *Panorama do português oral de Maputo. Volume II: a construção de um banco de “erros”*, 68-89. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.
- Mota, Maria Antónia Coelho da. 1996. Línguas em contacto. In Isabel Hub Faria *et alii* (coords), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, 505-533. Lisboa: Ed. Caminho.
- Mufwene, Salikoko S. 1999. On the language bioprogram hypothesis: hints for tazie. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 95-127. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 2001. *The ecology of language evolution*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Mühlhäusler, Peter. 1981. The development of the category of number in tok pisin. In Pieter Muysken (ed.), *Generative studies in creole languages*, 35-84. Dordrecht, Holland: Foris.
- 1986. *Pidgin and creole linguistics*. Oxford: Blackwell.
- Müller, Natascha. 1994a. Gender and number agreement within DP. In Jürgen M. Meisel (ed.), *Bilingual first language acquisition: french and german grammatical development*, 53-88. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- 1994b. Parameters cannot be reset: evidence from the development of COMP. In Jürgen M. Meisel (ed.), *Bilingual first language acquisition: french and german grammatical development*, 235-269. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Mussa, Alberto Baeta Neves. 1991a. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado.

- 1991b. Breve nota sobre a concordância nominal de número no português do Brasil. *RILP – Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 5/6. 72-77. Associação das Universidades de Língua Portuguesa.
- Muysken, Pieter. 1981a. Creole tense/mode/aspect systems: the unmarked case. In Pieter Muysken (ed.), *Generative studies on creole languages*, 181-199. Dordrecht: Floris.
- 1981b. Quechua causatives and logical form: a case study in markedness. In Adriana Belletti, Luciana Brandi & Luigi Rizzi (eds.), *Theory of markedness in generative grammar: proceedings of the 1979 GLOW Conference*, 443-473. Pisa: Scuola Normale Superiore di Pisa.
- 1988. Are creoles a special type of language?. In Frederick J. Newmeyer, *Language: psycholinguistic and biological aspects*. Linguistics: The Cambridge Survey, vol. 3, 285-301. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 1995. Code-switching and grammatical theory. In Lesley Milroy & Pieter Muysken (eds.), *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*, 177-198. New York, NY: Cambridge University Press.
- 2001. The origin of creole languages: the perspective of the second language learning. In Norval Smith & Tonjes Veenstra (eds.), *Creolization and contact*, 157-173. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Myers-Scotton, Carol. 1997. *Dueling languages: grammatical structure in codeswitching*. New York, NY: Oxford University Press.
- 2001. Implications of abstract grammatical structure: two targets in creole formation. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 16. 217-273.
- 2002. *Contact linguistics: bilingual encounters and grammatical outcomes*. Oxford: Oxford University Press.
- Myers-Scotton, Carol & Janice L. Jake. 2000a. Four types of morpheme: evidence from aphasia, code switching and second language acquisition. *Linguistics*, 38. 1053-1100.
- 2000b. Testing the 4-M model: an introduction. *International Journal of Bilingualism*, 38. 1-8.
- Name, Maria Cristina Lobo & Leticia Maria Sicuro Corrêa. 2003. Delimitação perceptual de uma classe correspondente à categoria funcional D: evidências da aquisição do português. *Fórum Lingüístico*, 3(1). 55-88.
- Naro, Anthony Julius. 1981. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 57. 63-98.
- 2003a. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 15-25. São Paulo: Contexto.
- Naro, Anthony Julius & Maria Marta Pereira Scherre. 1993. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, vol. 9, n°. especial. 437-454.
- 2000. Variable concord in portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In John McWhorter (ed.), *Language change and language contact in pidgins and creoles*, 235-256. Amsterdam: John Benjamins.
- Naro, Anthony Julius & Miriam Lemle. 1976. Syntactic diffusion. In Sandord B. Steever *et alii* (eds.), *Papers from the parasession on dyachronic syntax*, 221-241. Chicago, IL: Chicago Linguistic Society.
- Negreiros, Almada. 1895. *O dialecto de S. Thomé. Vocabulario*.

- Nemser, William. 1971. Approximative systems of foreign language learners. *International Review of Applied Linguistics*, 9. 115-123.
- Nespor, Marina & Irene Vogel. 2007. *Prosodic phonology: with a new foreword*. Studies in Generative Grammar, 28. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Nina, Terezinha de Jesus Carvalho. 1980. *Concordância nominal/verbal do analfabeto da micro-região Bragantina*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação de mestrado.
- Noyer, Rolf. 1997. *Features, positions and affixes in autonomous morphological structure*. New York, N.Y.: Garland.
- 2006. *Distributed morphology* [em linha], 734-737. Elsevier. [Consult. 22 Nov. 2009]. Disponível em:  
<http://www.scribd.com/doc/13160480/Noyer-Distributed-Morphology>.
- Nunes, Ana Margarida Belém. 2009. *Voz e emoção em português europeu*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Dissertação de Doutoramento.
- Ogot, Bethwell Allan. 1999. The Kongo kingdom and its neighbours. In Bethwell Allan Ogot (ed.), *A general history of Africa: Africa from the sixteenth to the eighteenth centuries*, 273-289. California: University of California Press.
- Oliveira, Ana Maria Roza. 2002. Acesso ao léxico e alternância de línguas em bilingues. *Educação & Comunicação*, 7. 86-101.
- Oliveira, Fátima. 2003. Tempo e aspecto. In Maria Helena Mira Mateus *et alii*, *Gramática da língua portuguesa*, 7ª ed., cap. 6, 127-178. Lisboa: Caminho – Coleção Universitária/Série Linguística.
- Oliveira, Marco António de & Maria Luíza Braga. 1997. On focusing sentences in brazilian portuguese. In Gregory Riordan Guy *et alii* (eds.), *Towards a social science of language*, vol. 2, 207-221. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Oliveira, Mário António Fernandes. 1990. *Reler África*. Coimbra: Centro de Estudos Africanos, Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- Oller, D. Kimbrough. 1974. *Toward a theory of phonological process in first and second language learning*. Western Conference of Linguistics 1974. Seattle, Washington, USA.
- Omena, Nelize Pires de. 1978. Pronome pessoal de 3ª pessoa: suas formas variantes em função acusativa. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação de mestrado.
- Paiva, Maria da Conceição A. de. 1991. Ordenação das cláusulas causais: forma e função. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de doutoramento.
- Paiva, Maria da Conceição A. de & Maria Marta Pereira Scherre. 1999. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. *D.E.L.T.A.*, vol. 15, nº. especial. 201-232.
- Paolillo, John C. s.d. *R-Varb home page* [em linha]. [Consult. 14 Abr. 2008]. Disponível em:  
<http://ella.slis.indiana.edu/~paolillo/projects/varbrul/rvarb/>.
- 2002. *Analyzing linguistic variation: statistical models and methods*. Stanford, California: CSLI Publications – Center for the Study of Language and Information, Leland Stanford Junior University.
- Paradis, Michel. 1981. Neurolinguistic organization of a bilingual's two languages. In James E. Copeland & Philip W. Davis (eds.), *The Seventh LACUS Forum*, 486-494. Columbia, SC: Horn Beam Press.

- 1985. Bilingualism. In Torsten Husen & T. Neville Potlethwaite (eds.), *The International Encyclopedia of Education: Research and Studies*, vol. 1, 489-493. Oxford: Pergamon Press.
- 1987. *The assessment of bilingual aphasia*. Hilldale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- 2001 [1989]. Bilingual and polyglot aphasia. In Rita Sloan Berndt (ed.), *Handbook of neuropsychology*, 2<sup>nd</sup> ed., 69-91. Amsterdam: Elsevier.
- Parreira, Adriano. 1989. Primórdios da presença militar portuguesa em Angola. O tráfico de escravos: 1483-1643. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – as zonas de influência do Ocidente; origem e desenvolvimento da colonização*, vol. 2, 214-236. Lisboa: Publ. Alfa.
- Peck Jr., Stephen Madry. 1988. *Tense, aspect and mood in Guinea Casamane portuguese creole*. Ann Arbor: University Microfilms. Dissertação de Doutoramento.
- Pereira, Dulce. 2002/2004. Crioulos de base portuguesa [em linha]. In *História da língua portuguesa, geografia da língua portuguesa*. [Consult. 03 Dez. 2007]. Disponível em:  
<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/geografia/crioulosdebaseport.html>.
- 2006. *O essencial sobre língua portuguesa. Crioulos de base portuguesa*. Coleção “O Essencial sobre Língua Portuguesa”. Lisboa: Caminho.
- Pereira, Dulce, Eva Arim & Nuno Carvalho. 2006. Crioulo de Cabo Verde. In ILTEC, *Diversidade linguística na escola portuguesa. Projecto Diversidade Linguística na Escola Portugues (ILTEC)* [em linha], edição em cd-rom. Lisboa: ILTEC, Ministério da Educação & Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 06 Fev. 2010]. Disponível em:  
[http://www.iltec.pt/divling/\\_pdfs/linguas\\_crioulo\\_cv.pdf](http://www.iltec.pt/divling/_pdfs/linguas_crioulo_cv.pdf).
- Pérez-Pereira, Miguel. 1989. The acquisition of morphemes: some evidence from Spanish. *Journal of Psycholinguistics Research*, 18. 289-311.
- 1991. The acquisition of gender. What spanish speakers tell us. *Journal of Child Language*, 18. 571-590.
- Pfaff, Carol W. 1979. Constraints on language mixing: intrasentential code-switching and borrowing in Spanish/English. *Language*, 55. 291-318.
- Picallo, M. Carme 1991. *Nominals and nominalization in catalan*. *Probus*, 3(3). 279-316.
- Pienemann, Manfred. 1998. *Language processing and second language development: processability theory*. Amsterdam: John Benjamins.
- 2000. Psycholinguistic mechanism in the development of English as a second language. In Ingo Plag & Klaus P. Schneider (eds.), *Language use, language acquisition and language history: (mostly) empirical studies in honour of Rüdiger Zimmermann*, 99-118. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier.
- 2005a (ed.). *Cross-linguistic aspects of processability theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2005b. An introduction to processability theory. In Manfred Pienemann (ed.), *Cross-linguistic aspects of processability theory*, 1-60. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Pienemann, Manfred, Bruno di Biase & Satomi Kawaguchi. 2005. Extending processability theory. In Manfred Pienemann (ed.), *Cross-linguistic aspects of processability theory*, 199-251. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Pienemann, Manfred & Gisela Håkansson. 2007. Full transfer vs. developmentally moderated transfer: a reply to Bohnacker. *Second Language Research*, 23(4). 485-493.
- Pienemann, Manfred & Malcom Johnson, 1987. Factors influencing the development of language proficiency. In David Nunan (ed.), *Applying second language acquisition research*, 45-141. National Curriculum Resource Center, Adult Migrant Education Program.
- Pienemann, Manfred *et alii*. 2005a. Processing constraints on L1 transfer. In Judith F. Kroll & Annette M. B. DeGroot (eds.), *Handbook of bilingualism: psycholinguistic approaches*, 128-153. New York: Oxford University Press.
- 2005b. Processability, typological distance and L1 transfer. In Manfred Pienemann (ed.), *Cross-linguistic aspects of processability theory*, 85-116. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Pina, Hernández. 1984. *Teorías psicosociolingüísticas y su aplicación a la adquisición del español como lengua materna*. Madrid: Siglo XXI.
- Pinker, Steven. 1984. *Language learnability and language development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- 1991. Rules of language. *Science*, 253. 530-535.
- Pintzuk, Susan. 1988. *VARBRUL programs*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Department of Linguistics.
- Plag, Ingo. 2008a. Creoles as interlanguages: inflectional morphology. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 23(1). 114-135.
- 2008b. Creoles as interlanguages: syntactic structures. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 23(2). 307-328.
- 2008c. Creoles as interlanguages: phonology. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 24(1). 121-140.
- 2008d. Creoles as interlanguages: word-formation. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 24(2). 339-362.
- Pollock, Jean-Yves, 1989. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20. 365-424.
- Ponte, Vanessa Maria Lôbo. 1979. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação de mestrado.
- Poplack, Shana. 1980a. The notion of the plural in Puerto Rico spanish: competing constraints on /s/ deletion. In William Labov (ed.), *Location language in time and space*, 55-67. Filadélfia: University of Pennsylvania.
- 1980b. Sometimes I'll start a sentence in english and y termino en español: towards a typology of code-switching. *Linguistics*, 18, 581-618.
- 1981. Mortal phonemes as plural morphemes. In David Sankoff & Henrietta Cedergren (eds.), *Variation omnibus*, 59-71. Canadá: Linguistic Research Inc.
- 1989. The care and handling of a megacorpus: the Ottawa-Hull french project. In Ralph Fasold & Deborah Schiffrin (eds.), *Language change and variation*, 411-444. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 1992 [1979]. *Function and process in a variable phonology*. Ann Arbor: U.M.I. Dissertation Services. Dissertação de doutoramento.

- Poplack, Shana & Sali A. Tagliamonte. 1998. Nothing in context: variation, grammaticization and past time marking in nigerian pidgin english. In Philip Baker & Anand Suya (eds.), *Changing meanings, changing functions: papers relating to grammaticalization in contact languages*, 71-94. Westminister: University of Westminister Press.
- Potter, Mary C. *et alii*. 1984. Lexical and conceptual representation in beginning and proficient bilinguals. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 23. 23-38.
- Preston, Dennis R. 1996a. Variationist perspectives on second language acquisition. In Robert Bayley & Dennis R. Preston (eds.), *Second language acquisition and linguistic variation*, 1-45. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 1996b. Variationist linguistic and second language acquisition. In Tej Bathia & William Ritchie (eds.), *Handbok of second language acquisition*, 229-265. London: Academic Press.
- Prévost, Philippe & Lydia White. 1999. Accounting for morphological variability in second language acquisition: truncation or missing inflection?. In Marc-Ariel Friedmann & Luigi Rizzi (eds.). *The acquisition of syntax*, 202–235. London: Longman Group.
- Ramos, Jânia. 1999. “Sociolingüística paramétrica” ou “Variação paramétrica”. In Dermeval da Hora & Elizabeth Christiano (orgs.), *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*, 83-93. João Pessoa: Idéia.
- Raposo, Eduardo Paiva. 1992. *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Coleção Universitária, Série Linguística. Lisboa: Ed. Caminho.
- Révah, Israel Salvator. 1959. Comment et jusqu’à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVIème – XVIIème siècles? In *Actas do III Colóquio Internacionais de Estudos Brasileiros* (1957), vol. 1, 273-291. Lisboa: [s.n.].
- Ribeiro, Gregório José. 1875. *Ilmo e exmo. Senr. Marquez de Sá da Bandeira, 26 Nov. 1875*. Caixa n°. 1, São Tomé e Príncipe, doc. s.n. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- Ribeiro, João. 1897. *Diccionario grammatical*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Clássica/Francisco Alves.
- Ribeiro, Sílvia Isabel do Rosário. 2009. *Compostos nominais em português: as estruturas VN, NN, NprepN e NA*. LINCOS Studies in Romance Linguistics, 64. München: Lincom GmbH.
- Rice, Mabel L. & Kenneth N Wexler. 1996. Towards tense as a clinical marker of specific language impairment in english-speaking children. *Journal of Speech and Hearing Research*, 39. 1239-1257.
- Richards, Jack C. 1971. A non-contrastive approach to error analysis. *English Language Teaching*, 25. 204-219.
- Ritter, Elizabeth. 1991. Two functional categories in noun phrases: evidence from modern hebrew. In Susan Rothstein (ed.), *Syntax and semantics, 25: perspectives in phrase structure*, 37-62.
- Rizzi, Luigi. 1982. *Issues in italian syntax*. Dordrecht: Foris.
- 1999. Broadening the empirical basis of universal grammar models: a commentary. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 453-472. Cambridge, MA: The MIT Press.

- Roberts, Ian. 1993. *Verb and diachronic syntax: a comparative history of english and french*. Dordrecht: Floris.
- 1997. Creoles, markedness and the language bioprogram hypothesis. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19. 11-24.
- 1999. Verb movement and markedness. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 287-327. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 2007. *Diacronic syntax*. Oxford: Oxford University Press.
- Rodrigues, Ada Natal. 1974. *O dialecto caipira na região da Piracicaba*. São Paulo: Ática.
- Rodrigues, José Honório. 1985. A vitória da língua portuguesa no Brasil colonial. In José Honório Rodrigues Humanidades (ed.), *História viva*, 11-48. São Paulo: Global.
- Romaine, Suzanne. 1989. *Bilingualism*. Oxford: Basil Blackwell Publishers.
- 2003. Variation. In Catherine J. Doughty & Michael H. Long (eds.), *The handbook of second language acquisition*, 409-434. Oxford: Blackwell.
- Rossi, Maria Aparecida Garcia Lopes. 1993. Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, 263-306. Campinas: Editora da Unicamp.
- Rougé, Jean-Louis. 1992. Les langues des tongas. In Ernesto d'Andrade & Alain Kihm (eds.), *Actas do Colóquio Internacional sobre Línguas Crioulas de Base Bortuguesa*, 171-175. Universidade de Lisboa: Ed. Colibiri.
- Rousseau, Pascale & David Sankoff. 1978. Advances in variable rule methodology. In David Sankoff (ed.), *Linguistic variation: models and methods*, 57-69. New York, NY: Academic Press.
- Rumelhardt, David E. & James L. McClelland. 1982. An interactive-activation model of context effects in letter perception, Part 2: the contextual enhancement effect and some tests and extensions of the model. *Psychological Review*, 89. 60-94.
- 1986. On learning the past tenses of english verbs. In *MIT Press Computational Models of Cognition and Perception Series: parallel distributed processing: explorations in the microstructure of cognition, vol. 2: psychological and biological models*, 216-271. Cambridge, MA: MIT Press.
- Sabino, Robin. 1983. Plural marking in the Virgin Islands english creole in the St. Thomas-St. John Community. *Penn Review of Linguistics*, 7. 3-11.
- Salles, Heloisa Maria Moreira Lima & Maria Aparecida Curupaná da R. de Mello. s.d. *Adjetivos em -vel: formação e produtividade* [em linha]. [Consult. 20 Mar. 2010]. Disponível em:  
[http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.18.N.2\\_2005\\_ARTIGOSWEB/HeloisaSalles-MariaAparecidaMello\\_ADJETIVOS-EM-VEL\\_Vol18-N2\\_Art11.pdf](http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOSWEB/HeloisaSalles-MariaAparecidaMello_ADJETIVOS-EM-VEL_Vol18-N2_Art11.pdf).
- Sankoff, David & Gillian Sankoff. 1973. Sample survey methods and computer assisted analysis in the study of grammatical variation. In Regna Darnell (ed.), *Canadian languages in their social context*, 7-64. Edmonton, Alberta: Linguistic Research.
- Sankoff, David & Shana Poplack. 1980. A formal grammar for code-switching. *Working in Papers*, 8. 1-55.

- Sankoff, David, Sali A. Tagliamonte & Eric Smith. 2005. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows* [em linha]. Toronto: Dept. of Linguistics, University of Toronto. [Consult. 12 Fev. 2007]. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm).
- Sankoff, Gillian, William Kemp & Henrietta J. Cedergren. 1978. The syntax of ce que, qu'est-ce que variation and its social correlates. In Roger W. Shuy & J. Fishing (eds.), *Dimension of variability and competence*. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- 2002 (ed.). *História geral de Cabo Verde*, vol. III. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical; Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga/Praia: Instituto Nacional de Investigação, Promoção e Património de Cabo Verde.
- Sapir, Edward. 1971 [1921]. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- Schachter, Jacqueline. 1974. An error in error analysis. *Language Learning*, 24. 205-214.
- 1989. Testing a proposed universal. In Susan Gass & Jacqueline Schachter (Eds.), *Linguistic perspectives on second language acquisition*, 73-88. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Schang, Emmanuelle. 2000. *L'émergence des créoles portugais du Golfe de Guinée*. Nancy: Université Nancy 2, Presses Universitaires du Septentrion. Dissertação de doutoramento.
- Scherre, Maria Marta Pereira. 1978. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação de mestrado.
- 1988. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. Dissertação de doutoramento.
- 1994. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *RILP – Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12. 37-49.
- 1998a [1996]. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In Giselle Machline de Oliveira e Silva & Maria Marta Pereira Scherre (orgs.), *Padrões sociolinguísticos*. 2ª. ed., 85-117. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.
- 2001. Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*, 13. 91-107.
- Scherre, Maria Marta Pereira & Anthony Julius Naro. 2003. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In Maria C. Mollica & Maria Luíza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 147-177. São Paulo: Contexto.
- Schiffirin, Deborah. 1981. Tense variation in narrative. *Language*. 57 (1). 5-62.
- Schiffirin, Richard. M. & Walter Schneider. 1977. Controlled and automatic human information processing: II. Perceptual learning, automatic attending and a general theory. *Psychological Review*, 84. 127-190.
- Schneider, Walter & Richard. M. Schiffirin. 1977. Controlled and automatic human information processing: 1. Detection, search, and attention. *Psychological Review*, 84. 1-66.

- Schuchardt, Hugo Ernst Mario. 1888. Beiträge zur Kenntnis des kriolischen romanischen I. allgemeineres über das negerportugiesische. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 12. 242-254.
- 1980 [1909]. Die lingua franca. In *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 33. Traduzido in Glenn G. Gilbert (ed.), *Pidgin and creole languages: selected essays by Hugo Schuchardt*, 65-88. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Schumann, John H. 1978. *The pidginization process. A model for second language acquisition*. Rowley, MA: Newbury House.
- Schwartz, Bonnie D. & Rex A. Sprouse. 1996. L2 cognitive states and the full transfer/full access hypothesis. *Second Language Research*, 12. 40-72.
- Schwegler, Armin. 1991. Negation in palenquero: synchrony. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 6(2). 165-214.
- Scovel, Tom. 1969. Foreign accents, language acquisition, and cerebral dominance. *Language Learning*, 19(3 & 4). 245-253.
- Seabra, José Augusto. 2000. A descoberta do *outro* na carta de Pêro Vaz de Caminha [em linha]. *Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, 8. [Consult. 11 Jun. 2009]. Disponível em:  
<http://www.instituto-camoes.pt/revista/descbroutro.htm>.
- Seliger, Herbert. 1988. Psycholinguistic issues in second language acquisition. In Leslie M. Beebe (ed.), *Issues in second language acquisition: multiple perspectives*, 17-40. New York, NY: Newbury House.
- Selinker, Larry. 1972. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, 10. 209-231.
- 1992. *Rediscovering interlanguage*. London: Longman Group.
- 1996. *Fossilization: what we think we know*. London: Longman Group.
- Selinker, Larry & Usha Lakshmanan. 1993. Language transfer and fossilization: the multiple effects principle. In Susan M. Gass & Larry Selinker (eds.), *Language transfer in language learning*, 195-216. Amsterdam: John Benjamins.
- Selinker, Larry & ZhaoHong Han. 2001. Fossilization: moving the concept into empirical longitudinal study. In C. Elder *et alii* (eds.), *Experimenting with uncertainty: studies in language testing*, 276-291. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Siegel, Jeff. 2004a. Morphological simplicity in pidgins and creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*. 19(1). 139-162.
- 2004b. Morphological elaboration. *Journal of Pidgin and Creole Languages*. 19(2). 333-362.
- 2006. Links between SLA and creole studies: past and present. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 15-46. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2008. *The emergence of pidgin and creole languages*. Oxford/New York, NY: Oxford University Press.
- Sigurðsson, Halldór Ármann. 2004. Agree and agreement: evidence from Germanic. In Werner Abraham (ed.), *Focus on Germanic Typology – Studia Typologica*, 6. 101-156. Berlin: Akademie Verlag GmbH.
- Silva, Giselle Machline de Oliveira e. 1982. *Estudo da regularidade na variável do possessivo no português do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. Dissertação de doutoramento.

- Silva, Giselle Machline de Oliveira e & Maria Marta Pereira Scherre (orgs.). 1998 [1996]. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.
- Silva, Jorge Augusto Alves da. 2005. *A Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. UFBA. Dissertação de doutoramento.
- Silva, Tomé Varela da. 1998. Kiriolu: spedju di nos alma. *Kultura*, 2. 109-121.
- Silva, Vera Lúcia Paredes da. 1988. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de doutoramento.
- 2003. Relevâncias das variáveis lingüísticas. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 67-71. São Paulo: Contexto.
- Silva, Vítor Miguel Duarte. 2010. *A aquisição da flexão de género e número no Predicativo: um estudo com aprendentes chineses de português língua não materna*. Universidade de Macau – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Português. Dissertação de mestrado.
- Silva Neto, Serafim da. 1986 [1957]. *História da língua portuguesa*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Presença/INL.
- Simões, Luciene Juliano. 2004. Concordância nominal de número: questões de variação e aprendizagem. *ANPOLL- Boletim Informativo*, vol. 32(1).
- Sims, William R. 1989. Fossilization and learning strategies in second language acquisition. *Minne TESOL Journal*, 7. 61-72.
- Slobin, Dan I. 1973. Cognitive prerequisites for the development of grammar. In Charles A. Ferguson & Dan I. Slobin, (eds.), *Studies of child language development*, 175-208. New York, NY: Holt, Rinehart & Winston.
- 1985. Crosslinguistic evidence for the language-making capacity. In Dan I. Slobin (ed.), *The crosslinguistic study of language acquisition*, vol. 2. *Theoretical issues*, 1157-1256. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Smith, Norval S. H. 2006. Very rapid creolization in the frame of restricted motivation hypothesis. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 49-65. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Snyder, William, Ann Senghas & Kelly Inman. 2001. Agreement morphology and the acquisition of N-drop in spanish. *Language Acquisition*, 9. 157-173.
- Soares, Carla. 1998. *As categorias funcionais no processo de aquisição do português europeu: estudo longitudinal da produção espontânea de uma criança de 1;2.0 aos 2;2.17 anos*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- Soares, Carlos & François Grosjean. 1984. Bilinguals in a monolingual and a bilingual speech mode: the effect on lexical access. *Memory and Cognition*, 12. 380-386.
- Sokolik, Margaret E. & Michael E. Smith. 1992. Assignment of gender to french nouns in primary and secondary language: a connectionist model. *Second Language Research*, 8(1). 39-58.
- Spencer, Andrew. 1991. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Blackwell Textbooks in Linguistics. Oxford: Basil Blackwell.

- Sprouse, Rex A. 2006. Full transfer and relexification? Second language acquisition and creole genesis. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 169-181. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Sprouse, Rex A. & Barbara S. Vance. 1999. An explanation for the decline of null pronouns in certain Germanic and Romance languages. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 257-284. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Sridhar, S. N. & Kamal K. Sridhar. 1980. The syntax of psycholinguistics of bilingual code mixing. *Canadian Journal of Psychology*, 34. 407-416.
- Stenson, Nancy. 1974. Induced errors. In John Schumann & Nancy Stenson (eds.), *New frontiers of second language learning*, 179-191. Rowley, MA: Newbury House.
- Stenzel, Achim. 1994. Case assignment and functional categories in bilingual children: routes of development and implications for linguistic theory. In Jürgen M. Meisel (ed.), *Bilingual first language acquisition: French and German grammatical development*, 160-208. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Sterlin, Marie-Denise. 1998. Les différentes caractéristiques de *pou* en créole haïtien. *Travaux de Recherche sur le Créole Haïtien*, 3. 1-34. Université du Québec à Montréal.
- Stolz, Thomas. 1989. Kreolische morphologie. *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 42. 56-70.
- Stump, Gregory T. 2001. *Inflectional morphology*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Suárez Fernández, Mercedes. 2008. Sobre el orden de constituyentes en la lengua medieval: la posición del sujeto y el orden básico en castellano alfonsí [em linha]. *Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*, 31. 263-310. [Consult. 01 Abr. 2010]. Disponível em:  
[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/cehm\\_0396-045\\_2008\\_num\\_31\\_1\\_1874](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/cehm_0396-045_2008_num_31_1_1874).
- Tagliamonte, Sali. A. 2006. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Tarallo, Fernando. 1986. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática.
- 1987. Por uma sociolingüística românica paramétrica: fonologia e sintaxe. *Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*, 7(13). 51-83.
- 1991. Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. *Organon*, 1(1). 11-22.
- 1996. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In Ian Roberts & Mary Kato, *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, 69-106. Campinas, Ed. da Unicamp.
- Tarallo, Fernando & Tânia Alkmin. 1987. *Falares crioulos – línguas em contacto*. São Paulo: Ed. Ática.
- Tarone, Elaine. 1978. The phonology of interlanguage. In Jack C. Richards (ed.), *Understanding second and foreign language learning*, 15-33. Rowley, MA: Newbury House.
- 1982. Sitemacity and attention in interlanguage. *Language Learning*, 32. 69-82.
- 1983. On the variability of interlanguage systems. *Applied Linguistics*, 4. 143-163.

- 1995. Some influences on the syllable structure of interlanguage phonology. In Fred R. Eckman *et alii* (eds.), *Second language acquisition theory and pedagogy*, 232-247. New Jersey, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tarone, Elaine, Uli Frauenfelder & Larry Selinker. 1976. Systematicity variability and stability/instability in interlanguage systems. In H. Douglas Brown (ed.), *Papers in second language acquisition*, [Language Learning Special Issue (4)], 93-134. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Terrell, Tracy D. 1979. Final /s/ in Cuban Spanish. *Hispania*, 62. 599-612.
- Tenreiro, Francisco. 1961. *A ilha de São Tomé*. Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, 24. 2ª. ser. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Thomason, Sarah Grey & Terrence Kaufman. 1988. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press.
- Tieppo, Daniela Ávila. 2003. *A variação na concordância de número numa comunidade rural afro-brasileira: uma abordagem sintagmática* [em linha]. [Consult. 12 Fev. 2009]. Disponível em:  
<http://www.vertentes.ufba.br/tieppo.doc>.
- Tomás, Gil *et alii*. 2002. The peopling of São Tomé (Gulf of Guinea): origins of slave settlers and admixture with the Portuguese. *Human Biology*, 74. 397-411.
- Tovar, Antonio. 1977. *Einführung in the sprachgeschichte der iberischen halbinsel*. Tübingen: Verlag Gunter Narr.
- Unidade da Companhia de Artilharia 3376. 1973a. *História da Unidade da Companhia de Artilharia 3376. Relatório da 2ª. Repartição (Quartel General), estudo da situação n.º. 1/73*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/12/08/01/21, doc. 1, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- 1973b. *História da Unidade da Companhia de Artilharia 3376. Relatório da 2ª. Repartição (Quartel General), estudo da situação n.º. 1/73*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/12/08/01/21, doc. 10, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- Vänänen, Veikko. 1981 [1957]. *Introduction au latin vulgaire*. Paris: Ed. Klincksieck.
- Vainikka, Anne. 1993/1994. Case in the development of English syntax. *Language Acquisition*, 3. 257–325.
- Valente, Padre José Francisco (C. S. Sp.). 1964. *Gramática umbundu – a língua do centro de Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Valette, Rebecca M. 1991. Proficiency and the prevention of fossilization – An editorial. *The Modern Language Journal*, 75(3). 325-336.
- Valois, Daniel. 1991. *The internal syntax of DP*. Los Angeles, CA: University of California. Dissertação de doutoramento.
- Vance, Barbara S. 1989. *Null subjects and syntactic change in medieval French*. Ithaca, NY: Cornell University Microfilms. Dissertação de doutoramento.
- Veado, Rosa Maria Assis. 1982. *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/PROED.
- Veiga, Margareth. 2002a. *Interferências do kimbundu no português de Luanda*. Trabalho de licenciatura apresentado no âmbito da disciplina de Sintaxe e Semântica do Português. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras – Departamento de Língua e Cultura Portuguesa.

- Veenstra, Tonjes. 1994. The acquisition of functional categories: the creole way. In Dany Adone & Ingo Plag (eds.) *Creolization and language change*, 99-115. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- 1996. *Serial verbs in saramaccan*. The Hague: Holland Academic Graphics.
- 2003. What verbal morphology can tell us about creole genesis: the case of french-related creoles. In Ingo Plag (ed.), *Phonology and morphology of creole languages*, 293-314. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Venâncio, José Carlos. 1996. *A economia de Luanda e Hinterland no século XVIII: um estudo de sociologia histórica*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Vicente, Elena da Silva Guerra. 2006. *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. Brasília: Universidade de Brasília. Dissertação de doutoramento.
- Vigil, Neddy A. & John W. Oller. 1976. Rule fossilization: a tentative model. *Language Learning*, 26(2). 281-295.
- Vihman, Marilyn May. 1985. Language differentiation by the bilingual infant. *Journal of Child Language*, 12(2). 297-324.
- Vilela, Mário. 1999. A língua portuguesa em África: tendências e factos. *Africana Studia*, 1. 175-195.
- Wagner, Nalgis de Fátima. 2001. Concordância nominal: uma análise de textos orais em situações formais e informais com dados caboclos [em linha]. *Revista Virtual*, 8 – Contestado e Educação – Universidade do Contestado. [Consult. 13 Mar. 2007]. Disponível em:  
[www.cdr.unc.br/PG/.../RevistaVirtual.htm](http://www.cdr.unc.br/PG/.../RevistaVirtual.htm).
- Wei, Li. 1996. *Variation in the acquisition of morpheme types in the interlanguages of chinese and japanese learners of english as second language*. Colombia, SC: University of South Carolina. Dissertação de doutoramento.
- Weiner, Judith & William Labov, 1983. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, 19. 29-58.
- Weinreich, Uriel, William Labov & Marvin I. Herzog. 2006 [1968]. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. [Trad. de Marcos Bagno], 2ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial.
- Welmers, William. 1973. *African languages structures*. Berkeley: University of California Press.
- White, Lydia. 1989. *Universal grammar and second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- 1990. Second language acquisition and universal grammar. *Studies in Second Language Acquisition*, 12. 121-133.
- 1993. Universal grammar: is it a new name for old problems? In Susan M. Gass & Larry Selinker (eds.), *Language transfer in language learning*, 217-232. Amsterdam: John Benjamins.
- 2000. Second language acquisition: from initial to final state. In John Archibald (ed.), *Second language acquisition and linguistic theory*, 130-155. Oxford: Blackwell Publishers.
- 2003. *Second language acquisition and universal grammar*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- White, Lydia et alii. 2004. Gender and number agreement in nonnative spanish. *Applied Psycholinguistics*, 25. 105-133.

- Williams, Edwin B. 1986 [1938]. *Do latim ao português*, 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.
- Winford, Donald. 2003a. *An introduction to contact languages*. Blackwell Publishers.
- Wolfram, Walt. 1985. Variability in tense marking: a case for the obvious. *Language Learning*, 35. 229-253.
- 1989. Systematic variability in second-language tense marking. In Miriam R. Eisenstein (ed.), *The dynamic interlanguage: empirical studies in second language variation*, 187-197. New York, NY: Plenum Press.
- Wolfson, Nessa. 1976. Speech events and natural speech: some implications for sociolinguistic methodology. *Language in Society*, 5. 189-209.
- Wood, Johanna. 2003. *Definiteness and number: determiner phrase and number phrase in the history of english*. Arizona State University. Dissertação de doutoramento.
- Wunderlich, Dieter. 1996. Minimalist morphology: the role of paradigms. In: Geert Booij & Jaap. van Marle (eds.), *Yearbook of morphology 1995*, 93-114. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Xueping Wei. 2008. Implication of IL fossilization in second language acquisition [em linha]. *English Language Teaching*, 1(1). 127-131. [Consult. 26 Nov. 2009]. Disponível em:  
[http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:N8YbDix86X0J:www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/article/view/523/504+selinker+fossilization:+what+we+think+we+know&hl=pt-PT&gl=pt&pid=bl&srcid=ADGEESgC2Rr9zjciPKmDNYqRrW2Q9bkI3Scw9PmiIjuYNVKgByBZkI2AEwoMUhPaLh-MfA85iJ80ZUsBvMbjOWTYBbQOeCexbBKUeodNsLRMe\\_gWybhDnQYLTm\\_OUgwExjLYzEwhaQ9n&sig=AHIEtBR-VpSkCOB4VioqMopusbP583mH2Q](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:N8YbDix86X0J:www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/article/view/523/504+selinker+fossilization:+what+we+think+we+know&hl=pt-PT&gl=pt&pid=bl&srcid=ADGEESgC2Rr9zjciPKmDNYqRrW2Q9bkI3Scw9PmiIjuYNVKgByBZkI2AEwoMUhPaLh-MfA85iJ80ZUsBvMbjOWTYBbQOeCexbBKUeodNsLRMe_gWybhDnQYLTm_OUgwExjLYzEwhaQ9n&sig=AHIEtBR-VpSkCOB4VioqMopusbP583mH2Q).
- Young, Richard. 1991. *Variation in interlanguage morphology*. New York, NY: Peter Lang Publishing, Inc.
- 1993. Functional constraints on variation in interlanguage morphology. *Applied Linguistics*, 14(1). 76-97.
- Young, Richard & Robert Bayley. 1996. VARBRUL analysis for second language acquisition Research. In Robert Bayley & Dennis R. Preston (eds.), *Second language acquisition and linguistic variation*, 253-306. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Yip, Virginia, William Rutherford & Harald Clahsen (eds.). 1995. Interlanguage and learnability: from chinese to english. *Language acquisition & language disorders*, vol. 11. Amsterdam: John Benjamins.
- Zau, Domingos Gabriel Ndele. 2001. *Desvios sintáticos no português falado em Luanda*. Trabalho de licenciatura apresentado no âmbito da disciplina de Sintaxe e Semântica do Português. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras – Departamento de Língua e Cultura Portuguesa.
- Zhang, Yanyin. 2005. Processing and formal instruction in the L2 acquisition of five chinese grammatical morphemes. In Manfred Pienemann (ed.), *Cross-linguistic aspects of processability theory*, 155-177. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Zuengler, Jane. 1989. Assessing an interaction-based paradigm: how accommodative should we be? In Miriam R. Eisenstein (ed.), *The dynamic interlanguage: empirical studies in second language variation*, 49-67. New York, NY: Plenum Press.

## II. Bibliografia pertinente consultada:

- Abaurre, Maria Bernardete M. & Ângela C. S. Rodrigues (orgs.). 2002. *Gramática do português falado: novos estudos descritivos*, vol. VIII. Campinas: Unicamp/São Paulo.
- Aboh, Enoch Oladé. 2006. The role of the syntax-semantics interference in language transfer. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 221-252. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Afonso, A. Martins. s.d. *Curso de história da civilização portuguesa*, 7ª. ed. Porto: Porto Ed.
- Agheyisi, Rebecca Nogieru. 1990. *A grammar of edo*. Unesco.  
—1991. The tense systems of nigerian languages and english. In Okon E. Essien (ed.), *Afrikanistische arbeitspapiere*, 27. 11-42.
- Albert, Martin L. & Loraine K. Obler. 1978. *The bilingual brain*. New York, NY: Academic Press.
- Albuquerque, Luís de. 1989a. Os primeiros contactos com os povos da Guiné. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – as zonas de influência do Ocidente; origem e desenvolvimento da Colonização*, vol. 2, 82-98. Lisboa: Publ. Alfa.  
—1989b. A colonização de São Tomé e Príncipe: os capitães do século XV. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – as zonas de influência do ocidente; origem e desenvolvimento da colonização*, vol. 2, 171-197. Lisboa: Publ. Alfa.  
—1989c. Balanço da expansão e da colonização portuguesas. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – as zonas de influência do ocidente; origem e desenvolvimento da colonização*, vol. 2, 277-316. Lisboa: Publ. Alfa.
- Alexiadou, Artemis & Elena Agnostopoulou. 1996. Symmetries, asymmetries and the role of agreement. 19<sup>th</sup> GLOW Colloquium. Athens, Greece, 17.4.1996. [*GLOW Newsletter*, 36. 12-13].  
—1998. Parametrizing agr: word order, verb movement and EPP checking. *Natural Language and Linguistic Theory*, 16(3). 491-539.
- Ali, M. Said. 1971 [1921-1923]. *Gramática histórica da língua portuguesa*, 7ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos.
- Almeida, Eugénio Luís da Costa. 1991. *São Tomé e Príncipe – notas para um estudo sócio-político* [em linha]. [Consult. 14 Jun. 2006]. Disponível em: <http://elcalmeida.home.sapo.pt/Naopublicados/STPrincipe.htm>.
- Almendra, Maria Ana & José Nunes de Figueiredo. 1997. *Compêndio de gramática latina*. Porto: Porto Ed.
- Amaral, Ilídio do. 1964. *Santiago de Cabo Verde. A terra e os homens*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Andersen, Roger W. 1983b. Introduction: A language acquisition interpretation of pidginization and creolization. In Roger W. Andersen (ed.), *Pidginization and creolization as language acquisition*, 1-56. Rowley, MA: Newbury House.
- Andrade, Ernesto d'. 1977. *Aspects de la phonologie (générative) du portugais*. Lisboa: INIC.  
—1994. *Temas de fonologia*. Lisboa: Ed. Colibri.
- Andrade, Ernesto d' & Alain Kihm (orgs.). 1992. *Actas do Colóquio Internacional sobre Línguas Crioulas de Base Bortuguesa*. Lisboa: Ed. Colibri.

- Andrade, Ernesto d', Maria Antónia Coelho da Mota & Dulce Pereira (orgs.). 2000. *Crioulos de base portuguesa (Actas do workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa. FLUL, 29 e 30 de Abril de 1999)*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística.
- Andrade, Maria José de Souza. 1988. *A mão de obra escrava em Salvador 1811-1860*. São Paulo: Ed. Corrupio.
- Areas, Eduardo Kenedy. s.d. Fronteiras nebulosas: sintaxe e discurso [em linha]. [Consult. 09 Mar. 2010]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/iii/completos%5Cmesas%5CM%2014%5Ceduardo%20Kenedy%20Areas.pdf>.
- Arends, Jacques. 2001. Simple grammars, complex languages. *Linguistic Typology*, 5(2/3). 180-182.
- Arranja, Álvaro. 1993. A escravatura na crónica da Guiné. *Histórias*, Ano XV, 168. 62-71.
- Atkinson, David, Mercedes Bengochea & Sandi Michele de Oliveira. 2010. Sociolinguistics in Spain and Portugal. In Martin J. Ball (ed.), *The Routledge handbook of sociolinguistics around the world*, 341-358. London/New York, NY: Routledge.
- Atkinson, Martin. 1992. *Children's syntax: an introduction to principles and parameters theory*. Oxford/Cambridge, MA: Blackwell Publishing.
- Baker, Carl Lee. 1979. Syntactic theory and the projection problem. *Linguistic Inquiry*, 10(4). 533-581.
- Baker, Mark C. 2003. *Lexical categories: verbs, nouns and adjectives*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Baker, Philip. 1991. Causes and effects. *Journal of Pidgins and Creole Languages*, 6(2). 267-278.
- 1997. Directionality in pidginization and creolization. In Arthur K. Spears & Donald Winford (eds.), *The structure and status of pidgins and creoles*, 91-109. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2000. Theories of creolization and the degree and nature of restructuring. In Ingrid Neumann-Holzschuh & Edgar W. Schneider. (eds.), *Degrees of restructuring in creole languages*. Creole Languages Library (CLL), vol. 22, 41-63. University of Regensburg. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Bakker, Peter. 1995. Pidgins. In Jacques Arends, Pieter Muysken & Norval Smith (eds.), *Pidgins and creoles: an introduction*, 25-39. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Ballog-Wen-Mewuda, Joseph Bato'ora. 1989a. Os entrepostos móveis e as relações com os povos circunvizinhos. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – as zonas de influência do ocidente; origem e desenvolvimento da colonização*, vol. 2, 99-111. Lisboa: Publ. Alfa.
- 1989b. A instalação de fortalezas na costa africana. Os casos de Arguim e da Mina. Comércio e contactos culturais In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – as zonas de influência do ocidente; origem e desenvolvimento da colonização*, vol. 2, 137-149. Lisboa: Publ. Alfa.
- Baltin, Mark & Chris Collins (eds.). 2000. *The handbook of contemporary syntactic theory*. Oxford/Malden, MA: Blackwell Publishers, Ltd (edition for sale in the mainland territory of the People's Republic of China only).

- Baptista, Marlyse. 2005. New directions in pidgin and creole studies. *Annual Review of Anthropology*, 34. 33-42.
- Barbeiro, Luís Filipe. 1986. *Estrutura silábica do português. O papel da sílaba na análise dos processos fonológicos e fonéticos*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- Barbosa, Pilar. 1995. *Null subjects*. Cambridge, MA: The MIT Press. Dissertação de doutoramento.
- 2002. *A propriedade do sujeito nulo e o princípio da projecção alargado* Lisboa: Ed. Colibri.
- Barlow, Michael. 2000. *Monoconpro 2.0*. Houston: Athelstan.
- Barras, Claude. 2002. *Transcriber* [online]. [Consult. 23 Fev. 2008]. Disponível em: <http://www.etca.fr/CTA/gip/Projets/Transcriber/>.
- Barros, João de. 1971 [1540]. *Gramática da língua portuguesa; cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Reprod. facsim., leit., introd. e anot. por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras.
- Bastide, Roger. 1980 [1959]. *Brasil, terra de contrastes*, 10<sup>a</sup>. ed. Prefácio de Paulo Duarte. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Baxter, Alan Norman. 1995. Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro – divergências nas vertentes afro-brasileiras. *RILP – Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 14. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 72-90.
- 1996. Línguas pidgin e crioulas. In Isabel Hub Faria *et alii* (coords), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, 535-549. Lisboa: Ed. Caminho.
- Baxter, Alan Norman & Norma da Silva Lopes. 2004a. A concordância do SN plural no português afrobrasileiro do século XIX. III Encuentro de la Asociación de Criollos de Base Léxica Portuguesa y Española, Universidade da Coruña, Galícia, Espanha, 26-27 de Junho de 2003.
- 2005. *O artigo definido em variação com zero no SN de referência específica: reestruturação em três variedades de português*. XIV Congresso da ALFAL – Asociación de Linguística e Filología de América Latina. Monterrey, 17-21 de Outubro.
- 2006. Bare definite reference NPs in an afro-brazilian portuguese dialect. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, 4(1). 55-69.
- Belleti, Adriana. 2000. Agreement projections. In Mark Baltin & Chris Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*, 484-510. Oxford/Malden, MA: Blackwell (edition for sale in the mainland territory of the People's Republic of China only).
- Bentley, William Holman. 1895. *Appendix to the dictionary and grammar of the kongo language*. London: Baptist Missionary Society and Kegan Paul, Trench Trübner.
- Bentzen, Kristine. 2003. V-to-I movement in the absence of morphological cues: evidence from adult and child northern norwegian. In Anne Dahl, Peter Svenonius & Marit R. Westgaard (eds.), *Proceedings of the 19<sup>th</sup> scandinavian conference of linguistics – Acquisition*, vol. 31(3), 573-588.

- Bernstein, Judy B. 2000. The DP hypothesis: identifying clausal properties in the nominal domination. In Mark Baltin & Chris Collins (eds.), *The handbook of contemporary syntactic theory*, 536-561. Oxford/Malden, MA: Blackwell Publishers, Ltd (edition for sale in the mainland territory of the People's Republic of China only).
- Berwick, Robert. C. 1982. *Locality principles and the acquisition of syntactic knowledge*. Cambridge, MA: The MIT Press. Dissertação de doutoramento.
- Berwick, Robert. C. & Amy S. Weinberg. 1984. *The grammatical basis of linguistic performance: language use and acquisition*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Bhatt, Parth & Ingo Plag (eds.). 2006. *The structure of creole words: segmental, syllabic and morphological aspects*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Biber, Douglas. 1988. *Variation across speech and writing*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Bickerton, Derek. 1977. Pidginization and creolization: language acquisition and language universal. In Albert Valdman. (ed.), *Pidgin and creole linguistics*, 49-69. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- 1984b. Creole still is king: response to commentary. *Behavioral and Brain Sciences*, 7. 212-218.
- 1986a. Beyond roots: progress or regress? *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 1. 135-140.
- 1986b. Beyond roots: the five-year test. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 1. 225-232.
- 1989. The lexical learning hypothesis and the pidgin-creole cycle. In Martin Pütz & René Dirven (eds.), *Wheels within wheels: papers of the Duisburg symposium on pidgin and creole languages*, 11-31. Frankfurt: Verlag Peter Lang.
- 1991. On the supposed 'gradualness' of creole development, *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 6. 25-58.
- 1992. The sociohistorical matrix of creolization. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 7. 307-318.
- 2003. *Refuting the bioprogram is easy...* Society for pidgin and creole linguistics meeting. University of Hawai'i, Honolulu, 14-17 de Agosto.
- Biderman, Maria Tereza Camargo. 2001. *Teoria linguística – linguística quantitativa e computacional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bloomfield, Leonard. 1933. *Language*. New York, NY: Holt.
- Boléo, Manuel de Paiva. 1943. *Brasileirismos (problemas de método)*. Coimbra: Coimbra Ed.
- 1955. *Unidade e variedade da língua portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- 1974. *Estudos de linguística portuguesa e românica*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Bona, Alessandra Herlin de. 2007. *O papel do feedback corretivo na reversão da fossilização em aprendizes adultos*. Pelotas, RS: Faculdade de Letras da Universidade Católica de Pelotas – Dissertação de mestrado.
- Bonvini, Emílio. 1994. Angola: language situation. In R. E. Asher (ed.), *The encyclopedia of language and linguistics*, 127-128. New York/Oxford-Seoul/Tokyo: Pergamon Press.

- 2000. La langue des “pretos velhos” au Brésil: un créole à base portugaise d’origine africaine? *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, t. XCV, fasc. 1, 389-416.
- Boretzky, Norbert. 1993. The concept of rule, rule borrowing and substrate influence in creole languages. In Salikoko S. Mufwene (ed.), *Africanisms in afro-american language varieties*, 74-92. Atenas: University of Georgia Press.
- Bourdier, Pierre. 1977. L’économie des échanges linguistiques. *Langue Française*, 34, 17-34.
- Braun, Maria. 2007. *Word-formation and creolization: the case of early sranan*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Bresnan, Joan. 1972. *The theory of complementation in english syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press. Dissertação de doutoramento.
- 2001. *Lexical-functional syntax*. Malden, MA: Blackwell.
- Brito, Ana Maria Barros. 1991 [1988]. *A sintaxe das orações relativas em português*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Lisboa: INIC. Dissertação de doutoramento.
- Brito, António de Paula. 1887. Dialectos crioulos-portuguezes. Apontamentos para a grammatica que se fala na Ilha de S. Thiago de Cabo Verde. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 7, 611-669.
- Bruser, Martina & André dos Reis Santos. 2002. *O dicionário do crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)* [dir. por Jürgen Lang]. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Bruyn, Adrienne. 1996. On identifying instances of grammaticalization in creole languages. In Philip Baker & Anand Suya (eds.), *Changing meanings, changing functions: papers relating to grammaticalization in contact languages*, 29-46. London: University of Westminster Press.
- Bruyn, Adrienne, Pieter Muysken & Maaike Verrips. 1999. Double-object constructions in the creole languages: Development and acquisition. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. creolization, diachrony and development*, 329-373. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão. 1984. *Historiografia da língua portuguesa - século XVI*, 1ª ed.. Coleção «Nova Universidade», Linguística. Lisboa: Livraria Sá da Costa Ed.
- Bull, Benjamim Pinto. 1989. *O crioulo da Guiné-Bissau, filosofia e sabedoria*. Lisboa/Bissau: ICALP/INEP.
- Bybee, Joan L. & Dan I. Slobin. 1982. Why small children cannot change language on their own. In Anders Ahlqvist (ed.), *Papers from the 5<sup>th</sup> International Conference on Historical Linguistics*, 29-37. Amsterdam: John Benjamins.
- Cadbury, William A. 1910. *Os serviços de S. Thomé*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Cafezeiro, Edwaldo Machado. 1981. *A metafonía portuguesa: aspectos sincrónicos e diacrónicos*. Policopiado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de doutoramento.
- Caldeira, Arlindo. 2002. A escravatura africana vista da América: Alonso de Sandoval e o tráfico de escravos em Angola no início do Século XVII. *Africana Studia: Revista Internacional de Estudos Africanos*, 5, 47-74.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 1965. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- 1972. Línguas européias de ultramar: o português do Brasil. In Joaquim Mattoso Câmara Jr., *Dispersos*, 71-87. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

- 1976. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- 1978. *Dicionário de linguística e gramática*, 8ª ed.. Lisboa: Ed. Vozes.
- Cançado, Márcia. 2006. O quantificador TUDO no PB – The quantifier “tudo” in Brazilian Portuguese. *Revista Letras*, 70. 157-182. Curitiba: Ed. UFPR.
- Cardeira, Esperança. 2006. *O essencial sobre língua portuguesa. História do português*. Coleção “O Essencial sobre Língua Portuguesa”. Lisboa: Caminho.
- Carreira, António. 1983. *Cabo Verde. Formação e extinção de uma sociedade escravocrata*. Lisboa: ICL.
- Carroll, F. W. 1980. Neurolinguistic processing of a second language: experimental evidence. In Robin C. Scarcella & Stephen. D. Krashen (eds.), *Research in second language acquisition*, 81-88. Rowley, MA: Newbury House.
- 1997b. A influência da variável classe e posição em relação ao núcleo na concordância nominal de número. In Dermeval da Hora (org.), *Diversidade lingüística no Brasil*, 141-157. João Pessoa: Idéia.
- 1999. Concordância nominal de número: um fenômeno variável. In Maria Denilda Moura (org.), *Os múltiplos usos da língua*, 540-543. Maceió: EDUFAL, 1999.
- 2004. A influência da saliência fônica na concordância nominal falada em João Pessoa. In Dermeval da Hora (org.), *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*, 247-258. João Pessoa: UFPB.
- Carvalho, José G. Herculano de. 1979. *Teoria da linguagem*, vol. I. Coimbra: Ed. Atlântida.
- 1981. Deux langues creoles: le criol du CapVert e le forró de São Tomé. *Biblos*, 57. 1-15.
- Carvalho, Raimunda Coelho de. 1997. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação de mestrado.
- Casteleiro, João Malaca, Américo Meira & José Pascoal. 1988. *Nível limiar – para o ensino/aprendizagem do português como língua segunda/língua estrangeira*. Lisboa: Ministério da Educação; ICALP.
- Castilho, Ataliba Teixeira de. 1993, (org.). *Gramática do português falado: as abordagens*, vol. III. Campinas: Unicamp/São Paulo.
- 1997b [1991, 2ª ed ], (org.). *Gramática do português falado: a ordem*, vol. I. 3ª ed. Campinas: Unicamp/São Paulo.
- Castilho, Ataliba Teixeira de & Margarida Basílio (orgs.). 1996. *Gramática do português falado: estudos descritivos*, vol. IV. Campinas: Unicamp/São Paulo.
- Castro, Ana. 2006. *On possessives in portuguese*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Paris: Université Paris-8. Dissertação de doutoramento.
- Castro, Ivo. 2001 [1991]. *Curso de história da língua portuguesa*, 1ª ed., 2ª impressão. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cenoz, Jasone & Fred Genesee (eds.). 2001. *Trends in bilingual acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- Cerqueira, Vicente Cruz. 1996. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. Campinas: Unicamp/São Paulo. Dissertação de doutoramento.
- Cervelló, Joseph Sánchez. 1999. São Tomé e Príncipe, 1953. A matança de Batepá. *História*. 26-37.
- Chatelain, Heli. 1988/1989. *Gramática elementar de kimbundu ou língua de Angola*. Genève: Typ. de Charles Schuchardt.

- Chaudenson, Robert. 2001. *Creolization of language and culture (revised in collaboration with Salikoko S. Mufwene)*. Londres: Routledge.
- Chevalier, Augusto. 1910. *L'île de San-Thomé*. Lisboa: [s.n.]. Cota: Cxa. 102-4. Sociedade de Geografia de Lisboa.
- Chomsky, Noam. 1959. A review of B. F. Skinner's "Verbal behaviour". *Language*, 35. 26-58.
- 1970. Remarks on nominalization. In Roderick A. Jacobs & Peter S. Rosenbaum (eds.), *Readings in english transformational grammar*, 184-221. Waltham, MA: Ginn and Company.
- 1973. Conditions on transformations. In Stephen R. Andersen & Paul Kiparsky (eds.), *A festschrift for Morris Halle*, 232-286. New York, NY: Academic Press. (232-286).
- 1975. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado.
- 1977a. *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa: Ed. 70.
- 1977b. On wh-movement. In Peter William Culicover, Thomas Wason & Adrian Akmajian (eds.), *Formal syntax*, 71-132. Nova Iorque: Academic Press.
- 1994. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho.
- 1999b. Derivation by phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 18. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 2000. Minimalist inquiries: the framework. In Roger Martin, David Michaels & Juan Uriagereka (eds.), *Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, 89-155. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chomsky, Noam & Howard Lasnik. 1977. Filters and control. In *Linguistic Inquiry*, 8(3). 425-504.
- Cintra, Luís Filipe Lindley. 1970. Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico. *Anais do 1º simpósio de filologia românica (Rio de Janeiro, 1958)*. 115-134.
- Clahsen, Harald. 1984. The acquisition of german word order: a test case for cognitive approaches to L2 development. In Roger W. Andersen (ed.), *Second languages: a cross-linguistic perspective*, 219-242. Rowley, MA: Newbury House.
- Clements, Joseph Clancy. 1996. *Genesis of a language: formation & development of korlay portuguese*. Amsterdam: John Benjamins.
- 2003. The tense-aspect system in pidgins and naturalistically learned L2. *Studies in Second Language Acquisition*, 25(2). 245-281.
- Coelho, Francisco Adolpho. 1868. *A lingua portugueza: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe/por F. Adolpho Coelho*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Comissão Temporária da Escravatura. 1925. A escravatura e a sociedade das nações. *Boletim da Agência Geral das Colónias*, ano I, 4. 24-55.
- Comrie, Bernard. 1981. *Language universals and linguistics typology*. London: Blackwell.
- 1988. Linguistic typology. In Frederick J. Newmeyer (ed.), *Linguistics: the Cambridge survey*, vol. 1, 447-461. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Confortin, Helena. 2001. Atitudes lingüísticas de falantes bilíngües. *Letras – Revista do Instituto de Letras (PUC Campinas)*, vol. 20(1/2). 123-135.
- Connell, Bruce & David Zeitlyn. 2010. Sociolinguistics studies of West and Central Africa. In Martin J. Ball (ed.), *The Routledge handbook of sociolinguistics around the world*, 203-215. London/New York, NY: Routledge.

- Cook, Vivian James. 1988. *Chomsky's universal grammar: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Corder, Stephen Pit. 1978. Error analysis, interlanguage and second language acquisition. In Valerie Kinsella, (ed.), *Language teaching & linguistics: surveys*, 60-78. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 1981a. Formal simplicity and functional simplification in second language acquisition. In Roger W. Andersen (ed.), *New dimensions in second language research*, 146-152. Rowley, MA: Newbury House.
- Corrêa, Letícia Maria Sicuro. 1999. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos [em linha]. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 15. [Consult. 12 Maio 2009]. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-4501999000300014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-4501999000300014&script=sci_arttext).
- 2006. Conciliando processamento lingüístico e teoria de língua no estudo da aquisição da linguagem: habilidades discriminatórias de bebês, categorias funcionais e a disponibilidade de um sistema computacional lingüístico In Letícia Maria Sicuro Corrêa (ed.), *Aquisição da linguagem e problemas do desenvolvimento lingüístico*, 21-78. Rio de Janeiro: Ed. da PUC.
- Coseriu, Eugenio. 1979. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença.
- 1997. Scrambling in european portuguese. In Benjamin Bruening (org.), *Proceedings of SCIL 8, MIT Working Papers in Linguistics*, 95-114. Cambridge, MA: MITWPL.
- 1998. *Word order variation: a constraint-based approach*. Leiden:Universiteit Leiden. Dissertação de doutoramento.
- 2001a. VOS in portuguese: arguments against an analysis in terms of remnant movement. In Artemis Alexiadou et alii (eds.), *The dimensions of movement: from features to remnants*, 69-90. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2001b. Postverbal subjects and agreement in unaccusative contexts in European Portuguese. *The Linguistic Review*, 18. 1-17
- 2002. A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts and problems [em linha]. In *Lingua*, 114(6), *Special Issue on Adverbs*. 711-753. [Consult. 09 Mar. 2010]. Disponível em: [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=GatewayURL&\\_origin=CONTENTS&\\_method=citationSearch&\\_piikey=S0024384103000494&\\_version=1&md5=643e7f67cf30febf794d75ac9f59c940](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=GatewayURL&_origin=CONTENTS&_method=citationSearch&_piikey=S0024384103000494&_version=1&md5=643e7f67cf30febf794d75ac9f59c940).
- 2004. *Subject position and interfaces. The case of european portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Costa, João et alii. 2001. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. [em linha]. [Consult. 25 Mar. 2009]. Disponível em: [http://www.clul.ul.pt/equipa/spereira/Costa\\_et\\_al01.pdf](http://www.clul.ul.pt/equipa/spereira/Costa_et_al01.pdf).
- Costa, João & Maria João Freitas. 2001. Morphological and/or prosodic place holders [em linha]. *Encontro do projecto Statistical Physics, Pattern Identification and Language Change*. Bielefeld: ZIF. [Consult. 17 Mar. 2010]. Disponível em: <http://www.uni-bielefeld.de/ZIF/FG/2000Complexity/costa.pdf>.
- Costa, Joaquim Vieira Botelho da & Custódio José Duarte. 1886. O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das Ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt. *Boletim de Geografia de Lisboa*, 2. 235-328. Lisboa.

- Coulmas, Florian (ed.). 2000 [1997]. *The handbook of sociolinguistics*. Malden, MA: Blackwell.
- Coutinho, Ismael de Lima. 1969. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- Crystal, David. 1987. *The Cambridge encyclopedia of language*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 1991 [1971]. *A linguística*, 2ª ed.. Lisboa: Publ. D. Quixote.
- 1993. *Enciclopedia del lenguaje de la Universidad de Cambridge*. Madrid: Taurus.
- CTI de São Tomé. 1966. *Relatórios periódicos de acção psicossocial. Relatório periódico de acção psicossocial N.º. 1/66, Jan. 1966*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/208/01/07, doc. 2, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- 1972a. *Relatórios periódicos de acção psicossocial. Relatório periódico de acção psicológica N.º. 02/72, 14 Out. 1972*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/208/01/07, doc. 6A, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- 1972b. *Relatórios periódicos de acção psicossocial. Relatório periódico de acção psicológica N.º. 03/72, 03 Jul. 1972*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/208/01/07, doc. 6B, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- 1972c. *Relatórios periódicos de acção psicossocial. Relatório periódico de acção psicológica N.º. 04/72, 31 Dez. 1972*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/208/01/07, doc. 6C, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- Cunha, Celso & Lindley Cintra. 2003 [1984]. *Nova gramática do português contemporâneo*, 3ª ed. revista, nova apresentação, 6ª impressão. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- De Houwer, Annick (ed.). 1998. Bilingual acquisition [special issue]. *International Journal of Bilingualism*, 2(3).
- DeGraff, Michel. 1994. The morphology-syntax interface in creolization (and diachrony). *Studies in the Linguistic Sciences*, 24(2). 115-132.
- Direcção de Estatística de São Tomé e Príncipe. 1987. *1.º recenseamento geral da população e da habitação, 1981*. São Tomé: Direcção de Estatística de São Tomé e Príncipe.
- 1996. *II recenseamento geral da população e da habitação de 1991: seminário de disseminação dos resultados*. São Tomé: Direcção de Estatística de São Tomé e Príncipe.
- Duarte, Inês. 1987. *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Universidade de Lisboa. Dissertação de doutoramento.
- Duarte, Inês & Matilde Miguel (orgs.). *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: gramática e variação*, vol. III. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Dubois, Jean *et alii*. 1973. *Dicionário de linguística*. Paris: Lib. Larousse.
- Dunn, Ernst F. 1968. *An introduction to bini*. East Lansing: African Studies Center, Michigan State University.

- Embick, David & Rolf Noyer. 2007. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. In Gillian Ramchand & Charles Reiss (eds.), *The Oxford handbook of linguistic interfaces*. Oxford/New York, NY: Oxford University Press.
- Emmerich, Charlotte. 1992. O Português de contacto no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil Central. *Estudos Linguísticos e Literários*, 13. 57-90.
- Ernst, Thomas. 2002. *The syntax of adjuncts*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Estado Maior do Exército, 2ª. Repartição, 3ª. Direcção Geral. s.d. *A defesa da colónia de São Tomé e Príncipe, 1939-1941*. Caixa n.º. 1, proc. PT AHM/DIV/2/08/01/10, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- Eubank, Lynn. 1996. Negation in early german-english interlanguage: more valueless features in the L2 initial stage. *Second Language Research*, 12. 73-106.
- Eynde, Frank van. 2006. NP-internal agreement and the structure of the noun phrase. *Journal of Linguistics*, 42. 139-186.
- Færch, Claus & Grabielle Kasper. 1987. Perspectives on language transfer. *Applied Linguistics*, 8(2). 111-136.
- Fall, Yoro K. 1989. Escravatura, servidão e reconquista. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – povoamento e colonização do Reino de Portugal; início dos descobrimentos marítimos portugueses; o avanço no Atlântico*, vol. 1, 301-314. Lisboa: Publ. Alfa.
- Faria, Isabel Hub. 1983. *Para a análise da variação socio-semântica*, 2 vols. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de doutoramento.
- Faria, Isabel Hub et alii (coords.). 1996. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho.
- Farias, Jair Gomes de. 2006. Variação entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro e no português europeu: algumas notas [em linha]. *Letras de Hoje*, 41(1). 213-234. [Consult. 14 Mar. 2008]. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/589/420>.
- Felix, Sascha W. 1977. Interference, interlanguage and related issues. In Carol Molony, Helmut Zobl & Wilfried Stolting (eds.), *German in contact with other languages*, 237-258. Kronberg: Scriptor Verlag.
- Ferguson, Charles A. 1959. Diglossia. *World*, 15. 325-340.  
—1991. Diglossia revisited. *Southwest Journal of Linguistics*, 10(1). 214-234.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1974. A linguistic appraisal of angolar. *Memoriam António Jorge Dias*, vol. 2. 177-186. Lisboa: Instituto de Alta Cultura/Junta de Investigações do Ultramar.  
—1978. The creole of São Tomé. *African Studies*, 37. 3-68 & 234-284.
- Ferraz, Luiz Ivens & Marius F. Valkhoff. 1975. A comparative study of são-tomense and cabo-verdiano creole. In Marius F. Valkhoff (ed.), *Miscelânea luso-africana*. 15-39.
- Ferreira, Fernanda. 2009. Marcadores de plural no português brasileiro e no crioulo cabo-verdiano. In Ana M. Carvalho (org.), *Português em contacto*, 107-130. Frankfurt-am-Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana.
- Fiengo, Robert Wilson. 1974. *Semantic conditions on surface structure*. Cambridge, MA: The MIT Press. Dissertação de doutoramento.

- Filho, Jomson Teixeira da Silva. 2010. Aquisição do número gramatical na concordância interna ao DP no português brasileiro [em linha]. *WebArtigos.com*. [Consult. 27 Abr. 2010]. Disponível em:  
<http://www.webartigos.com/articles/44041/1/aquisicao-do-numero-gramatical-na-concordancia-interna-ao-DP-no-portugues-brasileiro-nominal/pagina1.html>.
- Finnemann, Michael D. 1992. Learning agreement in the noun phrase: the strategies of three first-year spanish students. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 30. 121-36.
- Fiorin, José Luiz & Margarida Petter (orgs.). 2008. *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Contexto.
- Fontes, Carlos de Sousa Ferreira. 2008. *Estudo do léxico do são-tomense, um crioulo de base lexical portuguesa*. Congresso Anual da ACBPLe – Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Universidade de Lisboa, Portugal, 03-05 de Julho.
- Fransceschina, Florencia. 2001. Morphological or syntactic deficits in near-native speakers? An assessment of some current proposals. *Second Language Research*, 17. 213-247.
- 2003. Parameterized functional features and SLA. In Juana M. Liceras *et alii* (eds.), *Proceedings of the 6<sup>th</sup> generative approaches to second language acquisition conference (GASLA 2002)*, 97-105. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Freitas, Maria João. 1997. *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de doutoramento.
- 1998. Estatutos das consoantes que fecham sílabas no português europeu: evidência dos dados da aquisição. *Actas do XIV encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. 541-556. Braga: Associação Portuguesa de Linguística.
- Galloway, Linda M. & Robin C. Scarcella. 1982. Cerebral organization in adult second language acquisition: is the right hemisphere more involved? *Brain and Language*, 16. 56-60.
- Galves, Charlotte Marie Chambelland. 1996. Princípios, parâmetros e aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 29. 137-152.
- 2008. O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro: (mais) pistas para uma nova agenda de pesquisa. *Gragoatá* (UFF), 24. 145-164.
- Gardner-Chloros, Pénélope. 1983. Code-switching: approches principales et perspectives. *La Linguistique*, 19(2). 21-53.
- Gass, Susan. M. 1983. Language transfer and universal grammar relations. In Susan M. Gass & Larry Selinker (eds.), *Language transfer in language learning*, 69-82. Rowley, MA: Newbury House.
- 1987. The Resolution of conflicts among competing systems: a bidirectional perspective. *Applied Psycholinguistics*, 8. 329-350.
- Gass, Susan. M. & Jacquelyn Schachter (eds.). 1989. *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Genesee, Fred. 2001. Bilingual first language acquisition: exploring the limits of the language faculty [em linha]. *Annual Review of Applied Linguistics*, 21. 153-168. [Consult. 12 Nov. 2008]. Disponível em:  
<http://journals.cambridge.org/download.php?file=%2FAPL%2FAPL21%2FS026719050000095a.pdf&code=2726eda4f5cb5e0f3d961c531b3262e2>.

- Genesee, Fred & Elena Nicoladis. 2005. Bilingual first language acquisition [em linha]. In Erika Hoff & Marilyn Shatz (eds.), *Handbook of language development*, 324-340. Oxford: Blackwell [Consult. 09 Ag. 2008]. Disponível em: <http://www.psych.mcgill.ca/perpg/fac/genesee/HDBK%20BFLA%20FINAL.pdf>.
- Gess, Randall & Julia Rogers Herschensohn. 2001. Shifting the DP parameter: A study of anglophone french L2 learners. In Caroline R. Wiltschire & Joaquim Camps (eds.), *Romance syntax, semantics and their L2 acquisition*, 105-119. Amsterdam: John Benjamins.
- Gibson, Edward & Kenneth N. Wexler. 1994. Triggers. *Linguistic Inquiry*, 25. 407-454.
- Gilbert, Glenn G. 1980, (ed.). *Pidgin and creole languages: selected essays by Hugo Schuchardt*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Giorgi, Alessandra & Giuseppe Longobardi. 1991. *The syntax of noun phrases*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Gleitman, Lila R. & Eric Wanner. 1982. Language acquisition: the state of the art. In Eric Wanner & Gleitman, Lila R. (eds.), *Language acquisition: the state of the art*, 319-346 Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Godoy, Luísa Andrade Gomes. 2005. *A palavra TUDO como quantificador universal puro no português brasileiro* [em linha]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Monografia apresentada ao Colegiado de Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras [Consult. 04 Maio 2009]. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/marciacancado/Monografia%20Luisa.pdf>.
- Goldin-Meadow, Susan & Carolyn Mylander. 1999. Beyond the input given: the child's role in the acquisition of language. *Language*, 66. 323-355.
- Gomes, Cristina Abreu & Cláudia Nívia Roncarati de Souza. 2003. Variáveis fonológicas. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 73-80. São Paulo: Contexto.
- Gomes, Nataniel dos Santos. 2005. Observações sobre os clíticos [em linha]. In CiFEFiL, Almanaque CiFEFiL, edição em cd-rom. [Consult. 31 Dez. 2009]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7%2820%2908.htm>.
- Gonçalves, Anabela; et alii. 1996. *Quatro estudos em sintaxe do português (uma abordagem segundo a teoria dos princípios e parâmetros)*. Lisboa: Ed. Colibri. – “Coleção Estudos Linguísticos”.
- Gonçalves, Manuel da Luz & Lelia Lomba de Andrade. 2003. *Pa nu papia kriolu*. Boston: M & L Enterprises.
- Gonçalves, Perpétua. 1996. Aspectos da sintaxe do português de Moçambique. In Isabel Hub Faria et alii (coords), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, 313-322. Lisboa: Ed. Caminho.
- González, Neide Therezinha Maia. 1994. *Cadê o pronome? – O gato comeu*. São Paulo: Universidade de São Paulo – Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Dissertação de doutoramento.
- Gordon Jr., Raymond G. (ed.). 2005. Languages of São Tomé e Príncipe [em linha]. *Ethnologue: Languages of the World*, 15ª ed. Dallas, Tex.: SIL International. [Consult. 03 Dez. 2007]. Disponível em: [http://www.ethnologue.com/show\\_country.asp?name=ST](http://www.ethnologue.com/show_country.asp?name=ST).

- Governo de Angola. 1971. *Anuário turístico: Angola*, 4. Lisboa: Editorial de Publicações Turísticas.
- Greenberg, Joseph Harold. 1996. Language universals, with special reference to feature hierarchies. *Janua Linguarum, Series Minor*, 59. The Hague: Mouton.
- Grosjean, François. 1995. A psycholinguistic approach to code-switching: the recognition of guest words by bilinguals. In Lesley Milroy & Pieter Muysken (eds.), *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*, 259-275. New York, NY: Cambridge University Press.
- Gryner, Helena & Nelize Pires de Omena. 2003. A interferência das variáveis semânticas. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 89-100. São Paulo: Contexto.
- Guerreiro, Manuel Viegas. 1997. *Povo, povos e cultura (Portugal – Angola – Moçambique)*. Lisboa: Ed. Colibri.
- Guinness, Grattan. 1882. *Grammar of the Congo language as spoken two hundred years ago, translated from the latin of Brusciotto*. London: Hodder & Stoughton.
- Guthrie, Malcolm. 1948. *The classification of the african languages*. London: Oxford Univ. Press.
- Guy, Gregory Riordan. 1980. Contextual conditioning in variable lexical phonology. *Language Variation and Change*, 3. 223-239.
- 1993. The quantitative analysis of linguistic variation. In Dennis R. Preston, (ed), *American dialect research*, 223-249. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Gregory Riordan Guy et alii (eds.). 1996. *Towards a social science of language*, vol. 1. Variation and change in language and society, 199-220. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Haegeman, Liliane M. V. & Jacqueline Guéron. 1999. *English grammar: a generative perspective*. Oxford: Blackwell.
- Hagemeyer, Tjerk. 2001. *Os crioulos do Golfo da Guiné: perspectivas sócio-históricas [em linha] [Consult. 02 Out. 2008]*. Disponível em: [www.unb.br/il/liv/crioul/coloq.htm](http://www.unb.br/il/liv/crioul/coloq.htm).
- Hall, Robert. 1966. *Pidgin and creole languages*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Halle, Morris. 1984. Fonética. In Ruggiero Romano (dir.), *Enciclopédia Einaudi*, vol. 2 – “Linguagem - Enunciação”, 132-155. Lisboa: INCM.
- Halle, Morris & Alec Marantz. 1994. Some key features of distributed morphology. In *MITWPL 21: Papers on phonology and morphology*, 275-288. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Hammarberg, Björn. 1997. Conditions on transfer on phonology. In Allan R. James & Jonathan Leather (eds.), *Second language speech? Structure and process*, 161-180. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Han, ZhaoHong. 1998. 2004. *Fossilization in adult second language acquisition*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Harley, Heidi & Rolf Noyer. 1999. State-of-the-article: distributed morphology. *Glott*, 4(4). 3-9.
- Harris, James W. 1991. The exponence of gender in spanish. *Linguistic Inquiry*, 22. 27-62.
- Harris, John. 1984. Syntactic variation and dialect divergence. *Journal of Linguistics*, 20. 303-327.

- Heckler, Evaldo, Sebald Back & Egon Massing. 1984/1985. *Dicionário morfológico da língua portuguesa (Vols. 1,2,3,4, e 5)*. São Leopoldo (Rio Grande do Sul): UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).
- Heine, Bernd & Derek Nurse (eds.). 2000. *African languages: an introduction*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Heine, Bernd & Mechtild Reh. 1984. *Grammaticalization and reanalysis in african languages*. Hamburg: H. Helmut Buske.
- Heine, Bernd & Tania Kuteva. 2003. On contact-induced grammaticalization. *Studies in Language*, 27. 529-572.
- Helms-Park, Rena. 2003. Transfer in SLA and creoles: the implications of causative serial verbs in the interlanguage of vietnamese ESL learners. *Studies in Second Language Acquisition*, 25. 211-244.
- Heringer, Hans Jürgen & José Pinto de Lima. 1987. *Palavra puxa palavra – comunicação e gramática dependencial*. Identidade: Série Língua Portuguesa. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação e Cultura.
- Henanz, M. Loisa & José M. Brucart. 1987. *La syntaxis. Principios teoricos. La oracion simple*. Barcelona: Editorial Critica.
- Hesseling, Dirk Christiaan. 1979 [1897]. Het hollandsch in Zuid Afrika. *De Gids*, 61. 138-162; reimpresso como «Dutch in South Africa». In Tom L. Markley & Paul T. Roberge (eds. e trads.), *On the origin and formation of creoles: a miscellany of articles*. Ann Arbor: Karoma.
- Hodges, Tony & Malyn Newitt. 1988. *São Tomé e Príncipe: from plantation colony to microstate*. Boulder: Westview Press.
- Hoff, Erika & Marilyn Shatz (eds.). 2006. *Handbook of language development* [em linha]. Oxford: Blackwell. [Consult. 27 Set. 2008]. Disponível em:  
[http://books.google.pt/books?id=PkSYF8pM3pIC&pg=PA368&lpg=PA368&dq=shatz+bilingual+handbook+of+language+development&source=bl&ots=SOWLQYZfjE&sig=ptNpITjEoUnH313Bju3pJ7qL-lo&hl=pt.PT&ei=1bWLSrBF5yu6gP4n\\_C2Cg&sa=X&oi=book\\_result&resnum=1&ct=result](http://books.google.pt/books?id=PkSYF8pM3pIC&pg=PA368&lpg=PA368&dq=shatz+bilingual+handbook+of+language+development&source=bl&ots=SOWLQYZfjE&sig=ptNpITjEoUnH313Bju3pJ7qL-lo&hl=pt.PT&ei=1bWLSrBF5yu6gP4n_C2Cg&sa=X&oi=book_result&resnum=1&ct=result)
- Holm, John. 2000a. Semi-creolization: problems in the development of theory. In Ingrid Neumann-Holzschuh & Edgar W. Schneider. (eds.), *Degrees of restructuring in creole languages*. Creole Languages Library (CLL), vol. 22, 19-40. University of Regensburg. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2000b. *An introduction to pidgins and creoles*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 2004. *Languages in contact – the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Holm, John, Gerardo A. Lorenzino & Heliana R. de Mello. 2000. Differing degrees of restructuring in two vernaculars: Caribbean Spanish and brazilian portuguese. In Ernesto d' Andrade, Maria Antónia Coelho da Mota & Dulce Pereira (orgs.), *Crioulos de base portuguesa (Actas do workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa. FLUL, 29 e 30 de Abril de 1999)*, 201-222. Braga: Associação Portuguesa de Linguística.
- Holm, John & Peter L. Patrick (eds.). 2007. *Comparative creole syntax: parallel outlines of 18 creole grammars*. Westminster Creolistic Series 7. Plymouth, UK: Battlebridge Publications.

- Holmes, Janet. 2001 [1992]. *An introduction to sociolinguistics*, 2<sup>nd</sup> ed. Essex: Longman/Pearson Education Ltd.
- Holzman, Mathilda. 1997. *The language of children*, 2<sup>nd</sup> ed. Oxford: Blackwell.
- Huber, Joseph. 1986 [1933]. *Gramática do português antigo*. Trad. port. de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hudson, Carla L. & Elissa L. Newport. 1999. Creolization: could adults really have done it all?. In Annabel Greenhill, Heather Littlefield & Cheryl Tano (eds.), *Proceedings of the 23<sup>rd</sup> annual Boston University conference on language development*, vol. 1, 265-276. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- 2005. Regularizing unpredictable variation: the roles of adult and child learners in language formation and change. *Language Learning and Development*, 1. 151-195.
- Hudson, Richard A. 1996 [1980]. *Sociolinguistics*, 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Hulk, Aafke & Leonie Cornips. 2006. Between 2L1 – and child L2 acquisition: an experimental study and bilingual dutch. In Conxita Lléo (ed.), *Interfaces in multilingualism: acquisition representation and processing*, vol.4, 115-138. Amsterdam: John Benjamins.
- Humboldt, Friedrich Wilhelm von. 1859. *De l'origine des formes grammaticales et de leur influencesur le développement des idées*. Traduction de Alfred Tonnellé. Paris: A. Franck.
- Hyams, Nina. 1992. *Null subjects in child language and the implications of cross-linguistic variation*. Cornell Symposium on Language Acquisition and Linguistic Theory. Cross-linguistic Perspectives. Ithaca, NY, Abril 1992.
- Hyams, Nina & Kenneth N. Wexler. 1993. On the grammatical basis of null subjects in child language. *Linguistic Inquiry*, 24(3). 421-459.
- Hymes, Dell. 1971b. *On communicative competence*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Ijaz, I. Helene. 1986. Linguistic and cognitiv determinants of lexical acquisition in a second language. *Language Learning*, 36. 401-451.
- Ilari, Rodolfo (org.). 1996 [1992]. *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*, vol. II, 3<sup>a</sup> ed. Campinas: Unicamp/São Paulo.
- Instituto Camões & Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. 2001. *Português falado: documentos autênticos*, edição em cd-rom.
- Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe. 2003c. *Migrações: III recenseamento geral da população e da habitação de 2001*. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe.
- 2005a. *Dinâmica natural da população em São Tomé e Príncipe: III recenseamento geral da população e da habitação de 2001*. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe.
- 2005b. *A mulher em São Tomé e Príncipe: III recenseamento geral da população e da habitação de 2001*. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe.
- Isensee, Dinah Maria Montenegro. 1964. *O falar de Mato Grosso (Bahia): fonêmica, aspectos da morfo-sintaxe e do léxico*. Dissertação de mestrado.
- Jackobson, Roman. 1968. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague: Mouton.

- Jarvis, Scott & Terence Odlin. 2000. Morphological type, spatial reference and language transfer. *Studies in Second Language Acquisition*, 22. 535-556.
- Jeroslow, Elizabeth Helen McKinney. 1974. *Rural cearense portuguese: a study of one variety of nonstandard brazilian speech*. Dissertação de mestrado.
- Jiang, Nan. 2000. Lexical representation and development in a second language. *Applied Linguistics*, 21(1). 47-77.
- Jordens, Peter. 1994. Acquiring german and french in a bilingual setting. In Jürgen M. Meisel (ed.), *Bilingual first language acquisition: french and german grammatical development*, 3-14. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Joseph, Brian. D. 2001. Is there such a thing as grammaticalization?. *Language Sciences*, 23(2/3). 163-186.
- Joseph, John Earl. 1987. *The rise of language standards and standard languages*. Londres: Frances Pinter.
- Jourdan, Christine & Roger M. Keesing. 1997. From fisin to pijin: creolization in process in the Solomon Islands. *Language in Society*, 26. 401-420.
- Kean, M. L. 1986. Core issues in transfer. In Eric Kellerman & Michael Sharwood Smith (eds.), *Crosslinguistic influence in second language acquisition*, 80-90. Oxford: Pergamon.
- Keesing, Roger. M. 1991. Substrates, calquing and grammaticalization in melanesian pidgin. In Elizabeth Closs Traugott & Bernd Heine (eds.), *Approaches to grammaticalization, vol. 1: Focus on theoretical and methodological issues*, 315-342. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Kellerman, Eric. 1978. Giving learners a break: native language institutions as a source of predictions about transferability. *Working Papers on Bilingualism*, 36. 59-92.
- 1995. Crosslinguistic influence: transfer to nowhere?. *Annual Review of Applied Linguistics*, 15. 125-150.
- Kempen, Gerard & Edward Hoenkamp. 1987. An incremental procedural grammar for sentence formulation. *Cognitive Science*, 11. 201-258.
- Kerswill, Paul. 1996. Children, adolescents and language change. *Language Variation and Change*, 8. 177-202.
- Kerswill, Paul & Anne Williams. 2000. Creating a new town koiné: children and language change in Milton Keynes. *Language in Society*, 29(1). 65-115.
- King, Ruth Elizabeth. 2000. *The lexical basis of grammatical borrowing: a Prince Edward Islands french case study*. Amsterdam: John Benjamins.
- Klein, Elaine C. & Gita Martohardjono. 1999. Investigating second language grammars: some conceptual and methodological issues in generative SLA research. In Elaine C. Klein & Gita Martohardjono (eds.), *The development of second language grammars: a generative approach*, 3-34. Amsterdam: John Benjamins.
- Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. 1997 (org.). *Gramática do português falado: desenvolvimentos*, vol. VI. Campinas: Unicamp/São Paulo.
- Kouwenberg, Silvia. 2003 (ed.). *Twice as meaningful. Reduplication in pidgins, creoles and other contact languages*. London: Battlebridge.
- Kouwenberg, Silvia & John Victor Singler (eds.). 2008. *The handbook of pidgin and creoles studies*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Krashen, Stephen. D. 1973. Lateralization, language learning and the critical period: some new evidence. *Language Learning*, 23. 63-74.

- Labov, William. 1971. The notion of system in creole languages. In Dell Hymes (org.), *Pidginization and creolization of languages*, 447-472. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Lardier, Donna. 1998. Dissociating syntax from morphology in a divergent L2 end-state grammar. *Second Language Research*, 14(4). 359-375.
- Lassagne, François. 2004. Créole, la naissance d'une langue. *Science & Vie – Hors Série*, 227. 78-91.
- Lausberg, Heinrich. 1981. *Linguística românica*, 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lefebvre, Claire. 2000. What do creole studies have to offer to mainstream linguistics?. *Journal of Pidgins and Creole Languages*, 15(1). 127-153.
- Lefebvre, Claire & John S. Lumsden. 1989. Les langues créoles et la théorie linguistique. *Revue Canadienne de Linguistique*, 34. 319-337.
- Lehmann, Christian. 1982. Thoughts on grammaticalization. A programmatic sketch, vol. I. *Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts*, 48. Köln: Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft.
- Lennon, Paul. 1991. Error elimination and error fossilization: a study of an advanced learner in the L2 community. *International Review of Applied Linguistics*, 93/94. 129-151.
- Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella Cardoso. 2005. Aquisição da linguagem e variação lingüística. *Estudos Lingüísticos*, XXXIV. 409-414.
- Lewis, M. Paul (ed.). 2009. *Ethnologue: languages of the world*, 16<sup>th</sup> ed. [em linha]. Dallas, TEX.: SIL International. [Consult. 24 Agst. 2010]. Disponível em: <http://www.ethnologue.com/>.
- Liceras, Juana M. *et alii*. 2006. L2 acquisition as a process of creolization: insights from child and adult code-mixing. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 113-144. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Lightfoot, David. 1989. The child's trigger experience: degree-0 learnability. *Behavioral and Brain Sciences*, 12(2). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 1991b. *How to set parameters: degree-0 learnability*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1993. Uma ciência da história? *D.E.L.T.A.*, vol. 2(9). 275-294.
- Lipski, John M. 2000. Bozal spanish: restructuring or creolization?. In Ingrid Neumann-Holzschuh & Edgar W. Schneider. (eds.), *Degrees of restructuring in creole languages*. Creole Languages Library (CLL), vol. 22, 437-468. University of Regensburg. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Longobardi, Giuseppe. 2000. The structure of DP's: some principles, parameters and problems. In Mark Baltin & Chris Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*, 562-603. Oxford/Malden, MA: Blackwell Publishers, Ltd (edition for sale in the mainland territory of the People's Republic of China only).
- Lopes, David. 1936. *A expansão da língua portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*. Barcelos: Portucalense Ed. Lda.

- Lopes, Marília. 1989. A exploração económica da Guiné e de Cabo Verde nos séculos XV e XVI. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – povoamento e colonização do Reino de Portugal; início dos descobrimentos marítimos portugueses; o avanço no Atlântico*, vol. 1, 250-263. Lisboa: Publ. Alfa.
- Lopes, Norma & Alan Norman Baxter, 2009. *O desenvolvimento de regras de concordância variável em variedades de Português a partir de modelos-estímulos (inputs) diferentes*. ROSAE - I Congresso Internacional de Linguística Histórica, Salvador, Bahia, Brasil, 26-29 Julho, 2009.
- López-Escartin, Nuria. 1993. *Données de base sur la population: São Tomé e Príncipe*. Paris: Centre Français sur la Population et le Développement.
- Lucchesi, Dante. 1998b. *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa: Colibri.
- 2000b. *Reanálise da variação na concordância de gênero em um dialeto afro-brasileiro*. XVIII Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- 2008b. A concordância nominal em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no contexto da história sociolinguística do Brasil. In Sebastião Votre & Cláudia Roncarati (orgs.), *Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*, 1<sup>a</sup>. ed., vol. 1, 148-168. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- 2009b. A metodologia. In Dante Lucchesi, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*, 155-164. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds.). 2009. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi *et alii*. 2009. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In Dante Lucchesi, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds), *O português afro-brasileiro*, 75-100. Salvador: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante & Silvana Araújo. s.d. A sociolinguística variacionista: fundamentos teóricos e metodológicos [em linha]. In *Projecto vertentes do português rural do Estado da Bahia*. [Consult. 09 Nov. 2008]. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/socio.htm>.
- Lüdi, Georges & Bernard Py. 1986. *Être bilingue*. Berne: Peter Lang.
- Lumsden, John. S. 1999a. Language acquisition and creolization. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 129-157. Cambridge, MA: The MIT Press.
- 1999b. The role of relexification in creole genesis. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 14. 225-258.
- Lust, Barbara, Margarita Suaner & John Whitman (eds.). 1994. *Syntactic theory and first language acquisition: cross-linguistic perspectives*, vol. 2. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Lyons, John. 1999. *Definiteness*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Macambira, José Rebouças. 1999. *A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico*. São Paulo: Ed. Pioneira.
- MacDonald, Marguerite G. 1988. *Fossilization and an emerging social dialect*. *Lenguas Modernas*, 15. 115-124.
- Macedo, Alzira Verthein Tavares de. 2003. Linguagem e contexto. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 60-66. São Paulo: Contexto.

- Machado, Augusto Reis (ed.). s.d. *Viagem de Lisboa à Ilha de São Tomé escrita por um piloto português (século XVI)*. Lisboa: Portugália Ed.
- Maho, Jouni Filip. 2003. A referencial classification of the bantu languages: an update of Guthrie's referential system. In Derek Nurse & Gérard Philippson (eds), *The bantu languages*. Routledge language family series, 4, 639-651. London & New York: Routledge.
- Maia, Padre António da Silva (Missionário Secular da Arquidiocese de Luanda – Angola). 1964a. *Dicionário complementar português-kimbundu-kikongo (Línguas nativas do centro e norte de Angola)*, 1ª. ed. Cucujães: Tipografia das Missões – Edição e propriedade do autor.
- 1964b. *Lições de gramática de quimbundu*. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões.
- Maianga, José. 1980. A luta dos escravos em São Tomé no Século XVI. *África, Literatura, Arte e Cultura*, 9. 437-443.
- Mantero, Francisco. 1954 [1910]. *A mão d'obra em São Tomé e Príncipe* [versão facsimile]. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Marantz, Alec. 1997. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In Alexis Dimitriadis et alli (eds.), *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, vol. 4(2), Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, 201-225. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania.
- Marques, Maria Emília Ricardo. 2003. *Português, língua segunda*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Marques de Barros, Cónego Marcelino. 1887. O guinéense. *Revista Lusitana*, vol. 174/181. 271-302.
- Marquilhas, Rita. 1996. Mudança linguística. In Isabel Hub Faria et alii (coords.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, 563-588. Lisboa: Ed. Caminho.
- Martinet, André. 1974. *A linguística sincrónica*. Coleção “Biblioteca Tempo Universitário”. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.
- Martins, Ana Maria. 2000a. Polarity itens in romance: underspecification and lexical change. In Susan Pintzuk, George Tsoulas & Anthony Warner (eds.), *Diachronic syntax: models and mechanisms*, 232-248. Oxford/New York, NY: Oxford University Press.
- Martins, Cristina dos Santos Pereira. 1997. Bilinguismo e manifestações verbais bilingues. Uma breve sinopse teórica. *Revista Portuguesa de Filologia*, 21. 63-125.
- Master, Peter, John H. Schumann & Margaret E. Sokolik. 1989. The experimental creation of a pidgin language. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 4(1). 37-63.
- Mateus, Maria Helena Mira et alii. 1990. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Unv. Aberta.
- 2003 [1982]. *Gramática da língua portuguesa*, 7ª ed. Lisboa: Caminho – Coleção Universitária/Série Linguística.
- Mateus, Maria Helena Mira & Fernanda Bacelar do Nascimento (orgs.). 2005. *A língua portuguesa em mudança*. Lisboa: Ed. Caminho.
- Mather, Patrick-André. 2000. Creole genesis: evidence from West African L2 french. In Dicky Gilbers, John Nerbonne & Jos Schaecken (eds.), *Languages in contact*, 247-261. Amsterdam/Atlanta, GA: Rodopi.

- 2001a. Revue of Lefebvre (1998), creole genesis and the acquisition grammar: The case of the haitian creole. *Studies in Language*, 25(1). 125-137.
- Maurer, Phillippe. 1995. *L'angolar. Un créole afro-portugais parlé à São Tomé*. Hamburgo: Buske.
- McEnery, Tony, Richard Xiao & Yukio Tono. 2006. *Corpus-based language studies. An advanced resource book*. London/New York, NY: Routledge.
- McWorther, John H. 1997. *Towards a new model of creole genesis*. New York, NY: Peter Lang.
- 1998. Identifying the creole prototype: vindicating a typological class. *Language*, 74(4). 788-818.
- 2002. The world's simplest grammars are creole grammars. *Linguistic Typology*, 5(2/3). 125-166.
- Meillet, Paul Antoine. 1912. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia (Revista di Scienza)*, 6(12). 384-400. [Reimpresso in Meillet, Antoine. 1921. *Linguistique historique et linguistique générale*, 130-141. Paris: Honoré Champion].
- Meisel, Jürgen M. 1983. Transfer as a second-language strategy. *Language & Communications*, 3(1). 11-46.
- 1994c. Code-switching in young bilingual children: the acquisition of grammatical constraints. *Studies in Second Language Acquisition*, 16. 413-441.
- Mello, Heliana Ribeiro de et alii. 1998. O português vernáculo do Brasil. In Matthias Perl & Armin Schwegler (eds.), *América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*, 71-173. Frankfurt-am-Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana.
- 2002. Semicreolization? – The restructured portuguese of the tongas of São Tomé – a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics*, 1. 7-39.
- Mello, Heloísa Augusta Brito de. 2003. Atitudes lingüísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngüe no interior de Góias. *Letras*, vol. 22, 1/2. 85-114. Campinas, SP: Centro de Linguagem e Comunicação/Pontifícia Universidade Católica.
- Melo, Gladstone Chaves de. 1946. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir.
- Mendonça, Renato de. 1933. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer.
- Mesquitela, Teresa. 1987. A cultura afro-brasileira. *África Hoje*, A.3, 23. 39-41.
- Mesthrie, Rajend et alii. 2009 [2002]. *Introducing sociolinguistics*, 2<sup>nd</sup> ed. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Migge, Bettina. 1998. Substrate influence in creole formation: the origin of give-type serial verb constructions in the surinamese plantation creole. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 13(2). 215-265.
- Milroy, Lesley & Matthew Gordon. 2003. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford/Malden, MA: Blackwell.
- Ministério do Exército de Portugal. 1969. *Carta de contratados. Ministério do Exército – Rep. Gab. Ministro, 2<sup>a</sup>. Secção, 24. Jan. 1969*. Caixa n<sup>o</sup>. 1 proc. PT AHM/FO/006/J/1415/579/146, doc. 927, São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).

- Móia, Telmo Lopes. 1992a. Proposta de revisão da ‘elevação de objecto’ no quadro da teoria da regência e da ligação [em linha]. *Actas do VII encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa 1991)*, 257-270. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. [Consult. 24 Fev. 2008]. Disponível em: [http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia\\_apl1991.pdf](http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia_apl1991.pdf).
- 1992b. Sobre classes semânticas de adjetivos [em linha]. *Cadernos de Semântica*, 7. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Consult. 24 Fev. 2008]. Disponível em: [http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia\\_adjectivos1992.pdf](http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia_adjectivos1992.pdf).
- 1992c. *A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- 1993a. Aspectos da modificação das estruturas nominais [em linha]. *Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, 4 - Semântica das estruturas nominais, 37-63. Coimbra: Universidade Aberta. [Consult. 12 Dez. 2009]. Disponível em: [http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia\\_discursos4.pdf](http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia_discursos4.pdf).
- 1993b. Sobre o lugar dos demonstrativos na arquitectura semântica do sintagma nominal [em linha]. *Cadernos de Semântica*, 11. 2ª. ed. revista. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Consult. 24 Fev. 2008]. Disponível em: [http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia\\_demonstrativos1993.pdf](http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia_demonstrativos1993.pdf).
- Móia, Telmo Lopes & Ana Teresa Alves. 2004. Differences between european and brazilian portuguese in the use of temporal adverbials. *Journal of Portuguese Linguistics*, 3.1. 37-67.
- Moita, Irisalva. 1989. O Congo – primeira tentativa de uma colonização continental (1484-1510). In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – as zonas de influência do Ocidente; origem e desenvolvimento da colonização*, vol. 2, 198-214. Lisboa: Publ. Alfa.
- Mollica, María Cecília & Maria Luiza Braga (orgs.). 2003. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.
- Morais-Barbosa, Jorge (ed.). 1967. *Estudos linguísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa/Tip. Silvas, Lda. [Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa].
- 1983. *Études de phonologie portugaise*, 2ª. ed. Évora: Universidade de Évora.
- Mufwene, Salikoko S. 1986. Les langues créoles peuvent-elles être définies sans allusion à leur histoire?. *Études Créoles*, 9. 135-150.
- 1990. Transfer and substrate hypothesis in creolistics. *Studies in Second Language Acquisition*, 12. 1-23.
- 2002. Competition and selection in language evolution. *Selection* 3, 45-56.
- Mühlhäusler, Peter. 1974. Pidginization and simplification of language. *Pacific Linguistics*, 26, series B. Canberra: Dept. of Linguistics, Research School of Pacific Studies, Australian National University.
- 1980. Structural expansion and the process of creolization. In Albert Valdman & Arnold Highfield, A. (orgs.), *Theoretical orientations in creole studies*, 19-55. New York, NY: Academic Press.

- Müller, Ana Lúcia de Paula. 2002. Nomes nus e o parâmetro nominal no português brasileiro [em linha]. *Revista Letras* (Curitiba), 58. 331-344. [Consult. 26 Dez. 2009]. Disponível em:  
[http://74.125.153.132/search?q=cache:QtXbQ5HY7FIJ:www.fflch.usp.br/dl/anamuller/pdf/nus.pdf+nomes+nus&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt&lr=lang\\_pt](http://74.125.153.132/search?q=cache:QtXbQ5HY7FIJ:www.fflch.usp.br/dl/anamuller/pdf/nus.pdf+nomes+nus&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt&lr=lang_pt).
- 2003. A semântica do sintagma nominal. In Ana Lúcia Müller, Esmeralda V. Negrão & Maria José Foltran (orgs.), *Semântica formal*, 1ª. ed., 61-74. São Paulo: Ed. Contexto.
- Nakuma, Constancio K. 1998. A new theoretical account of “fossilization”: implications for L2 attrition research. *International Review of Applied Linguistics*, (36)3. 247-256.
- Naro, Anthony Julius. 1978. A study on the origins of pidginization. *Language*, 54(2). 314-347.
- 2003b. O dinamismo das línguas. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 43-50. São Paulo: Contexto.
- Naro, Anthony Julius & Maria Marta Pereira Scherre. 1996. Contact with media and linguistic variation. In Jennifer Arnold *et alii* (eds.), *Sociolinguistic: variation data, theory, and analysis*, 223-228. Stanford: CSLI Publications.
2003. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In Cláudia Roncarati & Jussara Abraçado (orgs.), *Português brasileiro: contacto linguístico, heterogeneidade e história*, 285-302. Rio de Janeiro: 7Letras.
- 2007a. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- 2007b. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. In Anthony Julius Naro & Maria Marta Pereira Scherre (orgs.), *Garimpo das origens do português brasileiro*, 49-69. (Lingua[gem], 20). São Paulo: Parábola Ed.
- Nascentes, Antenor. 1953. *O linguajar carioca*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Organização.
- Negreiros, Almada. s.d. *História ethnographico da Ilha de S. Thomé*. Lisboa: Antica Casa Bertrand-José Bastos.
- 1928. Etnografia de São Tomé e outros elementos linguísticos. *Anuário Comercial, Industrial e Agrícola da Província de São Tomé e Príncipe*.
- Neto, Serafim da Silva. 1960. *A língua portuguesa no Brasil. Problemas*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- 1976 [1950]. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 3ª. ed. Rio de Janeiro: Presença.
- Neumann-Holzschuh, Ingrid & Edgar W. Schneider (eds.). 2000. *Degrees of restructuring in creole languages* – Creole Languages Library (CLL), vol. 22. University of Regensburg. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Neves, C. Agostinho das, J. Manuel Flores & A. Teodoro de Matos. 1989. A repressão contra os escravos de São Tomé (1595) e a guerra em Ceilão (1587-1617). In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – a decadência do império português; a recuperação possível; o imperialismo português no Brasil nos séculos XVIII-XIX*, vol. 5, 100-112. Lisboa: Publ. Alfa.
- Neves, Maria Helena de Moura. 1999 (org.). *Gramática do português falado: novos estudos*, vol. VII. Campinas: Unicamp/São Paulo.

- 2000 [1999]. *Gramática de usos do português*, 4ª reimpressão. São Paulo: Ed. UNESP.
- Newmeyer, Frederick. J. 1983. *Grammatical theory: its limits and its possibilities*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Newport, Elissa L. 1999. Reduced input in the acquisition of signed languages: contributions to the study of creolization. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 161-178. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Nogueira, Rodrigo de Sá. 1950/1951. As línguas bantas e o português: temas de linguística banta. *Estudos Coloniais: Revista de Escola Superior*, 2.
- 1952. Temas de linguística banta: dos elementos prefixativos bantos. *Estudos Coloniais, Estudos da Escola Superior Colonial*, 3. 5-38.
- Nunes, José Joaquim. 1989 [1919]. *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e fonologia)*, 9ª ed.. Lisboa: Clássica Ed..
- Odlin, Terence. 1989. *Language transfer*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Ogliari, Maria Marlene. 2003. Contato, diglossia e bilingüismo: situações linguísticas gestadas em Prudentópolis-PR [em linha]. *Anais do V Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba - PR, 17 e 18 de Outubro de 2002*. 1075-1082. [Consult. 21 Nov. 2010]. Disponível em:  
<http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/149.pdf>.
- Oliveira, Dercir Pedro. 2008. A variação linguística no Brasil. In Cláudia Roncarati & Jussara Abraçado (orgs.), *Português brasileiro II: contacto linguístico, heterogeneidade e história*, 93-100. Niterói: Ed. UFF.
- Oliveira, Fernão de. 1975 [1536]. *A gramática da linguagem portuguesa* [Leit., introd. e anot. por Maria Leonor Carvalhão Buescu]. Lisboa: INCM.
- Oliveira e Silva, Giselle Machline. 1996. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In Giselle Machline Oliveira e Silva & Maria Marta Pereira Scherre (orgs.), *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*, 119-145. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Omena, Nelize Pires de & Maria Eugênia Lamoglia Duarte. 2003. Variáveis morfossintáticas. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 81-88. São Paulo: Contexto.
- Paiva, Maria da Conceição A. de. 2003a. A variável gênero/sexo. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 33-42. São Paulo: Contexto.
- 2003b. Transcrição de dados linguísticos. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 135-146. São Paulo: Contexto.
- Paiva, Maria da Conceição A. de & Maria Eugênia Lamoglia Duarte. 2003. Mudança linguística: observações no tempo real. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 179-190. São Paulo: Contexto.
- Paradis, Michel. 1977. Bilingualism and aphasia. In Haiganoosh Whitaker & Harry A. Whitaker, (eds.), *Studies in neurolinguistics*, vol. 3, 65-122. New York, NY: Academic Press.

- 1978 (ed.). *Aspects of bilingualism*. Columbia, South Carolina: Hornbeam Press.
- 1983. *Readings on aphasia in bilinguals and polyglots*. Montreal: Didier.
- 1993. Linguistic, psycholinguistic and neurolinguistic aspects of “interference” in bilingual speakers: the activation threshold hypothesis. *International Journal of Psycholinguistics*, 2. 133-145.
- 1997. The cognitive neuropsychology of bilingualism. In Annette M. B. DeGroot & Judith F. Kroll (eds.), *Tutorials in bilingualism: psycholinguistic perspectives*, 331-354. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Parkvall, Mikael. 2000. The alleged creole past of Brazilian vernacular Portuguese. In Ernesto d’ Andrade, Maria Antónia Coelho da Mota & Dulce Pereira (orgs.), *Crioulos de base portuguesa (Actas do workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa. FLUL, 29 e 30 de Abril de 1999)*, 223-246. Braga: Associação Portuguesa de Linguística.
- Partee, Barbara Hall, Alice G. B. ter Meulen & Robert Eugene Wall. 1990. *Mathematical methods in linguistics*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Patkowski, Mark. 1980. The sensitive period for the acquisition of syntax in a second language. *Language Learning*, 30(2). 449-472.
- Paulston, Christina Bratt & G. Richard Tucker (eds.). 2006 [2003]. *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford/Cambridge, MA: Blackwell.
- Peet Jr., William. 1978. *Relativization in a creole continuum*. Manoa: University of Hawaii. Dissertação de doutoramento.
- Percegon, Marcélia Silva. 2005. *A fossilização no processo de aquisição de segunda língua* [em linha]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. [Consult. 02 Abr. 2009]. Disponível em:  
[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/Ingles/percegon.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Ingles/percegon.pdf).
- Perdue, Clive. 1993a, (ed.). *Adult language acquisition: cross-linguistic perspective. Vol. 1: field methods*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 1993b. *Adult language acquisition: cross-linguistic perspective. Vol. 2: the results*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Pereira, Dulce. 1996. Crioulo de Cabo Verde. In Isabel Hub Faria *et alii* (coords.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, 551-559. Lisboa: Ed. Caminho.
- 2004. Contacto de línguas e aquisição de uma língua não materna. *Projecto “vamos conversar na escola – nu bem papia na skola”*. Lisboa: Escola Superior João de Deus.
- Pereira, Maria Ângela Botelho. 1984. *Gênero e número em português. Estudo das relações forma-sentido na gramática*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de mestrado.
- Petter, Margarida Maria Taddoni. 2009. Traços morfossintáticos comuns às variedades angolana, brasileira e moçambicana de português. *Papia – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 19. 201-220.
- Pfaff, Carol W. 1992. The issue of grammaticalization in early German second language acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, 14. 273-296.
- Pinker, Steven. 1994. *The language instinct: the new science of language and mind*. Londres: Penguin.

- 2002. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Pintzuck, Susan, George Soulas & Anthony Warner (orgs.). 2000. *Diachronic syntax, models and mechanisms*. Oxford University Press.
- Plag, Ingo. 2001. The nature of derivational morphology in creoles and non-creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 16(1). 153-160.
- 2003a (ed.). *Phonology and morphology of creole languages*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- 2003b. Introduction: the morphology of creole languages. In Geert Booji & Jaap van Marle (eds.), *Yearbook of morphology 2002*, 1-2. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- 2005. Morphology in pidgins and creoles. In Keith Brown (ed.), *Encyclopedia of language and linguistics*, 2<sup>nd</sup> ed., vol. 8, 304-308. Oxford: Elsevier.
- Ploae-Hanganu, Mariana. s.d. *Le créole portugais de l’Afrique - sa base portugaise*, vols. 1 e 2. Bucareste: Instituto de Linguística da Universidade de Bucareste. Dissertação de doutoramento.
- Pontes, Jerónimo Xavier de Sousa. 2005. *História da educação em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- Poplack, Shana. 1990. Variation theory and language contact: concepts, methods and data. In Dennis R. Preston (ed.), *American dialect research – celebrating the 100<sup>th</sup> anniversary of the American Dialect Society 1889-1989*, 251-286. Amsterdam: John Benjamins.
- Pratas, Fernanda. 2002. *O sistema pronominal do caboverdiano (de Santiago) – questões de gramática*. Lisboa: FCSH – Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- Quelhas, António Antunes. 1965. *A colonização portuguesa em S.Tomé e Príncipe no século XIX*. Lisboa: Universidade Técnica.
- Quint, Nicolas. 2008. A realização do sujeito em português do Brasil: deriva versus criouliização. In José Luiz Fiorin & Margarida Petter (orgs.), *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*, 75-88. São Paulo: Ed. Contexto.
- Quint-Abrial, Nicolas. 1998. *O dicionário cabo-verdiano-português de Santiago*. Lisboa: Verbalis.
- Radford, Andrew. 1997. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- 2000. *Children in search of perfection: towards a minimalist model of acquisition*[em linha]. [Consult. 27 Mar. 2008]. Disponível em: <http://privatewww.essex.ac.uk/~radford/PapersPublications/perfection.htm>.
- Ramat, Anna Giacalone. 1992. Grammaticalization processes on language transfer. *Applied Linguistics*, 8(2). 111-136.
- Ramchand, Gillian & Charles Reiss (eds.). 2007. *The Oxford handbook of linguistic interfaces*. Oxford/New York, NY: Oxford University Press.
- Raposo, Eduardo Paiva. 1973. Sobre a forma “o” em português. *Boletim de Filologia*, tomo XXII, fascículos 3 e 4. 361-415.
- 1978. *Introdução à gramática generativa: sintaxe do português*. Lisboa: Moraes Ed.
- Reinecke, John. 1937. *Marginal languages: a sociological survey of the creole languages and trade jargons*. Ann Arbor: University Microfilms International. Dissertação de doutoramento, Yale University.

- Rickford, John R. 1987. *Dimensions of a creole continuum*. Stanford: Stanford University Press.
- Rio-Torto, Graça Maria. 1998. *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Ed.
- Roberts, Ian. 2000. Head movement. In Mark Baltin & Chris Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*, 113-147. Oxford/Malden, MA: Blackwell Publishers, Ltd (edition for sale in the mainland territory of the People's Republic of China only).
- Roeper, Thomas & Williams, Edwin. 1987. *Parameter setting*, 123-172. Dordrecht: Reidel.
- Rojas, Juan Pedro. 2006. *Processo de fossilização na interlíngua de hispanofalantes aprendizes de português no Brasil: acomodação consentida?* [em linha]. Brasília: Universidade de Brasília – Instituto de Letras. Dissertação de mestrado. [Consult. 31 Mar. 2009]. Disponível em:  
[http://bdt.d.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=641](http://bdt.d.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=641).
- Roncarati, Cláudia & Jussara Abraçado (orgs.). 2003. *Português brasileiro: contacto lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- 2008 (orgs.). *Português brasileiro II: contacto lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: Ed. UFF.
- Rougé, Jean-Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d’Afrique*. Paris: Eds. Karthala.
- 2008. A inexistência de crioulo no Brasil. In José Luiz Fiorin & Margarida Petter (orgs.), *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*, 63-73. São Paulo: Ed. Contexto.
- 2010. *Créolisation et productivité morphologique: les créoles portugais d’Afrique*. 10ème Colloque International de l’ Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLe). Llacan, Campus CNRS de Villejuif, Paris, France. 1-3 de Julho.
- Russel-Wood, A. J. R. 1992. *A world on the move: the portuguese in Africa, Asia and America 1415-1808*. New York, NY: St. Martin’s Press.
- Salvaterra, Hélder. 2004a. *Projeções demográficas de São Tomé e Príncipe no horizonte 2025: actualização na base dos resultados do censo 2001*. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe.
- 2004b. *Resultados globais : III recenseamento geral da população e da habitação: RGPH-2001*. São Tomé: Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe.
- Sambú, Malam. 1999. *Ditadura e problemas sociais na África lusófona*. Macau: Edição do autor.
- Sánchez, Liliana. 2006. Bilingual grammars and creoles: similarities between functional convergence and morphological elaboration. In Claire Lefebvre, Lydia White & Christine Jourdan (eds.), *L2 acquisition and creole genesis: dialogues*, 277-294. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Sankoff, David. 1978. *Linguistic variation: models and methods*. New York, NY: Academic Press.
- 1988. *Variable rules*. In Ulrich Ammon, Norbert Dittmar & Klaus Mattheier (eds.), *Sociolinguistics – an international handbook of the science of language and society*, 984-997. Berlin/New York, NY: Walter de Gruyter.

- 1991. Using the future to explain the past. In Francis Byrne & Thorn Huebner (eds.), *Development and structures of creole languages*, 61-74. Amsterdam: John Benjamins.
- Sankoff, David & Pierrette Thibault. 1981. Weak complementarity: tense and aspect in Montreal french. In B. B. Johns & D. R. Strong (eds.), *Syntactic change*, vol. 25, 205-215. Ann Arbor: University of Michigan.
- Sankoff, David & William Labov. 1979. On the Uses of Variable Rules. *Language in Society*, 8(2). 189-222.
- Santos, Catarina Madeira. 1996. A formação das estruturas fundiárias e a territorialização das tensões sociais: São Tomé, primeira metade do século XVI. *Africana Studia : Revista Internacional de Estudos Africanos*, 54/55. 51-91.
- Santos, Maria Emília Madeira. 1989. Os primeiros “lançados” na costa da Guiné: aventureiros e comerciantes. In Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no mundo – as zonas de influência do Ocidente; origem e desenvolvimento da colonização*, vol. 2, 125-136. Lisboa: Publ. Alfa.
- Santos, Maria Emília Madeira *et alii*. 1991a (eds.). *História geral de Cabo Verde*, vol. I. Lisboa: IICT/Praia: Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde.
- 1991b (eds.). *História geral de Cabo Verde*, vol. II. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga; IICT/Praia: Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde.
- Santos, Raimundo Enedino dos. 2009. *The behavior of clitics in the portuguese of the Tongas as a result of linguistic contact*. WOCAL6 - World Congress of African Languages. Colónia, Alemanha, 17-21 de Agosto.
- Scantamburlo, Luigi. 1999. *Dicionário do guineense*, vol. I: *introdução e notas gramaticais*. Lisboa: Ed. Colibri e FASPEBI.
- 2002. *Dicionário do guineense: dicionário guineense-português. Disionariu guinensi-purtuguis*, vol. 2. Bissau: FASPEBI.
- Scherre, Maria Marta Pereira. 1996. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In Giselle Machline de Oliveira e Silva & Maria Marta Pereira Scherre (orgs.), *Padrões sociolinguísticos*, 37-50. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.
- 1998b. Paralelismo lingüístico. *Estudos da Linguagem*, 7. 29-59.
- Scherre, Maria Marta Pereira & Anthony Julius Naro. 2000. *Garimpando as origens estruturais do português brasileiro* [em linha]. Congresso Internacional – 500 anos de Língua Portuguesa no Brasil. Universidade de Évora, Évora, Portugal, 8-13 Maio. [Consult. 25 Jan. 2010]. Disponível em: [http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/arquivos/for\\_scherre\\_naro.htm](http://www.marcosbagno.com.br/conteudo/arquivos/for_scherre_naro.htm).
- Schmitt, Cristina & Alan Munn. 1999. Against the nominal mapping parameter: Bare nouns in brazilian portuguese. In Pious Tamanji, Masako Hirotoni & Nancy Hall (orgs.), *Proceedings of the North-Eastern Linguistics Society (NELS) 29*, 339-355. Amherst, MA: GLSA, University of Massachusetts.
- Schuchardt, Hugo Ernst Mario. 1979. On creole portuguese. In T. L. Markey (ed. e trad.), *The ethnography of variation – selected writings of pidgins and creoles: Hugo Schuchardt*, 59-72. Ann Arbor: Karoma.
- Science & Vie . 2004. Découvertes: du langage aux langues. *Hors-série*, 227.
- Sebba, Mark. 1997. *Contact languages: pidgins and creoles*. New York, NY: St. Martin's Press.

- Sequeira, Francisco Júlio Martins. s.d. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Lisboa: Liv. Popular.
- Selinker, Larry & John Lamendella. 1978. Two perspectives on fossilization in interlanguage learning. *Interlanguage Studies Bulletin*, 3. 143-191.
- 1979. The role of extrinsic feedback in interlanguage fossilization: a discussion of “rule fossilization”. A tentative model. *Language Learning*, 29(2). 363-375.
- Sheen, Ronald. 1987. The importance of negative transfer in the speech of near bilinguals. In Dietrich Nehls (ed.), *Interlanguage studies*, 43-57. Heidelberg: Julius Groos Verlag.
- Siegel, Jeff. 1997. Mixing, leveling and pidgin/creole development. In Arthur K. Spears & Donald Winford (eds.), *The structure and status of pidgins and creoles*, 111-149. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 1999. Transfer constraints and substrate influence in melanesian pidgin. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 14. 1-44.
- 2000. Substrate influence in Hawaií creole English. *Language in Society*, 29. 197-236.
- 2003. Substrate influence in creoles and the role of transfer in second language acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, 25(2). 185-209.
- Silva, Baltasar Lopes da. 1984. *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Silva, Giselle Machline de Oliveira e. 2003. Coleta de dados. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 117-133. São Paulo: Contexto.
- Silva, Jaline Pinto da. 2001. Contribuições africanas nos falares do Brasil. In José Pereira da Silva (ed.), *História da língua portuguesa: cadernos da pós-graduação em língua portuguesa*, 1 [em linha]. [Consult. 24 Jan. 2009]. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/monografias/historia\\_da\\_lingua\\_portuguesa.html](http://www.filologia.org.br/monografias/historia_da_lingua_portuguesa.html).
- Silva, Jorge Augusto Alves da. 2003. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. UFBA. Dissertação de mestrado.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e. 1989. *Estruturas trecentistas. Para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: INCM.
- 1991. *O português arcaico. Fonologia*. São Paulo: Contexto, Ed. da Universidade Federal da Bahia.
- 1994. *O Português arcaico. Morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, Ed. da Universidade Federal da Bahia.
- 2005 [1996]. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina. Repensando a língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Contexto.
- Silva-Corvalán, Carmen. 1986. On the problem of meaning in sociolinguistic studies of syntactic variation. In Dieter Kastovsky & Aleksander Szwedek (eds.), *Linguistic across historical and geographical boundaries: in honour of Jacek Fidiak. Vol. 1: Linguistic theory and historical linguistics*, 111-123. The Hague: Mouton de Gruyter.
- 1989. *Sociolinguística. Teoria y análisis*. Madrid: Ed. Alhambra.
- Silva Neto, Serafim da. 1950. Falares crioulos. *Brasília*, 5. 1-28.
- 1963 [1950]. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.

- Simioni, Leonor. 2007. A concordância de número no DP: propostas minimalistas [em linha]. *Estudos Lingüísticos*, XXXVI(1). 117-125. [Consult. 18 Fev. 2010]. Disponível em:  
<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/12.PDF>.
- Singler, John Victor. 1988. The homogeneity of the substrate as a factor in pidgin/creole genesis. *Language*, 64. 27-51.
- 1990. On the use of sociohistorical criteria in the comparison of creoles. *Linguistics*, 28. 645-669.
- 1992. Nativization and pidgin/creole genesis: a reply to Bickerton. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 7. 319-333.
- 1993. African influence upon afro-american language varieties: a consideration of sociohistorical factors. In Salikoko S. Mufwene (ed.), *Africanisms in afro-american language varieties*, 235-253. Atenas: University of Georgia Press.
- 1996. Theories of creole genesis, sociohistorical considerations and evaluation of evidence: the case of haitian creole and the relexification hypothesis. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 11(2). 185-230.
- 2006. Children and creole genesis. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 21(1). 157-173.
- Slobin, Dan I. 1977. Language change in childhood and history. In John Theodore MacNamara (ed.), *Language learning and thought*, 185-214. New York, NY: Academic Press.
- Smith, Marilyn Chapnik. 1997. How do bilinguals access lexical information? In Annette M. B. DeGroot & Judith F. Kroll (eds.), *Tutorials in bilingualism: psycholinguistic perspectives*, 145-168. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Smith, Norval S. H. 2008. Creole phonology. In Silvia Kouwenberg & John Victor Singler (eds.), *The handbook of pidgin and creoles studies*, 98-129. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Sorace, Antonella. 1999. Initial stages, end-stages and residual optionality in L2 acquisition. In Annabel Greenhill, Heather Littlefield & Cheryl Tano (eds.), *Proceedings of the 23<sup>rd</sup> annual Boston University Conference on language development*, vol. 2, 666-674. Sommerville, MA: Cascadilla.
- Sousa, Antônio Rômulo Bezerra de et alii. 2007. A teoria inatista de aquisição da linguagem [em linha]. *Revista Virtual Partes*, ano V, 17-02-2007. [Consult. 04 Nov. 2009]. Disponível em:  
<http://www.partes.com.br/educacao/ateoriainatista.asp>.
- Souza, Antônio Carlos Santana de. s.d. *A constituição da identidade e dos territórios afro-brasileiros em Mato Grosso do Sul: estudos sócio-etnolinguísticos* [em linha]. [Consult. 09 Mar. 2009]. Disponível em:  
[http://www.fflch.usp.br/dl/gela/downloads/Souza/SOUZA\\_identidade\\_territorios\\_afro.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/gela/downloads/Souza/SOUZA_identidade_territorios_afro.pdf).
- Spencer, Andrew & Arnold M. Zwicky. 1998. *The handbook of morphology*. Oxford: Basil Blackwell.
- Stroud, Christopher & Perpétua Gonçalves (orgs.). 1997. *Panorama do português oral de Maputo – Volume II: a construção de um banco de “erros”*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.

- Stump, Gregory T. 2008. *Inflectional morphology: a theory of paradigm structure*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Szabolcsi, Anna. 1994. The noun phrase. In Ferenc Kiefer & Katalin É. Kiss (eds.), *Syntax and semantics: the syntactic structure of hungarian*, 27. 179-274. San Diego: Academic Press.
- Szendrői, Kriszta. 2001. *Focus and the syntax-phonology interface*. London: University College London. Dissertação de doutoramento.
- Tamburelli, Marco. The importance of paradigm formation in bilingual acquisition: evidence from italian [em linha]. In M. Pearce & N. Topinzi (eds.), *UCL working papers in linguistics*, 17. 27-57. [Consult. 06 Fev. 2009]. Disponível em: <http://www.langsci.ucl.ac.uk/linguistics/publications/WPL/05papers/tamburelli.pdf>.
- 2007. *The role of lexical acquisition in simultaneous bilingualism* [em linha]. University of London. Dissertação de doutoramento. [Consult. 15 Dez. 2008]. Disponível em: [http://www.phon.ucl.ac.uk/home/marco/thesis/m\\_tamburelli\\_chapter\\_one\\_emb.pdf](http://www.phon.ucl.ac.uk/home/marco/thesis/m_tamburelli_chapter_one_emb.pdf).
- Tarallo, Fernando. 1993. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, 35-68. Campinas: Editora da Unicamp.
- Tarallo, Fernando & Tânia Alkmin. 1996. Turning different at the end of the century: 19<sup>th</sup> century brazilian portuguese. In Gregory Riordan Guy et alii (eds.), *Towards a social science of language*, vol. 1. Variation and change in language and society, 199-220. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Tavares, Cónego José Lourenço. 1942. *Das línguas e dialectos bantu de Angola*. Lisboa: Congresso Colonial.
- Tavares, Miguel Sousa. 2003. *Equador*. Alfragide: Oficina do Livro.
- Teyssier, Paul. 1993 [1980]. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Ed. Sá da Costa.
- Thep-Ackrapong, Tipa. 1990. *Fossilization: a case study of practical and theoretical parameters*. Normal, Ill.: Illinois State University. Dissertação de doutoramento.
- Thomason, Sarah Grey. 1997. A typology of contact languages. In Arthur K. Spears & Donald Winford (eds.), *The structure and status of pidgins and creoles*, 71-88. Amsterdam: John Benjamins.
- Thompson, Robert Wallace. 1961. A note on some possible affinities between the creole dialects of the old world and those of the new. In Robert Brock Le Page (ed.), *Proceedings of the conference on creole language studies*, 107-113. London: Macmillan.
- Todd, Loreto. 1974. *Pidgins and creoles*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Todorov, Tzvetan & Oswald Ducrot. 1977. *Dicionário das ciências da linguagem*, 4<sup>a</sup>. ed. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Tomás, Maria Isabel Gonçalves. 1999. *Os espaços do crioulo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Tonioli, Selma & Vanda Bartalini Baruffaldi. 2007. Sociolingüística: uso e norma na fala urbana. *Revista da Pós-graduação, UNIFIEO*, 1(2).101-111.
- Traugott, Elizabeth Closs. 1977. Natural semantax: its rolle in the study of second language acquisition. In Stephen Pit Corder & Eddie Roulet (eds.), *The notions of simplification, interlanguage and pidgins and their relation to second language pedagogy*, 132-162. Geneva: Droz.

- Trudgill, Peter. 2002. *Sociolinguistic variation and change*. Washington, DC: Georgetown University Press.
- Unidade da Companhia de Artilharia 3376. 1973c. *História da Unidade da Companhia de Artilharia 3376. Anexo "B" ao estudo de situação de informações nº 1/73*. Caixa nº. 1, proc. PT AHM/DIV/12/08/01/21, doc. s.n., São Tomé e Príncipe. Lisboa: AHM – Secção de Investigação, Leitura e Divulgação (SILD).
- Vainikka, Anne & Martha Young-Scholten. 1994. Direct access to x'-theory: Evidence from korean and turkish adults learning german. In Teun Hoekstra & Bonnie D. Schwartz (eds.), *Language acquisition studies in generative grammar*, 265-316. Amsterdam: John Benjamins.
- 1996a. Gradual development of L2 phrase structure. *Second Language Research*, 12. 7-39.
- 1996b. The early stages in adult L2 Syntax: additional evidence from romance speakers. *Second Language Research*, 12. 140-176.
- Valdman, Albert. 1978. *Le créole: structure, statut et origine*. Paris: Klincksieck.
- Van Coetsen, Frans. 1988. *Loan phonology and the two transfer types in language contact*. Dordrecht: Foris.
- Van Patten, Bill. 1996. *Input processing and grammar instruction in second language acquisition*. Norwood, N.J.: Ablex.
- Varela, Soledad. 1992. *Fundamentos de morfología*. Madrid: Sintesis.
- Veiga, Manuel. 1982. *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*. Prai: Institutu Kabuverdianu ddi Livru.
- Veiga, Margareth. 2002b. *A situação actual do kimbundo: até que ponto o kimbundo existe como língua?* Trabalho de licenciatura apresentado no âmbito da disciplina de Seminário. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras – Departamento de Língua e Cultura Portuguesa.
- Véronique, Daniel. 1994. Naturalistic adult acquisition of french as L2 and french-based creole genesis compared: insights into creolization and language change?. In Dany Adone & Ingo Plag (eds.), *Creolization and language change (Linguistische Arbeiten, 317)*, 117-137. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Vigário, Marina, Sónia Frota & Fernando Martins. 2007. Frequência de unidades e padrões fonológicos no português europeu e no português do Brasil: uma perspectiva. *Workshop Domínios: Prosódia e Sintaxe*. Universidade Estadual de Campinas, Brasil. 16-17 Abril, 2007.
- Villalva, Alina. 2000. *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & FCT.
- 2003. Estrutura morfológica básica. In Maria Helena Mira Mateus et alii, *Gramática da língua portuguesa*, 7ª ed., cap. 22, 917-938. Lisboa: Caminho – Coleção Universitária/Série Linguística.
- Votre, Sebastião Josué. 2003. Relevância da variável escolaridade. In, Maria Cecília Mollica & Maria Luiza Braga (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 51-57. São Paulo: Contexto.
- Weinreich, Uriel. 1968 [1953]. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton.
- Westphal, Ernst Oswald Johannes. 1958. An introductory comparative study of negation in bantu. *Mitteilungen des Instituts für Orientforschung*, 6(2). 284-320.

- Williamson, Kay & Roger Blench. 2000. Niger-Congo. In Bernd Heine & Derek Nurse (eds.), *African languages: an introduction*, 11-42. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Winford, Donald. 2000. "Intermediate" creoles and degrees of change in creole formation: the case of bajan. In Ingrid Neumann-Holzschuh & Edgar W. Schneider. (eds.), *Degrees of restructuring in creole languages*. Creole Languages Library (CLL), vol. 22, 215-246. University of Regensburg. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- 2002. Creoles in the context of contact linguistics. In Glenn G. Gilbert (ed.), *Pidgins and creoles in the twenty-first century*, 287-354. New York, NY: Peter Lang.
- 2003b. Contact-induced changes: classification and process. *Ohio State University Working Papers in Linguistics*, 57. 129-150.
- Wolfson, Nessa. 1991. The linguistic variable: fact and fantasy. *American Speech*, 66(1). 22-32.
- 1999. *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt-am-Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana.
- Xavier, Maria Francisca & Maria Helena Mira Mateus (orgs.). 1990. *Dicionário de termos linguísticos* - vol. 1. Lisboa: Ed. Cosmos.
- 1992 (orgs.). *Dicionário de termos linguísticos* - vol. 2. Lisboa: Ed. Cosmos.
- Yayun, Ancy Sun. 2008. Input processing in second language acquisition: a discussion of four input processing models [em linha]. Working Papers. *TESOL & Applied Linguistics*, vol. 8(1). Teachers College, Columbia University. [Consult. 06 Nov. 2009]. Disponível em:  
<http://journals.tc-library.org/index.php/tesol/article/viewFile/359/260>.
- Young, Richard. 1989. Ends and means: methods for the study of interlanguage variation. In Susan M. Gass *et alii* (eds.), *Variation in SLA: psycholinguistic issues*, 65-90. Clevedon: Multilingual Matters.
- Zimmermann, Klaus (ed.). 1999. *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt-am-Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana.
- Zobl, Helmut. 1980. The formal and development selectivity of L1 influence on L2 acquisition. *Language Learning*, 30. 43-57.

### III. Sítios pertinentes consultados:

Abeokuta Web Pages: Yorùbà from English

– <http://www.abekuta.org/yoruba.htm> [Consult. 24 Maio 2010].

Angola

– <http://www.cpires.com/africa.html> [Consult. 07 Maio 2008].

Angola do Outro Lado do Tempo

– <http://tudosobreangola.blogspot.com/> [Consult. 02 Maio 2009].

Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares

– <http://www.unb.br/il/liv/crioul/textos/abecs.html>. [Consult. 06 Jun. 2005].

Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola

– <http://www.umac.mo/fsh/dp/acblpe/index.html>. [Consult. 03 Jan. 2005].

Associação Portuguesa de Linguística

– [http://www.apl.org.pt/f\\_index.htm](http://www.apl.org.pt/f_index.htm). [Consult. 30 Mar. 2005].

Biblioteca Nacional de Portugal

– <http://www.bnd.pt/memorias/lingua/lingua.html>. [Consult. 04 Abr. 2005].

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

– <http://www.clul.ul.pt/>. [Consult. 24 Fev. 2008].

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa

– <http://ciberduvidas.sapo.pt/ficha.htm>. [Consult. 13 Abr. 2005].

Creolica – Revue du Groupe Européen de Recherches en Langues Créoles

– <http://www.creolica.net/>. [Consult. 19 Fev. 2006].

Directoluso – Pensar a Lusofonia: Labirinto da Cultura

– <http://directoluso.blogspot.com>. [Consult. 07 Maio 2008].

– <http://directoluso.blogspot.com/2007/05/histria-da-tv-stp.html>. [Consult. 24 Fev. 2008].

Distributed Morphology: Frequently Asked Questions List

– <http://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/>. [Consult. 22 Nov. 2009].

Ethnologue – Languages of the World

– <http://www.ethnologue.com/>. [Consult. 14 Jun. 2006].

Geocities

– <http://www.geocities.com/kimbunduhp/adverbios.htm>. [Consult. 07 Fev. 2005].

Ikuska Libros, S. L.

– [www.ikuska.com/Africa/Paises/santo\\_tome.htm](http://www.ikuska.com/Africa/Paises/santo_tome.htm). [Consult. 23 Maio 2006].

Instituto Camões – Centro Virtual Camões

– 2001. Mapa dos crioulos de base portuguesa [em linha]. *Tempo da língua*. [Consult. 31 Maio 2005]. Disponível em:

<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/tempolingua/03.html>.

– 2002/2004. Mapa I: geografia do português e dos crioulos de base portuguesa [em linha]. *História da Língua portuguesa, geografia da língua portuguesa*. [Consult. 31 Maio 2005]. Disponível em:

<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/index.html>.

– 2002/2004. Dialectos portugueses [em linha]. *História da língua portuguesa, geografia da língua portuguesa*. [Consult. 31 Maio 2005]. Disponível em:

<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/geografia/dialectosportugueses.pdf>.

- 2002/2004. Gramática histórica do português [em linha]. *História da língua portuguesa*. [Consult. 12 Jan. 2006]. Disponível em:  
<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/gramhist/index.html>.

#### Jornal de São Tomé e Príncipe

- <http://www.jornal.st/directorio.php?page=173>. [Consult. 12 Dez. 2009].

#### Kimbundo HP

- <http://www.linguakimbundu.com/index3.html>. [Consult. 15 Nov. 2007].

#### Literatura Brasileira - Textos Literários em Meio Eletrônico

- *A carta*, de Pêro Vaz de Caminha [em linha]. Edição de base: *Carta a El Rei D. Manuel*, Dominus, São Paulo, 1963. [Consult. 11 Jun. 2009]. Disponível em:  
<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html>.

#### Mongabay.com

- 2004/2007. 2005 Population estimates for cities in São Tomé and Príncipe [em linha]. *Population figures*. [Consult. 18 Maio 2006]. Disponível em:  
[www.mongabay.com/igapo/2005\\_world\\_city\\_populations/S%e3o\\_Tom%e9\\_and\\_Pr%edncipe.html](http://www.mongabay.com/igapo/2005_world_city_populations/S%e3o_Tom%e9_and_Pr%edncipe.html).

#### Nação Ovimbundu

- Gramática do umbundu. [Consult. 08 Dez. 2009]. Disponível em:  
<http://www.ovimbundu.org/Educacao/Rudimentos-de-Gramatica-da-Lingua-Umbundu.html>.

#### Pedrabika – Kau di Papia

- <http://pedrabika.blogspot.com/2006/09/papia-di-blog.html>. [Consult. 27 Set. 2006].

#### Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro)

- <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>. [Consult. 24 Fev. 2008].

#### Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia

- <http://www.vertentes.ufba.br/>.
- *Chave de transcrição do projeto vertentes*. [em linha]. [Consult. 30 Maio 2005]. Disponível em:  
<http://www.vertentes.ufba.br/chave.htm>.
- *Conhecer a história sociolinguística da Bahia e do Brasil*. [em linha]. [Consult. 15 Fev. 2009]. Disponível em:  
<http://www.vertentes.ufba.br/justificativa.htm>.
- *O conceito de transmissão linguística irregular* [em linha]. [Consult. 12 Nov. 2008]. Disponível em:  
<http://www.vertentes.ufba.br/conceito.htm>.
- *O paradoxo do observador e a técnica da entrevista sociolinguística*. [em linha]. [Consult. 09 Nov. 2008]. Disponível em:  
<http://www.vertentes.ufba.br/paradoxo.htm>.

#### Quimera Editores

- <http://www.quimera-editores.com/catalogo/teatro/vicente.html>. [Consult. 08 Jan. 2006].
- <http://www.quimera-editores.com/vicente/pdf/Clerigo.pdf>. [Consult. 08 Jan. 2006].
- <http://www.quimera-editores.com/vicente/pdf/Fragua.pdf>. [Consult. 08 Jan. 2006].
- <http://www.quimera-editores.com/vicente/pdf/Nau.pdf>. [Consult. 08 Jan. 2006].

#### República Democrática de São Tomé e Príncipe – Instituto Nacional de Estatística:

- <http://www.ine.st/>. [Consult. 06 Jun. 2006].

Surrey Morphology Group Agreement Web Site

- <http://www.surrey.ac.uk/LIS/SMG/projects/agreement/agreement.html>. [Consult. 02 Mar. 2010].

The Ohio State University – Department of Linguistics, Études Créoles

- <http://www.ling.ohio-state.edu/research/jpcl>. [Consult. 02 Jan. 2006].

Tudo de Bom! – Gramática Yoruba

- <http://vidademacumbeiro.blogspot.com/2008/12/gramtica-yoruba.html> [Consult. 24 Maio 2010].

UNESCO – The Courier

- [s.d.]. Winners and losers [em linha]. *Languages: conflict or coexistence?*. [Consult. 01 Jun. 2006]. Disponível em:  
[http://www.unesco.org/courier/2000\\_04/uk/doss03.htm#top](http://www.unesco.org/courier/2000_04/uk/doss03.htm#top).

Wikipedia

- 2007. *Portuguese creole*. [Consult. 02 Abr. 2006]. Disponível em:  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Portuguese\\_creole](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portuguese_creole).
- 2007. *São Tomé e Príncipe*. [Consult. 02 Abr. 2006]. Disponível em:  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Tom%C3%A9\\_e\\_Pr%C3%ADncipe](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Tom%C3%A9_e_Pr%C3%ADncipe).
- 2007. *Grammar*. [Consult. 02 Abr. 2006]. Disponível em:  
<http://en.wikipedia.org/wiki/Grammar>.



## *Curriculum vitae do autor*

### **Carlos Filipe Guimarães Figueiredo**

#### **Formação académica:**

*Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras*

- Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesa (Língua Estrangeira) – 2003.

#### **Categoria profissional:**

*Universidade de Macau, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Português*

- Assistente eventual (Senior instructor).

#### **Cargos adicionais:**

- Coordenador dos Cursos de Português Língua Estrangeira – 2009 à presente data.
- Coordenador do Segundo Ano da Licenciatura em Estudos Portugueses para Estrangeiros – 2006 à presente data.
- Representante eleito dos Instrutores Leitores para o Conselho Académico da Universidade de Macau – 2009 à presente data.

#### **Experiência profissional na área do ensino:**

*Universidade de Macau – 2003 à presente data.*

- Português Língua Estrangeira.
- Escrita (Português Língua Estrangeira).
- Escrita Prática com Propósito Profissional (Português Língua Estrangeira).
- Cultura Portuguesa (Português Língua Estrangeira).
- Fonética (Português Língua Estrangeira).
- Gramática Portuguesa (Português Língua Estrangeira).
- Conversação (Português Língua Estrangeira).
- Leitura (Português Língua Estrangeira).
- Prática em Laboratório de Língua – Iniciação (Português Língua Estrangeira).
- Laboratório de Língua: Desenvolvimento da Produção e Competência Orais (Português Língua Estrangeira).
- Laboratório de Língua: Desenvolvimento da Compreensão Auditiva (Português Língua Estrangeira).
- Português com Objectivos Jurídicos (Português Língua Estrangeira).
- Língua e Cultura Portuguesas para Professores Chineses de Chinês Língua Estrangeira em Países de Língua Portuguesa (Português Língua Estrangeira).

*Escola Superior das Forças de Segurança de Macau – 2009 à presente data.*

- Português Língua Estrangeira para Oficiais do Ramo Policial.

*IPOR – Instituto Português do Oriente – 2003-2004.*

- Português Língua Estrangeira.

*Universidade de Lisboa – Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – 2003.*

- Português Língua Estrangeira.

**Outras actividades académicas:**

- *Comité Selectivo dos Estudantes da Licenciatura em Estudos Portugueses para Estrangeiros (1º Ano) do Departamento de Português – Universidade de Macau.*
  - Membro selectivo.
- *Associação dos Estudantes da Licenciatura em Estudos Portugueses para Estrangeiros da Universidade de Macau.*
  - Fundador e supervisor coordenador.

**Associação:**

- *ACBLPE – Associação dos Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola.*
  - Secretário da Mesa da Assembleia-geral.

**Áreas de investigação:**

- Sociolinguística;
- Reestruturação do português em situações de contacto;
- Aquisição de primeira língua;
- Aquisição de segunda língua;
- Aquisição do português por comunidades crioulofonas.

**Projectos de pesquisa:**

- *Dissertação de doutoramento:*
  - A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almojarife (São Tomé).
    - Investigador principal.
- *CIELA - Centro de Investigação de Estudos Luso-Asiáticos da Universidade de Macau:*
  - Português reestruturado por aquisição de língua em situação de contacto: aquisição geracional, tipologia linguística e análise gramatical.
    - Investigador principal.
  - Línguas crioulas e semi-crioulas de base portuguesa: tipologia, análise gramatical e risco de extinção.
    - Co-investigador.

**Publicações:**

*Artigos:*

- 2009. A configuração do SN do português reestruturado da comunidade de Almojarife, São Tomé. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, 1(1). 28-55.
- 2008. A concordância variável no sintagma nominal plural do português reestruturado de Almojarife (São Tomé). *PAPIA* 18. 23-43.

- 2003. O português em Angola: algumas ocorrências em contexto literário. In Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ed.), *1<sup>as</sup> Jornadas de Língua e Cultura Portuguesa (18/19 de Junho de 2002)*, 113-128. Lisboa: Departamento de Língua e Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

### **Comunicações:**

- 2010. *Paralelismos morfossintáticos em variedades bantu, crioulos atlânticos de base portuguesa e variedades africanas e brasileiras de português: transferência ou trajecto universal de aquisição?* 10<sup>ème</sup> Colloque International de l'Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Llacan, Campus CNRS de Villejuif, Paris, France, 1-3 de Julho.
- 2009. *Concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado de Almojarife: motivações morfofonológicas.* Joint Summer Meeting of the Society of Pidgin and Creole Linguistics (SPCL) and the Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Universidade de Colónia, Alemanha, 11-15 de Agosto.
- 2008. *Encaixamento linguístico da configuração do sintagma nominal plural do português reestruturado da comunidade de Almojarife (São Tomé).* Congresso Anual da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 03-05 de Julho.
- 2006. *O sintagma nominal no português reestruturado de Almojarife (São Tomé).* Congresso Anual da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Universidade de Coimbra, Portugal, 26-28 de Junho.
- 2003. *A arte da Reconquista: subsídios para um percurso do multicultural ao intercultural no ensino/aprendizagem do português (LE).* 2<sup>as</sup> Jornadas de Língua e Cultura Portuguesa. Universidade de Lisboa, Portugal, 30-31 de Maio.
- 2002. *O português em Angola: algumas ocorrências em contexto literário.* 1<sup>as</sup> Jornadas de Língua e Cultura Portuguesa. Universidade de Lisboa, Portugal, 18-19 de Junho.
- 2001. *Mais línguas, mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa.* Colóquio Ano Europeu das Línguas 2001. Universidade de Lisboa, 25-26 de Janeiro.

### **Revisões de texto (livros):**

- 2010. *Ditema – Dicionário Temático de Macau*, vol. 1. Macau: Ábaco-Cushing.

### **Menções honrosas:**

- Bolsa de Mérito Excepcional (10 Melhores Estudantes de Portugal), 1999-2000, 2000-2001, 2001-2002, 2002-2003.
- CAIPS (Menção Honrosa concedida pela Embaixada do Canadá em Portugal), 1994.

### **Certificados diversos:**

*Instituto Camões, Lisboa*

- Curso de Leitores de Língua e Cultura Portuguesas para a Ásia (Português Língua Estrangeira) – 2003.

*CIVEC - Centro de Formação Profissional, Lisboa*  
- Desenvolvimento das Aptidões de Chefia – 1999.

*IFILP – Instituto de Formação e Investigação da Língua Portuguesa*  
- Língua Portuguesa com Objectivos de Pesquisa Científica – 1999.

*EGOR – Recursos Humanos, SA, Lisboa*  
- Desenvolvimento da Gestão de Recursos Humanos e Relações Inter-profissionais –  
1994.

*Instituto Americano de Lisboa, Lisboa*  
- Inglês Língua Estrangeira – 1985.

*IATA – Instituto de Aperfeiçoamento Técnico Acelerado, Lisboa*  
- Desenho de Infra-estruturas para Construção Civil – 1981.